

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA**

Edmilson Ferreira Marques

**Tecnologia, política e cultura
na história do rádio em Goiás (1950-1964)**

GOIÂNIA – GOIÁS – BRASIL
2014

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Edmilson Ferreira Marques		
E-mail:	edmilsonmarques@ymail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input type="checkbox"/> Sim	<input checked="" type="checkbox"/> Não	
Vínculo empregatício do autor	Professor (Universidade Estadual de Goiás)		
Agência de fomento:	CAPES	Sigla:	GO
País:	Brasil	UF:	GO
		CNPJ:	
Título:	Tecnologia, política e cultura na história do rádio em Goiás (1950-1964)		
Palavras-chave:	História, rádio, Goiás, racionalização, profissionalismo, amadorismo.		
Título em outra língua:			
	Tecnología, la política y la cultura en la historia de la radio en Goiás (1950-1964).		
Palavras-chave em outra língua:			
	Historia, radio, Goiás, la racionalización, la profesionalización, el amateurismo.		
Área de concentração:	Culturas, Fronteiras e Identidades.		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	08/09/2014		
Programa de Pós-Graduação:	Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás		
Orientador (a):	Prof. Dr. Luíz Sérgio Duarte da Silva		
E-mail:	sergio.duarte.ufg@gmail.com		
Co-orientador (a):*			
E-mail:			

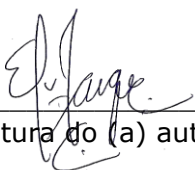
*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.



 Assinatura do (a) autor (a)

Data: 08/09/2014

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

EDMILSON FERREIRA MARQUES

**Tecnologia, política e cultura
na história do rádio em Goiás (1950-1964)**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutor em História.

Área de Concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades.

Linha de Pesquisa: Identidades, Fronteiras e Culturas de Migração.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Sérgio Duarte da Silva.

GOIÂNIA – GOIÁS – BRASIL
2014

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPTBC/UFG**

Marques, Edmilson Ferreira.

M357t

Tecnologia, política e cultura na história do rádio em
Goiás (1950-1964) [manuscrito]: / Edmilson Ferreira
Marques. - 2014.
378 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Sérgio Duarte da Silva.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de História, 2014.
Bibliografia.

1. Rádio - História – Goiás (Estado) 2. Radiodifusão –
1950-1964. I. Título.

CDU – 654.195(091)(817.3)“1950-1964”

EDMILSON FERREIRA MARQUES

**Tecnologia, política e cultura
na história do rádio em Goiás (1950-1964)**

Tese defendida pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do Título de Doutor em História.

Aprovada em: 08/09/2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Sérgio Duarte da Silva
(Faculdade de História/UFG)
(Presidente)

Prof. (a) Dra. Regma Maria dos Santos
(Universidade Federal de Goiás/Catalão)

Prof. Dr. Newton Dângelo
(Universidade Federal de Uberlândia)

Prof. (a) Dra. Maria Amélia Garcia de Alencar
(Faculdade de História/Goiânia)

Prof. Dr. Márcio Pizarro Noronha
(Faculdade de História/Goiânia)

Prof. (a) Dra. Maria Tereza Negrão de Melo
(Universidade de Brasília)
(Suplente)

Prof. (a) Dra. Heloísa Selma Fernandes Capel
(Faculdade de História/Goiânia)
(Suplente)

Em memória de Eva Marques Moreira.

AGRADECIMENTOS

Realizar um trabalho desta envergadura sem um apoio financeiro impõe um desafio. São muitos os gastos e necessidades que surgem no percurso da pesquisa. Início este agradecimento, portanto, ao auxílio da CAPES com a bolsa de estudos. Isso me possibilitou realizar esta pesquisa.

Agradeço ao meu orientador Luiz Sérgio pelos questionamentos que me proporcionaram reflexões sobre a unidade da tese. Ressalto a autonomia concedida à pesquisa, elemento fundamental para o avanço intelectual de qualquer pesquisador.

Deixo um agradecimento especial a todos os entrevistados, sem os quais esta pesquisa teria muita dificuldade de atingir o ponto a que chegou. São os principais responsáveis deste trabalho e a eles presto a homenagem, dedicando este trabalho. Alguns deles não estão mais aqui para testemunhar a conclusão deste estudo. Em nome deles presto minha homenagem aos familiares de Sílvio Medeiros, José Cunha Júnior, Juvenal de Barros, Fernando Cunha Júnior, Heleno Joaquim Cardoso, José Cunha Gonçalves e José Pedro Rêgo.

Agradeço também à minha irmã Edna Marques, pela importante contribuição nesta pesquisa com o empréstimo de seu computador; também à minha irmã Elineida Moreira, pelo financiamento das impressões finais da tese. Aos meus familiares e amigos, pela paciência e compreensão, pelas constantes ausências nestes quatro anos de pesquisa das confraternizações, festejos e relações cotidianas.

Em especial, agradeço à Kelsse Borges, sem a qual essa pesquisa não teria sido efetivada a contento. Seus préstimos em afazeres acadêmicos, auxílio na tese, paciência nas conversas cotidianas e apoio constante me proporcionaram a concentração necessária para chegar até aqui.

É difícil prestar uma homenagem às pessoas que contribuíram para este trabalho, pois extrapolam esta página. Foram centenas de pessoas que auxiliaram e disponibilizaram parte de seu tempo em conversas, apoio à pesquisa etc. Agradeço, portanto, a todos aqueles que não deixei aqui um agradecimento nominal, e espero que se sintam contemplados em determinada parte da pesquisa com o material que me forneceram.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.

O rádio deve anunciar a noite para as almas infelizes, para as almas pesadas:
“Trata-se de não mais dormir sobre a terra, trata-se de entrar no mundo noturno que você vai escolher” (Gaston Bachelard).

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	11
LISTA DE FIGURAS	13
RESUMO	16
ABSTRACT	17
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	18
CAPÍTULO I – TECNOLOGIA E POLÍTICA: O ALCANCE DOS RÁDIOS E OS SEUS USOS	24
1.1. Alto-falante: esse chapadão: xiu-xiu! Chiado – o significado dos alto-falantes para história do rádio em Goiás.....	24
1.2. Os primórdios da radiofonia goiana: o rádio em Goiás até 1950	33
1.3. O processo de regulamentação do rádio pelo Estado	39
1.4. Os pioneiros na criação das emissoras de rádio em Goiás entre 1950 e 1964	47
1.5. Goiás e o rádio: o cadinho onde se forja o futuro da nação	62
1.6. Rádio Brasil Central: a emissora dos doze transmissores	80
1.7. Brasília: não é que o Juscelino conseguiu trazer? E a rádio deu em cima – O rádio e a construção de Brasília	89
1.8. Política e rádio em Goiás	98
CAPÍTULO II – RÁDIO E CULTURA EM GOIÁS NOS ANOS DE 1950 A 1964	117
2.1. Os radiais, a antena e o transmissor	117
2.2. Naquela época o rádio realmente era muito difícil: amplificadores, programas externos aos estúdios, o uso do fio e de gravadores	127
2.3. Existiam verdadeiras obras-primas em matéria de rádio: os aparelhos receptores de rádio.....	135
2.4. Era uma mesa de som com dois pick-ups: os discos e os Pick-ups	142
2.5. O rádio e outros meios de comunicação	148
2.5.1. Era mais na base da carta: as cartas e o rádio	148
2.5.2. Rádio Jornal: a importância dos jornais impressos para o rádio em Goiás	150
2.5.3. A telegrafia e o rádio em Goiás	152
2.5.4. Naquela época o telefone começa a interagir dentro do rádio: telefone e o rádio.....	152
2.5.5. Teletipo: vinha material de notícia sobre economia, notícia de esporte, cobria tudo.....	158
2.5.6. Quando surgiu a televisão, ouve um buchicho muito grande de que o rádio ia desaparecer: a relação do rádio com a televisão em Goiás	160
2.6. O rádio AM.....	167
2.7. A gente copiava o que os grandes faziam: a relação do rádio em Goiás com o rádio nacional e o rádio de outros países	173
2.7.1. A radiofonia goiana e sua relação com o rádio de outros países.....	174
2.7.2. O rádio em Goiás e sua relação com emissoras de São Paulo e Rio de Janeiro	179
2.8. Eu vi boiadeiro conduzindo um rádio de tiracolo na sua montaria: Rádio e meio rural.....	185

CAPÍTULO III – A CRIAÇÃO E ORGANIZAÇÃO INTERNA DAS EMISSORAS DE RÁDIO	195
3.1. Mais amadoristicamente do que profissional: em busca da superação do amadorismo no rádio	195
3.2. A relação entre amadorismo e profissionalismo no rádio em Goiânia e Anápolis	198
3.3. A relação entre amadorismo e profissionalismo no rádio do interior de Goiás	205
3.4. Locutores (as), discotecários (as) e sonoplastas	210
3.4.1. A respeito da locução no rádio em Goiás	211
3.4.2. O (a) discotecário (a) programava e procurava os discos: o (a) discotecário (a)	217
3.4.3. O sonoplasta é o que controlava toda a mesa do som: sobre o sonoplasta	220
3.5. A origem da categoria dos radialista	226
3.6. O rádio e o artista em Goiás	240
CAPÍTULO IV – AS PROGRAMAÇÕES, A PUBLICIDADE E A RECEPÇÃO DAS EMISSORAS	254
4.1. Os programas de auditório	254
4.2. Foi um momento dos mais gloriosos da radiofonia goiana quando entrou a radionovela: a radionovela no rádio em Goiás	268
4.3. O rádio foi tudo na vida da música: rádio e música	277
4.3.1. As mudanças na música caipira em Goiás na visão de um compositor goiano.....	289
4.4. Tinha jornal, mas a rádio foi um sucesso: os programas informativos no rádio em Goiás	293
4.5. Para narrar jogo a gente fez uma linha direta: o esporte e o rádio em Goiás	303
4.6. A publicidade no rádio em Goiás	314
4.7. Rádio e religião em Goiás	333
CONSIDERAÇÕES FINAIS	345
BIBLIOGRAFIA	350

LISTA DE SIGLAS

ABI – Associação Brasileira de Imprensa
AGT – Agremiação Goiana de Teatro
ACEEG – Associação Goiana de Cronistas do Rádio de Goiás
AGI – Associação Goiana de Imprensa
AM – Amplitude Modulada
ARPEG – Associação de Radialistas Profissionais do Estado de Goiás
ASA Press – American Statistical Association
ATERA – Associação dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão de Anápolis
BBC – British Broadcasting Company
CADE – Conselho Administrativo de Defesa Econômica
CANG – Colônia Agrícola Nacional de Goiás
CELG – Centrais Elétricas de Goiás
CERNE – Consórcio de Empresas de Radiodifusão e Notícias do Estado de Goiás
CHESP – Companhia de Hidroelétrica São Patrício
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNPJ - Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
COFAP – Comissão nacional de Abastecimento e Preços
CONTEL – Conselho Nacional de Telecomunicações
COTEL – Companhia de Telefone do Estado de Goiás
CTR – Comissão Técnica do Rádio
DAE – Departamento de Água e Energia
DEIP – Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda
DENTEL – Departamento Nacional de Telecomunicações
DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda
DOPS – Departamento de Ordem Política e Social
DOU – Diário Oficial da União
EAP – Escola de Aperfeiçoamento Profissional dos Cirurgiões-Dentistas
EER – Emissão de Educação Rural
EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
FCC – Comissão Federal de Comunicações
FGTS – Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FM – Frequência Modulada
IDEA – Industrial Development Engineering Associates de Indianapolis
LP – Long Play
MDB – Movimento Democrático Brasileiro
MEB – Movimento da Educação de Base

METAGO – Metais de Goiás S/A
MTIC – Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio
MVOP – Ministério da Viação e Obras Públicas
ONU – Organização das Nações Unidas
ORTF – Office de Radiodiffusion Télévision Française
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PDC – Partido Democrata Cristão
PDS – Partido Democrático Socialista
PEBE – Produtos Eletrônicos Brasileiros
PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PR – Partido Republicano
PSD – Partido Social Democrático
PSP – Partido Social Progressista
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
RA – Rádio Anhanguera
RAI – Radio Televisione Italiana
RBC – Rádio Brasil Central
RCA – Rádio Corporation of América
RCR – Rede Católica de Rádios
RIB – Rádio Internacional do Brasil
SADEMBRA – Sociedade Arrecadadora de Direitos de Execuções Musicais no Brasil
SBACEM - Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Escritores de Música
SET – Serviço de Expansão do Trigo
SIA – Serviço de Informação Agrícola
SICAM – Sociedade Independente de Compositores e Autores Musicais
SIRENE – Sistema rádio-educativo do Sergipe
SOCINPRO – Sociedade Brasileira de Administração e Proteção de Direitos Intelectuais
UASG – União dos Artistas Sertanejos
UDN – União Democrática Nacional
UFG – Universidade Federal de Goiás
UNE – União Estadual dos Estudantes
UPI – United Press International
USIS – United States Information Service
VHF – Very High Frequency (Frequência Muito Alta)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração de minha autoria sobre o sistema de um alto-falante	24
Figura 2 – Aflandes Nunes, no estúdio da rádio Difusora de Rio Verde em 1962	28
Figura 3 – A Voz Publicadora de Rialma, instalada no Elite Clube de Rialma. Da esquerda para a direita: José de Souza Arantes, José Pedro Rêgo e Mauro Nascimento. Ao fundo, Pedro Rêgo Filho	29
Figura 4 – Ilustração sobre o modo de aferição de frequência realizada pela ZZP2	45
Figura 5 – Radialistas no Estúdio da rádio Cultura de Ceres. José Patrício, João Evangelista, João Pires (ao fundo), Miguel e Francisco Mendes, 1960.....	53
Figura 6 – Motor de submarino utilizado para gerar energia em Goiânia na década de 1940 e parte de 1950.....	68
Figura 7 – Usina Jaó em Goiânia	68
Figura 8 – Mauro Borges em evento organizado para tratar da Rede da Legalidade. A RBC estava presente e realizou a transmissão	77
Figura 9 – Francisco Pimenta Neto, considerado pela AGI como o pai da radiofonia goiana.....	80
Figura 10 – Anúncio sobre a inauguração do transmissor de ondas curtas da rádio Carajá de Anápolis	87
Figura 11 – Cartaz publicado por vários jornais em Goiás que reforça a ideia da RBC estar a serviço de Brasília	90
Figura 12 – Primeira missa campal de Brasília	93
Figura 13 – Juscelino Kubitschek na primeira missa campal de Brasília. Na transmissão do evento estava a equipe da RBC	97
Figura 14 – Geraldo Ladeira ao lado de Juscelino Kubitschek na inauguração da rádio Difusora de Jataí	108
Figura 15 – Comício que contou com a presença de Juscelino Kubitschek. A rádio Clube estava realizando a transmissão do mesmo	111
Figura 16 – Luiz Otelo, técnico da Xavantes de Ipameri, escalando a antena utilizada pela emissora na década de 1950 e 1960. Ao fundo, os radiais	117
Figura 17 – Primeiro transmissor utilizado pela rádio Difusora de Jataí	120
Figura 18 – Válvula utilizada em aparelhos eletrônicos na década de 1950	124
Figura 19 – Um dos transmissores da RBC. Pode-se notar as válvulas à esquerda.....	125
Figura 20 – Transistores da década de 1960, que substituíram as válvulas	127
Figura 21 – Gravador Akay utilizado pela rádio Xavantes de Ipameri em 1950	131
Figura 22 – Jorge Abrão, da rádio Difusora, em uma entrevista com o então prefeito de Goiânia Hélio de Brito a respeito da pavimentação das ruas P-33 e P-20.	133
Figura 23 – Gravador utilizado pela rádio Xavantes de Ipameri em 1950, que registra o som em fios	133
Figura 24 – Receptores que eram colocados à venda no comércio de Anápolis	135

Figura 25 – Receptor de rádio. Do lado esquerdo do aparelho, as frequências de recepção..	136
Figura 26 – Membros da família Alcântara de Carvalho (Maria Lolene de Carvalho, Marly Carvalho e José Tosta Carvalho) em Jataí no início de 1960. Ao fundo, um aparelho de rádio	137
Figura 27 – Parte traseira de um aparelho “Rádio Teleoto 3”, que utilizava as pilhas aludidas acima	138
Figura 28 – REGENCY Mod TR-1, primeiro rádio transistorizado.....	140
Figura 29 – Anúncio dos aparelhos transistorizados	142
Figura 30 – Pick-ups utilizados pela RBC	142
Figura 31 – Primeira discoteca da rádio Difusora de Goiânia	147
Figura 32 – Claudino da Silveira em um de seus programas na rádio Difusora de Goiânia..	149
Figura 33 – Walter Pureza em seu programa na RBC	149
Figura 34 – José Cunha Gonçalves em programa da rádio Imprensa de Anápolis, 1960	154
Figura 35 – Teletipo modelo Automático de Envio e Recebimento (ASR) 33, desenvolvido pelo departamento naval norte-americano, comercializado em 1963	158
Figura 36 – Jeová Baylão na primeira transmissão da TV Anhanguera	161
Figura 37 – Primeiro programa da TV rádio Clube de Goiânia em 1961.....	162
Figura 38 – Propaganda de uma casa comercial de Anápolis. Observa-se que em Anápolis captava-se imagens de emissoras de Goiânia e de Brasília	163
Figura 39 – Primeira programação da TV Anhanguera	163
Figura 40 – Programação de A Voz da América	175
Figura 41 – Radioescuta da rádio Clube de Goiânia	177
Figura 42 – Propaganda da Rádio Rural divulgada em jornais de Goiás	186
Figura 43 – Programa de auditório de Jeováh Baylão na RBC de Goiânia	212
Figura 44 – Sílvio Medeiros e Norma de Alencar em um programa de radioteatro da rádio Brasil Central.....	213
Figura 45 – Amauri Faria na sonoplastia da rádio Difusora de Goiânia em 1958	220
Figura 46 – Carteira de trabalho de Valdir Morgado registrada por três emissoras de Anápolis	228
Figura 47 – Primeiros artistas goianos a se apresentarem em programa de auditório, pela rádio Clube de Goiânia	241
Figura 48 – Trio da Amizade: Zé Micuim, Zé Geraldo e Rouxinol, os primeiros artistas goianos a gravarem disco em São Paulo. A gravação foi feita pela Columbia	243
Figura 49 – Carteira de Marrequinho, de sua filiação à União dos Artistas Sertanejos de Goiás	247
Figura 50 – Brazão e Brazãozinho, dupla caipira de Goiás.....	248
Figura 51 – Prata e Gauchito, violeiros destaque da rádio Difusora de Itumbiara	251
Figura 52 – Programa de auditório da rádio Difusora de Jataí, 1960	254

Figura 53 – Ângela Maria em passagem pelo programa de auditório da rádio Anhanguera de Goiânia	256
Figura 54 – Norma de Alencar e Sílvio Medeiros no programa de auditório Festival SM da RBC	256
Figura 55 – Programa infantil no auditório da rádio Anhanguera	263
Figura 56 – Programa de auditório da rádio Clube de Goiânia que foi utilizado como auditório da TV rádio Clube canal 3	267
Figura 57 – Ator e cineasta João Bênnio, cantor Franquito e à direita o locutor Jerominho no estúdio da rádio Brasil Central	292
Figura 58 – Walter Pureza em uma de suas entrevistas para o programa Repórter Petrobrás	298
Figura 59 – Sisenando de Azevedo, chefe de gabinete do secretário da Aviação e Obras públicas em transmissão pela rádio Clube de Goiânia de inauguração de um posto de lavagem e lubrificação da prefeitura de Goiânia em 1961	300
Figura 60 – Neif Mady e Jeova Luna em narração de futebol realizada do campo do CEPEM em Ipameri, 1952	304
Figura 61 – Habib Issa em locução no estádio Jonas Duarte, em Anápolis	308
Figura 62 – Anúncio de programas esportivos da rádio Carajá de Anápolis que traz o nome de patrocinadores	310
Figura 63 – Antônio Afonso de Almeida, locutor esportivo da rádio Santana, com um aparelho hand-tocks em mãos, 1962	312
Figura 64 – Solón de França em narração de um jogo da Jataiense em 1960	312
Figura 65 – Carteira de comentarista esportivo de Luiz Braz da Silva, da rádio Difusora de Rio Verde, 1962	314
Figura 66 – Disco 78 RMP de 1961 com jingles da Gillette, enviado por empresas de São Paulo para a RBC	320
Figura 67 – Padres redentoristas em evento de posse da rádio Difusora de Goiânia. Do lado esquerdo, Dom Fernando	336

RESUMO

Com esta pesquisa me proponho a apresentar a história do rádio em Goiás entre 1950 e 1964. Trata-se na verdade, de um estudo sobre 19 emissoras em onze cidades deste Estado. A documentação que tive acesso me levou a perseguir uma questão que emergiu desde as primeiras fontes que tomei em mãos, ou seja, a de que esta história se configura como expressão da racionalização radiofônica naquele período. Dividi a pesquisa em quatro capítulos, estruturados de acordo com essa prerrogativa. Em cada um elaborei tópicos para discutir as temáticas que emergiram no percurso da pesquisa. A questão elementar que se evidenciou foi o processo de superação do amadorismo pelo profissionalismo. Essa foi uma dubiedade que se colocou como pano de fundo e percorreu a tese até a conclusão.

Palavras-chave: História, rádio, Goiás, racionalização, profissionalismo, amadorismo.

ABSTRACT

With this research I propose to present a history of radio in Goiás between 1950 and 1964. This is actually the study I conducted of 19 stations in eleven city of this state. The documentation that I had access led me to pursue a matter that has emerged since the first sources I have taken in hand, namely that this story takes shape as an expression of radio rationalization that period. Divide the survey into four chapters, structured according to this prerogative. In each elaborated topics to discuss the themes that emerged in the course of the study. The basic question to be highlighted was the process of overcoming the professionalism of amateurism. This was an ambiguity that arose as a backdrop and the thesis has come to completion.

Keywords: History, radio, Goiás, rationalization, professionalism, amateurism.

Considerações iniciais

São poucas as pesquisas realizadas sobre o rádio em Goiás. As existentes são voltadas para emissoras específicas. Já em relação à sua história mais ampla, há apenas um estudo que concluí há seis anos sobre as primeiras emissoras fundadas neste Estado entre 1942 e 1947. Nesta tese, portanto, objetivo apresentar a história do rádio em Goiás entre 1950 e 1964.

Para mapear as emissoras deste período utilizei o arquivo do Ministério das Comunicações. Nesse sentido, direcionei meus estudos às emissoras que foram cadastradas pelo Estado. Daí saiu uma lista com 15 emissoras, localizadas entre o centro-norte e sul do Estado, assim distribuídas:

	Quantidade de emissoras	Cidade e emissoras
01	03	Anápolis <ul style="list-style-type: none">• Rádio Santana;• Rádio Imprensa;• Rádio Cultura.
02	01	Catalão <ul style="list-style-type: none">• Rádio Cultura.
03	01	Ceres <ul style="list-style-type: none">• Rádio Cultura.
04	01	Goiandira <ul style="list-style-type: none">• Rádio Educadora.
05	03	Goiânia <ul style="list-style-type: none">• Rádio Brasil Central;• Rádio Anhanguera;• Rádio Difusora.
06	01	Inhumas <ul style="list-style-type: none">• Rádio Jornal.
07	01	Itumbiara <ul style="list-style-type: none">• Rádio Difusora.
08	01	Jataí <ul style="list-style-type: none">• Rádio Difusora.
09	01	Morrinhos <ul style="list-style-type: none">• Rádio Morrinhos.
10	01	Rialma <ul style="list-style-type: none">• Rádio Alvorada.
11	01	Rio Verde <ul style="list-style-type: none">• Rádio Difusora.

Além destas incluí mais quatro emissoras da década anterior que permaneceram ativas naquele período, fundadas em Goiânia (rádio Clube), Anápolis (rádio Carajá), Ipameri (rádio Xavantes) e Buriti Alegre (rádio Clube)².

Busquei basear este estudo, de forma preponderante, em fontes primárias como jornais, documentos oficiais, fotografias, arquivos sonoros, revistas, relatos escritos por radialistas e objetos expostos em museus particulares de emissoras e em museus públicos das cidades visitadas³. Pela especificidade da documentação sobre o rádio em Goiás, que se encontra mais na memória de quem viveu o período do que em suportes documentais mais formais, recorri aos protagonistas do rádio neste Estado e também a pessoas que mantiveram contato com as emissoras. Neste sentido recorri à história oral.

Ao recorrer à bibliografia sobre este assunto, no entanto, nota-se que são longos e intensos os debates. Não desprezando a vasta contribuição que vários pesquisadores trouxeram para esta discussão, Garrido (1993) apresenta elementos com os quais me orientei neste trabalho. Ele afirma que “[...] o uso de fontes orais requer exatamente como qualquer outro tipo de fonte uma aproximação crítica” (GARRIDO, 1993, p. 38). Assim,

[...] o objetivo dos historiadores que utilizam fontes orais é produzir informações convenientemente contrastadas sobre a estrutura, funcionamento e transformações das sociedades humanas. Isto é, um objetivo idêntico à pesquisa histórica que se apoia, exclusivamente, nas fontes escritas. Teoricamente, portanto, não há porque existir diferenças qualitativas na análise histórica que vêm determinadas pela utilização de um ou outro tipo de fonte. É necessário, pois, trabalhar com os dois registros, sem que isso signifique que sejam complementares. Há coisas que nunca poderemos saber a partir de documentos escritos e, também, há coisas que a pesquisa oral não permite sequer que sejam colocadas (GARRIDO, 1993, p. 43).

Garrido (1993) elucida a importância da história oral para o historiador. Nesta pesquisa esta metodologia foi indispensável para conhecer determinadas emissoras, como a rádio Educadora de Goiandira e a Difusora de Itumbiara, por serem poucas as fontes escritas sobre elas. Nesse sentido, questões que apareceram no decorrer da pesquisa, relacionadas ao modo de utilização das entrevistas, me fizeram concordar com Voldman (1996, p. 38), que chama a atenção para o fato de que o historiador deve “[...] saber que o não-dito, a hesitação,

² Recorrendo ao estudo de Borges (2000, p. 130-131), pode-se compreender o motivo de não ter surgido emissoras na região que hoje é ocupada pelo estado de Tocantins, que, segundo ele, “[...] permaneceu isolada e ocupada esparsamente. Nela, o número de propriedades cresceu somente com o avanço da fronteira depois dos anos 60”.

³ Praticamente inexistem registros de programas das décadas de 1950 e de 1960. O único que tive notícias foi me apresentado por Fernando Otelo, filho de Luiz Otelo, técnico que montou a rádio Xavantes de Ipameri. O registro ainda está em uma fita magnética utilizada em gravador de rolo.

o silêncio, a repetição desnecessária, o lapso, a divagação e a associação são elementos integrantes e até estruturantes do discurso e do relato”.

A aproximação dos relatos com outras fontes foi uma metodologia importante para resolver dúvidas e imprecisões repassadas pelos entrevistados e, reciprocamente, contribuiu para preencher lacunas deixadas por aquelas. Nesse sentido, dispus também de pesquisas (monografias, artigos e livros) que retratam algumas das emissoras citadas anteriormente.

De modo mais geral, pretendo demonstrar três aspectos da história do rádio em Goiás entre 1950 e 1964, que correspondem cada um deles, a um capítulo desta tese.

1. O primeiro está relacionado à tecnologia e a política no rádio. Sobre a tecnologia, no que diz respeito à suas origens em Goiás, convém, inicialmente, evidenciar a contribuição dos sistemas de alto-falantes para o rádio na década de 1940. Já em relação à política, naquele período o rádio é utilizado por instituições e grupos políticos como o Estado e partidos. Na década seguinte isso se repete. O Brasil vive um momento de profundas transformações em torno da transferência da Capital do Rio de Janeiro para Brasília. De um lado, o governo estadual busca criar meios para contribuir com sua efetivação e de outro a burocracia partidária presta o seu apoio. O rádio, no entanto, também atua politicamente ao lado da juventude, de estudantes, do homem do campo e do homem do meio urbano, mas, além disso, é constrangido a assumir posições políticas sobre determinados fenômenos sociais;
2. O segundo refere-se à cultura do rádio em Goiás. A radiodifusão neste Estado apropria-se de um conjunto de elementos locais para configurar a si mesmo, como energia elétrica, peças para reparo de seus equipamentos, técnicos etc. Contudo, continua apropriando das inovações técnicas provenientes de outros estados e de outros países. Nesse sentido, desenvolve aspectos distintos do rádio de outras localidades.
3. O terceiro está relacionado à relação entre o amadorismo e o profissionalismo no rádio. Na primeira metade da década de 1950, os radialistas em Goiás buscam profissionalizar o rádio. Para isso apontam a necessidade de superar o amadorismo que permeia as emissoras por meio da especialização das atividades que são necessárias para mantê-las em atividade. A rádio Brasil Central – RBC oferece o modelo para as demais emissoras, mas encontra dificuldade para ir além e alcançar o rádio das grandes metrópoles brasileiras. Na segunda metade daquele período, a profissionalização do rádio avança, mas estabelece uma divisão entre emissoras localizadas em Goiânia e Anápolis de um lado e as emissoras do interior de outro.

Estes três aspectos configuram as emissoras naquele período e são amalgamados em sua programação, perpassando por dois momentos: Um primeiro em que prevalece o amadorismo, que se inicia em 1950 e permanece até por volta de 1955; o segundo é marcado pelas mudanças que sofre em decorrência do avanço do profissionalismo no rádio, que toma força em 1955 em emissoras de Goiânia e de Anápolis, assumindo contornos mais claros na década de 1960. Por sua importância, no quarto capítulo abordo os programas do rádio naquele período, os programas de auditório, as radionovelas, os programas musicais, o jornal falado, os programas esportivos, a publicidade e os programas religiosos.

Em 1950, a RBC é fundada em Goiás e demarca um divisor entre uma concepção que não apresenta questionamento ao amadorismo e uma concepção que o critica. Até então este Estado conta com quatro emissoras, que permanecem com a mesma estrutura técnica e organizacional da década de 1940, ou seja, perpassadas pelo amadorismo. Com a RBC a necessidade do profissionalismo é colocada em evidência. Porém, as emissoras não encontram forças para avançar em decorrência dos escassos investimentos comerciais e industriais. Neste contexto, são mantidas por grupos particulares, pelos próprios radialistas e pela burocracia estatal.

Por outro lado, é um contexto em que o governo do Estado busca encontrar maneiras para tirar Goiás do atraso. A RBC é utilizada para propagar o projeto de transferência da Capital para Brasília e também para criar uma visão positiva de Goiás em outros Estados. Esta sua posição tem início assim que vai ao ar, momento em que anuncia esta ideia para todo o Brasil e para outros países através de seu prefixo. Ela é respaldada pelo então governador do Estado Jerônimo Coimbra Bueno, que também é proprietário da mesma. Com o seu afastamento do poder estatal a RBC enfraquece.

Em 1955, é fundada a rádio Anhanguera que entra na disputa pela audiência com a RBC. É inaugurada com uma estrutura semelhante à desta e ganha audiência em várias regiões. Daí por diante, as emissoras impõem um objetivo: se profissionalizarem. Uma disputa é notável entre quatro emissoras, RBC, rádio Anhanguera, rádio Clube de Goiânia e rádio Carajá de Anápolis. Neste período as vendas comerciais aumentam e o comércio local investe mais no rádio. Simultaneamente há um crescimento de emissoras no interior do Estado. Estabelece-se assim, uma divisão entre emissoras de Goiânia e de Anápolis e emissoras do interior.

Em todas elas, no entanto, o aspecto tecnológico interfere em sua organização e impõe a necessidade do improvisado. As primeiras conseguem desenvolver o aspecto humano, a sua profissionalização. Grandes nomes aparecem e passam a representar o modelo da

especialidade a ser seguida. Já as outras continuam emperradas no amadorismo em decorrência do pouco investimento do comércio local e das ações improvisadas de seus radialistas. A necessidade de improvisar é constante. A falta de energia, de peças para os reparos dos equipamentos, a quase inexistência de profissionais não as deixam avançar. Em todas as emissoras, no entanto, a questão tecnológica continua praticamente a mesma, limitada e sofre poucas alterações.

Já no aspecto teórico-metodológico, amparo-me na teoria da racionalização de Marx Weber. E, nesse sentido, destaco do autor alguns pontos a partir dos quais observar a história do rádio em Goiás, a saber:

- *Entre os fatores de importância incontestável estão as estruturas racionais das leis e da administração*, pois que o moderno capitalismo racional não necessita apenas dos meios técnicos de produção, mas também de um sistema legal calculável e de uma administração baseada em termos de regras formais (WEBER, 2004, p. 31).
- Nenhuma outra época e nenhum país experimentou jamais, no mesmo sentido do Ocidente atual, a absoluta e completa dependência em relação a sua existência, de suas condições econômicas, políticas e técnicas, em relação a *uma organização de funcionários especialmente treinados* (WEBER, 2004, p. 25).
- *Tornar inteligível para nós o desenrolar da ação por eles motivada*, a partir de seus pontos de orientação interpretados intelectualmente na medida do possível, ou intuitivamente revividos, na maior aproximação possível (WEBER, 2009a, p. 4).

Estes tópicos serão contemplados nas temáticas específicas apresentadas sobre a história do rádio em Goiás. O primeiro relaciona-se à ação do Estado Nacional e Estadual no processo de racionalização das relações sociais e da comunicação radiofônica. Evidencia-se aí, a regularização de instituições, proposição de leis, controle social e investimentos em prol do desenvolvimento de Goiás. O segundo evidencia a organização das emissoras, que colocam o profissionalismo como meta a ser alcançada. E o terceiro, elucida as mudanças que ocorreram no decorrer daquele período, uma vez que o rádio é um meio em que se efetiva motivações distintas e variáveis.

Na elaboração deste texto recorro ainda a outros aportes teóricos, com o intuito de preencher algumas lacunas apresentadas pela documentação. Nesse sentido, me aproprio: de estudos sobre a história da mídia e da cultura do rádio, para compreender aspectos da temática apresentada que são partes do rádio de outras culturas; de pesquisas que abordam o contexto do rádio em Goiás entre 1950 e 1964; e dos pressupostos teórico-metodológicos da teoria da

fronteira e da hibridização da cultura. Pelo primeiro compreende-se, segundo Silva (2005, p. 1-2) como:

[...] locais de mutação e subversão, regidos por princípios de relatividade, multiplicidade, reciprocidade e reversibilidade [...] São sítios da exacerbação e do excesso, onde limites são ultrapassados, novas dimensões descobertas, e reordenamentos encaminhados. Por isto, são espaços de ruptura e conflito: ambientes de extremidade, crista e culminação. Elaboram originalidade pela via da multiplicação da experiência.

O rádio como um espaço de fronteira aparece no decorrer desta pesquisa. Emerge como tal, por integrar o processo de racionalização, por provocar e sofrer mudanças, por ser um lugar onde limites são ultrapassados, onde culturas são amalgamadas para gerar algo novo, em síntese, como colocou Silva (2005) por elaborar “originalidade pela via da multiplicação da experiência”.

Já a teoria da hibridização da cultura é evidenciada por Canclini (2011, p. 19) como os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Na história do rádio em Goiás este processo é evidenciado.

Indagado por esse conjunto de interrogações é que se constitui a tese de que *a história do rádio em Goiás entre 1950 e 1964 se configura como expressão do avanço da racionalização na comunicação radiofônica*. Objetivo, portanto, verificar de que modo se dá esse processo.

Abordo o rádio em Goiás tendo em vista o contexto de sua inserção, baseando-me na história política e cultural deste Estado. Espero, assim, contribuir com a produção de uma história do rádio em Goiás daquele período.

CAPÍTULO I – TECNOLOGIA E POLÍTICA: O ALCANCE DOS RÁDIOS E OS SEUS USOS

*É relembrando, ou alertando,
ou contando a história do Brasil
que nós fomos, que nós somos.*
(Heleno Cardoso, locutor da
rádio Educadora de Goiandira)

*Na minha visão o rádio teve três conotações muito fortes,
ou o rádio era de políticos, pra fazer, o que faz da rádio
um instrumento de trabalho, ou é de grupo religiosos,
ou ele é comercial.*
(José Cunha Gonçalves, locutor e
diretor da rádio Imprensa de Anápolis)

O objetivo deste capítulo é tratar da relação tecnologia e política na radiodifusão em Goiás. Parto de uma concepção ampla de mídia. Valorizo mais as estratégias de comunicação do que os processos e os aparelhos tecnológicos. Começo com uma pré-história do rádio em Goiás. Posteriormente verifico as intermediações entre rádio e política, tendo em vista o primeiro aspecto apresentado na introdução.

1.1. Alto-falante: esse chapadão: xiu-xiu! Chiado – o significado dos alto-falantes para a história do rádio em Goiás.

O sistema de alto-falante é um modo simplificado de comunicação. Não se trata de um sistema de radiodifusão. Realiza-se por meio de aparelhos interligados por fios. O som transmitido é amplificado. É composto por um microfone, um amplificador (Figura 1) e é alimentado por energia elétrica.

A principal característica do sistema de alto-falante é o seu raio de alcance, pois não atinge longas distâncias. Isso acontece pela necessidade de utilização de fios para interligar os aparelhos. Na década de 1940, ele é novidade em Goiás e desperta a atenção de quem ouve o som saindo de suas campânulas.

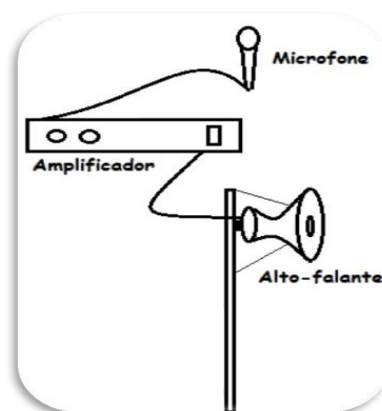


Figura 1 – Ilustração de minha autoria.

O primeiro sistema de alto-falante utilizado em Goiás é instalado na cidade de Ipameri no final da década de 1920, o sistema de alto-falante PRB1, montado ao lado da Praça da Liberdade por Victorino Bevinhati, proprietário de uma loja de roupas (*JORNAL YPAMERI*, 20 nov. 1927).

O ambiente é perfeito para a diversão no final do dia. Em torno da Praça, segundo Adolvando de Alarcão⁴, as pessoas reúnem-se para se divertirem com as transmissões. Também participam da programação. Pelo alto-falante saúdam aqueles que se encontram pelas proximidades. É motivo de festa, alegria e muita diversão.

Adolvando evidencia que a organização interna desse sistema de alto-falante apresenta semelhanças com uma emissora de rádio. Havia uma programação diária configurada em torno de músicas variadas, informações locais, nacionais e internacionais, propagandas e um locutor.

Em outras cidades, outros alto-falantes são montados e aproximam-se ainda mais do formato de uma emissora de rádio. No início de 1940, a Amplificadora Cultural, criada por Abelardo Velasco em Anápolis, mantém uma programação aos moldes de uma emissora de rádio. Abelardo chega a contratar funcionários para auxiliá-lo na locução. Posteriormente o transforma em um sistema de radiodifusão mantendo nele a mesma programação anterior.

A população de Rialma também se divertiu com um alto-falante em uma época em que não havia emissora de rádio na cidade. Segundo Getúlio de Souza, que experimentou esta forma de comunicação:

Na época era a mesma coisa de rádio. Oferecimento musical, naquela época tinha oferecimento musical⁵. Às vezes tinha mais oferecimento musical, registrar aniversário, casamento, alguém oferece pra alguém como prova de amor, ou porque vai viajar (informação verbal)⁶.

A audiência conquistada por intermédio deste alto-falante citado por Getúlio despertou a atenção de comerciantes locais. José Pedro Rêgo, residente nesta cidade, o adquiriu em meados de 1950, e afirma que logo no primeiro mês os rendimentos haviam ultrapassado as expectativas iniciais. Vejamos em suas palavras:

⁴ Adolvando de Alarcão. Ouvinte da rádio Xavantes de Ipameri desde seu surgimento, em 1947. Entrevista realizada em 2007.

⁵ Mantive a versão original de citações de jornais e entrevistas para preservar a originalidade dos documentos e do relato dos entrevistados.

⁶ Getúlio de Souza. Locutor da rádio Alvorada de Rialma em 1961. Integra a sua primeira equipe de locutores. Atua em vários sistemas de alto-falantes em Rialma e Alexânia, na década de 1950. Entrevista realizada em dezembro de 2012.

Eu comprei o alto-falante e no primeiro mês eu ganhei 20 mil. Eu pensava que ia dar uns cinco mais ou menos, deu 20 mil [...] porque lá era assim, eu aproveitava e fazia um programa de calouro. Eu fazia esse calouro e enchia de gente. [...] Naquele tempo não tinha nem rádio aqui, não tinha nada, então o povo ia, crianças etc. (informação verbal)⁷.

Sílvio Medeiros presenciou o funcionamento do sistema de alto-falante Marisa⁸ de Goiânia, montado em Campinas ao lado da Praça Joaquim Lúcio. Ele ressalta que as primeiras propagandas de comércios da cidade são apresentadas por este alto-falante: “[...] Aí vinha o anúncio né! Ó se tem problema compra o remédio na farmácia tal... aí começou a ideia do mercado, né! marketing do mercado né! de rádio né! Aí começou” (informação verbal)⁹.

O modo de operar e de organização dos alto-falantes faz deles uma espécie de experimento para a comunicação radiofônica em Goiás. Deles emergem elementos que são aproveitados e desenvolvidos pela radiodifusão posteriormente, como enfatizou Medeiros:

Eu tenho a impressão que toda estação de rádio na cidade do interior do Brasil, talvez até inclusive no Rio, São Paulo, veio primeiramente com alto-falante. Subia o alto-falante em cima de um prédio e rodava as músicas, esse chapadão... Xiu-xiu... Chiado, aquele trem né! (informação verbal)¹⁰.

Nesta época, portanto, a população de várias regiões do Estado de Goiás convive com os alto-falantes e são destacados como o principal meio de comunicação local. Como afirmou Walter Meneses: “A gente chegava no interior e serviço de alto-falante ligado, da cidade do interior aí. Porque nessas cidades aí não tinha rádio, não tinha jornal, não tinha nada. O alto-falante que era a comunicação né! Música, notícias, nascimento, falecimento...” (informação verbal)¹¹. Os alto-falantes são instalados geralmente em lugares de fácil acesso, em um comércio, um espaço público, etc.

Naquela época era comum serviço de alto-falante. Não tinha estação de rádio, então você instalava um serviço de alto-falante num poste. Botava quatro boca lá em cima e fazia o barulho. Atingia a cidade, porque a cidade era pequena também (informação verbal)¹².

⁷ José Pedro Rêgo. Proprietário de um sistema de alto-falantes da cidade de Rialma e de outro em Alexânia. Fundador da rádio Alvorada de Rialma. Entrevista realizada em dezembro de 2012.

⁸ Criado por Emydio Sasse e Marinari. A fusão de ambos os nomes dá origem ao nome do alto-falante, Marisa (*Apud AGI*, 1980, p. 171).

⁹ Sílvio Medeiros. Integrante do primeiro grupo de locutores profissionais do rádio em Goiás. Atuou em três emissoras de Goiânia, primeiro pela rádio Clube, posteriormente pela RBC e por fim pela rádio Anhanguera. Entrevista realizada em janeiro de 2004.

¹⁰ Sílvio Medeiros, *ibidem*.

¹¹ Walter Meneses. Fundador da primeira agência de publicidade de Goiás, a WM, e o primeiro a comprar horários de emissoras para uso comercial. Entrevista realizada em março de 2007.

¹² Getúlio de Souza, *op. cit.*

Os interessados por essa forma de comunicação eram pessoas que participavam ativamente das atividades locais, a exemplo de Lúzio de Freitas¹³ em Inhumas:

Nas festas de 19 de março ele pegava a maletinha dele com um microfone e um alto-falante e fazia os desfile das escolas da cidade, todo o evento que tinha. Tinha uma corrida de motocicleta, tinha corrida de bicicleta na época, ele fazia as transmissões em cima da laje do prédio do Banco do Brasil. Ele subia lá em cima com a equipezinha dele e fazia a transmissão pros outros que estava ali ouvindo. Ele começou com isso. Ele teve dois sistemas de alto-falantes, um aqui e outro do outro lado da cidade (informação verbal)¹⁴.

Além desse trabalho de acompanhar as festividades e eventos locais, os alto-falantes são utilizados para retransmitir programas de rádio de outras localidades, que captados por um receptor são projetados através de um microfone.

Então, ali eles pegam o rádio, liga o rádio e bota no alto-falante, na amplificadora do alto-falante. Ela retransmite aquilo. O som saía um pouco deformado, mas saía bom, sabe! Então ela retransmite [fazendo voz de locutor]: - Agora o serviço de alto-falante A Voz de Goiatuba entra em cadeia com a rádio tal... Apresentava o programa “Nossa Fazenda” [voz aguda] Colosso! Colosso! Colosso! (informação verbal)¹⁵.

Ao surgirem as primeiras emissoras de rádio em Goiás, grande parte dos locutores que as integram trazem consigo experiências passadas com os alto-falantes. José Cunha Júnior, por exemplo, que integrou a segunda emissora de rádio de Goiás (rádio Clube de Goiânia), afirma que iniciou sua carreira em um sistema de alto-falante e aponta algumas habilidades que aprendeu. Vejamos:

Eu comecei na minha terra com serviço de alto-falante. Eu comecei a aprender ler texto, uma coisa, ou outra. Na minha terra, Passos, Minas Gerais. E lá eu aprendi muito. Me eduquei e já fui ganhando uma escolaridade de como falar no rádio. Ler texto ou falar de improviso, tudo isso, eu fui aos poucos aprendendo (informação verbal)¹⁶.

Sílvio Medeiros¹⁷, que trabalhou no rádio ao lado de José Cunha Júnior, relata que na década de 1940, gostava de ficar observando os locutores do alto-falante Marisa de Campinas (Goiânia) falarem ao microfone. Sentia um apreço por ouvir aquele som saindo pelos alto-

¹³ Fundador, juntamente com Manoel Basílio, da rádio Jornal de Inhumas em 1960.

¹⁴ Nilta Dias de Freitas, esposa do já falecido Lúzio Borges de Freitas, proprietário e fundador da rádio Jornal de Inhumas. Lúzio era sobrinho do primeiro prefeito de Goiânia, Venerando de Freitas Borges. Nilta é a atual proprietária da emissora. Acompanha Lúzio no período de fundação da emissora em Inhumas. Entrevista realizada em janeiro de 2013.

¹⁵ Walter Meneses, op. cit.

¹⁶ José Cunha Júnior. Integra a primeira equipe da rádio Clube de Goiânia em 1942 e permanece nesta até 1980. Entrevista realizada em julho de 2006.

¹⁷ Op. cit.

falantes e ao modo dos operadores se comportarem diante do microfone. Com isso aprendeu a técnica de falar, de utilizar uma entonação na voz. E foi daí que se sentiu motivado a tentar a profissão de radialista. Jerônimo Rodrigues também afirmou ter começado sua carreira no alto-falante. Acabou se entrosando com indivíduos que tinham proximidade com o mesmo e foi exercitando seu dom de falar em público (GALLI, 2011, p. 20). Ele aponta mais detalhes desta sua experiência:

Eu nasci no interior do Estado, em Goiatuba, e lá, na época de política, surgiam os serviços de alto-falante. Então começamos no serviço de alto-falante fazendo campanhas eleitorais. Depois tinha o serviço de alto-falante do cinema, o cine teatro Lúcio Prado. Eu era junto com Dorival Guimarães e o Bibico (Eurico Carneiro). Nós fazíamos a programação do serviço de alto-falante (informação verbal)¹⁸.

Enquanto as cidades do interior permaneceram sem emissoras de rádio os alto-falantes continuaram ocupando um lugar de destaque. Além disso, se mantiveram como um espaço fundamental para a preparação de pessoas para o rádio, permanecendo assim até a década de 1960. Em Rio Verde, por exemplo, Aflandes Nunes (Figura 2), o primeiro radialista desta cidade, iniciou na esfera comunicacional através dos alto-falantes, é o que nos conta Durley Montalvão.



Figura 2 – Aflandes Nunes, no estúdio da rádio Difusora de Rio Verde, 1962.
Fonte: Arquivo pessoal de seu filho Aflandes Nunes Filho

Naquele tempo você colocava dois ou três alto-falantes realmente assim numa vara e etc. Colocava ali um amplificador pequeno, de pequena potência, microfone, e você fazia avisos; avisos rápidos de pessoas perdidas, documentos perdidos, fúnebres até. E assim existia ali naquela cidade de Santa Helena, um moço que fazia esse tipo de trabalho na praça da cidade. Chamava-se Aflandes Nunes, que veio ser depois um baluarte do rádio em Rio Verde (informação verbal)¹⁹.

O mesmo ocorre com o rádio em Inhumas através do radialista Manoel Basílio²⁰: Ele relata que “era muito ligado à comunicação, no bairro de Goiânia, em Campinas, trabalhava

¹⁸ Conhecido por Jerominho. Segundo Galli (2011) é rebatizado com esse nome no período que atuou pela RBC para não ser confundido com Jerônimo Coimbra Bueno. Inicia sua carreira na rádio Difusora de Campinas de Goiânia em 1956. Posteriormente passa pela rádio Clube de Goiânia e RBC. Entrevista realizada em janeiro de 2013.

¹⁹ Durley Montalvão. Integra a primeira equipe de profissionais da rádio Difusora de Rio Verde como locutor na década de 1960. Entrevista realizada em janeiro de 2013.

²⁰ Fundador da rádio Jornal de Inhumas. Entrevista realizada em janeiro de 2013.

com um sistema de alto-falantes chamado Marisa, na Praça Joaquim Lúcio em Goiânia” (informação verbal). Para ele o trabalho no alto-falante não é distinto do que se faz no rádio. Por isso, ao criar a rádio Jornal em Inhumas contrata pessoas que atuavam nos sistemas de alto-falantes. Ele cita que “Nizário Elias também já tinha uma prática em alto-falantes. O outro que passou no concurso, por exemplo, o Eurípedes, já tinha uma prática em Goiânia e a esposa era radialista no começo, então foi a base da rádio Jornal” (informação verbal)²¹.

Emydio Sasse, criador do sistema de alto-falantes Marisa de Campinas/Goiânia, afirma que dele saíram vários nomes para o rádio, como Ivo de Melo, João Rosa, Norton Camargo Passos, Jeovah Baylão, Fued José Naciff, além de cantores e conjuntos, que ali se apresentavam, como Moraes César, Mário Nunes, Josafá Nascimento e o Conjunto Havaí (AGI, 1980, p. 171).

Em Rialma José Pedro Rêgo também contrata pessoas que trabalharam no alto-falante *A Voz Publicadora de Rialma* (Figura 3). É nesse sentido que este sistema de alto-falante é considerado na cidade como “o precursor da rádio Alvorada” (informação verbal)²². Entre os locutores contratados ele destaca Getúlio de Souza: “Eu tava montando rádio aqui e pus um alto-falante lá em Alexânia. E aí eu tava montando a rádio e enquanto eu montava, eu tava com um alto-falante lá. Aí o Getúlio tava aqui, eu fui e levei Getúlio pra trabalhar lá” (informação verbal)²³.



Figura 3 – A Voz Publicadora de Rialma, instalada no Elite Clube de Rialma. Da esquerda para a direita: José de Souza Arantes, José Pedro Rêgo e Mauro Nascimento. Ao fundo, Pedro Rêgo Filho.

Fonte: Arquivo particular de Edvaldo Nepomuceno, Rialma, 2012.

No início de 1950, uma reviravolta surge em Goiás em direção aos alto-falantes. A admiração popular que prevaleceu na década de 1940 começa a dar lugar à crítica e recusa dos mesmos. Isso ocorre nas cidades onde o rádio já havia percorrido alguns anos de existência. A população passa a exigir um som destituído de ruídos e que pudesse ser ouvido em baixa intensidade. Neste contexto, os sistemas de alto-falantes vão paulatinamente sendo

²¹ Ibidem.

²² Getúlio de Souza, op. cit.

²³ Ibidem.

convertidos em coisas do passado. Seu uso é ampliado ao serem levados para o teto de automóveis e utilizados como instrumentos de publicidade do comércio local.

Essa forma de utilização dos alto-falantes, no entanto, leva-os a se tornarem um problema para determinados setores da sociedade. A população começa a reclamar dos volumes estridentes que chegam aos seus ouvidos. A desaprovação popular cresce de tal forma que em algumas cidades torna-se necessária a intervenção estatal. Em 1953, o DOPS chega a coibir o uso de alto-falantes em Goiânia.

Há cerca de dois meses, o titular do DOPS, cap. Alberto Fleury, baixou portaria proibindo o funcionamento dos serviços de alto-falantes fixos e volantes, nesta capital. Essa providência foi bem recebida pela população. Realmente, não se justifica a permanência daquela anomalia, que vinha causando gerais protestos principalmente dos dirigentes de hospitais, colégios e escritórios comerciais da cidade (*O POPULAR*, 31 out. 1953).

Com essas mudanças, o prazer que despertava a audição dos alto-falantes em praças públicas deixa de existir em algumas cidades e passa a ser desfrutado através de audições particulares de programas radiofônicos por intermédio de aparelhos receptores. Esta questão elucidada-se ao que Azevedo (2004, p. 9) observa, ou seja, que “[...] o rádio foi o primeiro meio de comunicação a falar individualmente com as pessoas, cada ouvinte era tocado de forma particular por mensagens que eram recebidas simultaneamente por milhões de pessoas”. A partir daí a radiodifusão proporciona em Goiás a ampliação do devaneio. A observação de Bachelard (1985, p. 179) é importante para notarmos o seu lugar.

Se se quer ensinar, radiodifundir o devaneio e tocar o público, coloquemo-lo numa casa, num canto dessa casa, num reduto, talvez no celeiro, talvez no porão, talvez num corredor, em algo inteiramente modesto, pois há um princípio de devaneio: o princípio da modéstia do refúgio.

Segundo Bachelard (1985) o homem em seu cotidiano busca pela realização completa da psique humana. Consegue atingi-la por meio da apropriação do poder do fantástico que se encontra em seu inconsciente. O rádio, por sua vez, proporciona ao homem a possibilidade de tocar o inconsciente. Leva-o a encontrar em cada onda o princípio do devaneio. E para que isso seja possível, diz o autor, é preciso um ambiente propício.

É no ambiente modesto que é preciso fazer sonhar o ouvinte. É necessário lhe dar esse gênero de devaneio. Pouco a pouco ele ouve, mas não escuta mais. A voz do locutor o empurra por trás e lhe diz: ‘Vai, vai ao fundo de você mesmo. Eu, eu sigo meu caminho, mas não dessa maneira. Minha cidade estava ensolarada, porém, escolhi cantos de sombra. Entramos na noite: começamos precisamente o caminho dos sonhos’ (Ibidem, p. 180).

Talvez isso explique as manifestações que emergem no contexto em que o rádio é edificado em Goiás, ou seja, ele atrai a atenção popular e é acolhido com festa e admiração. Assim, ao avançar sobre determinadas regiões deste Estado, leva os sons estridentes dos alto-falantes a entrarem em conflito com a lógica da necessidade individual, da comunicação interpessoal e do devaneio. Essa individualidade proporcionada pelo rádio é convertida em normalidade nas cidades. Transforma o alto-falante em insanidade do meio urbano. Em Anápolis, a repulsa aos alto-falantes aparece em meados de 1950, como podemos notar na publicação abaixo.

Amplificadora Funcionando em alta voz prejudica a vida da cidade

Vimos notando, nestes últimos dias, a existência de um carro que percorre o centro da cidade, conduzindo uma possante amplificadora, no exercício da propaganda comercial que, pelo volume de seu alto-falante, vem perturbando a vida cidadina. A estridência com que emite os sons de gravações e mesmo a voz do locutor, andando vagorosamente pela parte central da cidade, faz com que ninguém possa ouvir mais nenhum outro som nas imediações. Tal fato vem ocasionando intenso clamor público e queixas e mais queixas têm nos chegado nestes últimos dias contra esse estado de cousas, criado pelo dito alto-falante que, com todo o seu volume aberto, perturba a vida normal da cidade (*O ANÁPOLIS*, 11 dez. 1955).

As críticas aumentam à medida que seu uso se amplia. Isso levou o Estado a fazer as primeiras tentativas de regulamentá-los. *O Popular* (6 de mar. 1958) informa em 1958, que os portadores de alto-falantes são obrigados a pagar impostos. Eles reclamam ao legislativo por esta medida. Solicitam deste que entre com um projeto contrário a aquela decisão. No dia 5 de março daquele ano, o vereador Afonso Sobrinho encaminha um projeto de lei requerendo a isenção de impostos para os serviços de alto-falantes. Este projeto, no entanto, só é aprovado na década seguinte.

Ao findar aquela década, o incômodo com os alto-falantes chega a tal ponto de a população perder a paciência e enraivecida apedrejar alguns dos carros que passam anunciando em suas ruas. Vejamos o exemplo do que ocorre em Anápolis.

Além dos que são instalados no centro da cidade existem os volantes, adaptados em carros, exclusivamente para propalar as casas comerciais e suas mercadorias. Esse sistema é o pior de todos. [...] A locomoção ambulante traz inquietação e desassossêgo a população. [...] Daí a razão do registro de um fato ocorrido esta semana [...] um chefe de serviços de publicidade ambulante queixa de ter sido atacado numa das ruas da cidade por um grupo de crianças arredias preparadas para atirar contra o carro de propaganda que ali passava e o fizeram de maneira agressiva, sendo em ato contínuo, apoiadas por senhoras que se colocaram ao lado dos meninos (*O POPULAR*, 12 jun. 1960).

Neste período, a novidade que representava os alto-falantes a pouco mais de dez anos é se convertida em caso de polícia, é o que demonstra o jornal *O Anápolis* (24 out. 1960):

A Polícia tem por obrigação verificar a procedência ou não das denúncias que já formulamos sobre a questão. Há carros de propaganda, com alto-falantes absolutamente fora da regra, ou, melhor, fora da Lei, uma vez que são usados com um volume de som muito acima do que é permitido.

Em Goiânia esse processo ocorre anos antes. As reclamações também giram em torno do alto volume das transmissões. Ao chegar à década de 1960, portanto, eles são considerados uma anomalia. Desta forma, trabalhar diante do som estridente que veiculam pela cidade se torna menos tolerável.

Alto-Falantes

Antigamente a DOPS não permitia o funcionamento de altos-falantes nas ruas e avenidas centrais de Goiânia. Nestas o movimento é intenso, já há barulho em excesso. O povo que trabalha o dia inteiro é intensamente prejudicado pelo ruído excessivo (*O POPULAR*, 09 jan. 1960).

O descontentamento popular com os alto-falantes em Goiânia e em Anápolis pressionou o Estado para criar meios mais seguros de regularizá-los, de outro ponto de vista, de encontrar mecanismos para evitar este incômodo. E assim foi feito. Normas são divulgadas em novembro de 1962 e imputadas àqueles que utilizam desse meio de comunicação. Os vetores divulgados são os seguintes: a) divulgar matéria que constituísse incitamento a desordem, ou seja, contrária ao regime democrático nacional; b) funcionar nas imediações de hospitais, escolas, quartéis e repartições públicas. Poderia ser instalado à distância de no mínimo 400 metros desses estabelecimentos ou somente funcionar em horários que não coincidisse com os de tais locais; c) ser utilizado com transmissor com faixa de frequência para sintonia. Só poderia ser utilizado pura e simplesmente como aparelho amplificador (*O ANÁPOLIS*, 14 nov. 1962).

Cidades do interior também se regulamentariam a partir destas normas. Assim, no final da década de 1950, os sistemas de alto-falantes não ocupam mais a posição de ser um meio de comunicação de destaque. Deixam os mastros onde eram fixados anteriormente, para serem instalados em automóveis. São transformados em instrumentos para a propaganda comercial, de um lado, e, de outro, utilizados em igrejas para anúncios da própria instituição.

Apesar das mudanças que os convertem em problema social, tiveram um significado na história do rádio em Goiás: o de terem sido “a escola primária para os radialistas que trabalharam nas primeiras emissoras de rádio que surgiram na década de 1940” (MARQUES,

2009, p. 71). Esse mesmo significado do alto-falante para o rádio em Goiás pode se estender para emissoras que surgiram no interior de Goiás até 1964.

1.2. Os primórdios da radiofonia goiana: o rádio em Goiás até 1950.

A primeira emissora de rádio a ser fundada neste Estado é a Amplificadora Cultural de Anápolis, edificada em 1942 por Abelardo Velasco e “Instalada á Praça de João Pessoa, no coreto do Jardim Público, entre os magestosos edifícios do Hospital Evangélico e do Cine Teatro Imperial. Belas e seletas gravações são executadas” (*O Annapolis*, 11 jan. 1942).

Ao colocar a emissora em atividade Abelardo Velasco a utiliza para a propagação comercial e musical. Haydée Jayme afirma em seu livro *Anápolis: sua vida, seu povo* que “[...] suas transmissões eram captadas pelos aparelhos de rádios receptores de quase toda a população” (*apud* FERREIRA, 1981, p. 259). A Amplificadora Cultural apresenta um espaço para apresentações musicais ao vivo. Com esta emissora os músicos da cidade passam se apresentar diante de um público ouvinte, em um auditório para 400 pessoas (MARQUES, 2009, p. 149).

Para muitos enamorados, a Amplificadora Cultural representa um instrumento importante para contribuir com a quebra do tradicionalismo que impõe limites ao namoro público. Recorrem ao programa Discoteca às suas Ordens que “[...] utiliza da frase ‘com muito amor e carinho...’. Aos interessados em passar um recado, era preciso que escrevessem a mensagem em um pedaço de papel e enviar para o locutor fazer sua leitura ao microfone” (Ibidem, p. 150).

A Amplificadora Cultural torna-se também um espaço para diversão de crianças. Abelardo trouxe novidades como programas humorísticos, musicais e educativos que eram preparados exclusivamente para este público, a exemplo do programa “Hora da Criança”.

Além dos programas musicais, Abelardo promovia bailes e matinês dançantes no vasto salão onde era instalada a Amplificadora. Citaremos agora alguns programas da Amplificadora Cultural de Anápolis: Hora da criança: - onde a criançada concorria a testes de conhecimentos gerais, com prêmios para as respostas certas. Programa de Estúdio e Discoteca às suas Ordens (FERREIRA, 1981, p. 259-260).

Abelardo Velasco buscou manter uma programação regular. Mas a configuração que estabelece para a emissora lhe rendeu duras críticas. O fato é que ele não deu atenção às sugestões dos ouvintes. Seus interesses pessoais predominaram na decisão final sobre o conteúdo a ser veiculado. Podemos notar que a Amplificadora Cultural desenvolve uma

estrutura radiofônica que a aproxima do rádio da época em que surge na história da humanidade.

A historiografia sobre o rádio demonstra que o norte-americano Lee de Forest, desenvolveu um sistema que permitiu a transmissão e a recepção de sons sem a utilização de fios. Isso ocorre ao criar a válvula amplificadora.

As primeiras transmissões de mensagens ‘sem fios’ foram através do alfabeto Morse, até que em dezembro de 1906 o físico estadunidense Lee de Forest descobre o princípio da amplificação eletrônica com a válvula ‘audióon’ ou ‘tríodo’ (um tubo de vácuo com três eletrodos) e o engenheiro da Westinghouse, Reginal A. Fessenden, canadense em Nochebuena e de Massachusetts, transmite pela primeira vez uma voz humana à distância sem necessidade de nenhum fio (BALSEBRE, 2001, p. 14).

De Forest afirma que sua primeira experiência no campo da radiodifusão foi uma “[...] transmissão musical que realizou de um concerto de Enrico Caruso desde a Metropolitan Opera House em 1910” (BELAU, 2007, p. 68). O rádio ia aos poucos surgindo com a transmissão de músicas. Em 1916, era instalada a primeira estação de rádio em Nova Iorque, que se ocupava, esporadicamente, em transmitir notícias, músicas de câmara e gravações em disco (PERUZZOLO, 1972, p. 249).

Mas o pioneiro em apresentar uma forma específica de utilização do rádio foi Frank Conrad, engenheiro da Westinghouse²⁴. De sua experiência é que emerge o rádio como entretenimento. Ao utilizá-lo para veicular música, a Westinghouse²⁵ descobriu que os discos que Conrad tocava vendiam mais na loja graças às transmissões (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 167).

Tota (1990) acrescenta que a Westinghouse fabricou e vendeu receptores de rádio quase que ao mesmo tempo em que a KDKA transmitia notícias sobre as eleições presidenciais em novembro de 1920. Com o passar dos tempos Conrad começou a transmitir notícias lidas de jornais e a executar uma programação de discos por meio de um transmissor que ele mesmo construíra nas horas de folga, em uma garagem em Pittsburgh, Pensilvânia (TAVARES, 1999, p. 39).

A propaganda logo faria parte da programação do rádio norte-americano e os receptores foram as primeiras mercadorias anunciadas pela Westinghouse. Semelhanças com o rádio norte-americano podem ser observadas na programação da Amplificadora Cultural em Goiás.

²⁴ Empresa norte-americana fundada em 1886 por George Westinghouse.

²⁵ Até 1919, a empresa europeia Marconi domina o campo da radiofonia, em consequência da patente registrada por Guglielmo Marconi, e sua utilização voltada quase que exclusivamente para fins militares.

Assim que colocou a Amplificadora em funcionamento, Abelardo transmitia apenas músicas e anúncios de publicidade. Este perfil da emissora lhe rendeu uma crítica do redator do jornal *O Anápolis* em outubro de 1942 quando foi publicada uma nota elogiando Abelardo pela fundação da Amplificadora, e ao mesmo tempo, solicitando ao mesmo que além dos programas musicais e comerciais também reservasse alguns minutos para a programação cultural (MARQUES, 2009, p. 103).

A solicitação apresentada pelos redatores de *O Anápolis* a Abelardo deixa transparecer que há influência do rádio europeu em suas reclamações. Se observarmos a sua história neste continente é possível notar alguns elementos em comuns. O rádio na Europa manteve-se sob a influência da Inglaterra pela força da Marconi Company e da British Broadcasting Company (BBC). Na Alemanha, por exemplo, a partir de 1945 a radiodifusão foi dividida em duas faces: uma na Europa Oriental, onde o primeiro papel do rádio esteve ligado à formação de uma consciência do Estado socialista – o sistema soviético tinha se tornado um modelo, como na Europa Central; e outra na Alemanha Ocidental, que arquitetou um sistema de rádio bastante descentralizado depois de 1945, sob grande influência britânica, com nove estações públicas legais e regionais, cada qual oferecendo três programações diferentes (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 228).

A BBC manteve uma programação basicamente artística. Sempre flexível e com poucos programas fixados em determinados horários. Por volta de 1923, inclui a previsão do tempo. Em região montanhosa, esses programas converteram-se em motivos para o aumento da venda de receptores. Programas educativos foram integrados ao rol da BBC ainda em 1924, e no final da década de 1930 já contava com uma organizada estrutura radiofônica com programas voltados para escolas. Na Europa desenvolve-se um rádio voltado para a educação e a cultura.

Esse rádio que se desenvolveu na Europa conquista uma grande audiência em Goiás entre 1950 e 1964. Talvez isso explique o fato de Abelardo Velasco sofrer duras críticas pela programação que formatou na Amplificadora Cultural. Em uma publicação do jornal *O Anápolis* notamos as preocupações dos redatores sobre os elementos que desejam para o rádio.

Admiramos as organizações metódicas e constantes, tal como a Amplificadora, que vem pondo em realce o seu diretor-proprietário, dr. Abelardo de Velasco. Um benefício, aliás, relevante, poderia ainda prestar ao povo de Anápolis o dr. Abelardo, instituindo um quarto ou meia hora educativa, a exemplo do que fazem as grandes emissoras. Para isso poderia convidar, em cada semana, um dos nossos 14 advogados, dos 9 médicos, dos 5 engenheiros, dos 5 farmacêuticos e dos 5 dentistas além do professorado, que é grande, a fazer uma palestra sobre os vários assuntos educacionais e

higiênicos, agora que atravessamos a estação mais quente do ano, por isso mesmo infestada de moscas. Também seria interessante se versasse sobre a alimentação, leituras, repouso, moral, enfim, tudo que viesse aprimorar a nossa educação e costumes (*O ANNAPOLIS*, 25 out. 1942).

Abelardo Velasco não se manteve intolerante diante das críticas. Constrangido pela população acrescenta programas de auditório na programação da emissora em finais de semanas.

Ao ser criada a segunda emissora de rádio em Goiás a radiofonia dá um significativo passo rumo ao seu desenvolvimento. Em Goiânia é criada a rádio Clube²⁶. A emissora é inaugurada no dia 5 de julho de 1942, obra de Venerando de Freitas Borges, o prefeito da cidade na época (MARQUES, 2009).

A rádio Clube inicia suas atividades com uma programação distinta da Amplificadora Cultural. Ela surge respaldada por um conjunto de indivíduos, amadores, no entanto, em relação aos radialistas de emissoras dos países desenvolvidos e das grandes metrópoles do país. A especialidade não é considerada como um elemento fundamental no trabalho cotidiano desempenhado na emissora. A preocupação com a “receita”, sim. Essa é uma questão presente em seu dia-a-dia.

A maioria dos indivíduos que trabalham na emissora são locutores e desempenham outras atividades em seu interior, necessárias para a manutenção diária de seu funcionamento. José Cunha Júnior relata que neste período dedicou parte de seu tempo ao trabalho de radialista e a outra parte para buscar por patrocinadores. Neste ambiente, segundo ele predomina o amadorismo. É um reflexo do estágio que se encontra a estrutura social do Estado. As redes elétricas figuram como o fator mais importante. Veremos isso mais adiante.

Outro elemento que mantém o amadorismo nas emissoras, apontado por Sílvio Medeiros²⁷, é a dificuldade em se conseguir patrocinadores. Sem dinheiro não há possibilidade de arcar com as despesas de um especialista, por exemplo. Então, torna-se complicado distinguir as atividades realizadas pelos “radialistas”. O locutor é também o publicitário, o redator de notícias, o criador de propagandas, o faxineiro etc. Com raras exceções, os locutores que vendiam os comerciais faziam também o texto (GODINHO, 2006,

²⁶ A rádio Clube é criada com o objetivo de ser a porta voz de Getúlio Vargas em Goiás. Vargas recebe o apoio de Venerando de Freitas Borges e de representantes do DIP que residem nesse Estado, a exemplo de Gerson de Castro Costa e Francisco Pimenta Neto. Eles a utilizam como uma emissora eminentemente política até 1945. Programas musicais, noticiosos etc., são cuidadosamente elaborados nesta época para atender à política de Getúlio Vargas. Com a redemocratização do país a emissora rompe com a exclusividade política de sua programação. Para uma leitura aprofundada sobre a rádio Clube ver (MARQUES, 2009; VIEIRA, SANTOS, PINTO, 2007).

²⁷ Op. cit.

p. 59), e, além disso, resolviam problemas nos aparelhos de transmissão. Com a rádio Clube, inicia-se em Goiás o processo de desenvolvimento de habilidades necessárias para o rádio.

José Cunha Júnior elucida que “[...] tinha os técnicos que começaram como operadores de rádio. Depois foram servir de técnicos. Aí que deu maior consistência e deu mesmo razão de ser da nova categoria que surgia, da nova atividade” (informação verbal)²⁸. Na rádio Clube aparecem os primeiros programas elaborados por um especialista em rádio, Francisco Pimenta Neto. Além disso, começa aí a manutenção repetitiva de um indivíduo em um mesmo programa. Com isso dava-se um passo a diante do amadorismo.

Além da organização interna, a rádio Clube apresenta diferenças em relação à Amplificadora Cultural, no que diz respeito ao potencial de seus transmissores, pois sua programação atinge distâncias maiores. Enquanto esta se limitou à cidade e a algumas poucas comunidades circunvizinhas de Anápolis a rádio Clube alcança todo o território goiano, sendo algumas vezes ouvida em estados vizinhos (MARQUES, 2009, p. 157).

A rádio Clube veio para dominar a comunicação radiofônica em Goiás neste período e se manteve nesta situação até 1946, dividindo sua audiência na região de Anápolis com a Amplificadora Cultural²⁹. Naquele ano surge mais uma emissora, a rádio Carajá de Anápolis. Obra de João Simonetti e de seu filho Ermetti Simonetti, apresenta elementos comuns com a rádio Clube, e aqui se destaca o fato de ter sido criada com o consentimento do Estado³⁰. Segundo Ferreira (1981, p. 261):

[...] em 1946, chegaram a esta cidade, vindos de Bauru, Estado de São Paulo, João e Ermetti Simonetti, para aqui instalarem a primeira estação radiofônica. Resolvidos os trâmites legais, João Simonetti voltou a Bauru, ficando aqui o seu filho Ermetti, que, em dezembro de 1946, colocou no ar a Rádio Carajá de Anápolis, com o prefixo ZYJ-3.

A aquisição da aparelhagem e do local em que a Carajá é montada, contou com o apoio de Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. “Ao criar a Carajá em Anápolis, João Simonetti concede ao seu filho a direção da mesma, passando a dirigi-la com sua esposa, Elídia Simonetti” (MARQUES, 2009, p. 87).

A Carajá apresenta uma programação semelhante à da rádio Clube de Goiânia, com a variedade como proposta e o entretenimento como referência. Ermetti Simonetti estava atento

²⁸ José Cunha Júnior, op. cit.

²⁹ Para uma leitura mais ampla e detalhada desta história ver Marques (2009).

³⁰ Conseguir a concessão do Estado foi a principal dificuldade enfrentada pelos seus fundadores. João Simonetti é descendente de italiano e a lei brasileira de comunicação permite a propriedade de concessões de meios de comunicação apenas por indivíduos de nacionalidade brasileira. Por meio de Assis Chateaubriand é que João Simonetti consegue efetivar a sua nacionalidade no Brasil, e, assim, criar várias emissoras no país.

ao gosto dos ouvintes. Faz uma pesquisa junto à população para formatar sua programação. Em decorrência dos resultados desta pesquisa ele cria um programa de auditório com atrações semelhantes às das grandes emissoras do país.

Com isso a Carajá consegue ocupar o espaço já conquistado pela Amplificadora Cultural e levá-la à bancarrota. A questão é que a aparelhagem utilizada na emissora permite à sua programação atingir várias cidades do Estado de Goiás, embora não seja com a mesma potência e limpidez que as transmissões da rádio Clube, mas é o suficiente para atrair a atenção de comerciantes locais. A Carajá se torna o centro das atenções do público anapolino e com muita rapidez conquista a preferência dos ouvintes.

A rádio Clube de Goiânia e a rádio Carajá de Anápolis são formatadas por indivíduos com experiência que adquiriram em emissoras de outros Estados. A rádio Clube por Francisco Pimenta Neto, que atuou em emissoras do Rio de Janeiro, e a Carajá por João Simonetti, que criou emissoras na cidade de Bauru/SP.

Depois da rádio Carajá é edificada a rádio Xavantes de Ipameri em 1947. É criada por César Augusto Ceva a pedido de Jerônimo Coimbra Bueno, que neste momento concorre às eleições ao governo do Estado, sendo, portanto, um instrumento de propaganda política para lhe ajudar no processo eleitoral. César, que tem habilidades em eletrônica, monta o próprio transmissor da Xavantes, como relatou Rafa Ceva³¹, sua esposa: “[...] então montagem de aparelhos, ele montava aparelhos. E os aparelhos dele, todos eram montados por ele. Mas ia sempre aumentando a potência para poder chegar mais distante” (informação verbal).

Passadas as eleições, Coimbra Bueno deixa de ter interesse pela emissora e repassa seu controle para César Augusto Ceva. Não é um contexto fácil para o rádio. A emissora enfrenta muitas dificuldades de manutenção. A questão é que semelhante a Anápolis e Goiânia são poucos os anunciantes da cidade que investem no rádio.

Segundo Alarcão, o espaço onde a emissora é instalada lhe permite começar as atividades com um auditório, com “[...] capacidade para mais ou menos 400 pessoas” (informação verbal)³². Neste período, o programa ocorre aos domingos. É um espaço também para as pessoas se apresentarem, ou seja, quem gosta de cantar, tocar algum instrumento, contar alguma piada. Quer dizer, é uma programação voltada para divertir o povo (MARQUES, 2009, p. 167).

³¹ Esteve sempre junto de César Augusto em atividades referentes à emissora desde o início em 1947. Entrevista realizada em dezembro de 2007.

³² Adolvando de Alarcão, op. cit.

A quinta emissora que emerge em Goiás é fundada em Buriti Alegre no ano de 1949. A sociedade criada para a sua fundação é integrada por Orlando Carlos da Silva, Francisco Inácio Ferreira, Antônio Machado Siqueira, José Lázaro Pompeu e Gercílio Rodrigues da Silva (DOU, 16 abr. 1948).

O formato da programação desta emissora não trouxe novidades em relação às outras três. Pautada pela variedade, contava também com um auditório. A única diferença, talvez, é que sua configuração teve à frente de sua efetivação, um indivíduo sem experiência em rádio. Os radialistas que a precedem também tiveram que aprender ali mesmo como atuar diante do microfone.

Com esta emissora encerra-se a década de 1940 para o rádio em Goiás. A rádio Carajá “[...] já não existe mais. Sua frequência foi alterada para 770 kHz, e o seu nome para Voz do Coração Imaculada, dirigida pelos Frades Franciscanos da Imaculada” (ROCHA, 2007b, p. 138). A rádio Clube, depois de receber várias denominações, é a atual 730 AM, com a mesma razão social de antes. A Amplificadora Cultural de Anápolis deixou de existir ainda na década de 1940. E, segundo Eduardo Ferreira (informação verbal)³³, a rádio Clube de Buriti Alegre encerra suas atividades em 1975.

O rádio inicia sua caminhada em Goiás como um espaço de fronteira³⁴. Com o passar do tempo torna-se mais complexo. Atravessa uma época em que as coisas que emergem do rádio são novidades. O trabalho no seu interior é entendido como um passatempo, um divertimento, realizado nas horas vagas sem o objetivo de ser convertido em uma especialidade. Contudo, criar uma emissora de rádio neste contexto, não é uma tarefa fácil devido às leis estatais que regulamentam sua criação.

1.3. O processo de regulamentação do rádio pelo Estado.

A regulamentação da comunicação pelo Estado acompanha o rádio desde o início de sua história. Na Grã-Bretanha, de acordo com os termos da Lei da Telegrafia sem Fio, de 1904, todos os transmissores ou receptores de sinais emitidos sem fio deveriam ter uma licença dos correios (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 163).

Em 1906, a Segunda Convenção de Radiotelegrafia Internacional, ocorrida em Berlim – a primeira tinha sido em 1903 –, havia estabelecido que SOS

³³ Locutor da rádio Clube de Buriti Alegre na década de 1960 e atual locutor da rádio Difusora de Goiânia. Entrevista realizada em fevereiro de 2010.

³⁴ Veremos que o rádio é um desses lugares privilegiados por ser onde uma multiplicidade de culturas se encontram, e, nesse encontro, são reelaboradas, reinventadas, criando algo novo, distinto, justamente por ser a junção de culturas diversas.

deveria ser o sinal padrão para pedido de socorro. Na verdade, Berlim estava fora do império de Marconi: os alemães tinham agora seu próprio sistema Telefunken sem fio (Ibidem, p. 162).

A regulamentação do rádio na Europa foi motivada pelo crescimento do número de emissoras, que em decorrência disso, causavam interferências nas transmissões umas das outras. Em vários países radioamadores faziam usos de aparelhos transmissores construídos por eles mesmos³⁵. O baixo custo do material possibilitou que qualquer pessoa montasse um transmissor. Para evitar a interferência de amadores nas transmissões comerciais é aprovada a Lei da Telegrafia Sem Fio em Berlim, em 1912. Essa decisão levou os “radioamadores”³⁶ a protestarem.

Agora procurando comunicar-se entre si e ouvir programas de rádio a eles dirigidos, redigiram uma petição assinada por 73 sociedades de transmissão sem fio, o que levou o presidente geral dos correios, que havia chamado os concertos de ‘frívolos’, a repensar o assunto (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 163).

Em 1921, o governo se rende às reclamações dos radioamadores, mas alerta que alguns cuidados deveriam ser tomados, encarando a radiodifusão, desde então, como utilidade “[...] para o benefício das sociedades de telegrafia. Ainda não havia o sentido de uma ‘grande audiência’” (Ibidem). Com aquela lei a empresa Marconi consegue superar as dificuldades financeiras e se tornar uma das gigantes empresas de comunicação na Europa.

A Lei ajudou também a converter em proveitoso empreendimento a telegrafia comercial. As companhias de Marconi haviam suportado uma década de prejuízos. A esse tempo, operava Marconi na Inglaterra, onde era vigorosa a proteção às patentes (PASTORE, 1966, p. 73).

Nos Estados Unidos, a pressão realizada por grandes empresas ao Estado leva o governo a criar uma solução temporária em 1927 com uma nova Lei do Rádio. Ele anuncia por intermédio desta Lei que as ondas de radiocomunicação passariam a pertencer ao povo, podendo ser:

[...] utilizadas por pessoas particulares apenas com a permissão oficial do governo, numa base de licença por curto prazo. As licenças teriam de ser concedidas ou revogadas quando o fossem no interesse, conveniência ou necessidade do público. Todas as licenças de estações existentes foram automaticamente revogadas, e a indústria teve de recomeçar tudo de novo requerendo formalmente uma concessão para funcionar e fornecendo

³⁵ Veja a simplicidade para fabricar um rádio artesanal com cristal em Gould (1964).

³⁶ É aquele que tem o seu próprio transmissor, com o qual pode falar ou enviar mensagens em código. Um amador no Brasil pode comunicar-se por ondas curtas com um colega na Europa ou na América do Norte (GOULD, 1964, p.113-114).

adequadas declarações e explicações do por que isso seria em favor do interesse público (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993, p. 121).

Para fazer valer aquela lei e sistematizá-la de acordo com as necessidades do país, o Estado propõe, então, uma Comissão Federal de Comunicações. Sete anos depois, após alguns ajustes e fundamentação da lei de 1927, cria-se, enfim, a Lei Federal de Comunicações. Esta Lei é tomada como o principal instrumento regulador da comunicação radiofônica nos Estados Unidos.

No Brasil ocorre um processo semelhante à regulamentação do rádio nos Estados Unidos. O Estado cria leis e toma a dianteira em seu controle. Por meio do Decreto nº 20.047 de maio de 1931, normatiza a radiodifusão restringindo o seu uso em território nacional. Esse decreto não considera o uso comercial do rádio. Limita sua atuação ao controle de concessões, às questões técnicas a serem cumpridas pelas emissoras e à constituição de uma rede nacional de radiodifusão³⁷. Por seu intermédio é que se institui a obrigatoriedade do programa nacional emitido pelo Serviço de Publicidade da Imprensa Nacional, para ser retransmitido simultaneamente por todas as rádios (FEDERICO, 1982, p. 50).

Mesmo com as proibições do uso de comerciais no rádio, alguns locutores desenvolvem um tipo de marketing nesse período, que ficou conhecido posteriormente como *jabá*³⁸. Simultaneamente, surgem agências de publicidade que buscam ocupar um espaço na programação das emissoras.

A Record de São Paulo já anunciava no início de 1931, e sua primeira inserção foi a da Casa Radiovox. Posteriormente a Refinaria União passou a anunciar. A indústria alimentícia, a farmacêutica (Cafiaspirina, por exemplo) e a de perfumarias estiveram presentes ao lado das casas gravadoras e de discos (FEDERICO, 1982, p. 53).

A pressão imposta ao Estado por emissoras, que desde épocas anteriores clamavam pelo recurso da publicidade, continuou crescendo. Torna-se mais intensa com o surgimento de novas emissoras. O Estado busca criar medidas para atender às reclamações. No início do ano seguinte cria um estatuto jurídico de radiodifusão, por meio do Decreto nº 21.111, de 1º de março de 1932, que retifica um artigo do decreto anterior aprovando o uso de 10% da

³⁷ A instituição de uma rádio nacional, transmitindo em cadeia para todo o território, só veio a ser efetivada no final da década de 1930 com a Hora do Brasil.

³⁸ O *jabá* foi um meio utilizado por locutores para conseguirem um dinheiro extra com pequenos comerciantes que não tinham condições de pagar por uma propaganda que fosse veiculada na programação normal de uma determinada emissora. Nos programas da época ele é efetivado da seguinte forma: um locutor acorda com determinado indivíduo para lhe saudar com um abraço em seu programa. Com o abraço informa simultaneamente o nome do indivíduo e o nome do comércio onde se encontra. Em troca o locutor recebia uma quantidade de dinheiro sem que passasse pelo conhecimento dos donos ou gestores da emissora. Essa estratégia é denominada pelos profissionais do rádio como *jabá*.

programação para comerciais³⁹. Essa medida, no entanto, provoca um crescimento assustador de emissoras em todo o país. A partir daí o Estado toma para si a responsabilidade pelo controle e mediação do processo de edificação de emissoras.

É a partir destes pressupostos que se desenvolve a história do rádio em Goiás entre 1950 e 1964. Não é uma tarefa fácil criar uma emissora de rádio neste ambiente. Além da necessidade de recursos financeiros necessita-se do cumprimento às determinações estabelecidas pelo Estado, pois a ele cabe a decisão de aprovar ou não uma determinada solicitação de concessão e também, à sua manutenção. Nesse sentido, a “legalização” evidencia-se, assim, como prerrogativa para a fundação de emissoras.

Esses elementos contribuíram para que várias emissoras tivessem vida curta, a exemplo da amplificadora Marisa em Goiânia, que foi citada no primeiro tópico. Medeiros afirma que:

Esse Sás⁴⁰, no serviço de alto-falante, chegou a comprar um transmissorzinho. E chegava a ouvir ali nos quarteirões, tal. Tudo com cristal, radiozinho com cristal, você ouvia. Foi quando começou então, além do alto-falante. Depois veio fiscalização porque não podia né! Não tava legalizado, porque começou a aumentar a potência né! Aí chegou a ouvir em Trindade. Aí veio a fiscalização e teve que parar (informação verbal)⁴¹.

A Amplificadora Cultural é outro exemplo. Abelardo Velasco não se preocupou com a regulamentação da emissora. E assim, ainda na década de 1940, as autoridades locais desativam os seus transmissores. Mais à frente veremos casos semelhantes que ocorreram com outras emissoras.

A regulamentação do rádio junto ao Estado não é segredo para os radialistas neste período. Não há um monopólio da informação. Assim, todo o processo correspondente aos trâmites necessários para a criação de emissoras, além do domínio de questões técnicas, operacionais, organizacionais etc., necessárias para o funcionamento do rádio, está ao alcance de todos. É nesse sentido que Walter Cançado⁴² esclarece sobre a necessidade da prefixação de uma emissora.

³⁹ Murce (1976, p. 34) coloca que em 1931, surge na rádio Sociedade o primeiro patrocínio destinado a um rádio. Trata-se de um programa humorístico, uma pequena audição, de cerca de 5 minutos, patrocinada por uma pasta dentifríca. É interpretada por dois atores cômicos do teatro da época: Artur de Oliveira e Salu de Carvalho. Denomina-se Manezinho e Quintanilha.

⁴⁰ Emídio Sasse. Criador deste sistema de alto-falantes em Goiânia em sociedade com Emydio.

⁴¹ Sílvio Medeiros, op. cit., 2004.

⁴² Walter Lopes de Deus, mais conhecido como Walter Cançado. Locutor em emissoras de rádio em Minas Gerais na década de 1950. Atua na organização da Rádio Imprensa e Carajá de Anápolis e rádio Cultura de Catalão. Entrevista realizada em abril de 2012.

A prefixação é um processo que se realiza após a liberação da concessão pelo Estado. Se expressa em códigos que localizam o registro de uma emissora. Esses códigos são integrados à linguagem radiofônica e convertidos em uma espécie de insígnia do rádio. São utilizados para identificar uma determinada emissora e são veiculados ininterruptamente durante a programação. Com o tempo foram deixando suas marcas na vida de um profissional do rádio. Eram anunciados em forma de vinhetas⁴³, como: Difusora de Rio Verde ZYW26, rádio Jornal de Inhumas ZYW35, rádio Cultura de Catalão ZYW33, rádio Brasil Central ZYY-2, ZYX-9 etc.

A prefixação é uma regulamentação da radiodifusão estabelecida pelo “então Ministério de Viação e obras Públicas e da Justiça”, órgão responsável pela regulamentação da radiodifusão no Brasil até 1961⁴⁴, e auxiliado pela Comissão Técnica de Rádio⁴⁵. Entre 1961 e 1962, Goiás recebe o apoio de Alfredo Nasser no Ministério da Justiça, que substituiu Tancredo Neves no final de 1961 e permaneceu no cargo até meados de 1962.

Alfredo Nasser trouxe facilidades para determinados indivíduos em Goiás conseguirem concessões de rádio. O próprio Walter Cançado afirma que solicitou quatro concessões para edificar emissoras em algumas capitais do Brasil (Goiânia, Salvador, Cuiabá e Brasília). Segundo ele “[...] dois anos depois foram concedidas para duas cidades: Goiânia e Brasília” (informação verbal)⁴⁶.

Walter descreveu o conjunto de documentos que foi necessário para adquirir a concessão da rádio Cultura de Catalão há alguns anos antes.

Foram providenciados os documentos de registro na Junta Comercial e o competente Cadastro Geral de Contribuintes da Fazenda Pública [Hoje CNPJ da Receita Federal], documentos pessoais dos acionistas e vários projetos de acomodações mais apropriados (estúdios, mesa operadora de som, discoteca e lugar para público), bem como casa separada para o transmissor junto à torre-antena (fora do centro da cidade), que foi localizada às margens da rodovia estadual, em frente às instalações da SAE, próxima ao morro de São João (informação verbal)⁴⁷.

⁴³ As vinhetas são equivalentes a propagandas, porém um adorno criado para preencher as programações radiofônicas. Também são utilizadas para alertar o ouvinte sobre algo que virá posteriormente. Geralmente são rápidas, uma palavra, um nome ou uma frase. As vinhetas informam o nome de locutores, programas etc.

⁴⁴ Era subordinado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

⁴⁵ Em 1961, João Goulart baixa um decreto criando o CONTEL para regulamentar a radiodifusão no Brasil. No ano de 1962, é instituído o código brasileiro de telecomunicações que rege a radiodifusão em épocas posteriores (Lei nº 4.117, 27 de agosto de 1962)

⁴⁶ Walter Cançado, op. cit.

⁴⁷ Ibidem.

Para criar uma emissora neste período, a primeira coisa a se fazer é comprovar rendimentos que apresentem condições para arcar com todas as despesas⁴⁸, como encargos cobrados pelo Estado, compra dos equipamentos e do terreno para sua instalação etc. São pré-requisitos que apresentam consistência para a solicitação da concessão. Durante o processo de avaliação da documentação por representantes do Estado, o local de instalação da emissora recebe a visita de um técnico, para verificar as condições para a montagem dos aparelhos.

Outra questão é a obrigatoriedade de realizar pessoalmente a entrega da documentação em um órgão do Estado no Rio de Janeiro. Manoel Basílio, fundador da rádio Jornal de Inhumas, afirma que “[...] na época era preciso tirar uma licença no Rio de Janeiro, na CTR” (informação verbal)⁴⁹.

Naquele tempo era o Ministério da Viação que liberava, hoje tem a Anatel, mas naquele tempo era o Ministério da Viação. Até que o Ministério da Viação autorizasse a carta branca pra entrar no ar, passava por um processo de vistorias. Examinava os detectores do poder da emissora (informação verbal)⁵⁰.

A aprovação do Estado, concretizada com a expedição de sua homologação pelo DOU, imputa ao solicitante a obrigação de efetivar o projeto em um prazo de dez anos⁵¹. Exceder esse tempo implica no cancelamento automático da concessão. Mas, esse controle não é um processo eficiente. De suas brechas abriu-se a possibilidade de solicitações serem comercializadas antes mesmo de concretizadas.

Normalmente esse povo eles pegava a concessão, tinha direito à concessão aí por uns dez anos, me parece, e antes de expirar aquele prazo, ele vendia, passava pra frente. Normalmente pra grupo político, deputado, empresário e tal, e ganhava um grande dinheiro em cima dessas concessões, nem instalava (informação verbal)⁵².

⁴⁸ Segundo Radivair Miranda (informação verbal), locutor da rádio Difusora de Itumbiara, para assegurar este pré-requisito, havia uma exigência de uma sociedade, ou seja, um conjunto de indivíduos que se prontificam a contribuir com parte do dinheiro gasto na fundação de uma emissora.

⁴⁹ Manoel Basílio, op. cit.

⁵⁰ Juvenal de Barros. Locutor de várias emissoras de rádio em São Paulo na década de 1930, além de trabalhar na TV Difusora de São Paulo no final da década de 1940. Integra a primeira equipe da rádio Carajá de Anápolis, tornando-se um dos principais agentes formadores do rádio teatro daquela emissora. Entrevista realizada em março de 2009.

⁵¹ Entre 1951 e 1954, Vargas faz uma tentativa de diminuir esse tempo para três anos, mas com a sua morte o decreto é abolido. Uma nova tentativa com esse decreto é realizada pelo Estado em 1961. Veja com mais detalhe no último tópico deste capítulo.

⁵² Valdir Morgado. Locutor da rádio Imprensa de Anápolis no final da década de 1950. Na década seguinte trabalha como locutor na rádio Carajá, rádio Santana de Anápolis e em emissoras de Brasília no período da Ditadura Militar. Entrevista realizada em fevereiro de 2012.

Através da documentação expedida o Estado repassa ao requerente as orientações obrigatórias para fazer a regulação das transmissões. Segundo Bezinho⁵³, inicialmente a emissora é colocada para operar com uma potência de 250 watts: “Geralmente começava lá em baixo, com 250 watts. Era o máximo que eles davam. Aí, depois de um ano, podia pedir aumento para 1 quilo, 5 mil, 10 mil. Se a concessão fosse aprovada para ser de alcance de 5 quilômetros, ela não poderia atingir mais do que isso”. Além disso, um canal era pré-estabelecido para a frequência da emissora.

Para realizar a regulação deste canal a emissora era colocada para operar em caráter experimental. Enquanto permanecia neste estado o serviço prestado deveria ser “[...] gratuito. Não pagava nada, era pra aprender mesmo. Também o serviço era muito restrito, por que era praticamente dar o prefixo, dar a hora certa, falar que a rádio tava em caráter experimental. Não tinha uma programação” (informação verbal)⁵⁴. A questão é que esse canal desregulava-se com o tempo e havia a necessidade de ser regulado frequentemente.

Essa regulação passa a ser denominada de aferição de frequência ou feri frequência. Segundo Bezinho é um processo voltado para verificar a frequência das emissoras com o objetivo de se estabelecer uma precisão em suas transmissões. Esta representa uma estratégia encontrada pelos técnicos do rádio para impedir a interferência entre frequências distintas. “Então, a rádio podia trabalhar no máximo 20 quilo hertz acima ou abaixo da frequência dela” (informação verbal)⁵⁵.

Naquela época cada emissora tinha um dia certo de medir. Você tinha que entrar com o prefixo, a gente ficava à noite na emissora, quando falava: - Hoje é dia de fazer medida! Então, o gerente escalava um locutor e você ficava repetindo ali: - Rádio Difusora de Rio Verde, 1.560 kHz, ZYW-26, tal... Você ficava ali, só você e o microfone e mais nada. Ficava repetindo, repetindo, repetindo... (informação verbal)⁵⁶.

Para a aferição da frequência (Figura 4) o Centro de Controle de Emissões Radiofônicas e Radielétricas – ZZP-2 (*Nova Capital*, 28 set. 1955), órgão



Figura 4 – Ilustração sobre o modo de aferição de frequência realizada pela ZZP2. Fonte: <http://fg-news.blogspot.com.br/2013/01/zzp-2-o-teste-de-afericao-de.html>

⁵³ Op. cit.

⁵⁴ Valdir Morgado, op. cit.

⁵⁵ Nilson José de Carvalho, mais conhecido como Bezinho. Técnicos de emissoras de rádio em Goiás entre 1950 e 1990. Montou e colocou no ar várias emissoras de rádio em todo o Estado de Goiás. Entrevista realizada em janeiro de 2013.

⁵⁶ Durley Montalvão, op. cit.

subordinado à Empresa de Correios e Telégrafos com sede em São Paulo, deveria primeiro sintonizar a emissora. Ao sintonizá-la conseguiam precisar se estavam operando dentro dos padrões estabelecidos.

Então tinha uma estação lá em São Paulo, do Correio, se chamava ZZZP2. Era o prefixo da estação lá. Então eles mandavam um telegrama, todo mês⁵⁷ você tinha que auferir a frequência, porque naquela época os cristais, a concepção deles não era igual à de hoje. Porque hoje é fixo, naquela época eles eram variados, tinham uns ajustezinhos. Então com a temperatura e umidade eles variavam muito. Daí começavam a interferir em outra estação. Então todo mês você recebia um telegrama da estação ZZZP2 marcando um horário para você auferir a sua frequência. Então essas transmissoras pequenas, de 250 watts, eles marcavam para depois da meia-noite. Tinha dia que a gente ficava lá assim, da meia-noite até 4 horas da madrugada para eles conseguir captar a gente lá em São Paulo. Por exemplo, aqui na Difusora naquela época a frequência era 1520. Em São Paulo essa frequência em quase toda a cidade tinha ela lá. Então eles marcavam depois da meia-noite por que as rádios daquele tempo trabalhava até meia-noite, 11 horas. Então quando você ia auferir frequência às vezes tinha uma festa lá em Araraquara, um baile lá, e a rádio ficava transmitido lá até tarde. Então você tinha que esperar aquela emissora parar a transmissão do baile lá para poder depois te escutar, senão eles não te ouviam. Tinha vez que a gente amanhecia lá na rádio, todo mês tinha. O cara colocava uma frequência que você escutava, ele usava onda curta, aí ele falava: - Tá com tanto, tá com tanto. - Aí você tinha que ir lá no transmissor e dar um toquezinho. E ele falava se era para a direita ou se era para a esquerda. A ponta da agulha era só um tiquezinho bem pequenininho, por que tinha um parafuso para você ajustar lá. Às vezes passava, tinha que voltar. Às vezes tinha problema no cristal aí você tinha que desmontar ele, limpar, senão não conseguia auferir (informação verbal)⁵⁸.

Ao observar o processo de instalação da rádio Anhanguera de Goiânia podemos perceber que só depois da licença expedida pela ZZZP2 é que uma emissora poderia deixar de funcionar em caráter experimental.

A Rádio Anhanguera deverá funcionar em caráter experimental mais 20 dias ficando na expectativa do chamado de Z-Z-P-2 – Serviço de Verificação de Emissões Rádio Elétrica⁵⁹, – para então, se estiver tudo ‘ok’, receber a licença em definitivo e daí mais alguns dias receber os prefixos. Até lá, vamos ouvir as transmissões experimentais (*NOVA CAPITAL*, 28 set. 1955).

Esse processo é parte da história das emissoras edificadas em Goiás. Integra um processo alavancado pelo Estado com o intuito de controlar a comunicação radiofônica. Por

⁵⁷ Segundo Japur (2009), a aferição de frequência pela ZZZP2 em emissoras do eixo Rio-São Paulo é realizada de seis em seis meses e em alguns casos em períodos maiores.

⁵⁸ Bezinho, op. cit.

⁵⁹ Na verdade, trata-se do “Centro de Controle de Emissões Radiofônicas e Radielétricas”.

este motivo são poucas as pessoas que tiveram a primazia de sua utilização. Mas quem são elas?

1.4. Os pioneiros do rádio em Goiás entre 1950 e 1964.

São inúmeros os teóricos da comunicação que defendem a ideia “que quem detém a comunicação, detém o poder” (GUARESCHI, 1991, p. 14). Isso nos oferece outra explicação sobre as inumeráveis estratégias criadas pelo Estado para o seu controle. Daí emergiu a hipótese que os criadores de emissoras de rádio naquele período mantinham algum laço de proximidade com agentes estatais ou, por outro lado, o integrava. Podemos ainda levantar duas questões: 1. Desfrutavam de um elevado poder aquisitivo, uma vez que os equipamentos e aparelhagens necessárias para a montagem de uma emissora eram muito caros; 2. Apesar do Estado, havia a possibilidade de um curioso ou um amante da comunicação se apropriar e/ou utilizar de transmissores de rádio, alguém que estava distante dos quadros privilegiados e fosse destituído de condições financeiras. São estas as questões que buscaremos responder neste tópico.

No ano de 1950, surge a RBC em Goiânia. Obra do então governador de Goiás Jerônimo Coimbra Bueno e seu irmão Abelardo Coimbra Bueno. A sua criação deve os préstimos a Francisco Pimenta Neto, que na década anterior, estabelece residência em Goiás como representante e redator do DIP, e, neste contexto, acaba se tornando em uma espécie de *think tank* de Coimbra Bueno.

Em entrevista à Associação Goiana de Imprensa, Pimenta Neto afirma que na época Coimbra Bueno vivia um momento de turbulência de seu governo, e então sugere a ele que criasse uma emissora rádio. É o que pensa para divulgá-lo na tentativa de amenizar as suas preocupações. O governador aprova a ideia, e logo depois Pimenta Neto se encarrega de efetivá-la. Pimenta Neto cria uma sociedade com uma escritura avaliada em 1.000 contos.

Ele alcança sucesso nos procedimentos exigidos pelo Estado e o projeto se efetiva na criação da RBC. Na inauguração desta emissora “[...] verificou-se o desfile de todo o *cast*⁶⁰ de artistas exclusivos da ZYX9 – Rádio Brasil Central, sendo aberto pela notável pianista, Sra. Amélia Brandão” (*O ANÁPOLIS*, 9 mar. 1950). Discutirei a RBC mais detalhadamente no sexto tópico deste capítulo. O que importa aqui é conhecer estes autores.

Após a RBC é a vez de Geraldo Motta Batista fundar a rádio Difusora na cidade de Itumbiara, em julho de 1955, a sétima emissora do Estado. Segundo Santos (2009), ele é

⁶⁰ Termo utilizado por radialistas para se referir ao conjunto de profissionais de uma emissora.

eleito prefeito de Uberlândia em 1958 e neste período já se apresentava como Geraldo Ladeira:

[...] (cujo apelido se deve à semelhança deste com o apresentador César Ladeira, da Rádio Nacional do Rio de Janeiro). Temos na documentação pesquisada seu nome descrito de diversas formas: ‘Geraldo Motta Baptista, Geraldo Motta Batista, Geraldo Mota Baptista’ e outras variações possíveis (SANTOS, 2009, p. 48).

Geraldo Ladeira nasce em Campinas/SP e muda-se para Uberlândia onde constitui matrimônio e estabelece-se como empresário e político⁶¹. Santos (2009) observa que ele cria uma rede de emissoras radiofônicas. Seu “[...] acesso aos meios de comunicação justifica sua entronização na vida pública local, restrita até então aos setores tradicionais e conservadores da sociedade uberlandense”⁶².

Geraldo Ladeira não restringe sua atuação pública através do rádio só em Uberlândia. Na década de 1950, cria outras três emissoras no Estado de Goiás. Todas elas batizadas com o mesmo nome. Além da rádio Difusora de Itumbiara em 1955, citada anteriormente, erige a rádio Difusora de Jataí em 1957 e a Difusora de Rio Verde⁶³ em 1958.

Pertencendo anteriormente ao quadro político do PSD (Partido Social Democrático), ao qual também pertencia o então presidente Juscelino Kubistchek de Oliveira, obteve com facilidade as concessões necessárias para ampliação de sua rede de emissoras (SANTOS, 2009, p. 48).

Os trâmites para a aquisição da concessão das três emissoras não apresentaram muitas dificuldades para Ladeira. Segundo artigo publicado pelo DOU a Difusora de Itumbiara teve o ato de outorga efetivado pela portaria nº 1.031 de 3 de novembro de 1954. Sete meses depois, no entanto, é levada ao ar.

Já a outorga da rádio Difusora de Jataí é publicada pelo DOU, conforme portaria do MVOP nº 885, em 21 de outubro de 1955, contudo só é colocada no ar em caráter experimental em fevereiro de 1957:

[...] inaugurada, oficialmente em 1958 com a presença do Presidente da República Juscelino Kubitschek de Oliveira. Solón de França foi convidado para trabalhar na emissora que funcionou inicialmente na Av. Brasil, residência do Sr. Alan-Kardec Rezende (hoje Boutique Bemposta), onde funcionou durante um ano. Em seguida, mudou para o prédio do Sr. Elias

⁶¹ Ibidem, 2005, p. 42.

⁶² Regma Santos, 2009, p. 35.

⁶³ Antônio Edson lembra-se que a Difusora de Rio Verde “[...] funcionou muitos anos. Desde a abertura ela se manteve ali na Praça 5 de Agosto, onde hoje funciona a agência da Receita Federal. Ela funcionava no segundo andar, era o térreo e o primeiro andar, da Casa Rádio, do seu Nísio Jaime de Gusmão”.

Turco, na mesma Avenida Brasil esquina com a Rua Santa Catarina, 1º andar em cima da Drogaria Leal, época em que foi inaugurada por Juscelino Kubitschek. Neste local, ficou por seis meses de onde transferiu a sede para a mesma avenida nº 615, no prédio do Sr. José Direito (José Furtado de Castro). Neste local funcionou mais três anos, de 1958 a 1961. Mais tarde, a Rádio Difusora Brasileira funcionou por alguns meses no prédio do Sr. Luiz Scarpeli na Av. Goiás esquina com a Rua José Carvalho Bastos e, em 1962, mudou-se definitivamente para a Rua José Carvalho Bastos, 542, onde permanece até os dias atuais (ASSIS, 1991, p. 431).

A rádio Difusora de Rio Verde⁶⁴ recebe a outorga para a liberação da concessão pela Portaria nº 647, em 6 de novembro de 1958. Segundo afirmou Durley Montalvão (informação verbal)⁶⁵, a sua inauguração ocorre um mês depois.

Após a Difusora de Itumbiara, em 1955, é efetivada a rádio Anhanguera em Goiânia, obra do então governador José Ludovico de Almeida. A emissora é nomeada neste período como “Rádio Anhanguera, Difusora e Televisora S.A.”. Para a sua fundação José Ludovico firma um contrato com a Indústria Brasileira de eletricidade S/A e Philips “[...] para a entrega dentro de dois meses, de todo o aparelhamento necessário, transmissoras e demais instalações técnicas” (*O POPULAR*, 13 jan. 1953).

Organiza também uma sociedade com 60 pessoas, entre elas Pedro Ludovico Teixeira, José Ludovico, Jonas Duarte, Taciano Gomes de Melo, Sinfrônio Martins e Dario Cardoso. Para dar encaminhamento aos trâmites para sua instalação constitui uma diretoria, formada por Manoel Martins (diretor-presidente), Francisco Ludovico de Almeida (vice-presidente), Jaime Câmara (secretário) e Vicente Carvalho (gerente). O próprio Francisco Ludovico dá mais detalhes sobre esta sociedade.

Fizemos um levantamento dentro do PSD antigo, e foi vendido várias ações a muitos pessedistas do interior. Quer dizer, e meu pai juntamente com Pedro Ludovico naquela parte viviam todos juntos, e organizamos uma empresa e compramos a rádio e botamos pra funcionar (informação verbal)⁶⁶.

⁶⁴ As pessoas com quem conversei sobre essa emissora afirmam que ela foi inaugurada em 1951. Mas apresentam dúvidas sobre esta data. Francisco de Paula Mesquita informa esta data em seu artigo “O advento do rádio rio-verdense” (*JORNAL SUDOESTE*, 2012). Continuando com a investigação encontrei-me com Oscar Cunha Neto, escritor e residente em Rio Verde, autor de vários livros, entre eles “Rio Verde apontamentos para a sua história”. Ele afirma ter sido o responsável pela delimitação dessa data. No entanto, não sabe precisar de onde retirou essa informação. Para que as dúvidas pudessem ser resolvidas procurei por alguma documentação na prefeitura da cidade que se relacionasse com a fundação da emissora. Aí encontrei um documento que informa que em 30 de maio de 1957 a prefeitura de Rio Verde faz a doação de uma área de terreno com 100 mil metros quadrados no bairro Jardim Goiás, entre as ruas Douradinho, Goiânia, 14 e 15-A. A área é destinada à instalação do transmissor da emissora. Esse documento nos mostra que em 1957 a emissora ainda estava na fase de instalação de seus transmissores.

⁶⁵ Op. cit.

⁶⁶ Francisco Ludovico Teixeira em depoimento ao documentário “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, de 2008.

Na manhã de 27 de setembro de 1955⁶⁷, a emissora dos “dois andares”, como era conhecida, começa a operar em caráter experimental (*O POPULAR*, 27 set. 1955), momento em que “[...] o locutor Moraes César anuncia as frequências da nova emissora, e solicita que os ouvintes telefonem informando como estavam recebendo as transmissões em caráter experimental” (*NOVA CAPITAL*, 28 set. 1955). A data de sua inauguração oficial foi uma escolha do então governador José Ludovico de Almeida, “[...] que desejou homenagear o senador Pedro Ludovico Teixeira, cujo aniversário natalício transcorreu naquela data [23 de outubro de 1955]”.

Após a benção nas instalações daquela nova emissora goiana, ato realizado por Dom Abel Ribeiro Camelo, teve lugar a inauguração dos dois transmissores de ondas curtas e médias com a participação de seus paraninfos, senador Pedro Ludovico Teixeira e governador José Ludovico de Almeida, após a apresentação da peça ‘Um Jardim de Pedra e Cal’, que foi dedicada ao senador Pedro Ludovico Teixeira, que se manifestou bastante grato ante a homenagem recebida. A peça que foi interpretada pelo próprio autor e o rádio-ator Albérico Pôrto foi de grande sucesso e as pessoas presentes não deixaram de aplaudí-la⁶⁸ (*O POPULAR*, 28 out. 1955).

No mesmo ano José Chaud (conhecido como Zuca) funda a rádio Cultural na cidade de Catalão. Zuca é filho de Miguel Antônio Chaud e Cauqueb, imigrantes árabes que se instalaram na cidade de Catalão. Para Zuca o processo de fundação de uma emissora apresenta mais dificuldades, pois, não domina nenhuma habilidade do trabalho radiofônico e não tem noção dos procedimentos legais para instituir uma emissora de rádio. Ele recorre à emissora PRJ3 de Araguari e contrata o radialista Walter Cançado para lhe auxiliar em seu projeto: “Então nós fomos organizando e demorou um bom período isso aí, digamos assim uns quatro meses, foi quando nós iniciamos então, os requerimentos para o ministério” (informação verbal)⁶⁹.

Em 28 de outubro de 1955, a outorga de autorização da concessão é publicada pelo DOU. Segundo Walter Cançado e David Nahas⁷⁰ a inauguração da emissora foi rápida e ocorreu no mesmo ano: “Então foi aprovada, nós recebemos o prefixo, na época da emissora

⁶⁷ A equipe inicial da emissora conta com Moraes Cesar, Selém Domingues, Nina Rosa, Ivo de Mello, Josafá Nascimento, Maria José (*NOVA CAPITAL*, 2 set. 1955), Walfrido de Gramont, Carneiro Filho, Albérico Porto, Liliam May, Lívia Orsini, Vera Lúcia, Maria Helena, Ruth Muller, Maria Martins e Sônia Maria (*O POPULAR*, 28 out. 1955).

⁶⁸ O programa “Ouvindo e Aprendendo” é produzido nesta época por Lena Castelo Branco, Antônio Gregório e Selma Regina (*NOVA CAPITAL*, 26 nov. 1955).

⁶⁹ Walter Cançado, op. cit.

⁷⁰ Foi sonoplasta da rádio Cultura de Catalão e trabalhou na emissora até 1962.

aqui, rádio Cultura de Catalão, recebeu o prefixo ZYW-33, foi o prefixo inicial, e não era provisório, já era um prefixo definitivo que depois foi reformulado” (informação verbal)⁷¹.

Dois anos após a fundação da rádio Cultura de Catalão, é criada a rádio Difusora em Goiânia, obra dos empresários Omar Barbosa⁷² e Paulo de Castro. A emissora é instalada:

Na esquina da Avenida 24 de outubro com a Rua Geraldo Ney, no prédio do antigo Cine Tocantins. A Praça Joaquim Lúcio marcava o final da avenida, mas já contava com o tradicional Cartório Antônio Prado, o Palace Hotel, e outras casas comerciais (REDENTORISTAS, 2007, p. 9).

Em janeiro de 1957, é colocada para funcionar em caráter experimental. Neste período, os seus transmissores apresentaram problemas. Omar Babosa recorre a Bezinho, o único técnico que havia em Goiânia, para pedir a ele que o socorresse nos reparos necessários para proceder com a oficialização de sua inauguração. Bezinho dá mais detalhes sobre este processo.

[...] A Rádio quem montou ela foi o Paulo de Castro, lá de Uberlândia. Botou a Rádio para funcionar aqui e foi embora, em caráter experimental. E deixou um sobrinho dele tomando conta da Rádio. A Rádio ficou aí. Ele montou ela no mês de janeiro, janeiro de 57. [...] Então, quando foi no mês de fevereiro, dia 17 de fevereiro, eu estava lá na minha oficina, a oficina era lá em Campinas, e chegou um rapaz que era parente da minha mãe. Me apresentou esse Omar, que era o dono, que tava tomando conta da Rádio. Aí ele falou:

- Olha, eu vim aqui porque o Paulo montou a rádio aí, e a rádio deu um defeito. Você podia olhar para mim lá... (informação verbal)⁷³.

A Difusora de Goiânia é registrada em projeto com o nome “rádio Brasília”. Porém, seu nome é alterado por seus fundadores antes de ser inaugurada: “A rádio Brasília, ocupando a parte superior do prédio onde funcionou o Cine Tocantins, passou a denominar-se rádio Difusora de Campinas” (*DIÁRIO DA TARDE*, 20 nov. 1956).

A montagem e direção técnica estão a cargo dos srs. Omar Barbosa e Paulo de Castro [...] Falando-nos a respeito da mudança de Rádio Brasília para Rádio Difusora de Campinas, esclareceu nosso informante que Campinas seria homenageada com o nome de Rádio, pois esta seria fundada em Goiânia, mas como já existiam na cidade três estações, foi ela para Campinas⁷⁴.

⁷¹ Walter Cançado, op. cit.

⁷² Em janeiro de 1959, *O Popular* publica uma nota informando que Omar Barbosa assume a direção da RBC em substituição a Sílvio Medeiros.

⁷³ Bezinho, op. cit.

⁷⁴ *Ibidem*, 4 fev. 1957.

Posteriormente, o nome da emissora é novamente alterado. Segundo Claudino da Silveira⁷⁵ “Quando Dom Fernando resolveu comprar a emissora, esteve em uma reunião com os funcionários aqui, então, passou a Difusora a pertencer à Arquidiocese de Goiânia, mudando o nome para a rádio Difusora de Goiânia, isso em 1959”. A inauguração oficial só veio a ocorrer no dia 9 de março de 1957.

O bairro de Campinas vibrou de entusiasmo dia 9 passado, quando da inauguração da esperada Rádio Difusora Campinas de Goiânia. Enorme massa popular ocorreu às dependências do sobrado da Praça Joaquim Lúcio, a fim de assistir às solenidades do segundo ato da inauguração da ZYW-27 (*DIÁRIO DA TARDE*, 12 mar. 1957).

Nesse mesmo ano, o radialista Osvaldo Bernardes cria uma sociedade para a instalação da rádio Cultura de Anápolis, integrada por ele, Afonso Fraga, Álvaro Fraga e Lourival Bernardes. Osvaldo Bernardes estava atuando como diretor da rádio Carajá desta cidade e deixa a emissora para dedicar a um projeto de radiodifusão em que é um dos proprietários.

O sr. Osvaldo Bernardes, que já providenciou a compra de todo o equipamento necessário para a instalação da referida emissora, que terá o nome de Rádio Cultura de Anápolis Ltda., exibiu-nos uma carta da Indústria Brasileira de Eletronica S/A, de São Paulo, a qual lhe comunicava que seu pedido obteve informação favorável da comissão Técnica de Rádio (*O ANÁPOLIS*, 7 mar. 1957).

Nesse período, havia apenas a rádio Carajá em Anápolis, pois a Amplificadora Cultural de Abelardo Velasco já havia sido desativada. A Cultura, portanto, passa a ser a segunda emissora em atividade nesta cidade. Segundo publicações de *O Anápolis* a Cultura é inaugurada no final de janeiro de 1958⁷⁶. Em abril de 1959, sua propriedade passa para os irmãos Lourenço Dias (Adahil, Benedito e Wilson) filhos do então falecido senador José Lourenço Dias (*O ANÁPOLIS*, 30 abr. 1959).

⁷⁵ Locutor. Integrou sua equipe ao lado de Jorge Martins, Aparecida de Castro, Delly Vieira, Brazão etc. (*DIÁRIO DA TARDE*, 6 dez. 1957). Depoimento ao documentário “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, de 2008.

⁷⁶ Informações truncadas a respeito de datas sobre emissoras que surgiam foi uma constante na pesquisa. Em relação à rádio Cultura, por exemplo, no livro “Anápolis em Tempo de Música”, de Paulo Nunes Batista e Jarbas de Oliveira, há um capítulo no qual abordam as emissoras de rádio de Anápolis. Nesse texto, afirmam que “[...] a rádio Cultura entrou no ar em 1963 operando na frequência de 1030 kHz. Seu prefixo era ZYW-29 e seus fundadores, Afonso Fraga, Álvaro Catarino Fraga e Osvaldo Bernardes” (BATISTA; OLIVEIRA, 1993, p. 127). Há, no entanto, outras informações publicadas em livros que trazem a informação de que esta emissora teria começado suas atividades em 1958. O jornal *O Centenário* de 2005, por exemplo, publica um artigo escrito por José Cunha Gonçalves sobre a “História dos Meios de Comunicação em Anápolis” onde afirma que “[...] em 1958, a Rádio Cultura começa as suas atividades, fundada por Afonso Fraga, Álvaro Fraga e Osvaldo Bernardes. A rádio Cultura instalou-se inicialmente na Rua Barão do Rio Branco, entre as ruas Engenheiro Portela e 15 de dezembro” (GONÇALVES, 2005).

No ano seguinte, os fundadores da rádio Cultura de Anápolis fazem o pedido de outra concessão, com o objetivo de instalar uma nova emissora na cidade de Ceres com o mesmo nome.

Tendo em vista o Parecer nº 558, de 7 de outubro de 1959, da Rádio, e o que consta no Processo nº 1.582-61, da mesma Comissão, resolve autorizar a Rádio Cultura de Anápolis Limitada, a usar a denominação de Rádio Cultura de Ceres nas transmissões de sua estação radiodifusora instalada na Cidade de Ceres, Estado de Goiás (DOU, 1961).

A emissora é inaugurada antes mesmo de a autorização estatal ser liberada e utiliza o prefixo “A Voz do Novo Brasil”. A direção é entregue a Álvaro e Afonso Fraga e sua supervisão a Paulo Moreno. Os transmissores estavam à beira do Rio das Almas “[...] e os estúdios montados em frente ao Cine Vera Cruz, na praça Raul Zelaya” (*O ANÁPOLIS*, 13 ago. 1959).

A aparelhagem da rádio Cultura foi adquirida em São Paulo e uma parte no Rio de Janeiro. Segundo João Evangelista (Figura 5), sonoplasta nessa emissora na década de 1960, a aquisição da concessão contou ainda com influências políticas de Domingos Mendes da Silva (Doutor Domingos, como era conhecido). Nesta época, Domingos pratica a medicina na região e em decorrência disto conquista uma relevante expressão política no Vale do São Patrício. João Evangelista relatou que:



Figura 5 – Radialistas no Estúdio da rádio Cultura de Ceres. José Patrício, João Evangelista, João Pires (ao fundo), Miguel e Francisco Mendes, 1960.
Fonte: Arquivo pessoal de João Evangelista.

A concessão dela tinha saído pra Anápolis e o doutor Domingos na época, como ele foi um dos fundadores de Ceres, pioneiro, primeiro prefeito, deputado estadual, então ele tinha uma força política muito grande aqui dentro da cidade. Então, politicamente, ele conseguiu. A concessão saiu pra Anápolis e ele conseguiu trazer essa concessão da rádio Cultura pra Ceres (informação verbal)⁷⁷.

Ainda no mês de janeiro de 1958, o jornal *O Anápolis* divulga notícias da quarta emissora que estava sendo preparada para ir ao ar na cidade de Anápolis, a rádio Imprensa.

Esteve em dias desta semana na cidade um dos organizadores da Rádio Imprensa. Segundo se apurou, a referida rádio que já tem portaria concedendo licença, deverá estar funcionando dentro de seis meses. O ano

⁷⁷ João Evangelista. Sonoplasta na rádio Cultura de Ceres na década de 1960. Entrevista realizada em dezembro de 2012.

de 1.958, parece, será o ano de inauguração de rádios em Anápolis. São várias que estão a caminho (*O ANÁPOLIS*, 30 jan. 1958).

A liberação da concessão dessa emissora é autorizada pelo Estado em 27 de janeiro de 1958. Depois de aproximadamente um ano e dois meses é colocada para operar em caráter experimental. A sua direção estava a cargo de “[...] João Asmar, e a programação entregue a Laudo Cury” (*DIÁRIO DA TARDE*, 4 mar. 1959).

A emissora começa suas atividades com o “[...] prefixo ZYW-31 transmitindo em onda média na frequência de 1550 khz” (BATISTA; OLIVEIRA, 1993, p. 127). Segundo José Cunha Gonçalves, sua inauguração oficial ocorre no dia 31 de julho de 1959. Já a fundação da emissora deve-se a “[...] uma senhora chamada Anna Khoury. Ela tinha inclusive rádio em Cuiabá” (informação verbal)⁷⁸, que neste momento apresenta-se como uma “[...] conhecida milionária paulista que é também proprietária e fundadora das rádios ‘El Dourado’ e ‘Imprensa’, ambas do Rio de Janeiro” (*O POPULAR*, 19 dez. 1958).

A influência de Anna Khoury no meio da comunicação radiofônica no Brasil é uma marca de sua história. Segundo Pacelli (2013), pode ser considerada como o equivalente feminino de Roquete Pinto:

[...] e símbolo da luta de emancipação do universo feminino. (A história da radiodifusão no Brasil pode-se dizer, está dividida em duas etapas: antes e depois de Anna Khoury). Carioca, era casada com Michel Khoury, um notável criador de peças em metais preciosos. Depois de ter desenvolvido seu papel de esposa e mãe, decidiu realizar o sonho que alimentava desde a infância: ser dona de uma emissora de Rádio.

Anna Khoury também tomou para si a responsabilidade de intermediar a relação do Brasil com outros países no campo da comunicação, mais especificamente entre Bolívia, Paraguai e Argentina (DUARTE, 2008). Visando ampliar sua relação com o rádio, Anna Khoury resolve caminhar para o centro do país. Com esse objetivo “[...] ela veio e fundou essa rádio e ficou até 1964 quando o doutor Henrique Fanstone, que era esse médico muito conceituado em Anápolis, candidatou a prefeito da cidade, aí ele comprou a rádio” (informação verbal)⁷⁹.

A proprietária, dona Anna Khoury, do grupo Eldorado do Rio de Janeiro, não tava muito interessada, enfim, morava no Rio e a emissora desandou. Chegou a um ponto crítico de que, tecnicamente, artisticamente, se anulou

⁷⁸ Segundo diretor da rádio Imprensa de Anápolis. Inicia suas atividades nessa emissora em abril de 1960. Entrevista realizada em janeiro de 2012.

⁷⁹ José Gonçalves, op. cit.

praticamente. Então o grupo do Henrique Fanstone foi e adquiriu dela o acervo e recomeçou tudo (informação verbal)⁸⁰.

Anápolis amplia ainda mais a sua relação com o rádio no final de 1959. Fernando Cunha Júnior e Plínio Jaime, que atuam neste momento na rádio Carajá, resolvem fundar uma emissora e decidem nomeá-la de rádio Santana. Neste momento, Plínio Jaime ocupa um lugar no legislativo do Estado e sua posição na arena política acaba favorecendo a fundação da emissora.

Plínio que era o sócio majoritário, o Fernando que era sócio menor. Tinha o irmão do Plínio também que era sócio da rádio Carajá, eles fundaram a rádio Santana. É esse esquema, pediram a concessão, usaram politicamente um deputado lá da região de Anápolis e ganharam a concessão (informação verbal)⁸¹.

A inauguração da rádio Santana é efetivada com uma grande festa e ocorre em 6 de dezembro de 1959.

Inaugurou-se festivamente, domingo último, às 16 horas, à Rua Xavier Curado 111, a Rádio Santana Limitada, com moderníssimas instalações. À oportunidade fizeram-se ouvir vários oradores, comparecendo figuras representativas da sociedade e do comércio local. Falou em primeiro lugar o deputado Plínio A. Gonzaga Jaime, Diretor Presidente da nova emissora, dizendo das finalidades da Rádio Santana Ltda. Em seguida, usou da palavra o dep. Luiz Fernando, que se congratulou com o povo anapolino e com a direção da Santana pela inauguração de mais um órgão de divulgação e cultura em Anápolis. Finalmente, o prefeito Heli Alves Ferreira teve palavras de elogio pelo notável acontecimento (*O ANÁPOLIS*, 9 dez. 1959).

Segundo Fernando Cunha Júnior⁸², ele e seu sócio desistem da emissora e vendem sua concessão para os frades franciscanos em 1962. Desde então ela passa a se chamar rádio São Francisco. Enquanto a emissora manteve-se sob o comando de ambos, compartilhou o espaço e o conjunto de elementos técnicos utilizados pela rádio Carajá. Até mesmo os locutores dividiam o trabalho entre as duas emissoras.

A rádio Santana era um estúdio ao lado do estúdio da rádio Carajá. Os estúdios eram paralelos. Então era a mesma discoteca, tudo era compartilhado. Custo zero. Então nós era locutor na rádio Carajá, locutor na rádio Santana. Só que a Carajá tinha bastante potência. Na época a rádio Carajá tinha, vamos supor, 1.000 watts, a Santana tinha 250, era local. Aí, quando os padres compraram eles mudaram o estúdio da rádio pra rua de frente a casa do Achilles de Pina, aquele coronel de Anápolis lá... Acho que é

⁸⁰ Walter Caçado, op. cit., 2007.

⁸¹ Valdir Morgado, op. cit.

⁸² Locutor, redator e diretor-presidente da rádio Carajá na década de 1950 e 1960. Fundador, juntamente com Plínio Jaime, da rádio Santana de Anápolis. Entrevista realizada em maio de 2007.

a rua Achilles de Pina hoje. Eles alugaram uma casa lá e aí mudou tudo (informação verbal)⁸³.

A emissora é transferida posteriormente para a Rua Coronel Achilles de Pina e manteve sua distinção através de seu prefixo, a de ser “A voz da família goiana” (informação verbal)⁸⁴.

No ano seguinte, Inhumas estava em festa com a chegada da rádio Jornal. Essa emissora é obra de Lúzio de Freitas Borges e Manoel Basílio. Lúzio de Freitas é reconhecido na cidade por ser sobrinho do primeiro prefeito de Goiânia, Venerando de Freitas Borges, e Manoel Basílio por ser um radialista de emissoras de Goiânia. Manoel Basílio começa a trabalhar em rádio em 1951, e aprofunda sua experiência com a radiodifusão em Goiânia:

Em 1951, fui trabalhar na rádio Aparecida do Estado de São Paulo através dos padres Redentoristas. Em 1952, voltei para Goiânia e fui trabalhar na rádio Clube dos Diários Associados e também rádio Anhanguera até 1960. Mas nesse tempo sempre fiquei ligado à cidade de Inhumas, que conheci através do amigo Lúzio de Freitas Borges. O conheci em Campinas por volta de 1950, ele nos ajudava na animação das festas Religiosas da Paróquia da Matriz de Campinas (informação verbal)⁸⁵.

Ainda em 1952, esboça as primeiras linhas de um projeto para criar uma emissora. Recebe o apoio de Luzio de Freitas e prossegue com a ideia. Em 1957, constitui uma “[...] empresa para dar o pontapé inicial para fundar a rádio Jornal, já que as exigências eram grandes em termos de documentação” (informação verbal)⁸⁶. Uma sociedade é formada por Luiz Gonzaga Fleury, Jorge Antônio Fernandes e Nelson Henrique Rocha. Com o auxílio de Paulo de Castro, que já havia criado a rádio Difusora de Goiânia, organiza o restante da documentação necessária e envia ao Rio de Janeiro a solicitação de uma concessão para Inhumas.

Manoel Basílio ressalta que criar uma emissora de rádio naquele período era um processo demorado, porque na época “[...] era preciso tirar uma licença no Rio de Janeiro, na CTR”. Por outro lado, o apoio de políticos colocava-se como um elemento que também ajudava nos trâmites com o Estado. No entanto, apesar da proximidade parental de Luzio de Freitas com Venerando de Freitas Borges, neste momento não desfrutaram de um respaldo político que pudesse dar garantia de que teriam facilidade de ir por diante.

⁸³ Valdir Morgado, op. cit..

⁸⁴ José da Cunha Gonçalves, op. cit.

⁸⁵ Manoel Basílio, op. cit.

⁸⁶ Manoel Basílio, op. cit.

Por este motivo, buscaram criar estratégias para mobilizar pessoas para ajudar no projeto de se criar uma rádio em Inhumas: “Nesse tempo já com a ideia de fundar uma rádio em Inhumas fundei o jornal A Tribuna em 1954 para ajudar na concretização da ideia rádio Jornal. O Jornal ajudou na divulgação da nossa ideia para a população e políticos de Inhumas” (informação verbal)⁸⁷. Em 3 de maio de 1958, começam a publicar o jornal. Em seu primeiro número divulgam uma coluna com o título: “Inhumas terá uma estação de rádio”.

Seguindo as inovações cabíveis num município em que tudo é progresso, Inhumas marcha para a aquisição de uma Estação Rádio Transmissora, lacuna que há longo tempo vinha sendo sentida pelo povo inhumense. A nova Estação a ser instalada em nosso município receberá o nome de ‘Rádio Jornal de Inhumas’ (A *TRIBUNA*, 3 mai. 1958).

A estratégia estava dando certo, pois recebem “[...] através do saudoso Elpídio Brandão e de seu filho Nelito Brandão, o apoio irrestrito do deputado federal Anísio Rocha do Rio de Janeiro, então capital da República” (MIGUEL; MIGUEL; MIGUEL, 2003, p. 214).

Enquanto o Estado não emitia a resposta de seu pedido, Manoel Basílio e Lúzio de Freitas corriam atrás dos equipamentos e montagem da emissora. Em São Paulo adquirem uma aparelhagem e em janeiro de 1959 dão notícias de que uma parte dela havia chegado a Goiânia.

Acaba de chegar a Goiânia parte dos materiais destinados à montagem da Rádio Jornal de Inhumas, contando de mesa de som, altos-transformadores, pedestais etc., estando o nosso diretor, sr. Manoel Basílio, providenciando a aquisição do restante do material (A *TRIBUNA*, 2ª quinzena jan. 1959).

Ainda em janeiro deste ano, eles conseguem a doação do terreno para a montagem da antena e do transmissor, fato que se deu em uma sessão extraordinária da Câmara Municipal, que neste momento está sob a presidência do vereador Manoel Luiz Brandão. No mês seguinte iniciam a construção do prédio para a montagem dos equipamentos.

Todos os esforços gastos no projeto foram bem sucedidos. A concessão é liberada em 1960. No dia 19 de junho daquele ano, eles conseguem finalmente efetivar a inauguração da rádio Jornal de Inhumas.

A rádio foi inaugurada com uma grande programação de auditório. Quem inaugurou foi o Fued Nassif, que tinha nome muito grande em Goiânia. Levou o ônibus cheio de artistas e fizemos uma programação o dia inteiro, foi feita no Cine Flórida. Depois tivemos programas de auditório para as crianças, tivemos modas de violeiros. Tivemos alguns programas de

⁸⁷ Venerando de Freitas Borges, op. cit..

auditório, mas o espaço era pequeno e cabia poucas pessoas no auditório (informação verbal)⁸⁸.

E foi assim:

[...] driblando as dificuldades inerentes à falta de experiência e ao descaso político daqueles que deliberavam sobre as concessões, que os pioneiros do rádio inhumense foram vencendo etapas. A persistência iniciou-se no dia 5 de março de 1957, quando foi lavrada a escritura pública que criou a Rádio Jornal de Inhumas Ltda. Até sua primeira transmissão experimental, em 19 de março de 1960, os sócios tiveram que se submeter a empréstimos financeiros e a equipamentos quase sucateados (SILVA, 2001).

Manoel Basílio enfatiza que o nome da emissora foi sugerido pelo radialista Francisco Koslowski, sendo, portanto nomeada de rádio Jornal de Inhumas porque pretendiam ser uma empresa de rádio e jornal, uma organização que pudesse crescer (*apud* MIGUEL; MIGUEL; MIGUEL, 2013).

No mesmo ano em que a rádio Jornal de Inhumas é inaugurada, a rádio Educadora começa suas atividades na cidade de Goiandira, obra de Ledo Cecílio, um procurador aposentado do Estado (ARAÚJO, 2000). Arnaldo de Oliveira, que neste momento integra a equipe da emissora, afirma que Ledo era descendente de turco: “Tinha um cunhado dele que veio a ser prefeito. Eles eram daquela região mesmo. Ledo Cecílio era o nome dele” (informação verbal)⁸⁹.

A autorização da Comissão Técnica de Rádio para a instalação da rádio Educadora, segundo uma portaria publicada pelo DOU, é expedida em 17 de outubro de 1960. Vejamos:

PORTARIA Nº 492, DE 17 DE OUTUBRO DE 1960

O Ministro de Estado, atendendo ao que requereu a Rádio Educadora de Goiandira S. A., com sede na cidade de Goiandira, Estado de Goiás, e tendo em vista os pareceres ns. 485 e 814, de 22 de fevereiro e 9 de setembro de 1960, respectivamente, do Departamento dos Correios e Telégrafos, e 312, de 31 de maio do mesmo ano, da Comissão Técnica de Rádio, resolve autorizar a Rádio Educadora de Goiandira S. A. a instalar, a título precário, na cidade de Goiandira, Estado de Goiás, uma estação radiodifusora de ondas médias, com a potência de 200 watts, destinada a operar na frequência de 1.540 kc, em horário ilimitado.

A Sociedade fica obrigada a:

- a) elevar seu capital social para o mínimo de Cr\$ 1.000.000,00 dentro do prazo improrrogável de 90 dias; e
- b) submeter à aprovação deste Ministério, dentro dos prazos fixados nas alíneas r e s do § 1º do artigo 18 de Regulamento aprovado pelo Decreto nº 21.111, de 1º de março de 1932, a documentação nas mesmas referida.

⁸⁸ Ibidem.

⁸⁹ Arnaldo Oliveira. Locutor da rádio Educadora de Goiandira no início da década de 1960. Seu primeiro contato com a emissora ocorre quando ainda era ouvinte da emissora. Torna-se sonotécnico e logo depois locutor. Entrevista realizada em maio de 2012.

Ernani do Amaral Peixoto (Nº 36.296 — 17-10-60 — Cr\$ 122.40) (DOU, 22 out. 1960).

Nesta época, do ponto de vista estatal, as emissoras poderiam ser colocadas em atividade somente após a emissão da concessão e vistoria do local pelos técnicos representantes do Estado. Só depois é que se efetivava a liberação do prefixo, regulação de seus transmissores etc. Nesse sentido, considero que a rádio Educadora é colocada para operar em caráter experimental somente no final de 1960⁹⁰.

Apesar de Ledo Cecílio ser aposentado como funcionário do Estado, ele encontra muitas dificuldades para a instalação e manutenção da Educadora de Goiandira. Segundo Arnaldo Andrade de Oliveira, enquanto Ledo corria atrás da documentação solicitada pelo Ministério da Viação e Obras Públicas, manteve a Educadora em operação. Observa-se na citação anterior, que o Estado determina que Ledo elevasse o capital da emissora para Cr\$ 1.000.000,00 cruzeiros em um prazo de 90 dias e submetesse seu pedido posteriormente a uma nova averiguação do Ministério.

Ledo Cecílio, no entanto, mesmo na situação de procurador aposentado não desfrutava de influências políticas: “Naquela época, utilizava muito de pistolão. Então cê tinha que ter uma pessoa forte lá em cima, e o Ledo não tinha na época. Ele mesmo que batalhava, pedia um favor pra um, pra outro, e nunca saiu. Só ficou na autorização mesmo para funcionar” (informação verbal)⁹¹.

Acontece que Ledo Cecílio não considerou as exigências cobradas pelo Estado. E assim, em 13 de outubro de 1975, Ernesto Geisel publica o Decreto nº 76.428 cassando a autorização que permitia a Educadora operar. A partir daí a emissora passa a existir apenas na memória daqueles que a vivenciaram.

Em 1961, é fundada a rádio Alvorada de Rialma por José Pedro Rêgo. Ele elucida que a ideia de criar esta emissora surgiu de uma conversa com Afonso Fraga, um dos fundadores da rádio Cultura em Ceres. Afonso Fraga sugere a ele fazer a tentativa de enviar ao Estado um pedido de concessão para criar uma rádio em Rialma. Passa a Pedro Rêgo o contato de representantes dos órgãos no Rio de Janeiro responsáveis pelas solicitações de

⁹⁰ No livro “História da terra branca e outras coisas mais”, Vivaldo J. de Araújo retrata a memória de Goiandira e afirma que a rádio Educadora permanece em atividade entre os anos de 1956 e 1973. Essa data é reproduzida por todos aqueles que se referem à emissora. Se considerarmos o ano de 1956 a emissora pode ter funcionado quatro anos na ilegalidade. Não encontrei informações suficientes para fazer esta afirmação. Alguns dados, embora impreciso, da documentação apontam que ela tenha sido colocada em caráter experimental em 1960. Pelas imprecisões das informações verbais trabalho com esta data que foi retirada do DOU.

⁹¹ Arnaldo Andrade de Oliveira, op. cit.

concessões, e, assim, o incentiva. Ele então vai adiante com esta sugestão. Em 1957, inicia os trâmites para a fundação da rádio Alvorada de Rialma.

Eu telefonei pro Rio dizendo que eu queria fundar uma emissora aqui, aí eles mandaram uma informação dizendo que eu teria que requerer no Ministério de Viação e Obras Públicas. Aí, foi, eles mandaram o que tinha que fazer. Aí fui pro Rio e peguei algumas informações. Vim, tinha que ter sócio, aí fiz (informação verbal)⁹².

Pedro Rêgo agencia uma sociedade com seu cunhado Rosalvo Pereira da Silva e seu pai, Pedro Felinto Rêgo. Posteriormente, seu irmão Pedro Rêgo Filho assume a parte do pai. Enquanto os trâmites para a liberação da concessão estava percorrendo os bastidores do Estado, Pedro Rêgo procurava por orientações para fazer a compra dos equipamentos. Segundo ele, foi um processo cheio de percalços, mas conseguiu uma aparelhagem em São Paulo, “[...] era da PEBE – Produtos Eletrônicos Brasileiros. A marca do equipamento era Baiton” (informação verbal)⁹³.

Nesse período, José Rêgo mantém-se distante da política partidária, mas tem plena clareza que seu projeto futuro é o de ocupar a prefeitura da cidade. Por não ter envolvimento com a política de grupos partidários, ele acaba por encontrar muita dificuldade de continuar com seu projeto de fundar uma rádio. Mas, apesar disso, consegue superar os obstáculos, adquirir a concessão e inaugura sua emissora em 21 de setembro de 1961. Esta emissora assume um lugar de destaque na região como o principal meio de comunicação do Vale do São Patrício.

João Batista Freitas⁹⁴, contratado para fazer a sua inauguração, destaca que tiveram que adiar o evento, que estava programado para meados de junho de 1961. O fato foi que ocorreu um atraso na expedição da autorização para que a emissora pudesse funcionar oficialmente. Em agosto ocorre ainda a renúncia de Jânio Quadros à presidência do país e tiveram que esperar mais um pouco. Assim, por motivos capitais e impedidos de proceder com a sua inauguração, foram constrangidos a marcar para o dia 21 de setembro deste mesmo ano.

⁹² José Pedro Rêgo, op. cit.

⁹³ Ibidem.

⁹⁴ Primeiro locutor da rádio Alvorada de Rialma. Trabalha em várias emissoras de rádio em Goiânia na década de 1950 e em décadas posteriores. Atualmente, é piloto de avião. Na década de 1960, trabalha ao lado de “Jason de Souza, Jose de Souza Arantes, Onilton Galindo, Dejair Brito, José Camelo de Faria, Getúlio de Souza, Jacy Alves Guimarães, João Garcia, Sizenando Tzar, Elias Pereira, Pedro Antônio Pereira, Waldemar Lopes, Messias Rêgo, José Nunes, Aires Miguel Freitas e Manoel Oliveira (NEPOMUCENO, 2007, p. 178). Entrevista realizada em dezembro de 2012.

O atraso se deu porque a emissora não estava com os quesitos legais efetivados. A renúncia de Jânio Quadros não permitiu que os documentos legais para o funcionamento da emissora fosse emitidos. Por isso a emissora acabou atrasando a sua inauguração. Nós só conseguimos entrar no ar no dia 21 de setembro de 61 (informação verbal)⁹⁵.

Na fase experimental da rádio Alvorada o papel de João Batista se restringia a veicular música, anunciar as horas nos intervalos de uma a outra, saudar os ouvintes e divulgar informações de seu fundador. Nesse sentido, apresenta uma programação sem publicidades comerciais, conforme as normas estabelecidas pelo Estado.

A rádio Alvorada é a décima quarta emissora fundada em Goiás. Depois dela é criada a rádio Morrinhos em Morrinhos, obra de dois mineiros de Tupaciguara, como afirmou Correia (2008, p. 24):

Por iniciativa de dois proprietários de rádio em Tupaciguara, no estado de Minas Gerais, os senhores Aledo e Fauze Abidulmassih, iniciou-se o processo para instalação de uma rádio em Morrinhos. No dia 22 de novembro de 1963 começou a funcionar oficialmente a Rádio Morrinhos no último andar do pequeno edifício José Charill, à Rua Barão do Rio Branco.

Segundo Sebastião Silva⁹⁶ os fundadores da rádio Morrinhos são irmãos e proprietários, nesta época, de uma rede de emissoras de rádio em Tupaciguara/MG. Com a propriedade desta rede de emissoras eles se tornam reconhecidos no meio político e abrem caminho para a aquisição de uma nova concessão, com a qual dão origem à rádio Morrinhos.

Glênio Borges, que é convidado por eles para dirigir um programa, observa que os irmãos estavam mais preocupados com as emissoras de Tupaciguara do que com esta que haviam acabado de inaugurar. Em decorrência disso foram aos poucos vendendo suas ações para dois interessados que residem neste momento em Morrinhos, Valterli e José de Freitas. Logo:

[...] passaram a ser gerente aí daí emissora. E eles foram comprando destes sócios partidários, foi comprando as ações deles, foi comprando, até que atingiu a maioria e acabou comprando o resto, ficando sendo os dois, proprietários da rádio Morrinhos AM (informação verbal)⁹⁷.

Com a rádio Morrinhos encerra-se o ciclo de emissoras de rádio criadas em Goiás entre 1950 e 1964. Verificamos que grande parte dos agentes de sua história mantinha

⁹⁵ Ibidem.

⁹⁶ Forma uma dupla caipira em Morrinhos na cidade na década de 1950 com Palmeirinho e apresenta em programas da rádio Morrinhos. Acompanha a fundação da emissora e participou de vários de seus programas na década de 1960. Entrevista realizada em Morrinhos.

⁹⁷ Glênio Borges. Integra a primeira equipe de locutores da rádio Morrinhos da cidade de Morrinhos, inaugurada em novembro de 1963. Entrevista realizada em maio de 2012.

envolvimento com a política do Estado. Apesar de este limitar o número de emissoras e beneficiar algumas pessoas, houve espaço para entusiastas fazerem uso do rádio. Alguns deles não conseguiram permanecer por muito tempo em atividade, mas foi o suficiente para deixar seu rasto na história da radiofonia goiana. Prevaleceu o que José Cunha Gonçalves havia observado: “[...] naquela época as concessões eram mais políticas, não eram técnicas, eram políticas mesmo. Se tava de bem com o governo, arrumava uma rádio aqui, outra ali” (informação verbal)⁹⁸.

O alto preço dos equipamentos também impôs dificuldades para a criação de emissoras. Alguns dos protagonistas desta história tiveram que recorrer a familiares para conquistarem a almejada concessão, a exemplo do que fizeram os criadores da rádio Jornal de Inhumas, Alvorada de Rialma e Cultura de Ceres.

Em síntese, a criação de rádio em Goiás corresponde a duas questões fundamentais: a de ser obra de amantes da comunicação que buscavam no rádio um meio de satisfazer suas curiosidades com a novidade que representava, e a de atender a interesses políticos de grupo ligados ao Estado. Todo esse percurso histórico do rádio em Goiás, portanto, mantém uma estreita ligação com o processo de racionalização imprimida pela burocracia estatal em Goiás.

1.5. Goiás e o rádio: o cadinho onde se forja o futuro da nação.

Goiás é um Estado que está na periferia do capitalismo⁹⁹ em 1950. Problemas de diversos matizes dificultam a vida da população urbana e rural. O Estado, por sua vez, busca por estratégias para resolvê-los. O rádio, nascendo e buscando se desenvolver, se coloca ao seu lado. Neste contexto pode-se supor, portanto, que o rádio mantinha “[...] sua relação com a cultura mediada por um projeto estatal político de cultural de modernização” (HAUSSEN, 2004, p. 51). É uma hipótese a ser verificada.

Um movimento histórico pautado por um projeto de nação fazia-se sentir com mais intensidade neste período:

O projeto de nação originado no governo do presidente Getúlio Vargas e concluído no governo JK trouxe reflexos de grande importância para o

⁹⁸ José Cunha Gonçalves, op. cit.

⁹⁹ Esta noção de “periferia do capitalismo” é uma apropriação de SILVA (2010, p. 22), para o qual “[...] nos países da periferia, a herança pré-capitalista é muito pesada e resistente. Os processos de racionalização, como a intelectualização, a autonomização das esferas de valor e a ‘desmagificação’, são limitados ou subvertidos. O mercado, o capital, o trabalho assalariado e a ciência são forçados a conviver com formas de sociabilidade e de dominação, baseadas em personalismo, religiosidade e tradição, bastante resistentes. Tanto no seu aspecto socioeconômico – a modernização –, quanto na sua dimensão cultural – o modernismo –, a condição moderna na periferia tende a ser grosseira, devedora do modelo que toma e ao mesmo tempo lhe é imposto”.

desenvolvimento regional de Goiás. Assim, a imigração, a construção de Goiânia e de Brasília aliadas à abertura de novas rodovias consolidou a ideia de progresso dos vitoriosos da Revolução de 1930, qual seja: a do Estado como promotor do desenvolvimento, focado na infraestrutura (CORREIA, 2011, p. 54).

Não é uma tarefa fácil governar este Estado marcado pelo contraste entre a vida urbana e a vida no campo¹⁰⁰. Mas o rádio tornar-se-ia substancial para o desenvolvimento de Goiás. Integra as regiões interioranas à marcha do desenvolvimento. Torna-se a voz daqueles lugares esquecidos e silenciados. Assim como Eugênio Ayape concebe o livro e a imprensa, pode-se observar o mesmo do rádio em Goiás.

As nações seguem os rumos que os papeis impressos lhes indicam. Avançam, regridem e se tornam civilizadas ou selvagens à medida daquilo que lhes ensinam as folhas impressas. Já não dominam os reis e nem os chefes de Estado. Quem governa e domina agora é o livro, é o jornal. São eles os grandes motores da opinião, os que pacificam ou convulsionam, alegram ou entristecem, revolucionam ou acalmam as multidões (*apud JORNAL DE NOTÍCIAS*, 14 mai. 1959).

Goiás, no início da década de 1950, traz consigo as consequências do desenrolar da política desenvolvimentista que Getúlio Vargas empreendeu no país até meados da década de 1945. A política da Marcha para o Oeste fazia-se sentir. O Estado imprime ações para o desenvolvimento e estruturação urbana do Estado, contudo, não consegue atingir a todas as regiões da mesma forma. Alguns polos centrais se desenvolvem com mais rapidez como é o caso de Goiânia e de Anápolis.

Goiânia, nesta época, é a capital e o centro das atenções. Está ainda limitada e presa ao passado em decorrência do lugar que ocupa na periferia do capitalismo. Portanto, é preciso estruturá-la para fazer jus ao título que desfruta, e, fundamentalmente, para garantir a força necessária para o poder estatal promover o desenvolvimento do centro do país.

Em 1950, Goiás é governado por Jerônimo Coimbra Bueno, que assumira o poder do Estado em março de 1947. Em seu governo destaca um conjunto de obras que propiciam, embora limitado, o desenvolvimento do Estado. Entre elas:

A compra de 3.000 tourinhos da raça Gir, para melhoria do rebanho goiano; a reorganização da estrutura administrativa do Estado; a reorganização do Ministério Público; a construção de vários campos de aviação, nos municípios, e a melhora de setores do ensino estadual (NEIVA, 1989, p. 248).

¹⁰⁰ Esse contraste pode ser notado na intensificação da violência no campo. Ver (SOUZA, 2006).

Somam-se ainda outras medidas tomadas em direção ao estabelecimento de uma política agrária, como:

a) Lei do Fomento Agrícola (Lei n. 89, de 23/12/1947), para incentivo à colonização; b) plano de melhoria do rebanho; c) mecanização da lavoura; d) assistência técnica, quando se repassam a proprietários de 167 fazendas ensinamentos úteis, com demonstrações práticas sobre combate à erosão, adubação, cultura mecânica do solo, combate às pragas e moléstias das principais culturas, bem como enxertia, reflorestamento, sericultura e extinção da saúva; e) distribuição de 63.092,5 kg de sementes de arroz, de algodão, de feijão, de soja, de milho, de sorgo, no ano de 1947. Além disso, procura-se incentivar a produção de algodão e de trigo (CAMPOS, 2004, p. 26).

Jerônimo Coimbra Bueno busca assim preparar o terreno para o desenvolvimento do Estado. Além do meio urbano atinge prioritariamente o meio rural. Apesar de suas ações tem sofrido duras críticas, destacam-se nesse sentido, as investidas contrárias realizadas por seus opositores.

Campos (2004) observa que nesse período, o partido de oposição a Jerônimo Coimbra Bueno, o PSD, elege 46,9% da bancada que integra a Assembleia Legislativa, enquanto seu partido elege 31,3% dos deputados estaduais. Assim, em razão “[...] do controle do PSD, o governador Coimbra Bueno enfrenta uma forte oposição parlamentar e, conseqüentemente, muitos dos seus projetos permanecem no papel” (CAMPOS, 2004, p. 25). Seu governo carrega a marca do “[...] déficit público atribuído à desorganização financeira e administrativa que caracterizou a direção dos negócios públicos, nos últimos anos que precederam ao período constitucional”¹⁰¹.

Coimbra Bueno demonstra não ter tanta habilidade com os cofres públicos. Em decorrência disso e das disputas partidárias, sente a pressão de vários grupos sociais. Diante desse quadro uma série de problemas trazem preocupações ao seu governo, entre eles o descontentamento popular.

Por outro lado, intensifica-se, neste momento, um movimento contrário do que vinha ocorrendo anteriormente, ou seja, a migração da cidade para os meios rurais. Ao mesmo tempo, migrantes de outros países e de metrópoles brasileiras continuam chegando ao Estado e expandindo o meio urbano. Segundo Estevam (1997), os projetos colonizadores e a marcha de interiorização para o Oeste fizeram de Goiás, nas décadas de 1940 e de 1950, um dos Estados que mais receberam migrantes no país. Com o crescimento populacional na década de 1950, a situação de Jerônimo Coimbra Bueno é agravada.

¹⁰¹ Ibidem.

Apesar da vitória em 1947 com o consentimento de 50,4% dos eleitores de Goiás, a outra parte do eleitorado continua trazendo inquietações ao seu governo. Sua impopularidade cresce e desperta seus assessores a encontrarem uma saída que pudesse amenizar as críticas. Nesse momento, ele recebe o apoio de Francisco Pimenta Neto, que anteriormente havia integrado a equipe que controlava a informação do Estado através do DEIP. Pimenta Neto presta auxílio à Coimbra Bueno na criação de estratégias midiáticas para tornarem públicas as obras do seu governo. A ideia é mostrar que o seu trabalho está sendo realizado em prol do desenvolvimento de Goiás, ou seja, é uma tentativa de melhorar a sua imagem diante de uma população descontente com o modo como está estabelecida a organização social deste Estado. Francisco Pimenta Neto (1980, p. 184) observa:

Quando o dr. Jerônimo [Coimbra Bueno] foi eleito, eu fui lá e perguntei a ele: dr. Jerônimo, eu trabalhei na campanha do sr. agora qual é o lugar que o sr. vai me dar? Ele respondeu: vou pensar. (Dr. Jerônimo era muito lerdo para resolver as coisas). Eu lhe disse: vamos fundar uma rádio para defender o senhor para divulgar as obras que o senhor vai construir. Ele disse: a idéia é boa.

Pimenta Neto reconhece que Jerônimo Coimbra Bueno apresenta certa inabilidade com o poder estatal. Talvez a “lentidão” para resolver as coisas tenha favorecido o aparecimento de brechas para as críticas da oposição. Enquanto isso, a população continua sofrendo com o predomínio do atraso e com os percalços provenientes da desestruturação urbana. Esta situação exige eficiência e destreza com o poder estatal, questão elementar para a manutenção da própria representatividade e para satisfazer o que exigia a modernidade: um estado ágil e competente.

Mas a ideia de uma emissora de rádio para ser utilizada como instrumento político, demonstra a destreza do poder em perceber que a tecnologia pode ser útil para se criar e assegurar, ao mesmo tempo, o carisma e a confiança que necessita da população para manter-se no poder. Como expressa Michel de Certeau (1995, p. 27), “[...] o respeito a ‘valores’ é necessário ao bom funcionamento de um partido, de uma Igreja ou da Universidade; a confiança condiciona a prosperidade”.

A sugestão de Pimenta Neto é aceita por Coimbra Bueno e levam a cabo a ideia de fundar a RBC em Goiânia. Essa emissora representa, talvez, uma das últimas tentativas de Coimbra Bueno para conseguir o fôlego necessário para cumprir com o seu mandato.

Coimbra Bueno reconhece o poder político do rádio, pois, há três anos havia feito uso de uma emissora para criar sua identidade política. Nas vésperas das eleições que

concorria ao governo do Estado em 1947, cria a rádio Xavantes em Ipameri. Na visão de Rafa Ceva:

Os políticos queriam transmitir não tão longe, porque não era potente, me parece que naquele tempo foi de 250 watts. Uma coisa assim pequena. Mas servia pra transmitir para as fazendas, para estas cidadezinhas em volta do município, então já era uma coisa importante pra eles (informação verbal)¹⁰².

Ambas as emissoras, no entanto, não são suficientes para despertar uma visão positiva de seu governo. Eleito e com dificuldades, Coimbra Bueno resolve mudar o campo de atuação política e abdica do governo, repassando a representação de Goiás para Hosanah de Campos Guimarães. Logo depois candidata-se a uma vaga no Senado Federal. Uma questão importante para o rádio que permanecia desde a inauguração de Goiânia e perpassou seu governo, são as precárias redes de eletricidade.

A energia elétrica, neste ambiente, ainda é uma limitação para o avanço do Estado, já que dela dependem os diversos setores sociais, principalmente indústrias e comércios, que representam um dos focos desenvolvimentistas do interior do Brasil. Em janeiro de 1950, são votados alguns projetos de leis para aquisição da empresa Força e Luz que abasteceria Goiânia e cidades vizinhas (*O POPULAR*, 5 jan. 1950).

No ano seguinte, a necessidade de colocar a casa em ordem se torna uma evidência quando Goiás passa a ser governado por Pedro Ludovico Teixeira. Ao assumir o governo apresenta o desenvolvimento como pauta de seu projeto e um caminho a ser seguido pelo Estado. Logo de imediato, critica Coimbra Bueno pela desorganização administrativa que promoveu em Goiás. Alguns pontos foram ressaltados, entre eles:

Os loteamentos e conseqüentes vendas de terras devolutas, de um modo geral, não obedeceram a um plano criterioso e racional, uma vez que se tem conhecimento de alienações realizadas de extensas áreas, por preços vis, a pessoas não vinculadas à agricultura, com finalidades exclusivamente especulativas (*apud* CAMPOS, 2004, p. 30).

Pedro Ludovico imprime uma política para saldar a negatividade dos cofres públicos deixados por Jerônimo Coimbra Bueno. Em seu governo, consegue elevar a receita tributária do Estado de 105 milhões para 293 milhões de cruzeiros (NEIVA, 1989). Sua contribuição se torna significativa para retomar a força do Estado para caminhar com passos mais firmes pela superação das barreiras que o impede de avançar. Além da criação:

¹⁰² Rafa Daher Ceva. Esposa de César Augusto Ceva. Ceva auxilia Coimbra Bueno na montagem dos aparelhos da rádio Xavantes em Ipameri. Rafa Ceva o acompanha no início da emissora em 1947. Entrevista realizada em dezembro de 2007.

[...] do Banco do Estado de Goiás e da Loteria de Goiás, realizou obras nos setores da Educação, da indústria e do Comércio [...] criou centenas de escolas e melhorou o serviço de saúde do Estado. Criou o Parque Educativo, hoje chamado Horto; adquiriu a Empresa de Força e Luz de Goiânia, melhorando seus sistemas de produção de energia elétrica; criou a Consultoria Jurídica do Estado e o Instituto Pestalozzi. No setor da eletrificação, seu Governo teve, através da coordenação de José Ludovico de Almeida, Secretário da Fazenda, uma atuação merecedora de destaque, com a construção da Usina Rochedo, que melhorou sensivelmente o abastecimento de energia elétrica de Goiânia e outras cidades (NEIVA, 1989, p. 248).

Além disso, propõe a alienação de uma estação telefônica que “[...] até 1951 contava apenas com 500 linhas, passando para 2.200 no ano seguinte” (*O POPULAR*, 28 out. 1951) e a criação do Banco de Goiânia. Em seu governo, cidades do interior de Goiás também se desenvolvem.

Em Rio Verde, por exemplo, é construída uma rede de eletricidade no final de 1952. Com a energia a população de Rio Verde presencia um avanço cultural na cidade.

Uma nova era para Rio Verde
Prosseguem mais com a inauguração da Usina Hidro-eletrica São Tomás, de capacidade de 480 H.P. virá uma nova era de prosperidade econômica e sócio-cultural para Rio Verde. Estamos seguramente informados que serão inaugurados em nossa cidade, não somente a Central Telefonica... (*FOLHA do SUDOESTE*, 15 nov. 1952).

Um processo semelhante é notado em outras regiões. Neste ínterim, ações governamentais voltadas para o progresso de Goiás se reforçam atingindo a comunicação. Pedro Ludovico propõe instalar uma estação de radiotelefônica internacional em Goiás. Esse empreendimento é entregue à companhia Rádio Internacional do Brasil. No dia 8 de fevereiro de 1953, é anunciado pelo *O Popular* o encontro de Ludovico com José de Freitas, gerente da divisão do Sul da Companhia Rádio Internacional do Brasil, que ligaria Goiânia a outros grandes centros do Brasil e com o exterior.

A criação da Usina Rochedo é outro projeto significativo proposto por Ludovico para resolver o problema com a energia elétrica em Goiânia e em algumas cidades vizinhas. Essa iniciativa agrada a população e os radialistas de Goiânia. Muitos expressam, inclusive, ser esta a solução definitivamente encontrada para os problemas que enfrentam em decorrência da falta de energia.

Resolvido o Problema da Energia Elétrica
Em ligeiras declarações ontem feitas à reportagem dêste matutino, o sr. José Ludovico de Almeida, secretário da Fazenda, informou que espera concluir e pôr em funcionamento no primeiro semestre de 1954 a Usina do Rochêdo

[...] esclareceu o Sr. José Ludovico, o comandante da batalha da energia levada a efeito pelo gov. Pedro Ludovico e que, diante dessas perspectivas favoráveis, Goiânia chega, finalmente, a uma situação em que pode considerar resolvido o problema do abastecimento de fôrça e Luz (*O POPULAR*, 14 fev. 1953).

Enquanto o processo de instalação da Usina do Rochedo não é concluído a energia continua sendo produzida por um motor estacionário (Figura 6). O problema é que este motor não apresenta condições de suprir as necessidades de toda a cidade. Sílvio Medeiros relembra que a energia nesse período é de fato um problema, principalmente para as radiotransmissoras que dependem deste recurso para funcionarem.

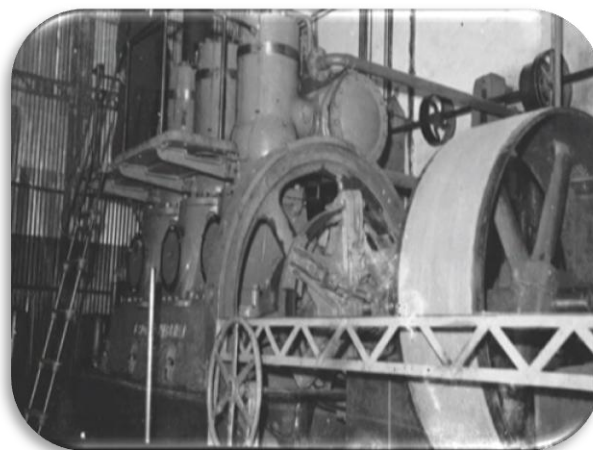


Figura 6 – Motor de Submarino utilizado para gerar energia em Goiânia na década de 1940 e parte de 1950.
Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”. Goiânia, 2008.

Goiânia sempre teve um problema né! Eu não me lembro bem a época, mas rodou a Usina Jaó. Então arrumaram um motor de submarino, botaram na beira do Bota Fogo aqui. E num tinha energia o tempo todo. Goiânia ficou muito tempo, três, quatro anos sem energia, funcionando com motor. Aí a sirene, pê... Olha, já vai desligar a luz! E a menina corria pra casa. Aí era lamparina, vela. Então isso ficou muito tempo. Então a rádio não tinha como funcionar (informação verbal)¹⁰³.

Neste período em que a Usina Jaó (figura 7) abastece a cidade, são constantes os problemas com a falta de energia. As quedas aumentam em época de seca, pelo fato de a água do rio que alimenta o motor não ser suficiente para colocá-lo em movimento. Comunicados como estes abaixo aparecem com frequência em decorrência deste problema.



Figura 7 – Usina Jaó em Goiânia.
Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”. Goiânia, 2008.

Comunicado aos Consumidores

¹⁰³ Sílvio Medeiros, op. cit., 2004.

Comunico aos srs. Consumidores de Energia Elétrica, que a partir de amanhã, até segunda ordem haverá uma interrupção total do fornecimento de Fôrça e Luz à cidade, das 11 às 13 horas, virtude da escassez de água na Usina Jaó e ter este departamento de fornecer fôrça contínua ao motor que abastece de água a cidade, visto estar o motor auxiliar dêsse serviço, temporariamente recolhido à oficina – Clementino de Alencar Lima – Secretário (*O POPULAR*, 18 mai. 1954).

Mas não apenas as emissoras são as prejudicadas. Os ouvintes também são atingidos. Os receptores movidos à energia não funcionam. Com isso o rádio movido à pilha ou à bateria torna-se desejado. Em Goiânia, é instalada a Tipografia Paulista que começa a comercializar esses receptores. No final de 1954, o proprietário desse comércio faz uma publicação pelo *O Popular* para divulgar seus serviços, através da qual informa ter a resolução ao problema enfrentado pelos ouvintes no abastecimento de seus rádio-receptores.

Ouçã o Seu Programa Predileto

Muitas vezes, quando você acompanha o desenrolar de um programa de rádio, a transmissão de um discurso ou entrevista, o cóрте na energia elétrica representa, sempre uma série de imprecações. Resolva de uma vez o seu problema adquirindo um Rádio à PILHA ou BATERIA, na TIPOGRAFIA PAULISTA, Anhanguera 93. Lançando no mercado goiano essa grande novidade, a Tipografia Paulista apresenta RÁDIOS MULLARD, com gerador próprio, permitindo a carga da BATERIA mesmo com o Rádio ligado. Peça e veja uma demonstração na Avenida Anhanguera, 93 – TIPOGRAFIA PAULISTA (*O POPULAR*, 23 set. 1954).

Apesar das facilidades apresentadas pelo mercado aos ouvintes de rádio, o contexto não é favorável ao governo, que precisa resolver os problemas sociais, mas ao mesmo tempo necessita de apoio para continuar seu trabalho. Pedro Ludovico não governa com tranquilidade. Semelhante ao governo anterior, as críticas dos opositores trazem preocupações.

Desde o ano anterior, a situação já estava piorando com o crescimento da repulsa às ideologias comunistas no Brasil. Várias pessoas são detidas em Goiás por se relacionarem com essas ideias, a exemplo do carpinteiro Manoel Maia, preso em flagrante em uma feira de Campinas distribuindo folhetos alusivos à comemoração do natalício de Luiz Carlos Prestes. O verso do panfleto trazia a efigie do fundador do extinto PCB.

Neste ambiente, Pedro Ludovico é acusado por oposicionistas de ser defensor do comunismo. A acusação mais séria e publicada em vários jornais é apresentada por Octaviano de Paiva, secretário da segurança de Goiás nessa época. Em entrevista ao jornal *Tribuna de Imprensa* do Rio de Janeiro disse que “[...] a metade do governo de Goiás é comunista e que o

governador Pedro Ludovico está concorrendo para incrementar o comunismo neste estado” (*apud O POPULAR*, 30 jan. 1953).

Em resposta, Pedro Ludovico publica uma nota no jornal *O Estado de São Paulo* desmentindo aquela acusação. Ele argumenta que ao contrário do que dizem, imprime um governo de luta contra o comunismo. Em suas palavras:

Em nenhum Estado do Brasil, talvez, a polícia se tenha mantido tão vigilante em matéria de extremismos como neste Estado mediterrâneo. Já se têm dado choques sangrentos entre a polícia e alguns comunistas exaltados que não querem obedecer as determinações das autoridades (*apud O POPULAR*, 11 fev. 1953).

Em outra passagem dessa mesma nota, os editores afirmam estar havendo articulações do Partido Comunista junto às ligas camponesas. Como se percebe, cai sobre ele a responsabilidade das agitações que estouram nas regiões camponesas em Goiás.

No norte do Estado comunidades indígenas são motivos de aflição, uma vez que sentem as consequências do progresso e acabam impressionando a população rural e urbana daquela região. Uma Associação Rural de Tocantínia, representada por Emídio Barros, integrada por agricultores e pecuaristas, clama pelo poder federal para que tome providências em relação à “[...] 300 índios cherentes que perambulam neste município, praticando roubos e trazendo constante desassossêgo aos lares dos agricultores e criadores da região” (*O POPULAR*, 20 jan. 1954). Emídio Barros destaca ainda, que a atuação dos índios prejudica seriamente o progresso da região.

O fato é que todas essas informações são divulgadas nacionalmente e reforçam o envolvimento de Ludovico com o comunismo. Intensifica-se, assim, a visão negativa que outros estados já apresentavam sobre Goiás. Em 1955, novas eleições ao governo do Estado são realizadas. José Ludovico de Almeida sai vencedor. Uma das primeiras tarefas do seu governo é “[...] recompor a situação junto ao governo federal, uma vez que a sistemática divulgação dos fatos ocorridos em Goiás fez que o estado fosse visto como ‘terra de selvageria e banditismo’” (CAMPOS, 2004, p. 33). Segundo esse mesmo autor, a superação dessa concepção torna-se indispensável para o desenvolvimento de Goiás, por não inspirar confiança do governo federal e muito menos de instituições privadas, fundamentais para o financiamento de obras, melhoramento estrutural de Goiás etc.¹⁰⁴

¹⁰⁴ Porto (2005, p. 113), referindo-se ao processo de viabilização da mudança da capital federal para o Planalto Central, demonstra que José Ludovico de Almeida instituiu a Comissão de Cooperação para a Mudança da capital federal com o objetivo de adquirir o terreno necessário para a constituição do Distrito Federal.

Além de uma política externa José Ludovico busca apaziguar os intensos conflitos políticos internos que assolam o Estado. Procura “[...] de imediato, desarmar os espíritos e estabelecer um clima de paz e harmonia, capaz de lhe permitir a execução de seu plano administrativo” (NEIVA, 1989, p. 249).

O rádio segue a dinâmica deste trabalho realizado pelo Estado que vem promovendo o desenvolvimento de Goiás. Jaime Câmara, proprietário de *O Popular*, propõe a criação da rádio Anhanguera no final de 1954. Desde a criação de uma sociedade anônima, coloca como um dos objetivos fundamentais da emissora “[...] o desejo de que Goiás progrida” (*O POPULAR*, 16 dez. 1954). Continua, no entanto, a ideia de que é preciso superar as dificuldades.

Goiás ganha uma nova aparência nesse período com a construção de várias estradas. Em agosto de 1955, a Lei nº 1.087 cria as Centrais Elétricas de Goiás S.A. (CELG), empresa de economia mista que passa a controlar e a coordenar todas as atividades ligadas ao setor energético (CAMPO, 2004, p. 34).

Mas, para os radialistas a eletricidade ainda é a grande preocupação. Hora ou outra a energia volta “[...] a constituir sério problema para as nossas Emissoras” (*NOVA CAPITAL*, 22 nov. 1955).

Nesse ritmo Goiás vai estruturando-se. Uma nova civilização. É o espelho que reflete Goiás em 1956.

Goiás, assim, surge aos olhos do Brasil como o novo Eldorado. Aqui se cultiva uma nova civilização, que vai surgindo e se impondo pouco a pouco ante os repetidos e sugestivos exemplos de vitalidade criadora. A construção de Goiânia foi o primeiro passo. A edificação de Brasília será o monumento decisivo. Esta terra, pois, é o cadinho onde se forja o futuro da nação (*O POPULAR*, 12 ago. 1956).

Neste momento Brasília está sendo erguida, enquanto várias regiões de Goiás sofrem com o atraso. A eletricidade torna-se um pouco mais segura “[...] em 1958, com a inauguração da primeira etapa da mais importante usina do sistema elétrico goiano: a Usina Hidroelétrica de Cachoeira Dourada” (CORREIA, 2011, p. 159). Começa-se aí a romper com as limitações impostas pelas precárias usinas que abastecem as cidades. Atende-se uma parte maior das exigências internas do Estado e da futura capital do Brasil. Finalmente Goiás entra para o rol dos Estados mais bem abastecidos de energia no país.

Com a inauguração, em princípios deste ano, da primeira etapa de 36 mil kw (2 grupos de 18 mil kW iniciais) da Usina de Cachoeira Dourada e de algumas outras instalações menores, Goiás alcança o nível, de certo modo

satisfatório, de 30 mil kw, colocando-se, portanto, entre as dez principais Unidades federadas em disponibilidade de energia elétrica (*O POPULAR*, 4 jul. 1959).

No dia 20 de dezembro deste ano de 1959, Morrinhos também festeja a inauguração da energia elétrica na cidade (*O ANÁPOLIS*, 21 dez. 1959). No ano seguinte, mais precisamente no dia 11 de setembro de 1960, é a vez de a população pirenopolina solenizar com a presença do governador José Feliciano e sua comitiva (*O POPULAR*, 9 set. 1960). Embora Goiás estivesse entrando para o rol dos Estados mais estruturados em questão de energia elétrica, isso não significou o fim dos problemas provenientes da falta de energia em todo o Estado. Até 1959, continua despontando como preocupação para emissoras do interior.

Glorinha Salgado, locutora da rádio Cultura de Ceres, relata que começa a trabalhar nesta emissora em 1959, época em que o abastecimento de energia “[...] não era muito bem servido não, tinha uma certa dificuldade”. Ela apresenta ainda um fato curioso que ocorre em seu programa em consequência da queda de energia. O seu:

[...] patrocinador era CHESP, Companhia de Hidroelétrica São Patrício. E eu fiz aquela propaganda, mola propulsora, aquele encantamento da CHESP e vai e acaba a energia. Aí eu volto e ainda tenho a coragem de falar: - Ó gente, estivemos fora do ar por falta de energia. - Isso, acabei de fazer a propaganda do meu patrocinador (informação verbal)¹⁰⁵.

Segundo Capitão Reizão, até mesmo as emissoras de Goiânia são atingidas com a falta de energia elétrica até o final de 1950: “A energia faltava mais que tinha. Você podia que contar os dias que era normal a energia. Agora lá no transmissor tinha motor, acabava, ligava e pronto, e aí nós ia fazer programa de lá. E a rádio não saía do ar” (informação verbal)¹⁰⁶. Em maio de 1959, Goiânia chega a ser surpreendida pela paralisação das redes elétricas por cinco dias. E sem energia a vida na cidade não é mais a mesma, pois as:

[...] máquinas ficam paralisadas, as ruas ficam escuras, as emissoras ficam silenciosas e os jornais deixam de circular. As atividades gerais dos goianienses portanto, ficam paralisadas e o povo fica justamente aborrecido com o acontecido (*O POPULAR*, 13 mai. 1959).

Uma das medidas tomadas por proprietários de emissoras em algumas regiões interioranas é a utilização de motores estacionários para gerar sua própria energia.

¹⁰⁵ Glorinha Salgado. Locutora da rádio Cultura de Ceres entre 1950 e 1960. Para cursar faculdade de direito. Entrevista realizada em dezembro de 2012.

¹⁰⁶ Cantor de música caipira contratado pela rádio Difusora de Goiânia para atuar em programas de auditório. Entrevista gravada em programa da rádio Difusora em janeiro de 2007 para a comemoração dos 50 anos da emissora. Arquivo disponibilizado por Ir. Diego Joaquim, do grupo dos redentoristas. Goiânia, 2007.

A cidade também quando era pequena, um lugar assim que era muito distante, faltava muito energia, geralmente a estação tinha um motor, um estacionário de diesel pra poder suprir a falta de energia. E naquela época, o motor era barato, porque as rádios era pequena, o transmissor era pequeno... O motor era só para suprir a falta de energia, era temporário (informação verbal)¹⁰⁷.

A falta de energia delimita ainda o horário de funcionamento daquelas emissoras que não têm condições de adquirir um desses motores geradores, a exemplo da rádio Cultura de Catalão.

A rádio desligava 7 horas da noite, porque a luz caía, todo mundo ia pro banho, a energia aqui era muito fraquinha, era fornecida pela companhia Prada de Eletricidade de Araguari. Ela fez um ramal pra cá, e não tinha sustentação. Então às 7 horas da noite a cidade tinha aquelas lampadzinhas pra não dizer que estava escuro, aquelas lampadzinhas fracas. Tinha que botar lâmpadas de mais potência pra poder iluminar publicamente. Essa companhia Prada fornecia energia. Então a emissora saía do ar naquele tempo às 7 horas da noite, porque todo mundo tomando banho, caía, o transmissor não sustentava a carga de energia, não havia transformador pra repor, não tinha. Aí às 6 horas da manhã no ar, começando tudo, começava a 5h30 a aquecer o transmissor, tinha que esquentar o bicho pra botar no ar (informação verbal)¹⁰⁸.

A rádio Difusora de Jataí passa por situações semelhantes, tendo que funcionar poucas horas por dia devido à precariedade no abastecimento de energia na cidade. Luiz Braz afirma que:

A rádio não funcionava, até porque o nosso sistema elétrico era muito deficiente, precário. Como você viu nos apontamentos, nós só tivemos uma usina mesmo pra valer nos idos de 63, mas muito precariamente também, a energia faltava, havia racionamento de energia elétrica, então não tinha como ela funcionar diuturnamente (informação verbal)¹⁰⁹.

Zacarias Faleiros, que dirige a rádio Difusora de Jataí no início de 1960, confirma o fato de conviverem com muitas dificuldades em detrimento da falta de energia elétrica. Sem energia o funcionamento da emissora fica comprometido.

A emissora só funcionava poucas horas por dia, porque não tinha luz, a cidade não tinha luz. Tinha pouca gente, e uma mulher pra limpar, não tinha mais nada. Ela funcionava até 6, 8 horas da noite, começava tarde por causa

¹⁰⁷ Bezinho, op. cit.

¹⁰⁸ Walter Caçado, op. cit., 2007.

¹⁰⁹ Luiz Braz, Integra a primeira equipe de radialistas da rádio Difusora de Rio Verde. Entrevista realizada em janeiro de 2013.

da luz. O dia que tivesse luz naquele setor começava na hora, então foi difícil o início (informação verbal)¹¹⁰.

Emissoras de Anápolis também passam por momentos críticos devido à falta de energia nesse período. A dúvida em torno de seu abastecimento é parte dos costumes nesta época. A certeza de que não faltará logo mais, é inexistente. Eventos que são programados nem sempre ocorrem da forma planejada.

A Direção da Rádio Santana de Anápolis está anunciando para hoje, às 20,30, *se for permitido pelas CENTRAIS ELÉTRICAS*, o seu primeiro programa de auditório, que será levado ao ar, diretamente do Salão de Festas do Colégio Paroquial de Santo Antonio, na Avenida Tiradentes. O Programa a ser apresentado será o FESTIVAL DOS VIOLEIROS (*O ANÁPOLIS*, 7 dez. 1961 *grifo nosso*).

Durley Montalvão¹¹¹ faz um relato interessante sobre as medidas tomadas pelo poder público de Rio Verde para resolver parcialmente o problema com o racionamento de energia. Segundo ele, o prefeito da cidade instituiu o rodízio para o uso de energia. Até uma determinada hora uma parte da cidade é abastecida, depois invertem. Em consequência da localização da rádio Difusora de Rio Verde, instalada em uma região central da cidade, criam uma estratégia para que não corressem o risco de serem privados do abastecimento de energia quando esta fosse interrompida no setor em que se localizava.

Nesses anos 60 a cidade era dividida em duas partes. Nós tínhamos uma energia gerada lá mesmo, em um riacho chamado riacho São Tomás. Então essa coisa funcionava, essa hidrelétrica funcionava, mas não dava conta de jogar, porque a cidade na opinião deles já tava muito grande, nós tínhamos na época, 5, 6 mil habitantes. Então ela funcionava da Presidente Vargas pra baixo por 2 horas, aí desligava-se uma chave-geral aqui, e ligava da Presidente Vargas pra cima, mais duas. Aqui ficava no escuro. Aí desligava lá depois de duas e vinha pra cá, daqui pra lá, de lá pra cá... Pra que nós fugíssemos desta falta de energia, porque não existia critério, imprensa ou não, não fazia diferença, vai ficar no escuro, hospitais, imprensa, seja o que for, ou você tinha que gerar a sua própria energia, colocar um motor estacionário. Aí o Aflandes teve a ideia de colocar o alto-falante de tal modo que, vamos supor que a energia tinha que sair da parte baixa, que era onde nós tínhamos a emissora, pra ir pra parte alta às 10 horas da noite, não acontecia, só pra rádio. Aí fizeram as duas chaves direto pra rádio. Por que o povo ia inflamar. De modo que nós tínhamos então energia o dia inteiro (informação verbal)¹¹².

¹¹⁰ Zacarias Faleiros. Diretor da rádio Difusora de Jataí no início da década de 1960. Entrevista realizada em dezembro de 2012.

¹¹¹ Op. cit..

¹¹² Ibidem.

A precária estrutura da rede de abastecimento de energia, no entanto, é apenas um dos problemas enfrentados pelo Estado neste período. As tentativas anteriores de desbravamento das terras goianas com a construção de caminhos de ferro, o desenvolvimento de alguns polos industriais, a transferência da capital de Goiás para Goiânia etc., haviam desempenhado um papel importante na empreitada pelo progresso, mas, ainda assim, na década de 1950, a estrutura política e econômica do Estado apresenta limitações que não favorecem o seu desenvolvimento. Embora neste período tenha ocorrido o aumento do mercado consumidor no setor agrário, ainda há uma expressiva produção no campo voltada para a autossuficiência.

A demanda de produtos industrializados por parte da massa de produtores rurais somente expandiu-se mais tarde e, gradativamente, com a destruição da auto-suficiência do campo baseada na policultura alimentar e no artesanato. Com a divisão social do trabalho entre agricultura e indústria, esta não apenas ampliou seu mercado como também fez com que os estabelecimentos agropecuários se especializassem e ampliassem cada vez mais a produção de bens primários. Por sua vez, a especialização no campo e a crescente produtividade que ela requeria, criaram condições para ampliação do mercado para os meios de produção de origem industrial (BORGES, 2000, p. 16-17).

O trabalho Estatal continua tentando escolher a melhor maneira para melhorar as aparências de Goiás. Enquanto a Capital Federal estava sendo preparada pra ser inaugurada, um novo processo eleitoral estava em voga. Nas eleições de outubro de 1960, Mauro Borges vence seu opositor José Ludovico de Almeida, e inicia o seu mandato em 1961 tendo que enfrentar as dificuldades provenientes de um conjunto de mudanças pelas quais passava o país e que refletia diretamente em Goiás. Dessa forma, “O Governo Mauro Borges surge em Goiás num momento em que esta fórmula populista se esgotava no âmbito nacional, ao mesmo tempo em que se evidenciavam suas próprias contradições” (RABELO, 2004, p. 52).

Diante deste contexto, a alternativa apontada pelo governo é realizar uma administração centrada na organização estatal e em sua racionalização ampliada¹¹³. Logo de imediato o governador contrata uma equipe “[...] de economistas da Fundação Getúlio Vargas para elaborar o Plano de Desenvolvimento Econômico de Goiás” (LUZ, 2008, p. 46). Diante dos vários problemas detectados por essa equipe em diversas áreas (comunicação, educação, saúde, saneamento, energia, segurança etc.), o governo propõe, portanto, um plano de ação. O objetivo com este Plano é assegurar “[...] um aumento significativo da taxa de crescimento

¹¹³ Em seu livro “Planejamento e Intervencionismo Estatal de Goiás”, Gil Mendes Luz dá detalhes das amplas modificações realizadas por Mauro Borges no corpo administrativo do Estado e demonstra o quão avança o processo de racionalização do estado goiano nesse período.

anual da renda real per capita e se indicassem os setores nos quais a ação do Estado era indispensável¹¹⁴”.

A esfera da comunicação recebe uma atenção especial desse governo, que propõe um conjunto de normatizações para atuar em consonância com sua política. No bojo de suas ações ele cria o CERNE¹¹⁵ através da Lei nº 4.034, de 6 de junho de 1962. A finalidade específica do CERNE, que consta no plano de ação do Governo Mauro Borges, é o de realizar “[...] atividades de divulgação, promoção publicitária e cultural em geral, por intermédio do rádio, jornal e televisão”¹¹⁶. Seu governo emerge, dessa forma, como “[...] inovador no que se refere à busca da racionalidade administrativa e da execução de um plano de metas” (CAMPOS, 2004, p. 44).

Neste momento, a burocracia estatal em Goiás apresenta uma dupla e distinta situação: uma relativa tranquilidade devido à instalação da capital do Brasil no Estado, por trazer um considerado contingente populacional e investimentos do governo federal e do poder privado para Goiás, mas, por outro lado, convive ainda com as dificuldades de governar um Estado sem estrutura para acolher a nova capital e as pessoas que se deslocariam para esta região. Dessa forma, “[...] constituía-se em um desafio ao Governo, que necessitava substituir a improvisação pelo uso da razão, da lógica e da técnica” (LUZ, 2008, p. 58). Mauro Borges consegue ampliar a atuação estatal e demarca a época com uma intervenção transformadora no Estado.

Para se ter uma ideia do volume dessas realizações, no triênio, somente nos setores de educação, transportes, comunicação, energia elétrica e saneamento, realizaram-se, em média, por dia de governo: 1 sala de aula; 273 km de estradas trafegáveis; 10 metros de adutoras para abastecimento de água e 980 km de estradas conservadas (NEIVA, 1989, p. 251).

Goiás se estrutura, mas apesar disso ainda são muitas as barreiras a serem derrubadas. Uma desorganização social apresenta-se como uma premente possibilidade no Brasil com a renúncia de Jânio Quadros em 25 de agosto de 1961. O governo teme que possa atingir Goiás. E foi nesse momento que o rádio, então, presta um serviço fundamental para unir os Estados que se localizam nos extremos. Leonel Brizola, então governador do Rio Grande do Sul, cria a Rede da Legalidade, que, segundo Ferrareto (2004), apresenta uma semelhança com outras experiências que fizeram uso do rádio em cadeia, entre elas La Cadena de La Libertad, criada na Revolução Cubana, no dia 26 de julho de 1958, liderada por

¹¹⁴ Ibidem, p. 46

¹¹⁵ Ibidem, p. 85.

¹¹⁶ Ibidem.

Fidel Castro¹¹⁷. Brizola recebe o apoio dos militares e solicita o controle da rádio Guaíba de Porto Alegre, apoiada pela rádio Farroupilha e Gaúcha, e é convertida em emissora oficial do governo.

No dia 27 de agosto de 1961, Brizola requisitou os transmissores da rádio Guaíba, de Porto Alegre, e, através das ondas médias e curtas do rádio fazia pronunciamentos a todo o país, conclamando o povo a defender a legalidade. Em seguida, as demais emissoras de Porto Alegre e as emissoras do interior do Estado, uniram-se à Guaíba, formando a grande Rede da Legalidade (ROCHA, 2010, p. 107).

Grande parte das pequenas emissoras espalhadas pelo interior do Brasil se alia à Rede da Legalidade de Leonel Brizola. Forma-se “[...] uma cadeia de rádio, responsável por articular o movimento em defesa da legalidade e da posse de João Goulart” (ASSIS, 2005, p. 129). Em Goiás recebe o apoio de Mauro Borges (Figura 8), através da RBC.



Figura 8 – Mauro Borges em evento organizado para tratar da Rede da Legalidade. A RBC estava presente e realizou a transmissão
Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”.
Goiânia, 2008.

Walter Meneses, locutor desta emissora nesse período, observa que a derrota política sofrida por Jerônimo Coimbra Bueno o deixou desiludido com o eleitorado de Goiás. Em decorrência disso resolve vender a rádio a Mauro Borges.

E o Mauro Borges, Governador Mauro Borges, tinha interesse de fazer o serviço de propaganda do Estado né! Mauro Borges achava que os jornais não dava muito espaço pra propaganda. Ele era muito vivo, não gostava de gastar com jornal não, sabe! Então através da rádio Brasil Central tava lá, o que o Estado tava lhe dando etc., e comprou do Coimbra Bueno. Os inimigos políticos, adversários políticos entraram em entendimento. Cada um precisava um do outro né! (informação verbal)¹¹⁸.

Mauro Borges, portanto, inclui a RBC à Rede da Legalidade, emissora que se torna uma resistência significativa devido ao seu amplo raio de alcance. A RBC assume a causa da legalidade, unindo-se à Rádio Guaíba, de Porto Alegre (ROCHA, 2010, p. 106), sendo uma das primeiras emissoras brasileiras a aderir à Rede da Legalidade.

¹¹⁷ Para mais detalhes sobre isso e a Rede da Legalidade no Brasil, ver Ferraretto (2004).

¹¹⁸ Walter Meneses, op. cit.

[...] em 28 de agosto, o governador goiano divulga, pela Rádio Brasil Central, o seu ‘Manifesto à Nação’, conclamando a sociedade goiana a participar da defesa da ordem democrática e fazendo um apelo aos poderes constituídos para o respeito à ordem constitucional, garantindo-se a posse do vice-presidente (ASSIS, 2005, p. 129).

Dois dias depois, “a Guarnição Federal de Goiás recebe ordem de Brasília para lacrar os transmissores da Rádio Brasil Central, e impedir o seu funcionamento” (O POPULAR, 30 ago. 1961). Por decisão dos chefes militares de Goiânia a ordem não é cumprida. Porém a emissora fica proibida de “[...] transmitir noticiários do movimento liderado pelo governador Brizzola o que importa, também, em proibição ao noticiário oficial do govêrno de Goiás¹¹⁹”.

Hélio Rocha (informação verbal)¹²⁰, destaca que a Rede da Legalidade chega a ter 104 emissoras filiadas à rádio Guaíba, transmitindo em cadeia para todo o Brasil e para países vizinhos, noticiando, inclusive, boletins em vários idiomas, como inglês, espanhol e alemão. Assim, uma só voz ecoa em todo o Brasil neste momento, explicitando que o Brasil está definitivamente interligado através do rádio. Rompia-se de vez com as limitações comunicativas do passado. O resultado dessa atuação em cadeia dos Estados brasileiros por intermédio do rádio surte efeito. A tentativa de golpe militar é adiada e João Goulart assume o poder do Estado. A relação de Mauro Borges com Goulart, no então, é perpassada por conflitos que acaba provocando o rompimento entre ambos.

Mauro Borges fora aliado de primeira hora das forças golpistas nacionais que derrubaram o governo nacional-reformista de João Goulart. Próximo do grupo de Castello Branco, de quem tinha sido aluno na Escola do Estado-Maior do Exército, o governador goiano romperia definitivamente com o presidente João Goulart por ocasião das disputas entre o Grupo Ermírio de Moraes, ligado ao presidente, e o governo estadual, em consequência dos planos da Votorantin de explorar o níquel em Goiás, o que contrariava os interesses de Mauro Borges (ESTEVEZ, 2011, p. 283).

Os conflitos de Mauro Borges com João Goulart podem ter sido desencadeados por um desacordo entre ambos em torno da exploração de minérios em Goiás. Mauro Borges tinha interesse de estar à frente desta exploração. Em seu plano de ação, por exemplo, propõe fundar a METAGO, através da Lei nº 3.810, de 10 de novembro de 1961, autorizada a funcionar pelo Decreto Federal nº 1.275, de 25 de junho de 1962 (DOU, 28 jun. 1962). Somando isso às intrigas partidárias apontadas pela historiografia, o consenso de Goulart para

¹¹⁹ Ibidem.

¹²⁰ Locutor que entre 1950 e 1970, trabalhou em várias emissoras de rádio de Goiânia, rádio Clube, Brasil Central, Anhanguera e Difusora. Entrevista gravada em programa da rádio Difusora em janeiro de 2007 para a comemoração dos 50 anos da emissora. Arquivo disponibilizado por Diego Joaquim, integrante da Igreja Católica, Goiânia, 2007.

a Votorantim Metais realizar a extração de minérios em Goiás demarca o ponto final nesta relação.

Apesar das intrigas partidárias, as portas de Goiás se abrem para o capital transnacional. Intensifica-se a exploração do mercado goiano por empresas de outros países, a exemplo da Coca-Cola. No início de 1963, esta empresa busca monopolizar e ampliar o seu mercado consumidor em Goiás. Não há barreiras que a impeça de concorrer com as pequenas fábricas locais. A lei antitruste¹²¹ no Brasil começava a aparecer como uma necessidade, mas ainda apresentava-se sensível¹²². Com isso as fábricas goianas são sufocadas.

Todos os frequentadores de bares e consumidores de refrigerantes já sabem, através das caretas risonhas e bonachãs dos comerciantes satisfeitos, e do farto noticiário jubiloso de nossa imprensa vendida, que a bebida norte-americana ‘Cola-Cola’ [*e Crush*] baixou de preço, de Cr\$ 100,00 a Cr\$ 40,00 e de Cr\$ 130,00 a Cr\$ 60,00, com o intuito manifesto de sufocar a indústria de refrigerantes nativos goianos¹²³, que, premidos pelos limitados recursos de seus capitais, virão a abrir falência ou concordada em pouco tempo, caso as autoridades responsáveis não intervenham energicamente (*CINCO DE MARÇO*, 09 dez. 1963).

Na década de 1960, portanto, intensifica-se o desenvolvimento industrial e comercial em Goiás. As emissoras de rádio seguem acompanhando todo esse processo. Elas também dependem do avanço dessa industrialização e avanço do mercado consumidor, o principal correspondente de sua ligação com os anunciantes.

E nessa conjuntura, a RBC contribui com o avanço da racionalização estabelecida por Mauro Borges, um governo que “[...] revolucionou a estrutura administrativa para criar condições favoráveis à modernização econômica de Goiás e sua inserção na economia de mercado” (CUNHA, 2009, p 24). Em 31 de março de 1964, o cenário nacional sofre um impacto com o Golpe Militar. As emissoras alteram também suas relações com a sociedade. Emerge uma complexa organização comunicacional no Estado e o rádio é obrigado a se adequar aos novos tempos que despontam no país.

É neste ambiente de profundas mudanças que o rádio se desenvolve em Goiás. Sofre sua influência e configura-se para manter-se vivo. É convertido também em um rádio político. Nesse ínterim, a RBC tem um papel distintivo.

¹²¹ Na continuação desta mesma matéria demonstram que nessa época já há uma rigorosa lei antitruste nos Estados Unidos, sendo caso de cadeia para aqueles que não a respeitassem.

¹²² A política antitruste no Brasil surge no governo de João Goulart em 1962 com a criação do CADE, pela Lei nº 4.137, de 10 de setembro de 1962 – uma proposta estatal para regular o abuso do poder econômico.

¹²³ Refere-se ao guaraná Gutt-Gutt, Imperial e da Laranjada Brasília.

1.6. Rádio Brasil Central: a emissora dos doze transmissores.

A RBC veio e provocou mudanças significativas na comunicação radiofônica em Goiás. Pode-se questionar: Por que tratar especificamente da RBC, e não de outras, das 18 emissoras existentes em Goiás até 1964? A questão é que a RBC representa um marco divisório na comunicação radiofônica em Goiás e este tópico tem o intuito de esclarecer essa questão.

Em 1950, quatro emissoras de rádio cobrem os ares de Goiás: a rádio Clube de Goiânia, a Carajá de Anápolis, a rádio Xavantes de Ipameri e a rádio Clube de Buriti Alegre. Goiânia é contemplada com apenas uma emissora: a rádio Clube. Irorê Gomes esclarece que “por muitos anos vivemos então nesse ambiente que a rádio Clube nos proporcionava. Isso foi mais ou menos durante uns oito anos, ou pouco mais que isso, existia somente a rádio Clube. Aí surgiu a rádio Brasil Central” (informação verbal¹²⁴).



Figura 9 – Francisco Pimenta Neto, considerado Pela AGI como o pai da radiofonia goiana.
Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás - Rádio: a Trajetória”.
Goiânia, 2008.

Coimbra Bueno perde seu interesse pela Xavantes de Ipameri por ter um alcance local. Com o auxílio de Francisco Pimenta Neto (Figura 9), como vimos anteriormente, prossegue com um novo projeto. Coimbra Bueno trata de levantar o capital necessário e Pimenta Neto se responsabiliza pela criação e montagem dos equipamentos.

O Governador respondeu que ia conversar com Hermógenes Coelho e Aquiles de Pina, para ver se eles topavam a parada. Ficou depois estabelecido que os três subscreveriam 750 contos, 250 cada um deles. Então eu fiquei entusiasmado. Fui imediatamente a São Paulo e sem ter dinheiro algum ainda comprei os transmissores. Um de 10 kilowatz, um de 1kw e um de ondas tropicais (NETO, 1980, p. 184).

Pimenta Neto ressalta que o maior problema, é que Coimbra Bueno age com muita lentidão para resolver as coisas. Contudo, combinam de propor uma sociedade com Achilles

¹²⁴ Irorê Gomes. Depoimento dado ao documentário “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

de Pina¹²⁵, para que fosse mais uma pessoa a contribuir com uma parte do capital necessário para a compra da aparelhagem. Coimbra se encarrega de fazer a proposta, mas leva semanas para ir conversar com ele (NETO, 1980, p.184-185).

Eu tive que passar lá em Anápolis quase que uma noite inteira sentado num banco de jardim, para fazer o Dr. Jerônimo encontrar-se com Aquiles de Pina, para os dois resolverem me dar o dinheiro. Eles se encontraram, Dr. Jerônimo me disse depois ter esquecido de falar com Aquiles a esse respeito. Pedi-lhe que voltasse e então ele falou com Aquiles, que finalmente deu o dinheiro. Com estes trezentos e poucos contos montei a rádio. Faltava o prefixo. Fui ao Rio, e, indo ao Departamento de Correios e Telégrafos constatei surpreso, que o seu Presidente, na época, era meu primo, general Geraldo Amaral, que prontamente me deu os prefixos para ondas médias e tropical.

Coimbra Bueno envia seu representante (Costinha) para repassar a Pimenta Neto a sua parte do acordo, que era de 250 contos. Pimenta Neto, por sua vez, recebe também o apoio de Hermógenes, proprietário de uma empresa de materiais elétricos, que o autoriza a retirar da loja os materiais necessários para a montagem da emissora.

O financiamento para o projeto RBC conta também com a contribuição de Levi Fróis, proprietário de lotes no bairro Jaó de Goiânia. Um dado interessante é que neste momento Levi Fróis não mantém boas relações com Coimbra Bueno e nem com Costinha. E deixa isso claro a Pimenta Neto quando diz: “Olha, Pimenta, pra você eu dou, mas para o Jerônimo e Costinha, não”. Depoimento irônico já que o terreno é para alojar aquela que viria ser a principal porta-voz de Coimbra Bueno em Goiás.

Os trâmites legais para a criação da emissora são tão rápidos que antes mesmo de Pimenta Neto retornar do Rio de Janeiro, Inácio Xavier da Silva, presidente da emissora, já havia recebido um telegrama comunicando os prefixos.

Um dos prefixos da Rádio Brasil Central
Com a presença do sr. Governador, autoridades estaduais e grande número de convidados, a Rádio Brasil Central recebeu o seu prefixo para ondas médias. As nove e meia horas do dia 1º de Março do corrente ano no início do seu programa experimental, a R. B. C. subiu ao ar com seu novo prefixo para ondas médias – ZY-X9, dado pelo seu presidente, Dr. Inácio Xavier da Silva. A inauguração oficial da Rádio Brasil Central e o lançamento dos demais prefixos de ondas, possivelmente se dará domingo próximo (*O POPULAR*, 5 mar. 1950).

Os redatores desse artigo ressaltam ainda, que a BRC é um poderoso instrumento para atingir os longínquos recantos do Brasil. É uma demonstração vigorosa da cultura

¹²⁵ Chefe político que residia em Anápolis.

goiana, das riquezas desse Estado e, fundamentalmente, expressão do desejo da população local de se tornar maior.

A montagem da emissora fica sob a responsabilidade do tenente Beto¹²⁶. Pimenta Neto afirma “[...] que Orlando Consorte foi um dos que mais ajudaram, ele ficava suando o dia inteiro para nós fazermos a instalação da rádio” (NETO, 1980, p. 184). Segundo Hélio Rocha (2010, p. 9), o primeiro endereço da RBC é um prédio “[...] no início da Avenida Anhanguera, número 20. A numeração na época não era ainda por metragem e sim de dois em dois número, par do lado direito e ímpar do lado esquerdo”.

Na sua inauguração oficial é apresentado um “programa, organizado a capricho e verificou-se o desfile de todo o *cast* de artistas exclusivos da ZYX9 – Rádio Brasil Central, sendo aberto pela notável pianista, Sra. Amelia Brandão” (*O ANÁPOLIS*, 09 mar. 1950). Destaca-se neste primeiro momento o elenco da Rádio Teatro, estando sob a direção de Pimenta Neto.

A RBC é inaugurada operando através de três transmissores. “Na época do Coimbra Bueno, já entra com 10 mil watts. É a maior, de ondas curtas, de ondas médias, onda tropical” (informação verbal)¹²⁷. Bezinho observa que “[...] a Brasil Central é a primeira a ter onda curta aqui. No começo eles tinham um transmissor de 1 quilo para 31 metro e para 25 metro”¹²⁸. Eliézer Penna¹²⁹ relata ainda que essas três frequências são alimentadas por 12 transmissores¹³⁰: “[...] fizeram uma rádio fora do comum. A Brasil Central tinha canal 31 e tinha mais uns cinco, seis canais e tinha doze transmissores. Então não tinha problema de transmissor. Conforme a hora era um tipo de transmissão”¹³¹.

Até 1950, as outras quatro emissoras que operavam no Estado continuaram atingindo apenas algumas cidades do Estado. Dentre elas a rádio Clube de Goiânia, a mais potente neste momento. Grande parte dos poucos investidores locais investia em divulgação nessa emissora. Com o surgimento da RBC a rádio Clube sofre um baque. Segundo Ivo Sassi:

Aquilo foi diferente. Eles tinham uma aparelhagem. Com a rádio Brasil Central no ar a rádio Clube perdeu muito, mas muito mesmo. Porque a rádio

¹²⁶ Bezinho, op. cit.

¹²⁷ Bezinho, op. cit.

¹²⁸ Ibidem.

¹²⁹ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

¹³⁰ Isso leva os radialistas a denominarem a emissora como a emissora dos 12 transmissores, como informa o jornal *Diário da Tarde* de 31 de julho de 1956. O Popular faz uma publicação em 29 de maio de 1955 em que dá mais detalhes dos 12 transmissores: “os três antigos e mais nove adquiridos depois, com a seguinte potência: um de 250 watts, ondas médias; um de 1.000, ondas médias; um de 10.000, ondas médias; um de 1.000, ondas tropicais; com dois, de 1.000, ondas curtas, dois de 500, ondas curtas; um de 250 watts, frequência modulada, possuindo, ainda, um transmissor radiotelegráfico para o serviço de comunicação com a ‘Asa Press’”.

¹³¹ Penna, op. cit.

Brasil Central já entrou com ondas curtas, ondas médias, ondas tropicais. E a rádio Clube era aquilo ali. Muita gente deixou de fazer propaganda na rádio Clube porque o som da Brasil Central era maior. Tinha mais alcance. O próprio governo também... (informação verbal)¹³².

Operando em três frequências, a RBC passa a dominar o campo da comunicação radiofônica no Estado. Logo de imediato recebe o título de a mais possante de Goiás.

E a rádio Brasil Central era a mais possante na época. Mandava o som pra esse país inteiro. Tinha pouca onda competitiva no espaço, não tinha celular, não tinha tantas emissoras de rádio de lá pra cá, não tinha tanta rede elétrica que prejudica também a onda, esparrama. Então a Brasil Central era ouvida no Brasil inteiro. Eu tenho cartas dos meus programas aí do Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul, até mesmo do exterior, Paraguai, Uruguai, Argentina. Tenho cartas aí. Por que a Brasil Central penetrava nesses lugares todos, entrava em todo lugar, era uma potência danada (informação verbal)¹³³.

A RBC efetiva mudanças profundas na forma de se fazer rádio e no raio de alcance das transmissões em Goiás. Logo depois de ser colocada em atividade verifica-se que a sua programação atinge todo o território brasileiro. Após alguns anos verifica-se também que estava sendo ouvida em vários países.

Isso se atesta nas cartas recebidas pela emissora, as quais procedem dos Estados Unidos, da Europa e até mesmo da Nova Zelândia. Recentemente, ouvinte da Tchecoslováquia escreveu à RBC informando haver escutado suas transmissões perfeitamente bem. O signatário da missiva, que entende português e já residiu em nosso país, há muitos anos, enviou a informação acompanhada de congratulações ao Senador Coimbra (*O POPULAR*, 29 mai. 1955).

Em 1959, Moraes Júnior é elogiado pelos editores do jornal *Diário da Tarde* por receber uma carta de Cauby Peixoto, enviada dos Estados Unidos. Cauby informa que acompanha seu programa através de ondas curtas. “A referida carta tece elogios ao radialista goiano, como ao seu programa: ‘Você pede e eu atendo’, e aos ouvintes do mesmo, agradece pelas solicitações das suas gravações” (*DIÁRIO DA TARDE*, 10 mar. 1959).

Com a RBC Goiás entra definitivamente para o rol dos poucos estados que têm acesso às ondas radiofônicas que extrapolam as fronteiras nacionais. Inicia definitivamente o processo pela superação de seu desconhecimento e de seu isolamento. É incorporado à vanguarda da esfera comunicacional brasileira. Com a RBC coloca-se em evidência pela primeira vez a importância da profissionalização no rádio.

¹³² Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

¹³³ Sílvio Medeiros, op. cit., 2004.

O diferencial da emissora começa a se esboçar em sua montagem. Os técnicos que a colocam para operar inovam com aparelhos que permitem gerar sua própria energia: “Aí foi diferente, porque aí chegou com potência, chegou com energia própria, com energia Eletro diesel, aquilo foi diferente. Eles tinham aparelhagem” (informação verbal)¹³⁴. A sua aparelhagem lhe permite funcionar ininterruptamente, enquanto as demais sofrem com as quedas e falta de energia (*DIÁRIO DA TARDE*, 8 out. 1957).

Outra inovação advém de sua organização interna. Estabelece-se aos moldes das grandes emissoras do país, com profissionais conhecedores da esfera comunicacional. A RBC desperta a atenção de radialistas das concorrentes, que logo demonstram desejo em ocupar um espaço na emissora. Em pouco tempo, profissionais de emissoras do interior e da própria rádio Clube começam a integrar o seu quadro de funcionários. Sílvio Medeiros que neste momento atua na rádio Clube, por exemplo, vai participar do concurso realizado pela RBC para a contratação de profissionais.

[...] na rádio Brasil Central aí não teve ajuda não. Aí foi com cento e tantos candidatos. Eram dez locutores pra rádio Brasil Central. Aí veio gente de Inhumas, de Anápolis, de Anápolis então nem se fala. De Itumbiara, veio gente até de Minas Gerais, por que a rádio estourava por aí a fora (informação verbal)¹³⁵.

Segundo Jackson Abrão, “[...] a rádio Brasil Central é pra Goiás e para a região central do Brasil, o que a Globo hoje é pro Brasil, era uma emissora poderosa, muito bem estruturada técnica e do ponto de vista humano também” (informação verbal)¹³⁶.

Em meados de 1950, a administração da RBC está sob os cuidados de José Arantes Costa na presidência; Mário Coelho na vice-presidência; Eládio Velasco como administrador geral; a parte artística com Sílvio Medeiros; o departamento comercial com Antônio Moraes; radioteatro com Luiz Carlos; programas esportivos com Luiz Rótoli; a parte de notícias com Eurico Barbosa e relações públicas com Heli Mesquita (*O POPULAR*, 29 mai. 1955).

Jerônimo Rodrigues cita alguns nomes que se destacam na radiofonia goiana e que integraram o quadro de profissionais da RBC.

Na linha noticiosa, por exemplo, nós pegamos bons professores [...]. Mas nós pegamos em Goiás, Jorge Abrão, que era irmão do Jackson, um senhor noticiarista; Ivo de Melo, um senhor noticiarista; Walter Pureza, Gonçalves Filho, Hugo Wacheck (informação verbal)¹³⁷.

¹³⁴ Irorê Gomes, op. cit.

¹³⁵ Sílvio Medeiros, op. cit., 2004.

¹³⁶ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

¹³⁷ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

Segundo Luiz Rótoli¹³⁸, a exigência maior é na linha de locutores comerciais. Nessa parte, os dirigentes são bem rigorosos. É preciso ter boa voz, conhecimento das normas cultas de português e conhecimento de idiomas. Para ser contratado, no entanto, é preciso passar por uma avaliação, um processo simples que ocorre com a leitura de um texto. Verificam aí se o candidato apresenta condições técnicas para o trabalho. Sua equipe é formada por 42 pessoas, enquanto o número de funcionários das outras emissoras não ultrapassa uma dezena. Com esta organização pode-se imaginar o potencial esperado da RBC.

José Cunha Júnior, neste momento, ocupa a direção da rádio Clube de Goiânia. Em entrevista faz apontamentos a respeito da força técnica e organizacional da concorrente que começava suas atividades: “Foi um fusuá danado. Brasil Central. Entrou bem, tinha equipamento, tinha muita gente, tinha todo um sistema, quando eles entravam, já entravam tecnicamente, já tinha aprendido conosco, então foi mais fácil aperfeiçoar” (informação verbal)¹³⁹. “Quando entrou no ar, foi no mesmo ano que foi lançado o gravador de fio. A Brasil Central foi a primeira que começou a trabalhar assim” (informação verbal)¹⁴⁰.

Toda a estrutura montada para dar vida à RBC garante a ela uma programação bem atrativa. Em poucos dias torna-se a mais ouvida no Estado: “A programação dela era a melhor que tinha, do Coimbra Bueno. Tinha programa de auditório, tinha novelas, tinha de tudo, esporte. Era a Brasil Central mesmo” (ibidem).

Com o potencial que demonstrou para a comunicação radiofônica é convertida em porta voz de Goiás, como elucida Jerônimo Rodrigues: “Nós tínhamos dificuldades da telefonia, tínhamos dificuldades do telégrafo, não estava em todos os lugares. Então a Brasil Central era a porta-voz em Goiânia do interior do Estado” (informação verbal)¹⁴¹. Sílvio Medeiros acrescenta: “Então, a Brasil Central, que era ouvida no Brasil inteiro, ela servia pra dar notícias de Goiás” (informação verbal)¹⁴².

Ela recebe ainda o apoio de emissoras do interior que usam de práticas que se parecem ao que se fazia na década de 1940, ou seja, a retransmissão de seus programas de maior audiência. Arnaldo Oliveira, locutor da rádio Educadora de Goiandira, afirma que utilizava um rádio receptor ligado diante do microfone para retransmitir alguns programas: “Ligava um radinho no estúdio ali, muito mal, mas transmitia até nove horas da noite. Aí

¹³⁸ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

¹³⁹ José Cunha Júnior, op. cit.

¹⁴⁰ Bezinho, op. cit.

¹⁴¹ Jerônimo Rodrigues, op. cit.

¹⁴² Entrevista realizada por Luiz Sérgio Duarte, professor do programa de história da UFG, disponibilizada para pesquisa em 2011.

encerrava. No outro dia 7 horas começava tudo de novo. O horário era todo dia” (informação verbal)¹⁴³.

O potencial comunicacional da RBC proporciona-lhe a primazia de ser tomada pelas emissoras do interior de Goiás como referência para formatar sua programação. Torna-se o modelo de profissionalismo desejado pelas demais. Como colocou Jerônimo Rodrigues, “[...] a escola era, querendo ou não, me desculpem as outras, era a Brasil Central” (informação verbal)¹⁴⁴.

Com a fundação da RBC a dinâmica do rádio em Goiás altera-se. O profissionalismo passa a ser o ponto central da radiofonia e sua estrutura lhe garante a liderança na audiência de forma absoluta em Goiás. Mas, não consegue manter esta posição por muito tempo. O problema é que a direção da emissora não procurou inovar em sua programação. Assim, em 1956, ganha uma concorrente, a rádio Anhanguera¹⁴⁵. Ao ir ao ar no final do ano anterior essa emissora atrai a atenção de ouvintes que acompanham o rádio da capital em várias regiões do Estado.

A Anhanguera começa com novidades. Isso se deveu à sua programação, que está neste momento sob o comando do então recém-chegado de São Paulo Walfrido Gramont. Ele é responsável por abrir “novos caminhos ao rádio de Goiás, forçando a emulação de que resultou um novo e mais elevado índice cultural e artístico do nosso sem fio” (*DIÁRIO DA TARDE*, 6 nov. 1956).

A Rádio Brasil Central sente que é preciso modificar, se não totalmente, pelo menos boa grande parte de sua programação¹⁴⁶, se quiser continuar sustentando o nível de audiência já ameaçado e recuperar aqueles ouvintes que lhe dava a posição vantajosa de vanguardeira e campeã na Capital e no interior do Estado. “O panorama atual nos oferece a R.A. e a RBC em plano de igualdade, com ligeiras vantagens para a emissora de Taufic Sebba¹⁴⁷, quanto a determinados setores da programação” (Ibidem).

As disputas entre as emissoras se acirram. A RBC sente e tenta enfraquecer a concorrente atraindo seus melhores locutores. Em 1958, contrata Luiz Augusto, e a notícia se espalha tornando-se o assunto falado nos bastidores do rádio: “[...] o moço irradiava futebol

¹⁴³ Arnaldo Oliveira, op. cit.

¹⁴⁴ Op. cit.

¹⁴⁵ Já em 1955, a RBC sofre uma baixa em sua audiência no Estado. Com a substituição da direção, que passa a ser gerida por José Pereira Borges, a emissora consegue retomar seu posto de líder de audiência (*NOVA CAPITAL*, 31 dez. 1955).

¹⁴⁶ Um dado interessante colocado pelos editores desse jornal é que a rádio Clube de Goiânia também sente com a reestruturação da rádio Anhanguera, e para manter sua audiência começa a se especializar em determinada programação, mais especificamente no setor do radiojornal e radioreportagem.

¹⁴⁷ RBC.

pela Rádio Anhanguera. A Rádio Brasil Central, com proposta mais vantajosa levou-o a seus quadros” (*JORNAL DE NOTÍCIAS*, 2 mar. 1958).

A época é de efervescência no setor profissional. O modelo de profissionalismo que representou a RBC há pouco tempo, havia sido copiado pelas demais e desenvolvido pelas mesmas. E agora a emissora estava em vias de ser superada. Sua situação se complica um pouco mais em 1959, com a inauguração de um transmissor de ondas curtas pela Carajá de Anápolis (Figura 10), que agora apresenta uma nova ameaça em transmissões nacionais e internacionais.



Figura 10 – Anúncio sobre a inauguração do transmissor de ondas curtas da rádio Carajá de Anápolis
Fonte: *O Anápolis*, 7 de junho de 1959.

A já boa programação daquela emissora está sofrendo novas reformas, a fim de que possa a Rádio Carajá se igualar às melhores emissoras do interior brasileiro. Esta inauguração da onda curta da emissora Anapolina é de grande importância para a cidade, que, assim, terá mais ampla propaganda externa através das ondas que cobrirão todo o território nacional (*O ANÁPOLIS*, 30 abr. 1959).

Dois meses depois, a Carajá já não restringe sua audiência tão somente a um pequeno círculo de poucos quilômetros, mas passa essa voz a todo o país, senão a todo o mundo (*O ANÁPOLIS*, 14 jun. 1959).

Em 1960, a situação da Brasil Central se agrava com a reviravolta que ocorre na programação da rádio Clube de Goiânia¹⁴⁸. Esta emissora recebe uma atenção especial de seu proprietário Assis Chateaubriand (proprietário dos Diários dos Associados, uma rede gigantesca de comunicação no Brasil que envolve TV, rádio, jornais etc.). Seus equipamentos são renovados e sua programação reestruturada. Segundo Oscar Dias isso ocorre quando:

[...] o José de Ribamar Leite veio do Ceará pra organizar os Diários dos Associados aqui em Goiânia, que tinha pouca audiência, a rádio de maior audiência era a rádio Anhanguera, e ele veio para modificar a administração dos Associados da rádio Clube de Goiânia (informação verbal)¹⁴⁹.

¹⁴⁸ O jornal *Diário da Tarde* publica uma nota em 26 de julho de 1956, na qual já demonstra certo descontentamento popular pela programação da RBC. Segundo a nota a programação da RBC se resume neste momento, em sua maior parte, a músicas e propagandas, intercaladas raramente com um programa de Sílvio Medeiros: “De vez em quando, como um diamante no cascalho aparece um programa, como “O Tango e a Poesia”, o já famoso ‘Festival S.M.’ (Sílvio Medeiros) e o impagável ‘Carrossel da Alegria’ aos domingos”.

¹⁴⁹ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

Oscar dias ressalta que a rádio Clube se estrutura e melhora sua organização profissional: “[...] a rádio Clube, nesse período, entre 1961 até 1966, era uma emissora de grande poder de comunicação e de muita audiência. Foi uma emissora de rádio que tinha, na época, os principais nomes do rádio goiano” (informação verbal)¹⁵⁰. Com a reestruturação da rádio Clube, Chateaubriand propõe a criação da primeira TV em Goiás.

E os Associados, ainda no auge do seu grande mentor, Chateaubriand, construiu um prédio novo na Anhanguera e passou a Folha de Goiás e a rádio Clube, já pensando numa televisão. E montaram uma grande equipe. E logo, logo, a rádio começou a subir e as outras emissoras ou estagnaram ou começaram a cair. E a rádio Anhanguera começou a cair. Ela que era a líder de audiência (informação verbal)¹⁵¹.

A notícia da TV se espalha pelo Estado. Neste período a RBC perde mais audiência. Em decorrência disso, parte de seus financiadores migram para as concorrentes. Sem dinheiro em caixa não consegue aumentar o salário de seus radialistas e encontra dificuldades de manter seu quadro de funcionários.

A Rádio Brasil Central ficará sem funcionários, se a diretoria não tomar providências urgentes na parte financeira. Podemos declarar que quase todos os funcionários estão de malas prontas para deixarem a mais potente da cidade, se o aumento não vier (*O POPULAR*, 2 jul. 1960).

Jackson Abrão (informação verbal)¹⁵² coloca que a queda de audiência da Brasil Central tem como um dos principais motivos, bochichos sobre a compra da emissora por Mauro Borges. José Arantes Costa (informação verbal)¹⁵³, então presidente da emissora, relata que Mauro Borges o procura para fazer uma proposta para adquiri-la. Imediatamente ele entra em contato com Coimbra Bueno, que neste momento reside em outro Estado. Coimbra Bueno, diz não ter mais interesse pela emissora em consequência das despesas que estão extrapolando a sua receita e isso tem o preocupado.

Os diretores da RBC ainda tentam novas estratégias para retomar sua audiência sem que fosse necessário vendê-la. Melhoram o salário de seus funcionários e continuam contratando profissionais que atuam em outras emissoras. Castro Filho, locutor da rádio Clube, por exemplo, recebe uma proposta salarial de José Arantes Costa, e resolve deixar aquela para ingressa nesta última.

¹⁵⁰ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória, Goiânia, 2008.

¹⁵¹ Castro Filho em depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória, Goiânia, 2008.

¹⁵² Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória, Goiânia, 2008.

¹⁵³ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória, Goiânia, 2008.

Com isso aí a rádio passou a remunerar muito melhor. Tanto é que eu saí dos Associados na época ganhando 42 mil cruzeiros pra ganhar 80 na Rádio Brasil Central. Então, pagando bem, forçou também as outras emissoras a melhorar o salário dos seus radialistas (informação verbal)¹⁵⁴.

A RBC consegue retomar parte da audiência, mas não o suficiente para conquistar a confiança de seu fundador. É finalmente negociada com Mauro Borges em 1961. A RBC, no entanto, deixou sua marca na história da radiofonia goiana. Além de modelo de rádio em Goiás, sua história conta ainda com a contribuição que deu à transferência da capital federal para Goiás.

1.7. Brasília: não é que o Juscelino conseguiu trazer? E a rádio deu em cima – Rádio e a Construção de Brasília.

O Plano de Metas JK representa um divisor da história de Goiás e do Brasil. Apresenta a almejada e ousada proposta histórica¹⁵⁵ de mudar a capital do Rio de Janeiro para Brasília. É uma estratégia do próprio Estado brasileiro para incorporar as regiões centrais para atuarem em prol do progresso do país. Isso exige, portanto, um poder centralizado.

A decretação getuliana de ‘Marcha para o Oeste’ foi a expressão de intenção adequada a um surto de expansão interna, resolvendo as machucaduras de 1930 sob a égide de um federalismo autoritário e centralista. Ainda, anos depois e consoante, a ideia transformou-se com Kubitschek como uma tentativa de interiorizar a centralização do poder político e econômico (condenado que estava o regime federalista). Na concepção de Vargas talvez se pretendesse apenas incorporar (ou colonizar) as regiões centrais do país sem, portanto alterar o poder do polo gravitacional do Centro-Sul, e pelo contrário, ressarcindo-o das sequelas de 1930 (BERTRAN, 1978, p. 134).

A construção de Brasília no centro do país representa, ao mesmo tempo, a procura de uma identidade para a construção de uma nacionalidade, como coloca Silva (2010, p. 36):

Contra o estrangeiro, o falso, o artificial e o aparente, o país, ao assumir-se, forja seu destino como potência. Buscar o centro: o sentido do caráter nacional é o oeste. A região possui um aliado forte e antigo na luta pela mudança da capital. [...] Forjar uma comunidade, encontrar uma identidade, construir a nacionalidade – é essa a questão. À pergunta ‘Para onde vai o Brasil?’, sempre a mesma resposta: para o centro, ao seu destino de potência. A insistência no progresso como instituidor da nossa modernidade é sinal de uma carência que se inverte em vontade de poder.

¹⁵⁴ Castro Filho, op. cit.

¹⁵⁵ Magalhães (2008, p. 151) defende a tese que “[...] a idéia da mudança da capital do Brasil para o interior do País, ao contrário do que pensa a maioria das pessoas, não começa com o presidente Juscelino Kubitschek. Pelo contrário, o movimento que se formou em torno da idéia de interiorização da capital, denominado “mudancismo”, termina em Juscelino”. Ver sobre isso também em Silveira (1957).

Juscelino recebe suportes importantes em Goiás para seu projeto. Jerônimo Coimbra Bueno e seu irmão Abelardo Coimbra Bueno dedicaram suas forças em torno do projeto de transferência da capital para o centro do país.

Pessoas como Jerônimo e Abelardo Coimbra Bueno construíram Goiânia e passaram a ser conhecidas pela insistência no projeto da nova capital federal [...] Por escolha de Pedro Ludovico, o interventor, Jerônimo chefiou as obras de Goiânia. Mais tarde, ele também governou Goiás (1947 a 1950) e usou de seu cargo para fazer a propaganda mudancista. [...] foi o homem que construiu politicamente Brasília (SILVA, 2010, p. 37).

Ao fundarem a RBC, Coimbra e seu irmão Abelardo fazem dela um instrumento poderoso em prol da mudança. A iniciativa de ambos é a de colocar a entidade e a emissora a serviço dessa causa (ROCHA, 2010, p. 33). José Arantes Costa, um dos administradores da RBC nesta época, relata que “[...] quando ele [Coimbra Bueno] criou a Brasil Central naquele momento mesmo já era para fazer a propaganda de Brasília” (informação verbal)¹⁵⁶. A construção política de Brasília aludida por Silva (2010) é notada no uso que fazem desta emissora. A RBC deve atuar para este propósito (Figura 11).



Figura 11 – Cartaz publicado por jornais em Goiás que expressa a concepção da RBC estar a serviço de Brasília.
Fonte: *O Popular*, 25 dez. 1955.

Sílvia Medeiros observa que os irmãos Coimbra criam um slogan para referirem-se à transferência da capital, dito logo que a emissora é colocada em caráter experimental.

Em 1950 eu fui pra rádio Brasil Central. Tinha o slogan lá:

- Fundação Coimbra Bueno pela nova capital do Brasil.

A gente falava isso ninguém acreditava, todo mundo telefonava:

- Vocês estão loucos!

Eu fui um dos primeiros locutores a dizer o slogan, já na casa dos transmissores, lá na beira do rio Meia Ponte. Os estúdios não estavam prontos ainda aqui na Avenida Anhanguera, aqui na baixada do Botafogo, então nós começamos a funcionar em caráter experimental lá na casa dos transmissores. E a rádio Brasil Central trabalhou com esse slogan. De 10 em 10 minutos, de 15 em 15 minutos, saía esse slogan lá. Recebemos cartas, telefonemas, dizendo que a rádio tava louca¹⁵⁷.

“Então você observa que o rádio tinha uma força muito grande aqui. Porque era o centro do Brasil já trabalhando para a fundação de Brasília dez anos antes. Então despertava

¹⁵⁶ José Arantes Costa, op. cit.

¹⁵⁷ Sílvio Medeiros, op. cit., 2004.

muita curiosidade” (informação verbal)¹⁵⁸. Walter Meneses afirma que riam de Coimbra Bueno ao falar que estava trabalhando pela mudança da capital.

A RBC marcou muito a radiofonia goiana por que ela foi a mais possante e ela foi fundada por Jerônimo Coimbra Bueno pra exatamente fazer a difusão da transferência da capital da república, sabe! Muitos anos antes era risível essa rádio falar em mudança da capital. Então, o Jerônimo Coimbra Bueno, ele foi governador na década de 50. Então ele já pensava na mudança. A gente ria dele né! Mas é um homem de visão. Tanto é que ele botou essa rádio pra fazer propaganda da mudança. Tá entendendo! E era isso! Todo dia e toda hora falava, Rádio Brasil Central ZY tal, ZY tal, tal, tal... Dava-se o prefixo¹⁵⁹.

Além dos rápidos anúncios que Jerônimo propõe para serem veiculados no decorrer da programação através dos slogans e vinhetas, chama a atenção da direção da emissora para a importância de criarem programas que pudessem fazer a propaganda pela mudança.

Quando a emissora entrou no ar, Coimbra Bueno abriu um espaço jornalístico valioso encaixando material a favor da mudança da capital no suplemento intitulado ‘Singra’, encarte que circulava aos domingos em jornais do Rio, de São Paulo e outras capitais, com boa repercussão (ROCHA, 2010, p. 33).

Singra é convertido de material impresso para material sonoro. Assim como acontecia em outros Estados recebe uma versão radiofônica em Goiás para divulgar e fazer a propaganda do próprio Estado.

O executivo de cidades do interior torna-se o foco em um de seus programas, com o objetivo de promover o desenvolvimento urbano de Goiás. Walter Meneses, um dos locutores da emissora nesse período, comanda o programa “Sob os Céus de Goiás”.

Esse programa se propunha a divulgar tudo sobre Goiás. A gente achava aquele entusiasmo; jovem né! As grandezas de Goiás, Estado que mais cresce; aquela coisa toda, a gente anunciava com aquela voz cheia de impostação né! – Goiás etc., né!... E... Eu lembro que as prefeituras, algumas até corrutelas, a gente tinha aquele projeto, “Entre as Aspas para o Futuro”. Pedimos o prefeito para doar terras, lote na cidade para os industriais que queriam ir lá construir fábricas também né! Dizem que algumas até deu certo né! (informação verbal)¹⁶⁰.

¹⁵⁸ Ibidem.

¹⁵⁹ Op. cit.

¹⁶⁰ Walter Meneses, op. cit.

Além do programa “Sob os Céus de Goiás” Walter Meneses cria o programa “Alô Brasília”, para divulgar o andamento da construção de Brasília e os acontecimentos cotidianos relacionados ao avanço do projeto de edificação da nova capital¹⁶¹.

Esse programa da década de 50 é... De 54. Tinha um alvoroço lá. Já falava em Brasília. 55 começou a construção lá de Brasília sabe! Núcleo Bandeirante. E nós tínhamos esse programa, ‘Alô Brasília’. Tinha muito goiano lá. Aliás, a população inicial lá era 70% de goiano. Uns 15% de nordestino, tinha muito nordestino. O restante era brasileiro de todas as partes né! Esse programa eu que transmitia. Alô, alô fulano, sua mãe tá chamando, não sei o que, pá, pá... Interessante, um programa útil... E música naturalmente. ‘Alô Brasília’. E naturalmente a propaganda de Brasília né!¹⁶².

Neste contexto em que as atenções estão voltadas para o desenvolvimento de Goiás, o rádio é utilizado para contribuir com o rompimento do ostracismo que paira sobre o Estado. Jerônimo Rodrigues¹⁶³, radialista da RBC, observa que com as vicissitudes em Goiás, que a cada dia oferecia mais condições para receber Brasília, no decorrer daquela década ocorrem mudanças na concepção nacional a respeito da transferência da capital. Aos poucos os adversários desta ideia foram aceitando a ideia. Essas modificações refletiram nas mensagens divulgadas pela RBC. Após um determinado tempo, aquele slogan inicial dá lugar a outro. Segundo Jerônimo passa a ser:

- Rádio Brasil Central, Fundação Coimbra Bueno pela mudança da Capital Federal para o Centro-Oeste brasileiro.
E quando nasceu a história de Brasília foi quando criou:
- Fundação Coimbra Bueno pela construção de Brasília.
Então, isso aí, querendo ou não, devemos a esse trabalho de divulgação aos irmãos Coimbra Bueno, doutor Jerônimo e doutor Abelardo¹⁶⁴.

A necessidade da mudança faz parte do roteiro de sua programação. Isso é atestado nas cartas recebidas pela emissora que procedem dos Estados Unidos, Europa e até mesmo da Nova Zelândia (*O POPULAR*, 29 mai. 1955).

Doze transmissores pela nova capital do Brasil
Corajosa iniciativa do senador Coimbra Bueno, na defesa do velho ideal da transferência da capital da república para o Planalto Central – um patrimônio superior a quinze milhões a serviço de uma grande causa – José Arantes Costa presidente com Tirccinio a grande organização (*O POPULAR*, 29 mai. 1955).

¹⁶¹ Em novembro de 1956 Sebastião de Abreu cria o programa de jornal falado Pelo Catete no Planalto (*DIÁRIO DA TARDE*, 3 nov. 1956).

¹⁶² Ibidem.

¹⁶³ Op. cit., 2008.

¹⁶⁴ Ibidem.

O objetivo que é designado para o formato de sua programação não é uma tarefa fácil de ser efetivado. São muitas as posições contrárias à ideia de mudança da capital federal para o centro do país.

Muita gente foi contra a mudança da capital do Rio de Janeiro, que era uma coisa fixada, que vinha desde o Império... Pra tirar do Rio de Janeiro essa estrutura administrativa... - Como, eu que to aqui já a 10, 20 anos de Ministério da Fazenda, eu vou lá pra aquele buraco, um negócio lá no fim do mundo, só tem índio? (informação verbal)¹⁶⁵.

Por isso os radialistas tinham consciência que era preciso, no entanto, superar os obstáculos. Juscelino encontra dificuldade neste momento de avançar com seu projeto já que o Tribunal de Contas da União nega-lhe “[...] o registro de verba para pagamento das terras a serem desapropriadas” (MELO, *apud* CAMPOS, 2004, p. 35). A atuação de José Ludovico é elementar nesta empreitada.

Atrás da Lei n. 1.071, de 11 de maio de 1955, o governador José Ludovico desapropria uma área de 4.300 alqueires, onde deveria ser edificada a nova capital. Além disso, o governo goiano constrói um aeroporto no futuro Distrito Federal, abre estradas ligando diferentes pontos da nova capital ao aeroporto e nomeia uma Comissão de Cooperação, constituída por secretários de Estado e por expressivos homens de negócios, para ajudar os construtores de Brasília. É grande o empenho do governo e de parlamentares goianos para a transferência da capital (CAMPOS, 2004, p. 35).

Enquanto isso a RBC anuncia cada tijolo assentado no planalto goiano, cada rua asfaltada e cada árvore que vai ao chão para dar lugar ao concreto. Acompanha de perto a transmissão da primeira missa campal de Brasília (Figura 12), que ocorre em três de maio de 1957. A transmissão é de responsabilidade de Luís Rótoli juntamente com Jerominho, liderados por Heli Mesquita, formando uma equipe com os técnicos “[...] Juscene Fleury, Antônio Morais e Orlando Consorte” (GALLI, 2011, p. 36).



Figura 12 – Primeira missa campal de Brasília.
Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”.
Goiânia. 2008.

¹⁶⁵ Walter Pureza. Locutor em várias emissoras de rádio de Goiânia entre 1950 e 1970, entre elas a rádio Clube, Brasil Central, Anhanguera e Difusora. Entrevista gravada em programa da rádio Difusora em janeiro de 2007 para a comemoração dos 50 anos da emissora. Arquivo disponibilizado por Diego Joaquim, integrante da Igreja Católica. Goiânia, 2007.

O evento é transmitido pela rádio Nacional do Rio de Janeiro. “Lá estava também a Agência Nacional, mas na última hora os transmissores da Agência Nacional entraram em pane e eles não tiveram condições de transmitir” (informação verbal)¹⁶⁶. Para resolver este problema e manterem-se no ar para transmitir o evento, os diretores da Nacional se apropriam das transmissões realizadas pela RBC. Assim, pôde a emissora carioca transmitir, com sucesso, a missa de Brasília para o Brasil inteiro (GALLI, 2011).

Ela forneceu som, áudio, para todas as emissoras do Brasil. Porque um ia retransmitindo para a outra né! Atingiu todo o Brasil. Acredito que foi a cobertura, foi a maior rede radiofônica que o Brasil transmitiu durante todos os tempos. Nem a Rede Globo conseguiu de uma vez só, num dia só, o que a Rádio Brasil Central fez, sabe! O Brasil atingido de ponta a ponta, através do som da Rádio Brasil Central (informação verbal)¹⁶⁷.

O fato é que Brasília sai do papel e se efetiva. Emival Ramos Caiado apresenta um projeto que fixa “[...] data da transferência da capital para Brasília” (CAMPOS, 2004, p. 35).

[...] o legislativo goiano esteve presente em toda a construção: requerendo melhorias – estradas, pistas de aeroportos, eletrificação, telecomunicação; almejando privilégios (em setembro de 1959, a Assembleia encaminhou um ofício requerendo facilidades para aquisição de lotes para os funcionários públicos estaduais; em outubro de 1957, solicitou a incorporação da Faculdade de Direito de Goiás à futura Universidade de Brasília); fazendo a propaganda mudancista com matérias pagas, caravanas de deputados em campanha pelas capitais brasileiras (SILVA, 2010, p. 47).

Não só a RBC presta esse serviço em torno da ideia da nova capital no centro do país. Outras emissoras acabam por entrar na luta pela busca do progresso. A rádio Anhanguera também começa operando com o anúncio de que nasce para contribuir com a modernização de Goiás. Os radialistas desta emissora dedicam a incluir informações do planalto central em seus programas. O objetivo principal é mudar a visão que se tem de Goiás, uma terra do nunca e inabitada (*DIÁRIO DA TARDE*, 05 out. 1956).

Outras emissoras atuam política e diretamente na abertura de estradas, a exemplo do que fez Walter Lopes de Deus¹⁶⁸ pela rádio Cultura de Catalão no final da década de 1950. Segundo ele, o deputado federal Wagner Estelita Campos, na época integrante do PDS e veio em 1960 a mudar para o PDC, apresenta um projeto para ampliar a BR que liga São Paulo a Uberlândia. Sua proposta é a de adentrar pelo sudoeste de Goiás, passar por Cristalina e ligá-

¹⁶⁶ Luís Rótoli. Depoimento dado ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

¹⁶⁷ Walter Meneses, op. cit.

¹⁶⁸ Mais conhecido como Walter Caçado. Locutor e experiente conhecedor dos trâmites legais e internos para a criação de emissoras de rádio da década de 1950 e 1960. Auxilia a fundação da rádio Cultura de Catalão, rádio Cultura de Anápolis e outras emissoras posteriormente. Entrevista realizada em abril de 2007.

la a Brasília. Walter Cançado neste momento é reconhecido popularmente. Carrega consigo o prestígio de radialista que adquiriu com seu trabalho no rádio em épocas anteriores. Por isso é convidado por Estelita Campos para acompanhá-lo com o propósito de se criar uma sensibilização popular para seus desígnios.

De cristalina até Uberlândia foi uma luta e a rádio aqui participou. Eu viajei com ele. Antes de apresentar nas reuniões, associação comercial, Rotary, Lions, tudo quanto é instituição que precisava, aqui, Uberlândia, Uberaba, eu estava com Estelita Campos. Eu que apresentava ele com todas essas vozes, pra poder falar do assunto. E aí isso sensibilizou¹⁶⁹.

Estelita Campos, até então, está presidindo a Comissão de Orçamento da Câmara Federal no governo de Juscelino Kubitschek. Com intervenções políticas consegue incluir uma verba no orçamento da União que possibilita construir a BR-106, hoje BR-050. No final de 1950, finalmente consegue ligar São Paulo, Minas Gerais, Goiás e a futura capital, Brasília. Em sua homenagem a ponte que liga o Estado de Minas Gerais a Goiás é nomeada de ponte Estelita.

A atuação do rádio em Goiás é também indispensável para combater as críticas de artistas do Rio de Janeiro que atuam em desacordo com a transferência da capital. Foi nesse sentido que emissoras goianas proibiram a veiculação da música “Não Vou prá Brasília”, de autoria de Billy Blanco e gravada em disco pelo conjunto vocal “Os Cariocas”. Isso é uma demonstração que as emissoras estavam fiéis ao programa de JK. “A medida adotada pelas emissoras é taxativa: ‘Não vou prá Brasília’ não pode ser executada nem em programas de auditório nem em programas de gravação” (*O ANÁPOLIS*, 31 out. 1957).

A referida música procura ridicularizar a construção e a mudança da capital da República para Brasília. “Entre outras coisas, a letra de ‘Não Vou prá Brasília’ diz que não é índio, nem nada, preferindo ficar em Copacabana, com sua família, do que ir para Brasília”¹⁷⁰.

Nesse momento decisivo para o futuro do Brasil e de Goiás, no entanto, a radiodifusão continuava fortalecendo sua atuação na criação de um imaginário progressista que clamasse pela interiorização da capital. Com o propósito de continuar e fortalecer esse trabalho já realizado pela RBC e por outras emissoras é que a rádio Difusora vai ao ar. Segundo Walter Pureza¹⁷¹, “[...] uma das coisas que a Difusora participou com muita vontade, foi na construção da nova capital. Quando idealizou-se Brasília ela entrou nessa luta e participou com muita atividade, defendendo a mudança, a interiorização da Capital Federal”.

¹⁶⁹ Ibidem.

¹⁷⁰ Ibidem.

¹⁷¹ Locutor da emissora na década de 1960.

Assim que a emissora é adquirida pela Arquidiocese de Goiânia sua programação é reformulada. Passa a divulgar as ações da Igreja Católica. Com intuito de expandir seu trabalho de evangelização esta instituição evidencia problemas sociais que trazem desconforto para aqueles que atuam na construção de Brasília. Colocam-se à disposição para trabalhar em conjunto com o Estado.

Enquanto isso os representantes da Igreja Católica em Goiás lutam e se mobilizam para levar para Brasília a assembleia que reúne os gestores mais significativos da Igreja. Dom Fernando é um nome expressivo nessa luta e acaba conseguindo levar os bispos para a região. O principal objetivo de Dom Fernando é que os bispos vejam as obras e possam observar de perto que a construção de Brasília não é utopia e que está sendo realizada.

E foi graças a isso que dom Emmanuel motivou a CNBB que providenciou logo a criação da Arquidiocese de Brasília. Em 1960 foi criada a Arquidiocese de Brasília. E com isso tirou das costas de Dom Fernando um peso enorme. As duas primeiras paróquias de Brasília foram criadas pela Arquidiocese de Goiânia. A paróquia São João Bosco, lá na Candangolândia, e a de Santa Cruz, dos padres estigmatinos, os dois grandes pioneiros de lá, o Padre Roque Valiat, salesiano, e o Padre Primus Cusolini, foram os dois primeiros vigários lá de Brasília. Mas Dom Fernando sentiu-se aliviado quando a Santa Sé nomeou o Dom José Nilton de Almeida, que era Arcebispo de Diamantina, nomeou como Arcebispo de Brasília pra que ele tomasse conta daquele trabalho (informação verbal)¹⁷².

A rádio Difusora reforça o trabalho de propaganda pela transferência da capital já realizada pela RBC, pela rádio Anhanguera e por outras emissoras e o faz do ponto de vista da Igreja Católica. Apresenta-se como mais um inibidor às posições daqueles que se colocam contrários à transferência.

Se a ideia de mudança da capital para o centro do país era considerada uma expressão de insanidade no início de 1950, como foi relatado por Sílvio Medeiros, o fato é que no decorrer desta década essa concepção foi aos poucos sendo superada. Talvez a repetição realizada pela RBC e por outras emissoras em intervalos de 15 minutos durante quase 10 anos tenha surtido efeito. Quer dizer, dez anos antes você falar na mudança do Rio pra Brasília, não é que o Juscelino conseguiu trazer, e a rádio deu em cima (informação verbal)¹⁷³. A sanidade se sobressaiu, enfim, com o rádio anunciando o progresso de sua atuação.

¹⁷² Pe. Nelson Rafael Fleury. Entrevista gravada em programa da rádio Difusora em janeiro de 2007 para a comemoração dos 50 anos da emissora. Arquivo disponibilizado por Diego Joaquim, integrante da Igreja Católica. Goiânia, 2007.

¹⁷³ Sílvio Medeiros, op. cit., 2004.

A construção acelerada de Brasília, que fará pulsar no coração do Brasil Central todas as forças vivas da nacionalidade é uma cristalização definitiva daquela ‘marcha para o Oeste’¹⁷⁴, cujo primeiro brado fora lançado na revolução de 30 e que veio agora ressuscitar o espírito e a obra dos brasileiros da era colonial (*O POPULAR*, 6 fev. 1960).

Em 1960, cresce na opinião pública de Goiás, e daqui refluía para outros Estados a empolgação cívica da transferência da capital (informação verbal)¹⁷⁵. Depois de dez anos noticiando a ideia da transferência eis que havia chegada a hora da RBC acompanhar aquilo que havia sido uma das suas razões de existência: a efetivação formal da transferência da capital do Rio de Janeiro para Brasília (Figura 13).



Figura 13 – Juscelino Kubitschek Juscelino Kubitschek na primeira missa campal de Brasília. Na transmissão do evento estava a equipe da RBC
Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”. Goiânia, 2008.

A rádio Nacional de Brasília, primeira emissora da capital do Brasil, instala novamente seus transmissores para levar esse evento histórico ao mundo. Seus dirigentes convidam emissoras do Brasil e de outros países para formarem uma rede de emissoras. Objetivavam atingir todos os cantos do Brasil e do mundo.

BRASILIA, 29 (Do correspondente Aldacir Pinto Fernandes) – A Rádio Nacional de Brasília já se dirigiu a todas as emissoras do país e a várias outras do exterior, informando que as estações que desejarem entrar em cadeia com ela para transmissão do grande acontecimento da história, que é a mudança da capital, isto no próximo dia 21 de Abril, poderão mandar os seus prefixos com antecedência (*O ANÁPOLIS*, 29 fev. 1960).

A RBC envia novamente sua equipe liderada por Heli Mesquita. A Anhanguera acompanha o evento com Jeová Bailão e a rádio Difusora com Jorge Abrão. Walter Pureza¹⁷⁶ relatou que naquele momento, “[...] como não podia deixar de ser, através do seu antigo parceiro de jornal falado Jorge Abrahão que foi a Brasília, transmitiu direto, prestou um grande trabalho de informação”.

¹⁷⁴ Paulo Bertran (1978, p. 134) vê na transferência da capital a expressão de duas atitudes: a de Vargas e a de Juscelino. Para ele, “essas duas presumíveis atitudes sintetizam politicamente o que se pode chamar processos de ‘interiorização do desenvolvimento’ (Vargas) e seu complementar antagônico ‘interiorização do centralismo’ (Kubitschek e talvez Médici) econômico e político”.

¹⁷⁵ Juvenal de Barros. Locutor de várias emissoras de rádio em São Paulo na década de 1930, além de trabalhar na TV Difusora de São Paulo no final da década de 1940. Integra a primeira equipe da rádio Carajá de Anápolis, tornando-se um dos principais agentes formadores do rádio teatro daquela emissora. Entrevista realizada em março de 2009.

¹⁷⁶ Op. cit.

Com isso o rádio consegue se consagrar como um instrumento do progresso em Goiás. As notícias da histórica transferência da capital do Brasil recebeu do rádio a ajuda necessária para serem projetadas para o Brasil e para vários outros países. É no bojo desse contexto que o rádio em Goiás fez a si mesmo como agente político.

1.8. Política e rádio em Goiás.

Todo esse trabalho realizado por emissoras goianas que foi citado anteriormente coaduna-se com a atuação estatal pela modernização de Goiás, como foi possível observar. Nesta direção uma questão evidencia-se: a política e o rádio.

Importante lembrar, que a relação do rádio com a política em Goiás inicia-se com a sua origem no Estado. A rádio Clube de Goiânia, na década de 1940, transforma-se em um forte instrumento político nas mãos de Pedro Ludovico, que recebe o apoio do então prefeito de Goiânia, Venerando de Freitas Borges. Contudo, com o fim do Estado Novo e a redemocratização do país, sua configuração é alterada e inicia a década de 1950 pautando sua relação com a política estatal por meio da comercialização de horários. José Cunha Júnior afirma que nesta época, “[...] os partidos queriam aproveitar o mundo do rádio. Tinha as tabelas. Eles pagavam, usavam e tiravam proveito. Não tinha nem uma restrição, tudo certo. Todo mundo queria tirar vantagem” (informação verbal)¹⁷⁷. Esta mesma posição mantida pela rádio Clube acompanha a emissora em toda a década de 1950.

Uma publicação realizada pelo jornal *Cinco de Março* em agosto de 1963, demonstra que ela continuou mantendo o viés econômico como princípio em sua relação com a política do Estado e de partidos até a década seguinte. Isso atingiu a *Folha de Goiás* que também é de propriedade de Chateaubriand. Os diretores desse jornal observam que é uma estratégia dos organizadores dos Diários Associados no Estado de retomar sua estabilidade econômica. Então colocaram a questão econômica como determinante para se relacionar com os partidos políticos.

Quando, no mesmo palanque, aparecem lado a lado o Sr. Astolfo Borges e o Sr. Emival Caiado, o Sr. Almir Turisco e o Sr. Jales Machado é porque os critérios deixaram de ser exclusivamente políticos, no sentido do partidarismo a que nos habituamos em nossa convivência com a vida pública. A economia passou à ser marco divisor da política. Não há mais siglas, não há mais partidos. Contra ou a favor das transformações da sociedade, eis a grande divisão. Os DIÁRIOS que tomem o seu caminho, se

¹⁷⁷ José Cunha Júnior, op. cit. 2006.

tiverem coragem e honestidade para não beberem água nas duas fontes. Como é do seu costume (*CINCO DE MARÇO*, 19 ago. 1963).

Sílvia Medeiros observa que esta é uma forma de atuação da emissora necessária para a sua sobrevivência e também do rádio, ou seja, ele necessita do governo.

A imprensa não funciona sem governo. Não tem jeito. É prefeitura, Estado, governo federal, não tem jeito. O rádio... Até hoje a imprensa depende disso. Não tem jeito. Porque a rádio... É... Diz que é a terceira, quarta, como é que é: legislativo, executivo, judiciário, o rádio é o quarto poder de imprensa. Quarto poder (informação verbal)¹⁷⁸.

Neste caso, as emissoras que pautam sua relação com a política partidária através da comercialização de seus programas, acabam tendendo a assumir a posição daqueles que estão com o poder do Estado em suas mãos. A questão é que sofrem diariamente com as dificuldades financeiras. E nesta situação, é necessário encontrar uma forma para suprir os gastos. O meio mais rápido, no entanto, é recorrer a aqueles que integram partidos ou cargos públicos. Os dirigentes da rádio Carajá de Anápolis, por exemplo, souberam utilizar bem deste recurso.

A rádio Carajá como ela é de Anápolis e é uma cidade influente pela sua economia naquela época, Capital econômica do Estado era assim denominada, então a rádio Carajá ficava sempre do lado do mais forte, que era o PSD, que era o gigante líder político que era o Jonas Ferreira Alves Duarte. E tinha um senador, que era o senador de saudosa memória Sócrates Dinis. Então ela era mais PSD. Mas fazia também a campanha dos pinos que era ligado a mulheres. Era, mal comparando, era uma espada dos dois lados. [risos]. Faturava, queria era faturar (informação verbal)¹⁷⁹.

Ao despontar a década de 1950, intensifica-se a atuação do rádio no campo político em diversos matizes. Isso teve início logo que a RBC despontou em Goiás. Abordamos essa emissora de forma exaustiva no tópico anterior, mas ainda há uma questão a ser dita. Vimos que Jerônimo e seu irmão Abelardo tiveram como objetivo utilizá-la para contribuir com a transferência da capital. Esta questão tornou-se evidente. Porém, a documentação mostrou algo mais.

A situação vivida por Coimbra Bueno no governo, pautada por uma ampla crítica popular, leva-o a mudar seu campo de atuação política. Passa a vislumbrar uma vaga no senado. A RBC, no entanto, é utilizada em sua campanha sendo assim, convertida em “verdadeiro veículo da UDN” (informação verbal)¹⁸⁰. “Era um órgão de apoio e estava

¹⁷⁸ Sílvio Medeiros, op. cit., 2004.

¹⁷⁹ Juvenal de Barros, op. cit.

¹⁸⁰ Irorê Gomes, op. cit.

inteiramente a serviço da campanha” (informação verbal)¹⁸¹. Modesto Gomes, ao se referir ao propósito com as propagandas políticas que Coimbra divulga pela emissora, afirma que “quando o Coimbra Bueno foi candidato a senador era: ‘Coimbra no senado, Brasília no planalto’” (informação verbal)¹⁸². “A rádio Brasil Central entrou pra ele ser candidato, foi um veículo dele, o que ele arranjou para comprar a consciência da opinião pública, foi a rádio Brasil Central” (informação verbal)¹⁸³.

“Dr. Pedro Ludovico pertencia ao Partido Social Democrático e o Dr. Jerônimo Coimbra Bueno filiou-se à União Democrática Nacional, ou seja, opositores ideologicamente políticos” (informação verbal)¹⁸⁴. A intenção de Coimbra é não deixar o PSD de Pedro Ludovico voltar para o governo, “[...] mas é derrotado pelo candidato do PSB, Domingos Netto de Vellasco, eleito senador” (ASSIS, 2005, p. 123). “Não deu sorte. Pedro Ludovico volta logo depois. Fica quatro anos fora e volta. Saiu carregado pelo povo e voltou carregado pelo povo” (informação verbal)¹⁸⁵. Castro recorda-se “perfeitamente que a Rádio Brasil Central foi fundada especificamente para fazer a política do senador Jerônimo Coimbra Bueno e também para trabalhar pela mudança da Capital para o Planalto Central” (*apud* AGI, 1980, p. 129).

A RBC, portanto, não dissimula sua posição política. Pelo contrário, toma partido nos processos eleitorais e deixa clara a sua posição e a quem apoia. Em campanha ao governo do Estado, em 1954, por exemplo, estava ao lado de Galeno Paranhos (UDN-PSP) que concorria com o vitorioso José Ludovico de Almeida (PSD-PTB). Neste contexto, inclusive, busca esclarecer os mal-entendidos existentes sobre a sua posição política. Além de seus programas faz uso de jornais da época para isso. Em uma de suas defesas expressa:

Não dissemos que a Rádio Brasil Central é APOLÍTICA. Dissemos isso sim que ela não foi e não é OPOSICIONISTA, porque não fazemos oposição política a quem quer que seja. Dentre os dois candidatos ao govêrno do Estado escolhemos o senhor Galeno Paranhos, por julgarmos que sua eleição representa, de fato, u’a melhoria para nosso Estado e remodelação de nossos quadros administrativos e morais (*DIÁRIO DO POVO*, 10 nov. 1954).

Sua relação com a política, portanto, manteve como pano de fundo o fato de ter sido “[...] fundada com o propósito inicial de fazer a política do senador Jerônimo Coimbra Bueno

¹⁸¹ José Arantes Costa, *op. cit.*

¹⁸² Modesto Gomes. Depoimento dado ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

¹⁸³ Juvenal de Barros, *op. cit.*, 2009.

¹⁸⁴ Ivo de Melo. Depoimento dado ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

¹⁸⁵ Ivo Sassi., *op. cit.*

e também para trabalhar pela mudança da Capital para o Planalto Central” (CASTRO *apud* AGI, 1980, p. 129).

Após a redemocratização do país, a primeira tentativa do Estado brasileiro de controlar os meios de comunicação de forma mais incisiva para evitar o seu uso abusivo na política, ocorre com o retorno de Vargas à presidência da república em 1951. Vargas vive um momento diferente daquele vivido no Estado Novo. Não conta com o apoio incondicional da imprensa escrita e falada. Mas, conhecedor que é da força dos meios de comunicação, “[...] decide se cercar de instrumentos que levassem senão a um apoio, pelo menos a uma atitude menos ostensiva do rádio e da televisão” (CAPARELLI, 1998, p. 16).

Assim, baixou o Decreto 29.783, de julho daquele ano, em que modificava o sistema de concessões de rádio, que até então era de dez anos, para três anos, visando um maior controle. Tal medida agiria como uma força de pressão contra os grupos opostos à política governamental (HAUSSEN, 2001, p. 114).

Esse decreto tem vida curta e cai com sua morte em 1954. A renovação das concessões volta a ser de dez anos. Somente em 1957, é realizada uma nova tentativa de evitar o uso político do rádio, através de um projeto que propõe a regulamentação da Lei do Rádio, projeto apresentado pelo então deputado Bias Fortes Filho. Bias recebe o apoio de Ulisses Guimarães e dos deputados Afonso Arinos e Prado Kelly. O projeto tem como objetivo proibir “[...] toda e qualquer propaganda política pelo rádio e pela televisão. A neutralização do rádio seria, em resumo, a última porta para um acordo capaz de propiciar ao govêrno meios de estabelecer paz no agitado ambiente parlamentar” (*O POPULAR*, 10 dez. 1957). Enfim, não houve progresso nos entendimentos desse projeto e o controle político do rádio acaba sendo realizado pelas tradicionais formas políticas estabelecidas em cada região do Brasil.

Em Goiás a política ainda se esbarra nos resquícios do “poder tradicional”. Lembra-se que sua história é marcada por “[...] violentas disputas familiares em busca da hegemonia política regional, o que acabou criando uma incompatibilidade histórica entre algumas oligarquias segmentadas na elite partidária” (AQUINO, 2009, p. 123)¹⁸⁶. Como lembrou Rebello (1987, p. 199) o lema é que adversário é adversário.

¹⁸⁶ Observando de um ângulo mais amplo Silva (2010, p. 22) elucida que “[...] nos países da periferia, a herança pré-capitalista é muito pesada e resistente. Os processos de racionalização, como a intelectualização, a autonomização das esferas de valor e a ‘desmagificação’, são limitados ou subvertidos. O mercado, o capital, o trabalho assalariado e a ciência são forçados a conviver com formas de sociabilidade e de dominação, baseadas em personalismo, religiosidade e tradição, bastante resistentes. Tanto no seu aspecto socioeconômico – a

Assim, mesmo não havendo uma regulamentação política do rádio há uma regulamentação tradicionalista da comunicação em Goiás. Nesse contexto, mesmo podendo falar de você o tempo todo, como colocou alguns radialistas, os debates políticos tornam-se acirrados e paira certo perigo no ar em torno do que se falava pelos microfones de uma emissora de rádio. Um exemplo disso está no assassinato do jornalista Haroldo Gurgel em Goiânia em 1953, caso que foi projetado nacionalmente.

Haroldo Gurgel é, neste momento, redator colunista do jornal *O Momento*, de propriedade de Antônio Carneiro Vaz e João Carneiro Vaz. O Jornal está voltado para a crítica política. As críticas são direcionadas para todos os lados. Seus proprietários deixam transparecer não estarem preocupados com as posições políticas instituídas. Segundo Wagner Pimenta¹⁸⁷, Haroldo Gurgel não mantém vinculação política com partidos, nem mesmo proximidade com o comunismo, como muitos suspeitam, mas tem um compromisso com a verdade e tem também a coragem de divulgá-la. O que acontece, no entanto, é que ele não imagina que estava prestes a sofrer um atentado.

Neste momento, como vimos anteriormente, a energia em Goiás apresenta-se como um grande problema para a população. Em Goiânia não é diferente, falta energia constantemente. O responsável pelo abastecimento de Goiânia é o DAE, coordenado por Pedro Arantes, descendente de famílias de Rio Verde e carrega a fama de ser jagunço de Pedro Ludovico.

Jávier Godinho¹⁸⁸ relata que Pedro Arantes, com fortes dores em seu maxilar, tem necessidade de ir ao EAP para tirar radiografia de um dente. Mas ao chegar lá é informado que é impossível, pois naquele dia o bairro estava sem energia. No mesmo momento Pedro Arantes liga para o DAE e faz a solicitação para inverterem a energia para o local e que aguardassem o tempo suficiente para tirar a radiografia. E assim foi feito. Após os procedimentos Pedro Arantes retorna a ligação para informar que havia terminado e que podiam fazer a inversão.

Wagner Pimenta, também redator de *O Momento*, resolve escrever uma crônica para ironizar com Pedro Arantes “mas com humor fino, não ferino”, como ele afirma. Antônio Carneiro Vaz vê a crônica antes de ser publicada e resolve colocá-la como manchete na primeira página do Jornal com o título: “O homem voltou e deu a luz”. Walter Pureza¹⁸⁹

modernização –, quanto na sua dimensão cultural – o modernismo –, a condição moderna na periferia tende a ser grosseira, devedora do modelo que toma e ao mesmo tempo lhe é imposto”.

¹⁸⁷ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

¹⁸⁸ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

¹⁸⁹ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

evidencia o fato de que naquela época se verbalizasse que um integrante do Estado era “ladrão” havia duas chances: ou provar ou morrer.

Então, ao publicar a matéria a equipe redatora do jornal começa a ser ameaçada. Em um dia de manhã, chegando à redação do jornal, Wagner Pimenta encontra seus colegas de trabalho se preparando para irem à Secretaria de Segurança para pedirem por providências. Estavam atônitos com a situação instalada. Wagner entra na redação para guardar alguns livros e enquanto retornava ouve alguns disparos de revólver. Corre para o lado de fora e ainda vê alguém efetuando um último tiro. Haroldo Gurgel é atingido com vários. Um dos tiros o atinge na boca e cai morto em seus braços.

Esse fato instala uma revolta na população local. Em poucos minutos centenas de pessoas reúnem-se e seguem em protesto rumo ao paço governamental. Pedro Ludovico imediatamente determina que a polícia arme um cerco de proteção para conter os manifestantes.

Jávier Godinho¹⁹⁰ relembra que um amigo seu, chamado José Batista de Paula, conhecido como José Nanás, “[...] foi no engraxate e comprou uma tinta dele marrom e escreveu no muro do Nice Hotel: ‘Aqui tombou um moço defendendo a liberdade de imprensa’”. Desta frase emerge a lenda de que havia sido escrita com o próprio sangue de Haroldo Gurgel.

Esse acontecido é noticiado pela imprensa nacional e acaba reforçando a ideia de que Goiás sofre com o tradicionalismo político. Essa questão pode ser notada no título de alguns jornais que chegam a afirmar que Goiás está “sob o regime do cangaço”.

Francisco Ludovico¹⁹¹ ressalta que a morte de Haroldo Gurgel representa o momento mais difícil da violência política no Estado de Goiás em torno dos meios de comunicação. A partir daí começam os debates sobre os rumos que os integrantes do Estado deveriam tomar no campo da ação política por meio da imprensa escrita e falada.

Walter Pureza¹⁹², jornalista da RBC, faz várias reportagens sobre o acontecido enfatizando a necessidade da liberdade de imprensa. Recebe o significativo apoio de Heron Domingues por intermédio do Repórter Esso, que divulga as reportagens pelas ondas da Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Apesar do perigo instituído em torno do uso do rádio como propaganda política em Goiás, o rádio continuou servindo a este propósito. Algumas emissoras são utilizadas

¹⁹⁰ Op. cit.

¹⁹¹ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

¹⁹² Op. cit., 2008.

claramente como instrumento político. Outras, de forma indireta, por meio da comercialização de seus programas. A rádio Anhanguera, por exemplo, está dentro destas primeiras e talvez seja o exemplo mais significativo na história do rádio deste estado, atrás somente da RBC, a respeito do uso do rádio por grupos políticos ligados a partidos.

A rádio Anhanguera de Goiânia segundo Walter Meneses, é uma emissora eminentemente “[...] política. Depois, de um jeito ou de outro, ela acabou sendo dirigida pelo grupo da UDN. Aqui era UDN e PSD¹⁹³. O grupo do Pedro Ludovico era PSD e o outro era UDN” (informação verbal)¹⁹⁴. “Assim, como a RBC passou a ser o ponto de apoio de oposição a Pedro Ludovico, ele quis também instalar uma rádio pra fazer a divulgação dos interesses políticos do grupo dele” (informação verbal)¹⁹⁵.

Francisco Ludovico¹⁹⁶ afirma que para fundar a rádio Anhanguera, faz um levantamento entre os integrantes do PSD com o intuito de encontrar interessados em apoiar o seu projeto. Consegue a adesão de várias pessoas e negocia várias ações, principalmente para membros do partido no interior do Estado. Com esta estratégia consegue organizar uma empresa e compra os equipamentos necessários para colocar a emissora em atividade.

O alto investimento realizado com a emissora permitiu à Anhanguera entrar em atividade com uma programação ao nível das grandes emissoras do país. Jávier Godinho¹⁹⁷, afirma que sua programação apresenta-se como uma cópia da rádio Nacional de São Paulo, devido aos esforços e experiência de Walfrido Gramont, então radialista de emissoras deste Estado.

Durante a campanha eleitoral para a eleição ao governo do Estado em 1958, a emissora é declaradamente transformada em um instrumento político nas mãos de José Ludovico em apoio ao candidato do PSD, José Feliciano. Segundo Francisco Ludovico, filho de José Ludovico, José Feliciano estava precisando do apoio de seu pai e o teve, sendo inclusive eleito. Porém, ao ser eleito, baixa um decreto exonerando 1.281 servidores públicos que foram nomeados anteriormente por José Ludovico.

Isso provoca a cisão definitiva entre ambos. Há um rompimento pessoal, mas, por outro lado, segundo Itami Campos (2004), o governo de José Feliciano não rompe com o projeto de governo de José Ludovico de Almeida, pois em seu governo dá continuidade às ações deste último com um plano de trabalho contemplando energia elétrica e estradas como

¹⁹³ Para uma leitura aprofundada sobre a relação partidária em Goiás, ver Aquino (2009).

¹⁹⁴ Walter Meneses, op. cit.

¹⁹⁵ Eliézer Penna. Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

¹⁹⁶ Informação verbal, op. cit.

¹⁹⁷ Informação verbal, op. cit.

setores prioritários, demonstrando, principalmente, uma preocupação em usar racionalmente os recursos naturais e, dessa forma, dava uma atenção maior para a racionalização do meio rural.

Nas eleições de 1960, ao governo do Estado, José Ludovico (Juca) filia-se à UDN e recebe o apoio político de vários grupos contra o candidato apoiado por Pedro Ludovico, que é Mauro Borges, do PSD. Francisco Ludovico afirma que levado pelas disputas políticas, e com o objetivo de fortalecer a campanha de José Ludovico, “[...] comprou todas as ações de todos os acionistas da rádio Anhanguera” (informação verbal)¹⁹⁸.

Com isso, nas campanhas eleitorais a emissora faz declaradamente a campanha do Juca contra Mauro Borges. Francisco Ludovico observa ainda que “[...] ao comprar as ações, e por falta de experiência, não faz a transferência junto ao Ministério de Viação e Obras Públicas do Rio de Janeiro” (informação verbal)¹⁹⁹. Enquanto isso Mauro Borges buscava descobrir uma forma de enfraquecer seu adversário político. E não tardou para ficar sabendo que os trâmites legais da propriedade da rádio Anhanguera não estavam concluídos. Rapidamente busca agir em torno disso. Eliézer Penna, então secretário da Justiça do governo de Feliciano, esclarece que é “[...] encarregado pelo governo de criar uma estratégia para Francisco Ludovico transferir para o Jaime Câmara e José Lair Batista a representação dos direitos que eles tinham para eles” (informação verbal)²⁰⁰, foi uma estratégia para apoiar Mauro Borges.

Aproveitam a brecha e invadem a emissora, expulsando de lá “[...] os que estavam dominando-a, que estavam dirigindo-a, e assumem o controle da rádio Anhanguera. E ela voltou a ser uma rádio eminentemente do PSD” (informação verbal)²⁰¹. Francisco Ludovico ainda tenta reaver o controle da emissora, porém só o consegue depois de já definidas as eleições.

Jávier Godinho relembra com detalhes a letra da música utilizada por José Ludovico contra Mauro Borges.

Juca! Juca! Juca! O Juca já ganhou! Seja vassoura, ou espada, que você traga na mão/ponha o Mauro na gravata e o Juca no coração. Esse ano a campanha é dura, vai haver até sinuca/prometem votar no Mauro, mas na hora o voto é do Juca. Eles podem tomar a rádio, podem até fazer pressão/só se houve é voz geral, o Juca vence a eleição. E agora para terminar, vai este como

¹⁹⁸ Francisco Ludovico, op. cit.

¹⁹⁹ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

²⁰⁰ Eliézer Penna, op. cit.

²⁰¹ Eurico Barbosa em depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

estribilho/em Goiás nós vamos lutar, pra não passar de pai pra filho (informação verbal)²⁰².

Godinho acrescenta ainda que Mauro faz uma réplica dessa mesma música em resposta, alterando algumas partes, e o final conclui da seguinte forma: “Pedro nunca traiu amigos, e ensinou isso a seu filho. Mauro! Mauro!” (informação verbal)²⁰³. Com o tempo, “[...] Francisco Ludovico perde interesse em se manter associado de uma rádio que ele havia sido presidente e que não pertencia mais a ele” (Informação verbal)²⁰⁴. Neste momento entra em contato com ele, “[...] de São Paulo, através de Gramont, uma empresa que queria comprar a rádio Anhanguera”. Recebe uma proposta interessante e é persuadido a vendê-la. Logo depois, no entanto, encontra Jaime Câmara em frente ao Grande Hotel e resolve oferecer a emissora a ele. Jaime Câmara, que politicamente estava ligado a Pedro Ludovico, vê nisso um bom negócio e compra a emissora.

Neste contexto, é possível observar a posição política das emissoras de Goiânia. A rádio Clube, Anhanguera e RBC mantinham posições distintas com o campo político.

A rádio Clube era a emissora que ficava alheia às ligações políticas. Esse com aquele. Era no certo que ela achava que fazia sem prejudicar nem um, nem outra área política. A rádio Anhanguera eminentemente parte só PSD. A rádio Brasil Central eminentemente UDN que tinha o então senador Jerônimo Coimbra que era senador e também ex-governador do Estado que era líder da união democrática nacional em Goiás (informação verbal)²⁰⁵.

Já as Difusoras de Itumbiara, de Rio Verde e de Jataí tinham em comum o fato de atuarem na divulgação de seu próprio proprietário, o paulista Geraldo Ladeira. Por intermédio dessas três emissoras, Ladeira torna-se conhecido na região destas três cidades²⁰⁶. Seu nome é colocado como slogan das emissoras.

Ele era divulgado a todo instante.

- Rádio Difusora de Rio Verde, organização Geraldo Ladeira.

Eu, pra te ser sincero, não me lembro o prefixo. Não me lembro. Mas era organização Geraldo Ladeira o tempo inteiro²⁰⁷.

Santos (2005, p. 43) observa que Geraldo Ladeira “[...] transforma-se em personagem e assume o papel de personalidade política, só o conseguindo por utilizar – e

²⁰² Jávier Godinho, op. cit.

²⁰³ Ibidem.

²⁰⁴ Eliézer Penna, op. cit.

²⁰⁵ Juvenal de Barros, op. cit.

²⁰⁶ Antônio Edson. Locutor na rádio Difusora de Rio Verde em 1962. Antes já havia passado por emissoras em Uberlândia e, através do contato com Geraldo Ladeiro, vai trabalhar na Difusora em Rio Verde. Entrevista realizada em janeiro de 2013.

²⁰⁷ Ibidem.

saber utilizar – os recursos que possuía como dono de uma rede de emissoras de rádio e de seu carisma pessoal”. A força de Ladeira no campo da política, conquistada pelo uso do rádio, havia se desenvolvido a ponto de obter uma considerável popularidade.

Ele faz do rádio a sua porta de entrada na burocracia partidária, como argumenta Luiz Braz, se referindo a Geraldo Ladeira em Jataí: “Abnegação também daquele que trouxe o rádio pra cá que gostava e queria, chegou até a ser prefeito de Uberlândia em função do rádio. Porque a imprensa promove. Tanto destrói como constrói. Tem dois lados. É uma faca de dois gumes” (informação verbal)²⁰⁸.

Os adversários políticos de Ladeira em Uberlândia não observam a força que representa o rádio na decisão de um processo eleitoral. Ladeira, por sua vez, logo que se apropria desse recurso faz do microfone uma ferramenta poderosa de propaganda. Segundo Pereira (2013) ele:

[...] foi um político que se realizou por meio do rádio. Conhecido por suas crônicas em todos os recantos da cidade transformou o microfone em instrumento de propaganda. Misturou técnica radiofônica com esperteza política e ganhou o eleitorado.

Pereira (2013) relata ainda que enquanto os seus adversários digladiavam-se, Ladeira elogiava a população:

[...] cuidava das crianças, dos ‘bicicleiros’ e invocava a proteção de Nossa Senhora Aparecida. Quando seus adversários o atacavam, reagia sem exaltação, transformando o entrevero em brincadeira. Respondia aos desafetos com músicas bem-humoradas como ‘Cabecinha no ombro’, ‘Romance de duas caveiras’. Ele dizia: ‘Alô, alô, papai, papaizinho’ e dizia aos meninos que pedissem ao papai para votar no Ladeira.

Geraldo Ladeira consegue adquirir uma considerável experiência no rádio. Atua na década de 1940 como locutor em emissoras de São Paulo (rádio “PRS7” de Ribeirão Preto) e na década de 1950, em emissoras de Uberlândia. É no Triângulo Mineiro, no entanto, que começa sua caminhada na esfera política e a utilizar o rádio para se consolidar. Torna-se um imponente representante da cidade elegendo-se prefeito em 1958.

Na rádio Difusora, Ladeira possuía um programa onde permitia que as pessoas pudessem se manifestar ao vivo para fazerem reclamações sobre os serviços públicos municipais. Como pertencia ao PSD antes de se filiar ao PR, aproveitava para criticar os membros da UDN em seus programas sobre política, veiculados diariamente às 18:00. Ladeira chegou a ser prefeito de Uberlândia entre 1958 e 1961, pelo PR (Partido Republicano) graças à

²⁰⁸ Luiz Braz, op. cit.

influência que obteve junto ao eleitorado com estes programas (PACHECO, 2001, p. 26).

Através do rádio Ladeira investe na autopropaganda no entorno de Uberlândia. Talvez este trabalho tenha começado um pouco antes em emissoras goianas. Em 1955, cria a rádio Difusora de Itumbiara e no mesmo ano solicita outra concessão do Estado para Jataí, concretizada em 1957 com a Difusora desta cidade. No ano de sua eleição para prefeito de Uberlândia inaugura a rádio Difusora de Rio Verde, onde, nesta época, é também proprietário de terras.

Esse personagem é habilidoso com o poder e sabe como criar seu espaço com o rádio. Na inauguração da Difusora de Jataí convida outras personalidades expressivas. Conforme Vilela (2007), “coube ao Presidente da República Juscelino Kubitschek fazer a inauguração da rádio, fundada pela Organização Geraldo Ladeira” (Figura 14). Mesquita (2012) observa que ao fundar a Difusora em Rio Verde, Ladeira



Figura 14 – Geraldo Ladeira ao lado de Juscelino Kubitschek na inauguração da rádio Difusora de Jataí.

Fonte: Arquivo da rádio Difusora de Jataí, disponibilizada pelo ainda locutor da emissora Duarte Martins.

faz do rádio um meio de prestar um serviço assistencialista à população empobrecida da cidade. Arrecada roupas, leite, arroz, etc., e distribuí para as pessoas menos favorecidas pela sorte e pelas finanças.

Essa mesma destreza de Ladeira demonstrada no uso do rádio pode ser observada em menor grau, talvez, em outras emissoras. É o caso da rádio Cultura de Catalão adquirida em 1962 por Emival Ramos Caiado. Neste ano, segundo Felício (2002, p. 18) ele concorre a cargos eletivos no Estado de Goiás. Importante ressaltar, no entanto, como observa Walter Cançado que:

Naquele tempo o recurso do rádio era muito importante pra eleição das pessoas. Era um veículo de grande valor. As cidades não tinham outras diversões. Rádio era uma das mais importantes diversões e, por conseguinte, tinha uma multidão de ouvintes, uma profusa multidão de ouvintes (informação verbal)²⁰⁹.

Souza (1999) observa que ao mudar os proprietários desta emissora ocorre concomitantemente a alteração do foco de sua programação. Na gestão de José Chaud, além

²⁰⁹ Walter Cançado, op. cit.

do aspecto político voltado para o progresso da cidade, ela estava configurada para servir como fonte de entretenimento da população. Contudo, ao ser adquirida por Emival Caiado ela passa a ter um caráter político voltado especificamente para o seu dono. Isso se explicita por meio do rompimento do apresentador Cornélio Ramos com a emissora, que por considerar o rádio como um meio de entretenimento e não como um instrumento político, pede demissão.

A política dos Caiados, contudo, não era a mesma que defendia Cornélio. Ambos tinham projetos e tendências bem diferenciadas, seria difícil uma conciliação, já que os Caiados não tinham muita preocupação em dar continuidade a este projeto de entretenimento do público²¹⁰.

A atuação do grupo Caiado em emissoras de rádio em Goiás se intensifica com a aquisição que efetivam da rádio Cultura de Anápolis. O uso desta emissora seguiu o mesmo propósito que a de Catalão e em detrimento disso as disputas políticas na cidade são acirradas, instalando-se aí conflitos entre emissoras de intenções políticas distintas. Ademar Santillo relata que “[...] a Cultura era emissora pertencente aos Caiado e ela [a Cultura] era através do Érides Guimarães que já morreu. Ele falava aqui [o Romualdo pela rádio Santana] e o Érides respondia lá” (informação verbal)²¹¹.

Ocorre que essas formas de atuação de agentes públicos em emissoras de rádio são facilitadas em decorrência do poder aquisitivo e político que possuem. Não há nesta época um controle rígido por parte do Estado sobre o que é divulgado: “Nessa época era permitido você falar à vontade. Então se você era dono de rádio, você falava de você o tempo todo. A gente até brincava, às vezes interrompia uma música no meio pra dizer” (informação verbal)²¹².

Isso também ocorre com a rádio Cultura de Ceres e com a rádio Alvorada de Rialma. João Evangelista, locutor desta primeira, relata que a emissora nesta época não proporcionava lucro, e constantemente seu proprietário, Domingos Mendes da Silva²¹³, tinha que tirar dinheiro do próprio bolso para arcar com as despesas. Ela apresenta-se, portanto, como uma emissora deficitária. “Chegava todo mês o quê que acontecia, a hora de fechar a folha de pagamento, pra pagar energia, funcionários, tudo, não tinha dinheiro, o faturamento dela não cobria a despesas” (informação verbal)²¹⁴.

²¹⁰ Ibidem, p. 26-27.

²¹¹ Inicia sua carreira como radialista pela rádio Carajás de Anápolis em 1960. Atua como locutor esportivo em Anápolis ao lado de Habib Issa. Entrevista realizada em janeiro de 2012.

²¹² José Cunha Gonçalves, op. cit.

²¹³ Também médico e um dos fundadores da CANG na região do Vale de São Patrício (MELO, 2012).

²¹⁴ João Evangelista. Sonoplasta na rádio Cultura de Ceres na década de 1960. Entrevista realizada em dezembro de 2012.

Em um determinado dia João Evangelista faz a sugestão a Domingos para desfazer da emissora. A questão é que até então, ele concebia o rádio apenas como um meio de entretenimento e de lucro. Não tinha noção de ser o rádio uma importante ferramenta política.

Até que um dia eu cheguei lá e eu falei pra ele, a gente conversando, ele tava de bom humor nesse dia, conversando, e eu falei com ele:

- Doutor Domingos, o senhor é da política, porque o senhor não vende essa rádio?

- Não, não pode não Evangelista. Essa rádio é por causa da política.

Quer dizer: naquele momento eu entendi, por que era política. Então ele tinha rádio como poder político na mão [...] Naquele tempo quem tinha emissora só falava quem o dono dela autorizava ou não. Do outro lado ninguém falava. Quer dizer, era o poder político na mão (informação verbal)²¹⁵.

Já a Alvorada de Rialma torna-se uma importante ferramenta política nas mãos de José Pedro Rêgo, cujo projeto fundamental é eleger-se a prefeito da cidade. A emissora sempre passou por dificuldades semelhantes às enfrentadas pela rádio Cultura de Ceres. Não atraía investidores suficientes para manter-se em atividade e José Pedro Rêgo tinha constantemente que arcar com as despesas.

Pedro Rêgo continua firme em seu propósito. Com a emissora ganha popularidade na região. Concorre às eleições na segunda metade da década de 1960 e consegue eleger-se prefeito da cidade por três vezes (1966-1969; 1973-1976; 1993-1996). Em entrevista ele afirma: “Meu pai era filiado ao PMDB, aí eu filiei ao PMDB. A rádio foi uma beleza” (informação verbal)²¹⁶.

Com o uso do rádio em Goiás por grupos políticos, os radialistas propõe-se discutir esta situação. Em Anápolis, no início de 1960, os radialistas das quatro emissoras da cidade iniciam um debate sobre a posição política que deveriam manter. A discussão gira em torno da necessidade da imparcialidade do rádio. Para Isac Abrão, um importante agente radiofônico da cidade, esse deve ser o pressuposto daqueles que atuam no campo da radiofonia.

Esta ideia não é recebida consensualmente pelos radialistas e apenas a rádio Santana estabelece a imparcialidade como critério fundamental de sua programação. No início de 1962, Petrônio Cruz, que dirige o programa *Jornal Falado* desta emissora, expressa sua indignidade com os radialistas da cidade. Para ele a “LINHA IMPARCIAL” do noticiário daquela emissora será mantida a todo custo, para a moralização da radiofonia anapolina,

²¹⁵ Op. cit.

²¹⁶ Op. cit.

prejudicada naquele momento pela “PARCIALIDADE” de algumas emissoras (*O ANÁPOLIS*, 9 jan. 1962).

A luta contra as parcialidades políticas das emissoras não atinge os resultados esperados. As disputas partidárias fazem do rádio um instrumento poderoso nas campanhas eleitorais. Nos comícios realizados em carrocerias de caminhões, sua presença é indispensável (Figura 15). A situação é complicada para os defensores da



Figura 15 – Comício que contou com a presença de Juscelino Kubitschek. A rádio Clube estava realizando a transmissão do mesmo
Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”. Goiânia, 2008.

imparcialidade no rádio, pois, para a população esses comícios representam diversão, tendo em vista os poucos recursos de entretenimento existentes no Estado. E o rádio, deve estar onde as pessoas estão. As emissoras acompanham os comícios que mais parecem shows de artistas famosos, por mobilizar centenas de pessoas. Como observa José Cunha Gonçalves, diretor da rádio Imprensa: “aquilo você rodava à vontade, transmitia os comícios. Os comícios naquela época chamavam muito a atenção, as pessoas iam mesmo” (informação verbal)²¹⁷.

Outro elemento importante sobre a política e o rádio em Goiás pode ser observado no próprio rádio como agente político. As emissoras delegam poder aos seus radialistas quando utilizada para protestar sobre alguma questão social. Em Anápolis, vários locutores tomam a frente nesse tipo de programação e acabam exercendo forte influência nessa forma de se fazer rádio em Goiás. Ademar Santillo defende a concepção de que o locutor deve atuar na politização da população.

Nós aqui em Anápolis tínhamos um trabalho que realizava ou pela Carajá ou depois pela Santana através de “O Povo Falou Tá Falado”, onde a gente dava um apoio muito grande à população nas suas reivindicações diárias e ao mesmo tempo a gente fazia o trabalho de politização. Nós tínhamos verdadeiramente um trabalho de politização, de orientação (informação verbal)²¹⁸.

Habib Issa também se envereda por esse caminho pela rádio Santana e chega a criar um programa voltado exclusivamente para comentários políticos: “Nós tínhamos um programa que começava às 7 da manhã e ia até às 11 horas. Nós abordávamos todos os

²¹⁷ José da Cunha Gonçalves, op. cit.

²¹⁸ Ademar Santillo, op. cit.

problemas políticos da cidade, do Brasil, noticiário” (informação verbal)²¹⁹. Já Iron Junqueira, locutor da rádio Cultura, tem a ideia de abordar questões que estivessem relacionadas com o interesse coletivo da cidade.

Abordava aquele tema de interesse coletivo. Abordando diretamente o governo, tanto estadual, municipal e até federal. Tanto que parei com isso devido ao fator de quererem me censurar uma vez porque eu tava falando do Juscelino Kubitschek. Me tiraram (informação verbal)²²⁰.

Com o trabalho de politização aludida por Ademar Santillo, as emissoras de Goiás, não todas, aproximam-se dos problemas que preocupam os habitantes. Essa forma de atuação do rádio leva pessoas a participarem mais ativamente dos problemas políticos e a utilizar o rádio como meio de tornar sua voz um instrumento de mudança.

O radialista, dessa forma, além do homem do rádio, torna-se também um homem político. Muitos deles reconhecem que sua voz é um instrumento poderoso, como ressalta Walter Pureza: “Então o radialista ele tinha que fazer esse trabalho, ele tinha que conhecer a força das palavras e isso era feito com muito carinho. Por isso tinha uma audiência muito grande” (informação verbal)²²¹.

O rádio leva o locutor a se ver como agente público, com poder suficiente para atuar no interior de partidos políticos. A década de 1950 é também o período em que muitos deles buscam ousar e atuar diretamente neste campo. Aparecem candidatos em eleições que são ligados à radiofonia. O primeiro a integrar um partido, de acordo com a documentação que dispus, foi Heli Mesquita. Em 1954 “[...] disputa, com sucesso, uma cadeira na Câmara Municipal de Goiânia, pela legenda da antiga União Democrática Nacional (UDN), conquistando posteriormente mais dois mandatos, nas eleições de 1958 e 1962” (ROCHA, 2010, p. 76). Nas eleições de 1958, ele sai candidato à câmara municipal de Goiânia ao lado de Américo Fernandes, Eliézer Penna e Antônio Porto, também concorrendo ao Legislativo Municipal, e o segundo se apresentando como o candidato dos esportistas (*DIÁRIO DA TARDE*, 3 dez. 1957).

Um grande número de locutores consegue eleger-se a um cargo de relevância social neste período. Juvenal de Barros observa que:

²¹⁹ Habib Issa. Locutor esportivo. Começa suas atividades em 1950 e atua em várias emissoras do Estado. Entrevista realizada em março de 2012.

²²⁰ Iron Junqueira. Locutor de jornalismo da rádio Cultura de Anápolis em 1960. Entrevista realizada em fevereiro de 2012.

²²¹ Walter Pureza, op. cit. 2008.

Muitos radialistas se fizeram senadores brilhantes não é! Vereadores como o incompatível Luis Bittencourt, ex-governador, ex-secretário da Saúde, da Educação, que tá aí escrevendo, pai de um filho brilhante que é o deputado Luís Bittencourt, o pai dele José Luis Bittencourt grande imortal da academia goiana de letras, escritor, meu amigo particular, homens que vieram do rádio, que se fizeram no rádio! (informação verbal)²²².

O próprio Juvenal de Barros, em detrimento do status que adquire com o rádio, é indicado a assumir a delegacia de polícia de Goiânia nos anos 50.

Foi quando eu deixei o rádio e fui ser delegado de polícia. Quando delegado de polícia, eu fui transferido pra Goiânia porque eu era um delegado habilidoso, não é! Então com esse prestígio eu vim pra Goiânia. Aqui em Goiânia, na polícia, eu fui um dos que participou da equipe que organizou o serviço de rádio patrulha, patrulhamento noturno preventivo, do governo de José Ludovico de Almeida, o Dr. Juca²²³.

Caso semelhante ao de Juvenal de Barros ocorre com Plínio Jaime e também com Fernando Cunha Júnior. Este último, ao se referir a Plínio observa que posteriormente chega a ser “[...] secretário do Estado, deputado estadual etc.” (informação verbal)²²⁴. Fernando Cunha Júnior também começa sua carreira política na década de 1950, pode-se dizer, por intermédio do rádio. Assume a direção do CERNE em Goiás em 1963, e segue posteriormente ocupando cargos na burocracia do Estado.

Emissoras no interior de Goiás semelhantemente projetam seus próprios representantes. A Alvorada de Rialma é outro exemplo de que o rádio promove o locutor e o leva para a burocracia do Estado. Por intermédio dela, Getúlio de Souza eleva-se a si mesmo como um homem público e de atuação política na cidade. Consegue fazer-se conhecido através de festivais que promove na região por intermédio da Alvorada. Segundo ele, chega a ser “[...] prefeito, vereador, deputado, tudo em consequência da rádio. Eu fiz a mídia na rádio” (informação verbal)²²⁵. Jason de Souza, também locutor desta emissora, relembra outros nomes que se destacaram.

O Edmar de Souza Rezende, hoje já falecido, ele foi prefeito da cidade, conseguiu ser deputado estadual [...] Domingos Mendes da Silva, naquela época, através da popularidade da emissora, conseguiu ser um dos primeiros deputado estadual por Ceres e Rialma e Vale do São Patrício (informação verbal)²²⁶.

²²² Juvenal de Barros, op. cit. 2007.

²²³ Ibidem.

²²⁴ Fernando Cunha Júnior, op. cit.

²²⁵ Getúlio de Souza, op. cit.

²²⁶ Locutor da rádio Alvorada de Rialma no início da década de 1960. Neste período, atua como sonoplasta passando para locutor posteriormente. Entrevista realizada em dezembro de 2012.

O rádio em Goiás também reserva espaço para a política estudantil, a exemplo da atuação de Fernando Cunha Júnior em emissoras de Anápolis: “Eu em 1953, 1954 não sei exatamente a época, eu, primeiro fiz um programa estudantil na rádio Carajá, eu era representante da área estudantil, fiz um programa estudantil” (informação verbal)²²⁷. Radivair Miranda Machado cita um programa que cria na rádio Difusora de Itumbiara: “Nós tínhamos um grêmio, e esse grêmio nos dava condições de fazer um programa voltado exclusivamente para estudantes. Tudo era para estudante, toda notícia, tudo vinculado, era mais noticioso. Nós fazíamos esse programa no rádio” (informação verbal)²²⁸.

João Batista, expressa ainda que nesse período a UNE começa a fazer um trabalho mais amplo no Estado e procura divulgar suas ações. Daí veio a ideia de criar um programa voltado para as escolas.

Então a UNE divulgava as ações dela, o que é que ia fazer, o quê que tinha programado, alguma reivindicação que a entidade tinha feito pra alguém, normalmente pra Secretaria de Educação, Ministério da Educação, e o retorno daquilo. Então a gente apresentava essas coisas, era um programa informativo pra classe estudantil. Os direitos do estudante, os deveres também. Os deveres do colégio... O colégio não podia ser um colégio bom, se ele tivesse maus professores... (informação verbal)²²⁹.

Arthur Rezende acrescenta que havia uma preocupação de se criar programas voltados exclusivamente para os estudantes, com o intuito de se discutir os problemas das escolas, assim como a vida do estudante. Jorge Abrão é outro locutor que se torna popular por dirigir o programa Porta-Voz Estudantil pela rádio Difusora de Goiânia, sendo reconhecido como “A Voz das Oposições”.

Além da política estudantil o rádio toma parte também na política da juventude. Isso ocorre por três motivos principais: o primeiro, por ser uma época de efervescência deste setor da sociedade, que clama pela liberdade de expressão, pelo desejo de romper com as amarras do tradicionalismo. Além disso, grande parte dos indivíduos que começa sua carreira no rádio é jovem e, de certa forma, isso veio a refletir na programação. Nesse sentido, a relação do rádio com a política que emerge da juventude se fortalece em meados de 1950, quando o rock ganha espaço no Estado. Arthur Rezende relata o caso de emissoras de Goiânia.

²²⁷ Fernando Cunha Júnior, op. cit.

²²⁸ Radivair Miranda Machado. Locutor na rádio Difusora de Itumbiara entre 1956 e 1961. Em 1961, começa a esboçar um projeto para a criação de outra emissora na cidade, a rádio Paranaíba, inaugurada em 1966 e mantém-se em atividade até os dias atuais. Entrevista realizada em maio de 2012.

²²⁹ João Batista, op. cit.

O seguinte: tinha a rádio Anhanguera, a rádio Brasil Central, que eram outras emissoras e que tinham os seus programas dedicados à juventude. Naquela época tinha a Marília Nogueira, que fazia no comecinho da TV rádio Clube, ela fazia um programa dedicado à juventude, o rock, ‘Mundo é Dia de Rock’, uma coisa assim, não me lembro o nome, Marília Nogueira. E eu aqui, jovem, querendo fazer alguma coisa em rádio, bolei ‘O Ritmo de Tio Sam’. Mas era uma coisa assim modesta, não podia botar muito as manguinhas de fora não, porque a direção da rádio era bem conservadora. Agora a juventude, foi uma juventude que quebrou tabus (informação verbal)²³⁰.

Uma última curiosidade que emerge na documentação sobre rádio e política nesta época é sobre a relação de emissoras com A Voz do Brasil. Sabe-se que em 1938 Vargas instituiu a obrigatoriedade de sua transmissão em cadeia por todas as emissoras existentes em território nacional. De 1950 a 1964 a maioria das emissoras mantém seu respeito à transmissão deste programa. Nesse sentido, o fato de algumas delas não conseguirem sintonizar a faixa de sua transmissão, levou-as a recorrerem ao improviso. Os radialistas da Cultura de Ceres, por exemplo, sintonizavam o programa em um receptor na frequência de uma das grandes emissoras nacionais para retransmiti-lo.

A Voz do Brasil nós pegávamos através de outra rádio. Sintonizava a rádio de fora, por exemplo, a Bandeirante, a Globo, a Tupi, as que entrava melhor à noite, ela transmitia a Voz do Brasil. Porque eles tinha linha, link, não sei como eles tinha e transmitia perfeitamente. E nós não tínhamos. Nós só pegava através desse rádio. Sintonizava a Bandeirante ou a Globo ou a Tupi e jogava no ar. Lançava na mesa de som, ampliava, era a Voz do Brasil. Era obrigado a fazer isso todo dia (informação verbal)²³¹.

Das emissoras pesquisadas apenas os radialistas da rádio Carajá, Cultura e Imprensa de Anápolis e da rádio Clube de Buriti Alegre não se preocuparam com a sua transmissão. Mesmo sendo informadas dos riscos que estavam correndo elas mantiveram esta mesma posição. Eduardo Ferreira, locutor desta última naquele período, afirma: “Nós não transmitia a Voz do Brasil não. Terminava o meu programa nós cortava, já ia embora. Depois é que foi um pessoal aqui de Goiânia e falou: - Olha! Se ocês não fizer a Voz do Brasil, cês vão ser cortados” (informação verbal)²³². Alertas não faltaram, mas mesmo assim continuaram com a mesma concepção. Por esse e outros motivos sua concessão é suspensa pelo Estado, e na

²³⁰ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio: a Trajetória”, Goiânia, 2008.

²³¹ Laudilon Costa, reconhecido como Porátio. Integra a primeira equipe da rádio Cultura de Ceres e permanece como locutor até o fechamento da emissora na década de 1970. Entrevista realizada em dezembro de 2012.

²³² Op. cit.

década de 1970 sua programação é encerrada e calada pelo Estado para nunca mais voltar ao ar²³³.

Entre outras coisas, essa experiência vivida pela rádio Clube de Buriti Alegre evidencia que o rádio também é político e sofre interferências de disputas partidárias, assim como interfere nas mesmas. As emissoras que surgem em Goiás entre 1950 e 1964 acompanham o desenrolar de ações políticas e o avanço da racionalização no Estado. E, embora seja uma época onde o progresso é a pauta do dia, as emissoras se esbarram em diversas limitações. Neste contexto buscam superar as dificuldades cotidianas e acabam por desenvolver uma cultura que veio a caracterizar o rádio deste Estado.

²³³ O mesmo aconteceu com a rádio Cultura. Neste mesmo período ela foi desativada.

CAPÍTULO II – RÁDIO E CULTURA EM GOIÁS

NOS ANOS DE 1950 a 1964

Naquela época era tudo via fio. Não tínhamos nada em termos de transmissão de rádio, era tudo fio, ou seja, ia transmitir do estádio, por exemplo, era via fio, e qualquer outra transmissão era via fio, com todas as dificuldades do mundo
(Fernando Cunha Júnior, locutor, redator e acionista da rádio Santana de Anápolis)

Em Goiás desenvolve-se uma cultura radiofônica que assume características próprias. Naquele período, o rádio sofre alterações assim como proporciona inovações na esfera tecnológica. Inova-se em consequência de uma série de questões que dificultam sua manutenção. Ao mesmo tempo em que incorpora as novas tecnologias desenvolvidas em países desenvolvidos, seus radialistas criam estratégias, na maioria das vezes improvisadas, para mantê-lo em atividade.

Ocorre, no entanto, que essas inovações não atingem a todas as emissoras desse Estado da mesma forma. Emerge daí um fenômeno distinto no rádio em Goiás: o de torná-lo heterogêneo, mas com elementos similares do rádio que se desenvolve em outras regiões. Mas é preciso conhecer os contornos que são característicos desse rádio que emerge em Goiás na década de 1950 e perdura até o ano de 1964. É este o objetivo deste capítulo.

2.1. Os radiais, a antena e o transmissor.

O rádio depende de um conjunto de aparelhos e de recursos tecnológicos para realizar suas transmissões. Para quem apenas ouve o rádio em um receptor não tem ideia da tecnologia e as articulações necessárias em seus bastidores para que o som chegue até ele. A projeção do som é realizada em parte pelos radiais.

Os radiais (Figura 16) correspondem ao primeiro passo da montagem de uma emissora de rádio. Ligados a uma antena são os últimos responsáveis pela transmissão do som. Além disso, interferem em seu

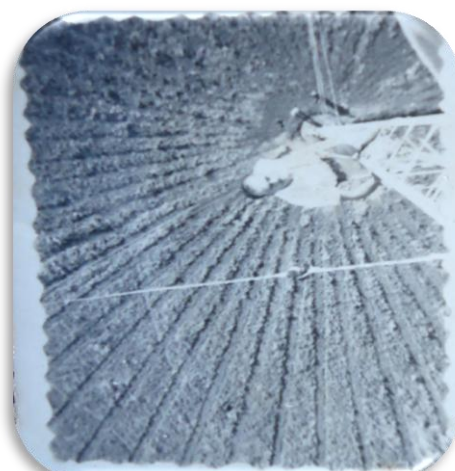


Figura 16 – Luiz Otelo, técnico da Xavantes de Ipameri, escalando a antena utilizada pela emissora na década de 1950 e 1960. Ao fundo, os radiais.

Fonte: Arquivo pessoal de Fernando Otelo, filho de Luiz Otelo, técnico que montou a emissora.

impulso.

Lá pra dentro do chão é cheio de fio, tem os radiais. É igual um guarda-chuva ao contrário. Ali no chão tem 120 fios. Se a altura tem 100 metros de altura também tem 120 fios de 100 metros de comprimento, que é os radiais. A metade da onda vai pela torre, a metade da potência, e a outra metade vai pelos radiais, vai pelo chão (informação verbal)²³⁴.

O fato de o som ser transmitido pela terra e pelo ar é o que permite uma emissora atingir os receptores que se localizam em lugares mais baixos, até mesmo entre montanhas. Zacarias Faleiros, diretor da rádio Difusora de Jataí, relata que substituiu os radiais desta emissora quando assumiu a sua direção no início da década de 1960. Com este trabalho compreendeu que eles também são responsáveis pela qualidade do som transmitido.

A função desses radiais é como um espelho. Então a onda vem e pega no meio da torre e uma parte vai para cima e a outra vai pro chão. Então, encontra aqueles radiais, então ela reflete. Foi um serviço que foi bastante caro, aqueles fios. Me parece que foi cento e tantos fios de cobre. Então a gente teve que fazer melhoramento pra melhorar o som, a qualidade e o alcance também (informação verbal)²³⁵.

O cobre é o mais indicado por técnicos e especialistas em radiodifusão para fazer a montagem dos radiais, portanto, o mais utilizado por grandes emissoras. O fato, no entanto, é que emissoras de rádio no interior de Goiás, em sua maioria, são precárias e destituídas de técnicos para socorrê-las em momentos que os radiais começam a interferir nas transmissões. Os radialistas, por sua vez, ao serem informados que eles podem ser montados utilizando-se de arame farpado, buscam experimentar esse mecanismo.

Assim, de uma informação hipotética torna-se um recurso mais barato para as pequenas emissoras que enfrentam dificuldade para manter seu sistema de transmissão funcionando. O uso de arame funciona com perfeição. Só há um problema: com o passar dos tempos eles apodrecem.

Esses radiais na nossa época, pelo menos o que nos chegava como informação de fora, das grandes metrópoles, é de que tais radiais deviam ser feitos de arame farpado, por que ele irradiava melhor do que o cobre. Então os radiais, pra você ter uma noção: a antena tá aqui e a cada 80 cm sai um radial pra o quarteirão inteiro. Ele é enterrado assim em torno de 40 centímetros no chão. Então, da antena até no passeio aqui, você faz aquele radial e entope com terra. Isso você tinha de fazer de dois em dois anos, porque nós usávamos arame farpado, a chuva caía, o arame apodrecia (informação verbal)²³⁶.

²³⁴ Bezinho, op. cit.

²³⁵ Op. cit.

²³⁶ Durley Montalvão, op. cit.

Durley ressalta que descobrem o momento de substituir os radiais ao perceberem que ao trocá-los por outros a potência do som havia voltado ao normal. Assim, todas as vezes que o sinal da emissora caía:

[...] era a época de mudar os tais radiais. Então aí nós fazíamos um mutirão. Os funcionários iam lá pra cima e arrancava aqueles arames e amarrava, e enterrava, desenterrava... E isso era constante. Essa emissora nossa, nos dias que nós trocávamos os radiais, ela era ouvida em Brasília. De Rio Verde a Brasília dá 440 quilômetros. Quando passava um ano, um ano e pouquinho, a audiência se limitava ali ao redor²³⁷.

O alcance da transmissão também sofre a interferência da umidade da terra: “Você tinha que ter uma área sem construção ao redor aonde os tais radiais estavam, normalmente uma área de um quarteirão. Você punha a antena bem no meio, e curiosamente, tinha que ser num lugar úmido, para que se irradiasse melhor o som” (informação verbal)²³⁸. Bezinho esclarece, no entanto, que a umidade do terreno onde os radiais são montados influencia no som, porém depende da frequência²³⁹ de transmissão.

[...] se você montasse uma estação de onda média lá no buraco, lá embaixo, no brejo, lá é úmido, então a terra é melhor, a rádio ia mais longe. Já onda curta não, você podia montar em cima do morro que não tinha problema, por que o jeito da transmissão é diferente. A onda já sai e vai direto na ionosfera e a onda média não, ela vai na ionosfera e uma parte vai acompanhando a curvatura da terra. A metade do sinal vai pelo chão. Então se você monta uma rádio lá embaixo em um lugar bem úmido, então ela irradia mais, mais sinal (informação verbal)²⁴⁰.

Bezinho esclarece ainda como essas frequências são efetivadas na transmissão do rádio²⁴¹.

É assim: a onda média ela tem um longo alcance só à noite, porque os raios solares atrapalha a propagação da onda. Porque a onda sai da antena ela vai na ionosfera e volta no chão e vai de salto até dar a volta no globo. E assim tanto faz a onda média e a curta. Agora a onda tropical ela não vai na ionosfera. Ela sai da antena e vai mais ou menos numa altura assim de uns 50 a 80 quilômetros de altura, não passa disso. E ela dá a volta no globo também. Só que durante o dia ela tinha um alcance assim de 1.000 quilômetros. À noite não, à noite ela vai até 50 mil quilômetros [...] Agora a onda curta a propagação dela é diferente. Ela vai de salto também, mas essa aí vai tanto à noite quanto durante o dia, qualquer uma frequência, tanto de 60 quanto de 25 metros, ela dá volta no Globo de dia ou à noite, o sol não

²³⁷ Ibidem.

²³⁸ Ibidem.

²³⁹ Nesse período, as emissoras realizam suas transmissões em três frequências: ondas médias, curtas e tropicais. Veremos sobre isso mais à frente.

²⁴⁰ Bezinho, op. cit.

²⁴¹ Para uma leitura sobre a transmissão da radiodifusão e também da televisão ver Gould (1964).

interfere não. E ela vai de salto também, só que o salto dela é mais curto. Ela vai na ionosfera aí daqui a 30 quilômetros ela cai de novo. Então daqui do transmissor até onde foi a primeira queda da onda, 30 quilômetros, esse meio aqui não tem nada, aqui fica uma sombra. Por que a onda vai assim, é igual a um dente, por isso que ela dá a volta na terra, dá volta sete vezes em volta do globo em 1 minuto. É muito rápido²⁴².

A antena e os radiais, no entanto, representam apenas uma parte do sistema que efetiva a transmissão do rádio. Ambos dependem também do transmissor. É ele que recebe o som enviado por aparelhos amplificadores, utilizados no estúdio de uma emissora, e o joga na antena e nos radiais para ser transmitido.

Através do transmissor se define a frequência de uma emissora e ainda o raio de alcance das transmissões. A operação da frequência, por sua vez, é definida no ato de fabricação do transmissor. É o fabricante que determina em qual frequência a emissora vai operar.

Quando fabrica o transmissor ele já é feito para aquela frequência. Porque o tanque de saída ou a cavidade, a parte final do transmissor, já é feito, a concepção dele, para a onda média de um jeito, para a onda tropical de outro, a onda curta de outro. Então você já tem que fazer o transmissor para aquela frequência (informação verbal)²⁴³.

Bezinho explicou anteriormente que o transmissor de ondas tropicais e curtas são os mais potentes, pois conseguem projetar as ondas para receptores localizados em outros países. O transmissor de onda média tem um alcance menor e restringe a sua transmissão à cidade onde está instalado (Figura 17). Em determinado momento do dia (quando é pouco o sol) atinge as cidades vizinhas e dependendo da hora, à noite, por exemplo, chega a outros Estados.



Figura 17 – Primeiro transmissor utilizado pela rádio Difusora de Jataí.

Fonte: Arquivo particular da rádio Difusora de Jataí.

O transmissor de ondas médias de 250 watts é uma característica de grande parte das emissoras de Goiás nesse período.

Nem Goiânia tinha frequência modulada era só onda média ou curta. As emissoras do interior só conseguiam entrar na faixa de onda média. Mas como tinha muito poucas emissoras na época, então ela atingia longe.

²⁴² Bezinho, op. cit.

²⁴³ Bezinho, op. cit.

Dependendo do dia, da hora, a gente sintonizava ela aqui em Goiânia. E pro norte de Goiás ali ia longe, longe, tinha uma capacidade impressionante (informação verbal)²⁴⁴.

Uma nota publicada pelo *Diário da Tarde* em 28 de novembro de 1957, uma crítica realizada ao Jornal por um de seus leitores, que acompanha uma coluna que aborda especificamente a radiodifusão, demonstra que emissoras do interior não são sintonizadas em Goiânia. Ao mesmo tempo esclarece que suas transmissões não alcançam muitas regiões. A crítica do leitor corresponde à sua indignação com o editor da coluna desse Jornal por não comentar a programação de emissoras do interior, restringindo seus comentários apenas às emissoras de Goiânia, Anápolis e, ainda, ao rádio de São Paulo e Rio de Janeiro. A resposta dos editores elucida esse fato: “Tem fundamento sua crítica sobre o rádio do interior, porém, devo esclarecer-lhe que a nós não é possível escrever ou comentar sobre êle, devido não conseguirmos, nesta capital, sintonizar as interioranas”.

Embora delimitados pelo pouco potencial, dependendo da hora, do dia e do terreno em que são instalados, alguns transmissores conseguem atingir outros Estados com suas transmissões, a exemplo do transmissor utilizado pela rádio Clube de Goiânia até meados de 1950.

Até que a rádio Clube ela tinha um transmissor valente. Ela saía do Estado. O som chegava fora. Sempre você recebia cartas de várias cidades de Minas, São Paulo. Já tinha uma penetração fabulosa. Não era uma frequência batida. Era de quando em vez que extravasava o Estado (informação verbal)²⁴⁵.

É através dos transmissores, portanto, que se efetiva a delimitação da frequência de uma emissora, no sentido de definir se é de alcance local, estadual, nacional ou internacional. Até 1955, das emissoras goianas, só a RBC de Goiânia havia possuído os três transmissores, de ondas curtas, ondas tropicais e de ondas médias. A rádio Anhanguera de Goiânia começa operando em 1955 com dois transmissores, um de ondas curtas e outro de ondas médias. Em 1956, a rádio Clube²⁴⁶ de Goiânia inaugura o seu transmissor de ondas curtas. Até 1959, rádio Carajá de Anápolis operou com um transmissor de ondas tropicais e outro de ondas médias. Nesse ano inaugura mais um de ondas curtas, como informou o jornal *O ANÁPOLIS* de 30 de abril de 1959.

A Rádio Carajá em Ondas Curtas

²⁴⁴ João Batista Freitas, op. cit.

²⁴⁵ José Cunha Júnior, op. cit., 2006.

²⁴⁶ De acordo com o jornal *Diário da Tarde* de 10 de agosto de 1956, neste ano Francisco Braga Sobrinho, então diretor da rádio Clube de Goiânia, melhora os transmissores da emissora que passa a transmitir em ondas curtas.

Desde a zero hora do dia 27 último encontra-se no ar em caráter de experiência a nova estação de ondas curtas da Rádio Carajá de Anápolis. As primeiras emissões foram ótimas, apresentando a emissora um som bastante claro.

Emissoras em cidades do interior do Estado dispõem somente de um transmissor de ondas médias. O seu raio de alcance restringe-se na maior parte do tempo à região em que está instalado.

Contudo, mesmo que o raio de alcance de uma emissora esteja pré-estabelecido pelo Estado, como vimos no tópico sobre a regulamentação do rádio, neste contexto as transmissões atingem longas distâncias. Isso gerou um problema: a interferência entre frequências de emissoras distintas. Este é um problema vivido principalmente por emissoras de Goiânia e de Anápolis. Estas são as únicas cidades a portarem mais de uma emissora. Neste caso o raio de alcance e as frequências em que operam devem ser rigorosamente controlados para não interferirem em outra. Emissoras de Anápolis sabem o que representa essas interferências no rádio, pois passaram por esta experiência em 1963.

Não sabemos os motivos, mas o certo é que principalmente no dia de ontem, era quase que impossível a recepção de qualquer emissora Anapolina, devido a confusão de ondas, misturando-se umas com as outras, formando um verdadeiro labirinto. Existe uma onda para cada emissora e não há necessidade de uma atrapalhar a outra. Vamos aguardar as devidas providências (*O ANÁPOLIS*, 18 abr. 1963).

Já a distância entre emissoras do interior é uma garantia que dificilmente podem interferir em outra frequência, por estarem em cidades distintas. Isso possibilita que seus proprietários utilizem do maior potencial de seus transmissores. Dessa forma, conseguem atingir distâncias maiores, a exemplo da rádio Difusora de Itumbiara: o seu potencial “[...] era mínimo. Era uma estação de 100 watts. Não tinha repercussão e nem penetração. Atingia Itumbiara. Só que naquela época uma rádio menor às vezes pegava até mais longe porque não tinha essas interferências que hoje existem” (informação verbal)²⁴⁷.

Bezinho explica que a interferência de uma transmissão em outra pode ser evitada pelo controle da frequência das emissoras. As ondas curtas, por exemplo, que atingem uma longa distância, “[...] não respeitam fronteiras e passam de um país para o outro” (GOULD, 1964, p. 105). Se utilizadas por todas as emissoras corre-se o risco de haver um caos nos receptores. Para tanto, é limitando o seu raio de alcance e delimitando a sua frequência de transmissão que se consegue suprir as interferências: “À noite não pode ter outra emissora na

²⁴⁷ Radivair Miranda Machado, op. cit.

mesma frequência como não pode ter em onda curta também. Na mesma frequência só em onda média. Aí você limita através da potência” (informação verbal)²⁴⁸.

Bezinho esclarece ainda que os raios solares limitam o raio de alcance das transmissões. Assim, ao fim da tarde, à medida que o sol vai se pondo, vão atingindo distâncias maiores. Por este motivo, ao aproximar desta hora do dia é necessário que uma pessoa esteja junto ao transmissor para abaixar o seu potencial. Caso isso não seja feito a interferência pode ocorrer inclusive no canal de emissoras de outros Estados²⁴⁹.

Se você tinha 1.000 watts, a limitação é o que o transmissor te dava, onde ele chegava... Porque à noite não tem o sol, então a onda vai mais longe. Então as emissoras tinham essa limitação. A Difusora naquela época tinha 250 watts, não tinha limitação, mas quando aumentou a potência para 10.000, à noite era só 250 watts, porque senão ia atrapalhar outra emissora lá fora. Eu citei aquela hora Araraquara porque Araraquara era a mesma frequência da rádio Difusora. Então a gente tinha que abaixar. Porque eles era emissora mais antiga, eles tinha preferência no canal. Então quando dava 6 horas a gente tinha que abaixar a potência para 250 watts, para não atrapalhar lá. É a potência do transmissor que faz ela ir mais longe ou mais perto²⁵⁰.

Em síntese, das 19 emissoras existentes em Goiás neste período, somente quatro delas operaram em ondas curtas: a RBC, Anhanguera e Clube de Goiânia e a Carajá de Anápolis. Os transmissores das outras 15 restringiram suas transmissões diárias à cidade onde estavam instalados, e, hora ou outra, atingiam povoados e cidades mais próximas.

A interferência entre as emissoras é apenas um dos problemas enfrentado pelos radialistas. A dificuldade maior é manter os transmissores em condições de continuarem operando. Uma das questões é a necessidade de um lugar apropriado para a sua instalação. Geralmente são montados à beira de um rio ou de um córrego, pela necessidade de um terreno úmido. No entanto, a conexão entre os aparelhos utilizados no estúdio de uma emissora e os transmissores é feita através de fios. Vejamos o exemplo da rádio Alvorada de Rialma.

Dessa rede via fios, desse estúdio, através de fios, chegava-se à antena da emissora. A antena ficava distante ali, eu não sei, em linha reta, ela deve estar lá até hoje, deve ficar em torno de três quilômetros de distância. Então

²⁴⁸ Bezinho, op. cit.

²⁴⁹ Ana Khoury, criadora do FM no Brasil, lutou pela limitação das frequências de emissoras do Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina. Em uma conferência que ocorre em Atlanta/EUA, trata da regularização de canais a serem utilizados pelas emissoras de rádio da América Latina e é debatido e deliberado sobre a potência de emissoras, que seria de 100kw: “Na realidade, essa potência, se usada por eles, acarretaria um conflito de cobertura, interferindo nos sinais gerados por emissoras brasileiras. Foi a primeira briga de Anna Khoury. Ela convenceu o presidente Dutra de que o assunto deveria ser tratado oficialmente com os bolivianos, paraguaios e argentinos, que não precisavam de tanta potência para suas emissoras. Anna Khoury teve sucesso e assinou acordos bilaterais com a Bolívia, primeiro, e, depois, com o Paraguai e a Argentina” (DUARTE, 2008, p. 35).

²⁵⁰ Bezinho, op. cit.

toda a ligação até o transmissor, que era lá na antena, era feito via cabo, via fio (informação verbal)²⁵¹.

O fio que interliga o estúdio aos transmissores é um dos responsáveis pelos principais problemas enfrentados pelas emissoras neste período. Constantemente ele se rompia. Quando isso vinha a acontecer geralmente era o próprio o locutor que estava na emissora que buscava fazer o reparo. João Evangelista descreve o caso da rádio Cultura de Ceres, um exemplo do que ocorreu com as demais emissoras de rádio daquela época.

O transmissor dela era lá na beira do rio, lá perto da ponte, que era o transmissor dela. E o problema da rádio naquele tempo, a maior dificuldade que tinha, porque tinha uma linha. A linha saía da rádio e ia lá no transmissor. E essa linha como dava problema! Ela arrebentava e você tinha que sair com um fone. De trecho em trecho você punha o fone. Tinha música? Não. Então daqui pra frente tá bom, e você ia. Aí você chegava num ponto não tinha mais música. Você tinha que vir caçando, procurando onde é que ou o fio tinha cortado, ou tinha rebentado [...] Era um problema sério. Não tinha link, não tinha nada. Esse que era o problema, a dificuldade. Você tinha que sair com uma escada nas costas e de poste em poste cê suspendia, ia lá e punha. Era uma dificuldade procê achar onde é que ela tinha cortado o fio (informação verbal)²⁵².

Aos contratempos enfrentados pelos radialistas somam-se ainda os constantes problemas nos transmissores que o impedia de funcionar. O principal causador deste problema são as válvulas (Figura 18). Praticamente todos os aparelhos utilizados em uma emissora nesta época operavam através de um sistema valvulado. São utilizadas também na montagem do transmissor, sendo ela uma peça fundamental para o funcionamento do aparelho (Figura 19).



Figura 18 – Válvula utilizada em aparelhos eletrônicos na década de 1950.

Fonte:

http://www.mspc.eng.br/elettrn/vterm_110.shtml

A válvula esquenta muito e a intensidade do calor em seu interior pode provocar uma pane em seu circuito. Para evitar que chegue a este ponto é preciso encontrar uma forma de esfriá-la, caso contrário outros aparelhos podem ser danificados: “A válvula esquentava, tinha que ter um ventilador, queimava a válvula, a válvula era muito cara, então funcionava com um potencial menor” (informação verbal)²⁵³. Bezinho afirma que a vida útil de uma válvula é curta e precisa ser constantemente substituída: “Naquele tempo dava muito serviço porque mesa de som era tudo valvulado, e válvula tem uma vida curta, não tem uma vida muito

²⁵¹ João Batista Freitas, op. cit.

²⁵² João Evangelista, op. cit.

²⁵³ Antônio Edson, op. cit.

comprida não. Então dava muito defeito. Mas naquela época rádio dava muito problema” (informação verbal)²⁵⁴.

Por este motivo é preciso que as emissoras disponham de um técnico para realizar os reparos quando necessários. Mas esta é outra questão. Muitas emissoras não tinham condições de manter um profissional voltado para fazer os reparos de seus aparelhos. E por esta razão era muito comum nesta época ficarem desativadas por vários dias quando um problema atrapava a sua aparelhagem: “Naquela época, era época da válvula. Dava um problema no nosso transmissor, nossa senhora! Era um Deus nos acuda. Ficava três dias, quatro dias fora do ar. É incrível” (informação verbal)²⁵⁵.

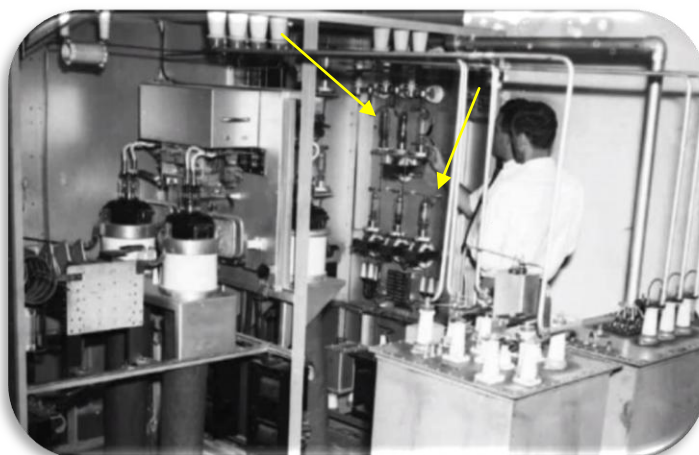


Figura 19 – Um dos transmissores da RBC. Podem-se notar as válvulas à esquerda
Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

Neste ambiente, são os próprios radialistas que buscam encontrar uma solução. Por força do cotidiano fazem tentativas, as mais diversas, muitas vezes inovadoras, e embora pautadas pela incerteza, na maioria dos casos acabavam dando certo. Meios artesanais entram para o rol das tentativas. Assim, uma vez atingido o sucesso são integrados nos costumes internos das emissoras. Os esforços de Durley Montalvão para manter a Difusora de Rio Verde no ar é um exemplo do que era feito em outras emissoras. Ele explica que na época outro radialista o acompanhava até o transmissor para ver o que estava acontecendo.

Nós dois lá no transmissor olhando o porquê que ele tava saindo do ar, de repente ele foi esquentando. Ele tinha vários relógios. Um deles marcava a temperatura. Aí a temperatura foi subindo, subindo, subindo, aí quando ele chegou no vermelho, saiu do ar. Aí nós esperamos ele esfriar. Você espera uma meia hora etc., e ele esfriava. Quando ele esfriava você ligava de novo e tudo bem. Aí a temperatura ia subindo de novo. Aí ele instalou uma lata d’água. Ele falou pra mim:

- Você vai comprar uma lata daquelas de querosene...

E aí nós tivemos que colocar uns tijolos dentro do transmissor e colocar a lata lá dentro pra ela segurar um pouquinho a temperatura. E segurou, pior é que segurou. Quer dizer, não saía com tanta incidência, mas saía. Assim de dois em dois dias, de três em três dias, subia a pressão, no caso do ser humano, seria a pressão, subia a temperatura (informação verbal)²⁵⁶.

²⁵⁴ Bezinho, op. cit.

²⁵⁵ Eduardo Ferreira, op. cit.

²⁵⁶ Ibidem.

O aquecimento das válvulas é uma consequência da intensidade do som que são lançados nos transmissores. Neste período, no entanto, não havia aparelhos que pudessem realizar a equalização do que era projetado, provocando o superaquecimento das válvulas. E quando isso acontecia era preciso desligar o transmissor para as válvulas esfriarem; caso contrário os aparelho poderiam ser danificados, acarretando problemas maiores para a emissora. Dessa forma, os indivíduos que atuavam no estúdio precisavam controlar a intensidade da fala diante do microfone e do som que enviavam para os transmissores. Esse controle era feito através de uma mesa de som que dispunham no estúdio.

Pra você ver, era tão difícil que quando você fazia a modulação excessiva, porque existe a modulação na mesa, lá na estação do rádio, e existe a modulação lá no transmissor, então, o técnico que mora no transmissor, a pessoa que cuida ali, ele tem que cuidar pra de modo que, alguns locutores falam mais gritados, uns falam mais baixo, cada um tem um timbre de voz diferente. Às vezes o técnico de som põe uma música exagerada e ela bate no *dial* ali, e aí é aquele caso que saía do ar. Qualquer excesso de som, ou na mesa ou lá em cima, saía do ar. Aí demorava voltar. Porque às vezes o cara nem tava lá dentro do transmissor (informação verbal)²⁵⁷.

Outra estratégia criada pelos radialistas nesta época para evitar estes problemas, adveio da elaboração de uma programação que dispusesse de intervalos para que os aparelhos pudessem ser desligados. Geralmente em horário do almoço. Muitas emissoras buscavam desligar seus aparelhos por volta de meio dia e retornavam às 14 horas.

Bezinho ressalta que outra dificuldade foi conseguir peças para fazer os reparos quando necessários. O comércio de aparelhos eletrônicos em Goiás ainda era incipiente neste período, e lojas que tinham alguma relação com a radiodifusão distribuía aparelhos já prontos. Os lugares mais próximos para adquirir essas peças eram em unidades comerciais de São Paulo ou Rio de Janeiro: “Em São Paulo, a gente ia umas três vezes por ano. Fazia as compras do que precisava. Fazia uma relação aqui e comprava pra emissoras de Goiânia, de Jataí, Anápolis...” (informação verbal)²⁵⁸.

Um dado interessante que surge durante a pesquisa é que em Goiás, nesse período, várias pessoas portam habilidades em montagem de transmissores de rádio. Na década de 1940, por exemplo, os transmissores de duas, das cinco emissoras existentes no Estado na época, foram montados pelos próprios proprietários, a exemplo dos aparelhos da Amplificadora Cultural de Anápolis e da rádio Xavantes de Ipameri. Habib Issa, afirma que

²⁵⁷ Ibidem.

²⁵⁸ Bezinho, op. cit.

os transmissores utilizados por emissoras de Anápolis na década de 1950 e 60 também foram montados por um técnico, que residiam na cidade nesta época.

Os nossos praticamente eram fabricados aqui em Anápolis pelo Juquita. O Juquita era um gênio, era um gênio. O Juquita é que arrumava os transmissores. Os transmissores das rádio era uma casa, né! Hoje você tem um transmissor do tamanho de um negócio pequeno qualquer (informação verbal)²⁵⁹.

Apesar de descobertos no final da década de 1940, só em meados de 1960 que os transistores (Figura 20) proliferaram. Inovam a tecnologia radiofônica, pois diminuem o tamanho dos aparelhos e são mais confiáveis. Entre 1950 e 1964, portanto, prevalecem os aparelhos valvulados. E neste contexto as válvulas fazem jus à representação tecnológica do rádio neste período, pautada por um sistema limitado e em vias de ser superado. Marcam, assim, a história da radiofonia em Goiás.

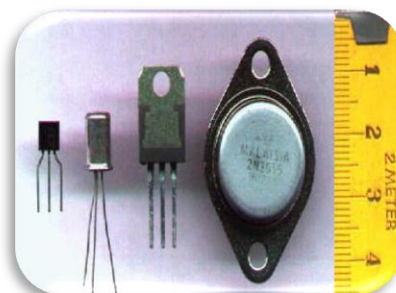


Figura 20 – Transistores da década de 1960, que substituíram as válvulas

Fonte:
<http://retroplayerbrazil.files.wordpress.com/2011/03/transistor-photo.jpg>

2.2. Naquela época o rádio realmente era muito difícil: amplificadores, programas externos aos estúdios, o uso do fio e de gravadores.

Além da antena, dos radiais e dos transmissores os amplificadores são também aparelhos que integram o sistema de transmissão do som em uma emissora de rádio. Geralmente são montados no próprio estúdio da emissora e desempenham o papel de impulsionar o som aos transmissores.

Os amplificadores transistorizados são novidades na década de 1960. Com eles a radiofonia mundial dá um passo à frente. São aparelhos que apresentam uma homogeneização em seu funcionamento. Os primeiros, no entanto, apresentam problemas ao operar. Em 1963, a empresa norte-americana Fairchild Semiconductor International desenvolve um sistema com transistores em circuito integrado, superando aquele anterior. Mas ainda é sensível a ruídos e possui baixa resistência. Isso é resolvido em 1965 com o lançamento do amplificador 709, um aparelho que é fabricado com um sistema mais confiável que o anterior. Em Goiás, portanto, só no final da década de 1960 que as emissoras experimentam estas inovações.

Destarte, entre 1950 e 1964 os valvulados integraram os aparelhos tecnológicos do rádio em Goiás. Na maioria das emissoras o amplificador é montado para operar no próprio

²⁵⁹ Habib Issa, op. cit.

estúdio e o transmissor, em lugares distantes. Bezinho explica que o uso do fio é uma necessidade para interligá-los. Os fios, no entanto, carregam o som de ruídos pelo fato das emissoras não possuírem outros equipamentos para a filtragem do som.

Naquela época não tinha link como tem hoje tinha era linha física, uma linha telefônica que ligava do estúdio até o transmissor. Então, quando a linha era muito longe o som também era pior ainda por que não tinha os recursos. Naquela época não tinha processador, não tinha equalizador, não tinha nada disso. O som que você soltava aqui era o som que chegava lá, mas ele perdia. Quando a linha era muito comprida os agudos iam perdendo pelo caminho. Então chegava lá, como se costumava dizer, um som de lata, porque perdia no caminho.²⁶⁰

O estágio em que se encontra a tecnologia do rádio neste período não dispensa o uso do fio. Por conta disto, as emissoras acabam convivendo com as constantes interrupções de suas transmissões em decorrência de seu rompimento: “Você tá falando aí, daqui a pouco um cara corta a sua linha, aí cê bota gente na rua pra vê daqui até o transmissor onde é que a linha foi cortada. Era esse tipo de coisa que acontecia” (informação verbal)²⁶¹.

Nós íamos procurar às vezes como hoje fazem o pessoal da CELG. Nós saíamos com uma lanterna procurando onde é que tinha rompido. De repente você achava o lugar aí emendava. A gente mesmo emendava. Subia numa escada enorme que nós tínhamos emendava ali e tal (informação verbal)²⁶².

A necessidade do uso do fio também representa uma limitação para a programação das emissoras. Desde a década de 1940, os radialistas buscam por uma forma de realizar programas externos aos estúdios, semelhante ao que as grandes emissoras já faziam a um bom tempo. No entanto, conseguem fazer isso em Goiás estendendo um fio entre a emissora e o lugar de onde a transmissão seria efetivada.

Pra transmitir programa não era igual hoje, cê leva um celular, uma coisa, e faz de qualquer lugar. Tinha que pedir linha. Era através de poste em poste, cê fazia a linha de transmissão pra poder fazer programa ao vivo, senão não fazia. Tudo ligado nos fio. Esparramava fio de poste em poste até o local. Desde o estúdio da emissora até onde cê ia fazer o programa (informação verbal)²⁶³.

²⁶⁰ Ibidem.

²⁶¹ Ademar Santillo, op. cit.

²⁶² Durley Montalvão, op. cit.

²⁶³ Zilmar Rodrigues. Auxiliou Geraldo Ladeira na montagem da rádio Difusora de Jataí, e integrou a primeira equipe de locutores desta emissora. Integrou o trio Os Apaixonados de Goiás, com o qual apresentou em vários programas de auditório da rádio Difusora de Rio Verde. É compositor de música sertaneja e o principal responsável pelo sucesso da dupla Leandro e Leonardo com a música Entre Tapas e Beijos, e também da dupla Cristian e Ralph com a música Quebradas da Noite. Entrevista realizada em janeiro de 2013.

Os programas externos começam a aparecer no rádio goiano nesta época. Mas em consequência das dificuldades que enfrentam para realizar esse tipo de programação, algumas emissoras utilizam de meios artesanais para conseguirem efetivá-la. Nas pequenas emissoras, é uma característica daquelas do interior do Estado, por não disporem de condições financeiras para adquirirem os fios no comprimento que necessitavam, resolvem, portanto, improvisar. Assim, semelhante ao que faziam na montagem dos radiais experimentam os arames para efetivar as transmissões.

Porque cê não tinha condição de comprar esses fio de telefone. Cê botava fio de arame, emendava e ia fazendo até onde cê tinha que fazer aquela transmissão. Funcionava perfeitamente. Não podia tá em curto. Se tivesse curto, aí não ia falar. Às vezes tinha uma interferenciazinha, mas muito vagamente. Acontecia da seguinte forma: os fios era utilizado pra jogar o som da onde você estivesse falando. Por exemplo: aqui é a quadra de esporte, vamo transmitir o futebol daqui. Não tinha linha de som, então a gente fazia essa linha de som daqui até a emissora. Era desse jeito. Lá jogava na mesa de som e ampliava (informação verbal)²⁶⁴.

A primeira transmissão externa realizada por uma emissora goiana, apontada pela documentação, é realizada pela RBC. Estabelece-se aí um marco para o rádio em Goiás, por ser uma época em que a programação no rádio é limitada ao estúdio. Essa transmissão ocorre em Goiânia. Utilizam mais de quatro quilômetros de fios para interligar os aparelhos entre o estúdio e o local da transmissão²⁶⁵. Segundo Luiz Rótolli²⁶⁶, a transmissão foi realizada por Heli Mesquita, com a presença do governador de Goiás Pedro Ludovico Teixeira. Essa forma de fazer programa desperta a atenção das demais emissoras de Goiás e passam a criar programas semelhantes.

As transmissões externas, no entanto, necessitam do acompanhamento de um técnico para manter as linhas físicas intactas, a exemplo de Genese Marqueche, “[...] o responsável pelas transmissões externas da Rádio Clube e responsável por emendar fios, tendo que subir em postes para possibilitar que as reportagens possam sair” (*NOVA CAPITAL*, 3 set. 1955).

A transmissão de eventos esportivos é um marco neste tipo de programação. Para efetivá-la não há outra maneira que não seja por intermédio da utilização de fios.

Naquela época a aparelhagem era um microfone desses comuns, bem inferior que esses outros, e uma mala de som que pesava não sei quantos quilos. Tinha que levar aquela mala de som para o estádio e ali transmitia

²⁶⁴ Porátio, op. cit.

²⁶⁵ O local da transmissão é o mesmo utilizado atualmente para eventos voltados para a agropecuária.

²⁶⁶ Informação verbal, op. cit.

tudo no microfone. Naquela época essa mala era ligada por fio à emissora. Tinha os postes, por que não podia ligar direto (informação verbal)²⁶⁷.

“Pra transmitir o futebol, que era bem distante da rádio, da emissora lá, passava fio do campo de futebol até na emissora pra transmitir futebol” (informação verbal)²⁶⁸. Radialistas de Anápolis inovam neste tipo de evento quando estendem uma rede de fios até Goiânia para a transmissão de partidas de futebol. Contudo, o rompimento do fio acaba representando um problema maior.

Naquela época o rádio realmente era muito difícil. Só pra você ter uma ideia, a gente saía pra transmitir jogo em Goiânia era estrada de chão, chão batido ainda. Nós tínhamos que percorrer a linha de transmissão. Por que a transmissão era feita por uma linha, né! Nós não tínhamos rádio nem nada. Então, nós tínhamos que sair percorrendo a linha pra vê se não tava arrebentada. Então, a gente levava o técnico e a gente devagar ia andando pela estrada de chão olhando a linha, que era baixa inclusive. Onde tivesse rebentada ele ia lá e consertava pra gente poder fazer a transmissão de futebol (informação verbal)²⁶⁹.

Além disso, segundo Habib Issa, os narradores de futebol eram destituídos de um sistema de escuta, um retorno, para saber se sua narração está sendo realmente transmitida pela emissora. Nesse sentido, narrar um jogo inteiro e a transmissão não ser efetivada era um fato comum nesta época.

Então, a gente contava:

- Um, dois, três, transmitindo!

E mandava brasa. Transmitia o jogo inteiro. Quando você chegava aqui cê perguntava:

- Como é que foi o negócio?

- Não, não saiu nada não!

Então isso era muito comum naquele tempo. Porque nós não tínhamos ainda nada de tecnologia em termo de rádio pra que a gente pudesse ter uma transmissão segura. Era tudo insegurança. Você fazia, ia a Goiânia, quatro horas de viagem daqui à Goiânia, né! E você ia lá transmitia e voltava. Às vezes falava, falava, falava... Gritava, gritava, gritava... E não saía nada, saía nada! (informação verbal)²⁷⁰.

Neste ambiente o imprevisto novamente é inevitável. E nesse sentido, o profissionalismo se esbarra na necessidade que tem os radialistas de criarem estratégias para realizar minimamente um programa. Por outro lado, as invenções tecnológicas desenvolvidas

²⁶⁷ Antônio de Pádua de Araújo, conhecido como Aranha Araújo. Nasce na cidade Parnaíba do Piauí, em 20 de maio de 1933. Muda-se para Goiás em 1959. No mesmo ano é contratado pela RBC. Posteriormente integra a redação do jornal *O Popular* com uma coluna sobre sindicalismo. Torna-se, assim, um membro da gestão que dirigiu o sindicato dos radialistas do Estado. Entrevista realizada em fevereiro de 2012.

²⁶⁸ Antônio Edson, op. cit.

²⁶⁹ Habib Issa, op. cit.

²⁷⁰ Ibidem.

em países que se colocam à frente da radiofonia começam a chegar a Goiás e auferir melhorias nas transmissões externas. Neste interstício aparecem os gravadores²⁷¹. Alguns deles ficaram famosos, a exemplo do gravador Akay, muito utilizado por emissoras de Goiás naquele período.

Quando veio o Akay aí foi uma maravilha, porque ele já era menor. O Akay 707 toda rádio tinha. Aquele gravador foi um sucesso. Tinha o de fio e depois eles fabricaram o de fita. As emissoras passaram a usar até a publicidade gravada na fita quando surgiu o Akay porque era fácil de manusear, som bom. Agora Akay era a válvula também. Depois é que surgiu o Akay transistorizado (informação verbal)²⁷².

O Akay (Figura 21) representa um avanço para a comunicação radiofônica em Goiás, pois permitiu o arquivamento do som e sua repetição. Com este sistema de gravação as emissoras diminuem os erros e o improvisado de seus programas, uma vez que torna possível que um determinado texto fosse veiculado de uma mesma forma, no mesmo formato, dezenas de vezes sem erro.

O Akay promove um avanço para a comunicação radiofônica em Goiás, mas ainda não

soluciona as dificuldades enfrentadas nas transmissões externas. Seu uso se limita aos estúdios.

Esse gravador era uma caixa assim de uns 80 centímetros de comprimento, 20 a 30 de largura, era uma caixa imensa. Aquilo lá era o gravador que a gente usava pra fazer qualquer reportagem, qualquer gravação. Era um negócio assim... totalmente maluco... Não tem o menor sentido em termos de hoje. A gente tinha realmente muita dificuldade em termos de tudo. 99% do tempo da rádio era feito em estúdio mesmo (informação verbal)²⁷³.

As emissoras que surgem no interior do Estado começam a operar com uma tecnologia aos moldes daquela utilizada por emissoras na década anterior. As precárias

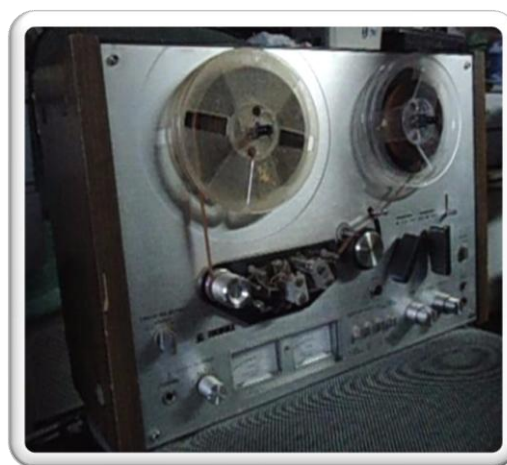


Figura 21 – Gravador Akay utilizado pela rádio Xavantes de Ipameri em 1950.

Fonte: Arquivo de Fernando Otelo, filho de Luis Otelo, técnico que fez a montagem da emissora.

²⁷¹ Segundo Sperber (1980, p. 28), “[...] os primeiros passos no desenvolvimento desta técnica foram dados em 1888 por Oberlin Smith. Em 1900, o pioneiro dinamarquês do rádio Valdemar Poulsen apresentou na Exposição Universal de Paris o seu aparelho de gravação de som denominado ‘Telegraphon’, que utilizava um arame de aço como material para o registro do som. Como o arame registra as vibrações de forma relativamente fraca generalizou-se hoje o emprego da fita magnética, que tem entre outras vantagens a possibilidade de ser editada mediante corte e colagem”.

²⁷² Bezinho, op. cit.

²⁷³ Fernando Cunha Júnior, op. cit.

condições não lhes possibilitam iniciar suas atividades desfrutando do que há de mais moderno no campo da tecnologia radiofônica neste momento. Na Alvorada de Rialma (1961), por exemplo, não havia “[...] gravação naquela época. Depois é que veio os gravadores. Depois é que veio as gravações. Mas por muitos anos foi texto lido” (informação verbal)²⁷⁴.

Os sistemas de gravações, por sua vez, chamam a atenção e deixam os radialistas perplexos diante da novidade que representam. Até a chegada de aparelhos gravadores em Goiás era impensável ouvir a própria voz. Mas, com esses aparelhos houve a possibilidade do radialista fazer a autocrítica e corrigir os erros e imprecisões de sua fala. Com o gravador um locutor passou a ter condições de refletir sobre suas imperfeições e a planejar melhor o seu modo de se expressar diante do microfone. Sílvia Medeiros diz que se sentiu entusiasmado ao ouvir a própria voz.

[...] naquele tempo era gravador de fio, gravador grande, gravador de fio. Não era nem de fita, gravador de fio, gravador alemão. Eles gravaram minha locução, eu ouvi minha voz pela primeira vez e fiquei emocionado né! Naquele tempo não tinha a tecnologia de hoje, de você ouvir sua voz né! Maravilha! Aí me entusiasmei, fui me entusiasmando... (informação verbal)²⁷⁵.

Apesar do avanço comunicacional com os aparelhos de gravação, estes não trouxeram a garantia do arquivamento de programas²⁷⁶. A questão é que os radialistas faziam gravações sobrepostas às outras, era uma forma de aproveitar o pouco material disponível e conter os gastos, como explica Luiz Braz:

[...] nem o próprio programa não era gravado. Não sei se você chegou a conhecer como era gravado. É igual fita de cinema. Era um rolo grande assim que gravava e depois tinha que apagar para... Haja visto que não tem nenhum acervo, não tem nada guardado. Por que você apagava aquela pra receber outra pra poder manter (informação verbal)²⁷⁷.

Outra questão é que os aparelhos gravadores não dispõem de recursos para a edição de um som gravado. A supressão de erros cometidos durante uma determinada gravação, inserir efeitos etc., é quase uma impossibilidade. Uma gravação precisa, sem erros ou imperfeições, exige perfeição no ato da gravação. Se na gravação de uma propaganda, por

²⁷⁴ Jason de Souza, Op. cit.

²⁷⁵ Sílvia Medeiros, Op. cit., 2004.

²⁷⁶ Para um exemplo, o material sonoro correspondente a aquele período que consegui encontrar trata-se de discos com músicas e propagandas e uma gravação de um programa da década de 1960 da rádio Xavantes de Ipameri.

²⁷⁷ Luiz Braz, op. cit.

exemplo, o locutor comete um erro, o processo é repetido desde o início, até que alcance a perfeição em toda a narração.

Em meados de 1950, outros gravadores são disponibilizados no mercado e proporcionam mais comodidade aos radialistas em gravações de lugares distantes dos estúdios (Figura 22). Contudo, da mesma forma que os anteriores, são destituídos de mecanismos voltados para a edição. E neste contexto, o rádio exige mais do radialista, mais habilidade, atenção e treino para efetivar uma programação com precisão. Assim, enquanto novos aparelhos não são desenvolvidos, os radialistas convivem com esta forma de se fazer rádio.



Figura 22 – Jorge Abrão, da rádio Difusora, em uma entrevista com o então prefeito de Goiânia Hélio de Brito a respeito da pavimentação das ruas P-33 e P-20.
Fonte: Museu da Imagem e do Som, Goiânia, 2012.

Os padres nos emprestava o gravador deles, os freis franciscanos, por que eles tinham uns programas na rádio e nós não cobrava nada, a emissora não cobrava. Então por causa disso os gravadores deles, Webster, americanos, eles emprestava, e eu ia pra reportagem em Araguari, todo lado, Uberlândia, com esse aí. Chegava aqui e botava trechos, aqueles pontos. Nós não tínhamos edição nenhuma. Era assim: eu dava sinal:

- Para aí!

E o cara parava o gravador, e eu:

- Pois é senhores...

Aí eu falava:

- Depois naquele lugar!

Aí ele ficava ouvindo lá, porque eu tinha explicado antes o ponto que eu queria que voltasse a soltar. Era tudo na mágica, na sinalização. Aí eu soltava esse gravador dos padres, Webster, de fio, ele não era nem fita, era arame, gravador Webster, importado da Webster Corporation. Eu me lembro direitinho, o frei Antônio que me emprestou. Aí eu ia pra Ipameri, ia pra todo o lado aqui com esse gravadorzinho. Praticamente ele ficou pra gente, mas devolvia (informação verbal)²⁷⁸.

Além de grandes, os gravadores utilizados no início de 1950 eram pesados. Esse ao lado na Figura 23 está exposto em um museu particular da rádio Xavantes de Ipameri e pesa em torno de 12 quilos. Para sustentar um gravador desse em mãos, em uma reportagem, por exemplo, é preciso que o



Figura 23 – Gravador utilizado pela rádio Xavantes de Ipameri em 1950 que registra o som em fios. Pesa aproximadamente de 12 quilos.

²⁷⁸ Walter Cançado, op. cit.

indivíduo seja fisicamente preparado para suportá-lo.

Era complicado, um bicho grande demais, pesado. Eu me lembro que aqui na rádio Difusora a gente tinha um gravador aí e eu ia fazer reportagem na Câmara. Depois do almoço o operador ia para lá. O bicho pesava 12 quilos. Você tinha que ir de gravata carregando aquele pesão. Chegava suado lá. Era gravador de fio. Depois é que veio o de fita. Ficou mais leve um pouco (informação verbal)²⁷⁹.

Ainda na década de 1950, são desenvolvidos aparelhos menores, mas não o suficiente ainda para dispensar o incômodo com seu peso. Um aparelho compacto “[...] pesava três quilos. Porque ele funcionava através de um sistema que operava com válvulas. Então você imagine fazer uma reportagem carregando um gravador de três quilos. É preciso também exercício físico” (informação verbal)²⁸⁰.

Um dado interessante é que no final deste período começaram a falar em edição no rádio. Os radialistas desenvolvem estratégias de fazer correções em gravações cortando e emendando a fita utilizada no arquivamento do som. Mas não é um trabalho simples, é necessária precisão e muita atenção para saber onde cortar e emendar, senão compromete-se a gravação inteira: “Pra editar isso era uma dificuldade enorme porque a fita arreventava. Tava sempre remendando daqui, remendando dali etc.” (informação verbal)²⁸¹.

Em 1957, Osmar Vieira Ribeiro, técnico em eletrônica de Anápolis, cria um amplificador de bolso que cabe na palma da mão (*O ANÁPOLIS*, 30 jan. 1957). Esse aparelho representa uma revolução no campo da comunicação externa em emissoras de Goiás, pois dispensam o uso dos fios em transmissões distantes dos estúdios. Aparelho semelhante só seria colocado à venda no mercado internacional a partir de 1963 pela empresa norte-americana Fairchild Semiconductor. A rádio Carajá de Anápolis, no entanto, é a primeira emissora goiana a fazer o uso dessa tecnologia em uma programação²⁸² no rádio.

Além disso, o aspecto tecnológico em Goiás começa a ser mais bem estruturado. A telefonia vai sendo paulatinamente instalada em várias cidades. Com isso o rádio inova-se. Com o telefone os programas externos proliferam, embora, tenha permanecido a necessidade dos fios para interligar o local de transmissão a um ponto onde houvesse linha telefônica.

²⁷⁹ Bezinho, op. cit.

²⁸⁰ Juvenal de Barros, op. cit.

²⁸¹ Durley Montalvão, op. cit.

²⁸² A rádio Carajá é também a primeira emissora de Goiás a utilizar um automóvel em uma programação no rádio. A primeira transmissão foi efetivada em janeiro de 1957, através de transmissor mirim criado por Osmar Ribeiro. Além desse transmissor, a emissora requereu a permissão da década de 1960 para transmissões AM de seu famoso “Land Hoover”.

Aí já foi em 1960. A Radional, naquela época, linha telefônica da Radional, ia de Trindade a Guapó. Ali pela altura do cemitério de Trindade, a gente conseguiu uns 3000 metros de fio. Fez a ligação com a Radional e transmitimos com a caixa a festa de Trindade, já direto de Trindade, toda a novena. Aí já era com a Radional (informação verbal)²⁸³.

Neste período, surgem os programas ao vivo transmitidos de algum ponto da cidade.

A gente ia pra rua com um microfone, um VHF, que hoje seria um verdadeiro transmissor de FM, e o VHF jogava o som lá no transmissor. A gente fazia essa programação entrevistando o ouvinte nas lojas, nas ruas. Então nós usávamos um fio cumprido. Ligava no fio telefônico. Tinha uma maletinha. Você bloqueava o telefone do cara, ligava no telefone da rádio aqui e jogava pra cá o som. Aí você entrevistava lá e jogava o som (informação verbal)²⁸⁴.

A tecnologia empregada no rádio em Goiás, por sua vez, visa atender um único objetivo: o de atingir os ouvintes com sua programação. Os aparelhos receptores de rádio, nesse sentido, são indispensáveis para fechar o círculo tecnológico da radiodifusão.

2.3. Existiam verdadeiras obras-primas em matéria de rádio: os aparelhos receptores de rádio.

O desenvolvimento da radiodifusão em Goiás está intimamente relacionado ao progresso de Goiás. Isso pode ser observado através da expansão comercial de aparelhos receptores de rádio em casas comerciais de Goiânia e de Anápolis. Uma variedade deles é colocada à disposição da população goiana neste período (Figura 24).

RÁDIOS INVICTUS	
MOD. 535-C2 — com 5 válvulas — Cabeceira "GLORIA 52" — 6 válvulas — olho mágico, caixa de madeira	2.100,00
MOD. 536-C1 — A pilha — caixa de mad.	2.800,00
738-C — 6 válvulas — olho mágico — caixa de madeira	3.500,00
838-B — 6 válvulas — olho mágico — caixa de madeira	3.600,00
525-AC — com 5 válvulas — cabeceira	2.250,00
R. C. A. VICTOR	
MOD. B-53 — 5 válvulas — cabeceira	2.000,00
5-Q-32 6 válvulas — mesa — cx. mad.	2.800,00
RADIO-VITR. — mod. BV-54 — 10 valv. tocadiscos Long Play, movel de adorno	12.000,00
RADIO-VITROLA — modelo BV-53 — mesa — Portátil	6.000,00
RADIO LIBERTY — 5 valv. — cabeceira	2.000,00
STANDARD ELECTRIC	
MODELO F-CC 5 valv. — cabeceira	2.000,00
1.501-5 — caixa de mad. — 5 válvulas	2.500,00
RADIO CRUZEIRO — CR — 548 — c/ 5 valv.	3.200,00
RADIO DOUGLAS — com 6 válvulas	2.800,00
RADIO ECHOPHONE — c/ 5 valv. mod. ACDC	2.000,00
AGULHAS PARA VITROLA — cx. c/ 50 agulhas para 20, 30, 50 discos — a escolher	25,00
PORTA RETRATOS DE CRISTAL	450,00
PORTA RETRATOS DE MATERIA PLASTICA	190,00
EXAUSTOR CONTACT — 1 TIPO	2.600,00
ENCERADEIRA LIBERTY	3.100,00
MOTOR TRIFASICO PARA BOMBAS Fogareiros elétricos uma boca "OKUSA"	3.600,00
Fogareiros elétricos uma boca "WATT HEET"	120,00
APARELHOS "SIMPLEX" — com escovão, cx.	160,00

Figura 24 – Receptores que eram colocados à venda no comércio de Anápolis
Fonte: Jornal *O Anápolis*, 30 de novembro de 1952.

Os aparelhos apresentam em seus formatos a criatividade de seus fabricantes.

²⁸³ Claudino da Silveira, op. cit.

²⁸⁴ Duarte Martins, op. cit.

Naquela época os aparelhos de rádio não eram transistorizados, era tudo na base da vela, aqueles aparelhos elétricos. Existiam verdadeiras obras-primas em matéria de rádio antigamente. [...] Antigamente, esses rádio de mesa, tinha ‘Transglobe’, tinha o ‘Fironir’, e tantas outras marcas de rádio que eram comercializadas naquela época. Então o cara tinha rádio de tudo quanto é tipo, de tudo quanto é frequência, rádio de seis, de oito, de tantas faixas. De seis faixas era comum você ter, hoje em dia você não vê mais rádio de seis faixas, é muito difícil (informação verbal)²⁸⁵.

Os receptores de quatro faixas (na Figura 25 uma dessas preciosidades que está exposto no Museu Histórico de Jataí) permitem à população goiana ouvir emissoras de outros estados do Brasil e também de outros países através de ondas curtas. Cria-se, por seu intermédio, um contraste, em que “[...] a modernidade que chegava pelo rádio tinha características urbanas, difundindo para os moradores do interior hábitos das grandes cidades” (AZEVEDO, 2004, p. 29)²⁸⁶.



Figura 25 – Receptor de rádio. Do lado esquerdo do aparelho, as frequências de recepção.
Fonte: Museu Histórico de Jataí.

Algumas emissoras das Nações Unidas, por exemplo, que transmitem em português neste período, são sintonizadas em Goiás. E além do mais, recebem o apoio de emissoras brasileiras que retransmitem sua programação. Na publicação abaixo, realizada pelo jornal *A Notícia*, temos notícias destas emissoras, e podemos observar que em 1950 elas completavam três anos de experiência neste tipo de transmissão.

Os boletins de notícias que vem sendo transmitidos regularmente pelas Emissoras das Nações Unidas em 29 idiomas, estão sendo completados durante as sessões da Assembleia Geral ora reunidas em Nova York, por programas especiais afim de proporcionar aos ouvintes do mundo inteiro informações detalhadas sobre os importantes assuntos discutidos. A Divisão de Rádio do Departamento de Informação Pública da ONU irradia já há três anos, diariamente de Lake Success, um programa de notícias em português para os ouvintes do Brasil. Durante a Assembleia Geral o Noticiário será ampliado com comentários de delegados brasileiros em Lake Success. As transmissões em Lake Success poderão ser escutadas diariamente, exceto aos domingos, em ondas curtas, de 21:15 as 21:30 (hora do Rio de Janeiro), nas

²⁸⁵ Duarte Martins, op. cit.

²⁸⁶ Por outro lado, podemos observar que na relação que os receptores mantêm com os transmissores assumem a característica que Ortiz (2001, p. 49) delegou à sociedade industrial, ou seja, um “espaço integrador das partes diferenciadas e descrita pelo conceito de ‘solidariedade mecânica’ que Durkheim havia aplicado às sociedades primitivas”.

freqüências de 15210 kcs, 19.72 Mts; 9670 Kcs, 31.02 Mts; e 17830 Kcs, 16.83 Mts. Poderão também ser escutadas em ondas longas nas retransmissões feitas diariamente por duas emissoras brasileiras: Radio Nacional, do Rio de Janeiro (às 7 horas da manhã) e Radio Difusora, de São Paulo (*JORNAL A NOTÍCIA*, 15 out. 1950).

Possuir um desses aparelhos receptores em Goiás nesta época é sinônimo de *status*. A família é comentada na região e sempre surpreendida com visitas inesperadas. Na Figura 26, de uma família tradicional de Jataí, nota-se que o receptor de rádio ocupa um espaço de destaque nas residências, e é utilizado inclusive para adornar os registros fotográficos.



Figura 26 – Membros da família Alcântara de Carvalho (Maria Lolene de Carvalho, Marly Carvalho e José Tosta Carvalho) em Jataí, 1960. Ao fundo, um aparelho de rádio.
Fonte: Assis (1991).

Mas ouvir rádio naquele período não é também uma tarefa fácil. Os aparelhos são movidos por energia, pilha ou bateria recarregável. A energia é um problema, como vimos no primeiro capítulo, e, além disso, as pilhas e as baterias são muito caras. No caso das redes de eletricidade, estas não suportam o consumo excessivo. Não possuem capacidades suficientes para garantir o uso ampliado de equipamentos elétricos. As quedas são inevitáveis e constantes. Principalmente no final do dia, por causa dos chuveiros que são ligados simultaneamente por um grande número de pessoas.

Além da falta energia os equipamentos elétricos que começam a tomar conta do Estado (geladeiras, refrigerados, motores, liquidificadores etc.) interferem sobremaneira no som captado por eles. As reclamações dos ruídos que invadem os programas começam a aparecer em demasia. Notícias com um teor similar a esta abaixo aparecem semanalmente nos principais jornais distribuídos no Estado:

Um ruído de procedência ignorada, que se supõe ocasionado pelos motores das geladeiras e outras máquinas, de sonancia irritante e desagradavel, tem impedido o bom funcionamento dos radios em varias casas de diversas ruas da cidade. Para tudo há uma solução, motivo por que esperamos dos “tecnicos” encarregados deste setor da administração municipal as necessarias providencias (FOLHA DO SUDOESTE, 30 jul. 1953. grifo nosso).

Esse tipo de interferência citada anteriormente preocupa a população de todo o Estado, até mesmo da capital. Os aparelhos portam um sistema de filtragem do som, mas não evitam os ruídos – veremos mais detalhes destas interferências no tópico sobre o rádio AM. Para a maior parte da população do interior e do meio rural a situação é ainda mais complicada devido à falta de redes elétricas. O mercado resolve parcialmente esse problema com a venda de receptores que são alimentados com baterias recarregáveis (Figura 27). Nilta de Freitas de Inhumas relembra:



Figura 27 – Parte traseira de um aparelho “Rádio Teleoto 3”, e na imagem a pilha 1000 horas.
Fonte: <http://bauru.olx.com.br/radio-teleoto-3-faixas-pilha-energia-iid-528426432>

O pessoal vinha das fazenda e trazia pra ele [Lúzio de Freitas, seu esposo] consertar o rádio e umas pilhonas desse tamanho [mostrando com um gesto aproximadamente 30 centímetros], porque não tinha energia nas roça, então funcionava com essas pilhas. Eu não sei dar o nome delas, mas essas pilhas era bem grandes (informação verbal)²⁸⁷.

Em decorrência da ausência de fontes de energia “no meio rural usavam-se aqueles rádios de bateria, que eles chamavam de mil horas, mas aquilo só na roça, na cidade não tinha não” (informação verbal)²⁸⁸. Esta bateria citada por Bezinho, no entanto, não suporta a carga de um receptor por muito tempo e necessita ser regada constantemente. Ubirajara Moreira de Rialma relata que a forma de recarregar essas baterias era aquecendo-a ao fogo.

Naquele tempo o rádio tinha uma pilha muito grande, maior do que o rádio. E ela de vez em quando enfraquecia. Gastava muito, enfraquecia, tinha que pôr ela pra esquentar na beira do fogão. Fogão à lenha. Embrulhava ela e punha pra esquentar e falava um pouco. Ela dava pra uma hora, duas horas pra você assistir bem. Enfraquecida de novo tinha que esquentar mais uma hora, duas hora. Era essa a luta (informação verbal)²⁸⁹.

Embora o mercado de eletrodomésticos dispusesse de pilhas recarregáveis, a população empobrecida encontra muita dificuldade de possuir um destes aparelhos por conta de sua manutenção. Isso significa que até meados de 1950, o número de aparelhos receptores em cidades do interior de Goiás é reduzido. Várias questões contribuem para isso entre elas: o

²⁸⁷ Nilta de Freitas, op. cit.

²⁸⁸ Bezinho, op. cit.

²⁸⁹ Ubirajara Moreira, op. cit.

elevado preço cobrado pelo mercado local por um aparelho²⁹⁰ e os custos com a sua manutenção (energia, baterias e reparos). Além disso, há outra questão que perpassa por todo aquele período: o pagamento de impostos por cada aparelho adquirido, questão que só é abolida em meados de 1964.

Adquirir um receptor de rádio neste período impõe ao indivíduo a obrigatoriedade de recorrer a uma agência dos correios para registrá-lo. Esse registro é feito no nome do próprio comprador. A partir daí ele é obrigado a pagar um imposto ao Estado e o não pagamento implica em multas²⁹¹. Podemos notar abaixo os valores e outras informações relacionadas aos encargos cobrados nos registros.

Registro de Aparelhos de Rádio

Comunica a Agencia Postal de Ipameri, que expirará no dia 31 de março vindouro o prazo regulamentar para a renovação, sem multa dos aparelhos de rádios receptores. De acordo com o Decreto lei nº 2979, os rádios não registrados até aquela data pagarão a multa de Cr\$ 25,00. A taxa de registro continua sendo de Cr\$ 10,00 – devendo no ato de renovação ser apresentado o recibo anterior. Para maior facilidade do serviço pede-se aos possuidores de aparelhos de rádios, irem cumprindo esse dispositivo legal antes do término do prazo para que sejam atendidos mais facilmente e não haja acumulo nos últimos dias de registro (*O IPAMERI*, 24 fev. 1952).

Com esse Decreto o Estado brasileiro consegue, inclusive, precisar o número de aparelhos comercializados no país. Em 1958, é realizada uma pesquisa pelo Serviço de Estatística da Educação e Cultura, órgão do Ministério das Comunicações, que informa haver naquele ano 614.519 unidades espalhadas em todo o território brasileiro (*JORNAL DE NOTÍCIAS*, 16 abr. 1958).

Em decorrência das dificuldades que limitam a aquisição de um desses aparelhos pela população do meio rural é comum pessoas se deslocarem para as cidades em busca de um conhecido, para acompanhar uma determinada programação. Visitas a familiares são, assim, uma boa saída para ouvir um programa favorito.

Em Jataí, naquela época, nem todos aqui tinham condição de ter um aparelho de rádio em casa por causa do poder aquisitivo. Mas aquele que não tinha ele ia pra casa do vizinho. Ele era o radiovizinho. Então, como você tem o televisinho nós tinha o radiovizinho. Então o cara ia pra casa do compadre, do amigo, assistir a programação (informação verbal)²⁹².

²⁹⁰ Podemos ter uma noção do valor de um aparelho tomando como referência o alto índice de furto destes aparelhos, que vez ou outra, aparecem como notícias em jornais. Um dos presos por praticar o furto de um aparelho, Almir Marinho de Souza, foi condenado em 1961 a seis anos de prisão (*O POPULAR*, 12 set. 1961).

²⁹¹ A regularização da cobrança desse imposto estava a cargo do Departamento dos Correios e Telégrafos do Estado de Goiás, representado por Felicíssimo do Espírito Santo Filho.

²⁹² Duarte Martins, op. cit.

Enquanto os radialistas encontram maneiras para superar as limitações do rádio em Goiás, “as novidades tecnológicas da indústria estrangeira iam chegando ao mercado brasileiro” (AZEVEDO, 2004, p. 17). A cada mês que passa novos modelos de receptores de rádio são disponibilizados no comércio local. A indústria busca inovar e criar modelos cada vez mais compactos e atraentes. O ouvinte encontra algumas novidades, a exemplo deste na Figura 28, que vem acompanhado de uma cápsula com a possibilidade de prendê-lo ao cinto, o Regency Mod TR-1. Esses aparelhos menores facilitaram o seu deslocamento (ROCHA, 2007a, p. 34). Os primeiros receptores portáteis transistorizados são desenvolvidos por empresas norte-americanas e colocados à venda em 1954.



Figura 28 – REGENCY Mod TR-1, primeiro rádio transistorizado.
Fonte: <http://www.bn.com.br/rádios-antigos/regency.htm>

Correndo contra o tempo, (pois os Japoneses também já dominavam a técnica de construção desse componente e estavam prestes a lançar um rádio de bolso) a I.D.E.A. (Industrial Development Engineering Associates de Indianápolis) e a Texas lançam no Natal de 1954 um pequeno rádio de bolso totalmente transistorizado, conhecido como ‘REGENCY TR-1’ (Rádios Antigos, 2013).

Apesar da facilidade de manuseio apresentada com o compacto, por outro lado, a recepção de emissoras em ondas curtas ficou mais difícil, em detrimento do pouco potencial dos aparelhos na recepção de frequências de longas distâncias. Luiz Braz relata que no período em não havia uma emissora de rádio em Rio Verde tinham que esperar uma determinada hora para conseguir fazer alguma sintonia: “[...] pegava muito dificilmente. Era difícil. Esperava madrugada, de manhã cedo. Quando o tempo permitia as ondas chegavam. E somente onda curta e raramente onda média” (informação verbal)²⁹³.

Ao chegar o receptor compacto no comércio em Goiás, seu baixo preço permite o acesso de uma parte maior da população a eles. O aumento de seu consumo é observado no final da década de 1950. Com isso ocorre uma ampliação na audição radiofônica em Goiás. Para Ubirajara Moreira:

Quando surgiu esses pequenos rádio aí difundiu também o rádio. Aí começou sair rádio pra toda banda, porque uma coisa acompanha a outra, surge com a outra, um depende da outra. Foi o crescimento total de todas as duas coisas, tanto das estações quanto o ouvinte assistindo o rádio. Até

²⁹³ Luiz Braz, op. cit.

viajando você via gente andando de a pé pra encurtar a estrada, por que não tinha ônibus, não tinha estrada, não tinha automóvel, não tinha. Você às vezes fazia viagem é de a pé e você punha um radinho no ombro ou na mão mesmo e ia, pra estrada ficar menor. Pra você esquecer caminho, você ia ouvindo o radinho num programa de quem cê gostava (informação verbal)²⁹⁴.

Com o desenvolvimento da tecnologia de recepção de rádio vislumbra-se um futuro em que um aparelho de rádio é reduzido ao tamanho de um dado.

Rádios de pulso tão pequenos como um dado, televisores que podem ser colocados num pequeno quadro de fotografias, calculadores eletrônicos do tamanho de um maço de cigarros e fonógrafos que podem ser levados no bôlso ou em uma pequena pasta podem ser agora produzidos, utilizando-se um dispositivo eletrônico em miniatura inteiramente novo (*JORNAL DE NOTÍCIAS*, 29 set. 1959).

Essa publicação refere-se a um dispositivo denominado micro-módulo, desenvolvido pela RCA, a pedido do Corpo de Sinais do Exército norte-americano. Naquele momento projeta-se o seu uso para a fabricação e comercialização de receptores de rádio e de televisão, porém, não passa de um projeto.

Descreveu-se o micro-módulo como um progresso revolucionário na redução eletrônica, que tornará possível diminuir o tamanho de quase todos os produtos eletrônicos. Estes incluem todos os produtos para os quais se utilizam tubos de vácuo ou transistores para amplificar ou modificar as correntes elétricas²⁹⁵.

No decorrer da década de 1960, portanto, o mercado consumidor dos receptores transistorizados amplia, e assim, deixa de ser privilégio de poucos. Fernando Cunha Júnior, ao retratar a relação da população de Anápolis com o rádio receptor no início deste período, observa que já havia sido conquistado certo avanço na tecnologia da recepção.

Em termos de aparelho nós vivíamos uma fase mais avançada. Não era daquele aparelho muito antigo, com toda dificuldade de captar a voz. Na verdade os aparelhos já eram avançados e todo mundo tinha aparelho de rádio. Não era ainda época da televisão. Todo mundo tinha aparelho de rádio (informação verbal)²⁹⁶.

Com os compactos transistorizados surgem novos profissionais que se especializam em reparos desses aparelhos. Em Goiânia aparecem os primeiros serviços técnicos voltados

²⁹⁴ Ubirajara Moreira, op. cit.

²⁹⁵ Ibidem.

²⁹⁶ Fernando Cunha Júnior, op. cit.

para substituir as baterias recarregáveis por pilhas menores. Esses serviços são divulgados pelos jornais, a exemplo deste anúncio da Figura 29 publicado pelo *O Popular* (5 nov. 1963).



Figura 29 – Anúncio dos aparelhos transistorizados e serviços de conversão do rádio de pilhas grandes para rádio com pilhas pequenas.
Fonte: *O Popular*, 5 nov. 1963.

Pode-se dizer que a disseminação do transistor na década de 1960, seria outro grande momento da radiofonia, uma vez que permitiria a criação do rádio portátil e, como consequência, a libertação do ‘espaço fixo’ do veículo, em geral na sala de jantar (HAUSSEN, 2004, p. 54).

Aparelhos compactos com essas tecnologias mais avançadas que surgem na época são utilizados em Goiás somente na segunda metade da década de 1960. Agora, para os radialistas a época distingue-se também pelo uso dos pick-ups e dos discos.

2.4. Era uma mesa de som com dois pick-ups: os discos e os Pick-ups.

O pick-up (Figura 30) é um aparelho utilizado nas emissoras para rodar os discos. Segundo Irondes de Moraes, “o pick-up tinha três rotações: 78 rotações, tinha muitos discos de 78; 45 rotações e 33, hoje o LP. O 45²⁹⁷ era um disquim menor, mas era vinil também, e o 78 que era o bolachão que eles falavam” (informação verbal)²⁹⁸.



Figura 30 – Pick-ups utilizados pela RBC.
Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

²⁹⁷ Segundo Lenharo (1995, p. 147), o disco de 45 rotações foi lançado no Brasil em 1953 pela RCA, “[...] uma possibilidade intermediária entre o LP e o 78 RPM. Dois anos depois a Musidisc tentou inovar à brasileira, através da criação do chamado ‘LP do pobre’ o LP em 78 rps, com um custo muito menor do que o LP em 33. O ‘LP do pobre’ só custava sessenta cruzeiros e trazia quatro músicas, duas de cada lado”, enquanto o de 33 girava em torno de 250 a 300 cruzeiros.

²⁹⁸ Irondes de Moraes, op. cit.

Manusear o pick-up com cuidado, porém com agilidade, é a maneira mais correta de manter a programação bem apresentada. “Naquele tempo era difícil. Hoje é só apertar um botãozinho, mas naquele tempo não, era um disquinho acetato, seis pratos, e você tinha que colocar a rodagem pra sair na hora certinha. E era difícil trabalhar” (informação verbal)²⁹⁹. Duarte Martins lembra-se que os pick-ups utilizados pela rádio Difusora de Rio Verde foram adquiridos de empresas norte-americanas.

Na época o bispo diocesano daqui, que era dom Benedito, ele importou uma aparelhagem Gate muito boa pro cê trabalhar, uma aparelhagem americana, porque ele era americano. Então ele conseguiu trazer essa aparelhagem pra nós. Muito boa. Só que aquele aparelho com o tempo ele ia desgastando também. Hora cê ia rodar em 78 ele dava distorção, cê tinha que tá mexendo ali e tal. Era complicado. Antigamente não era brincadeira não (informação verbal)³⁰⁰.

As emissoras de rádio na época necessitavam de dois pick-ups. Quando uma música estava chegando ao fim em um dos pick-ups, por exemplo, o outro já estava preparado para ser executado. Por isso eram colocados lado a lado para facilitar o seu manuseio. Esse aparelho inspirou muitos radialistas a incluírem seu nome ao título de programas, a exemplo de um que foi dirigido por Goiás Olinto na rádio Jornal de Inhumas.

Então, nesse período os programas eram direto, ao vivo. Tinha programa chamado “Peça e Ouça”; tinha programa chamado “Cancioneiro Mexicano”; tinha programa chamado “O Ouvinte Faz o Programa”. O primeiro que eu enfrentei foi “Qual é o Número”. Depois às 16 horas vinha o “*Pick-up Maluco*”, que era um programa só de rock, twist, tchá-tchá-tchá, samba, era o Goiás Olinto que fazia esse (informação verbal *grifo nosso*)³⁰¹.

O manuseio do pick-up exige habilidade. Não é algo simples como transparece ser. “Não era essa aparelhagem moderna que é hoje. Aqueles aparelhos simples, troca agulha e tal. Naquele tempo era aqueles discos de 78 rotações, 45 rotações, que hoje não se usa mais. Tem muita gente que guarda aí como relíquia, né!” (informação verbal)³⁰². Os pick-ups são indispensáveis para o rádio nesta época, pois a programação gira intercaladamente entre um e outro.

Para observar a importância dos pick-ups, basta lembrar-se que na década de 1950, ocorre a explosão da indústria manufatureira do disco (PERUZZOLO, 1972, p. 316). Os discos, por sua vez, trazem em si a marca desse tempo. Para ouvir uma música havia duas

²⁹⁹ Claudino da Silveira em depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio: a Trajetória”, Goiânia, 2008.

³⁰⁰ Duarte Martins, op. cit.

³⁰¹ Irondes de Moraes, op. cit.

³⁰² David Nahas, op. cit.

saídas: ou ligava o rádio, ou adquiria, como se dizia na época, um bolachão, o disco de cera, o vinil, ou LP (Long Play). O som de um disco torna-se característico com as “arranhuras” que o acompanha. O vinil, por sua vez, necessita de cuidados constantes para que a gravação não seja comprometida.

É por intermédio dos discos que as emissoras conseguem as músicas para veicular no decorrer de uma programação. “Os discos de 78 rotações era o lado A e o lado B. Depois tinha os de 45 rotações que geralmente tinham duas músicas ou quatro. Depois é que passou pro LP grande. Era mais ou menos umas 15 músicas” (informação verbal)³⁰³. Antônio Edson³⁰⁴ lembra que além dos discos as gravadoras vendiam as agulhas para os pick-ups, necessárias para a execução de um disco.

As agulhas, por outro lado, desgastam-se com o tempo e é preciso substituí-las por outras constantemente. A aparência de determinados discos é, inclusive, alterada em decorrência dos desgastes causados pelas agulhas: “Tinha hora que você terminava de rodar tal música, você tinha que passar o dedo na agulha assim, ficava cheinho de pó daquele vinil ali. Você imagina que aí ia clareando o vinil, as músicas mais rodada” (Informação verbal)³⁰⁵. Em alguns casos os sulcos dos discos ficam tão desgastados que não rodam normalmente no pick-up. É isso que ocorreu com o disco da dupla Moreno e Moreninho de Anápolis em 1963. Fato noticiado pelo *O Anápolis* (22 mar. 1963).

Na manhã de ontem ouvindo o programa caipira dirigido pelo J. Cassimiro, da Rádio Cultura, tivemos a oportunidade de conhecer a folga e a malícia radiofônica do rapaz. Ao anunciar uma gravação de Moreno e Moreninho sob o título ‘Sabiá Amarelinho’, notou que o disco estava com o sulco desgastado, não podendo, portanto ser rodado, pois a agulha não corria normalmente.

Além dos discos com músicas há também os discos com anúncios, geralmente enviados por gravadoras e emissoras de rádio das grandes metrópoles: “Era vinil, tinha aquele acetato. Acetato era um alumínio coberto com o vinil que nós recebíamos inclusive, os *jingles*, as publicidades das agências, naquele vinil. Depois é que veio a fita, o tape, veio depois desses anos 50. Então, era o vinil” (informação verbal)³⁰⁶.

O vinil é produzido em vários tamanhos, como vimos anteriormente. O mais frágil deles é o de 78 rotações, pois quebra com facilidade. Durley Montalvão esclarece que o disco de 78 rotações “[...] tinha uma espessura maior e era um produto mais ressecado. Então, caiu,

³⁰³ David Nahas, op. cit.

³⁰⁴ Op. cit.

³⁰⁵ Durley Montalvão, op. cit.

³⁰⁶ Antônio Edson, op. cit.

um abraço. Até na hora de colocar no prato ou tirar, ele já trincava, aí acabou” (informação verbal)³⁰⁷. Para manter um disco intacto, portanto, é preciso cuidado em seu manuseio. Os discos são, em sua maioria, adquiridos de gravadoras de São Paulo e Rio de Janeiro e enviados:

[...] via Correio. Não havia nem sedex. Via Correio. Por exemplo: nós recebíamos os discos da RCA Victor, RCA Camden, Chantecler, que era as gravadoras da época, Odeon, várias gravadoras. A gente recebia via transportadora. Se era de São Paulo, por exemplo, mais ou menos oito, dez dias pra chegar. Então recebíamos aqueles discos. As emissoras é bom que se diga, elas compravam. Vez por outra eles mandavam um brindezinho, um LP. Mas as emissoras compravam. Tinha um contrato, isso que é curioso. Hoje eles dão discos. CD's são distribuídos aos borbotões aí pra todo mundo. Naquela época não, nós pagávamos o disco, loucos pra receber novidades pra levar pro ouvinte³⁰⁸.

Arnaldo Oliveira, locutor da rádio Educadora de Goiandira, ressalta que semanalmente as gravadoras enviavam catálogos com informações dos discos que estavam disponíveis para a venda. O pedido era feito por intermédio de cartas.

Os discos vinha direto da Odeon. O Ledo³⁰⁹ entrava em contato com as produtoras, e vinha direto, aqueles mais sucesso. Então ela mandava o catálogo, olha, saiu o disco assim, assim, assim, aqueles long play, de vinil, grande. Tinha os pequenos display, muito pequenininho, de vinil também. E então ali eles mandava o catálogo, ele retornava, através de cartas... Naquela época telefone era muito difícil, não tinha Internet, não tinha nada, então era tudo através de carta. Que eu lembro tinha a Odeon, Chantecler, não me lembro todas. Então ele passava a relação e pedia. Olha, eu quero esse, esse, você manda esse, esse... Era o Ledo que pedia. Ele pagava pelos discos (informação verbal)³¹⁰.

Além do envio por correio, boa parte dos discos era também comercializada em Goiás por intermédio de representantes das grandes gravadoras que percorriam os estados do interior do Brasil. Como ressaltou João Batista: “naquela época já tinha os representantes das gravadoras que eles doavam um, dois discos, quando iam lá mostrar as novidades, então eles doavam alguns. Mas a maioria eram discos comprados” (informação verbal)³¹¹.

A rádio Carajá de Anápolis chega a criar o programa “Sucessos Copacabana”, para veicular as novas gravações que são enviadas pela gravadora Copacabana (*O ANÁPOLIS*, 6 fev. 1958). Os discos chegam semanalmente na emissora enviados pela RCA Victor, Odeon,

³⁰⁷ Durley Montalvão, op. cit.

³⁰⁸ Ibidem.

³⁰⁹ Lêdo Cecílio, proprietário da rádio Educadora de Goiandira.

³¹⁰ Arnaldo de Oliveira, op. cit.

³¹¹ João Batista, op. cit.

Capitol, London e Decca (*O ANÁPOLIS*, 12 jan. 1958). Sílvio Medeiros acrescenta que além dos representantes locais, havia correspondentes de gravadoras de outros países que passavam em visita pelas emissoras comercializando seus discos.

Vinha os representantes, RCA vídeo, Colúmbia, né! Colúmbia é americana já vinha direto já. O bom naquele tempo é que vinha música francesa, italiana. Vinha os representantes direto daqueles discos de 78, dentro da capa direitinho, dentro da caixa arrumado. Aquilo brilhava. Você fazia com o disco assim... Era aqueles discos chapados né! Com agulha, com tudo. Depois veio o vinil, o LP né! (informação verbal)³¹².

No final da década de 1950, esses representantes instalam-se em cidades goianas gerando a concorrência entre comerciantes de discos. Abre-se, assim, uma facilidade para a população que agora tem acesso a discos mais baratos no comércio local³¹³.

Manoel Basílio relembra que na década de 1950 discos com músicas de sucesso poderiam ser adquiridos com facilidade no comércio de Goiânia. Ao fundar a rádio Jornal de Inhumas em 1960 consegue montar uma discoteca com músicas variadas incluindo ainda os maiores sucessos da época: “Lá em Goiânia tinha algumas discotecas que vendiam, como o Bazar Paulistinha [...] Então, os sucessos a gente comprava em Goiânia. Foi o ano que começou o Roberto Carlos, Celi Campelo” (informação verbal)³¹⁴.

Os radialistas sabem que para conquistar audiência é preciso atender o gosto de públicos distintos, como expressou Eduardo Ferreira: “Porque, rádio, se ocê não colocar no ar o que é bom, bau-bau meu amigo” (informação verbal)³¹⁵. Por isso torna-se necessária uma discoteca com vários gêneros musicais. José Luiz Bittencourt percebe esta questão ao assumir a direção da Difusora de Goiânia, quando foi adquirida pela Arquidiocese, e busca reorganizar a sua discoteca.

A rádio nessa época começou a organizar a sua discoteca. Nós tínhamos poucos discos e fizemos uma campanha aqui no comércio. Muitos comerciantes doaram discos. Recebemos discos também de católicos da Alemanha, recebemos discos da Holanda, da Philips. Nós fomos aparelhando e em pouco tempo a discoteca nossa era uma das melhores daqui. Cuidava dela o Alcio (informação verbal)³¹⁶.

³¹² Sílvio Medeiros, op. cit. 2004.

³¹³ Somam-se ainda as primeiras gravadoras de discos que surgiram em Goiânia. Em 1957, os discos mais vendidos em Goiânia foram respectivamente: Dorinha meu Amor (samba com Altamiro Carrilho e sua Bandinha); Dolôres (beguine em versão de Edison Borges com Lana Bittencourt); Coração (canção rancheira com Dirceu e Marília) e História da Lapa (samba com Nelson Gonçalves) (*DIÁRIO DA TARDE*, 9 dez. 1957).

³¹⁴ Manoel Basílio, op. cit.

³¹⁵ Eduardo Ferreira, op. cit.

³¹⁶ José Luiz Bittencourt em depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

Nas emissoras, os discos são organizados em ordem alfabética para facilitar a sua localização. Essa é também uma forma de facilitar o trabalho de quem elabora a programação. Novos móveis são criados para a sua organização, a exemplo desta prateleira na Figura 31 da rádio Difusora de Goiânia.



Figura 31 – Primeira discoteca da rádio Difusora de Goiânia.
Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”,
Goiânia, 2009.

Na época ainda existia discotecas, que eram feitos os casulos na parede inteira assim. Por exemplo: só para LP’s, aquele de vinil, pela letra alfabética. Então os artistas ‘A’ estavam todos ali classificados, ‘B’, ‘C’, ‘D’ etc., etc. Outra parede seria para os discos de rotação 78. Tinha 78, tinha 45, 33. Os recipientes que recebiam cada disco tinha seu formato, seu tamanho já, a espessura. Aí, de repente, num casulo daquele cabia ali dez discos da letra ‘A’; aí você completava mais dez embaixo, mais dez, quantos coubesse. Depois passava pra ‘B’ e tal, como é hoje os medicamentos nas farmácias (informação verbal)³¹⁷.

Já a rádio Cultura de Ceres, segundo Porátio, possuiu uma biblioteca que se tornou famosa no meio radiofônico.

Era um negócio impressionante. As rádios de fora ficavam doidinhas. Os amigos nossos vinham aqui e falava:

- A sua discoteca é uma maravilha.

Mas era espetacular mesmo. Porque tinha muitos lançamentos antigos, coisa que você faz rádio com coisa antiga também, não é só coisa atualizada não. Então o povo gostava demais da discoteca (informação verbal)³¹⁸.

Os discos inspiram a invenção de programas em emissoras goianas. Eduardo Ferreira, por exemplo, cria o programa “Assim Canta o México”: “Eu lembro disso até hoje, ‘Assim Canta o México’, tirei o nome desse LP”³¹⁹. Enfim, os discos de vinil e os pick-ups integram um conjunto de elementos técnicos e tecnológicos utilizado pelas emissoras. Contribuem de certa forma, para diminuir os espaços de ações amadorísticas no interior das emissoras, já que exigem indivíduos preparados para manuseá-los. Representam, assim, um estágio da comunicação radiofônica em Goiás. Outros meios de comunicação, no entanto, contribuem para a configuração do rádio que emerge no Estado naquele período.

³¹⁷ Durley Montalvão, op. cit.

³¹⁸ Porátio, op. cit.

³¹⁹ Eduardo Ferreira, op. cit.

2.5. O rádio e outros meios de comunicação.

O rádio não é o único meio de comunicação em Goiás naquele período. Contudo, em decorrência do desenvolvimento tecnológico que marca esta época podemos pressupor que o rádio provoca mudanças em outras formas de comunicação e ao mesmo tempo é alterado em detrimento de sua utilização. Esta questão pode oferecer-nos mais elementos para compreender a relação entre amadorismo e profissionalismo. É nesse sentido que busco aqui, elencar outros meios de comunicação existentes em Goiás e verificar a relação estabelecida entre estes e o rádio.

2.5.1. Era mais na base da carta: as cartas e o rádio.

Entre 1950 e 1964 as missivas ainda são muito utilizadas em Goiás. É curioso o seu uso ampliado neste contexto marcado pelo alto índice de analfabetismo³²⁰. As dificuldades com transportes e o acesso limitado a outra forma de comunicação na maioria das cidades goianas faz delas um importante meio de comunicação. Com a radiodifusão as cartas desempenham um novo papel, o de integrar a população ao rádio.

O telefone não é uma realidade para a maioria das cidades goianas, além de serem poucos os aparelhos nos centros que o possui como veremos posteriormente. Portanto, as cartas são recursos importantes para a comunicação à distância, e também para a relação da população com as emissoras, como lembrou Ana Leda se referindo à Rialma: “[...] naquela época tinha pouquíssimo telefone em Rialma. Ou a pessoa mandava cartas pra rádio Alvorada pedindo música ou ia lá” (informação verbal)³²¹. Glorinha Salgado³²², locutora a rádio Cultura de Ceres, lembra que naquela emissora chega a receber centenas de cartas durante a semana. Não há telefone na cidade, mas se utiliza das cartas. Heleno Cardoso relata que na época em que trabalha na rádio Educadora de Goiandira o seu colega de trabalho era o campeão em

³²⁰ Uma pesquisa realizada pela UNESCO no final de 1950 demonstra que havia aproximadamente 700 milhões de analfabetos no mundo, “[...] representando entre 40 e 45% da população adulta do mundo naquela época” (JEFFRIES, 1975, p. 187). Segundo Vittorino Veronese, diretor-geral da UNESCO em 1959, referindo-se ao Brasil, “[...] num total de 67 milhões de habitantes, mais de 30 milhões não sabem ler nem escrever, sendo de 45 por cento a proporção dos analfabetos entre os maiores de 15 anos. Agravava o panorama o fato de que na população infantil apenas 10 por cento terminam o curso primário” (*O POPULAR*, 17 jun. 1959).

³²¹ Ana Leda. Ouvinte da rádio Alvorada de Rialma desde o final de 1950. Entrevista realizada em dezembro de 2012.

³²² Glorinha Salgado, op. cit.

receber cartas: “O Inhô Rufino tinha mais ou menos, em média, 50, 60 cartas por dia” (informação verbal)³²³.

Claudino da Silveira (Figura 32), locutor da rádio Difusora de Goiânia, assevera que no período compreendido entre 1960 e 1963 recebeu uma média de “[...] 300 cartas por dia, era uma coisa de louco”. Ele afirma ainda que conseguiu encher uma sala “[...] de envelope de carta amarrada. Quando os padres compram a rádio então é tirada. Encheu um caminhão de carta”. Walter Cançado, locutor e diretor da rádio Cultura de Catalão, disse que o contato da população com esta emissora por meio de cartas era “[...] muito forte. Eram montanhas de carta, montanhas. Porque é evidente, era a única diversão” (informação verbal)³²⁴ na época.



Figura 32 – Claudino da Silveira em um de seus programas na rádio Difusora de Goiânia fazendo leitura de cartas enviadas por ouvintes.

Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

Com o considerável número de cartas que as emissoras recebem os radialistas criam programas voltados para fazer sua leitura (Figura 33). É um recurso que torna os programas mais atraentes, levando o ouvinte a participar ativamente nas programações diárias.

Getúlio de Souza lembra-se que até por volta de 1960 a participação do público rialmense com a rádio Alvorada ocorria predominantemente por meio de cartas: “No caso dos meus programas era tudo atendendo o ouvinte. Sujeito te escrevia. A gente recebia aquele jacá de cartas. Hoje quase ninguém escreve” (informação verbal)³²⁵.



Figura 33 – Walter Pureza em um programa da RBC
Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

Ironides de Moraes relembra-se de um programa que cria na rádio Jornal de Inhumas no início de 1960 com o nome “O Ouvinte Faz o Programa”. Um programa que acontecia por meio de “[...] correspondência, e às vezes a pessoa ia na rádio pra poder pedir música, deixar

³²³ Heleno Joaquim Cardoso, mais conhecido como Cocão. Integrantes da primeira equipe de locutores da rádio Educadora de Goiandira e atua também na rádio Xavantes de Ipameri em 1950. Entrevista realizada em abril de 2012.

³²⁴ Walter Cançado, op. cit.

³²⁵ Getúlio de Souza, op. cit.

o nome, oferecer pra alguém, aniversário, casamento, noivado, batizado, essas coisas todas” (informação verbal)³²⁶.

Ironde acrescenta ainda que através da carta o ouvinte contava sua intimidade aos locutores. Por conta disso ele próprio acabou conhecendo os membros de muitas famílias locais. Escrever para o programa de um determinado locutor, neste período, é motivo de reunião de pessoas para a troca de opiniões. As impressões são redigidas e enviadas ao locutor, que trata de fazer sua leitura ao microfone. Ouvi-la pelo receptor provoca sensações diversas e é motivo de muitos comentários. Isso acabou motivando muitas pessoas a escreverem. E é assim que o grande número de cartas recebidas por determinadas emissoras nesta época impressiona os próprios radialistas.

As cartas que chegam às emissoras são geralmente provenientes da própria cidade ou de povoados vizinhos. A rádio Educadora de Goiandira, por exemplo, recebia cartas que em sua maioria “[...] eram mais locais. Às vezes vinha de algum município vizinho. Fazendo um elogio, uma coisa assim, que deixava a gente bastante feliz na época” (informação verbal)³²⁷.

Por outro lado, as cartas convertem-se em indicadores de audiência para o rádio. Locutores que recebem um grande número é sinal que seu programa está sendo acompanhado por muitos ouvintes. É nesta direção que podemos observar a audiência do programa “Tribuna do Interior” da rádio Santana de Anápolis em 1962: “[...] o grande número de cartas recebidas pelo programa TRIBUNA DO INTERIOR, criado e apresentado diariamente por Waldir Morgado, ao microfone da Rádio Santana, é um atestado de sua extraordinária audiência” (*O ANÁPOLIS*, 18 jan. 1962).

Além das cartas o jornal também desempenha um importante papel para o rádio em Goiás neste período.

2.5.2. Rádio Jornal: a importância dos jornais impressos para o rádio em Goiás.

Os jornais impressos mantêm-se como os principais meios de informações em Goiás até 1942. Com a chegada do rádio naquele ano os jornais recebem um forte adversário e é ameaçado. A questão é que a necessidade da leitura limita o acesso da população a eles pelo fato de haver o predomínio do analfabetismo. Nesse sentido, o rádio consegue atingir uma parcela maior da população por dispensar a necessidade da leitura.

³²⁶ Ironde de Moraes, op. cit.

³²⁷ Maria Alves, op. cit.

Contudo, com o rádio os jornais não desaparecem. Pelo contrário, ocupam um lugar de destaque na história da radiodifusão neste Estado. Tanto é que os criadores da rádio Jornal de Inhumas, Manoel Basílio e Lúzio de Freitas Borges, criam o jornal *A Tribuna de Inhumas* em 1954 “[...] para ajudar na concretização da ideia rádio Jornal” (informação verbal)³²⁸. Pode-se afirmar, no entanto, que a história da radiodifusão em Goiás confunde-se com a origem de sua relação com os jornais.

Em praticamente todos os jornais em Goiás da época há uma coluna onde os assuntos relacionados à comunicação radiofônica são discutidos. Essas colunas possibilitam o contato com detalhes do cotidiano vivido no rádio neste período, como nomes de programas e seus respectivos locutores, dados sobre o conteúdo divulgado, fatos cotidianos que acontecem em torno da radiodifusão entre outros. É uma época em que o rádio chama muita a atenção, basta um sopro ser emitido pelo microfone que é motivo para ser publicado em jornais.

Os jornais podem ser considerados a primeira forma de comunicação massiva do Estado. Desde que surgiu é tomado como leitura indispensável do público letrado. É o principal meio de informação sobre os acontecimentos locais, nacionais e internacionais. Quando a radiodifusão chega ao Estado os jornais ocupam um lugar de destaque nos bastidores das emissoras como fonte de informação.

Com isso os jornais impressos proporcionam a emergência de um grande legado para a radiofonia, o programa informativo. No rádio os jornais impressos são convertidos em jornais falados. Em Goiás alguns dos jornais são mais utilizados do que outros neste tipo de programa. São enfatizados principalmente aqueles que são amplamente distribuídos.

Nós tínhamos praticamente, jornal verdadeiro mesmo, nós tínhamos três jornais: que era a *Folha de Goiás*, que era do grupo aí dos Diários Associados; e tínhamos o *O Popular*, que era do Jaime Câmara; e tínhamos o *Cinco de Março*, que era um semanário também de circulação nacional (informação verbal)³²⁹.

Rádio e jornais estão tão próximos neste período, que às vezes geram confusões em programas informativos do rádio, por exemplo, o de ser imprensa, imprensa falada ou jornal falado. Mas, enfim, eles ampliam o espaço de fronteira no rádio. Intensificam a hibridização cultural no interior das emissoras e ocupam um lugar em sua história. Além dos jornais a telegrafia também contribui para os programas noticiosos de algumas emissoras.

³²⁸ Manoel Basílio, op. cit.

³²⁹ Ademar Santillo, op. cit.

2.5.3. A telegrafia e o rádio em Goiás.

A telegrafia foi utilizada em Goiás antes mesmo dos sistemas de alto-falantes. Interligou o Estado a outras cidades do Brasil até a década de 1940³³⁰. Entre 1950 e 1964, várias redes ainda são instaladas em cidades do interior. A cidade de Quirinópolis, por exemplo, recebe uma estação telegráfica em maio de 1951 (*O ANÁPOLIS*, 31 mai. 1951). Em 1953, é instalada outra em Ceres. Nesse mesmo ano João Luiz de Oliveira, prefeito da cidade de Anápolis, adquire aparelhos avançados de telegrafia para “[...] a recepção direta das mensagens telegráficas, já datilografadas, evitando os telegramas truncados e às vezes com letras ilegíveis” (*O ANÁPOLIS*, 2 ago. 1953). Os editores de *O Anápolis* concluem que aquele serviço consiste em um “[...] importante melhoramento para a Agência Postal Telegráfica de Anápolis”. Em 1954, é a vez da cidade de Uruana receber o apoio de uma Estação de rádio telegráfica.

A instalação de redes telegráficas em Goiás é dirigida por um representante do Departamento de Correios e Telégrafos deste Estado que está sob a direção de Felicíssimo do Espírito Santo Filho (*O ANÁPOLIS*, 31 mar. 1954).

Manusear um aparelho de telégrafo não é uma tarefa simples, pois exige o domínio da linguagem em código Morse para o envio e recepção de mensagens. Neste contexto, no entanto, são poucas as pessoas habilitadas nesta atividade. Por conta disso, restringe-se praticamente a servir a comunicação estabelecida pelo governo do Estado com cidades mais afastadas e com outros estados.

O telégrafo contribui com a radiodifusão em programas informativos, como veremos no quarto capítulo. Informações elaboradas por agências de notícias em outros estados e em outros países são enviadas por seu intermédio para emissoras goianas. É mais utilizado no rádio na década de 1940.

A telegrafia é importante para as regiões de Goiás que não têm acesso ao telefone. Com a proliferação de redes telefônicas, no entanto, vai aos poucos caindo em desuso e praticamente desaparece em 1960.

2.5.4. Naquela época o telefone começa a interagir dentro do rádio: rádio e telefone.

O telefone fortalece a radiofonia. Possibilita que o público esteja presente em sua programação diária. Contudo, Goiás ainda sofre com a precariedade no campo

³³⁰ Sobre isso ver Marques (2009).

comunicacional. É um dos projetos mais desejados pelo governo em 1950. Tanto é que em 1953 torna-se uma realidade. Goiânia é uma das primeiras cidades de Goiás a possuir telefone. Sua primeira rede telefônica externa é planejada para interligá-la com Araguari (*O POPULAR*, 13 mai. 1953). Além desta cidade a proposta é levá-la:

[...] através dos fios da Companhia Telefônica Brasileira exclusivamente aos Estados do Sul do país, pois essa empresa, que não opera com o exterior, não tem serviços para o norte, a não ser quando em circuito com a Rádio Internacional do Brasil (Ibidem).

Pedro Ludovico propõe em seu governo a instalação de uma estação de radiotelefônica internacional na cidade, e entrega esta tarefa à companhia Rádio-internacional do Brasil. No dia 8 de fevereiro de 1953, é anunciado pelo *O Popular* que em Goiânia encontra-se Jorge Freitas e Forbes Grant, respectivamente, diretor da divisão do sul e engenheiro chefe da Companhia Rádio Internacional do Brasil. Ao que tudo indica, combinam com Pedro Ludovico encaminhar a instalação do telefone em Goiânia ligando-a a outros grandes centros do Brasil.

O empreendimento só avançou, no entanto, com um projeto do governo federal que contrata empresas norte-americanas para instalar telefones em vários Estados. Em 1953³³¹, Goiânia é a única capital do Brasil que não possuía esse sistema de telefonia (*O POPULAR*, 2 dez. 1953).

Podemos informar que se encontram em fase adiantada de instalação das torres e a cabine de chamadas da Rádio Internacional do Brasil, poderosa organização norte-americana que opera em todo o mundo, explorando o serviço de radiofonia e radiograma. Tendo obtido concessão para funcionar em nosso país em 1943, impôs-lhe o nosso governo a obrigação de instalar seus serviços em todas as capitais dos Estados: Goiânia era a única ainda não servida pela RIB (Ibidem).

O jornal *O Anápolis* dá mais detalhes dessa linha telefônica que está em vias de ser instalada em Goiânia, informando que a cidade ficará ligada com o Rio de Janeiro³³² e com as demais capitais do território nacional, bem como com o exterior. Enquanto é previsto uma rede internacional para Goiânia, cidades do interior planejam adquirir sua primeira linha telefônica para ser utilizada localmente.

Em março do mesmo ano (1953), o jornal *Folha do Sudoeste* de Rio Verde anuncia que a instalação de telefone na cidade está sendo discutida na câmara dos vereadores. A

³³¹ Anápolis recebe um sistema semelhante em 1957, obra do então prefeito Carlos de Pina em parceria com o diretor da Rádio Nacional do Brasil, H.H. Schenck.

³³² A ligação entre Brasília e Rio de Janeiro por meio de linhas telefônicas só se efetivaria em 5 de julho de 1958, data que é inaugurada a central telefônica na cidade (*O POPULAR*, 6 jul. 1958).

companhia Carminda de Castro, de propriedade da firma Pereira de Castro & Cia, é a responsável pela instalação dos serviços. Contudo, pelo fato de a empresa ser muito lenta no trabalho só consegue sua efetivação cinco anos depois. No final de 1950, no entanto, os principais centros de Goiás já estão abastecidos com serviços telefônicos. Para o rádio, o telefone torna-se mais um recurso interessante para os seus programas.

O rádio sem o telefone exige mais trabalho dos radialistas. Porátio observa que as dificuldades em trabalhar no rádio sem o telefone são maiores: “Aí, nós lutamos pra mostrarmos o quê que era um rádio daquele tempo, que hoje é fácil fazer rádio, naquele tempo era difícil. Era difícil porque você não tinha muita, principalmente nós aqui, nós não tínhamos acesso à telefonia” (informação verbal)³³³.

A questão é que o telefone oportuniza a criação de uma grande quantidade de programas no rádio. E, além disso, propicia audiência aos mesmos, uma vez que pessoas distantes passam a ter um meio mais ágil para participar de um determinado programa ou mesmo para passar um recado através de uma determinada emissora. Por este motivo, várias emissoras tratam logo de aumentar sua potência para atingir ouvintes mais distantes. Luiz Braz observa que “[...] depois de 58, com a implantação da companhia telefônica de Rio Verde aí acentuou mais. Aumentou a potência do transmissor. A Difusora passou alcançar distâncias maiores” (informação verbal)³³⁴.

Imagem como esta da Figura 34 é novidade no rádio até meados da década de 1950. Com a telefonia, no entanto, surge algo novo para o rádio em Goiás, ou seja, programas voltados para a participação do ouvinte pelo telefone. Antônio Edson lembra-se que na rádio Difusora de Rio Verde “[...] apresentava ‘Disque e Peça’. ‘Disque e Peça’ era a coqueluche do rádio. Você apresentava as músicas e a pessoa ligava pedindo bis pelo telefone” (informação verbal)³³⁵.



Figura 34 – José Cunha Gonçalves em um programa da rádio Imprensa de Anápolis, 1960.

Fonte: Arquivo pessoal de José da Cunha Gonçalves.

Pelo fato do telefone ser uma novidade no rádio ainda não há um aparato técnico que possibilite ao locutor falar ao vivo com o ouvinte. Os recursos técnicos disponíveis não

³³³ Porátio, op. cit.

³³⁴ Luiz Braz, op. cit.

³³⁵ Antônio Edson, op. cit.

dispõem de meios para a ligação direta do telefone aos aparelhos para efetivar a transmissão. Mas, considerando que esta é uma época em que os radialistas buscam inovar, então, eles recorrem ao improvisado, a exemplo do que faz os profissionais da rádio Clube de Buriti Alegre.

Lá em Buriti Alegre tinha uma coisa, eu falo isso pros outros e os outros morrem de rir. Tinha o José Divino Alves, tinha o “Clube do Ouvinte”. Parece que naquela época o telefone começou a interagir dentro do rádio. Ele punha o ouvinte pelo telefone no ar, não tinha aquele segmento como tem hoje, direitinho não, *ele punha o microfone no telefone pra falar com o ouvinte*. E o ouvinte pedia a música e ele tocava na hora. Chamava Clube do Ouvinte. Fez história (informação verbal)³³⁶.

O telefone, dessa forma, torna-se o meio de interligação direta do ouvinte com as emissoras de rádio, como nos relatou Maria Alves de Souza, locutora da rádio Educadora de Goiandira: “[...] a maioria das transmissões, era via telefone. Programa que o ouvinte solicitava alguma música, alguma coisa pelo rádio, naquela época tinha sim, pra atender o ouvinte” (informação verbal)³³⁷. Nilta de Freitas lembra-se que, em relação ao telefone da rádio Jornal de Inhumas, “[...] era só três números, quando foi implantado o telefone na cidade” (informação verbal)³³⁸.

É com o apoio do telefone que em várias emissoras de rádio espalhadas por cidades do interior de Goiás são criados programas cujo nome demonstra que o ouvinte é o destaque. Na rádio Alvorada de Rialma, Getúlio de Souza dirige o programa “[...] ‘Escolha sua Música’, que era feito pelo ouvinte, tinha mais umas duas horas de programa, que começava às onze horas” (informação verbal)³³⁹. Na rádio Jornal de Inhumas havia os programas:

[...] ‘Qual é o Número’, era Nizário Elias. Ele fazia o programa ‘Qual é o Número’. Isso era mais ou menos 1961, 1962, por aí. ‘Peça e Ouça’ era o Goiás Olinto, ambos por telefone, o ouvinte participava por telefone. Depois vinha ‘O Ouvinte Faz o Programa’, era a Marlene Basílio, mulher do Manoel Basílio (informação verbal)³⁴⁰.

Na RBC, segundo Jerônimo Rodrigues:

À uma hora da tarde o Francisco Paes fazia o ‘Telefone Pedindo Bis’. O quê que era o ‘Telefone Pedindo Bis’? Meia hora de programação musical que o ouvinte ligava. A rádio tinha na época um telefone 1000, um, zero, zero, zero. Esse telefone era usado para o ouvinte ligar e pedir o bis daquela música que rodou. Ele gostou do Waldick Soriano, pediu bis. - Roda de

³³⁶ Eduardo Ferreira, op. cit.

³³⁷ Maria Alves de Souza, op. cit.

³³⁸ Nilta de Freitas, op. cit.

³³⁹ Getúlio de Souza, op. cit.

³⁴⁰ Irondes de Moraes, op. cit.

novos! - Rodava de novo. – ‘Telefone Pedindo Bis’, agora atendendo fulano de tal! - Então uma programação bem eclética, variada (informação verbal)³⁴¹.

Já na rádio Difusora de Rio Verde o programa criado para atender o ouvinte por telefone é nomeado de ‘Qual é a Música’. Durley Montalvão relembra que além de os telefones serem de três dígitos eram também aparelhos de dínamo:

[...] de discar na manivelinha, e as pessoas então ligavam pra gente pedindo. Ligava um dia antes, tinha uma moça da discoteca que relacionava o nome da pessoa, o número do telefone, pra no dia seguinte. E no dia seguinte ela fazia um pacote com as músicas selecionadas pela ordem de pedido e cada um daqueles LP’s, ou 78 rotação, ou compacto de 45 rotação, ou 33, que eram várias rotações, vinha com papelzinho com o telefone, o nome da pessoa participante e a música. Ao locutor cabia pegar o papel e discar lá do estúdio pra aquela pessoa que cê tava com o telefone e ela atendia na casa dela (informação verbal)³⁴².

Além do programa “Qual é a Música” criaram o “Programa às Suas Ordens” e o “Você Quem Manda o Bonzão”. Paulo Nunes dá mais detalhes sobre este último: “A pessoa ligava pra gente pedia a música. A gente selecionava a música. O técnico de som ia lá deixava tudo no jeito. Depois havia outra chamada. Ele chamava e a gente atendia” (informação verbal)³⁴³.

José Lázaro, nesta época, é ouvinte desta emissora e relata um acontecimento proveniente de sua participação nesse programa por telefone, que demonstra também o quanto o rádio foi marcante na vida das pessoas neste período.

Esse Bonzão era assim: você ligava, dava o seu nome e depois eles te chamavam. Aí eles pedia sugestão da gente pro dia seguinte. Aí eles falavam: _ Você vai ouvir! _ Era uma música que alguém tinha pedido no dia anterior. Aí passava. E eu comecei a pedir uma música do Vanderley Cardoso. Quase que me deu um problema! A música chamada ‘Doce de Coco’ (Você não é Doce de Coco/mas enjoei de você...). O que aconteceu: eu trabalhava no banco. Tinha um velho, irmão desse que eu falo que é o meu segundo pai. Ele não trabalhava, não fazia nada. Ele tava na praça lá. Quando fui abrindo a porta do banco pra entrar, pra trabalhar, ele:

- Oh, doce de coco!

Porque ele ouvia o programa todo dia. Falei:

- Não vou mais pedir o ‘Doce de Coco’ porque senão eu vou pegar esse apelido.

Fiz de conta que não era comigo. Falei:

- Tá. (informação verbal)³⁴⁴.

³⁴¹ Op. cit., 2013.

³⁴² Durley Montalvão, op. cit.

³⁴³ Paulo Nunes, op. cit.

³⁴⁴ José Lázaro. Ouvinte da rádio Difusora de Rio Verde desde a década de 1950. Entrevista realizada em janeiro de 2013.

Embora o telefone tenha aberto um caminho para a participação direta da população no rádio, esse contato é ainda muito limitado neste período. A questão é que são poucos os aparelhos telefônicos existentes nas cidades. Para termos uma noção, no início da década de 1950, de acordo com Sílvio Medeiros, Goiânia possuía em média 500 aparelhos. Além disso, era um serviço caro e considerando a totalidade da população eram poucas as pessoas que dispunham de condições para possuir um em casa. Valdir Morgado lembra-se que no início de 1960 o número de telefone em Anápolis era tão reduzido que conseguiu memorizar a maioria dos números.

Em Anápolis na época da rádio Santana, da rádio Carajá, ali não tinha 1.000 telefone. Era tão pouco telefone que por causa do programa de rádio que eu tinha eu sabia a lista de telefone quase toda de cor.

_ Ah Morgado qual que é o telefone da loja tal?

_ Isso!

Eu já sabia. Já sabia tudo. Então a gente fazia muito contato com o ouvinte pelo telefone... (informação verbal)³⁴⁵.

Ironides de Moraes relata que em Inhumas são apenas 200 telefones nesta mesma época, e aqueles que não possuíam um em casa recorriam às centrais telefônicas, que ofereciam um serviço de discagem e recepção.

Naquele tempo você tinha que ir lá, fazer uma fila, você entrava numa fila pra pedir a sua ligação, pra Goiânia, pra São Paulo, pra Brasília, pra onde quer que seja. Aí a pessoa fazia ali e tal e dava uma fixinha pra você. Você entrava numa outra fila. Às vezes você gastava o dia inteiro. Você chegava lá às oito horas da manhã, era atendido às quatro, cinco horas da tarde quando conseguia completar a ligação. A Telefônica naquela época ela usava uns vidros com um recipiente maior que essa mesa aqui, dessa altura, que era o soro de bateria. Então eles colocavam os fios ali dentro etc., pra conseguir com esse soro de bateria gerar a energia pra conseguir a ligação. Então, tudo era mais difícil (informação verbal)³⁴⁶.

Contudo, mesmo apresentando limitações em sua operação, a telefonia amplia a comunicação radiofônica. É com sua integração ao rádio que se prolifera a criação de programas externos. Por outro lado, havia alguns trâmites burocráticos que deveriam ser efetivados para a utilização deste serviço pelas emissoras. Para realizar uma transmissão externa era preciso apresentar um requerimento antecipado para as operadoras, como relata Walter Meneses.

Um sistema um tanto rústico do aparelho de, quer dizer, entre aspas, transmissão externa. Era uma espécie de alto-falante, assim... Com uns fios,

³⁴⁵ Valdir Morgado, op. cit.

³⁴⁶ Durley Montalvão, op. cit.

e ligava no telefone, sabe! Então, a gente requeria da COTEL, antecipadamente, o horário que a gente ia usar o telefone. Então, a gente ligava o som de lá da cidade no telefone e do telefone vinha até na rádio, sabe! Se a gente não requeresse antecipadamente aqueles fios ligados, a técnica desligava lá da Telefônica. Então já aconteceu, né, de não requerer e eles pumba... Cortarem (informação verbal)³⁴⁷.

Os programas externos só podiam ser realizados “[...] onde tivesse telefone também. Ela era através de telefone. Você conectava de onde você estivesse no telefone e você falava. Você só conseguiria fazer onde é que tinha linha telefônica” (informação verbal)³⁴⁸. Com o telefone o público cria um espaço no rádio para falar. Rompe com a relação estabelecida com o rádio anterior que o mantém na posição de ouvinte. Com o telefone, supera-se assim a distância entre ouvinte e rádio e a dicotomia entre ouvinte e transmissor.

O lugar que o ouvinte passa a ocupar na radiodifusão goiana alarga a fronteira no rádio. Pessoas de culturas e lugares distintos encontram-se, renovam a comunicação e aprofunda sua hibridização. É um momento de inovação tecnológica, de ampliação da comunicação e de novos ares para a radiofonia em Goiás. Mas, além do telefone, o teletipo também trouxe mais elementos para o rádio incluir em sua programação. Com sua utilização a novidade mais significativa talvez seja a instantaneidade da informação.

2.5.5. Teletipo: vinha material de notícia sobre economia, notícia de esporte, cobria tudo.

O teletipo (Figura 35) é um sistema mais desenvolvido do que a telegrafia, embora o modo de operar tenha algumas semelhanças. Ele pode ser confundido com uma máquina de escrever, mas há especificidades bem diferentes. A mensagem recebida sai impressa em uma fita de papel. Funciona através de uma linha telefônica, como se fosse o fax que conhecemos. Por seu intermédio é possível enviar e receber informações entre longas distâncias. O teletipo inovou a radiofonia goiana. Trouxe para a radiodifusão a concepção de instantaneidade da comunicação.

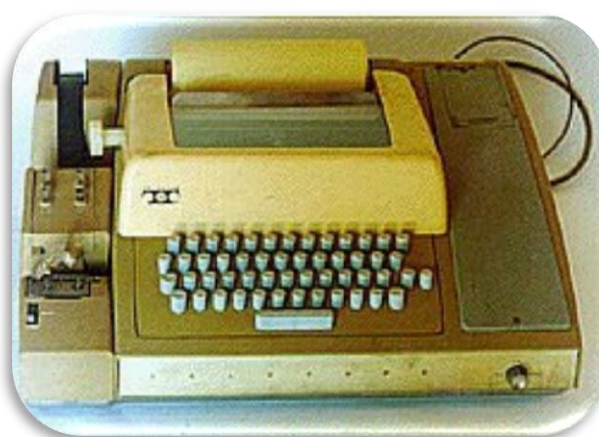


Figura 35 – Teletipo modelo Automático de Envio e Recebimento (ASR) 33, desenvolvido pelo departamento naval norte-americano, comercializado em 1963.

Fonte: <http://piano.dsi.uminho.pt/museuv/1905tfriden.html>

³⁴⁷ Walter Meneses, op. cit.

³⁴⁸ João Evangelista, op. cit.

Esse aparelho garantiu ao rádio firmar-se como veículo medular de informações sobre acontecimentos ocorridos em outros países. Ademar Santillo afirma que eram várias as agências que enviavam notícias, mas priorizava aquelas que a UPI elaborada, agência de notícias norte-americana: “Algumas mandavam notícias da Europa, outras mandavam notícias dos Estados Unidos, outras mandavam notícias do Brasil mesmo. Elas chegavam através do teletipo, mas mesmo assim era muito rudimentar” (informação verbal)³⁴⁹.

Valdir Morgado, locutor da rádio Carajá, fez uso do teletipo e conta sobre o seu modo de operar.

Aquilo operava sozinho. Você chegava lá e tirava a notícia. Já estava pronta. Ela já vinha redigida prontinha pra você. Aí eu reproduzia no rádio. Você já pegava aquilo que interessava: notícia brasileira você pegava, às vezes notícias de Washington, do governo norte-americano, algum trem, alguma pessoa importante que morreu, alguma coisa assim. Você selecionava a notícia. Porque vinha material de notícia sobre economia, notícia de esporte, cobria tudo. Então aquilo que não interessava a gente jogava fora. Cê selecionava aquilo que interessava pra você. Então a UPI na época, pra Anápolis, foi uma evolução muito grande. Realmente você trabalhava com notícia de primeira linha (informação verbal)³⁵⁰.

Jerônimo Rodrigues, locutor da RBC nesse período, acrescenta ainda que além da UPI recebia informações da Asa Press.

O Noronha é que ficava o dia inteirinho no teletipo. Outras notícias internacionais vinham tudo em fita. Como ele lia, o teletipo é um telégrafo nosso hoje, como era o correio antigamente, acho que até hoje me parece. Então, ele copiava tudo aquilo ali. Tinha a central que era a Asa Press, fornecia pro país inteiro e ele nos dava as notícias. Tinha uma equipe de redação, para fazer tudo aquilo e funcionava (informação verbal)³⁵¹.

O teletipo leva os radialistas a criarem programas voltados para a divulgação das informações que chegavam. Os jornais falados são, ao mesmo tempo, ampliados. Fernando Cunha Júnior, redator de um desses programas pela rádio Carajá de Anápolis na década de 1950, descreve sua experiência com o teletipo e destaca a audiência que atinge com a programação voltada para essas informações.

Tinha praticamente todos os dias a qualidade da notícia. E essa qualidade me permitia redigir assim jornais falados assim, muito atual em termos de Brasil, em termos de mundo e em termos locais. Então, esses jornais falados eles eram muito bem aceitos e passou a ser até uma espécie de religião da

³⁴⁹ Ademar Santillo, op. cit.

³⁵⁰ Valdir Morgado, op. cit.

³⁵¹ Jerônimo Rodrigues, op. cit., 2013.

população. Aquele horário do jornal falado a população inteira estava ouvindo e assistindo etc. (informação verbal)³⁵².

O teletipo dá à população goiana a possibilidade de estar informada sobre os acontecimentos mundiais. Informações atuais e simultâneas chegam por esses aparelhos e são imediatamente repassadas para a população pelas emissoras que os possuem. O teletipo foi um forte aliado para o rádio no campo da comunicação, pois rompe com as barreiras impostas pelas fronteiras geográficas. Amplia o raio de atuação da radiofônica, em um momento que aparece uma incógnita para o próprio rádio: a televisão.

2.5.6. Quando surgiu a televisão houve um buchicho muito grande de que o rádio ia desaparecer: a relação do rádio com a televisão em Goiás.

O rádio domina o campo comunicacional em Goiás entre 1950 e 1964. Padre Nelson Fleury observa que “[...] hoje o rádio tem uma força muito grande, mas naquele tempo era muito mais porque não havia a televisão” (informação verbal)³⁵³. Assim, na época em que não se ouvia “[...] falar em televisão, quem tinha um rádio, tinha tudo” (informação verbal)³⁵⁴. Maria Alves³⁵⁵ afirma que na região centro-norte de Goiás o meio de comunicação mais utilizado pela população naquele período é o rádio. Para tanto, é ainda neste mesmo período que o rádio em Goiás sofre um baque, pois desponta no horizonte a assustadora televisão.

No Brasil, até 1954, pelo pequeno número de receptores de TV existentes no mercado, o rádio ainda mantinha-se forte, principalmente no eixo Rio-São Paulo, onde a disputa era mais acirrada (TAVARES, 1999, p. 239). Caso semelhante ocorreria em Goiás alguns anos depois.

Em 1959, a televisão está em vias de ser inaugurada neste Estado. Segundo informa o *Jornal de Notícias* (6 jan. 1959) na época: “[...] continua em andamento o CANAL 2 – TV Anhanguera, para outubro do corrente ano. Segundo se informa outubro não faltará para o vultoso e dispendioso empreendimento. Nada como um dia depois do outro”. Assim, a primeira experiência televisiva em Goiás ocorre precisamente no dia 27 de janeiro de 1959 (Figura 36), como informa o jornal *Diário da Tarde*, de 28 de janeiro de 1959:

³⁵² Fernando Cunha Júnior, op. cit.

³⁵³ Pe. Nelson Fleury, op. cit.

³⁵⁴ Paulo Nunes. Locutor da rádio Difusora de Rio Verde na década de 1960. Entrevista realizada janeiro de 2013.

³⁵⁵ Maria Alves. Locutora da rádio Educadora de Goiandira. Começa a trabalhar nessa emissora em 1963. Entrevista realizada em 27 de abril de 2012.

Jeovah Baylão Televisionado

A experiência de TV ontem realizada, teve a duração de três horas (das 19 às 22 horas), e foi presenciada por mais de oitocentas pessoas, que aplaudiram o feito, chegando mesmo alguns populares mais entusiasmados a soltarem fogos de artifício em demonstração de regozijo.

Esta experiência realiza-se com a transmissão de um programa de auditório de Jeovah Baylão, em frente ao prédio da própria Rádio Anhanguera, na Praça do Bandeirante em Goiânia. Uma multidão de pessoas acompanhou as transmissões por meio de um aparelho receptor de TV de 21 polegadas.



Figura 36 – Jeová Baylão na primeira transmissão da TV Anhanguera.

Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

Além desse receptor, a emissora dispôs de três outros aparelhos, “[...] instalados, respectivamente, na marquise da RA, no Cine Teatro Goiânia e na firma General Máquinas e Rádios”³⁵⁶.

A surpresa com o invento aparece na própria expressão das pessoas presentes. A imagem e a perfeição do som demonstram que aquele evento é a expressão clara que se está vivendo uma nova época no campo da comunicação no Estado. As imagens deixaram os poucos telespectadores de queixo caído (GODINHO, 2008, p. 12).

Nessa mesma reportagem citada anteriormente o redator acrescenta que na captação das imagens foi utilizada uma câmera fornecida pela firma Rebratel, adquirida posteriormente com outros aparelhos pelo diretor e presidente da Rádio Anhanguera Francisco Ludovico de Almeida Neto.

Aranha Araújo³⁵⁷, em entrevista ao *Jornal de Notícias* (4 fev. 1959), não vê com bons olhos, esse processo de instalação da televisão em Goiás naquele momento. Ele relata que antes disso ocorrer é necessário que o rádio esteja desenvolvido. Para ele, é “[...] impossível Goiânia ter uma televisão antes de o seu rádio atingir o auge que merece”. Essa concepção é compartilhada por outros radialistas. Na verdade, é praticamente consensual entre eles que o rádio em Goiás precisa percorrer mais um caminho no campo do profissionalismo para dar condições à instalação de uma emissora de TV³⁵⁸ neste Estado.

³⁵⁶ Ibidem.

³⁵⁷ Neste momento está lutando pela constituição de um sindicato para os radialistas de Goiás.

³⁵⁸ Natalino Cavalcante (apud *JORNAL DE NOTÍCIAS*, 6 fev. 1959).

Desta forma, predomina no meio radiofônico a descrença na televisão, como o próprio Natalino Cavalcante afirma em fevereiro de 1959: “Apesar das experiências feitas no último domingo eu continuo a não acreditar em televisão”. Dois dias antes, no entanto, haviam informado que aparelhos receptores estavam sendo comercializados por Jeová Baylão. E pelo que informam, é um dos primeiros distribuidores desses aparelhos no Estado³⁵⁹.

Jeová Bailão é um dos poucos radialistas de Goiás que acreditam na inauguração da televisão em Goiânia em outubro do corrente ano. O animador comerciante tem fortes razões para acreditar em tal proeza – está vendendo aparelhos de televisão em prestações mensais de mil cruzeiros. Seria uma grande ingenuidade de sua parte se não acreditasse na inauguração da Televisão Anhanguera (*JORNAL DE NOTÍCIAS*, 4 jan. 1959).

Apesar das oposições dos radialistas à televisão, a ideia de uma transmissora em Goiás avança. Em 15 de fevereiro de 1959, o *Jornal de Notícia* informa sobre os trâmites para a instalação da TV Anhanguera.

Segundo consta os últimos fatos políticos estão influenciando decisivamente para a inauguração da televisão Anhanguera marcada para o dia 23 de outubro do corrente ano. De acordo com informações de um nosso agente secreto a inauguração será adiada *sine-die*, aliás, segundo o Nicanor Teodoro, *sine-die*.

A Anhanguera não consegue efetivar aquele projeto com êxito e acaba perdendo o pioneirismo para a rádio Clube, que em setembro de 1961 cria a primeira emissora de TV de Goiás, a TV Rádio Clube (Figura 37), de propriedade dos Diários Associados de Assis Chateaubriand.

Estes acontecimentos estão neste momento provocando uma erupção nos meios de comunicação. A televisão busca um espaço em Goiás. Três meses depois um técnico em eletrônica de Anápolis, José Vilarinhos, conhecido como Juquita, consegue desenvolver um receptor e captar



Figura 37 – Primeiro programa da TV rádio Clube de Goiânia em 1961

Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

³⁵⁹ Galli (2007) e Godinho (2006) conferem à General Novilar (Novilar), rede de lojas de eletrodomésticos de Goiás e do Centro-Oeste, a responsabilidade pela proliferação de aparelhos de TV em Goiás. Segundo Galli (2007, p. 34), a novidade da televisão deu as caras em Goiânia, o idealizador desta rede, Joaquim José da Motta Júnior, tinha se preparado, estocando aparelhos e mais aparelhos de TV. Vendeu feito água todo seu estoque rapidinho. Já Godinho (2006) chega a responsabilizar Joaquim Motta Júnior pela instalação da TV em Goiás. Segundo ele, “Joaquim segurava a ansiedade, pois em 1961 havia comprado 100 unidades, esperando a entrada da primeira emissora no ar, o que só aconteceria em setembro”.

as primeiras imagens de TV transmitidas de emissoras recém-inauguradas em Brasília (Figura 38). Segundo o jornal *O Anápolis* (15 dez. 1961) ele provoca um susto nos:

[...] meios ‘eletrônicos’ de Anápolis, captando nos altos da Capuava, imagens perfeitas das estações televisoras de Brasília. O Juquita está trabalhando no sentido de, através de uma antena especial, por êle fabricada, jogar no centro da cidade referidas imagens, com a mesma perfeição com que tem recebido na casa do transmissor da Rádio Santana.

Juquita consegue desenvolver esta antena citada anteriormente e promove um novo evento no centro da cidade. Muitos curiosos vão ao local ver de perto como funciona o tal aparelho. O que Juquita não imaginava é que essa sua experiência despertaria a atenção de casas comerciais da cidade, que começam a fazer o mesmo.



Figura 38 – Propaganda de uma casa comercial de Anápolis. Observa-se que em Anápolis captava-se imagens de emissoras de Goiânia e de Brasília
Fonte: *O Anápolis*, 1 de maio de 1963.

Entretanto, a televisão havia chegado para ficar. Em 2 de outubro de 1963, a TV Anhanguera é oficialmente inaugurada. Uma pesquisa realizada por casas comerciais de Goiânia em 1963 aponta as cidades que conseguem captar suas imagens, tratando-se de Anápolis, Inhumas, Trindade, Hidrolândia, Bela Vista de Goiás, Pires do Rio, Leopoldo de Bulhões, Goianápolis, Nova Veneza, Mairipotaba, Crominia, Aragoiania, Goiandira, Damolândia, Itauçu, Caturaí, Anicuns e Araçu (*O POPULAR*, 11 out. 1963). Na Figura 39, podemos ter acesso à sua programação que foi veiculada em 1963.

No período em que a televisão não é ainda uma realidade em Goiás, o rádio desfruta do privilégio de ser o meio de comunicação preferido pela população: “[...] prestava um grande serviço, tinha boa audiência, pois não tinha televisão ainda” (informação verbal)³⁶⁰. Todavia, assim que a televisão desponta em Goiás um momento de incerteza instala-se no meio radiofônico: “[...] quando surgiu a televisão, ouve um bochicho muito grande de que o rádio ia desaparecer, ia acabar, não ia haver

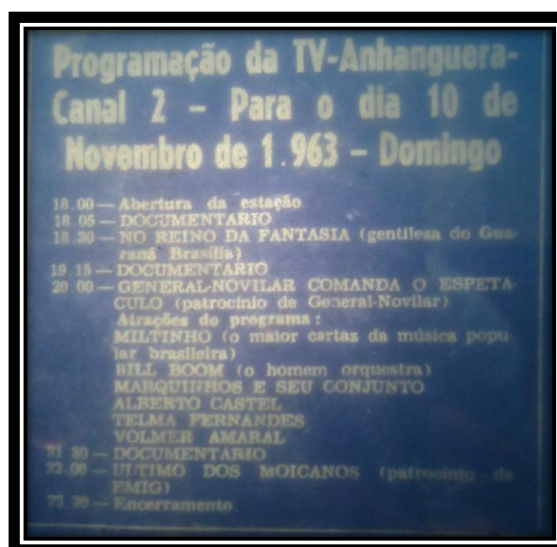


Figura 39 – Primeira programação da TV Anhanguera.
Fonte: *O Popular* (10 nov. 1963).

³⁶⁰ Manoel Basílio, op. cit.

mais. Porque aí você tem o privilégio de ouvir e ver, melhor do que só ouvir” (informação verbal)³⁶¹. Interessante notar que fenômeno semelhante a este acontece em outras emissoras brasileiras no início de 1950. O radialista Hélio Tys, da rádio Tupi de São Paulo, expressa nesta época que:

Um golpe definitivo no rádio – o mais sério – acontecia em 1950, com o advento da televisão. Conjugando som e imagem, o rádio está condenado à extinção pelo novo veículo. Por sorte sua, os receptores ainda são caros, mas as verbas mais ponderáveis vão para a televisão, esvaziam o rádio. O rádio se desfaz dos seus elencos. O rádio se transforma num toca-discos e luta, sem ressonância. Mesmo porque a tevê começa onde o rádio termina, importando do rádio seus produtores, cantores, comediantes, artistas (*apud* MOREIRA, 1991, p. 35).

Em Goiás, pouco antes de a TV Anhangüera ser inaugurada, as notícias de sua chegada deixam os radialistas preocupados, apesar de neste momento não representar de fato uma ameaça ao rádio, uma vez que são poucos os aparelhos receptores existentes no Estado. Em cidades do interior são raros, como esclarece Durley Montalvão a respeito de Rio Verde:

[...] eram pouquíssimos. De tal modo que nós, a cidade inteira, os vizinhos ali, ou na casa que tinha televisão, ou pessoas que iam passando na rua, às vezes parava na frente das casas e a pessoa que tinha televisão colocava ela de frente pra rua já, porque ficava muita gente no passeio, na gradinha ali, assistindo. Pra gente era uma novidade. A gente não conhecia. Não entendia nem como chegava a imagem lá. Já era um mistério entender como o rádio podia nos trazer o som através das ondas, do ar! (informação verbal)³⁶².

Essa, no entanto, não é a mesma situação vivida pela população em Goiânia e em Anápolis. Há um crescimento da comercialização dos receptores nestas cidades, e concomitantemente, dos telespectadores. Neste contexto começam a aparecer os buchichos no meio radiofônico sobre o futuro do rádio. As descrenças sobre a TV estão desaparecendo em um ritmo acelerado. Jerônimo Rodrigues ressalta que “[...] de início, houve uma preocupação. Veio a curiosidade, não resta dúvida nenhuma” (informação verbal)³⁶³.

A televisão transmitia os primeiros sinais de que seria forte. Nos dias seguintes àquela mensagem de Juvenal de Barros anunciando pela primeira vez a entrada em operação da TV Rádio Clube, em setembro de 1961, as lojas General Novilar esgotaram seu estoque de aparelhos de televisão (GODINHO, 2008, p. 19).

³⁶¹ Durley Montalvão, op. cit.

³⁶² Ibidem.

³⁶³ Jerônimo Rodrigues, op. cit. 2008.

Com a TV Anhanguera o público de telespectadores aumenta ainda mais e com isso o rádio parece estar caminhando definitivamente para a sua extinção. “O rádio foi relegado a segundo plano pelos próprios profissionais. A televisão era um fenômeno interessantíssimo. Porque, além do som, você tinha agora a imagem. E imagem era fascinante. Então isso decretou uma decadência do rádio” (informação verbal)³⁶⁴.

Juvenal de Barros observa que as emissoras de rádio sofrem uma profunda mudança neste período. A primeira delas adveio do fato de que os radialistas mais experientes começam a se deslocar para a TV: “[...] porque os melhores artistas, os melhores profissionais do rádio e os que melhores fotografassem, que ficassem bem no filme, bem na fotografia, fossem mais fotogênicos, foram pra televisão” (informação verbal)³⁶⁵.

Apesar da televisão não ser um fato novo, os principais nomes que fizeram o veículo no Estado foram todos forjados no dia-a-dia, na tentativa e erro. Estes profissionais vieram principalmente do rádio, da imprensa escrita e, em quantidade menor, das poucas agências de propaganda da época³⁶⁶.

Observa-se que este fenômeno tem uma grande semelhança com o que ocorreu na época em que o rádio desponta em Goiás e a relação que manteve com os alto-falantes. Pode-se assim, afirmar que o rádio foi para televisão o mesmo que os alto-falantes foram para o rádio, ou seja, uma espécie de laboratório para a formação de seus primeiros profissionais. Foram suas tradições que construíram o espaço televisivo (ROCHA, 2007a, p. 30). Tanto é que os primeiros programas televisivos em Goiás são uma cópia de programas de rádio. Mas este não é um fenômeno que ocorre apenas em Goiás, está em todo o Brasil, como afirma Azevedo (2004, p. 8), “o formato de programas de rádio que havia feito tanto sucesso nas décadas anteriores já havia se transferido, em grande parte, para a televisão”.

A questão é que os indivíduos que vão para a TV não dominam habilidades para se comportar diante das câmeras. Agem como se estivessem em um estúdio de rádio. Sílvio Medeiros relata que ao receber o convite para atuar na televisão utiliza da estratégia de realizar um programa que dirigia no rádio, porém, em um formato diferente.

Antes da TV Anhanguera eu saí da rádio, trabalhava na rádio Anhanguera. Então, lá eu cheguei a fazer o meu programa Festival SM, na televisão, no mesmo horário também. No rádio eu mudei pra sábado e fazia domingo na televisão. Mesmo sistema, a mesma coisa, só que auditório diferente,

³⁶⁴ Oscar Dias, op. cit.

³⁶⁵ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

³⁶⁶ Ibidem, p. 12

logicamente, a maneira de levar a televisão era diferente (informação verbal)³⁶⁷.

E não tardou para que os radialistas começassem a refletir sobre as diferenças entre rádio e TV. Os jornais são intensamente utilizados neste trabalho. Visando aprofundar suas reflexões propõem a produção de artigos com o título “TV não é rádio”. Em um dos textos evidenciam que o modo como os apresentadores se comportam na TV no final de 1963 se confunde com um radialista.

A TV-Rádio Clube, por exemplo, apresenta um programa informativo mais do que radiofônico. No ‘vídeo’ aparece a palavra ‘Notícia’. Um locutor, em ‘off’, lê um catatau assim. Que aconteceu? O telespectador fica com cara de trouxa. Fica analisando a palavra, contando as sílabas, esperando o repórter invisível largar braza. Está errado. Televisão é cinema feito na hora. É para ver. Estúdio de tê-vê não é auditório de rádio. Televisão não tem ‘macacas’ como no rádio (*O POPULAR*, 13 out. 1963).

Mas o fato é que mesmo não dominando técnicas específicas de como se comportarem na TV, os melhores radialistas do rádio migram para a telinha. O meio radiofônico, no entanto, não é abalado apenas por este fato. Em 1963, suas transmissões são tomadas por interferências de uma natureza estranha, provocando, inclusive, uma queda em sua audiência. Com a ajuda de técnicos observam que estão sendo motivadas pelos aparelhos de TV.

Bezinho afirma, no entanto, que de fato há uma interferência do aparelho de TV na recepção do rádio. Vejamos sua explicação a respeito:

Na televisão tem um oscilador horizontal, ela tem dois oscilador, tem um horizontal e outro vertical. O vertical é 60 hertz não atrapalha nada, mas o horizontal é 15 mil quilo-hertz, ele tem muito harmônico. Você chega o AM perto de uma televisão você não pega nada (informação verbal)³⁶⁸.

Neste contexto não resta outra saída para os radialistas que se mantêm firmes no rádio, senão, pensar o que fazer para manter a sua existência. A experiência acumulada no decorrer dos 21 anos até aquele momento é uma importante aliada nesta tarefa. As brechas existem e é preciso encontrá-la. Sílvio Medeiro conviveu com esta situação e relata:

Quando surgiu a televisão, eu pensei que o rádio fosse parar na tribuna.
- Rádio agora não vai ter valor nenhum...
Mas, pelo contrário, o rádio partiu prum caminho diferente, mais dinâmico, porque o rádio era feito dentro dos estúdios, novela essa coisa e tal, aí passou

³⁶⁷ Entrevista realizada por Luiz Sérgio Duarte, professor do programa de história da UFG, disponibilizada para pesquisa em 2011.

³⁶⁸ Bezinho, op. cit.

pro lado jornalístico, que é uma coisa mais urgente. Então o rádio sobreviveu por isso. Ter uma dinâmica diferente. Quando eu pensei que o rádio fosse terminar por causa da televisão, o rádio mudou totalmente a personalidade, o jeito de ser feito (informação verbal)³⁶⁹.

A chegada da televisão provoca uma série de reformulações no rádio, principalmente no que diz respeito à sua programação e qualidade técnica de transmissão (MATTOS, 2005, p. 149). Mas isso só se torna de fato uma realidade no rádio goiano a partir da segunda metade da década de 1960. Portanto, em decorrência da proposta apresentada com esta pesquisa, não poderei abordar estas questões.

Em síntese, em 1964 são poucas as pessoas que possuem um aparelho de TV e as transmissoras estão dando seus primeiros passos. Por esse motivo o rádio manteve a predominância no campo da comunicação até este período, como expressa Fernando Cunha Júnior: “O rádio naquele momento era o órgão de comunicação 100%, quer dizer, a população inteira ouvia e participava das coisas de rádio. Então ele conseguia ser um grande formador de opinião da época” (informação verbal)³⁷⁰. “O rádio era uma coisa assim que todo mundo acompanhava” (informação verbal)³⁷¹.

2.6. O rádio AM.

O rádio que existiu naquele período, é portador de uma característica específica, o de ser ele de Amplitude Modulada (AM): “naquela época não existia nem FM, só AM” (informação verbal)³⁷². Nilson José de Carvalho aponta a diferença técnica entre um rádio AM e o rádio FM e nos fornece mais informações sobre o modo de operação da frequência de um rádio AM. Vejamos:

A frequência do AM, assim, uma explicação mais simples, é como se fosse um cano de água. No FM a água anda dentro do cano e no AM ela anda por fora do cano. Então, se ela anda por fora do cano ela está sujeita a tudo quanto é interferência e o que está lá dentro nada atrapalha ele. Então a explicação mais simples é essa. Por isso que o FM o som é muito melhor, porque não tem interferência de nada. O FM se liga um liquidificador, uma televisão, um computador, ele não sente. Agora o AM não, você liga perto do computador você não escuta mais se a estação for fraca (informação verbal)³⁷³.

³⁶⁹ Sílvia Medeiros, op. cit. 2011.

³⁷⁰ Fernando Cunha Júnior, op. cit.

³⁷¹ Arthur Resende Filho, op. cit.

³⁷² Porátio, op. cit.

³⁷³ Bezinho, op. cit.

O uso de aparelhos elétricos em Goiás torna-se uma preocupação para o público ouvinte de rádio quando começam a interferir nas frequências das emissoras, como já vimos anteriormente. O AM é sensível a interferências e nesse sentido, a sua recepção acaba gerando um problema social. Em determinados horários é impossível sintonizar uma emissora. Os receptores de rádio deste período são fabricados com um dispositivo para eliminação de ruídos, porém, não é capaz ainda de evitarem as interferências.

Ainda ontem, domingo, durante o dia, tentamos inutilmente ligar o nosso receptor a diversas emissoras brasileiras de ondas curtas, não nos sendo possível escutar nada, absolutamente nada, apesar de estarmos munido de excelente receptor, com dispositivo para eliminar ruído estranhos e interferências. É que lá estava, absolvendo e atrapalhando tudo, o ruído fortíssimo e ininterrupto do famigerado motor à escova, que invadia e bloqueava completamente a onda da emissora (*O POPULAR*, 16 mar. 1950).

Os aparelhos de telegrafia também são fontes de barulho que invadem os receptores. Eles produzem o chamado “clique de manipulação”, condenado pelos regulamentos internacionais e fácil de ser eliminado³⁷⁴.

Na primeira metade da década de 1950, a população do interior é surpreendida ainda mais pelas interferências. São poucas as cidades portadoras de uma emissora de rádio. E quanto mais distante está uma emissora sintonizada mais as interferências aumentam. Em abril de 1950, um ouvinte de Itumbiara escreve ao jornal *O Popular* para reclamar da impossibilidade de se ouvir rádio naquela região.

Aqui em Itumbiara onde também gostamos e precisamos de ouvir rádio, sofremos do mesmo vexame. Há uma verdadeira falta de respeito ao direito dos outros nesta parte ao ligarem geladeiras, sorveterias, motores de dentistas, máquinas de seladora etc., sem escovas, o que faz um ruído dos infernos tomar conta dos nossos aparelhos receptores e a única coisa que podemos fazer é desliga-lo (*O POPULAR*, 2 abr. 1950).

As constantes interferências no rádio AM colocam uma questão para o poder público: Como resolver esse problema? Naquele ano emergem duas propostas: uma apresentada pela população e outra por radialistas. A população aponta a necessidade de o Estado criar normas para o uso de aparelhos elétricos.

Será que não existe em Goiânia algum responsável, uma autoridade coatora que se disponha a pôr termo a tanta anarquia? Consta-nos que existem leis que protegem a radiodifusão e deixam o cidadão só diante dessas patifarias. Será que não existe dentro dessas leis um dispositivo que possa pôr cobro a esses abusos? (*O POPULAR*, 2 abr. 1950).

³⁷⁴ Ibidem.

Gumercindo Inácio Ferreira, representante em Goiás do órgão responsável pela radiodifusão no Brasil, responde a outras reclamações de ouvintes de rádio e aproveita para chamar a atenção da população, para as leis que foram criadas pelo governo federal que tornaram obrigatório, o uso de ferramentas em aparelhos elétricos para evitarem as interferências.

A Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos de Goiás, chama a atenção dos senhores possuidores de instalações de máquinas, motores, etc., que transmitam ou utilizem eletricidade para a proibição contida no Decreto nº 1383 de 29 de junho de 1939 o qual determina que aquelas instalações só poderão funcionar quando dispuserem de filtros, blindagem ou outros dispositivos que impeçam a produção de ruídos perturbadores de rádio-recepção (*O POPULAR*, 2 abr. 1950).

Aqueles que não cumprissem as determinações desse decreto poderiam ser penalizados com multas que variavam de Cr\$ 30,00 a Cr\$ 5.000,00 cruzeiros. E aquele que reincidisse pela terceira vez seria impedido de fazer uso de aparelhos elétricos por um prazo de seis meses.

Já os radialistas vislumbram há alguns anos depois a conversão do rádio AM para o FM como meio de resolver este problema. Apesar de ser algo novo no Brasil o FM desperta a curiosidade de radialistas goianos quando é experimentado neste Estado. Interessante notar que o FM já é uma realidade em outros lugares. Na verdade as experiências iniciais do FM são realizadas pela RCA nos Estados Unidos no final da década de 1930 e início de 1940. O primeiro transmissor que chega ao Brasil foi produzido pela General Electric (EUA) sendo inaugurado somente em 1955. As primeiras transmissões em caráter experimental são realizadas pela rádio Imprensa FM do Rio de Janeiro, emissora fundada pela já citada Anna Khoury, considerada a mãe das FM's no Brasil (DUARTE, 2008).

O primeiro rádio FM instalado em Goiás é inaugurado por volta de 1956 através da RBC de Goiânia³⁷⁵. O transmissor começa operando em caráter experimental, como ocorre ainda no Rio de Janeiro: “O referido aparelho é de linha de ‘broadcasting’, com 20 wats na antena e frequência de 90,1 megaciclos” (*DIÁRIO DA TARDE*, 3 set. 1956). Essa experiência dá origem à rádio Musical FM.

A rádio Musical opera em circuito fechado e não tem um amplo raio de alcance. Mas logo que começa suas transmissões conquista a admiração dos radialistas. O som que chega aos receptores agrada aos ouvidos acostumados com o som do AM. É praticamente destituído

³⁷⁵ Hélio Rocha afirma que o FM seria oficialmente inaugurado na RBC em 1974. “Inicialmente com bastante ênfase à música, reservando espaço mais generoso para a música popular brasileira. Contudo, o radiojornalismo entrou com força na programação da emissora” (ROCHA, 2010, p. 185).

de ruído. Por este motivo muitos radialistas passam a desejar os transmissores FM por serem mais resistentes às interferências.

A rádio Musical representa o alvor do FM em Goiás. Além da qualidade do som, em sua programação diária a música toma a maior parte do tempo. Essas duas questões oferecem uma nova configuração para o rádio. Contudo, representa uma ameaça ao rádio AM.

Assim que a rádio Musical é inaugurada sua transmissão ocorre em um circuito fechado, mais acessada pelo comércio local. Então, são poucas as pessoas que têm acesso à sua programação. Posteriormente, a rádio Musical é colocada para operar num canal aberto (informação verbal)³⁷⁶. Com isso o número de ouvintes dessa emissora cresce e, conseqüentemente, a preferência do público por este rádio. E isso traz novamente preocupação para o AM.

Em 1961, outro transmissor de FM é instalado pela rádio Santana de Anápolis. É a primeira rádio a operar em FM naquela cidade: “Vasco Santana conseguiu com sua extraordinária capacidade de trabalho, a licença para a FREQUENCIA MODULADA, já estando em pleno funcionamento, a única da Manchester” (*O ANÁPOLIS*, 18 nov. 1961).

O bom recebimento do FM pelos radialistas de Anápolis e de Goiânia e a chegada da televisão no início de 1960³⁷⁷ parecia estar vislumbrando o fim do rádio AM. Outra preocupação, segundo José da Cunha Gonçalves, é que o FM atraiu a atenção de um número considerável dos financiadores de programas de rádio, devido à sua crescente popularidade.

Apesar de ser uma grande novidade para os radialistas, as opiniões estavam divididas entre eles. Alguns defenderam o FM por ser resistente às interferências e dar mais garantia de que as transmissões chegariam aos receptores. Isso, por si só, poderia garantir a audiência. Ou seja, o foco aqui gira em torno da qualidade da transmissão e recepção do rádio. Já outros defendem o AM por observarem que é um rádio mais rico culturalmente.

Diante deste impasse, é possível elencar algumas diferenças entre ambos. O FM, como observa no próprio nome da primeira emissora a operar nesta frequência em Goiás, é um rádio configurado para enfatizar a música em sua programação. Ao locutor cabe o papel de informar a música, fazer uma brincadeira com o ouvinte e mediar os programas, indicando

³⁷⁶ Jerônimo Rodrigues, op. cit.

³⁷⁷ Sônia Moreira (1991, p. 39) observa que as emissoras AM's no Brasil tiveram que se especializar com a chegada da televisão, estabelecendo posteriormente um novo modelo de rádio. Segundo ela, “[...] prestação de serviços, jornalismo e música: este foi o modelo adotado pelos profissionais do rádio AM brasileiro para superar a inédita concorrência com a televisão a partir dos anos 60. A agilidade na transmissão de informações, principal característica do veículo, tornou-se a qualidade mais explorada pelas emissoras. Nesse ponto, o rádio jamais foi superado pela televisão”.

as propagandas, horas etc. Essa é basicamente a estrutura da rádio Musical FM de Goiânia e da rádio Santana FM de Anápolis.

Durley acrescenta que a forma dinâmica e o formato de programa voltado para o público jovem, esboça-se nas emissoras de faixa FM, “[...] marcadas pela execução de música ambiente” (NUNES, 1993, p. 56). Em consequência dessas mudanças, um novo tipo de radialista emerge no rádio e traz para a radiodifusão a simplificação do trabalho radiofônico.

Já o rádio AM caracteriza-se por ser um instrumento de informação. Nesse sentido, segundo José Cunha Gonçalves, ele tem o papel de informar.

Então a gente brinca: se morrer alguém, pra você ficar sabendo tem que ser pelo rádio. E, aliás, é o rádio que conta essa história. Porque diz que notícia ruim corre rápido. Então morre alguém dia de domingo, tem um amigo que até fala que morrer dia de domingo é fria porque ninguém fica sabendo, porque o comércio tá todo fechado. Quando tá aberto todo mundo fica sabendo. Mas aí é o rádio que dá a notícia mesmo:

- Faleceu hoje, tal e coisa, vai ser sepultado...

Então, o rádio AM é que faz isso, o rádio AM (informação verbal)³⁷⁸.

Durley Montalvão observa que o rádio AM contribui com a ampliação e formação cultural do público ouvinte por ser um rádio noticioso. Promove-se a “[...] avaliação dos lados da notícia, sabe! A notícia tem vários lados, a mesma informação tem vários lados. FM não se atém a isso, mesmo porque ela não trabalha com o que o AM tinha na época, que é tempo” (informação verbal)³⁷⁹.

O papel de uma radialista no rádio AM vai além da simples reprodução de informações. Ele realiza a sua interpretação. Quando se trata de um problema que aflige a população o locutor coloca-se à disposição de solucioná-lo. Nesse sentido, o rádio AM também se caracteriza por ser de utilidade pública. Assim, além do papel de locutor, como vimos no capítulo anterior, os radialistas no AM são considerados agentes públicos.

Por este motivo, segundo Durley Montalvão³⁸⁰, o AM exige um profissional que seja detentor de um capital cultural e que expresse com rapidez a sua reflexão³⁸¹. Dessa forma, para discutir política o locutor tem que ter uma leitura mínima de questões políticas. Leituras diárias também são indispensáveis, principalmente de jornais para estar atualizado sobre os fatos cotidianos.

João Batista, locutor da rádio Alvorada de Rialma, consente que a organização do rádio AM na época exigia certa formação cultural do radialista: “A gente tinha que ter noções

³⁷⁸ Cunha Gonçalves, op. cit.

³⁷⁹ Durley Montalvão, op. cit.

³⁸⁰ Op. cit.

³⁸¹ Para uma leitura sobre o sucesso da FM, ver Neves (1985).

de inglês, de espanhol, de francês, e isso a gente adquiria na escola” (informação verbal)³⁸². Para ele, é essa formação que o permite interpretar e apontar soluções para questões que porventura possam surgir na sociedade. Daí emerge a seriedade e o respeito delegado ao radialista na época. Ele não é apenas um radialista, mas também aquele que faz intervenções sociais em questões que incomodam seu público.

Glorinha Salgado acrescenta que a autoformação é um elemento indispensável para o locutor deste período. Quem aventura-se ao trabalho no rádio tem que estudar e estar informado sobre os acontecimentos do momento e, acima de tudo, ser agente ativo na sociedade. Nesse sentido, o rádio AM torna-se complexo, por exigir um indivíduo que domine habilidades diversas para dar conta de colocar no ar uma programação que pautada pela variedade, porém, focada na informação. Portanto, é uma época em que o locutor tem que autoinformar, ser autônomo, e superar a sobreposição de interesses individuais.

Então eu fiz rádio com a cara e a coragem. Eu não tinha ninguém pra me dar uma orientação. Porque hoje os programas são todos elaborados, você tem ali um produtor, você tem mil e uma pessoa que te passa a notícia, que te dá a notícia... Naquele tempo não, você buscava (informação verbal)³⁸³.

Com a interferência dos radialistas em questões sociais desenvolve-se um aspecto no rádio em Goiás: o de ser o radialista um agente público da sociedade, como foi descrito no primeiro capítulo.

Por este motivo, os horários de uma programação do rádio AM são voltados em sua maior parte para discussões, às vezes, intensas e profundas, sobre um determinado fenômeno social. Os debates são tão intensos que “às vezes você ouvia uma programação inteirinha sem ouvir uma única música” (informação verbal)³⁸⁴.

Glorinha Salgado relata que o seu programa “Acontecimentos Sociais” na rádio Cultura de Ceres tinha esta característica: “Tocava uma ou outra, muito raro. Vou te falar que uma vez por mês colocava uma música. O negócio era papo mesmo” (informação verbal)³⁸⁵. Segundo ela, para veicular uma música em seu programa só se acontecesse algo extraordinário que a obrigasse a sair do estúdio.

[...] tinha que ter muito assunto. E fui tomando gosto. E começou a surgir uma paixão. Então eu tenho hoje, depois já de tantos anos, a conclusão de que eu não sabia que rádio pra mim era tão importante, era tão querido, era tão gostoso. E tem um pormenor nisso aí, que você vai achar interessante, eu

³⁸² João Batista, op. cit.

³⁸³ Glorinha Salgado, op. cit.

³⁸⁴ Durley Montalvão, op. cit.

³⁸⁵ Glorinha Salgado, op. cit.

gostava da AM. AM é que me cativava, não sei se é porque eu comecei com AM. E fiquei nessa rádio Cultura com muito gosto, com muita satisfação (informação verbal)³⁸⁶.

Durley Montalvão acrescenta que para o locutor segurar a audiência neste tipo de rádio, ele deve ter preparação. Por este motivo, com o FM demonstrando simplicidade na forma de fazer rádio, percebe que no futuro a radiodifusão poderia encontrar dificuldade de encontrar profissionais para manter o mesmo formato do AM. Com o FM, como ele observa:

[...] ficou mais fácil o cara, não desfazendo de jeito nenhum do comunicador de FM, mas soltando algumas frases de efeito ele comunica rapidinho, fala o nome da música e acabou, não tem segredo. E normalmente está escrito numa lauda o que ele tem que dizer. O locutor de AM já não era assim (informação verbal)³⁸⁷.

É preciso deixar claro que o rádio AM não pauta apenas por programas informativos. Há programas musicais e de outros gêneros, como veremos no quarto capítulo.

Em síntese, podemos observar, portanto, algumas diferenças entre o rádio AM e o FM na concepção de César (1990, p. 61):

Se traçarmos um paralelo entre o AM e o FM, notaremos que ambos diferem-se por alguns pontos na forma pela qual transmitem a mensagem. No FM a transmissão da notícia, por exemplo, é encarada como um apêndice da programação, pois a característica fundamental é a transmissão de músicas e entretenimento. No AM notamos que a essência da programação está voltada para o jornalismo, pois se dedica maior espaço para a notícia, seja através de noticiários regulares ou através de comentaristas e comunicadores especializados nos mais variados estilos de programação.

O período demarcado entre 1950 e 1964 representa a idade de ouro do AM no Estado, pois domina em absoluto o campo da comunicação. A partir de meados da década de 1950 sofre um impacto com o FM e mais tarde novamente com a chegada da televisão. Destarte, enquanto não se estruturaram o AM manteve o predomínio comunicacional em Goiás. Outra questão que marcou o AM naquela época está relacionada à sua relação com emissoras de outros estados e de outros países.

2.7. A gente copiava o que os grandes faziam: a relação do rádio em Goiás com o rádio Nacional e o rádio de outros países.

O rádio AM que predomina em Goiás entre 1950 e 1964 estabelece relações muito próximas com emissoras de outras localidades, as quais contribuem com a sua configuração.

³⁸⁶ Glorinha Salgado, op. cit.

³⁸⁷ Durley Montalvão, op. cit.

Não está isolado, fechado em si mesmo. Nesse sentido, a história do rádio em Goiás está intimamente relacionada com o desenvolvimento do rádio no Brasil e em outros países.

2.7.1. A radiofonia goiana e sua relação com o rádio de outros países.

O rádio em Goiás busca se firmar com recursos próprios. Muito já se fez, mas ainda há muito a ser feito. Os radialistas caminham sempre em uma direção: superar o amadorismo que limita a radiodifusão deste Estado. Acompanham diariamente o rádio que se desenvolve em outros países. Ademar Santillo, locutor da Carajá de Anápolis, afirma que seu irmão ouvia a BBC de Londres diariamente para ver se apresentava alguma novidade e também para aprender o jeito que apresentam o rádio para retirar elementos para o seu programa na Santana de Anápolis. Ela transmitia “[...] um programa em português e ele ouvia a BBC de Londres através de um Rádio Zenite enorme que nós tínhamos” (informação verbal)³⁸⁸.

Em 1950, a BBC pauta por uma programação voltada em sua maior parte para o próprio país. A informação da Grã-Bretanha é evidenciada, além de músicas da América Latina e da Europa, orquestras, incluindo ainda palestras apresentadas por representantes do Estado. Assim está configurada a programação da BBC, transmitida através de ondas curtas para o Brasil naquele ano:

19:00 – Big Ben. Resumo dos programas de hoje
19:05 – Perfil da semana, Palestra
19:15 – Big Bem. Noticiário
19:30 – A Liberdade dentro da Lei: “A Justiça entre o Indivíduo e o Estado”, palestra do Juiz Lord Denning
19:45 – Últimas Revisões
20:15 – A semana na Grã-Bretanha
20:45 – Musica da América Latina: Enrique Arias, Piano
21:00 – Big Ben, Noticiário
21:15 – Concerto Sinfonico: Orquestra Sinfônica da BBC, sobre a regência de Sir Adrian Boult, executando a suíte sinfonia ‘Os Planetas’ de Gustav Holst
22:00 – Big Ben. Sumario de Notícias
22:07 – Revista dos Semanarios Britanicos
22:25 – Resumo dos programas de segunda feira. Hino Nacional Britanico
22:30 – Fim da transmissão (A NOTÍCIA, 15 out. 1950).

Os programas da BBC são dirigidos pelo brasileiro e mineiro de Diamantina, Ramos de Carvalho³⁸⁹, que havia saído do Brasil em plena Segunda Guerra Mundial, contratado pela British Broadcasting Corporation para realizar o seu serviço de transmissão para o Brasil. De

³⁸⁸ Ademar Santillo, op. cit.

³⁸⁹ Para uma leitura sobre as transmissões em português da BBC durante a Segunda Guerra Mundial, ver Júnior (2006).

sua voz saíam todas as notícias do conflito: “De Londres, todas às noites, ouvíamos na voz desse nosso patrício as boas e más novas da guerra. No dia da Vitória ele estava ao microfone da BBC para anunciar o termino da era hitlerista” (A NOTÍCIA, 5 nov. 1950).

Ubirajara Moreira de Rialma relata que além da BBC de Londres sintonizava emissoras de outros países através de ondas curtas.

Eu assistia muita música paraguaia. Eu ficava achando bonito música em guarani ou em castelhano mesmo, eu pegava bem. Mas pegava BBC de Londres, pegava uma emissora da Rússia, pegava emissora americana, pegava demais. Tinha a onda curta e essas ondas tinha umas faixas que você pegava (informação verbal)³⁹⁰.

A “A Voz da América” é outra emissora que transmite em português e tem muita audiência em Goiás neste período. Nota-se na Figura 40 que sua programação é realizada à noite. Ao lembrarmos as explicações apresentadas anteriormente por Bezinho, a respeito do alcance das transmissões, podemos entender o porquê de priorizarem este horário. A questão é que à noite as emissoras garantem a audiência de seus programas no Brasil pelo

A VOZ DA AMERICA

Os programas em português de A VOZ DA AMERICA são os seguintes:

Diariamente:	21:38 — “Hit Parade”
20:00 — Noticiário de	21:57 — Último boletim de notícias
20:15 — Última Hora	22:00 — Encerramento
Segundas às Sextas-feiras:	Domingos:
21:30 — Abertura, resumo dos programas	21:30 — A Semana em Revista
21:31 — Notícias	21:38 — “Concert Hall”
21:36 — “Americana”: Instantaneos da America (Entrevistas, Reportagens, Radioteatro), Album Musical (Entrevistas, Comentários musicais); e Comentário do dia.	21:57 — Último boletim de notícias
21:56 — Último boletim de notícias	22:00 — Encerramento.
22:00 — Encerramento.	São as seguintes as estações de ondas curtas de A VOZ DA AMERICA que transmitem para o Brasil: 16 Metros, WABC, 17.83 Megaciclos; 19 Metros, WRCA, 15.21 Megaciclos; 25 Metros, WRUL, 11.79 Megaciclos e 31 Metros, WRCA, 9.67 Megaciclos.
Sábados:	A Radio Mauá retransmite estes programas em ondas medias, 1.130 kilociclos, diariamente, às 21:30 horas.
21:30 — Noticiário mundial	

Figura 40 – Programação de A Voz da América.
Fonte: *O Anápolis*, 16 ago. 1951.

fato de suas transmissões atingirem distâncias maiores e chegarem com mais limpidez aos receptores neste país. Ao comparar o seu horário de transmissão com os horários da BBC, nota-se que coadunam.

Bem, “A Voz da América” é uma emissora criada durante a Segunda Guerra Mundial com o objetivo de transmitir notícias e propagandas políticas para alguns países da Europa e da América Latina. Sua configuração era formatada pela Agência de Informação dos Estados Unidos. Em março de 1942, “A Voz da América” transmitia um bloco de quase 7 horas de programação; em abril, passa a ficar 24 horas no ar, ao mesmo tempo em que implementa serviços em outros idiomas (MOREIRA, 2006, p. 40).

A rádio Voz da América operava com um orçamento de mais de 800 milhões de dólares/ano, com um staff de mais de 2.300 pessoas trabalhando fora dos EUA. Essa emissora radiava 800 horas/semana, em 36 línguas. Das 49 horas de irradiação semana, para a América Espanhola, sete horas semanais eram

³⁹⁰ Ubirajara Moreira, op. cit.

orientadas, diretamente, para Cuba. Além das 49 horas em espanhol/semana, para a América Latina, havia mais 21 horas de irradiação em português para o Brasil, somando 70 horas de irradiação semanal. A rádio Voz da América atingia uma média de 50 milhões de pessoas/semana (GUARESCHI, 2001, p. 43).

Outra emissora controlada pelo governo norte-americano que chega aos receptores em Goiás neste período é a Rádio Swan. Wells (1972) observa que essa emissora tem sua sede em Nova Iorque e, mais tarde, é renomeada e passa a se chamar Rádio Américas. Reconhecidamente sob “absoluto controle da CIA”, essa rádio desempenhou um papel preponderante na fracassada invasão da Baía dos Porcos, em Cuba (WELLS, 1972, p. 101).

O jornal *A Notícia* (15 out. 1950), informa que é possível sintonizar até mesmo emissoras de Varsóvia, que integra a cadeia de emissoras do vaticano. Na década seguinte, inclusive, as atenções de todo o mundo voltam-se para as transmissões desta emissora em detrimento do estado de saúde do Papa João XXIII. No entanto, ao tomar conhecimento de sua morte “a rádio de Varsóvia suspende a sua programação normal de música popular” (*O ANÁPOLIS*, 5 jun. 1963), e passa a acompanhar os detalhes de seu sepultamento e a dar todas as informações sobre o acontecido.

Da Suécia, os programas mais famosos são: *Calling All Tourist*, transmitido de segunda a sábado, e *Trefpunkt Sweden*. Em 1954, os Estados Unidos começam a transmitir em português para o Brasil através da emissora *Wrul* de Nova Iorque, “[...] declarou Walter S. Lemmon, presidente da emissora. A *Wrul* começou a irradiar para o Brasil, em português, desde o dia 06 de março, retransmitindo a Conferência de Caracas” (*O ANÁPOLIS*, 23 mai. 1954).

Para observar o quanto essas emissoras de outros países marcaram a história do rádio em Goiás saltamos para 1962. A rádio Santana de Anápolis chega a entrar em cadeia com a rádio das Forças Armadas Americanas de Nova Iorque para a retransmissão do lançamento do foguete “Mercury”, realizada diretamente de Cabo Canaveral, Flórida. O foguete conduz o tenente coronel John Glenn Jr. em sua cápsula, denominada “Amizade”, para três voltas em torno da terra³⁹¹. As notícias são divulgadas em inglês e o departamento de jornalismo da emissora traduz de imediato todas as notícias divulgadas.

³⁹¹ A emissora recebeu milhares cartas enviadas de várias partes do Brasil. Uma delas tornou-se, inclusive, notícia na cidade: “A direção da Rádio Santana recebeu, do Snr. Neves Walter, representante da Agência Publicitária de São Paulo, ‘J. Thompson’, o telegrama de número 7.394, expedido da Capital Paulista, no seguinte teor: Congratulações rádio pela cobertura viagem espacial John Glenn pt saudações Neves Walter vg representante ‘J. Thompson’ (*O ANÁPOLIS*, 3/4 mar. 1962).

A emissora da Família Goiana, retransmitira inclusive, a mensagem do próprio astronauta em pleno vôo espacial, dirigida aos seus familiares e ao mundo, culminando com as três voltas em torno do globo e sua conseqüente descida à terra. Pela primeira vez na história da nossa radiofonia, uma emissora cumprira um programa informativo de tal envergadura, suplantando e surpreendendo a radiofonia nacional (*O ANÁPOLIS*, 23 fev. 1962).

Essas emissoras de outros países captadas em Goiás são valiosas fontes de informações. Através delas os radialistas conseguem deixar o público goiano atualizado sobre os acontecimentos em outra parte do mundo. Para tanto, encontram uma forma improvisada para não perderem os detalhes ou mesmo uma notícia importante que é veiculada de última hora por essas emissoras. Começam a acompanhar diariamente a sua programação por um receptor. A pessoa destinada a esta tarefa é denominada de radioescuta (Figura 41).



Figura 41 – Radioescuta da rádio Clube de Goiânia.
Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”,
Goiânia, 2008.

O radioescuta é aquele indivíduo que fica ouvindo a programação do rádio de outras localidades através de um receptor com o objetivo de captar as informações que divulgam. É de sua responsabilidade redigir as notícias que considerar mais importantes e repassá-las ao locutor para fazer a sua leitura ao microfone. Em alguns casos ele mesmo faz esse trabalho.

Nós usávamos, eu volto a dizer a você, mais um sistema de escuta. E a forma que a gente tinha de saber verdadeiramente o que tava acontecendo razoavelmente no Brasil, nós ficávamos sabendo através de um noticiário em português principalmente pela BBC de Londres. Um rádio receptor que você ficava ouvindo, e anotando, pra você passar aquilo para o noticiário da emissora (informação verbal)³⁹².

A escuta de outras emissoras é também um meio encontrado pelos radialistas locais para configurar sua programação à luz daquelas. Eduardo Ferreira, então locutor da rádio Clube de Buriti Alegre, declara que sua curiosidade em ouvir outras emissoras, é justamente para saber que gêneros musicais estão veiculando para, a partir daí, formatar o seu próprio programa: “Isso é até hoje. Naquela época a gente chamava de radioescuta” (informação verbal)³⁹³.

³⁹² Ademar Santillo, op. cit.

³⁹³ Eduardo Ferreira, op. cit.

Nos três primeiros anos da década de 1960, dois acontecimentos captados por radialistas que fazem o trabalho de radioescuta marcam o rádio em Goiás: a morte de John Kennedy (em 1963) e a morte do Papa João XXIII no mesmo ano. A rádio Santana de Anápolis é uma das primeiras emissoras do Estado a transmitir a notícia. Romualdo, profissional que atua como locutor nesta emissora e que também é radioescuta, como informou Ademar Santillo anteriormente, está sintonizado na BBC de Londres quando ouve a notícia sobre o acidente com John Kennedy. Imediatamente corre para a rádio e a retransmite.

Então a gente ficava acompanhando a BBC de Londres, principalmente no horário em que era apresentada a notícia em português. E o Romualdo tava ligado quando a apresentação normal daquele noticiário foi interrompida com uma notícia extraordinária dizendo que teria havido um atentado ao presidente John Kennedy em Dallas naquele horário e tal. Ele foi pra rádio imediatamente, pra nossa emissora, e deu em primeiro lugar. Até aconteceu um fato interessante, porque alguns dias antes o Papa João XXIII estava morre não morre, morre não morre, já tava moribundo mesmo, e esperando a qualquer hora o desfecho (informação verbal)³⁹⁴.

Nestas retransmissões, o entanto, o radioescuta às vezes equivoca-se com as informações que ouve de outras emissoras. Às vezes, devido ao sinal da transmissão que fica ruim, às vezes por dúvida de uma formação dita rapidamente. Importante ressaltar, no entanto, que o rádio é considerado um meio fidedigno de informações e, por isso, a verdade deve prevalecer. O radialista Clóvis Guerra da rádio Santana de Anápolis compreende esta força do rádio ao cometer um desses equívocos.

Ele pegou uma notícia falsa lá dizendo que o Papa tinha morrido. Então, ele deu uma extraordinária na emissora dizendo que o Papa havia morrido. Resultado: todo mundo na cidade que ouvia a emissora, era o meio de comunicação que existia, ficou consternado com aquilo e tal, tal... O Papa não tinha morrido coisa nenhuma. Ele morreu umas 48 horas depois. E aquilo deu um constrangimento danado pro cidadão que teve que mostrar que aquele fato aconteceu em vista de uma informação que ocorreu que ele recebeu incorreta (informação verbal)³⁹⁵.

O radioescuta volta sua atenção principalmente para emissoras de outros países. Porém, não deixa de atentar para o rádio que se desenvolve nas principais metrópoles brasileiras.

³⁹⁴ Ademar Santillo, op. cit.

³⁹⁵ Ibidem.

2.7.2. O rádio em Goiás e sua relação com emissoras de São Paulo e Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro e São Paulo são referências na forma de se fazer rádio no Brasil naquele período. “Mayrink Veiga³⁹⁶, Tupi e Tamoio, junto com a Nacional, eram as que obtinham os maiores índices de audiência” (AZEVEDO, 2004, p. 11). Destas emissoras a rádio Nacional destaca-se. Ela foi a própria essência do rádio no Brasil por cerca de duas décadas (MURCE, 1976, p. 71).

A rádio Nacional dominava o éter brasileiro porque tinha a maior orquestra, os melhores valores do rádio estavam na rádio Nacional. Secundariamente eram os da rádio Tupi, depois os da rádio Tamoio e rádio Mayrink Veiga. A liderança, a primazia de liderança de ouvintes, era a rádio Nacional do Rio. A PRE8, rádio Nacional, era a liderança do interior. Dominava por causa das rádios novelas né! A dramaturgia radiofônica (informação verbal)³⁹⁷.

Bezinho esclarece que a audiência da rádio Nacional em Goiás, é em grande parte consequente da potência de seus transmissores, que transmite sua programação para outros estados com muita limpidez: “a rádio Nacional do Rio³⁹⁸ naquela época, era a maior. Eles punha 50 quilowatts tanto na onda média quanto na onda curta” (informação verbal)³⁹⁹.

Foi com os programas esportivos da rádio Nacional que Habib Issa se sentiu atraído pela narração e comentários de jogos.

A gente ouvia muito a Rádio Nacional. Meu pai tinha um rádio daqueles grandão, uma caixetona de rádio, né! Então, eu assistia aos jogos o que me fez ficar vascaíno em 45. Eu sou torcedor do Vasco. Eu me lembro que eu tava escutando um jogo do Vasco e Flamengo e o Valido fez um gol em situação irregular e deu o campeonato pro Flamengo⁴⁰⁰. E aí eu fiquei torcedor do Vasco em 45. Eu passei a ouvir o rádio. A Copa do Mundo em 50, por exemplo, a gente ouvia pelo rádio (informação verbal)⁴⁰¹.

A Mayrink Veiga, emissora da organização Victor Costa, entra na concorrência pela audiência nacional em 1956, quando inaugura seus transmissores de ondas curtas. Segundo *O*

³⁹⁶ O jornal *Diário da Tarde* reafirma esse dado em 17 de dezembro de 1957, quando faz uma publicação na qual coloca que “[...] a emissora que faz o melhor rádio no Brasil todos sabem que é a Rádio Nacional do Rio de Janeiro”.

³⁹⁷ Juvenal de Barros, op. cit., 2008.

³⁹⁸ Em 1950, a programação da Rádio Nacional estava organizada da seguinte forma: 15 horas – Tarde Esportiva; 17:45 horas – A Noite Informa; 18 horas – Gravações variadas; 18:30 horas – A felicidade bate à sua porta; 19:30 horas – Tancredo e Trancado; 20 horas – Vamos falar de amor; 20:25 horas – Repórter Esso; 20:30 horas – Piadas do Manduca; 21 horas – Nada alem de dois minutos; 21:30 horas Papel Carbono; 22:35 horas – Resenha esportiva; 23 horas Informativo da Rádio Nacional; 23:30 horas – Ritmos da Panair no Ar; 0:15 horas – Gravações variadas; 1 hora – Informativo da Rádio Nacional (*A NOTÍCIA*, 12 nov. 1950).

³⁹⁹ Bezinho, op. cit.

⁴⁰⁰ Essa partida ocorreu pelo campeonato carioca de 1944. Em 1945, o Vasco foi campeão.

⁴⁰¹ Habib Issa, op. cit.

Anápolis de 8 de janeiro de 1956, “[...] pode assim a PRA-9 (agora também ZYZ-27 e ZYZ-28, em ondas curtas) cobrir todo o território nacional, alcançando, mesmo, regiões as mais longínquas do mundo”. A partir de 1960, a Mayrink Veiga passa a transmitir as festas anuais promovidas pela Associação dos Radialistas de Anápolis em seu popular programa “O Trabalhador se Diverte”.

Contudo, a emissora mais ouvida em Goiás:

[...] na década de 50, era a Nacional. Ela tinha uns programas, ‘Tancredo e Trancado’⁴⁰², tal, nos domingo, todo mundo reunia pra ouvir. Tinha programa humorístico, tinha novela, tinha tudo perfeito, futebol, aquela coisa toda. Era a mais ouvida no Brasil, dominava. Depois devagar foi surgindo Tupi de São Paulo, Tupi do Rio com alguns programas que também dominava e foi tendo opções. Aí a Nacional foi caindo um pouco (informação verbal)⁴⁰³.

O predomínio de emissoras de São Paulo e do Rio de Janeiro na audiência em Goiás começa a mudar em 1950. Primeiramente com a instalação da RBC e posteriormente com a fundação da rádio Anhanguera em Goiânia (1955), uma vez que ambas iniciam suas atividades transmitindo em ondas curtas. Com este subsídio, conquistam boa parte do público em Goiás que antes ouviam quase que exclusivamente aquelas emissoras. Com a inauguração dos transmissores de ondas curtas da rádio Clube de Goiânia e da rádio Carajá de Anápolis e ainda, com a ampliação de emissora no interior, a audiência daquelas emissoras decresce ainda mais em Goiás.

O fato é que entre 1950 e 1964 os radialistas em Goiás dedicam a produzir um rádio semelhante a aquele que se desenvolve em São Paulo e no Rio de Janeiro. É a forma que encontram para atingir o profissionalismo e superar o amadorismo que representa uma limitação da radiodifusão local.

Em Anápolis e Goiânia este movimento é mais intenso e inicia-se logo no início da década de 1950. Na concepção de radialistas da rádio Carajá de Anápolis: “estamos assim procurando ampliar sempre as nossas possibilidades de oferecer aos nossos ouvintes um RADIO melhor que se possa equiparar com o RADIO das metrópoles brasileiras” (*apud A NOTÍCIA*, 04 nov. 1951).

⁴⁰² Programa de humorismo criado por Ghiaroni e transmitido aos domingos. Foi patrocinado pela empresa inglesa Glaxosmithkline Consumer Healthcare, produtora das Pílulas de Vida do Doutor Ross. Tancredo foi interpretado por Brandão Filho e Trancado por Apolo Correia, substituído posteriormente pelo famoso Zé Trindade. Para mais detalhes ver os programas na íntegra que podem ser acessados através do seguinte endereço: <<http://www.tropix.nce.ufrj.br/teatro/01.%20Minha%20Mulher%20virou%20Declamadora.mp3>>.

⁴⁰³ Ubirajara Moreira, op. cit.

Muitos radialistas que atuam em grandes emissoras de outros estados são contratados em Goiás como tentativa de profissionalizar o rádio que aí se desenvolve. Aranha Araújo, que atuou em emissoras de Uberlândia, por exemplo, ao ser contratado pela RBC na década de 1950 traz consigo elementos do programa “Ídolos da Juventude” que comandava naquela emissora. Institui algo semelhante na RBC, porém, com o nome “Pick-up de Ouro”.

O ‘Pick-up de Ouro’ era uma cópia de lá. O programa veio de lá. Quando eu cheguei aqui, um ex-companheiro nosso lá, que havia passado por aqui, havia trazido o nome do programa o estilo do programa que eu apresentei lá também algumas vezes, mas tava iniciando, e ele sim era o chefe. Então era o ‘Pick-up de Ouro’ (informação verbal)⁴⁰⁴.

Radialistas de outras emissoras elaboram programas semelhantes aos existentes na rádio Nacional. Walter Meneses declara que criou o programa “Vozes da Cidade” pela rádio Clube de Goiânia.

Então eu boleei o programa ‘Vozes da Cidade’ na década de 50, porque eu ouvia a rádio Nacional do Rio de Janeiro. Então a rádio fazia entrevistas na rua, aquelas coisas. E esses programas eu achava interessante. Eu boleei ‘Vozes da Cidade’ com desejo de fazer entrevistas em vários pontos da cidade. Então, esse programa era apresentado na parte da manhã, sempre às 7 horas da manhã, de qualquer ponto da cidade né! Da Praça dos Bandeirantes, do mercado, das creches, das penitenciárias, das portas de cinema, de festas, até festas particulares, quando havia chance né! E às vezes ficava na rua também. Sempre ponto definido (informação verbal)⁴⁰⁵.

Em relação à semelhança de emissoras goianas com o rádio de outras localidades, a RBC se destaca no início de 1950. Com o potencial de seus transmissores e o grande número de indivíduos que integram sua equipe, formata uma programação semelhante ao que havia na rádio Nacional. Torna-se modelo para emissoras locais. Segundo Jerônimo Rodrigues⁴⁰⁶, a RBC naquele momento ela era “o espelho. Acho que todas focaram ali. Ela já copiava um estilo rádio Nacional, que era um exemplo”.

A RBC proporciona certo avanço do profissionalismo radiofônico em Goiás. Na segunda metade da década de 1950, no entanto, é alcançada pela rádio Anhanguera, rádio Clube, ambas de Goiânia, e pela rádio Carajá de Anápolis. Em torno delas reúnem-se os indivíduos que são considerados referências na atividade radiofônica. Estas são as emissoras que desfrutam de maior audiência em Goiás naquele período, logo, são elas que mais influenciam emissoras do interior de Goiás.

⁴⁰⁴ Aranha Araújo, op. cit.

⁴⁰⁵ Walter Meneses, op. cit.

⁴⁰⁶ Op. cit., 2013.

A rádio Jornal de Inhumas é um exemplo. Um dos criadores desta emissora, Manoel Basílio, foi locutor em emissoras de Goiânia na década de 1950. Ao criar a rádio Jornal ele configura a emissora de acordo com o que havia aprendido anteriormente. Já a sua programação é baseada nas grandes emissoras do país.

Eu já tinha conhecimento de como funcionava o rádio, pois, com experiência adquirida na Rádio Clube e Rádio Anhanguera, ficou um pouco mais fácil, já tínhamos uma base. Daí surgiu a rádio Jornal de Inhumas [...] A gente baseou em todas as pessoas que entendiam de rádio e fizemos uma programação. Só os de cedo que era uma hora e meia, depois os outros eram de meia hora, e alguns da tarde que eram de duas horas. E fomos copiando programas, víamos o que faziam as outras emissoras. Nós éramos uma rádio do interior, baseada no rádio de São Paulo, Rio. Dali a gente tirava alguma experiência, adaptando à nossas formas (Informação verbal)⁴⁰⁷.

Getúlio de Souza, da rádio Alvorada de Rialma, afirma que inicia a sua carreira no rádio imitando locutores de emissoras de Goiânia e, com o tempo, cria seu próprio estilo.

Eu tive com Moraes César, de Goiânia. O Moraes César, na época, era na Anhanguera, depois é que ele foi pra Brasil Central, mas na época ele era da Anhanguera. Inclusive, eu comecei imitando ele. Eu imitando era a mesma coisa: _ Ô colosso, colosso... _ Aquela besterada (informação verbal)⁴⁰⁸.

Assim, com o crescimento do número de emissoras e o avanço da profissionalização, o rádio em Goiás atinge um patamar equitativo de audiência aos programas nacionais e internacionais.

Uma das estratégias criadas pelas emissoras locais para concorrerem com a preferência por emissoras de São Paulo e do Rio de Janeiro concretiza-se na regionalização de sua programação. Os radialistas passam a abordar temáticas relacionadas ao cotidiano e contexto vivido em Goiás. Fernando Cunha Júnior observa que esta estratégia assegurou a preferência do público local, que passa a ouvi-las mais do que as outras.

Essa época era época das grandes emissoras nacionais, eu me lembro que a grande emissora da época era a rádio Nacional. Rádio Nacional do Rio de Janeiro etc. E tinha grande audiência. Mas aí a gente conseguia conquistar audiência no local ou ler jornal na base das colocações dos programas locais, do noticiário local, dos programas de auditório, dos programas de estúdio que fazia a interlocução com a população etc. Então isso fazia com que de repente a emissora local tivesse preferência sobre a rádio Nacional etc. (informação verbal)⁴⁰⁹.

⁴⁰⁷ Manoel Basílio, Op. cit.

⁴⁰⁸ Getúlio de Souza, Op. cit.

⁴⁰⁹ Fernando Cunha Júnior, op. cit.

Desenvolve-se, assim, um rádio que se volta para o próprio Estado. Em um universo de 19 emissoras, distribuídas em 13 cidades do Estado, pode-se imaginar que a queda na audiência daquelas emissoras fora significativa. Com isso o rádio em Goiás fortalece a si mesmo, ganha a preferência do ouvinte deste Estado e começa a ser falado em outros estados. É esse o caso do programa “Sob os Céus de Goiás” comandado por Walter Meneses pela RBC.

Esse programa, ‘Sob os Céus de Goiás’, na Rádio Brasil Central, tinha uma audiên...cia. Olha! Nós recebíamos cartas às vezes de todo o Brasil praticamente. Mas ele tinha uma audiência mesmo era em Mato Grosso, na parte norte do Estado do Mato Grosso. Porque o sul do Mato Grosso sempre teve a influência de São Paulo, dos gaúchos etc. E o norte, a influência cultural era tudo Goiás. E lá tinha muitos ouvintes. Tanto assim é que eu fui uma vez pelo Mato Grosso e lá eu pude constatar de fato a audiência do programa. Eu gravei aqui o programa e fui lá passear sabe! E aí, minha voz no rádio: _ Olha! Olha! Olha! Esse aí sou eu ó etc. _ Aliás, o programa é que criou a oportunidade para entrar em contato com as autoridades do Mato Grosso, foi muito bom! (informação verbal)⁴¹⁰.

Walter Meneses relata que a RBC amplia ainda mais a sua audiência ao criar um programa falado em italiano e em português. É, na verdade, um programa inovador no Estado. Até então nenhuma emissora de Goiás havia transmitido em outro idioma.

Talvez o primeiro programa binacional né! Pode-se dizer assim é... Bilíngue. Lá tinha uma senhora assim: Geane Aldrighi, esposa de um grande pintor. Ela tinha uma voz bonita. Então nós convidamos, eu a convidei para fazer esse programa. Ela tinha um bom relacionamento com a embaixada da Itália, italiana né! Ela foi lá em Brasília, às custas dela, quando ela empolgou com o projeto, e foi lá e trouxe muito material da embaixada, e também a promessa da embaixada, de serviço de imprensa da embaixada, de mandar pra nós sempre notícias da Itália, gravações etc. Esse programa ficou no ar uns dois anos. Uma audiência espetacular. Domingo. Puxa vida! Esse programa teve conhecimento até na embaixada da Itália e... Foi muito bom! (informação verbal)⁴¹¹.

A partir de 1955, a RBC começa a transmitir para outros idiomas cobrindo, principalmente, eventos realizados pela burocracia estatal. Segundo *O Popular* (29 mai. 1955): “A que melhor informa, a Rádio Brasil Central, desde ontem está transmitindo em português, inglês e alemão, todos os pormenores da Conferência dos Governadores”.

A audiência conquistada por emissoras goianas em outros estados leva alguns de seus locutores a ficarem famosos e a ocuparem, inclusive, lugares de destaque na radiofonia brasileira, é o que ocorre com Habib Issa, o grande nome do esporte radiofônico em Goiás

⁴¹⁰ Walter Meneses, op. cit.

⁴¹¹ Ibidem.

naquele período. Habib Issa relata que sua popularidade no meio radiofônico deve-se a um auxílio que prestou para emissoras de São Paulo e do Rio de Janeiro em programações relacionadas ao esporte, mais especificamente para o início da loteria esportiva no Estado. Habib Issa é quem inaugura este programa em Goiás.

Porque eu comecei a fazer pontas pras emissoras de São Paulo. Por exemplo: quando começou a Loteria Esportiva as emissoras de São Paulo já mandavam só o equipamento pra mim e eu transmitia pra elas aqui aqueles jogos da loteria, né, que eram marcantes. Eu tive muita amizade lá com o pessoal do Rio, Jorge Cury, Antônio Cordeiro, Waldir Amaral era muito amigo meu, chegaram a me convidar. Várias e várias emissoras me convidaram pra trabalhar no Rio e em São Paulo (informação verbal)⁴¹².

José Cunha Gonçalves, locutor da rádio Imprensa de Anápolis, afirma que um de seus colegas de trabalho chega a tornar-se um dos coordenadores da parte artística de emissoras brasileiras na década de 1960, por intermédio da Rede L&C.

Na rádio Imprensa nós tivemos um dos maiores gênios do rádio de Anápolis, chamado Luiz Carlos Cecílio, não sei se nas suas pesquisas você teve a oportunidade de ouvir falar o nome dele. O Luiz Carlos trabalhava conosco na rádio Imprensa e foi inclusive sondado pelos donos da Rede L&C de São Paulo pra levá-lo pra lá, tal era a capacidade artística dele. E ele foi pra São Paulo, ficou em São Paulo uns 15 anos nessa Rede L&C. Ele comandava a parte artística de todas as emissoras do Brasil (informação verbal)⁴¹³.

Embora alguns radialistas tenham alcançado uma projeção nacional, até 1959 o rádio em Goiás ainda apresenta limitações. Aranha Araújo, que percorreu várias emissoras do país e vai para Goiás em 1959, observa que o rádio Goiano, incluindo uma das mais potentes, a RBC, ainda permanece com um pé no amadorismo.

Bem, diante do que a gente ouve lá fora através das emissoras goianas e particularmente da Rádio Brasil Central, aquele que aqui chega, principalmente na situação vindo de um rádio maior como o rádio pernambucano, por exemplo, para ser franco: me senti um tanto decepcionado. Isto porque não encontrei um rádio que se igualasse àquele de onde eu vim. Mas, nós temos que levar em consideração a pouca idade desta jovem capital, que com o correr dos anos terá um rádio mais evoluído (*JORNAL DE NOTÍCIAS*, 4 fev. 1959).

Portanto, é na reprodução de elementos do rádio de São Paulo e do Rio de Janeiro que os radialistas em Goiás encontram o caminho para a superação das dificuldades que os impedem de profissionalizar o rádio local.

⁴¹² Habib Issa, op. cit.

⁴¹³ José Cunha Gonçalves, op. cit.

Nas palavras de Antônio Edson da rádio Difusora de Rio Verde, “[...] a gente copiava o que os grandes faziam, a verdade é essa” (informação verbal)⁴¹⁴. Embora esta seja uma realidade para o rádio goiano, a opinião dos radialistas em relação à configuração que deveriam imprimir ao rádio em Goiás não é consensual. Enquanto a maioria continua reproduzindo o que fazem as grandes emissoras, outros começam a chamar a atenção para a necessidade de criarem algo novo, algo que venha a ser caracterizado como especificamente de Goiás.

O que lhes falta é um pouco de imaginação. Não sei se por preguiça. Gostam de plagiar tudo. Qualquer programinha de S. Paulo ou do Rio, que alcança relativa audiência, é logo lançado por aqui (os mais copiados são os de São Paulo, onde o rádio é meio terra-terra, talvez para agradar os habitantes do interior. Todos sabem que o caipira paulista é caipira mesmo). Os nossos radialistas, com raríssimas e honrosíssimas exceções, não se dão ao trabalho de criar um troço diferente (*O POPULAR*, 16 out. 1963).

E com esta configuração que a radiodifusão em Goiás atinge o ano de 1964. O conteúdo das mensagens divulgadas em sua programação diz respeito a Goiás, mas o formato das emissoras é praticamente o mesmo do rádio de São Paulo e do Rio de Janeiro. Sobre a programação veremos com detalhes no quarto capítulo. No entanto, um elemento que estabelece a distinção do rádio em Goiás pode ser notado na relação que mantém com os habitantes do meio rural.

2.8. Eu vi boiadeiro conduzindo um rádio de tiracolo na sua montaria: Rádio e o meio rural.

A relação entre o rádio e os habitantes do meio rural é uma característica marcante na história do rádio no Brasil em 1950. Neste período, o governo brasileiro propõe a criação de emissoras voltadas exclusivamente para a população rural. Em maio de 1950, a Rádio Ministério da Educação cria o seu Departamento Rural. Visando atingir as populações rurais do país, cria o programa “Terra Brasileira”. Com este programa objetivam “[...] ajudar o agricultor, oferecendo-lhe sempre um conselho útil, uma acertada orientação para os seus trabalhos no campo” (*O POPULAR*, 14 mai. 1950).

A programação dessa emissora está organizada da seguinte forma: às segundas-feiras, é veiculado um programa que foca as donas de casa; já nas terças-feiras, a emissora veicula um programa para a educação de adultos, com a atenção voltada para os problemas existentes no meio rural; nas quartas-feiras, o objetivo é atingir médios e grandes fazendeiros;

⁴¹⁴ Antônio Edson, op. cit.

às quintas-feiras um programa para criadores e lavradores, “[...] com resenha dos mercados de produtos agrícolas, comentários econômicos, boletim de notícias nacionais e internacionais sobre agricultura, noticiário meteorológico para agricultores, curiosidades rurais, etc.” (*Idem*).

O programa “Terra Brasileira” é ministrado nesta época por técnicos do Ministério da Agricultura com a colaboração de redatores especializados em programas para rádio. Em 1952, passa a ser transmitido diretamente de fazendas, granjas e sítios localizados na região do Rio de Janeiro (*O ANÁPOLIS*, 24 dez. 1952).

A programação é acompanhada por profissionais e especialistas em determinado ramo do trabalho rural, como veterinários, agrônomos etc. Com estes programas o rádio favorece a divulgação da palavra, do sentimento, da vida daqueles que trabalham “[...] o campo, contando suas lutas, suas experiências, suas realizações” (*O ANÁPOLIS*, 24, dez. 1952). As reportagens realizadas através desse programa são denominadas de “Comandos Rurais”.

O Ministério da Agricultura cria nesse período um setor especializado que mantém programas em 169 emissoras do interior. Com isso, o morador do campo passa a ser auxiliado por técnicos por meio do rádio. Através desta emissora, passam a discutir como resolver uma determinada doença animal, pragas das plantas, maneiras de criar, indústrias rurais, plantio, colheita, ensino rural etc. Outros problemas que não fossem discutidos na programação normal podiam ser apresentados pelos ouvintes através de cartas para serem discutidos ao vivo pelos especialistas.

Com a transferência da capital do Rio de Janeiro para Brasília o rádio recebe uma nova configuração por meio de políticas criadas por Juscelino Kubitschek. Em seu Plano de Metas inclui ações voltadas ao meio rural para serem efetivadas por intermédio de emissoras de rádio. É nesse sentido que inaugura em 13 de janeiro de 1959, a Rádio Rural (Figura 42). Para divulgar esta emissora publicam pequenos anúncios em jornais na época com o título “Ouça a Rádio Rural e Faça uma Viagem ao R. de Janeiro” (*JORNAL DE NOTÍCIA*, 19 set. 1959).

Juscelino Kubitschek inaugura a rádio Rural com um discurso, através do qual apresenta os objetivos que deseja com esta emissora.

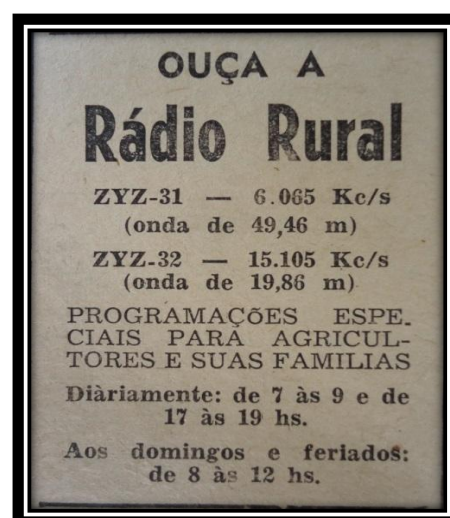


Figura 42 – Propaganda da Rádio Rural divulgada em jornais de Goiás.

Fonte: *Jornal de Notícia*, 19 de setembro de 1959.

Com a entrada, hoje, no ar da Rádio Rural do Ministério da Agricultura, ganham os agricultores brasileiros um precioso colaborador e o Governo Federal um instrumento capaz de levar ao homem do campo aqueles elementos informativos de que ele necessita na sua luta pela melhoria da produtividade e para o enriquecimento do país (*JORNAL DE NOTÍCIAS*, 13 jan. 1959).

No discurso do então ministro da agricultura, Mário Meneghetti, as ações previstas para a emissora são reveladas.

Nas comemorações de vinte anos de atividades do Serviço de Informação Agrícola, surge com a instalação da Rádio Rural mais um veículo de extensão e propaganda, capaz de levar ao homem do campo conhecimentos técnicos e palavras de esclarecimento, que orientarão para uma vida melhor, dentro do programa de metas do Presidente Juscelino Kubitschek (*O POPULAR*, 22 mar. 1959).

Com a Rádio Rural em atividade o Plano de Metas de Juscelino Kubitschek adentra diariamente o cotidiano rural, levando um conjunto de metas e ações com o objetivo de promover mudanças que apontem para o avanço da industrialização e do processo de racionalização desta região. O incentivo oferecido pelo Estado aos profissionais da Rádio Rural é também uma fonte de manutenção e ampliação de suas ações. É com este objetivo que no mesmo dia de sua inauguração Kubitschek assina uma portaria que institui o “Prêmio Herbert Moses⁴¹⁵”, premiação destinada a presentear o radialista que criasse a melhor reportagem sobre agricultura.

É neste momento que se amplia a Política Tríticola⁴¹⁶ guiada pelo governo federal através do Ministério da Agricultura. Esta política é uma proposta desenvolvida pelo Estado brasileiro desde o início do século XIX e formalizada pelo Estado no programa de criação do SET em 5 de janeiro de 1944, por intermédio do decreto nº 6.170, uma iniciativa do diretor do Serviço de Expansão do Trigo, o engenheiro agrônomo Dael Pires de Lima.

Juscelino propõe veicular o programa “Agritrigo” pela Rádio Rural duas vezes por semana, as terças e quintas-feiras no horário de 8h45. O programa é uma estratégia para servir de amparo aos plantadores de trigo e também para desfazer controvérsias e propósitos derrotistas que tumultuam esse importante setor da produção nacional (*DIÁRIO DA TARDE*,

⁴¹⁵ O nome desta premiação foi uma proposta de Herbert Moses, que neste momento, ocupava a presidência da Associação Brasileira de Imprensa.

⁴¹⁶ A ação estatal sobre a produção no campo já vinha intensificando-se desde 1951 com o apoio que recebeu do Banco do Brasil, que dispôs de projetos para o financiamento de sementes. Com isso o Estado concedeu a ele a tarefa de ser o “[...] único fornecedor de trigo importado aos moinhos. Em 1952 o BB assume a responsabilidade de controlar a importação de trigo e sua venda interna” (BRASIL, 2010, p. 51).

27 fev. 1959). O ministro Mário Meneghetti deixa transparecer esse objetivo em seu discurso pela rádio Rural:

Também espalharemos para todos os céus do Brasil a nossa firme e inabalável vontade de continuar batalhando pelo trigo nacional, para que sejam desmanchados os boatos quando eles surgirem; para que aquelas correntes que querem prejudicar a ação do Governo sejam destruídas; para que os triticultores encontrem na ação do Ministério e do Ministro, através do Serviço de Expansão do Trigo, o amparo que necessitam, o justo auxílio de que precisam para que possam continuar as suas lides (*JORNAL DE NOTÍCIAS*, 27 fev. 1959).

Mário Meneghetti esclarece ainda que a Política Tritícola é uma tentativa de tornar o Brasil autossuficiente no que concerne à produção do trigo. Com a Rádio Rural, através do programa Agritrigo, o ministro cria a possibilidade de se comunicar exclusivamente com os triticultores. A proposta é que os decretos, as portarias, as medidas oficiais do governo em amparo à triticultura nacional fossem divulgados pela emissora. Além disso, Meneghetti não perde de vista a importância de ampliação do conhecimento técnico no campo.

Essa atuação do governo por meio da rádio Rural voltada ao incentivo da produção do trigo no Brasil recebe adeptos suficientes e leva o Estado a criar o Decreto-Lei nº 210 em 1967 para apoiá-los. De acordo com os dados do Ministério da Agricultura, é este o momento que a produção do trigo atinge o seu ápice no país.

A Rádio Rural tem uma significativa importância em Goiás, uma vez que a maior parte da população ainda reside em regiões campestres⁴¹⁷. É um contexto em que até mesmo a população citadina confunde-se, às vezes, com a população rural, como observou Durley Montalvão, referindo-se a Rio Verde: “A cidade toda era uma cidade de população da roça, da zona rural” (informação verbal)⁴¹⁸.

As emissoras de rádio em Goiás também prestam um importante apoio aos moradores do meio rural. São utilizadas para comunicarem com familiares e amigos que se deslocam para a cidade. Nesse contexto, o rádio desponta como um meio rápido e indispensável para interligar o meio rural e o meio urbano. Como colocou Durley Montalvão referindo-se a Rio Verde.

A cidade era muito pequena e as pessoas que moravam na zona rural vinham pra cidade, ou pra tratamento médico, ou pra fazer compras, ou pra passear,

⁴¹⁷ Goiás estava marcado, segundo Silva (2010, p. 19) “[...] pela vida da pequena cidade e por uma cultura camponesa de raiz escravista, estruturada a partir dos ritmos da natureza, tributária da religiosidade sincrética e das formas de dominação tradicionais – estava aliando-se àquela não pequena parcela de planejadores e administradores”.

⁴¹⁸ Durley Montalvão, op. cit.

ou pra estudar, n razões. E, depois, não havia telefone, não havia celular. A única forma de comunicar com seus parentes que ficava na fazenda era através do rádio. Por exemplo: uma senhora avisava pra o marido ir com o cavalo lá pra linha, que ela ia de ônibus até aquele local. Dali ela saltava do ônibus e o marido já estava esperando ali com o animal pra levar ela e as compras pro sítio onde morassem (informação verbal)⁴¹⁹.

Nesse sentido, o rádio torna-se um instrumento valioso de comunicação e de informação para quem reside no meio rural. Enquanto um indivíduo prepara o almoço, tira o leite, trabalha a terra para o plantio, etc., lá estava o rádio do lado, falando ininterruptamente.

Até que surgiu o radinho a pilha, aquele radinho pequeno que você levava, transportava. O sertanejo levava ele e punha na cabeça do toco pra ir capinar roça. Quando chovia punha um plástico na cacunda dele lá em cima do toco e o coitadinho ficava conversando sozinho lá por perto do caipira. Eu vi boiadeiro conduzindo um rádio de tiracolo na sua montaria e andando pela estrada ouvindo música (informação verbal)⁴²⁰.

Padre Nelson Fleury, da Diocese de Goiânia, lembra-se de uma viagem a uma chácara na região de Aparecida de Goiânia, e relata que a presença do rádio naquela época é tão fundamental para as pessoas daquela região que ligavam o receptor antes mesmo do sol despontar no horizonte.

Quando Aparecida não era nada, era só aquele miolinho onde tem a igreja. E eu ia pra lá sexta-feira de tarde que terminava o expediente da Cúria. Eu ia pra lá e pousava na casa de um amigo meu lá da igreja, que tinha uma chácara, que tinha uma fazendinha lá perto. Eu posava lá na casa dele. Era na fazenda, achava bom demais. E acordava com ele, com o radinho em cima do mourão, ligado lá no ‘Mourão da Porteira’, aqui da rádio Difusora (informação verbal)⁴²¹.

Padre Nelson relata que passou a ser parte dos costumes locais as conversas em rodas de amigos girarem em torno de assuntos extraídos da audição diária do rádio. Observa que o rádio neste contexto ameniza o sofrimento daqueles que viviam distantes de seus familiares. Nesse sentido, as emissoras locais conquistam o público rural. Tornam-se fundamentais em sua vida.

E com o crescimento de audiência no meio rural algumas emissoras começam a focar esse público em sua programação⁴²². Emerge daí a necessidade de criarem estratégias para gerar uma familiaridade entre o que era transmitido e a vida no campo. Neste ambiente, um

⁴¹⁹ Ibidem.

⁴²⁰ Ubirajara Moreira, op. cit.

⁴²¹ Padre Nelson Fleury, op. cit.

⁴²² Pereira (1967, p. 69) faz uma análise interessante sobre isso demonstrando que “[...] a busca de platéias quantitativamente mais significativas, obriga a estação a mostrar-se sempre sensível às reivindicações do ouvinte, levando-a à ‘bajulação do público’, à medida que seus recursos de manipular gostos e predileções se mostram ineficazes”.

conjunto de ornamentos sonoros aparece no rádio em Goiás. Programas recebem vinhetas carregadas de códigos e símbolos que dizem respeito ao meio rural. Vejamos o exemplo da abertura do programa “Mourão da Porteira”, comandado por muito tempo por Claudino da Silveira na rádio Difusora de Goiânia.

O galo cantou e a noite se espreguiça em uma nova manhã. A paz na madrugada caminha para a luz do dia. O cheiro de café já enche a casa; o sertanejo caminha a passos sonolentos para o trabalho de logo mais, e na bica d’água deixa um resto de sono pra dormir depois. Amanhece no sertão; a vida se renova, e aqui, revivendo a esperança em mais um dia de paz, retomamos a lida e caminhamos também, e também sonhamos em mais um ‘No Mourão da Porteira’. Bom dia Goiás!⁴²³

Esta abertura utilizada por Claudino da Silveira em seu programa começa com o canto de um galo e ao fundo ouve-se o som de um acordeom acompanhado do canto de pássaros. Assim que o narrador inicia a leitura do texto, um adorno musical é colocado para preencher a sua voz, que neste caso trata-se da música “Lá no Mourão Esquerdo da Porteira”⁴²⁴, uma moda de viola composta por Raul Montes Torres em meados de 1940⁴²⁵. Segundo Claudino da Silveira:

Quando começou o ‘Mourão da Porteira’ a gente mandava aqueles recadinhos:

- Fulano deu à luz e está passando bem; Ou: _ fulano vai amanhã e pede pra levar o animal no ponto.

Aqueles recadinhos eram constantes. Tinha dia de mandar 100, 120 recados aqui pela rádio Difusora. A correspondência também cresceu muito. Durante o ano de 60, 61, 2, 3 a gente recebia 300 cartas por dia, era uma coisa de louco (informação verbal)⁴²⁶.

O rádio passa a ser visto pelo habitante do campo como um prestador de serviço e um companheiro diário. Sua importância pode ser notada no “agrado”, uma espécie de agradecimento realizado pelo homem do meio rural por intermédio da doação de alguma coisa produzida no campo.

Pessoas vinham aqui trazia uma dúzia de limão pro locutor sertanejo, trazia uma dúzia de ovos.

- Olha aqui ó, foi bom te ouvir lá!

Então é um negócio assim, que a gente gostava (informação verbal)⁴²⁷.

⁴²³ Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

⁴²⁴ Lá no mourão esquerdo da porteira/Onde encontrei você pra despedi/É uma lembrança minha derradeira/É um versinho que eu nele escrevi...

⁴²⁵ Essa música foi regravaada por várias outras duplas sertanejas, entre elas Jacó e Jacozinho, Tonico e Tinoco, Pedro Bento e Zé da Estrada.

⁴²⁶ Arquivo disponibilizado por Diego Joaquim, integrante da Igreja Católica, Goiânia, 2008.

⁴²⁷ Zacarias Faleiros, op. cit.

Arnaldo de Oliveira relata que bastava ele dizer pelo microfone da emissora que estava com vontade de degustar um caldo de frango que “[...] no outro dia cê podia esperar de tarde, que ali vinha um doce, vinha queijo, vinha uma abobrinha, vinha uma batata, frango demais da conta, mas era muito mesmo” (informação verbal)⁴²⁸. É pautado por esse processo que o rádio aproxima-se da cultura campesina. O modo de vida no campo é convertido na matéria-prima da programação de muitas emissoras.

Getúlio de Souza relata que naquela época, na rádio Alvorada de Rialma (1961), “[...] nos programa caipira, o sujeito falava caipira mesmo e eu era caipira mesmo, tinha vindo da roça há pouco tempo. Eu sempre falava: eu saí da roça há muitos anos, mas a roça nunca saiu de mim” (informação verbal)⁴²⁹. Assim, relacionando o rádio com os outros meios de comunicação, talvez o rádio seja o mais apropriado para ressaltar e reforçar os valores culturais das zonas rurais (CAPARELLI, 1986, p. 85). É dessa forma que Getúlio de Souza comunicava-se pelo rádio, utilizando-se de símbolos presentes nos costumes do homem do campo:

- Vamos infia uma música na conversa, vamos tufuia uma música na conversa.

Aí de manhã cedo eu falava:

- Vamo levanta gente... Tá na hora de levanta, dá uma chacuaiada no esqueleto, joga as purga fora, toma um café reforçado, passa a mão na inxada e ir pra roça!

Aqui era a zona rural mesmo. Aqui era caipira mesmo. Eu era um dos principais caipira. Eu imitava um locutor lá de Poços de Caldas, Zé Tomé, e eu falava com uma voz grossa:

- Ô gente! Bom dia procêis! Tudo bem? Cumpade num que levanta não? Passa a mão numa bacia d'água e joga na cara dele! (informação verbal)⁴³⁰.

O rádio em Goiás, assim, caracteriza-se pelos traços de uma cultura popular oralizada⁴³¹. Exalta a vida do homem do campo. E isso aparece até mesmo no nome de determinados programas. Moraes César cria o programa “Nossa Fazenda” na rádio Anhanguera; João Evangelista⁴³² afirma que na rádio Cultura de Ceres havia o programa “Paulo Matão para a cidade do sertão”; na rádio Jornal de Inhumas o programa “Boa Tarde Sertão” com Manoel Basílio; na Difusora de Goiânia, o “Mourão da Porteira” com Claudino da Silveira e “Princesinha do Sertão” com Capitão Reizão; “Na Beira da Mata” é um

⁴²⁸ Arnaldo de Oliveira, op. cit.

⁴²⁹ Getúlio de Souza, op. cit.

⁴³⁰ Ibidem.

⁴³¹ Como observa Canclini (2008, p. 37), “O rádio, o cinema e a televisão, nos quais ainda predominavam as marcas de cada nação, se apropriaram das culturas populares. Aceitaram os gostos desses setores sob a condição de que se deixassem representar como público”.

⁴³² Op. cit.

programa da RBC dirigido por João Veloso; na rádio Cultura de Anápolis, é lançado o programa “A Voz Camponesa” em 1962, comandado por Almir Reis; na rádio Imprensa, também de Anápolis, havia o programa “Rancho Alegre”, criado e dirigido por Mizael de Oliveira; na rádio Morrinhos “O Moquiço do Chico”, apresentado por Chico Flor.

Com estas estratégias os radialistas conquistam uma audiência significativa no meio rural. Uma pesquisa realizada por Maria Divina da Silva pelo programa de História da UFG de Catalão, sobre a presença do “rádio na zona rural Chapadão na década de 50”, é uma contribuição significativa nesta discussão. Um dos elementos evidenciados pelos entrevistados nesta pesquisa é a relação do rádio com o trabalho desenvolvido diariamente naquela região. O rádio contribuiu para amenizar o cansaço consequente de uma vida difícil, árdua e sacrificante na maior parte do tempo, pois proporcionou prazer no momento de descanso.

Na memória dos entrevistados é forte a imagem do trabalho. Era árduo, às 5 horas da manhã já estavam todos de pé no chão em busca do trabalho na lavoura ou com o gado, além disso, a faixa etária para se iniciar nestes trabalhos era muito baixa, crianças de 5 a 7 anos de idade já ajudavam seus pais na realização de todas as atividades que dependiam deles (SILVA, 1998, p. 18).

O trabalho chegava a ser substituído pelo rádio em determinados momentos. É nesse sentido que uma moradora daquela região, Firmina, ressalta o aspecto atrativo do rádio:

Quando o rádio chegou aqui por essas bandas foi muito bom, a gente fazia os serviço da casa rapidinho para poder vê as novela do rádio. Quando tava quase na hora, eu mandava chamar as vizinha pra poder vê também, aí nós reunia na frente do rádio e esperava começar. Quando não dava tempo de fazer todo o serviço da casa que tava para ser feito naquele dia, nós largava tudo para depois da novela. Aquela hora da novela para nós era sagrada, a gente largava tudo o que tivesse fazendo para poder sentar na frente do rádio e vê as novela do rádio. Eu e as vizinha também, não tinha nada que segurava a gente quando dava a hora das novela... (*apud* SILVA, 1998).

O rádio também contribuiu para aproximar pessoas, uma vez que quebra com a rotina diária e representa um atrativo para ser ouvido ao lado de um vizinho. Pelo fato do meio rural ser geralmente uma região que não apresenta muitos recursos de entretenimento, a radiodifusão representa, nesse sentido, uma boa alternativa de diversão. E para ouvir um programa no rádio na companhia de um amigo ou uma amiga, andar longas distâncias não representa nenhum problema, como aponta a entrevista realizada por Luzia Silva com Isolina Ribeira (moradora da região do Chapadão):

Antes do rádio chegar aqui, quando entardecia a gente ia para a casa dos vizinhos conversar, nós já não tinha mais nada pra fazer, então ia contá caso. E lá ficava até anoitecer. Eu gostava, mas era a única coisa que tinha para fazer, então com o tempo a gente enjoava e passava um tempo sem ir na casa uns dos outros [...] mas quando o rádio chegou, aí foi uma maravilha, a gente ia direto na casa dos vizinhos vê o rádio, e lá todo mundo dançava, cantava, ria, fazia festa, era muito boa aquela coisa de ver mais vizinho junto, todo mundo cantando caso, rindo era ótimo. Muito diferente daquela coisa de ficar em casa sem ter nada para fazer, ou ir conversar com os vizinhos. O rádio trouxe muita alegria para nós aqui em Chapadão (SILVA, 1998).

A ampla audiência que o rádio em Goiás conquista no seio da população campesina, leva algumas emissoras de Goiás a propor programas semelhantes aos da Rádio Rural, ou seja, programas voltados para a sua formação. Programas com este objetivo aparecem em várias emissoras. Irondes de Moraes dá o exemplo do programa “Vamos Acordar” da rádio Jornal de Inhumas.

O ‘Vamos Acordar’ era um programa feito pelo Lúzio e pelo Manoel. Era uma salada geral. Chamava nome de pessoas, pessoas do campo, recado pro campo, pedidos musicais, orientação, muita coisa da EMATER que ia, passava a orientar o produtor do campo e acontecimentos assim da cidade, onde Goiás era comentado, os dois faziam comentários sobre isso e despertar o pessoal. Despertar não no sentido de acordar, por que quem ouve já tava acordado, mas era uma forma de tá botando o pessoal informado sobre tudo que tava acontecendo. Então nesse programa tinha buzina, tinha polaque, tinha que ter gente pra fazer barulho pra poder simbolizar aquele ‘Vamos Acordar’ (informação verbal)⁴³³.

Na região de Chapadão o rádio chega a ser considerado um professor, reconhecido como tal por seus moradores. Com o auxílio do rádio desenvolvem algumas habilidades que antes eram limitadas pelo cotidiano vivido. É assim que João Ribeiro (*apud* SILVA, 1998) pôde resolver as suas dúvidas de algumas músicas que não conhecia: “[...] foi muito boa para mim a chegada do rádio, porque eu tocava viola, mas não sabia a letra das música, e com o rádio eu ouvia as música e decorava direitinho a letra para poder tocar na viola depois”.

O rádio contribuiu também para uma ampliação do vocabulário daquelas pessoas, como aponta Julieta⁴³⁴: “Esses programas era bão para a gente aprender a falar umas palavra diferente, a gente ouvia, aprendia a palavra e depois falava. Aí nós ficava achando que nós era muito importante, porque aprendia com o rádio a falá palavra difícil”. Enfim, as palavras de Elias Ribeiro⁴³⁵ talvez resumam o que o rádio significou para a população rural de Goiás entre 1950 e 1964, ou seja, segundo ele, o rádio “[...] foi uma escola das melhores do mundo”.

⁴³³ Irondes Moraes, op. cit.

⁴³⁴ *Apud* Silva (1998).

⁴³⁵ *Ibidem*.

Em síntese, o rádio em Goiás identifica-se com o homem do campo. Coloca-se como portador e divulgador de sua cultura. Estabelece neste período uma programação para atender esse público, o que demandou a sua reconfiguração. Daí emerge um elemento novo no rádio em Goiás entre 1950 e 1964: o de ter que se recriar em decorrência da força que representa o movimento do meio rural sobre as emissoras. Por outro lado, diante deste processo, a profissionalização dos radialistas aponta na dianteira. E assim, conhecendo os trâmites internos de uma emissora e o seu público, um profissional poderia elaborar programas que atendessem com precisão os diversos gostos de ouvintes espalhados pelo Estado naquele período. Vejamos esse assunto com mais detalhes no próximo capítulo.

CAPÍTULO III – A CRIAÇÃO E ORGANIZAÇÃO INTERNA DAS EMISSORAS DE RÁDIO

Tudo era devagarinho. Mas deu certo. Porque foi tudo coordenado pelo interesse que havia, depois profissionalizou. Isso tudo foi dando impulso e foi agindo paulatinamente, até que todos tomaram consciência de que era uma profissão séria
(José Cunha Júnior, locutor da rádio Clube de Goiânia)

Cada um de nós devemos abraçar a carreira profissional que abraçou e exercitá-la com todo amor, mas aquele grande amor profissional com a consciência da responsabilidade da profissão que exerce com ética política, acima de tudo ética pra ter, ganhar credibilidade e ser um vitorioso na profissão, porque só amor constrói para a eternidade.
(Juvenal de Barros, locutor da rádio Carajá de Anápolis)

O estágio que esse meio de comunicação atinge nos países mais desenvolvidos e nas principais metrópoles brasileiras naquele período, é motivo para levar o rádio em Goiás a seguir o mesmo caminho. A profissionalização começa a fazer parte dos discursos e de projetos desenvolvidos em emissoras goianas no início de 1950. Radialistas de Goiânia e de Anápolis tomam a dianteira nesta tarefa.

Por esta premissa, este capítulo tem uma razão especial na totalidade da tese. O objetivo aqui é compreender mais detalhadamente a relação entre amadorismo e profissionalismo no rádio em Goiás entre 1950 e 1964. Como o amadorismo expressa-se no rádio? De que modo a profissionalização ocorre na comunicação radiofônica? Como as emissoras organizam-se internamente? Para responder a estas questões me propus a estudar a criação e organização interna das emissoras daquele período.

3.1. Mais amadoristicamente do que profissional: em busca da superação do improviso no rádio.

Ao chegar 1950, Goiás já havia percorrido oito anos de convivência com a radiodifusão. E neste período o estágio que se encontra a tecnologia utilizada no rádio, exige mais do ser humano do que da tecnologia. Apesar dos oito anos de experiência ainda não há uma preocupação generalizada com o trabalho especializado. O indivíduo no interior do rádio desempenha vários papéis, ele é uma espécie de faz tudo. Mas apesar disso é considerado

como um homem do rádio, como observa o radialista Walter Meneses: “A gente nesta época já era tudo, até homem do rádio, né!” (informação verbal)⁴³⁶.

Quem trabalha no rádio não carrega a insígnia de ser radialista. É apenas um indivíduo que também trabalha no rádio: “a profissão não existia. Tinha haver praticamente com aquela história do cara achar bonito falar em rádio. Até pagava pra falar em rádio” (informação verbal)⁴³⁷. Nesta época predomina um rádio que se realiza “mais amadoristicamente do que profissional” (informação verbal)⁴³⁸. O amadorismo é uma necessidade, e mantêm-se como parte do trabalho no rádio, por um lado, pela necessidade de atividades improvisadas⁴³⁹.

Portanto, na falta de profissionais as emissoras sobrevivem pelos esforços improvisados de seus radialistas, como afirma Habib Issa: “Tudo era improvisado⁴⁴⁰. Nós não tínhamos nada, tudo era improvisado. Porque você não sabia o quê que ia acontecer, pô! Tudo era improvisado” (informação verbal)⁴⁴¹. A concepção de erro e acerto nesta época é praticamente inexistente no rádio. Um equívoco ao anunciar o nome de uma música, falar de forma desajeitada diante do microfone, deixar a emissora em silêncio por alguns instantes, é motivo de diversão entre os radialistas⁴⁴².

José Cunha Júnior, que acompanhou os primeiros passos do rádio em Goiás na década de 1940, observa que por intermédio de improvisos diários nesta época é que foram aprendendo a dominar uma ou outra atividade: “Tinha os técnicos. Que começaram como operadores de rádio, tudo, depois, foram servir de técnicos. Aí que deu maior consistência e deu mesmo razão de ser da nova categoria que surgia, da nova atividade” (informação verbal)⁴⁴³.

⁴³⁶ Walter Meneses, op. cit.

⁴³⁷ Aranha Araújo, op. cit.

⁴³⁸ Juvenal de Barros, op. cit.

⁴³⁹ Isso inclui as emissoras existentes até então: rádio Clube de Goiânia, Xavantes de Ipameri, Carajá de Anápolis e Clube de Buriti Alegre

⁴⁴⁰ Entendo o improvisado como uma ação que se realiza sem um planejamento prévio, pautada pela possibilidade do erro, do inesperado.

⁴⁴¹ Habib Issa, op. cit.

⁴⁴² Sílvio Medeiros ficou famoso com os erros que cometeu em seus programas: “Eu lembro de um fora que eu dei terrível. Até hoje tem amigo que lembra disso né! Tinha uma música americana muito famosa na época com Pet Bund. Pet Bund cantava a música. _ Então vamos ouvir com Pet Bund a música Bernadine. Porque o pessoal diz que o “i” em inglês é “ai” né! Mas nesse caso aqui é Bernadine mesmo. _ Aí Pet Bund entrou cantando, ô, ô Bernadaine, ô, ô, Bernadaine. Aí eu saí do microfone, voltei mais não. Falei pro diretor. Olha vou pra casa. Ao invés de dizer Bernadaine. Mas é gozado”.

⁴⁴³ Cunha Júnior, op. cit. 2006.

Na falta de uma pessoa para manter a emissora funcionando o gestor da rádio Clube⁴⁴⁴, por exemplo, recorria a alguém conhecido, geralmente pessoas que faziam a faxina da emissora ou ficavam ali nas proximidades, a exemplo de Walter Meneses. Ele recebe o convite para ser locutor da emissora, de alguém conhecido e também por ser alguém popular na cidade de Goiânia.

Eu comecei a trabalhar no jornal *O Popular*, na parte de limpeza, Office Boy. Foi ali que comecei a entrar em conhecimento com essas pessoas do rádio. E lá no *O Popular* cheguei a ser também uma espécie de ‘repórter’, entre aspas, né! Porque eu pegava notícia na rua e levava para os redatores. Mas, naquela época, aqui, as pessoas que tinham algum arrojo, alguma coisa, sempre tinha alguma facilidade nessa área da comunicação (informação verbal)⁴⁴⁵.

Sílvio Medeiros é outro exemplo. Naquela época era ainda criança e gostava de acompanhar diariamente o trabalho dos locutores da rádio Clube. Ele observa que não havia nenhum segredo ou alguma exigência especial para falar diante do microfone. E ainda na década de 1940, consegue integrar o grupo de radialistas desta emissora.

Eu sapiava, ficava rodeando lá. Ficava imitando os locutores [...] Lá tinha o Cunha Júnior, tinha o pessoal que me conhecia, tinha o Belchior, muito conhecido da gente, muito amigo da gente. E um dia faltou um locutor e eles falaram: - Ó, tá faltando um locutor aí, cê podia pegar essa brecha aí. Aí eu peguei e comecei a falar (informação verbal)⁴⁴⁶.

É desta maneira que pessoas foram se reunindo em torno da comunicação radiofônica em Goiás. As palavras de José Cunha Júnior resume a situação da radiodifusão deste Estado naquela época.

Muita coisa tinha que ser estudada pra depois ser discutido e apresentado. Era o que mais interessava dentro da categoria. Mas muita coisa foi descoberta. Porque muitas pessoas começou a trabalhar disciplinadamente em algo que não existia aqui. Não tinha semelhança. Tudo tinha que ser feito com base num trabalho novo. Formação inédita. E aí foi com o tempo, todo mundo foi se aperfeiçoando, principalmente pelo posto que havia da classe pra galgar uma nova posição. Aí o assunto tornou-se muito mais fácil. Foi fácil pra quem viesse iniciar na atividade. E nós tivemos a satisfação de fazer em primeiro plano, em primeiro lugar pra servir de exemplo para os outros (informação verbal)⁴⁴⁷.

⁴⁴⁴ Destaco Francisco Pimenta Neto como uma personagem importante neste período, considerado por muitos como o pai da radiofonia goiana, “[...] por ter ensinado muita gente a fazer rádio, numa época em que se fazia rádio com mais seriedade e amor” (JORNAL DA AGI, 2003, p. 2).

⁴⁴⁵ Walter Meneses, op. cit.

⁴⁴⁶ Sílvio Medeiros, op. cit., 2004.

⁴⁴⁷ José Cunha Júnior, op. cit., 2006.

Com oito anos de experiência, as emissoras de Goiânia e de Anápolis conseguem vencer algumas barreiras e dar alguns passos adiante, com o desenvolvimento de uma determinada cultura do rádio. Assim, no decorrer da década de 1950, mudanças significativas ocorrem no aspecto amadorístico no rádio destas duas cidades.

3.2. A relação entre amadorismo e profissionalismo no rádio em Goiânia e Anápolis.

A RBC dá o ponta pé inicial no processo de profissionalização do rádio em Goiás. Sua primeira equipe é planejada, selecionada. É integrada em sua maior parte por indivíduos com experiência em outras emissoras. Segundo Sílvio Medeiros “em 1950 apareceu um anúncio no jornal: - Precisamos de locutores profissionais para o rádio em uma nova emissora que está surgindo, a rádio Brasil Central” (informação verbal)⁴⁴⁸. Medeiros trabalha na rádio Clube nesta época, e resolve participar do concurso. É selecionado entre dezenas de candidatos sendo admitido “[...] como profissional realmente, fazendo parte do quadro da Brasil Central⁴⁴⁹. Aí minha vida cresceu, desenvolveu...” (informação verbal)⁴⁵⁰.

Apesar dos inúmeros candidatos, encontrar profissionais em Goiás para o rádio não é nada fácil, quase uma impossibilidade. O campo profissional radiofônico, ainda em formação, pauta por uma realidade em que são poucas as pessoas com habilidades voltadas para o rádio. De acordo com José Cunha Júnior: “[...] eram pouquíssimos, porque nós estávamos aprendendo” (informação verbal)⁴⁵¹.

Como tentativa de resolver este problema os diretores da RBC inovam tornando-se pioneiros no processo de formação profissional. Criam o programa “[...] ‘Rádio Oportunidades R.B.C.’, programa êsse que oferece oportunidades a candidatos que desejam ingressar na carreira radiofônica” (A NOTÍCIA, 9 abr. 1950). Aparecem muitos interessados, a maioria deles sendo crianças e jovens.

Neste programa o indivíduo aprende a dominar atividades específicas do rádio. Por outro lado, este programa impôs uma exigência aos próprios radialistas da emissora: a reflexão e formalização do que é ou não mais importante no trabalho em uma emissora de rádio. O programa é um sucesso. Com o tempo alguns indivíduos começam a se destacar. Podemos citar o exemplo de Hugo Wacheck desta primeira turma do “Rádio Oportunidades

⁴⁴⁸ Sílvio Medeiros, op. cit., 2011.

⁴⁴⁹ Sílvio Medeiros talvez tenha sido aquele que mais criou programas de rádio em Goiás. Vejamos alguns: pela RBC: Vespéral de Alegria (1955); A Noite tudo Encobre (1955); Festival RBC (1955); No Degrau da Fama (1955); Rádio Oportunidades (1955); Festival SM (1961); Quando os Seresteiros se Encontram (1955); Radiolândia (1958); Alô Ouvinte (1956); O Tango e a Poesia (1955).

⁴⁵⁰ Sílvio Medeiros, op. cit., 2011.

⁴⁵¹ José Cunha Júnior, op. cit. 2006.

RBC”. Nesta época ele ainda é criança, mas já vislumbra um futuro no meio radiofônico. Especializa-se na leitura de jornais falados (*NOVA CAPITAL*, 29 set. 1955), e posteriormente tornar-se referência em Goiânia neste tipo de programa.

Na mesma época, Elídia Simonetti começa a fazer algo semelhante pela rádio Carajá de Anápolis. Por volta de 1952, propõe ensinar crianças para atuar como atores e atrizes de radionovela nesta emissora através do programa “novelinha infantil”. Recebe o apoio de Juvenal de Barros e conseguem formar uma equipe bem treinada. As outras áreas da emissora não sofrem tantas mudanças até meados de 1950.

Segundo Fernando Cunha Júnior, locutor desta, no início da década de 1950 o processo para encontrar um indivíduo para a equipe da emissora não era complicado, “[...] era um processo assim, simples. A gente buscava as pessoas que tivesse vontade de fazer” (informação verbal)⁴⁵². Nesta época, aqueles que se habilitam ao trabalho aprende o que fazer através de atividades cotidianas.

Para Iron Junqueira o predomínio do amadorismo no rádio em Goiás é sinônimo de insegurança. É uma época em que estão começando uma nova atividade. Naturalmente que as dúvidas são frequentes. Contudo, com as experiências diárias desenvolvem uma noção sobre o que é bom ou ruim para o rádio.

Como a gente já tinha aquela filiação e dentro de uma certa ética, a gente já sabia antigamente tudo que era bom e o que não era. Porque a gente avaliava o ouvinte pelo que a gente gostava ou não gostava. Por exemplo: tinha muita coisa nas emissoras locais com questões pessoais (informação verbal)⁴⁵³.

Após cinco anos de trabalhos ininterruptos realizados pelas emissoras em Goiás na década de 1950, surge a rádio Anhanguera em Goiânia que coloca definitivamente em evidência a necessidade de profissionais no rádio. O redator do jornal *Nova Capital* (20 ago. 1955) faz questão de enfatizar que a emissora contratou “[...] redatores, técnicos, locutores, lindas radio-atrizes e locutoras” para a sua primeira equipe. Informam também que, semelhante ao que já estava fazendo a RBC e a Carajá de Anápolis, criam um programa para formar profissionais. Neste período a necessidade de indivíduos especializados em determinada área do rádio ainda é uma realidade.

Por este motivo os diretores da emissora resolvem montar sua primeira equipe com profissionais de outros estados.

⁴⁵² Fernando Cunha Júnior, op. cit.

⁴⁵³ Iron Junqueira, op. cit.

Essa rádio, o doutor Manoel Martins era de Uberlândia, e ele que trouxe de lá vários radialistas, sabe! Trouxe de lá Moraes César, trouxe Fox Medeiros Neto, veio daquela região; vários radialistas vieram de lá. Mas o Moraes César foi o que mais projetou dele (informação verbal)⁴⁵⁴.

Entre 1955 e 1964 as emissoras de Anápolis também optam pela contratação de radialistas de outros estados para melhorar sua equipe. Contam, assim, com a contribuição de “radialistas profissionais que realmente aprenderam a fazer um rádio sério lá nos grandes centros, né! E os que saíam pra cá eles traziam aquele cacife, aquela experiência” (informação verbal)⁴⁵⁵.

Naquele ano cresce o interesse de radialistas pela profissionalização do rádio. A Philips⁴⁵⁶, com uma representação em São Paulo, presta o seu apoio. Vários indivíduos que residem em Goiânia vão participar de cursos técnicos naquela entidade. Muitos retornam praticamente contratados, a exemplo de Gerson Guimarães: “Com a saída de Orlando Consorte do departamento técnico da RBC, entrou em cena um rapaz novo com diploma da ‘Philips’⁴⁵⁷ de nome Gerson Guimarães” (*NOVA CAPITAL*, 28 ago. 1955).

Nesta época as emissoras aumentam as exigências para a seleção de candidatos, priorizando indivíduos com habilidades especializadas em determinada área do rádio: “Então você tinha que ter um conhecimento, você tinha que ter voz, você tinha que ter cursos de como falar, interpretação, pronunciar as palavras, essa coisa toda, existia essa preocupação” (informação verbal)⁴⁵⁸.

Baltazar de Castro, que dedica à crônica esportiva no rádio, afirma em depoimento concedido à Associação Goiana de Imprensa que em 1955 os dirigentes da RBC delegam a ele o encargo de fazer testes com os indivíduos que estão em vias de serem contratados: “[...] Não só de português, mas também de inglês e de francês. Aquele que não conseguisse a aprovação não poderia falar no microfone” (*apud* AGI, 1980, p. 125).

Com o decorrer dos anos as especificidades do processo de profissionalização do rádio são cada vez mais evidenciadas. Os radialistas passam a refletir sobre o modo de operação das especialidades. A padronização do trabalho radiofônico toma força em Goiânia.

⁴⁵⁴ Walter Meneses, op. cit.

⁴⁵⁵ Iron Junqueira, op. cit.

⁴⁵⁶ Além do contato com emissoras de outros Estados através dos receptores, havia no Brasil a Revista do Rádio, editada no Rio de Janeiro pelo escritor brasileiro Anselmo Domingos e distribuída nacionalmente entre os períodos de 1948 a 1970. A revista é distribuída semanalmente em 1950 e aborda as especificidades do interior das grandes emissoras. É considerada a segunda revista mais lida nesta época, atrás da revista O Cruzeiro, o que demonstra que é um meio de conhecer o rádio das grandes metrópoles.

⁴⁵⁷ Em 1956 um grupo de radialistas da RBC foi fazer um curso de aperfeiçoamento nesta mesma instituição (*DIÁRIO DA TARDE*, 27 jul. 1956).

⁴⁵⁸ Walter Pureza. Arquivo disponibilizado por Diego Joaquim, integrante da Igreja Católica, Goiânia, 2007.

A atividade em uma emissora assume um caráter de seriedade e a concepção que a associava ao lúdico vai sendo superada: “Mas deu certo. Porque foi tudo coordenado pelo interesse que havia. Depois profissionalizou. Isso tudo foi dando impulso e foi agindo paulatinamente até que todos tomaram consciência de que era uma profissão séria” (informação verbal)⁴⁵⁹.

A rádio Clube sofre com o avanço profissional das concorrentes (RBC e Anhanguera) e seus radialistas são criticados.

O programa social apresentado pela Rádio Clube diariamente é algo de péssimo. O rapaz para jornal escreve muito bem, mas para falar no Rádio é horrível [...] o programa é bem feito, mas muito mal falado. O cronista deveria somente escrever e colocar um locutor para apresentar o seu programa. Só assim, poderia agradecer (*NOVA CAPITAL*, 29 set. 1955).

Este mesmo Jornal provoca um alvoroço no meio radiofônico em Goiânia ao publicar uma coluna com os melhores radialistas do ano. Recebe várias críticas dos próprios “profissionais” do rádio, pelo fato de defenderem a ideia de que os nomes que aparecem na lista não serem condizentes com a realidade. Esta publicação ocorre em 31 de dezembro de 1955 e enfatizam aqueles que se destacam em determinadas especialidades. A lista foi a seguinte: melhores locutores esportivos: José Cunha Júnior e Luiz Rótoli; radioatores: Sélem Domingos e Taufic Sebba; radioatrizes: Lívia Orsine, Maria Helena e Lilian May; narrador: Carneiro Filho; locutor comercial: Hugo Wacheck e animador de auditório: Jeovah Baylão.

No ano seguinte Luiz Augusto destaca-se na locução esportiva. Consegue desenvolver esta habilidade através do projeto de formação de locutores da rádio Anhanguera: “Pouca gente acreditava no Luiz Augusto, como locutor esportivo. Acontece que êle cresceu de tal maneira que hoje pode ser considerado nº 1, na especialidade” (*DIÁRIO DA TARDE*, 7 nov. 1956).

Embora o profissionalismo esteja crescendo nesta época, Luiz Carlos Pimenta disse em entrevista ao *Diário da Tarde* em 1956, que o rádio em Goiás ainda está em formação. Mas já apresenta elementos das grandes emissoras do país. Do seu ponto de vista, estão “[...] construindo alguma coisa para o futuro. E pode crer que estamos trabalhando com alma, com o coração” (*DIÁRIO DA TARDE*, 8 ago. 1956). De acordo com Habib Issa, em Anápolis “[...] foi um começo assim, porque a gente não tinha ainda uma experiência, né! E aí, com o tempo, a gente foi ganhando essa experiência e eu passei a fazer esporte na rádio Carajá de Anápolis” (informação verbal)⁴⁶⁰.

⁴⁵⁹ José Cunha Júnior, op. cit., 2006.

⁴⁶⁰ Habib Issa, op. cit.

Neste momento não existem instituições em Goiás para dar um suporte ao rádio. Para aprender alguma atividade que seja voltada para a radiodifusão o indivíduo tem à sua disposição os programas da RBC, da Anhanguera e da Carajá de Anápolis, ou então, é preciso se deslocar para São Paulo ou Rio de Janeiro. De acordo com Sílvio Medeiros:

Naquele tempo não tinha universidade de comunicação, de jornalismo, não tinha nada disso. Aquilo ali a gente gostava de fazer, tomava amor pela coisa e fazia. Na época do Juscelino Kubistchek, o presidente da república, é que ele baixou um decreto que todo profissional que tivesse 10 anos de carreira, passaria a ser considerado jornalista, né! Homem de imprensa. Aí eu passei a ser jornalista no governo do Juscelino Kubitschek, nos direitos de trabalhistas e de jornalistas (informação verbal)⁴⁶¹.

A área técnica voltada para a montagem e reparos de equipamentos desenvolve-se com mais rapidez. Talvez por exigir mais trabalho e esforços cotidianos para resolver os constantes problemas que interrompem as transmissões das emissoras. Neste ponto, as emissoras de Anápolis e de Goiânia são bem auxiliadas. Em Goiânia, há o Bezinho e em Anápolis Zé Vilarinho, o Juquita⁴⁶². Apesar de Bezinho estar mais ligado à rádio Difusora presta serviços às outras quando necessitam. Esses dois são também responsáveis pela manutenção e reparo técnico de emissoras no interior de Goiás.

Em 1956, o amadorismo ainda aparece como preocupação para as emissoras de Goiânia e de Anápolis.

O rádio goiano, como no resto do Brasil, tem ainda muitas falhas a serem sanadas. Muitas delas prendem-se a questões técnicas, mas, o principal vem do material humano, pròpriamente dito. Temos elementos dentro da nossa radiofonia muito ‘verdes’ ainda para desempenhar difíceis missões dentro do rádio. Carecem, certos elementos, de maior preparo gramatical, que lhes possa equilibrar as qualidades (*DIÁRIO DA TARDE*, 7 nov. 1956).

Essas questões técnicas e de formação do radialista são diariamente discutidas em colunas de jornais. O período é de efervescência no campo radiofônico pela superação do amadorismo. Os erros cometidos pelos radialistas são diariamente analisados. A cada dia que passa cresce a necessidade de diminuir os equívocos e deslizos no processo comunicacional pelo rádio. E neste contexto, emissoras que surgem sofrem ainda mais. São constringidas a atentarem para as conquistas do rádio no campo da profissionalização.

⁴⁶¹ Sílvio Medeiros, op. cit., 2004.

⁴⁶² Tomaz Rótoli, de Goiânia, é outro técnico muito conhecido na época. Atuava pela rádio Clube de Goiânia. Em Anápolis, havia Luiz Silva e Osmar Vieira Ribeiro. Este último aprendeu eletrônicas em escolas de São Paulo.

A rádio Difusora de Goiânia, por exemplo, é deveras criticada em seu primeiro ano de atividade. Em uma das críticas que recebe o alvo é o seu comentarista de crônica esportiva: “O Comentarista da Difusora, sem tarimba e nos nascedouro da crítica, não foi feliz. – É bom que êle saiba respeitar a ética e a boa linguagem de uma crônica especializada” (*DIÁRIO DA TARDE*, 5 abr. 1957). Walter Pureza, locutor desta emissora, relata que “outras deficiências da época eram suprimidas com o espírito de corpo, digamos assim, espírito de equipe. E as pessoas se desdobravam, se empenhavam muito. E assim eram superadas as dificuldades, as vulnerabilidades daquele tempo” (informação verbal)⁴⁶³.

Os debates continuam clamando pelo aprimoramento do rádio. Isso acaba atingindo outros meios de comunicação, a exemplo dos jornais.

Há tempo venho observando a ganância cada vez mais acentuada de alguns que escrevem em jornais de Goiânia, não dizendo dos redatores radiofônicos: seja por endossarem falsas notícias, seja por polemizarem amiúde em termos indignificantes assuntos pueris, ou pela maneira como noticiam ou apresentam suas ideias sem desprezarem os eternos chavões ou lugares-comuns, usando abusivamente de gírias, estrangeirismos e dando boa acolhida às invencionices literárias para gáudio dos despreocupados dos salões (*O POPULAR*, 13 jul. 1958).

Na sequência desta matéria o editor chama a atenção para questões presentes na RBC, rádio Anhanguera, rádio Clube de Goiânia e rádio Carajá de Anápolis. No jornal falado, por exemplo, dirigem suas críticas à indecisão de um dos bons locutores do rádio em Goiás, Jorge Abrão, ao fazer a leitura de nomes estrangeiros. Criticam também a falta de capital cultural de seu companheiro Ivo de Melo para comentar informações no programa “O Mundo em Sua Casa”. No campo da locução esportiva Luiz Augusto é apontado como um dos fenômenos goianos. O problema é que utiliza uma linguagem popular.

Causa dó aos ouvintes os atuais noticiários que são lidos no radio goiano. A redação é lamentável e muito pior ainda a locução. Não há padronização e locutores lêem inglês por francês, português por nagoa e assim por diante. Quem ouve noticiário radiofônico de um modo geral são pessoas de certo nível intelectual, portanto merecem um melhor apreço por parte dos redatores e locutores de noticiários. Por favor, revisem as notícias e passem as vistas antes de fazê-las chegar até o nosso receptor (*JORNAL DE NOTÍCIAS*, 9 jan. 1959).

É somente em 1961 que emissoras de Goiânia e de Anápolis recebem o primeiro apoio de uma instituição goiana para contribuir com a profissionalização dos programas noticiosos. A iniciativa é uma proposta de Geraldo Vale, que neste momento concorre à

⁴⁶³ Hélio Rocha. Arquivo disponibilizado por Diego Joaquim, integrante da Igreja Católica, Goiânia, 2007.

direção da AGI. No seu plano de governo apresenta um projeto para a criação de um curso de jornalismo no Estado, mas não é aprovado pelo governo federal. Apesar desta oposição em julho daquele ano a AGI, por conta própria, preside a criação de um curso de jornalismo no Estado. O curso é inaugurado com uma conferência do famoso jornalista Silveira Peixoto.

Foi ouvido até perto das 22,40 horas, por uma assistência composta das maiores expressões da intelectualidade goiana. O Curso de jornalismo ontem inaugurado funcionará regularmente a partir desta semana e tem o objetivo de formar profissionais para a atividade da imprensa (*O POPULAR*, 9 jul. 1961).

Este curso de jornalismo veio a contribuir com o aprimoramento da esfera noticiosa do rádio em Goiânia e em Anápolis. Ele representa, desta forma, a concretização da motivação que os radialistas buscaram no percurso dos anos 50, ou seja, um instrumento para a profissionalização do rádio. A relação de Jackson Abrão com a radiodifusão é um exemplo de que as emissoras chegam em 1964 colocando a especialidade no rádio como prioridade.

Em sua juventude ele portava uma voz aguda e permaneceu assim até o rádio aparecer em sua vida. No início da década de 1960, é convidado para fazer gravações de programas na RBC. E neste momento ocorre um fato que marcaria a sua vida. Vejamos o que ele revela:

Naquela época eu tinha um processo de transição na minha vida. Eu tinha uma voz grossa e uma voz fina. Só que a voz que eu utilizava no cotidiano era a voz fina. Eu só sei que me deram ‘O Mundo em Sua Casa’⁴⁶⁴ pra eu gravar, e ali, um noticiário de meia hora. Quando eu comecei a falar, eu percebi o espanto das pessoas. Quer dizer, ninguém esperava que sáísse aquilo que saiu. Que é essa voz que eu tenho (informação verbal)⁴⁶⁵.

O fato de a voz grave chamar atenção de pessoas leva-o a utilizá-la também no cotidiano. Com o passar dos dias a sua voz natural desaparece e passa então a ter a voz grave como parte integrante de sua vida. Esta experiência de Jackson Abrão é parte de um fenômeno que se fortalecia no rádio na época, ou seja, o fato de exigirem um determinado padrão de voz dos radialistas. E esse processo é evidenciado com mais clareza em emissoras de Goiânia e de Anápolis. E o rádio no interior de Goiás, como se dá a relação entre amadorismo e profissionalismo?

⁴⁶⁴ É um dos programas de maior audiência da RBC nas duas primeiras décadas de sua existência.

⁴⁶⁵ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

3.3. A relação entre amadorismo e profissionalismo no rádio do interior de Goiás.

De 1955 em diante, ocorre um crescimento acelerado de emissoras de rádio em Goiás. Entre aquele ano e 1964 são fundadas 14 emissoras, sendo 9 delas em cidades do interior, duas em Goiânia e três em Anápolis. Goiânia e Anápolis somam juntas oito unidades e o interior de Goiás 11. A questão é que enquanto o rádio em Goiânia e em Anápolis já havia percorrido alguns anos de experiência e superado muitos problemas relacionados ao amadorismo, o rádio no interior começa a dar os seus primeiros passos nesta direção.

A rádio Xavantes e a Clube de Buriti Alegre são as únicas que foram fundadas na década de 1940. Apesar da experiência que trazem consigo não conseguem avançar no campo profissional. A Xavantes talvez tenha dado um passo à frente das outras, pois é a única do interior que dispõe de um técnico, Luiz Otelo. No entanto, internamente não se diferencia das demais.

Já emissoras de outras cidades têm em comum a falta de técnicos. Como vimos no capítulo anterior a tecnologia utilizada na montagem de um rádio nesta época é destituída de precisão, tanto no que diz respeito à manutenção de seus aparelhos quanto na qualidade do som transmitido. E sem um técnico as dificuldades são maiores. Este é o caso da Difusora de Rio Verde.

Uma das dificuldades que nós tínhamos era especialmente a dificuldade técnica, porque as mesas de som na época estragavam muito, e aí, nós não tínhamos, na época, profissionais na região que pudessem mexer com tais mesas, eletrotécnicos, aí eles tinham que vir de Uberlândia (informação verbal)⁴⁶⁶.

Neste contexto não há alternativa senão buscar por um técnico em outra cidade. É um processo que percorre vários dias tendo em vista as difíceis vias de acesso existentes na época. A situação vivida pela Cultura de Catalão é um exemplo do que acontecia com as outras emissoras.

Os técnicos que vinham trabalhar aqui era de Araguari, nós íamos lá em Araguari buscar técnico. A emissora ficava fora do ar dois, três dias às vezes. E o povo na rua cobrando:
- E a rádio?
Impressionante! Emissora do interior era muita dificuldade... (informação verbal)⁴⁶⁷.

⁴⁶⁶ Durley Montalvão, op. cit.

⁴⁶⁷ Walter Cançado, op. cit.

Esta é uma prática comum na década de 1950, mas continua se repetindo até 1964. Na falta de um técnico, portanto, os radialistas recorrem ao improviso. Este é também um dos causadores do estado amador do rádio neste Estado, a exemplo da rádio Clube de Buriti Alegre, que em todo aquele período, seus radialistas continuaram atuando “dentro do padrão amador. Tudo era custoso, tudo era difícil” (informação verbal)⁴⁶⁸. Em Ceres, de acordo com Porátio: “naquele tempo, o rádio era difícil de fazer, mas se fazia rádio. Era como se fazia rádio naturalmente. Um tipo artesanal, mas era muito bom, era gratificante” (informação verbal)⁴⁶⁹. Luiz Braz, referindo-se ao rádio em Rio Verde afirma que:

Era quase tudo de improviso. Inclusive, há um caso interessante de um amigo nosso aí que, muito curioso, mas de instrução muito limitada, ele fazia um programa lá e...

- Atenção senhores ouvintes, para a hora certa... Uai qual foi o filho da puta que tirou o relógio daqui?

Isso no ar. No ar. Oswaldo Maia Assunção (informação verbal)⁴⁷⁰.

O improviso nas emissoras do interior esbarra-se na falta de profissionais. Fundar uma emissora é sinônimo de muitas dificuldades. O radialista precisa desempenhar praticamente todas as atividades nos bastidores do rádio. Radivair Miranda⁴⁷¹ relata que ao ser contratado pela Difusora de Itumbiara, “[...] fazia de tudo na rádio. Já redigi texto, gravava propaganda, fazia locução, fazia redação, apresentava noticiário, fazia de tudo” (informação verbal)⁴⁷². Arnaldo Oliveira, referindo-se à organização da rádio Educadora de Goiandira naquele período observa: “A gente que trabalhava lá, que fazia de tudo lá. Ali cê era sonoplasta, cê era locutor, cê fazia programação, a programação cê que preparava tudo, e daí por diante... cê que ia no transmissor, ficava perto, cê ligava e desligava” (informação verbal)⁴⁷³.

Manter uma emissora no ar não é uma tarefa nada fácil. Por isso dependem do auxílio de pessoas que se propõem a ajudar. E nesse sentido, basta o indivíduo ter ânimo para tornar-se um radialista. Não é necessário saber o trabalho no rádio. Os primeiros radialistas que integraram a Difusora de Rio Verde, por exemplo, eram pessoas destituídas de conhecimento sobre rádio.

⁴⁶⁸ Eduardo Ferreira, op. cit.

⁴⁶⁹ Porátio, op. cit.

⁴⁷⁰ Luiz Braz, op. cit.

⁴⁷¹ Op. cit.

⁴⁷² Radivair Miranda, op. cit.

⁴⁷³ Arnaldo Oliveira, op. cit.

É bom dizer que até aí não tinha ninguém profissional do rádio. Todos nós fomos forjados, meio que na marra, lá em Rio Verde, sem a orientação de quem viesse de fora. Às vezes éramos chamados à atenção pelo seu Geraldo Ladeira, que era o dono. Esse sim morava em Uberlândia, em um centro mais evoluído e às vezes nos corrigia, ou nos dava alguma luz, mas muito raro. Fora disso, a gente recebia críticas construtivas e críticas também que nos derrubava. E aí a gente procurava melhorar dentro do possível de cada um e o interesse de cada um (informação verbal)⁴⁷⁴.

Com as experiências diárias estabelecem parâmetros comportamentais: um jeito determinado de falar ao microfone, o cuidado com as palavras, músicas que devem ser veiculadas etc. Aos poucos vão criando normas e regras que podem garantir o bom funcionamento da emissora. Assim, uma vez estabelecidas são repassadas para outras pessoas. Henrique Miranda, que se torna um dos nomes expressivos da radiofonia em Rio Verde, aprende a profissão com um de seus companheiros que já atuava na emissora. Em entrevista, Paulo Nunes afirma ter ensinado algumas coisas a ele.

O Henrique Miranda gostava muito, ia lá, não saía de lá...
- Eu quero aprender, mas não tem mais espaço...
Foi até que eu falei:
- Eu vou te ensinar!
O modo de dizer.
- Então sinta aí!
Começou como sonoplasta, ou seja, técnico de som (informação verbal)⁴⁷⁵.

Glorinha Salgado, locutora da rádio Alvorada de Rialma, ressalta que naquela época não havia ninguém para passar as orientações do trabalho a ela: “Porque hoje os programas são todos elaborados. Você tem ali um produtor, você tem mil e uma pessoa que te passa a notícia, que te dá a notícia. Naquele tempo não, você buscava” (informação verbal)⁴⁷⁶.

Além da falta de profissionais Radivair Miranda ressalta que o imprevisto apresentava-se como algo normal neste contexto pelo fato de que as emissoras eram limitadas tecnicamente.

Era muito difícil na época. Você não tinha um gravador, não tinha um rádio, não tinha material técnico nenhum. Você tinha que fazer tudo de imprevisto tudo mais. Então, a gente tinha essas dificuldades na época, e que era normal. Comparado com hoje não, hoje nós temos todos recursos técnicos. Na época não tinha. Fazer o trabalho numa rádio não era brincadeira não (informação verbal)⁴⁷⁷.

⁴⁷⁴ Durley Montalvão, op. cit.

⁴⁷⁵ Paulo Nunes, op. cit.

⁴⁷⁶ Glorinha Salgado, op. cit.

⁴⁷⁷ Radivair Miranda, op. cit.

Apesar das dificuldades enfrentadas por emissoras do interior neste período, boa parte delas busca profissionalizar-se. Isso veio a ocorrer de forma mais intensa somente em 1960. A questão é que neste período o rádio em Goiás já não é mais o mesmo que iniciou a década de 1950. Muitas coisas haviam sido conquistadas por emissoras de Goiânia e de Anápolis no campo profissional. E isso acabou resvalando no rádio do interior entre 1960 e 1964.

Na rádio Morrinhos, por exemplo, tentam imitar o que fazem as grandes emissoras: “Eu tinha um companheiro, que começou comigo, mas ele queria fazer um rádio muito técnico, tipo aqueles que eles usavam no Rio, São Paulo. Eu dava uma notícia e ele vinha com outra, e eu com outra, alternando” (informação verbal)⁴⁷⁸.

Neste período, a falta de pessoas para trabalhar no rádio, por exemplo, é coisa do passado. Nesse sentido, a amizade já não é mais o elemento definidor para um indivíduo ingressar na carreira de radialista como foi na década anterior. O rádio chama a atenção e representa um caminho interessante para quem está desempregado. Antônio Edson, locutor da Difusora de Rio Verde, afirma que naquela época buscava por um emprego e vê no rádio uma boa oportunidade, pois acreditava “que fosse interessante começar uma carreira e que fosse fácil ganhar um bom salário”.

Neste contexto, bastava veicular a informação de que estavam precisando de alguém para ocupar um cargo na emissora que apareciam dezenas de candidatos. Com isso, até as emissoras passam a selecionar seus funcionários através de concursos. Duarte Martins, locutor da rádio Difusora de Jataí, relata que o concurso foi o meio pelo qual integrou a equipe desta emissora. Após a seleção, no entanto, teve ainda que passar por um período de adaptação.

Um período de três meses, pra ver se ficava ou não. Tinha época que às vezes você ficava fazendo só teste internamente, gravando. De vez em quando você entrava no ar, na programação de um determinado locutor, fazia um *flash*, lia um texto junto com o locutor que tava no horário. Você nunca entrava e pegava um programa pra fazer até você pegar aquela tarimba pra você ficar sozinho. Aí, depois, você assumia o horário (informação verbal)⁴⁷⁹.

O diretor desta emissora, Zacarias Faleiros, relata que as dificuldades técnicas são questões que impõem limites para avançarem no campo profissional. Neste contexto a falta de profissionais e um campo bem delimitado em parâmetros cientificamente elaborado no interior das emissoras, impõe aos radialistas a tarefa de aprenderem o trabalho por conta

⁴⁷⁸ Glênio Borges, op. cit.

⁴⁷⁹ Duarte Martins, op. cit.

própria: “Uma coisa interessante que tinha naquela época é que a gente, além de não conhecer nada, a gente foi aprendendo. Então de vez em quando vinha alguém de Goiânia pra nos ajudar aí na rádio Difusora principalmente na parte técnica” (informação verbal)⁴⁸⁰. Além disso, até que tentam aprender alguma coisa por correspondência em cursos concedidos pelo Instituto Monitor de Rádio⁴⁸¹ de São Paulo. É também uma tentativa que ele fez para melhorar a qualidade técnica de seus radialistas.

E no mais foi assim, por força de vontade mesmo que a gente foi aprendendo, no dia a dia. Porque realmente o rádio é uma escola, tanto que foi uma escola para mim e por todos aqueles que passaram pela rádio. Ainda estão na área hoje aproveitando porque eles tão em uma escola de aprendizagem. Então a gente formou muitas pessoas aí (informação verbal)⁴⁸².

O rádio no interior de Goiás converte-se neste ambiente em uma escola de formação profissional para as emissoras de Goiânia e de Anápolis. A questão é que estas últimas são as mais potentes e de maior audiência do Estado e, por este motivo, são desejadas. Em praticamente todas as emissoras interioranas há casos de radialistas que foram contratados por emissoras destas duas cidades. Duarte Martins apresenta alguns dados da Difusora de Jataí.

Jataí, daquela época pra cá, ela foi um celeiro de locutores que formavam daqui pra ir pra fora. Pra Goiânia, nós tivemos locutores vários que saíram daqui e foram pra Goiânia trabalhar em emissoras de rádio. Tivemos gente que saiu daqui e foi trabalhar em São Paulo. Um é o caso daquele rapaz que eu te falei, o Epaminondas. Ele trabalhava numa rádio lá no ABC paulista. Cara muito bom... (Informação verbal)⁴⁸³.

Alguns alcançam sucesso nacional, como Caion Gadia que teve seu primeiro contato com o rádio através da Jornal de Inhumas. Posteriormente ele é contratado pela Difusora de Goiânia. “Na Difusora ele passou a ser também produtor musical. Foi pra São Paulo, morreu agora ano passado, salvo engano, como diretor musical do SBT” (informação verbal)⁴⁸⁴. O proprietário desta emissora cita ainda outros nomes.

A gente formava pessoas e eles iam pra Goiânia. Lá nós formamos bons profissionais como Caion Gadia, que foi parar lá em São Paulo; o Eurípedes

⁴⁸⁰ Zacarias Faleiros, op. cit.

⁴⁸¹ Na época é conhecido por Instituto Radiotécnico Monitor, fundado pelo Húngaro Nicolás Goldberger em São Paulo no ano de 1939. Considerado um dos pioneiros no Brasil no ensino a distância. Segundo Marques (2004) “em 1947 o Senac, junto com o Sesc e com a colaboração de emissoras associadas, criou a Universidade do Ar, em São Paulo. O objetivo era oferecer cursos comerciais radiofônicos. Na década de 1950, a Universidade do Ar chegou a atingir 318 localidades e oitenta mil alunos”.

⁴⁸² Zacarias Faleiros, op. cit.

⁴⁸³ Duarte Martins, op. cit.

⁴⁸⁴ Irondes de Moraes, op. cit.

Barbosa que trabalhou na Brasil Central; o Agenor José, Amélio Alves também trabalhou na Brasil Central; Luiz Pucci, que trabalhou na televisão em Goiânia; o Barbosinha também começou em Inhumas, também esteve junto com a gente, foi parar em Goiânia. Lelecco também começou em Inhumas; Humberto Aidar, Barbosa Nunes... Então era muita gente. Nós éramos apelidados de ‘Rádio Jornal: a escola do rádio goiano’ (informação verbal)⁴⁸⁵.

O rádio em Goiás chega em 1964 com limitações profissionais em relação ao rádio das grandes metrópoles brasileiras. As emissoras de Goiânia e de Anápolis apresentam uma organização técnica mais elaborada, mas não conseguem eliminar o amadorismo de sua configuração. Já as emissoras do interior as tomam como referências para formatar a si próprias, mas convivem com a predominância do improvisado consequente da falta de profissionais e de limitações tecnológicas. O caminho já trilhado pelo rádio em Goiás, no entanto, contribui para estas últimas pularem certas etapas, iniciam suas atividades um passo à frente do amadorismo, mas, mesmo assim, com muita coisa a ser superada.

Apesar das limitações presentes no rádio em Goiás, é um período em que a profissionalização impõe-se como um caminho sem volta. Elaborar um rádio profissional e superar o amadorismo, esse é o objetivo traçado pelos radialistas. Para isso, no entanto, é necessário indivíduos que efetivem atividades com precisão, de forma segura, portanto, que dominem códigos de atividades específicas. É nesta época que as especialidades no rádio são delineadas mais claramente. Vejamos alguns exemplos.

3.4. Locutores (as), discotecários (as) e sonoplastas.

Antes de tratar destas especialidades do rádio, é preciso observar que o desenvolvimento da radiodifusão em Goiás na década de 1950 enfrenta conturbações de vários matizes em relação ao aspecto operacional, como vimos até aqui. De um lado estão os radialistas que exigem o domínio aprimorado de habilidades específicas no interior do rádio, cujo objetivo é atingir uma programação sem erro; e por outro lado eles convivem diante de uma realidade que dificulta o desenvolvimento tecnológico do rádio. E nesse sentido, as operações no interior das emissoras, em sua maior parte, são dependentes do trabalho humano.

No decorrer da década de 1950, o amadorismo nas cidades mais desenvolvidas do Estado foi aos poucos dando lugar a técnicos e profissionais. Isso é notável a partir do momento em que o indivíduo passa a ser reconhecido pela profissão desempenhada no rádio.

⁴⁸⁵ Manoel Basílio, op. cit., 2013.

Aqui vamos observar um pouco mais de perto esse processo instituído pela profissionalização do trabalho no rádio e as principais especialidades que emergem no interior das emissoras. O objetivo é perceber as estratégias que desencadeiam a constituição de profissões pautadas por habilidades especializadas.

3.4.1. A respeito da locução no rádio em Goiás.

O profissional mais evidente no rádio é o locutor. Para este indivíduo a voz tem uma importância primordial. É por seu intermédio que desperta o ouvinte para o uso intenso da imaginação, dando a ele a possibilidade do devaneio e causa as mais profundas emoções e curiosidades. Nesta época, o locutor desfruta realmente de um privilégio muito grande, como observa João Evangelista: “Você era muito prestigiado na cidade, na região. E tinha os locutores muito famosos” (informação verbal)⁴⁸⁶. Contudo, conhecer o dono da voz nem sempre era uma boa experiência. Walter Pureza, locutor da rádio Difusora lembra-se que:

As pessoas ficavam tão interessadas que elas queriam ir na emissora para conhecer. Quantas vezes chegaram moças e queria conhecer. E chegava lá levava um susto, porque formou na cabeça dela como é que seria aquela pessoa pela voz. Chegava lá não era nada daquilo (informação verbal)⁴⁸⁷.

Na década de 1950, vai ocorrendo a especialização da locução no rádio, consequência do desenvolvimento da divisão do trabalho no interior das emissoras. José Cunha Júnior⁴⁸⁸ acompanhou essas mudanças no rádio em Goiás. Para ele:

Foi muito bom porque abriu um novo campo de atividade. Do rádio partiu o noticiário, porque não tinha noticiário. Passou a existir um noticiário. Passou a mostrar como estudar em casa, estudar departamentos. E tudo foi formalizando para o bem da comunidade. E nós tivemos a felicidade de ver. Fomos os primeiros a trabalhar nisso e incentivar as pessoas (informação verbal)⁴⁸⁹.

A RBC é a responsável por iniciar esse processo em Goiás. Ela pode ser considerada uma espécie de laboratório no campo da locução profissional em rádio. Dali emerge locutores que se tornam referências neste Estado⁴⁹⁰. Um dos primeiros nomes a destacar é Jeovah Baylão.

⁴⁸⁶ João Evangelista, op. cit.

⁴⁸⁷ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

⁴⁸⁸ Op. cit., 2006.

⁴⁸⁹ Cunha Junior, op. cit., 2006.

⁴⁹⁰ O jornal *Diário da Tarde* (22 abr. 1957) divulgou uma lista dos nomes de destaque do rádio em Goiás naquele ano, tratando-se de Sílvio Medeiros, Carneiro Filho, Gregório, Cunha Júnior, Sélem Domingos, Fued Naciff e Taufic Sebba.

Jeovah Baylão é o exemplo da integração de emissoras já consagradas em âmbito nacional ao rádio em Goiás, e que veio a tornar-se autor do “[...] programa de auditório de maior influência de toda a história do rádio goiano (Figura 43)” (ROCHA, 2010, p. 45). Jeovah Baylão nasce no Rio de Janeiro e especializa-se no campo das Belas Artes. Passa pela rádio Tamoio, pela rádio Globo e em 1953 é contratado pela rádio Nacional do Rio de Janeiro. Sua experiência nas grandes emissoras do país foi elementar em sua contratação pela RBC. Nesta emissora cria um programa de auditório no qual se destaca pelo profissionalismo e domínio de habilidades, instituindo aí um modelo com parâmetros claros que passaram a definir o modo de realização desse tipo de programa no Estado.

Jeovah Baylão promove, assim, uma mudança incisiva na forma de se fazer rádio em Goiás. Tem o domínio do público em suas mãos. Seus programas são verdadeiros shows ao vivo. As pessoas presentes entram em êxtase ao vê-lo em cima do palco com a sua voz empostada e segura.



Figura 43 – Programa de auditório de Jeováh Baylão na RBC de Goiânia.
Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

Baylão é responsável também pela alteração na forma de anunciar programas em emissoras de Goiás. Antes de chegar ao rádio deste Estado, o programa era prenunciado ao público por um nome que independia do apresentador que o presidisse. O foco não era o locutor. Contudo, com Baylão o programa de auditório deixa de ser apenas o programa de auditório e passa a ser o programa de Jeovah Baylão. A ênfase agora é dirigida ao locutor. Isso provoca uma mudança no rádio. Outras pessoas que estão ajudando a construir a radiofonia goiana começam a fazer o mesmo, ou seja, utilizar seu nome para divulgar o seu programa.

Na década de 1950, vários se destacam pela RBC⁴⁹¹, como é o caso de Sílvio Medeiros, que na década anterior deu seus primeiros passos pela rádio Clube de Goiânia.

Foi a rádio onde eu comecei. Comecei com meus 18 anos, eu fiquei lá sapiando. Não antes um pouquinho, 16, 17 anos. Eu fiquei lá sapiando uns 3 a 4 anos. Até aparecer uma brecha de locutor lá. Aí eu comecei a trabalhar

⁴⁹¹ O jornal *Diário da Tarde* anuncia em 27 de julho 1956 os nomes de Ivo de Melo e Jorge Abrão como os melhores locutores noticiaristas da RBC daquele ano, e João Nedder como locutor comercial.

no rádio, com locução comercial. E aí foi que eu comecei minha carreira no rádio. Sem carteira profissional, sem nada (informação verbal)⁴⁹².

Sílvio Medeiros destaca que é na RBC que ele se torna de fato um profissional, questão que se efetiva quando a emissora assina a sua carteira de trabalho. Ali ele aprendeu a ser locutor em vários tipos de programas. Nesta mesma emissora ele conhece Norma de Alencar e ambos passam a trabalhar juntos em programas de auditório, entre eles se destacam “Alô, Ouvinte!” e “[...] ‘No Degrau da Fama’, no estilo do ‘Calouros em Desfile’, de Ary Barroso, da Rádio Tupi do Rio de Janeiro. Sílvio era sóbrio, também tinha boa voz, seu programa agradava” (ROCHA, 2010, p. 85). Norma também atua como atriz de radionovela através do programa “Ele e Ela” e torna-se uma das mais importantes radioatrizes goiana na década de 1950.

Ela revelou, em uma entrevista para Lúcia Camilher, na TV Brasil Central, que algumas vezes teve até de interpretar mais de um papel em uma mesma radionovela, fazendo, por exemplo, uma pessoa adulta e uma menina. Lembra-se de que uma radionovela muito marcante, ‘O Passado Não me Condena’, foi escrita pelo próprio Sílvio Medeiros. Trabalharia, na época, em peças de teatro, integrando o elenco da Agremiação Goiana de Teatro (AGT), dirigida por Otavinho Arantes (ROCHA, 2010, p. 81).

Em programas de auditório, Sílvio e Norma (Figura 44) contam ainda com Dalva de Oliveira que também domina a técnica de locução. Sua voz desperta a atenção do público masculino. Agora, em programas de noticiário Jorge Abrão foi o destaque. “A voz dele era inconfundível no Estado de Goiás [...] Fazia o jornal falado. Ele fazia os boletins e apresentava o programa” (informação verbal)⁴⁹³. Já em programas esportivos vários nomes começam a despontar nesse período. Um dos primeiros é Heli Mesquita, que representa a locução esportiva de Goiás até por volta de 1955. Neste ano dois outros nomes vêm à tona, Antônio Porto e Luiz Rótoli. Antônio Porto torna-se tão conhecido no meio radiofônico que depois de passar pela rádio Anhanguera em 1960 é contratado pela rádio Globo do Rio de Janeiro, “[...] consagrando-se como o melhor narrador de basquete do Brasil. Fazia dupla na Globo com Waldir Amaral, Goiano de Luziânia, e um dos famosos narradores esportivos brasileiros”



Figura 44 – Sílvio Medeiros e Norma de Alencar em um programa de radioteatro da RBC.

Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

⁴⁹² Sílvio Medeiros, op. cit., 2004.

⁴⁹³ Claudino da Silveira. Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

(ROCHA, 2010, p. 87). Taufic Sebba e Moraes Júnior⁴⁹⁴ são outros dois locutores da RBC que se destacam na linha noticiosa.

Em meados de 1955, o nome de locutores chega ao ápice com um concurso em que a Brasil Central sai vitoriosa com dois de seus profissionais: Selem Domingues e Moraes César⁴⁹⁵. Este último consegue criar um grande espaço na radiofonia goiana, tornando-se amplamente conhecido em Goiás. Segundo Getúlio de Souza, “era um dos locutores mais famosos” (informação verbal)⁴⁹⁶. Walter Meneses apresenta outras informações sobre este locutor, vejamos:

Eu lembro quando Moraes César chegou aqui. Ele não conhecia ninguém, é natural, mas ele era muito expansivo, de uma voz forte, sabe! muito simpático. Pegou amizade. Logo ele bolou um programa, programa ‘Nossa Fazenda’. Esse programa no início teve muita ajuda de um radialista que tinha aqui, José Macedo. José Macedo ajudou ele aqui bastante, radialista, José Macedo. Ele era jornalista e radialista. Ele que apresentou Moraes César aqui viu, pra sociedade, para os empresários. Moraes César sempre foi agradecido a ele. Existia fraternidade naquela época. Esse José Macedo saiu apresentando Moraes César aí pros empresários.

- Esse é Moraes César, o grande radialista de Uberlândia, veio pra cá!

Moraes César logo botou no ar esse programa ‘Nossa Fazenda’; horário ruim rapaz! Quatro da tarde. Quê que é isso! Sol quente! (informação verbal)⁴⁹⁷.

Já Walter Alves de Araújo, ouvinte da RBC na década de 1950, tinha preferência pelo programa de Moraes César por ele dar ênfase à música caipira.

Moraes César apresentava o Silveira e Barrinha na época, Silveira e Silveirinha, os Filhos de Goiás e Galvão e Galvãozinho que morava em Anápolis naquela época, e André e Andrade. Era as duplas que o finado Moraes César apresentava, que era o locutor na rádio Brasil Central (informação verbal)⁴⁹⁸.

Não foi só a RBC um berço de grandes locutores do rádio em Goiás. A rádio Clube de Goiânia deve sua história a José Cunha Júnior⁴⁹⁹ que se destaca ao lado de Francisco Pimenta Neto.

⁴⁹⁴ Moraes Júnior integra a equipe de radialistas da rádio Clube de Goiânia em 1959.

⁴⁹⁵ Em entrevista, Bezinho fala de uma característica dos programas de Moraes César. “Ele tinha uma auxiliar, um locutor junto com ele, lia propaganda. Então eles davam muita notícia de falecimento, e tudo que você falava ele: - Colosso, colosso. - Morreu fulano de tal! Ele: - Colosso, colosso. Isso é verdade, aconteceu muitas vezes com ele. Depois ele pedia desculpas. Ele fazia aquilo quase que automaticamente. Fazia uma propaganda lá e ele: - Colosso, colosso, colosso” (informação verbal).

⁴⁹⁶ Getúlio de Souza, op. cit.

⁴⁹⁷ Walter Meneses, op. cit.

⁴⁹⁸ Walter Alves de Araújo. Ouvinte de rádio em Goiás desde 1950. Entrevista realizada em março de 2012.

⁴⁹⁹ Na década de 1950, divide a preferência do público com Luiz de Carvalho.

Cunha Júnior, radialista de prestígio. De todos os radialistas daqui de Goiás, ao longo da história, talvez ninguém atingiu tanta força como ele. Só pra você ter uma ideia do Cunha Júnior, ele tinha noticiário na Rádio Clube e tinha uma coluna no jornal ‘Folha de Goiás’. Na rádio é que ele imperava, uma voz bonita (informação verbal)⁵⁰⁰.

Pela rádio Difusora de Goiânia Claudino da Silveira⁵⁰¹ consegue uma grande popularidade com o seu programa “Mourão da Porteira”. O próprio Claudino relata que chega a ficar famoso em São Paulo.

Convidados mesmo, na linha sertaneja, porque a gente apresentava sempre o ‘Mourão da Porteira’, que a fama cresceu muito, a audiência foi muito grande. Em São Paulo a gente chegava lá, a referência era Goiânia, Claudino da Silveira com ‘Mourão da Porteira’ (informação verbal)⁵⁰².

Um dos primeiros nomes da rádio Anhanguera de Goiânia que atuou, inclusive, na montagem da programação dessa emissora foi, segundo Eurico Barbosa⁵⁰³, o também locutor Walfrido Gramont. Ele já havia trabalhado como locutor em emissoras do Rio de Janeiro e é contratado para criar a primeira programação da rádio Anhanguera, conseguindo levá-la ao ar com uma alta qualidade técnica.

Em emissoras do interior, alguns nomes também são destacados, como é o caso de Dimas Ferreira do Amaral, conhecido como Pancadinha, Agenor e Zé Viola, pela rádio Difusora de Itumbiara; a rádio Cultura de Catalão desponta os nomes de seu diretor Zuca, Farid Nahas e Walter Cançado; pela rádio Educadora de Goiandira, Inhô Rufino, Maria Alves, Arnaldo de Oliveira e Geraldo Mariano, que veio, inclusive a trabalhar na RBC de Goiânia; César Augusto Ceva é o nome do rádio na cidade de Ipameri, popularizado pela rádio Xavantes ao lado de Rames Abrão Bazilo, Humberto Wilson de Oliveira, Neif Nadi, Jeová Luna e do apresentador Joi Martins; a rádio Carajá de Anápolis também é berço de um conjunto de nomes famosos no rádio goiano como Antônio Porto e Baltazar de Castro na área esportiva, Isac Abrão⁵⁰⁴ com o programa de jornal falado, e também Edson Rodrigues, Edson Gonçalves e Josaphat Cândido de Sousa; na rádio Santana de Anápolis, destacam-se Habib Issa, Ademar Santillo e Fernando Cunha Júnior; na rádio Cultura de Anápolis evidencia-se Afonso Fraga, Clóvis Lourenço Dias Guerra e Érides Guimarães; pela rádio Imprensa, José Cunha Gonçalves, Jairo Rodrigues e Flávio Santos.

⁵⁰⁰ Walter Meneses, op. cit.

⁵⁰¹ Claudino afirma que iniciou a sua carreira no rádio em 20 de julho de 1959, o dia que recebeu a dispensa do exército. Começa na rádio Difusora fazendo o programa “Alma Sertaneja”.

⁵⁰² Claudino da Silveira. Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

⁵⁰³ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

⁵⁰⁴ Isaac Abrão foi notícia em Anápolis em maio de 1963, por ser contratado pela rádio Nacional de Brasília. Neste momento é locutor da rádio Santana (*O ANÁPOLIS*, 28 mai. 1963).

Já na rádio Difusora de Jataí, o destaque na década de 1950 foi:

Oscar Flequi. Era um gaúcho. Fazia um programa que o pessoal gostava demais. Fazia um programa e mexia com todo mundo da cidade. Ele fazia Canções da Minha Terra também, e depois ele tinha um programa lá chamava ‘O Varandão do Compade Oscar’, programa assim bem legal (informação verbal)⁵⁰⁵.

Além dele Arioldo Rocha, Wanderson Silva Benevides (Nhô Bené) e Duarte Martins, mas:

O pioneiro que se destacou na comunicação foi Solón Rabelo de Moraes (Solón de França) que iniciou suas atividades na imprensa jataiense como locutor em alto-falante, trabalhando na ‘A Voz do Sudoeste’ de propriedade de Lourival Souza Cunha (Nenzico) em 1953 e 1954 e depois passou a trabalhar numa Rádio local (tipo pirata) que funcionou durante pouco tempo porque foi cassada pelo DENTEL (ASSIS, 1991).

A rádio Difusora de Rio Verde colocou em evidência o nome de Geraldo Ladeira, o próprio fundador da emissora; além dele, Carlos Camargo, o único radialista profissional da época, e Aflandes Nunes.

Em Ceres Domingos Mendes da Silva, o proprietário e fundador da rádio Cultura, torna-se o nome do rádio na cidade ao lado dos locutores Paulo Matão, Glorinha Salgado e Porátio. Já na rádio Jornal de Inhumas destacam-se os seus fundadores Manoel Basílio e Lúzio de Freitas. Ao lado deles desponta-se também Goiás Olinto, que, segundo Irondes de Moraes, “[...] era o principal radialista da época. Ele era um disc-jôquei da época, apresentador de programas”. Pela rádio Alvorada de Rialma José Pedro Rêgo e Pedro Rêgo Filho são evidenciados juntamente com os primeiros locutores da emissora, João Batista, Getúlio de Souza, Alírio Marra, Edmar de Souza Rezende e, posteriormente, Jason de Souza. Com a rádio Clube de Buriti Alegre, Coronel Jangá, que comandava o programa “No Sítio do Coronel Jangá”, Valdo Mendes e Janinez Dias conseguem uma ampla popularidade na região. Enfim, pela rádio Morrinhos de Morrinhos, ficaram em evidência os nomes de Chico Flor, Jair Abdu Moaci e Glênio Borges.

Com esses locutores o rádio em Goiás a partir de 1950 eleva ao topo de suas prioridades a necessidades de habilidades especializadas nesta área. Uma expressão disso está no fato de o nome ou mesmo o gênero do programa dar lugar ao nome do próprio locutor. O rádio, por sua vez, passa a ser conhecido a partir das habilidades de seus profissionais. Moraes

⁵⁰⁵ Duarte Martins, op. cit.

César, por exemplo, não é mais só um radialista, seu nome torna-se critério para reconhecer a qualidade técnica e profissional da rádio Brasil Central.

É entre 1950 e 1964, que os locutores buscam se aperfeiçoarem em determinadas áreas da própria locução. Neste processo despontam aqueles que atuam exclusivamente na área esportiva, enquanto outros se aproximam da esfera musical, de programas de auditório, jornalísticos etc. Aquele período representa, assim, a delimitação clara desse aperfeiçoamento no interior do rádio⁵⁰⁶. Em 1960, já é possível estabelecer critérios e delimitar habilidades específicas para quem fala diante do microfone. Assim, “[...] um locutor sem dicção, sem preparo (porcentagem maior), de péssima leitura e muitos outros defeitos, coloca tudo a perder, em pequena fração de segundos” (*O POPULAR*, 18 fev. 1960). E no afã de elevar o próprio nome ao topo da fama, alguns locutores acabam imitando radialistas das grandes emissoras no Brasil.

A rádio Santana de Anápolis é, inclusive, alvo de críticas em 1961 pelo fato de uma de suas locutoras fazer imitações de Lúcia Helena, famosa locutora da rádio Nacional. Um ouvinte escreve a um jornal local para demonstrar seu descontentamento com esta emissora enfatizando a falta de criatividade de Waldira em seu modo de falar.

Que seja menos sofisticada e deixe de lado o desejo de imitar a famosa LUCIA HELENA, o que jamais conseguirá. Que os ‘Xs’ pronunciados pela Waldira são verdadeiramente intoleráveis. Que procure falar com mais naturalidade, pois assim poderá ser locutora um dia (*O ANÁPOLIS*, 22 nov. 1961).

Os locutores, no entanto, não estavam sós na emissora. A organização do rádio nesta época exige a presença de outros profissionais, como colocou Duarte Martins: “Você pra ser locutor cê tinha que ter um operador, tinha que ter o discotecário, discotecário/programador”. Assim, ao lado dos locutores outros profissionais ganham espaço e muitos deles tornam-se referência em determinadas habilidades. Este é o caso dos (as) discotecários (as).

3.4.2. O (a) discotecário (a) programava e procurava os discos: o (a) discotecário (a).

O locutor é uma das peças fundamentais no rádio, mas os (as) discotecários (as) desempenharam um papel fundamental no rádio naqueles 14 anos. Para Norma de Alencar “a

⁵⁰⁶ Em 20 de setembro de 1956 o *Diário da Tarde* faz uma publicação que demonstra que já havia uma distinção profissional no rádio. Isso se dá com a criação do dia do radialista: “Como nos últimos tempos tem-se instituído dias comemorativos de determinados tipos ou classes sociais, também os profissionais do rádio estabeleceram que o 21 de setembro deveria ser festejado como o ‘Dia do Radialista’”.

importância do papel dos discotecários, na época, estava no apoio à agilidade dos programas” (*apud* ROCHA, 2010, p. 81).

O discotecário era aquele que manuseava e se responsabilizava pelos discos. “Então, se a pessoa queria ouvir uma música ligava antes. O discotecário era quem selecionava” (informação verbal)⁵⁰⁷. Em entrevista, Terezinha Nunes, discotecária da rádio Difusora de Rio Verde na década de 1960 ao lado de Luzia Ferreira, como era o trabalho que desenvolveu naquela emissora.

A discotecária é programar os programas. Por exemplo: tem programa de manhã, vamos supor, ‘Programa da Viola’, programa sertanejo. Aí, programava e procurava os discos. Aí, escrevia. Tinha aquelas máquinas de escrever, aquelas máquinas antigas. Outra hora, a gente programava na caneta mesmo, e esse é o programa de manhã, sertanejo. Depois, tinha programa evangélico em um horário lá, parece que das 10 às 11, da Assembleia de Deus, da igreja Assembleia de Deus que tem aqui daquela época ainda, uma das primeiras igrejas. E a programação era... depois tinha ‘O Programa às Suas Ordens’, que era aos domingos, que eu tô te falando, que as pessoas chegava pra oferecer música pra fulano, pra namorado. E os discos eram todos programadinhos assim, um em cima do outro. Passava para a máquina de escrever naquela época, na máquina de escrever. Cada disco que cê escrevia lá cê punha ele assim e depois você via quantos discos pra levar lá pra discoteca, pro técnico de som, pra passar no aparelho lá, que é bem diferente de hoje que não tem (informação verbal)⁵⁰⁸.

O trabalho desenvolvido pelo discotecário não é simples como transparece. Exige muita habilidade do indivíduo tendo em vista a fragilidade dos discos. Além disso, o domínio da datilografia é indispensável. Emissoras que contratam um (a) discotecário (a) que apresenta dificuldade ou não sabe manusear essas máquinas, recorrem a pessoas externas. Ana Leda cita o exemplo da rádio Alvorada de Rialma: “Minha tia, essa Marília Alves Dias, ela fazia parte assim... Ela ajudou muito a rádio Alvorada porque naquela época era poucas pessoas que tinha datilografia e ela tinha. Ela fazia parte de escrita” (informação verbal)⁵⁰⁹. Durley apresenta mais detalhes sobre o trabalho do (a) discotecário (a), relatando como este era realizado na rádio Difusora de Rio Verde.

As pessoas então ligavam pra gente pedindo, ligava um dia antes. Tinha uma moça da discoteca que relacionava o nome da pessoa, o número do telefone, pra no dia seguinte, e qual é a música também, e no dia seguinte ela fazia um pacote com as músicas selecionadas pela ordem de pedido [...] vinha com papelzinho, com o telefone, o nome da pessoa participante e a música. Ao locutor cabia pegar o papel e discar lá do estúdio pra aquela pessoa que cê

⁵⁰⁷ Paulo Nunes, *op. cit.*

⁵⁰⁸ Terezinha Nunes. Discotecária da rádio Difusora de Rio Verde nos quatro primeiros anos da década de 1960. Entrevista realizada em janeiro de 2013.

⁵⁰⁹ Ana Leda, *op. cit.*

tava com o telefone e ela atendia na casa dela. Quando atendia você conversava. Para as pessoas que ouviam, exceto as que tinham o hábito de participar, era uma novidade muito grande, porque a pessoa acabava de falar o nome da música e você já entrava com aquela música que ela tinha lhe pedido. Poucas pessoas sabiam que essa programação era feita 24 horas antes. A ligação era feita naquele dia, naquele momento, mas a pessoa já havia encomendado, escolhido a música e tal (informação verbal)⁵¹⁰.

Segundo Terezinha, discotecária daquela emissora, “era raro uma pessoa que tinha telefone aqui. Não era qualquer um que tinha um telefone. Então o pessoal ia lá pessoalmente pra fazer os pedidos durante a semana” (informação verbal)⁵¹¹. A discotecária encarregava-se de procurar os discos e colocá-los em ordem para o técnico de som veiculá-los à medida que o locutor lhe solicitasse. Segundo Duarte Martins, locutor da Difusora de Jataí:

Antigamente você tinha uma relação de música pra você rodar na programação musical. Então você podia escolher ali. Mas tinha a participação do ouvinte por telefone. Ele ligava na hora, tinha uma telefonista, uma auxiliar atendendo, ela anotava. O cara ia lá na discoteca, tinha um sistema de fichário com todos os discos catalogados [...] então ali você ia na ficha, no nome do cantor e olhava, procurava lá e achava e o cara trazia pra você aquele pacote de discos lá, você rodar a preferência do ouvinte ou não. Então a gente trabalhava nesse estilo (informação verbal)⁵¹².

Ao (à) discotecário (a) cabia também a responsabilidade pela criação e formalização da programação, ou seja, planejar um roteiro para orientar o locutor durante o seu programa. Por este motivo ficava sempre ali por perto caso o locutor necessitasse de algum auxílio.

Tinha o programador. Ele fazia a programação. Ele fazia a programação todinha. Começava no sertanejo, depois programa de juventude, depois programa suave, no almoço. Então ele já programava, vinha tudo datilografado, era tudo na máquina. Então tinha o programador que fazia. Vinha tudinho, aí o locutor tinha só o trabalho de ler o nome da música e anunciar. E eu era o responsável de colocar a música. Depois é que passei pra locução. Era o programador que trazia tudo prontinho. Pedido de música, essas coisas... (informação verbal)⁵¹³.

Além desse trabalho voltado para a programação e seleção de músicas havia a necessidade de colocar os discos nos pick-ups e controlá-los. Para isso as emissoras criam espaço em sua organização para uma terceira pessoa, o sonoplasta.

⁵¹⁰ Durley Montalvão, op. cit.

⁵¹¹ Terezinha Nunes, op. cit.

⁵¹² Duarte Martins, op. cit.

⁵¹³ David Nahas, op. cit.

3.4.3. O sonoplasta é o que controlava toda a mesa do som: sobre o sonoplasta.

O sonoplasta também é chamado de técnico de som ou sonotécnico. Natalino Cavalcante, radialista em Goiânia na época, relata que “o sonotécnico é aquele sujeito que se vira de um lado para o outro, aperta botão e toca gongo para ganhar o pão de cada dia” (apud *DIÁRIO DA TARDE*, 13 set. 1957). Amauri Faria, na Figura 45,



Figura 45 – Amauri Faria na sonoplastia da rádio Difusora de Goiânia, 1958.
Fonte: Arquivo particular da rádio Difusora de Goiânia.

é o sonoplasta da Difusora de Goiânia em 1958. Diante dele, à sua esquerda, está o que chamam de mesa de som. À sua direita, o pick-up. João Evangelista, sonoplasta da rádio Cultura de Ceres, descreve o papel desempenhado por este profissional: “O sonoplasta é o que controlava toda a mesa do som. O locutor fala, você que soltava a música, os jingles gravado. Sonoplastia era isso” (informação verbal)⁵¹⁴. Do ponto de vista do locutor Getúlio de Souza, da rádio Alvorada de Rialma, “o sonoplasta era o passador de som, que ligava o microfone para o locutor [...] Era o controlador de som”⁵¹⁵.

Jason de Sousa observa ainda que o sonoplasta é uma necessidade nesse período, devido ao estágio que se encontra a tecnologia utilizada na radiodifusão.

Porque era mais difícil. Mais difícil pelo seguinte: o vinil, o disco que eles falavam, o Long Play, 78, era muito difícil um locutor naquela época fazer um programa e fazer a técnica. Era muito difícil. E outra: hoje nós temos tudo gravado, os comerciais gravados. Naquela época, há 50 anos atrás, tudo era texto lido. Então era uma dificuldade muito grande. Hoje, por exemplo, tem o telefone, tem a facilidade de telefone, têm os comercial gravado, têm as músicas mais fáceis, já não é o vinil mais, não é o 78. Então hoje tem a facilidade. Então, naquela época exigia. Hoje, por exemplo, o noticiarista, muitas vezes ele faz tudo, notícia e técnica de som todinha. Mas antigamente não tinha essa possibilidade porque era mais difícil. Era uma mesa mais complicada (informação verbal)⁵¹⁶.

Nesta época, o sonoplasta é tão indispensável quanto os locutores. São os responsáveis por todos os elementos que constituem a programação (músicas, propagandas

⁵¹⁴ João Evangelista, op. cit.

⁵¹⁵ Getúlio de Souza, op. cit.

⁵¹⁶ Op. cit.

etc.). Nesse sentido, a vida das emissoras deve-se, em grande parte, a esses funcionários anônimos (*O ANÁPOLIS*, 19/20 dez. 1961).

No dia-a-dia atua em conjunto com o locutor. Enquanto este último dedica a falar ao microfone, o sonoplasta manuseia o pick-up, colocando e retirando discos com músicas e propagandas; é também o responsável por ligar e desligar o microfone utilizado pelo locutor e controlar o volume do som que é projetado aos transmissores. Ou seja, toda a programação que chega aos receptores depende da atuação do sonoplasta. Irondes de Moraes, também sonoplasta na rádio Jornal de Inhumas, enfatiza que é ao sonoplasta principalmente que se deve a responsabilidade de uma programação radiofônica efetivar-se tecnicamente com perfeição.

Pra gente sentar naquela sonoplastia a responsabilidade era muito grande, que era paralelo ao locutor. Hoje nas boates têm aqueles que tocam os discos, o DJ, nós éramos o DJ da época, por quê? Porque pra poder passar o início do programa tinha vários cortes, enquanto anunciava o programa tinha vários cortes. Esse ‘Pick-up Maluco’, por exemplo, tinha cinco cortes. Falava uma frase, subia um fundo musical; descia aqui, falava outro e já subia a outra aqui. Então você tinha que tá com tudo pronto ali pra poder sair na hora e muitas das vezes o corte era o início da música, era a introdução da música, não podia deixar cantar, era só aquela introdução, era o corte. Então se deixasse cantar aquilo ali o locutor ficava intrigado. Então a gente fazia: segurava o disco no pick-up, tinha uma flanela, a gente segurava na flanela, na hora que falava a gente soltava já estava em cima, já saía rodando (informação verbal)⁵¹⁷.

Um erro cometido pelo sonoplasta interfere inevitavelmente no som que é transmitido e, por conseguinte, pode ser motivo de irritação do locutor e de seus ouvintes, a exemplo do que ocorreram repetidas vezes em emissoras de Anápolis no início de 1960. Isaac Abrão, popular radialista daquela cidade, publica uma nota no *O Anápolis* de 13 de janeiro de 1962, protestando contra a atuação dos sonoplastas locais.

Nesta mesma coluna fizemos acusações a sonoplastas de emissoras anapolinas, que às vezes abusam do serviço, irritando com suas mancadas todos os ouvintes. Quinta feira, por exemplo, ouvíamos a Rádio Imprensa no horário das 14 horas e anotamos uma série de erros cometidos pelo responsável da sonoplastia naquele horário. São falhas que precisam ser corrigidas, principalmente a de soltar a gravação antes que o locutor termine a locução de uma publicidade. Depõem não só contra a emissora, como também, prejudicam o anunciante. Fica aqui, mais uma vez, o nosso protesto.

⁵¹⁷ Op. cit.

Sonoplastas e locutores que atuam em uma emissora desta época precisam estar em sintonia para que a programação seja efetivada com perfeição. O ouvinte talvez não tenha noção da complexidade do processo que envolve a programação que chega aos receptores, mas os conhecedores dos bastidores do rádio sabem que o sonoplasta pode garantir a excelência de um programa, como notou Antônio Porto em 1955: “Quem ouve os programas de rádio-teatro da RBC, já deve ter notado a excelência da sonoplastia das novelas e dos programas montados. Norton Camargo está de parabéns” (*apud NOVA CAPITAL*, 25 ago. 1955).

Arnaldo Oliveira, que inicia como sonoplasta na rádio Educadora de Goiandira, ressalta, portanto, a necessidade que se tem em discutir a programação com o locutor⁵¹⁸ antes de realizá-la. Esta conversa é importante uma vez que cabe a este orientar o que deve ser feito.

- Olha! Vamo apresentar um programa assim, assim. Trazia o escript, passava pra gente. Música desse tipo assim, assim, que eu quero apresentar. Aí chamava o técnico de som da hora lá, que tava lá na mesa, e falava: - Nós vamos falar assim, assim, o fundo é esse. Eu vou te dar a deixa cê já entra com música. Terminava a música cê entrava com um fundo de novo, um prefixo. O locutor que tava na hora começava e já entrava falando, ou propaganda, falando qualquer coisa lá. Assim era o dia todo (informação verbal)⁵¹⁹.

Paulo Nunes, sonoplasta e depois locutor da rádio Difusora de Rio Verde, narra com detalhes a relação entre a discotecária, o sonoplasta e o locutor daquela emissora.

A pessoa ligava pra gente, pedia a música, a gente selecionava a música, o técnico de som ia lá deixava tudo no jeito. Depois havia outra chamada, ele chamava e a gente atendia.

- Vamos atender o fulano tal!

Mas já estava programado. Ele já tinha telefonado antes. A música tinha sido escolhida antes. Então quando a pessoa falava no telefone o técnico soltava na hora. Mas é porque já estava programado. Porque se fosse assim na hora era muito difícil. Quando eu era técnico de som, chama-se sonoplastia, era difícil. Eu já apresentei programa assim. O locutor:

- Vamos ouvir a música tal, tal...

Aí eu sabia que naquele monte ali estava o LP 33 rotação. Eu tinha que achar. Eu sabia que ali tinha. Mas ele ficava:

- Vamos ouvir a música tal, que o fulano pediu, o grande amigo nosso...

Eu falei pro locutor:

- Captei a música!

⁵¹⁸ Terezinha Nunes, sonoplasta da rádio Difusora de Rio Verde, ressalta que era preciso manusear dois pick-ups: “[...] era uma redonda de cá, e outra de cá, aí você tinha que acudir os dois. A mesma hora que acabava um disco aqui, vamos supor que era só uma faixinha, aquela faixinha, o tempo que terminava aqui você já passava pro outro depressa assim. Às vezes, era um lado só; outra hora, era dos dois lados, e tinha que ser em ciminha, não podia faiar não”.

⁵¹⁹ Op. cit.

Eu corria ali pegava e tirava tal... Quando eu pegava e punha assim, dava o sinal e eu soltava a música em ciminha. Esse programa era muito cansativo (informação verbal)⁵²⁰.

No estúdio das emissoras, no entanto, o sonoplasta não ocupava o mesmo espaço que os locutores. Atuavam em cômodos diferentes.

Na frente do locutor tinha um vidro na parede do estúdio, pra gente ter um contato visual com o técnico de som, que ficava de frente pra gente. Então a gente entrava pro estúdio, fechava a porta, tinha uma luz vermelha: luz vermelha acesa, o microfone estava ligado, aberto, aí a gente falava o que tinha de falar e tal. Quando a gente anunciava uma música o técnico de som, o sonotécnico, rodava uma música e desligava o microfone. Aí dava tempo da gente sair, falar alguma coisa, orientar, perguntar [...] Então o sonotécnico ele dominava essa área aí de colocar o disco, de tirar. Então tinha dois [pick-ups], porque quando estava terminando uma música ele já estava com a outra prontinha no outro prato. E às vezes a gente tinha programa que a gente falava com um fundo musical e tal... Então ele tinha todo aquele jogo técnico ali pra apoiar o locutor. Essa era a estrutura (informação verbal)⁵²¹.

David Narras atuou como sonoplasta da rádio Cultura de Catalão no final de 1950 e início de 1960 e narra mais alguns aspectos do trabalho de sonoplastia neste período.

O trabalho era o seguinte: o locutor ficava de lá, que era muito simples. Lá tinha um vidro. Então a gente acendia a luz pro locutor entender que o microfone já tava aberto, não podia falar besteira. Então era engraçado! Aí apagava a luz e passava pra música. Aí, geralmente, quando tava na metade do disco, aqueles disco de 78 rotações, gastava agulha demais, tinha hora que tinha que parar a música pra trocar a agulha. Era um trabalhão danado. E foi assim (informação verbal)⁵²².

Colocíssios Nunes da Silva⁵²³ e Darcísio de Souza, respectivamente sonoplastas das Difusoras de Rio Verde e de Goiânia, conseguem desenvolver uma expressiva habilidade nessa atividade. São citados por radialistas de várias cidades que atuaram no rádio nesse período. “Colocíssios era garoto ainda, fazia a mesa, era sonoplasta, técnico de som, que nós chamávamos” (informação verbal)⁵²⁴. “Ele era um dos melhores. Tinha uma rapidez tremenda nas mãos, mas como locutor não. Ele trabalhou com o que tinha como sonoplastia, no mesmo período meu” (informação verbal)⁵²⁵. Colocíssios torna-se reconhecido no meio radiofônico pela agilidade em manipular simultaneamente a mesa de som, os pick-ups e os discos. Outro

⁵²⁰ Paulo Nunes, op. cit.

⁵²¹ João Batista Freitas, op. cit.

⁵²² David Narras, op. cit.

⁵²³ Em Anápolis, Eromir Rodrigues Vale destaca-se nessa atividade e atua em várias emissoras daquela cidade.

⁵²⁴ Antônio Edson, op. cit.

⁵²⁵ Paulo Nunes, op. cit.

sonoplasta reconhecido por vários radialistas nesta atividade é Darcísio de Souza, da rádio Difusora de Goiânia. Segundo Claudino da Silveira:

Ele chegou aqui como limpador de rádio, ele varria a rádio, ficava ali pela técnica olhando o técnico trabalhar e tal e aprendeu a técnica. O Darcísio foi um dos melhores técnicos de som do Brasil. Ele formou muito, uma geração muito grande de jovens que hoje ainda trabalha na televisão e aprenderam na mão do Darcísio de Sousa como operar o rádio. Ele foi famoso como operador de som e durante muitos anos comandou toda a mesa (informação verbal)⁵²⁶.

O sonoplasta estava presente em todas as emissoras de rádio desse período. É parte do processo de profissionalização do trabalho radiofônico e contribuiu para intensificar a necessidade de indivíduos com habilidades que pudessem ser realizadas com precisão. Trouxe a distinção do trabalho no rádio. Quem atuava na locução distinguia-se daquele que atuava na sonoplastia. São atividades distintas que exigiam pessoas especializadas no ramo, como colocou Jason de Souza, sonoplasta e depois locutor da rádio Alvorada de Rialma.

Naquela época, 50 anos atrás, locutor era um e técnico de som era outro. Eu, por exemplo, quando eu era locutor, quando passei a ser locutor, passeia a só fazer programa. Eu já não mexia com a técnica de som mais. As rádio hoje já modificaram. As rádio AM principalmente. Elas antigamente era o locutor e o sonoplasta. Tinha o sonoplasta (informação verbal)⁵²⁷.

Em relação às emissoras do interior, a exemplo da rádio Cultura de Catalão e de Ceres, Educadora de Goiandira, Jornal de Inhumas, Difusora de Itumbiara, Jataí e Rio Verde, Alvorada de Rialma e Morrinhos de Morrinhos, apresentam uma organização interna semelhante nesta época, no que diz respeito à simplicidade organizacional e aos profissionais que atuam em seu interior. David Narras expressa a composição do quadro funcional da rádio Cultura de Catalão, um exemplo das demais: “Havia os locutores, o operador de som, o discotecário. O discotecário fazia a programação todinha. A programação durante o dia e da noite, a programação de música. Era só esses mesmos. Era poucas pessoas. Era bem simples” (informação verbal)⁵²⁸.

Enfim, a atividade do rádio mais desejada neste período é a de locutor. Este desfruta de prestígio e *status* na cidade, e no caso dos locutores das emissoras mais potentes, são reconhecidos distintivamente em outros estados. Esta função é desejada por grande parte daqueles que tentam uma carreira profissional em emissoras. A sonoplastia é onde o indivíduo

⁵²⁶ Claudino da Silveira. Arquivo disponibilizado por Diego Joaquim, integrante da Igreja Católica, Goiânia, 2007.

⁵²⁷ Jason de Souza, op. cit.

⁵²⁸ David Narras, op. cit.

começa, mas é costume buscar atingir o ponto máximo, a locução. Isso se repete na maior parte das emissoras em Goiás nesse período, com intensidade menor nas emissoras da capital e de Anápolis, que devido ao seu desenvolvimento profissional já contratavam profissionais habilitados em áreas específicas.

A mudança de atividade em uma emissora torna-se, inclusive, notícia de jornal, a exemplo da promoção recebida por J. Mateus da rádio Imprensa de Anápolis:

O brioso sonoplasta J. Mateus, da Rádio Imprensa, está se revelando como locutor. Tivemos oportunidade de ouvi-lo comandando um programa de telefones no Imã Sonoro e confessamos, sinceramente, agradamos de sua locução e especialmente de sua maneira cavalheiresca no trato aos ouvintes que telefonam solicitando músicas (*O POPULAR*, 14 set. 1961).

A maior parte dos locutores mais populares desse período deram seus primeiros passos em uma emissora através da sonoplastia, a exemplo de José Cunha Gonçalves⁵²⁹ pela rádio Imprensa de Anápolis.

Na rádio você ia crescendo. Aí tinha, chamava operador de som, sonoplasta, aquele que controla os discos pra botar no ar. Aí eu passei a ser aquilo. Eu botava som, tal. Aí um dia o diretor da época chegou e falou:

- Escuta! Você não quer ser locutor não?

Aí eu falei:

- Não, mas eu não dou conta não!

- Você não fala?

- Falar, eu falo!

- Então vai falar no microfone!

E eu experimentei ser locutor e fiz algum tempo esses programas de telefone (informação verbal)⁵³⁰.

Com a formação de profissionais em emissoras do interior, o rádio de Goiânia e de Anápolis consegue manter um quadro profissional que chega ao início da década de 1960 a ser comparado às grandes emissoras do país. Isso desperta a atenção de profissionais das grandes metrópoles, que acabam deslocando-se para Goiás à procura de emprego. Este fenômeno também propicia o avanço profissional do rádio em Goiás, que vai estruturando-se até chegar a um nível mais avançado em 1960.

A profissionalização do rádio em Goiás, por sua vez, culmina com o desenvolvimento no rádio de uma consciência que clama por uma organização própria que possa defender a categoria dos radialistas, agora vista como um novo ramo de atividade

⁵²⁹ Um dado que apareceu na entrevista de Jason de Souza de Rialma indica que isso ocorria pelo fato de grande parte dos sonoplastas serem ainda adolescentes, e, com o tempo, pela curiosidade e constante trabalho desenvolvido dentro da emissora, migravam para a locução.

⁵³⁰ José Cunha Gonçalves, op. cit.

laboral do Estado. Esta nova atividade laboral que surge torna-se evidente com sua formalização através de instituições criadas com o intuito de firmar a sua existência.

3.5. A origem da categoria dos radialistas.

A maior parte daqueles que trabalhavam no rádio em Goiás na década de 1940 não eram assalariados. O rádio neste período é uma novidade e enquanto tal desperta o interesse de indivíduos no sentido de despenderem um tempo para divertirem-se no estúdio das emissoras. O trabalho no rádio nesta época, portanto, equivale-se a entretenimento. O relato de Heleno Cardoso sobre o seu trabalho na rádio Xavantes de Ipameri neste período nos dá um exemplo:

Aqui pela Rádio Xavante eu não ganhava quase nada. Eu perdi cinco anos de FGTS da Rádio Xavantes porque eu não preocupei. Porque eu tinha tanto amor, a gente tinha tanto amor pelo trabalho que a gente fazia que cê esquece de dinheiro, cê esquece (informação verbal)⁵³¹.

Os gestores das emissoras são praticamente os únicos assalariados neste período. José Cunha Júnior, diretor da rádio Clube de Goiânia, afirma ser assalariado. Havia esta possibilidade porque, segundo ele, “[...] a rádio tinha rendimentos e pagava. Os rendimentos vinham pela publicidade que a rádio fazia” (informação verbal)⁵³². Já os indivíduos que o auxiliavam em outras atividades não eram assalariados. Recebiam uma porcentagem das propagandas que conseguiam vender. Essa situação dos radialistas começa a alterar-se com a fundação da RBC. Ao entrar em atividade esta emissora estabelece o assalariamento para seus funcionários. De acordo com Sílvio Medeiros, na década de 1940:

[...] nem ouvia falar em salário mínimo. O que a rádio é... recebia, de patrocínio e ajuda da prefeitura, do Estado, eles faziam uma divisão lá. Olha, tem que pagar tanto pra técnico, tanto pra isso, tanto pra aquilo, taxa pra manutenção da aparelhagem... O resto rateava entre os funcionários. Às vezes cê nem sabia o que ia receber. Nos primeiros meses não sabia o que ia receber não. Falava esse mês deu tanto. Então você sabia que tava melhorando porque ia aumentando, né! Aumentava um pouquinho em cada mês, aí cê falava, né! Ó, tá melhorando! Mas não tinha esse negócio de salário não. O salário só começou mesmo em 1950, foi quando assinei carteira, né! O salário começou em 50, minha carteira foi registrada em 51 (informação verbal)⁵³³.

⁵³¹ Heleno Cardoso, op. cit.

⁵³² José Cunha Júnior, op. cit., 2006.

⁵³³ Sílvio Medeiros, op. cit., 2004.

O entusiasmo com o rádio predomina nesta época, é o motivador para muitos que desempenham alguma atividade em emissoras. Até o final de 1950, apenas emissoras de Goiânia e de Anápolis demonstraram preocupação com a formalização do trabalho. Contudo, não pagavam mais que um salário mínimo⁵³⁴ para seus funcionários. Em uma pesquisa realizada por editores do *Jornal de Notícias* comprovam que “a maioria dos radialistas goianos não passam de SERVENTES, isto porque, oitenta por cento deles, recebem o grande SALÁRIO MÍNIMO” (*JORNAL DE NOTÍCIAS*, 17 fev. 1959).

Casos como o de Valdir Morgado pela rádio Carajá de Anápolis, são observados na maioria das emissoras, principalmente naquelas do interior de Goiás. Segundo ele, quando começou a trabalhar na rádio Carajá, foi “[...] sem nenhuma vinculação, sem nenhum salário, sem nada, nada, nada. Eu trabalhei pra ele um bocado de tempo, menino, garoto, fazendo os comerciais. Tinha uns papeletes, você passava, lia um, lia o outro e tal” (informação verbal)⁵³⁵. Assim, o recurso utilizado por muitas emissoras do interior até 1964 para retribuir o trabalho de seus auxiliares é o mesmo da década de 1940, ou seja, a divisão da receita arrecadada com propagandas. Luiz Braz esclarece como era a situação da maior parte dos indivíduos que trabalhavam em emissoras do interior.

O sistema era o seguinte, principalmente na parte que eu participava: nós vendíamos o programa e pagávamos a rádio com “x” e o que sobrava era rateado entre a equipe. E os locutores também, daquele tempo, eles não tinham salário. Era mais por amorismo. A não ser o gerente, no caso o Aflandes Nunes, que foi o primeiro gerente. Ele tinha um salário estipulado pelo proprietário da organização Geraldo Ladeira. Mas os demais programas nós tínhamos que sair vendendo (informação verbal)⁵³⁶.

Esse relato de Luiz Braz nos oferece elementos importantes para compreender o processo de profissionalização da comunicação em Goiás nesse período. Ele associa o amorismo ao não recebimento de salário. Nesse sentido, concebe-se por profissional o indivíduo que recebe um salário fixo para desenvolver uma atividade específica nas emissoras. A RBC é a única a fazer isso em 1950, e ao implantar o assalariamento leva as demais emissoras a fazer o mesmo. Essa é, entre outras, uma das suas principais contribuições para a profissionalização da comunicação radiofônica em Goiás.

⁵³⁴ Neste período, muitas pessoas desistiram do trabalho no rádio pelo fato do salário não suprir suas necessidades básicas. Este é o caso de Roberto Ferreira, locutor da rádio Anhanguera em 1957. Ele deixa a emissora por estar cansado de lutar pelo rádio e resolve “abandoná-lo porque, infelizmente, financeiramente o rádio goiano deixa muito a desejar” (*Diário da Tarde*, 09 set. 1957).

⁵³⁵ Valdir Morgado, op. cit.

⁵³⁶ Luiz Braz, op. cit.

Mas esta organização estabelecida pela RBC não atinge a todas as emissoras da época. O comércio ainda insipiente não é suficiente para suprir todas as despesas que auferem uma emissora. Para manterem-se criam o sistema de vendas de programas. Walter Meneses, por exemplo, afirma que nunca teve “[...] salário de radialista. Eu sempre tive horários que eu comprei, sabe! E revendia” (informação verbal)⁵³⁷. Walter Meneses ressalta ainda que deixa de ser empregado quando passar a comprar horários em emissoras. A compra de um programa, no entanto, depende da audiência, que é o atrativo dos anúncios. Moraes César é o exemplo de popularidade e bons ventos para a emissora que trabalhava.

O Moraes César não era locutor da rádio Anhanguera. Ele tinha um programa lá que chama ‘Nossa Fazenda’, acho que tem até hoje, ‘Nossa Fazenda’. Ele apresentava o programa e tinha muita publicidade. Ele era um profissional, um dos poucos profissionais que tinha carro do ano, porque ele ganhava um bom dinheiro. Agora, os locutores mesmos, locutor noticiário, locutor da emissora, esses ganhavam muito mal. Agora, o que dava o dinheiro era a corretagem de publicidade (informação verbal)⁵³⁸.

O não pagamento de salário é também proveniente da concepção dos gestores, que defendem a ideia de não ser necessário assinarem a carteira de trabalho de seus radialistas. Por isso recorrem a outros meios uma vez que manter um assalariado é motivo de dívidas já que neste contexto os rendimentos são reduzidos. Valdir Morgado (Figura 46) afirma que “naquele tempo, cê não conseguia registrar sua carteira de jeito nenhum. Precisava muita briga pra poder registrar a carteira. Porque ninguém recolhia previdência, era um drama” (informação verbal)⁵³⁹. David Nahas relata sua situação na rádio Cultura de Catalão.



Figura 46 – Carteira de trabalho de Valdir Morgado registrada por três emissoras de Anápolis
Fonte: Arquivo pessoal de Valdir Morgado.

Naquele tempo a gente era tão besta, a gente nunca assinava carteira, não tinha nada disso. Se tivesse já teria aposentado bem antes porque eu trabalhei dez anos. Quando você ia receber os vencimento assinava recibo e pronto. Mas nunca passou na cabeça da gente guardar os recibo. Naquele tempo não importava com nada. Era completamente diferente. Agora, se fosse hoje eu ia aposentar bem mais novo (informação verbal)⁵⁴⁰.

⁵³⁷ Walter Meneses, op. cit.

⁵³⁸ João Batista Freitas, op. cit.

⁵³⁹ Valdir Morgado, op. cit.

⁵⁴⁰ David Nahas, op. cit.

A RBC é a primeira emissora de rádio em Goiás a criar o regime de trabalho com carteira assinada. Sílvio Medeiros lembra-se que chegou a deixar os estudos em decorrência da garantia profissional que a emissora ofereceu-lhe.

Aí carteira assinada fiquei 10 anos na Brasil Central. Comecei como locutor, depois passei a animador de auditório. Lá eu fiz radioteatro. Aí eu voei, criei espaço lá e voei na rádio viu! Cheguei inclusive a parar os estudos. Fiz o ginásio, parei só pra dedicar ao rádio (informação verbal)⁵⁴¹.

A formalização laboral instituída pela RBC, portanto, oferece um modelo de organização para o rádio em Goiás que se desenvolve a partir da segunda metade da década de 1950. Em outras emissoras, pela pressão daqueles que são contratados, vão paulatinamente instituindo o assalariamento. Ocorre que o investimento dos comerciantes locais em quase todas as cidades neste contexto, mal dá para suprir os gastos das emissoras. Isso leva muitas delas a recorrerem novamente ao histórico sistema de comissão, porém, com uma diferença do que ocorria no rádio na década de 1940, ou seja, continuam mantendo o salário mais uma comissão para aqueles que conseguissem vender horários para publicidade. É uma estratégia também para os próprios radialistas buscarem por investidores.

Era difícil. Era só mesmo o que ela faturava, e os funcionário ganhava comissão, comissão do que eles vendiam de propaganda. Tinha o salário. Às vezes o dono desembolsava alguma coisa, mas raramente desembolsava. Já era assalariado. Ganhava o salário mais a comissão (informação verbal)⁵⁴².

Com o regime salarial proposto pela Brasil Central e reproduzido posteriormente pela Anhanguera, rádio Clube e Carajá de Anápolis, ocorreu em emissoras de Goiânia e de Anápolis, o mesmo que em outras partes do Brasil, ou seja, “[...] o rádio propiciou fama e salários fabulosos. Mas esse foi o caso de poucos, a regra geral era a de muito trabalho e nem tanto dinheiro assim. Diferentemente do que parecia ao senso comum, o trabalho no rádio era árduo, a diversão era dos ouvintes” (AZEVEDO, 2002, p.127).

Em emissoras do interior quem realmente recebia um bom salário com o rádio eram os proprietários das emissoras, como afirma Paulo Nunes: “Pra dizer a verdade, emissora de rádio do interior, pelo menos o que eu conheci até hoje, só ganhava o proprietário, o dono, ou o gerente. Mas funcionários não” (informação verbal)⁵⁴³. Em 1957, *O Popular* faz uma publicação sobre os melhores salários pagos no rádio em Goiânia daquele ano, e demonstra que os dirigentes das emissoras despontam como os mais bem pagos.

⁵⁴¹ Sílvio Medeiros, op. cit., 2004.

⁵⁴² Porátio, op. cit.

⁵⁴³ Paulo Nunes, op. cit.

Esta figura ao lado é de Cunha Júnior, dono do maior salário do Rádio Goiano em 1957. Seguindo de perto vem a figura de Francisco Durval Veiga, diretor comercial da Rádio Anhanguera. Hely Mesquita e Omar Barbosa são os terceiro e quarto colocados em salário e comissões é claro (*O POPULAR*, 25 dez. 1957).

Todos esses nomes citados pelo *O Popular* são gestores de emissoras nesta época. Nesta mesma nota trazem a informação de que o salário em emissoras de Goiás está longe daquele pago nas grandes emissoras do país. Essa questão é esclarecida em um artigo publicado em 1959 pelo *Jornal de Notícias*, no qual analisa o salário oferecido por emissoras de outros Estados em relação ao que é repassado por emissoras goianas. Segundo Natalino Cavalcante:

Você encontra no rádio muitos elementos que não recebem os salários que são merecedores a exemplo do que acontece no rádio de outras capitais, vamos dizer no rádio pernambucano por exemplo, onde encontramos elementos com salários de 15, 18, 20 mil cruzeiros e isto aqui no rádio goiano quase não existe (*apud JORNAL DE NOTÍCIAS*, 6 fev. 1959).

O baixo salário pago pela radiofonia goiana é motivo de muitas pessoas desistirem do trabalho no rádio, a exemplo da decisão de Paulo Nunes em Rio Verde.

Me chamaram uma vez pra transmitir partida de futebol. Não fui porque o salário era pouco. Eu falei:
- Não vai dar não.
- Mas você tem voz pra isso!
- Não, mas isso aqui está muito pouco.
Aí deixei de mão. Passei pra outra profissão (informação verbal)⁵⁴⁴.

Assim, deixar o rádio para buscar por outro trabalho torna-se uma constante no rádio goiano. As emissoras de Goiânia recebem duras críticas no final de 1950 em decorrência do baixo salário que pagam aos seus radialistas, é também um exemplo do que ocorre em outras emissoras neste período.

Quem está de fora anda doido pra entrar. Quem está dentro anda maluco pra sair. Assim, está acontecendo com o rádio anhanguerino, que paga os piores salários do Brasil. Francisco Koslowski engrossará a lista dos que abandonarão o rádio por falta de melhores perspectivas financeiras que possam dar uma situação condizente com a posição de radialista. Pelo que vemos somente ‘play-boys’ e ‘filhos do papai’, que é a mesma coisa, poderão trabalhar no rádio (*JORNAL DE NOTÍCIAS*, 7 fev. 1959).

Ainda nesta época, o comércio em Goiás dá um salto em desenvolvimento. Isso provoca mudanças na concepção dos dirigentes de emissoras em Goiânia e em Anápolis, que

⁵⁴⁴ Paulo Nunes, op. cit.

tratam logo de abolir de vez as comissões e diminuir o acesso dos funcionários à receita proveniente de anúncios. Essa alteração instala um conflito nas relações de trabalho no rádio, provocando, assim, o desencantamento de um grande número de radialistas pela radiodifusão⁵⁴⁵. A documentação aponta vários casos de demissão⁵⁴⁶ na década de 1950 em consequência da intensificação da formalidade no trabalho.

É neste momento que se instala do lado dos radialistas a necessidade de uma organização para protegê-los dos proprietários e gestores de emissoras. Esse movimento já havia iniciado por volta de 1956, apesar de não ter tanta força quanto obteve no final desta década. Vejamos.

Em decorrência das contradições e conflitos existentes entre os radialistas e os donos e gestores das emissoras, emergem neste período instituições voltadas para proteger os próprios radialistas de seus dirigentes. Em 1955, surgem as primeiras preocupações que apontam a necessidade de criação de um sindicato dos radialistas no Estado. Segundo informação do jornal *Nova Capital* (24 nov. 1955):

Jesus Boquady dos ‘Diários Associados’, de nossa Capital, está com o firme propósito de fundar em Goiânia, o Sindicato de Jornalistas e Radialistas Profissionais. Excelente iniciativa, não resta a menor dúvida, se contar com o apoio imprescindível dos militantes da Imprensa falada e escrita.

Contudo, a primeira associação propriamente dos radialistas é criada em Goiás no dia 12 de março de 1956. No dia seguinte o jornal *O Popular* (13 mar. 1956) informa: “Em sessão realizada na manhã de ontem, no plenário da Edilidade, teve lugar a fundação da ARPEG - Associação de Radialistas Profissionais do Estado de Goiás”. Pode-se notar aí nessa passagem a expressão da formalidade do que havia sido esboçada desde o início deste período, ou seja, a criação de uma nova categoria de trabalhadores, a de radialista.

A primeira diretoria a presidir essa associação é formada pelos seguintes membros: “Presidente: Luiz de Carvalho; Vice-Presidente: Walfrido Gramont; 1º Secretário: Elísio de Assis Costa; 2º secretário: Wagner Pimenta; 1º tesoureiro: Fernando Magalhães; 2º tesoureiro: Moraes Júnior; Orador Oficial: Geraldo Vale” (*O POPULAR*, 13 mar. 1956). Esta iniciativa encontra muitas dificuldades por não ter um respaldo nacional, em decorrência de não estar regularizada pelo Estado brasileiro.

⁵⁴⁵ Um fato marcante em 1955 é a demissão em massa de funcionários da RBC, uma decisão do diretor artístico Jeovah Baylão (*NOVA CAPITAL*, 31 dez. 1955).

⁵⁴⁶ Para citar dois exemplos, um refere-se a Heleno, demitido da rádio Xavantes de Ipameri em 1963 por ter atraído vários financiadores. Heleno defende que eles o viam como uma ameaça à gestão da emissora. O outro caso é o de João Batista. Ele solicitou uma licença dos dirigentes da RBC para fazer uma cirurgia em São Paulo, mas não foi atendido. Por este motivo, pediu demissão.

Além dessa comissão, constituem uma segunda para a elaboração de um estatuto, integrada por Luiz de Carvalho (rádio Clube), Sílvio Medeiros (RBC) e Geraldo Vale (rádio Anhanguera). Em 1958, o *Jornal de Notícias* informa existir ao lado da ARPEG, a ACEEG. Com a ARPEG e a ACEEG finalmente efetiva-se a formalização da profissão de radialista em Goiás. A partir daí a categoria começa a organizar-se e buscar por seu fortalecimento e reconhecimento nacional. Para isso ocorrer, no entanto, é necessária uma organização que pudesse atuar junto ao Estado para garantir determinados direitos desses profissionais; é quando figura a proposta de sindicalização dos radialistas.

No início do ano de 1959, os jornalistas que dedicam à imprensa escrita em Goiás conseguem organizarem-se tendo à frente da categoria o sindicato dos jornalistas profissionais, como foi citado anteriormente. Isso, de certa forma, incentiva uma parte dos radialistas a fundarem um sindicato voltado especificamente para a sua categoria, já que esta organização conta com a participação de jornalistas que atuam no rádio, como demonstra uma nota publicada pelo *O Popular* (25 abr. 1959).

Não se pode deixar de conferir os louros dessa autêntica vitória dos profissionais da *imprensa escrita e falada* do Estado, aos esforços do confrade Lourival Batista Pereira, atual presidente da Associação Profissional de Jornalistas do Estado de Goiás, muito bem assessorado pelo confrade Paulo Gomide Leite, alto funcionário da Delegacia Regional do MTIC⁵⁴⁷, nesta capital (*grifo nosso*).

Enquanto o sindicato não é efetivado, a relação da maior parte dos radialistas com as emissoras continua pautada pela informalidade. Neste contexto “[...] a maioria dos elementos no sem fio goiano utilizam-no como bico e não como profissão definida” (Natalino Cavalcante, *apud Jornal de Notícias* 6 fev. 1959). Há um mês antes desta publicação, um importante radialista deixava o rádio pelas más condições salariais do rádio e já havia colocado esta assertiva apontada por Natalino Cavalcante.

O assistente-técnico da Rádio Clube de Goiânia, Francisco Koslowski, está mesmo decidido a deixar o rádio para ingressar no ‘rol’ dos ‘homens que se dizem sérios’. Acha o alemão que os atuais salários pagos pelas emissoras de Goiás, não permitem que os radialistas sejam casados. O rádio é ainda um ‘bico’ em Goiás (*JORNAL DE NOTÍCIAS*, 11 jan. 1959).

Neste mesmo ano, Luiz Espínola de Carvalho, influente no meio dos radialistas em Goiás, que ocupa a presidência da ARPEG neste momento, inicia uma campanha para a criação de um sindicato exclusivo para os radialistas. Para divulgar e fortalecer esta iniciativa

⁵⁴⁷ Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

cria uma coluna no jornal *O Popular* com o título “Sindicato e Associações”. Ele começa a partir daí a divulgar a ideia. O objetivo é convencer os radialistas da importância dessa organização para a categoria, e também para pressionar o poder local a não colocar dificuldades à sua efetivação.

A primeira publicação que fazem data de junho de 1960, colocada em público com o título “Radialistas querem Sindicatos”. A coluna, por sua vez, passa a ser coordenada por Antônio Pádua Araújo, mais conhecido como Aranha Araújo, paraibano, que chega a Goiânia em 1959 trazendo consigo uma vasta experiência no rádio de Piauí, Fortaleza, Natal, Maranhão, Rio Grande do Norte e Recife. No ano seguinte integra a diretoria da Confederação Nacional dos Radialistas.

Na primeira nota publicada pelo *O Popular*, Aranha Araújo anuncia esse movimento pela sindicalização dos radialistas: “Estamos informados que no seio dos radialistas goianos, esboça-se um movimento visando unificação da classe para lançamento de uma campanha de transformação da ARPEG, em Sindicato” (*O POPULAR*, 30 jun. 1960).

Aranha Araújo lembra-se que teve muita dificuldade em reunir pessoas para lutar em prol da sindicalização. Então, começa a campanha reunindo aqueles que interessam pelo “[...] assunto. A gente se reunia sempre porque tinha sempre um grupo que trabalhava mais e outros que só usufruía. A gente se reunia pra ver regras pra gente agir” (informação verbal)⁵⁴⁸.

Nesse mesmo período, Luiz Espíndola de Carvalho envia um documento para a Delegacia Regional do Trabalho solicitando a formalização da categoria. É a primeira tentativa de criação de um sindicato para os radialistas de Goiás. Neste documento coloca em evidência a necessidade de segurança do trabalho, que segundo ele, pode ser garantido com a criação do sindicato. Além disso, convoca uma Assembleia Geral para deliberarem sobre a proposição de transformarem a ARPEG em sindicato.

Os radialistas de Goiás continuam sem Sindicato e sem condições para lutar e apresentar reivindicações em defesa dos seus interesses. Deverá ser convocada uma Assembléia Geral, quando a classe, tomará uma posição definida iniciando então a campanha que se bem dirigida e orientada poderá trazer frutos benéficos com a transformação da ARPEG, em Sindicato, o que por certo virá fortalecer aos que labutam no ‘sem-fio’ goiano e que até o momento continuam sem qualquer segurança e entregue à vontade das emissoras (*O POPULAR*, 30 jun. 1960).

⁵⁴⁸ Aranha Araújo, op. cit. 2012.

A ARPEG, portanto, representa o início da organização dos radialistas em Goiás enquanto categoria como observamos anteriormente. Porém, os próprios radialistas começam a perceber que sua existência não presta nem um benefício aos seus associados.

Sentem os profissionais do ‘sem fio’ local, que a ARPEG é uma instituição que de nada está servindo para eles e que sua ação praticamente é nula, de vez que não esboça um movimento qualquer em prol da melhoria da classe ou mesmo para abordar um problema por menor que seja. Completamente acéfala como se encontra, essa entidade tem papel apenas decorativo (*O POPULAR*, 27 jul. 1960).

Na sequência dessa mesma publicação Aranha Araújo tenta mobilizar os radialistas com a ideia de que são explorados e vítimas das emissoras, e a saída para solucionar esses problemas não pode ser outro, senão, a criação do sindicato.

Os homens do rádio goiano já não podem prescindir do sindicalismo, único meio capaz de conseguirem lutar por melhores reivindicações e contra as explorações e os desmandos de que são vítimas, por parte das emissoras. No entanto, para alcançar esse objetivo, é preciso união e uma união sólida, concreta. E o primeiro passo nesse sentido é a criação do Sindicato dos Radialistas⁵⁴⁹.

Aranha Araújo argumenta que o trabalho no interior do rádio não é um espaço em que o radialista realiza-se profissionalmente. As emissoras estão sujeitas aos interesses dos proprietários e os radialistas devem perceber-se como agentes detentores de determinados direitos. Por este motivo o Estado deve permitir sua organização em um sindicato, para que tenham condições reais de lutar e questionar as próprias emissoras sobre a condição em que trabalham.

O projeto toma força com um ato histórico no campo da radiofonia goiana por meio de seu departamento de jornalismo, apoiado pelo sindicato dos jornalistas. Efetiva-se no rádio, o primeiro acordo entre empregados e empregadores.

Desta forma, foi firmado, pela primeira vez, na história do jornalismo goiano, um acôrdo⁵⁵⁰ entre empregados e empregadores, conquistando, assim, a classe assalariada um triunfo, através do órgão que a representa [Delegacia Regional do Trabalho] (*O POPULAR*, 26 nov. 1960).

Alguns radialistas passam a concordar com a ideia de se criar um sindicato, porém, ainda não é um número suficiente para avançar com este projeto. Em uma publicação

⁵⁴⁹ Ibidem.

⁵⁵⁰ O acordo pautou pelo aumento de 50% do salário recebido, para compensar os aumentos espontâneos concedidos após a decretação dos novos níveis do salário mínimo, aumento proporcional e progressivo de 1/12 avos para os jornalistas admitidos no decorrer dos últimos seis meses e o acordo teria vigência de um ano.

realizada pelo *O Popular* no mês seguinte, Aranha Araújo demonstra estar descontente com os radialistas goianos. Retoma o fato de que o movimento iniciado por Luiz Espíndola de Carvalho não está sendo bem aceito pelos profissionais do rádio.

Criticar uma entidade e uma administração, como fazem os radialistas deste Estado, é algo reprovável. Eles que são a força máxima da classe, que deveriam interessar-se pela Associação que os congrega, são os que mais dela se afastam. Esse afastamento chega a ser suspeito, partindo de elementos que, pela profissão que abraçaram, têm obrigação de saber que uma classe unida e forte, possuindo um Sindicato, estará em condições de conseguir grandes melhoramentos e reivindicações em prol do seu interesse. Sabemos que, até aqui, têm sido infrutíferos os esforços da citada entidade, visto que os próprios trabalhadores no ‘sem fio’ local, não lhe deram o apoio indispensável para que pudesse fazer algo em prol da classe. Isto, demonstra claramente que não existe união e compreensão entre os radialistas goianos (*O POPULAR*, 04 dez. 1960).

Em entrevista para esta tese ele afirma que, na verdade, o desinteresse maior pela criação do sindicato era dos proprietários e gestores de emissoras:

[...] que achava que aquilo ali estava errado porque ia dar valor ao radialista, quer dizer, o cara ia ter condições de ganhar mais. Porque naquele tempo sem a profissão regulamentada eles pagavam o que queriam, era de acordo com o patrão. Com o sindicato não, porque nós discutíamos as questões salariais na mesa de negociação (informação verbal)⁵⁵¹.

Apesar de o movimento de sindicalização ser realizado em Goiânia, a proposta é estendê-lo para as demais emissoras do interior, como fica claro em uma nota de *O Popular* publicada em 3 de janeiro de 1961.

Além das quatro estações de rádio-emissoras que temos na capital, um bom número se estende pelo interior. Entretanto, não têm os radialistas um órgão que os congregue em conjunto e do qual possam fazer uso para lutar em prol de suas reivindicações.

Luiz de Carvalho muda as estratégias e busca por uma nova forma de motivar os radialistas a fortalecerem a luta pela instituição do sindicato. Entra em contato com sindicalistas de São Paulo para solicitar auxílio em seu projeto. Articula para que três integrantes do sindicalismo deste grande centro (Joás Júnior, Walter Avancini e Alberto Freitas) desloquem-se para Goiás.

Nesta mesma época os radialistas de Anápolis também criam a primeira Associação dos Radialistas da cidade, voltada exclusivamente para os profissionais que atuam nas emissoras locais.

⁵⁵¹ Aranha Araújo, op. cit., 2012.

Dia primeiro de abril estará reunida a Associação dos Radialistas anapolinos quando será aprovado o seu estatuto, bem como será feita a eleição da sua primeira Diretoria. Aos profissionais do microfone e aos futuros dirigentes da novel instituição os votos de feliz gestão (*O ANÁPOLIS*, 25 mar. 1961).

Diante das palpitações que atingem os radialistas, amplia-se a adesão dos mesmos em torno das organizações voltadas para a categoria. Em uma publicação de *O Popular* realizada em meados de 1961, informam que a ARPEG apresenta uma força significativa para os radialistas naquele momento, em decorrência do amplo apoio recebido dos próprios profissionais. Apresenta o patrimônio conquistado e os seus projetos para o futuro.

Podemos informar que a ARPEG possui, hoje, um patrimônio avaliado em cerca de um milhão e duzentos mil cruzeiros. Tratando-se de uma sede (sala) situada no 7º andar do edifício do Banco Mercantil de Minas Gerais, na Av. Goiás. Há ainda pequenas verbas que deverão ser recebidas ainda este ano para realizações diversas. Um terreno será adquirido fora do perímetro urbano para instalação de um pequeno recreio para os profissionais do rádio goiano [...] na reunião da próxima segunda-feira estarão presentes representantes das rádios de Anápolis e Inhumas (*O POPULAR*, 23 ago. 1961).

No ano seguinte, deflagra-se no Rio de Janeiro uma das primeiras greves encadeada por radialistas no Brasil. O baixo salário que recebem é o motivo da paralisação. Isso demonstra que o salário não é um problema apenas daqueles que atuam em emissoras goianas.

Emissoras do Rio estão em Greve: salário
Com excessão das Rádios Ministério da Educação e Roquete Pinto, a primeira pertence ao Governo Federal e a segunda ao Governo Estadual, tôdas as demais emissoras de Rádio e TV paralizaram seus funcionamentos pela greve dos radialistas, fizeram eclodir a meia noite (*O ANÁPOLIS*, 4 out. 1962).

A greve dos radialistas no Rio de Janeiro atinge o meio radiofônico em Goiás. Este movimento talvez tenha sido o estopim que estava faltando para despertar os radialistas goianos para a necessidade de organizarem-se em torno de um sindicato. O movimento nacional pela greve eclode com a participação massiva das grandes emissoras, tornando-se, assim, em um importante acontecimento para a comissão que preside o movimento de sindicalização dos profissionais do rádio em Goiás. Neste contexto conseguem o apoio necessário do Estado para reconhecer o sindicato como representante desta nova categoria laboral que surgia. Neste bojo de acontecimentos é que em 1962 o projeto de um sindicato para os radialistas de Goiás é definitivamente efetivado.

Com a criação do sindicato dos radialistas uma das primeiras medidas apresentadas por aqueles três sindicalistas de São Paulo é a de se estabelecer uma diferenciação salarial no

interior das emissoras, ou seja, que o locutor tenha um salário diferente do que é pago ao sonoplasta, que o deste não seja igual ao do discotecário e assim por diante.

Segundo Aranha Araújo isso causa uma ampla discórdia de grande parte dos profissionais do rádio, uma vez que até então o salário se mantinha equivalente para todos. Há, obviamente, aqueles que recebem um pouco mais em decorrência das propagandas e negociações de programas que realizam, mas o salário que recebem é o mesmo. Apesar das discordâncias, o sindicato estabelece um teto salarial para cada especialidade. Além disso, começam a cobrar contribuições para a sua manutenção.

Com a efetivação do sindicato novos departamentos são criados no rádio. Novas especialidades emergem para garantir um aprofundamento da profissionalização da comunicação. O discotecário, por exemplo, que até então desempenhava também o papel de programador, deixa de exercer esta função e esta é delegada a um novo indivíduo que engrossaria a fileira da especialização no rádio.

Neste mesmo contexto, o Brasil é tomado por greves que são encadeadas por outras categorias de trabalhadores. Isso afeta os profissionais do rádio, que também retomam as reclamações por melhores salários e, além de tudo, pela “[...] regularização da profissão do radialista e a obrigatoriedade das emissoras quanto a programação ao vivo e também estabelecer o Salário Profissional” (*O ANÁPOLIS*, 28 mai. 1963). A Federação Nacional dos Radialistas propõe deflagrar a primeira greve nacional dos radialistas no Brasil se o Estado não atender suas reivindicações.

O Estado recua e em 1963 finalmente regulariza a categoria no Brasil. A carteira profissional no rádio, que antes deste ato do governo era privilégio de poucos, agora passa a ser uma determinação do Estado que atinge a todos que trabalham em uma emissora de rádio e TV. A regularização se efetiva quando “o Presidente da República assina Decreto, regulamentando a profissão de radialista. O anteprojeto inicial sofreu uma revisão e o texto definitivo foi divulgado hoje pelo ‘Diário Oficial’” (*O ANÁPOLIS*, 26 jul. 1963). Com este Decreto a categoria de radialista recebe uma definição. Passa a corresponder a “[...] todos os que, a qualquer título, trabalhem em empresas de ráiodifusão ou televisão, e não sejam integrantes de categoria profissional diferenciada”.

O Estado institui a obrigatoriedade para que um indivíduo atue exclusivamente em uma determinada especialidade no campo da comunicação. Para assegurar o assalariamento o Decreto proíbe ainda o trabalho profissional gratuito e estabelece a obrigatoriedade do vínculo empregatício.

Com isso, aqueles radialistas que utilizavam de horários em emissoras para a venda de propagandas ou terceirização de programas, são proibidos de exercer atividades desta natureza. Com esta normatização do trabalho radiofônico, os proprietários de emissoras recebem a proteção do Estado e a submissão dos funcionários do rádio aos seus preceitos e interesses. O rádio torna-se, definitivamente, uma empresa, com a característica de ser voltada para a comunicação.

Mesmo depois de criado o sindicato dos radialistas, no entanto, os profissionais do rádio em Anápolis continuam se organizando por intermédio de uma organização própria, a ATERA, criada por Euzébio Guimarães Júnior. Mas, semelhante ao que havia ocorrido em Goiânia, os radialistas locais não demonstram interesse em tal organização. Com o apoio de alguns radialistas até que tentam presidir uma greve no início do ano, mas fracassam: “Tudo indica que não tiveram apôio no seio da classe, principalmente com os elementos da Rádio Santana, que são os melhores remunerados do Rádio Anapolino” (*O ANÁPOLIS*, 21 mar. 1963).

Apesar dessas associações, o salário pago por emissoras do interior e, inclusive, de Anápolis continua baixo. Goiânia e Brasília despontam-se como as cidades onde os salários são os melhores. Isso motiva radialistas a migrarem para essas cidades em busca de melhores rendimentos. “As emissoras de Brasília e Goiânia levam a todo custo os nossos melhores elementos, arrastados que são pelos grandes salários” (*O ANÁPOLIS*, 3 mai. 1963).

Neste ambiente de profundas diferenças salariais, o sindicato dos radialistas apresenta a primeira tentativa de deflagrarem uma greve geral⁵⁵² dos radialistas em Goiás (*O ANÁPOLIS*, 8 mai. 1963). Como tentativa de fortalecimento do próprio sindicato, passam a fiscalizar as emissoras da Capital e do interior do Estado. Constatam, no entanto, que muitas emissoras continuam mantendo a informalidade na relação com seus radialistas.

A posição do Sindicato, deve-se ao fato de algumas empresas não terem recolhido, ao Banco do Brasil, o impôsto sindical, embora tenham feito o devido desconto dos seus empregados e, também, pelo fato de haver muitos profissionais sem o devido registro nas empresas (*O ANÁPOLIS*, 21 set. 1963).

Neste contexto, independente do Sindicato dos Radialistas de Goiás, os radialistas de Anápolis apresentam um indicativo de greve. Cobram pela equiparação salarial com os

⁵⁵² Em outubro, os radialistas da Bahia deflagram greve: “Os radialistas de Salvador entraram em greve ao primeiro minuto de hoje, paralisando as emissoras de rádio e TV da Capital baiana. A classe reivindica melhoria salarial” (*O ANÁPOLIS*, 23 out. 1963).

profissionais que atuam em Goiânia, que segundo Aranha Araújo é quatro vezes o salário mínimo em vigor na cidade (*O ANÁPOLIS*, 19 nov. 1963). Além disso, exigem que os vencimentos estejam nas seguintes bases:

1.º) para locutores, produtores, redatores e categorias auxiliares, mínimo de Cr\$ 34.000,00; 2.º) para sonoplasta, discotecários, contra-regras e categorias auxiliares, mínimo de Cr\$ 25.000,00; para os profissionais iniciantes, de todas as categorias, até 6 meses de trabalho, mínimo de Cr\$ 20.000,00 (*Ibidem*).

Esse movimento que se inicia em Goiás deixa de ser uma reivindicação apenas dos radialistas de Anápolis e atinge a todo o Estado, como afirmou Romualdo Santillo: “A luta dos radialistas anapolinos pelo aumento salarial deixou de ser local, para se transformar em reivindicação do Sindicato de todo o Estado, porque não está sendo cumprido o acordo salarial firmado entre empregadores e o Sindicato da classe” (*apud O ANÁPOLIS*, 20 nov. 1963).

Em decorrência das diversas greves que ocorrem em todo o país e a pressão dos radialistas de Anápolis, o Sindicato dos Radialistas de Goiás consolida-se. As filiações ampliam de forma significativa e assegura à entidade a garantia de manter-se como representante dos trabalhadores do rádio neste período. Essa organização se fortalece no momento em que se cogita uma nova greve nacional que estava em vias de ser deflagrada por radialistas que reclamam pela formalização do salário profissional, que é uma reivindicação já apresentada anteriormente ao governo federal e que não foi atendida.

O Presidente do Sindicato dos Radialistas Profissionais do Estado de Goiás, Sr. Antônio Aranha Araújo, que chegou recentemente do Rio de Janeiro, informou à reportagem ser possível a decretação de uma greve nacional da classe, a qualquer instante, conforme pretende a Federação Nacional dos Radialistas. O movimento dos radialistas está sendo estruturado em vista de a categoria não estar conseguindo, conforme esperava, a obtenção do salário profissional (*O POPULAR*, 22 nov. 1963).

Com a efetivação deste Sindicato, no entanto, o rádio em Goiás assume uma nova configuração. O amadorismo, pelo menos oficialmente, está definitivamente superado. O profissionalismo que foi concretizado com a formalização da profissão de radialista torna-se enfim uma realidade.

Radivair Miranda observa que o Sindicato começa a atuar em prol da profissionalização do rádio no interior, através de cobranças dirigidas aos proprietários das emissoras em prol da melhoria das condições de trabalho: “Teve que fazer, inclusive, a formação desses profissionais, cursos específicos e especializados. Fazia através do sindicato.

Sindicato dos Radialistas de Goiás. Dava muito curso, inclusive pra poder registrar a carteira profissional” (informação verbal)⁵⁵³.

O sindicato demonstra sua força no início de 1964, ao ter sucesso na primeira luta dos radialistas de Anápolis contra os proprietários de emissoras. Ele consegue firmar um acordo entre ambos efetivando parte das reivindicações que os radialistas apresentaram no indicativo de greve no ano anterior.

Depois de meses de lutas, os empregados de empresas de radiodifusão de Anápolis conseguiram ser atendidos nas reivindicações solicitadas, depois da reunião do Delegado Sindical em nossa cidade, com diretores de emissoras. Os radialistas de Anápolis conseguiram, além do aumento de salário, um dia de folga durante a semana, ficando ainda com o mesmo número de horas de trabalho, com o que os empregadores não concordavam (*O ANÁPOLIS*, 11 jan. 1964).

Neste contexto, o rádio demonstra ter finalmente encontrado o caminho para firmar-se e para continuar existindo ao lado da televisão que desponta como ameaça. Porém, uma crise assola o país, chegando ao ponto dos militares instituírem um golpe de Estado alguns meses depois. O sindicato é suprimido e o rádio toma um novo rumo. Aranha Araújo lembre-se que “todo dirigente sindical depois do movimento militar era suspeito, considerado suspeito, subversivo, mesmo que não fosse como era o meu caso” (informação verbal)⁵⁵⁴.

Não entrarei nesse assunto, pois demanda uma nova pesquisa e um aprofundamento em suas especificidades. Conclui-se, portanto, que a profissionalização buscada pelos radialistas em 1950 é formalizada no início da década de 1960.

3.6. O rádio e o artista em Goiás.

A profissionalização do rádio Goiás não se restringe à radiofonia, ou melhor, ao profissionalizar-se o rádio acabou provocando mudanças em determinados setores da sociedade. Ele atinge outras pessoas, mais especificamente, aquelas que expressam seu sentimento através do canto ou que gostam de tocar algum instrumento musical. Até meados de 1950, não há em Goiás um indivíduo que é destacado e reconhecido em todo o Estado enquanto artista. Há, obviamente, quem se dedica à arte e são portadores de habilidades específicas que se distingue dos demais em decorrência de sua própria especialidade. Contudo, da mesma forma que ocorreu a formação gradual de um espaço para o radialista, uma esfera artística que expressasse o centro do Brasil também estava se desenrolando nesta região do país.

⁵⁵³ Radivair Miranda, op. cit., 2012.

⁵⁵⁴ Aranha Araújo, op. cit., 2012.

Neste período, pessoas que cantam ou tocam violão, viola, acordeom etc., mantêm-se no anonimato. Na verdade, são conhecidos, na maioria dos casos, no entorno da comunidade onde residem. O rádio, no entanto, veio para provocar mudanças nesta situação, convertendo-se em instrumento revolucionário em suas mãos. A profissionalização do rádio provoca, simultaneamente, a profissionalização destas pessoas. Esse processo, no entanto, teve seu gérmen na década de 1940.

Naquele período, em regiões onde emissoras de rádio já é uma presença, as pessoas começam a se reunirem para cantar, tocar um instrumento ou fazer alguma apresentação a convite de radialistas. Os diretores da rádio Xavantes de Ipameri, para atender o público daquela região, criam programas voltados para fazerem apresentações intercaladas com pianistas da cidade que eram convidados.

A rádio Chavantes de Ipameri está apresentando ao povo daquela cidade grandes novidades. Atualmente, conta esta radio com selecionados cantores e músicas que nada ficam a dever aos das grandes emissoras. Dentre eles, a nossa reportagem teve o prazer de conhecer o Professor Erico Piper, notável pianista; Osmar Veiga, consagrado pianista e Alberto Lostráqui (A *NOTÍCIA*, 19 fev. 1950).

Nesse sentido, o movimento que provoca o desenvolvimento do campo artístico em Goiás adveio de apresentações realizadas por habitantes do meio rural em programas de estúdio das emissoras locais. Valdir Morgado, da rádio Carajá de Anápolis, observa que eram muitas as pessoas que aparecia para este fim naquela emissora. “[...] Olha, da zona rural, esses cantor sertanejo, viola, violão e sanfona, normalmente era zona rural de Anápolis. O pessoal gostavam e iam mesmo. Isso era na rádio Carajá de Anápolis” (informação verbal)⁵⁵⁵. Goiânia, Anápolis, Ipameri e Buriti Alegre são as primeiras cidades onde isso começa. Na década de 1940, nenhum nome destaca-se. Já na década de 1950, isso sofre profundas mudanças.

Segundo afirmou Marrequinho (2012) “Jorge Batista Ribeiro (Zé Micuim), Henrique César de Veiga Jardim (Tiburtino)⁵⁵⁶, O Jujú) e o Chico Onça⁵⁵⁷ (Figura 47) são os primeiros artistas



Figura 47 – Primeiros artistas goianos a apresentarem em programa de auditório (pela rádio Clube de Goiânia).

Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia. 2008.

⁵⁵⁵ Valdir Morgado, op. cit.

⁵⁵⁶ O jornal *Diário da Tarde* (17 dez. 1957) afirma que “Tiburtino” foi o ‘pioneiro’ do rádio goiano em música caipira. É contratado pela rádio Clube de Goiânia. Em 1957, forma o Trio Goiano com Cumpade Zuzu e Paulino.

sertanejos de Goiás que, empunhando violas e violões, ‘enfrentam’ um microfone de rádio”. Marrequinho registra ainda que “[...] entre eles não havia dupla certa não. Qualquer um cantava com qualquer outro. Isso, na década de 50”.

Em 1950, as emissoras goianas criam o programa ‘show de calouros’, voltado para apresentações de amadores. O calouro é caracterizado como tal por não fazer da arte o seu meio de sobrevivência; canta, toca ou dança por diversão; sua apresentação diante de um público numeroso e muitas vezes familiar, dada as relações próximas estabelecidas pelas pessoas do interior, é concebida como uma ousadia. O riso e a comicidade nestes eventos são inevitáveis. O inesperado, a possibilidade do erro, do desafino, faz com que estas apresentações se tornem momentos marcantes e de muita exaltação do público.

A rádio Carajá de Anápolis cria dois programas e obtém uma grande audiência na região: o “Programa Paulo César” para adultos e o “Gurilândia do Paulinho” para crianças. Esses programas oferecem premiações aos calouros que apresentarem uma melhor desenvoltura na arte do canto. Para os vencedores é dada a chance de fazer novas apresentações em um programa específico, como informou *O Anápolis* (4 nov. 1951): “A partir do dia 13 será apresentado do Estúdio um programa que se repetirá todas as terças feiras. Neste programa serão apresentados os calouros vencedores dos programas ‘Paulo César’ e ‘Gurilândia do Paulinho’”.

É através de programas assim que as primeiras duplas caipiras em Goiás vão se tornando reconhecidas. Em Anápolis é popularizada a dupla Beija-Flor e Moreninho⁵⁵⁸. Em 1953, ambos são contratados pela rádio Carajá para realizarem apresentações todas as quartas e sextas-feiras no programa ‘Noite Sertaneja’ (*O ANÁPOLIS*, 31 mai. 1953). “Beija-Flôr e Moreninho é uma vitoriosa dupla regional, que também se apresenta com bastante sucesso ao microfone da Rádio Carajá. São rapazes esforçados e suas vozes casaram perfeitamente” (*O ANÁPOLIS*, 11 jul. 1953).

Na BRC de Goiânia é criado o programa “No Degrau da Fama”. Torna-se um importante atrativo para pessoas de todo o Estado.

⁵⁵⁷ Segundo Marrequinho, Tiburtino, Jujú e Chico Onça desistem de cantar e apenas Zé Mícuim continuou. Posteriormente forma o Trio da Amizade com Gerson Coutinho da Silva (Rouxinol) e o sanfoneiro Zé Geraldo. Pouco tempo depois Zé Geraldo dá lugar a José Ignácio, que adota Goiazinho como pseudônimo. O Rouxinol, em homenagem ao Estado, adota o nome Goiás.

⁵⁵⁸ Na segunda metade de 1950, criam o programa Nosso Sertão através do qual despontam Zeca e Zequinha, Saulinho e Pintasilgo e Trio Recordações (*O ANÁPOLIS*, 16 jan. 1958). No início de 1960, O Trio Aliança, composto por Doquinho, Dorico e Zinoel, que gravou composições do famoso compositor anapolino Jaime Marques, mais conhecido por Loirinho, conhece a fama em Goiás.

‘No Degrau da Fama’ programa de calouros de Sílvio Medeiros, apresentado todas as quintas-feiras, continua muito concorrido. Com o auditório errebeceano superlotado, Sílvio (Grandalhão) Medeiros apresenta os calouros que no futuro serão grandes cantores, se dérem p’ra coisa, é claro... (NOVA CAPITAL, 1 dez. 1955).

Até aqui nenhuma dupla ou um artista goiano havia conseguido um destaque enquanto artista em todo o Estado. A grande maioria dos indivíduos que cantam ou tocam um instrumento são amadores, desconhecidos, e cantam ou tocam por diversão. Acontece, no entanto, que os amadores começam a levar as apresentações mais a sério, passando a colocar a preparação prévia como parte integrante de sua atuação. Sílvio Medeiros revela que são várias as pessoas que conseguem profissionalizar-se por intermédio de seu programa.

Era domingo à noite, de 6 às 10. Começava a 6 horas e ia até às 10 horas da noite. Quatro horas de programa. Então eu coloquei o nome de ‘Festival SM’, as minhas iniciais, Sílvio Medeiros, ‘Festival SM’. Todo mundo pensava que era ‘Sua Majestade o Neném’. E a primeira parte do programa chamava ‘No Degrau da Fama’. Esse ‘No Degrau da Fama’ era o meu programa de calouro, era justamente a primeira hora do programa. E ali surgiram muitos cantores que gravaram na época, Darci Silva, Josafá Nascimento, esse João Garoto, tantos cantores, Leila Nogueira, Volmer Amaral, Lindomar Castilho, que naquele tempo era Cabral, esse Odair José, tudo garotada. Essa garotada toda passou pelo meu programa (informação verbal)⁵⁵⁹.

O show de calouros da RBC de Goiânia atrai duplas de várias regiões do Estado. Afinal, é a emissora mais potente, um bom atrativo para as pessoas serem ouvidas em outras regiões e em outros estados do Brasil, como descreve Sílvio Medeiros: “Vinha gente do interior aí, das cidades próximas, Inhumas, Itaberaí, Anápolis, até mesmo de Catalão, lá na fronteira, vinha muita gente cantar na rádio Brasil Central, porque ela tinha uma potência muito grande, atingia o Estado todo” (informação verbal)⁵⁶⁰. Por volta de 1955, os primeiros artistas profissionais começam a despontar por esta emissora.

Marrequinho afirma que Zé Micuim, Goiá (também conhecido como Rouxinol) e Goiazinho, que formam o Trio da Amizade⁵⁶¹ (Figura 48), são os primeiros



Figura 48 – Trio da Amizade: Zé Micuim, Zé Geraldo e Rouxinol, os primeiros artistas goianos a gravarem disco em São Paulo. A gravação foi feita pela Columbia
Fonte: <http://blogdomarrequinho.blogspot.com.br/>.

⁵⁵⁹ Sílvio Medeiros, op. cit., 2011.

⁵⁶⁰ Sílvio Medeiros, op. cit., 2011.

⁵⁶¹ Depois deles: Brazão, Marinheiro e Vantuil; Melrinho, Belguinha e Zino Prado; Adolfinho e Chitãozinho (não se trata do Chitãozinho e Xororó) e o Trio da Vitória, formado por Venâncio, Venancinho e Cambuí.

a deslocarem-se para São Paulo⁵⁶² com o intuito de gravar um disco. O *Jornal Nova Capital* de 23 de setembro de 1955 ressalta ainda que gravam a guarânia “Brasília” pela gravadora Columbia.

Podemos observar abaixo que a música exalta a figura de Coimbra Bueno e sua atuação pela RBC em prol da transferência da capital para Goiás, e ainda, apresenta sua concepção sobre a importância de Brasília para este Estado. Esta música é intensamente veiculada por esta emissora, levando o trio a ser reconhecido nacionalmente.

Música: Brasília

Interprete e composição: Trio da Amizade

Um dia um engenheiro, teve um grande ideal
Trazer para o planalto a capital federal
E foi então que surgiu a rádio Brasil Central
Fundação Coimbra Bueno pela nova capital

Engenheiro Coimbra Bueno, que tanto já tem lutado
Pra realizar este sonho, que os goianos tem sonhado
O palácio do catete, pra Goiás ser transportado
Será um feito de glória para este grande estado

Brasília, Brasília, o teu nome está guardado no coração
Brasília, Brasília, quer dizer progresso e grandeza de uma nação
Brasília, Brasília, tu és o sonho e a esperança de um povo bão
Brasília, teu nome é sonhado, por todos esperado, com grande emoção
Brasília, Brasília!

Fonte: Arquivo particular de Marrequinho

Brasília é um sucesso. Esta música provoca a emergência de um amplo movimento de manifestações culturais no campo da arte em Goiás. Desperta o Estado para a arte, para a sua profissionalização e leva para o Brasil a mensagem que Goiás representa de fato a força necessária para o futuro da nação. É reproduzida por outras emissoras e proporciona a fama para o Trio da Amizade. Não demorou muito para aparecerem os primeiros contratos e abrirem um importante espaço nacional para percorrer outros estados.

O ‘Trio da Amizade’, Zé Micuim, Rouxinol e Goiazinho, que já atuou em diversas emissoras de Minas, é o campeão da correspondência na RBC. Os apreciados cantores caipiras estão de malas prontas para brevemente, atendendo aos apelos de seus inúmeros admiradores, realizar uma excursão (*O POPULAR*, 29 mai. 1955).

Com a audiência conquistada pela RBC com o programa de calouros, os gestores da rádio Anhanguera propõem algo semelhante, criam o programa “Calouros em Apuros” sob a

⁵⁶² Em Goiás não havia uma gravadora nesta época. Por isso a necessidade de irem a São Paulo para gravarem o disco.

direção de Antônio Gregório. Com este programa a emissora objetiva formar cantores para atuarem na própria emissora.

Na corrida pela audiência a direção da RBC propõe o contrato como forma de assegurar a exclusividade de seus artistas, semelhante ao que as grandes emissoras do país já fazem com os consagrados artistas. Com esta estratégia, a RBC leva Josafá Nascimento⁵⁶³ ao topo da fama. Grava suas canções e em 1956 consegue vender seis mil discos, um recorde para a época. Tem preferência pelo tango e as letras de suas músicas são compostas por Waldomiro Bariani Ortêncio. Josafá Nascimento:

[...] obteve ruidoso sucesso em Belo Horizonte, onde esteve à frente da Parada de Sucessos na Rádio Inconfidência, durante várias semanas; o mesmo acontecendo nas cidades de Triangulinas de Uberlândia e Araguaí, nas Rádios Educadora, Cacique e P-R-J-3 (*DIÁRIO DA TARDE*, 24 nov. 1956).

Josafá Nascimento desperta a atenção de uma das maiores gravadoras brasileiras desse período, a Copacabana do Rio de Janeiro. Os dirigentes desta gravadora mostram-se estarecidos pela quantidade de discos que Josafá havia vendido, por ser um principiante. Josafá provoca a depuração e avanço de um campo artístico em Goiás, levando as outras emissoras a estabelecerem contratos com outros artistas.

A rádio Anhanguera contrata⁵⁶⁴ Jane Silva que se torna um fenômeno do rádio goiano. É a primeira artista a fazer uma apresentação na nova capital federal do país. Em decorrência da fama que conquista, chega a percorrer vários Estados e países fazendo shows.

Jane Silva, a primeira artista a se apresentar na Nova Capital do país, deverá excursionar pelo sudoeste goiano, triângulo Mineiro e posteriormente nas Capitais da Bolívia e Paraguai. Esta foi a proposta da empresa responsável pela apresentação da artista em Brasília (*O POPULAR*, 13 jul. 1957).

A contratação de cantores profissionais é uma estratégia utilizada por emissoras de Goiânia. É uma forma de garantir audiência. Em 1957⁵⁶⁵, um conjunto de artistas despontam

⁵⁶³ Há também o trio Marajó (Umuarê), responsável por uma grande audiência da emissora em 1957 (*DIÁRIO DA TARDE*, 22 abr. 1957).

⁵⁶⁴ Em 1959, a rádio Anhanguera altera a sua relação com os artistas. Substitui o contrato pelo pagamento em forma de cachê, como informou *O Popular* (17 jan. 1959): “A direção da rádio Anhanguera tomou, anteontem, a deliberação de dispensar todos os seus cantores, que recebiam em folha, com o fim de adotar o sistema de cachê (Rr\$ 200)”. Esta mudança não agradou os artistas e ameaçaram deixar a emissora.

⁵⁶⁵ Neste mesmo ano a rádio Clube de Goiânia promove o primeiro campeonato goiano de Artistas Amadores em seu aniversário de 15 anos. Para o vencedor foi oferecido como prêmio um contrato com a emissora (*DIÁRIO DA TARDE*, 20 nov. 1957).

em Goiás como Josafá Nascimento, Cléo de Minas, Wolmer Amaral⁵⁶⁶, Jorge Martins, Jane Silva⁵⁶⁷, Marlene Silva, José Rosa, Deusnane Fernandes e a dupla Dourado e Marquinho⁵⁶⁸ de Anápolis, entre outros.

Em cidades do interior do Estado, onde há emissoras de rádio, nota-se algo semelhante, pessoas reúnem-se em duplas, trios etc., para fazerem apresentações no rádio. Algumas conseguem se destacar, e incentivadas pelos radialistas a gravarem suas músicas, muitas delas arriscam uma viagem a São Paulo com recursos próprios para tentar a sorte em alguma gravadora. Sebastião Bento da Silva de Morrinhos é um exemplo.

Então por causa do Chico Flor que foi incentivando a gente acabamos indo pra São Paulo e gravamos a música ‘Coração Ingrato’ na época. Nessa época a gravadora que a gente gravou era na Quintino Bocaiúva, perto da avenida São João, pertinho do lago Paissandu lá. E a gente ficou assim pasmado daquilo. Jamais eu pensava que o disco ia fazer sucesso. E ele começou a rodar o disco da gente, e aí de repente as emissoras de Goiânia, a rádio Difusora, aquela PRJ3 de Araguari e outras emissoras da região Centro-Oeste começaram a rodar o disco. Foi um sucesso muito grande (informação verbal)⁵⁶⁹.

Em decorrência do número de artistas existentes em Goiás no ano de 1957, Waldomiro Bariani Ortêncio, que já é conhecido em Goiânia devido ao seu famoso Bazar Paulistinha⁵⁷⁰, funda uma gravadora voltada para estes artistas⁵⁷¹. Com isso promove a produção musical em Goiás. Os primeiros a passarem por sua gravadora são: “[...] Josafá Nascimento, Trio da Amizade, Trio Goiano, Trio da Vitória, As Goianinhas⁵⁷², Irmãs Santos, Melrinho e Belguinha⁵⁷³, Wolmer Amaral, Jorge Martins”, Trio Umuaré, Duo Inajé, Embaixadores do

⁵⁶⁶ Consegue atingir uma expressiva popularidade através do rádio goiano em 1958 com o tango “Mulher de uma Noite” e o bolero “Meu Coração Chora”. A primeira traz o tema do amor de um homem por uma prostituta, um amor pautado pela ilusão. O homem a ama, mas não pode possuí-la pela eternidade, mas apenas por uma noite. A segunda aborda a solidão de um amor que se vive só e clama pelo retorno da mulher amada (*JORNAL DE NOTÍCIAS*, 22 jan. 1959).

⁵⁶⁷ Outra famosa cantora do rádio em Goiás entre 1955 e 1958. Encerra sua carreira em 1959 pela rádio Anhanguera. O salário que recebe não é suficiente para sobreviver e deixa a carreira para dedicar a outro trabalho fora do rádio (*DIÁRIO DA TARDE*, 18 mar. 1959).

⁵⁶⁸ Com exceção de Josafá Nascimento, a maioria desses artistas não possuía um repertório próprio e dedicavam a interpretar canções de compositores de outros Estados (*DIÁRIO DA TARDE*, 17 set. 1957).

⁵⁶⁹ Sebastião Bento da Silva, op. cit.

⁵⁷⁰ O Bazar Paulistinha, inicia suas atividades comercializando “[...] aviamentos para costureiras, migrando depois para o setor musical” (GALLI, 2007, p. 25).

⁵⁷¹ A primeira gravadora de discos criada em Goiás que teve notícia foi criada na cidade de Goiânia, a New-Son, em agosto de 1956, uma iniciativa da organização de publicidade “Garbam” (*DIÁRIO DA TARDE*, 3 ago. 1956). Porém, voltada para gravação de propagandas.

⁵⁷² As Goianinhas é uma dupla formada por Ely Camargo e Honorina Barra; o Trio da Vitória, por Venâncio, Venancinho e Cambuí.

⁵⁷³ Entre suas primeiras músicas está Folia do Divino, com arranjo de Waldomiro Bariani. Vejamos a letra: O Divino pai Eterno/Na sua casa Chegô/Vem pedindo a sua esmola/Em nome de Nosso Sinhô. Deus lhe pague a sua esmola/Que me deu de coração/O Divino lhe Promete/A lhe dar a salvação. Primeiro domingo de julho/Vem fazer a caridade/Ganhá benção do Divino/Lá na festa de Trindade (*DIÁRIO DA TARDE*, 3 set. 1957).

Norte e Caciques do Luar (*DIÁRIO DA TARDE*, 3 set. 1957). Com esta gravadora Bariani Ortêncio fortalece o campo artístico emergido há pouco tempo em Goiás. Por seu intermédio é que “[...] os artistas goianos têm aparecido no cenário radiofônico” (Ibidem).

Ele contribui ainda mais para o profissionalismo da arte, através do contato com gravadoras de outros estados. Torna-se conhecido em São Paulo e Rio de Janeiro em decorrência do Bazar Paulistinha em Goiânia. Este Bazar é referência na comercialização de discos em Goiás nesta época. O mercado consumidor que cria neste Estado torna-o popular no meio artístico em São Paulo. Nesse sentido, é convertido em um elo para ligar artistas locais e gravadoras daquela cidade. Ely Camargo, por exemplo, que atinge uma fama nacional, conta que Bariani Ortêncio teve uma participação importante em sua carreira.

No dia 20 de janeiro de 1962, nunca me esqueci disso. São Sebastião, 20 de janeiro de 1962 foi que eu cheguei. Aportei em São Paulo e comecei logo a me ocorrer que eu tinha pouco tempo. Tinha tirado umas férias no Colégio Santa Clara e eu precisava voltar. Eu fui lá e tentei uns contatos. Tinha levado uma carta do Bariani de novo me apresentando na gravadora Chantecler, que naquele tempo era... Ele mandava na gravadora porque ele comprava um monte de disco, era o grande, a grande loja de disco de Goiânia sempre foi do Bariani Ortêncio (informação verbal)⁵⁷⁴.

Em 1958, o número de cantores e tocadores de músicas caipiras que aparecem em programas de emissoras, denota o quanto o rádio vem promovendo esta manifestação cultural. Para citar um exemplo, naquele ano a RBC cria um programa voltado para esse gênero musical e reúne aproximadamente 150 pessoas. Capitão Reizão, que participa deste programa, dá mais detalhes: “Quando foi em 58 iniciou a ‘Roda de Violeiro’ na Brasil Central patrocinado pela Alpargata Rota. Eu no meio de mais duns 150 violeiros amadores. Nós tinha o trio ‘Irmãos Ferreira’. Eu ganhei o primeiro lugar” (informação verbal)⁵⁷⁵.

Jorge Batista Ribeiro (o Zé Micuim) faz a tentativa de reunir esses artistas em torno de uma associação com o objetivo de promovê-los, em decorrência das dificuldades que enfrentam para conseguir espaço na programação diária das emissoras – veremos isso mais detalhadamente no



Figura 49 – Carteira expedida pela UASG a todos os associados.
Fonte: <http://blogdomarrequinho.blogspot.com.br/>

⁵⁷⁴ Ely Camargo, op. cit.

⁵⁷⁵ Capitão Reizão, op. cit.

tópico sobre música no próximo capítulo. Em 7 de janeiro de 1958, ele cria a União dos Artistas Sertanejos de Goiás – UASG (Figura 49).

Já no início de 1960, Paulo Nunes Baptista cria o Grêmio Brasileiro de Trovadores em Anápolis com o objetivo de promover a música caipira e incentivar os tocadores que estão se sentindo ameaçados pela música de outros países que começam a tomar conta do rádio em Goiás. Esta organização encontra dificuldades pela pouca participação dos artistas. Um desânimo está, de fato, tomando conta dos mesmos.

O Trio da Amizade e Brazão⁵⁷⁶ são os cantores de Goiás da música caipira que em 1959 conseguem atingir o maior sucesso em território nacional. Brazão começa a cantar e tocar músicas caipiras em eventos promovidos por emissoras de rádio. Inicia de fato sua carreira pela rádio Clube de Goiânia.

Brazão – um dos mais populares caipiras de Goiás, deixou a ‘emissora goiana por um mundo melhor’ e pretende ingressar na Rádio Clube de Goiânia, estando em entendimento com Cunha Júnior. Brazão não ‘briga’ com ninguém e é recordista na vendagem de discos sertanejos com o tão popular ‘É CHATO GOSTAR’ (*JORNAL DE NOTÍCIAS*, 11 jan. 1959).

Brazão forma uma nova dupla com Marinheiro e ambos vão a São Paulo em busca de uma gravadora. Pela Copacabana gravam duas músicas, que integram o seu primeiro disco de 78 RPM, sendo de um lado a música “É Chato Gostar”, e do outro, o xote “Sul de Minas”. Em 1958, gravam mais duas músicas, a toada “Versos da Saudade” e a “Valsa do Amor”. Posteriormente, Brazão⁵⁷⁷ e Marinheiro se separaram e Benedito Brás dos Reis, o Marinheiro, forma a dupla Caçula e Marinheiro com Orlando Bianchi. Logo depois Brazão cria a dupla Brazão e Brazãozinho (Figura 50), que pela rádio Nacional de São Paulo consagram-se na segunda metade da década de 1960, sendo popularmente reconhecidos pela alcunha “Os Quentes da Rádio Nacional”⁵⁷⁸.



Figura 50 – Brazão e Brazãozinho, dupla caipira de Goiás.
Fonte: <http://blogdomarrequinho.blogspot.com.br/>

⁵⁷⁶ Cândido de Paula Brazão natural de Catalão (1940).

⁵⁷⁷ Em uma entrevista concedida pelo cantor, afirma que antes de Brazão e Marinheiro, formou a dupla Brazão e Sapezinho, que depois de pouco tempo dá lugar a Brazão e Brazãozinho.

⁵⁷⁸ Informações disponíveis em: http://www.boamusicaricardinho.com/brasaoebrasaozinho_94.html. Acesso realizado em 15 de setembro de 2013.

Outro elemento que contribui para o desenvolvimento da esfera artística em Goiás são as constantes apresentações de artistas⁵⁷⁹ de São Paulo e Rio de Janeiro em clubes e emissoras deste Estado, a exemplo de Nelson Gonçalves, muito aclamado em Goiânia no final de 1950.

Estará se apresentando hoje, em nossa Capital, o conhecido cantor da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, Nelson Gonçalves. Realizará apresentações nos seguintes locais: Cine Teatro Goiânia, Boite Lisita, Jôquei Clube de Goiás. As transmissões estarão a cargo das rádios: Anhanguera e Clube de Goiânia. Espera-se que o brilhante cantor da R.C.A. Victor alcance um sucesso sem precedentes em suas audições na Capital Caçula (*JORNAL DE NOTÍCIAS*, 11 jan. 1959).

Nestes poucos anos, o rádio em Goiás já havia proporcionado a fama para determinados indivíduos, alguns reconhecidos nacionalmente, outros no próprio Estado; Gerou a idolatria para pessoas que passam a ser reconhecidas como artistas; Promove em Goiás, algo semelhante à idolatria nacional proporcionada pelo rádio em torno de Orlando Silva⁵⁸⁰, como expressou Lenharo (1995, p. 167).

A idolatria conhece fluxos e refluxos díspares e singulares, ganhando características marcantes na virada dos 50. Todos são concordes em afirmar que Orlando Silva é o grande marco da irrupção dos grandes ídolos populares no país na era massiva da música e do rádio.

As apresentações desses artistas famosos em Goiás são geralmente mediadas por radialistas locais. Walter Meneses menciona o exemplo de Sílvio Medeiros que “[...] trazia muitos cantores e duplas famosas do Rio, São Paulo, pra apresentar aqui nas boates daqui, sabe! Patrocinava e dava dinheiro nas boates, nos clubes e também apresentava no programa dele, sabe!” (informação verbal)⁵⁸¹. O próprio Sílvio Medeiros relata que pedia ajuda aos proprietários de clubes para levar artistas famosos a Goiânia:

Trouxe muitos artistas nesta época pra cá, Nelson Gonçalves, Sílvio Caldas, Ângela Maria. Eu trouxe esse pessoal todinho pra cá, programa de auditório. Eles cantavam em Anápolis, cantava aqui em Goiânia e tinha uma boate, onde é o Lago das Rosas ali, tinha uma boate. Era mais ou menos umas 40, 50 mesas no máximo, não era mais do que isso não. Mas eles pagavam cachê bom! Então me ajudava a pagar passagem de avião e a hospedagem dos artistas. Ivon Cury, Ângela Maria, Vicente Celestino, esse pessoal todo da

⁵⁷⁹ Este é o caso de João Dias, reconhecido pelo nome O Príncipe da Voz. É cantor de músicas carnavalescas. De seu repertório ‘Passarinho’ era a música mais solicitada na época e promessa para o carnaval de 1956 (*NOVA CAPITAL*, 6 dez. 1955). João Dias fez um grande sucesso ao passar pela RBC.

⁵⁸⁰ Cantor contratado da rádio Nacional do Rio de Janeiro. Fica famoso com a música de carnaval “A Jardineira”. Faz várias visitas em emissoras goianas (*DIÁRIO DA TARDE*, 13 nov. 1956).

⁵⁸¹ Walter Meneses, op. cit.

antiga eu trouxe pra Goiânia. Eles cantavam aqui, fazia show, por meu intermédio, através do meu programa (informação verbal)⁵⁸².

Os shows nesta época são sempre sinônimos de casa cheia⁵⁸³. Pessoas são atraídas para ver de perto aquele que conhece apenas pelo rádio. As apresentações despertam profundas sensações no público presente. José Lázaro descreve sua participação em um show de Ângela Maria em um clube de Rio Verde e podemos notar o quanto é comovente.

Quando ela começou a cantar, ela desceu e foi nas mesas. Quando eu vi, ela envinha na minha mesa. Eu falei:

- Agora é hora, da emoção.

Tava frio, naquela época fazia frio, junho. Eu fui sentindo aquele calor e o suor veio! E eu transpirava que descia assim nas costas, aqui no peito. E ela na nossa mesa colocou a mãozinha tão bonitinha, mãozinha moreninha, cantando a música Cinderela (informação verbal)⁵⁸⁴.

Além desses shows, os artistas contam ainda com o trabalho das gravadoras que se encarregam de distribuir seus discos pelo interior do Brasil. Muitos são enviados como amostras e são veiculados pelas emissoras. Com isso, vários cantores e cantoras se tornam populares em Goiás. Aqueles que destacam são geralmente convidados por emissoras para apresentarem em seus programas. Arnaldo Oliveira, locutor da rádio Educadora de Goiandira, afirma que: “Ia muito artista lá, igual eu tô te falando, Tibagi e Miltinho, Pedro Bento e Zé da Estrada. Então a gente convidava eles e eles iam na emissora ali, apresentava uma ou duas música lá, dava entrevista” (informação verbal)⁵⁸⁵.

Os próprios artistas, muitas vezes, encarregam-se de fazer visitas às emissoras. É o meio de autopromoção que encontraram para ocupar um espaço no rádio. Irondes de Moraes afirma que pela rádio Jornal de Inhumas passaram vários deles.

Sertanejo era Tibagi e Miltinho, Pedro Bento e Zé da Estrada, Tião Carreiro e Pardinho, Zé Carreiro e Carreirinho, Tonico e Tinoco, Caçula e Marinheiro, Luizinho Mineiro e Zezinha, Zilo e Zalo, Zico e Zeca, eles são parentes. Esses eram os que eu mais me lembro. O sucesso maior daquele período ali era Tião Carreiro, Pedro Bento e Zé da Estrada, Tibagi e Miltinho

⁵⁸² Sílvio Medeiros, op. cit., 2011.

⁵⁸³ Só para citar um exemplo: a Exposição Alvorada, de Lopes & Cia. Ltda., uma empresa de Anápolis, promove um show nesta cidade com os principais artistas do rádio de São Paulo e do Rio de Janeiro. Na noite do dia 20 de abril de 1959, mais de 10 mil pessoas comparecem à Praça Santana. Edson Lopes (que cantou Mãe Preta, Caprichos do Amor, Nega e Vamos Sambar); Lourdinha Pereira (apresentou Lamento, Cateto etc.); Xerém (piadista); Salomé Paraíso (cantou Baía); Carminha Mascarenhas (cantou Chuva de Saudades, Noite de Paz, Estelita e Agarradinho); Duo Guarujá (cantou História de uma Mulher, Espera-me no Céu e Icaragé); Nora Ney (cantou Menino Grande, Saudade da Baía, Castigo, Maria Vai e De Cigarro em Cigarro) e encerrou o show Jorge Goulart cantando Laura, Voz do Morro, Além do Céu, Jezebel, fragmentos de cânticos de 1950, Dominó, Palhaço etc. (*O ANÁPOLIS*, 26 abr. 1959).

⁵⁸⁴ José Lázaro, op. cit.

⁵⁸⁵ Arnaldo Oliveira, op. cit.

também chegaram com um repertório diferente, um pouquinho diferente. Eles faziam visita. Naquela época eles visitavam as rádio, levavam discos (informação verbal)⁵⁸⁶.

Com o constante trabalho das emissoras goianas na divulgação de artistas locais e as portas que se abriam para muitos deles, formou-se um campo artístico bem estruturado em Goiás. Despontam muitos artistas que trazem um disco em mãos com suas próprias canções. A direção que tomam é uma só, o rádio. É o mesmo caminho e estratégia de artistas propagados por emissoras de São Paulo e do Rio de Janeiro, que desde a década anterior procuravam emissoras goianas para divulgarem suas músicas. Segundo Duarte Martins, da rádio Difusora de Rio Verde:

O próprio artista, quando ele tava trabalhando o disco dele, ele trazia pra rádio também, ele fazia questão de trazer, ou ele mandava.
- Não, vou mandar porque eu quero divulgar o meu trabalho.
Então ele mandava e a gente fazia então essa divulgação pros caras (informação verbal)⁵⁸⁷.

Sebastião Bento da Silva, que começou a fazer suas primeiras gravações na década de 1950, lembra-se que a rádio Morrinhos de Morrinhos é uma das principais responsáveis pela divulgação “[...] dos primeiros caipira, como se dizia na época, era os cantor sertanejo”, citando, além dos artistas anteriores, Raul Torres e Florêncio.

Chico Flor era uma pessoa assim que valorizou muito a música raiz e nesse incentivo de valorizar a música caipira nos tempo dos primeiros violeiros. Naquela época não existia essa gente famosa de hoje, Tião Carreiro talvez tava começando, Tônico e Tinoco, Raul Torres e Florêncio (informação verbal)⁵⁸⁸.

O espaço concedido pelo rádio no interior, no entanto, proporciona o sucesso para determinadas duplas. Esse é o caso de Chico Viola em Itumbiara. A rádio Difusora daquela cidade leva-o a conhecer a fama na região. Posteriormente ocupa um lugar de destaque na própria emissora como locutor. Além dele, em 1960 a dupla Prata e Gauchito (Figura 51) destaca-se em programas de estúdio, veremos mais detalhadamente sobre artistas do interior de Goiás no próximo capítulo.



Figura 51 – Prata e Gauchito, dupla caipira de Itumbiara.

Fonte: *Informador de Itumbiara*, maio de 1960.

⁵⁸⁶ Irondes de Moraes, op. cit.

⁵⁸⁷ Duarte Martins, op. cit.

⁵⁸⁸ Sebastião Bento da Silva, op. cit.

Em Anápolis, o movimento em torno da música caipira continua na década de 1960, embora com dificuldades, com Mizael de Oliveira que comanda o programa “Racho Alegre” pela rádio Imprensa. Nesse programa Mizael convida os violeiros para apresentarem e, no início de 1962, propõe premiar o vencedor com a gravação de um disco pela Sonodisc-Gravações, que leva o selo da gravadora Copacabana do Rio de Janeiro.

Referida gravação é divulgada no programa RANCHO ALEGRE da Rádio Imprensa, pelo seu criador Mizael de Oliveira, um dos grandes incentivadores do gênero sertanejo em nossa cidade e por ele levada ao representante da Gravadora Copacabana, responsável pelo Sêlo Sal cia, para a escolha dos melhores conjuntos, que posteriormente serão contratados por àquela já famosa Cia. Gravadora. É sem dúvida alguma, mais um grande trabalho do Mizael de Oliveira a favor dos violeiros anapolinos (*O ANÁPOLIS*, 11 jan. 1962).

Sílvia Medeiros relata que Pássaro Preto e Melrinho é outra dupla goiana que consegue projeção pelo rádio em 1960, “[...] que era dupla nossa aqui” (informação verbal)⁵⁸⁹. Walter Araújo, ouvinte de rádio em Goiás nesta época, acrescenta ainda que pela RBC outros cantores também fizeram sucesso por meio do programa de Moraes César: “Era o Moraes César que apresentava Os Filhos de Goiás e Galvão e Galvãozinho, que morava em Anápolis naquela época”.

O rádio em Goiás, portanto, promove a profissionalização da arte em Goiás entre 1950 e 1964. Representa a chave que abre as portas para o sucesso. Cria seus próprios artistas, é o exemplo de emissoras da capital, e com eles promovem shows, como faz a rádio Anhanguera a partir de 1961: “A Direção artística da RA vai promover uma série de ‘shows’ com artistas da casa em diversas cidades do interior. Ao que sabemos a primeira cidade a ser visitada será Nerópolis” (*O POPULAR*, 11 de jul. 1961). E é assim, intensificando cada vez mais a distinção do campo artístico em Goiás, que o rádio marca aquela época.

Com este tópico, encerra-se este capítulo. Nota-se que ocorre um avanço do profissionalismo no interior das emissoras, processo esse iniciado com a RBC em 1950 e que atinge seu ápice na década seguinte. Contudo, nem todas as emissoras apresentam condições de superar o improvisado, o amadorismo. Nesse sentido, é instituído em Goiás um rádio configurado com um pé na profissionalização e o outro no amadorismo. Todo esse processo que atenua a racionalização da comunicação radiofônica, no entanto, atinge outros setores da sociedade goiana, como notamos anteriormente, e também se expressa na programação das

⁵⁸⁹ Sílvio Medeiros, op. cit., 2004.

emissoras. A programação no rádio em Goiás, por sua vez, é o elemento a ser abordado no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV – A PROGRAMAÇÃO, A PUBLICIDADE E A RECEPÇÃO DAS EMISSORAS

*O rádio com os seus programas de auditório,
programa sertanejo, programas diariamente de auditório,
ficava lotado, porque o pessoal não tinha aonde ir.
Além do cinema não tinha onde distrair,
tinha muita gente que não gostava de cinema então queria rádio.
Então o rádio dominava tudo, praticamente dominava tudo.*
(Sílvio Medeiros, locutor das primeiras
emissoras de rádio em Goiás)

Neste capítulo, como apontei nas considerações iniciais, objetivo abordar a programação do rádio em Goiás entre 1950 e 1964. Parto do pressuposto que todo esse processo abordado nos três capítulos anteriores, pautado pelo modo como se desenvolveu a racionalização em Goiás e, portanto, sobre o rádio, se expressa nos programas das emissoras. É com o intuito de verificar este processo que dedico agora à programação do rádio em Goiás daquele período.

4.1. Os programas de auditório.

Os programas de auditório (Figura 52) integram o rádio em Goiás entre 1950 e 1964: “Naquela época, a maioria das emissoras portava um auditório, tinha o palco, tinha o auditório pra plateia ir e aplaudir o artista. Era muito diferente de hoje” (informação verbal)⁵⁹⁰. Esse tipo de programação aparece no rádio em Goiás na década de 1940, entretanto é na década posterior que estrutura-se e atinge um estágio organizacional que garante a primazia de ser um dos mais populares.



Figura 52 – Programa de auditório da rádio Difusora de Jataí, 1960.
Fonte: Arquivo particular da rádio Difusora de Jataí, 2012.

Essa popularidade é conquistada em princípio devido a quatro questões: 1) A influência da rádio Nacional do Rio de Janeiro com seus já consagrados programas de auditório, que são acompanhados pelos receptores em Goiás; 2) A constante presença de locutores e artistas de São Paulo e do Rio de Janeiro em emissoras goianas; 3) A aglomeração

⁵⁹⁰ João Batista Freitas, op. cit.

de manifestações culturais em torno dos programas e 4) A inexistência de emissoras de televisão em Goiás.

A rádio Nacional é a pioneira no Brasil nesse tipo de programação e o modelo brasileiro que seria seguido por outras emissoras. Para Tinhorão (1981) sua primeira exibição ocorre com o programa “Caixa de Perguntas”, criado por Almirante em 5 de agosto de 1938. O programa era patrocinado pelo produto farmacêutico By-So-Do e representava uma inovação para o rádio. É também o precursor dos programas de auditório no Brasil.

Oferecia prêmios de cinco, dez e trinta mil-réis (pagos na hora) aos acertadores do auditório. Segundo conta Almirante, além de dirigir perguntas valendo prêmios às pessoas da platéia, ele descia do palco circulando entre as cadeiras do auditório para colher as respostas de microfone em punho, o que desmistificava de uma vez por todas o ritual das transmissões radiofônicas, ainda sujeitas a um certo mistério para o grande público (TINHORÃO, 1981, p. 65).

O sucesso destes programas evidenciado pelo público fez que eles tomassem de vez um espaço no rádio. Nesse sentido, a popularidade da rádio Nacional⁵⁹¹ exerceu uma forte influência no rádio em Goiás, inclusive de forma direta, quando seus profissionais visitaram pessoalmente determinadas emissoras levando um público numeroso aos auditórios. César de Alencar, o mais popular animador de auditório desta emissora, é o apresentador que mais se destacou em visitas ao rádio em Goiás. Notícias suas, como esta a seguir, foram constantes na época:

Hoje estará entre nós o melhor animador de programas de auditório do Brasil Cezar de Alencar⁵⁹², pertencente ao ‘cast’ da Nacional do Rio de Janeiro e Record de S. Paulo. Juntamente com Cezar de Alencar virá uma jovem cantora que tem marcado uma série de sucessos através de lançamento feitos pela fábrica Columbia. Ellem de Lima é o seu nome e ‘Vício’ bolero de Fernade Cezar é o seu maior sucesso fonográfico (*DIÁRIO DA TARDE*, 19 dez. 1957).

Outras celebridades do rádio, como Ângela Maria e Carmem Miranda da Mayrink Veiga; Marlene, Emilinha Borba e Cauby Peixoto da Nacional do Rio, só para citar alguns exemplos, também são grandes atrações dos programas de auditório em Goiás.

Adolvando de Alarcão lembra-se que pela rádio Xavantes de Ipameri passaram outros astros do rádio daquela época.

⁵⁹¹ Tinhorão (1981) cita como programas mais famosos, o de Picolino, Barbosa Júnior, e Paulo Gracindo (continuado por César de Alencar, até 1964), o de Manoel Barcelos, e o de Iara Sales e Heder de Bôscoli, o Trem da Alegria.

⁵⁹² Essa viagem de Cezar de Alencar foi patrocinada por Baniff Publicidades.

No período de 1950 a 1955, a Rádio Xavantes atravessou uma fase de brilhantes apresentações, pois todo artista das rádio do Rio de Janeiro e São Paulo que vinha à Ipameri para se apresentar no Jôquei Clube também fazia uma apresentação no palco da Rádio Xavantes, e por lá passaram Rui Rei e seu conjunto, Emilinha Borba, Marlene, Bianevido Granda, Ivon Curi, Ângela Maria, Carlos Galhardo e tantos outros (informação verbal)⁵⁹³.

Porátio, por sua vez, apresenta mais alguns nomes de destaque na época que recebeu no auditório da rádio Cultura de Ceres: “Jerry Adriany, Vanderlei Cardoso, Lyndomar Castilho, esses caras tudo vinham no meu programa pra dar show aqui também” (informação verbal)⁵⁹⁴. Sílvio Medeiros relata que passaram grandes artistas em seu “Festival SM”: “Ângela Maria, Nelson Gonçalves, Silvo Calvo, nós trazia esse pessoal todo aí. O negócio era violento” (informação verbal)⁵⁹⁵. Nota-se na Figura 53 a expressão facial de admiração do público ao ver diante de si uma celebridade do rádio.

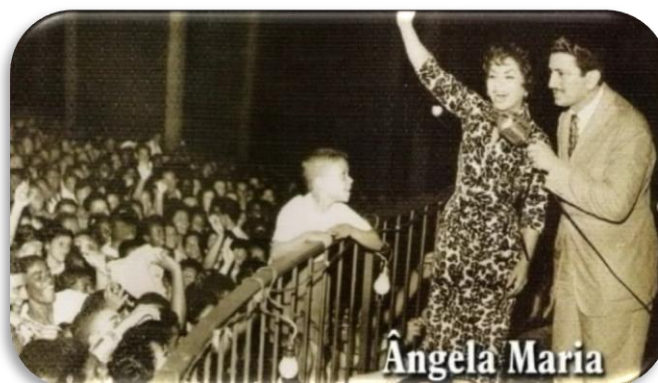


Figura 53 – Ângela Maria em passagem pelo programa de auditório da rádio Anhanguera de Goiânia
Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 20089.

Esses famosos que passam pelo rádio em Goiás proporcionam popularidade para os programas de auditório e também para os atores e atrizes que contracenam ao lado dos mesmos. A ligação direta com profissionais das grandes emissoras brasileiras começa a ocorrer na década de 1950, questão inexistente no rádio em Goiás na década anterior. Isso fortalece o profissionalismo de cantores, atores e atrizes goianos que buscam elevar a qualidade técnica e formal desses programas, questão que ocorre de forma mais intensa em emissoras de Goiânia e de Anápolis.

Algumas emissoras destacam-se com seus respectivos programas e são convertidas em modelos para outras criarem seus próprios auditórios, a exemplo da rádio Anhanguera de Goiânia com o programa Jeová Baylão; rádio Santana de Anápolis com o programa Petrônio



Figura 54 – Norma de Alencar e Sílvio Medeiros no programa de auditório Festival SM da RBC.
Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

⁵⁹³ Adolvando de Alarcão, op. cit.

⁵⁹⁴ Porátio, op. cit.

⁵⁹⁵ Sílvio Medeiros, op. cit., 2011.

Cruz; rádio Clube de Goiânia com Fued Naciff; rádio Carajá de Anápolis com Juvenal de Barros, Elídia Simonetti e Paulo César, e a Brasil Central com o famoso *Festival SM*, dirigido por Sílvio Medeiros (Figura 54).

Então, todo mundo pensava que era ‘Sua Majestade’, ‘Festival SM’. Por sinal arranjei um patrocinador e tinha uma música do trio cearense... Esqueci o nome do trio... Um nome indígena... Tipo Irakitan, um nome assim... Então eles tinha uma música:
- Sua Majestade o Neném!⁵⁹⁶ (informação verbal)⁵⁹⁷.

A RBC, rádio Anhanguera e a rádio Carajá de Anápolis conseguem um maior respaldo neste tipo de programa. Esta última marca a década de 1950 com uma equipe de radioatores e radioatrizes que começam a apresentar em seu auditório a partir de 1951, através dos programas⁵⁹⁸:

‘Paulo Cesar’ e ‘Gurilândia do Paulinho’” [...] ‘Uma Carta Para Você’ e ‘Faça seu Pedido Musical’. As sextas feiras a começar do dia 16 teremos também do Estúdio um movimentado programa que constará do seguinte: - Flagrante da Vida Real, Concurso de Papai Noël, Sociais de Anapolis, Convidados de Honra e Dois Números Musicais (A *NOTÍCIA*, 4 nov. 1951).

Além de apresentações realizadas pela equipe da emissora e por artistas locais, cantores de renome internacional proporcionam mais popularidades para os programas, a exemplo de um espetáculo que esta emissora promove em 1950.

[...] Três autenticas atrações de fama internacional proporcionarão aos frequentadores daquele auditório momentos de encantamento, recordando a Cidade Luz e o romântico México [...] Os apreciadores dos bons espetáculos certamente não perderão a excepcional oportunidade de conhecer e aplaudir Fernand Rosel e as Hermanas Flôres que darão apenas um espetáculo nesta cidade. Todos ao auditório da Rádio Carajá na noite de quarta-feira, dia 14 de fevereiro (O *ANÁPOLIS*, 12 fev. 1950).

Walter de Araújo, que acompanha os programas de auditório da capital nas décadas de 1950 e de 1960, fala como eram as apresentações: “o pessoal apresentava o programa e as músicas e fazia propaganda das loja. Só isso” (informação verbal)⁵⁹⁹. A estrutura dos programas de auditório é simples, como colocou Waltinho. Um apresentador é indispensável para manter a comunicação com o público presente e dirigir o programa. As apresentações são todas ao vivo e são também veiculadas para receptores. A programação é organizada com

⁵⁹⁶ Esta música é uma composição de Klécio Caldas e Armando Cavalcanti de 1959, interpretada pelo Trio Nagô, formado pelos cearenses Evaldo Gouvêia, Mário Alves e Epaminondas de Souza.

⁵⁹⁷ Sílvio Medeiros, op. cit., 2011.

⁵⁹⁸ O jornal *Diário da Tarde* (29 abr. 1957) informa que o auditório da Carajá suportava mais de 1.300 pessoas.

⁵⁹⁹ Walter de Araújo, op. cit.

músicas ao vivo (show de calouros e de artistas da cidade e de outros Estados), recital de poesias e crônicas, mímicas e propagandas dos patrocinadores dos programas, geralmente do comércio local.

O programa “Grandes Espetáculos” na rádio Clube de Goiânia oferece-nos mais elementos sobre os programas auditórios naquela época. Ali o público dispõe de “[...] prêmios e brincadeiras, músicas e novidades é o que oferece este programa de auditório” (*JORNAL DE NOTÍCIAS*, 02 mar. 1958). Ao observar o que ocorre no programa “Divertimento Anhanguera” da rádio Anhanguera de Goiânia, observa-se que há elementos comuns entre eles, ou seja, um programa voltado para o entretenimento do público presente.

Divertimento Anhanguera é um dos bons programas da Rádio Anhanguera. Realmente divertido, atrai todas as semanas um público numeroso que lota por completo o auditório chic da cidade. Boa animação, farta distribuição de prêmios, brincadeiras originais, despertando o interesse dos fãs-rádio da Capital (*DIÁRIO DA TARDE*, 30 jul. 1956).

Sílvio Medeiros ressalta que o principal concorrente dos programas de auditório em Goiânia e em Anápolis são os cinemas. O público é praticamente o mesmo. As pessoas buscam por diversão nesses espaços em finais de semana. E neste contexto é preciso escolher um ou outro.

Naquele tempo o rádio e o cinema formava a dupla de sucesso, porque era distração, cinema e o rádio. O rádio com os seus programas de auditório, muita força os programa de auditório, programa sertanejo, programas diariamente de auditório, especialmente no sábado e no domingo. Aqui ficava lotado porque o pessoal não tinha aonde ir, além do cinema não tinha onde distrair. Tinha muita gente que não gostava de cinema então queria rádio (informação verbal)⁶⁰⁰.

Já para as emissoras do interior as salas de projeções de filmes são espaços indispensáveis para a realização dos programas de auditório. A questão é que a maioria das emissoras não possui uma estrutura física para recebe um público numeroso, a exemplo da rádio Morrinhos de Morrinhos: “Era pequeno lá o espaço, quer dizer, bom, mas pequeno para ter auditório” (informação verbal)⁶⁰¹. Então, recorrem às salas de cinema. Algumas emissoras conseguem, com o tempo, os recursos necessários para criar seu próprio auditório. O que ocorre com a rádio Alvorada de Rialma é um exemplo da realidade vivida por outras emissoras no interior do Estado:

⁶⁰⁰ Sílvio Medeiros, op. cit., 2011.

⁶⁰¹ Glênio Borges, op. cit.

Tinha o cine Comodoro. Palco muito bom. Mais de 500 pessoa naquela época, mesmo no cine Comodoro antigo, comportava mais de 500 pessoa. E depois passou pra auditório próprio da rádio Alvorada. Mas tinha onde comportar o pessoal e sempre um público muito bom (informação verbal)⁶⁰².

Das 19 emissoras existentes em Goiás naquele período, 13 delas possuem uma sala exclusiva para os programas de auditório, tratando-se da rádio Clube, RBC, Anhanguera e Difusora de Goiânia, Carajá e Santana de Anápolis, Xavantes de Ipameri, Alvorada de Rialma, as Difusoras de Jataí, Itumbiara e Rio Verde, a Jornal de Inhumas e a Clube de Buriti Alegre. Entre essas, a Alvorada de Rialma, as Difusoras de Jataí e de Rio Verde e a Carajá dão início aos seus programas em uma sala de cinema e, posteriormente, criam seu próprio auditório. As outras sete emissoras recorrem aos espaços para projeção de filmes e mantêm seus programas ligados a ele. Essa relação com o cinema testemunha que as emissoras de rádio que surgem em Goiás entre 1950 e 1964 possuem uma estrutura física diferenciada.

As programações acontecem aos finais de semana, geralmente aos domingos. É o dia da semana que podem esperar por um bom público. A rádio Jornal de Inhumas, por exemplo, cria o programa “[...] o ‘Pick-up Maluco’”. O ‘Pick-up Maluco’ tinha no domingo. No domingo ele era de auditório” (informação verbal)⁶⁰³. A Educadora de Goiandira, “[...] tinha programação dominical também. Tinha o programa no cinema, que a gente transmitia lá do cinema” (informação verbal)⁶⁰⁴. A rádio Difusora de Rio Verde “[...] tinha ‘O Programa às Suas Ordens’, todo domingo” (informação verbal)⁶⁰⁵, só para citar alguns exemplos.

O rádio torna-se, dessa forma, um ponto de encontro e de diversão para a população, tendo em vista os poucos meios de entretenimento existentes. Duarte Martins observa que o programa de auditório da rádio Difusora de Rio Verde era “[...] bem movimentado, era bem animado, lotava. Tinha dia que aquele auditório não cabia esse povão que ia lá assistir” (informação verbal)⁶⁰⁶.

A audiência desses programas demonstra a importância do rádio para pessoas de vários cantos do Estado. O seu diferencial está na força que possui de atrair a população para formar o público assistente. É essa força de atração que proporciona a integração pessoal dos ouvintes na programação do rádio. Isso ocorre de forma mais efetiva na participação de cantores e tocadores amadores, que motivados pelo público começam a preparar melhor as suas apresentações. A plateia também deixa sua marca ao desejar uns programas mais do que

⁶⁰² Jason de Souza, op. cit.

⁶⁰³ Irondes de Moraes, op. cit.

⁶⁰⁴ Arnaldo de Oliveira, op. cit.

⁶⁰⁵ Terezinha Nunes, op. cit.

⁶⁰⁶ Duarte Martins, op. cit.

outros. Sua preferência é importante para a popularidade das emissoras. Estas, por sua vez, estão atentas ao seu gosto. As emissoras de Anápolis é um exemplo do que faz as demais, ou seja:

[...] criam programas de auditório, patenteando, com a influencia de espectadores. Duplas, trios, quartetos e quintetos sertanejos são formados para as apresentações diárias, com repertórios próprios, mostrando, assim, o valor dos nossos poetas natos, trovadores de poucas palavras, semi e até mesmo analfabetos, seus dotes artísticos, que impressionam o público ouvinte, que em número jamais visto, correm as praças, auditórios e cabeceiras dos receptores para ouvi-los e aplaudi-los (*O ANÁPOLIS*, 5 abr. 1960).

Os auditórios provocam o deslocamento populacional do meio rural para algumas cidades em direção às emissoras de rádio. Geram um novo fenômeno em Goiás, ou seja, espetáculos que reúnem os profissionais do rádio, o habitante do meio rural, os artistas locais (amadores e profissionais), o habitante do meio urbano e artistas famosos de emissoras de outros estados e de outros países.

Os cantores do meio rural que tocam e declamam cantando suas poesias que exaltam seu cotidiano, muitas vezes sem um ensaio prévio, ganham espaço nas emissoras. Com isso emerge em Goiás uma caminhada semelhante a aquela impulsionada em décadas anteriores por Cornélio Pires no Brasil, ou seja, a divulgação da música caipira⁶⁰⁷. Cornélio Pires instaura no país:

[...] a era do disco caipira. Velhos tabus caíam por terra e antigas barreiras preconceituosas vinham abaixo, ao menos por enquanto. Mas, 1929 foi apenas o começo de alguma coisa que se plantava artisticamente, em especial a partir do interior das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do país. Havia muito a ser feito e o caminho a percorrer iria se mostrar longo (FERRETE, 1985, p. 41).

É através dos programas de auditório que pessoas anônimas começam a apresentar para um grande público. São pessoas que geralmente cantarolam no cotidiano ou tocam um violão, uma viola, um acordeom ou um triângulo entre amigos e familiares. Em decorrência dos programas de auditórios, no entanto, começam a reunirem-se em grupos, às vezes improvisados, para tocar e cantar nos palcos que são preparados nas emissoras. O depoimento de Jason de Souza, locutor da rádio Alvorada de Rialma demonstra o quanto esses programas atraíam muitos tocadores e cantores.

⁶⁰⁷ Como observa Alencar e Bruzadelli (2009, p.04), “[...] esse estilo musical se expandiu principalmente no centro-sul do Brasil e em Goiás encontrou terreno fértil, já que mesmo com o processo de urbanização e modernização imposto pela Marcha para o Oeste, a ‘tradição’ goiana está muito ligada ao campo”.

No início nós apresentamos o ‘Festival Infantil’, ‘Música Popular’ e também o ‘Desfile de Violeiro’ com música sertaneja. Esses dois programas nós tivemos, por muitos anos aqui na rádio Alvorada. Só para adiantar pra você, naquela época vinha violeiros de Itapuranga, Jaraguá, Goianésia, Rubiataba, Nova América, Hidrolina, Santa Teresa, Uruaçu... Então, todas as cidades do Vale do São Patrício, em torno de 100, 150 km, até 200 km, vinha violeiro naquela época participar do programa da rádio Alvorada, porque era uma tradição daquela época (informação verbal)⁶⁰⁸.

Isac Abrão observa que o programa “Festival dos Violeiros” da rádio Santana de Anápolis, promoveu uma ampla mobilização de duplas na cidade para seu primeiro programa. Reuniu “[...] na ocasião, os melhores conjuntos do gênero caipira, da cidade e dos distritos. Com o imenso auditório super-lotado, o programa se prolongou até às 22,45 horas, apresentando verdadeiros artistas da nossa música popular” (*O ANÁPOLIS*, 11 dez. 1961). Esse programa “[...] elevou bem alto o gênero sertanejo em nossa cidade” (*ibidem*, 13 dez. 1961).

O rádio torna-se um importante instrumento de divulgação da música caipira através dos auditórios para um grande número de pessoas na década de 1950. Nesse sentido, ele acaba representando para esta música um instrumento poderoso para dilacerar as limitações geográficas que antes a restringia a um pequeno número de pessoas. Abre espaço para o habitante do meio rural mostrar suas canções, o seu canto:

[...] ligado às tradições dos cantos de trabalho do universo rural e das festas religiosas, originário do interior do estado de São Paulo. Essa é conhecida como música caipira que, mesmo quando gravada (a partir dos anos 1920), busca fazê-lo mantendo uma certa ‘autenticidade’, ou seja, uma ‘raiz’ (ALENCAR; BRUZADELLI, 2009, p. 3).

Moraes César é um dos principais incentivadores dessa música em Goiás. Em entrevista concedida à Associação Goiana de Imprensa, afirma que, ao chegar a Goiânia em 1955, “[...] existiam apenas duplas cantando em emissoras de programas isolados” (*apud* AGI, 1980, p. 316). O trabalho que inicia em Goiânia leva as emissoras da cidade a fazerem o mesmo, ou seja, enfatizar a música caipira em seus programas de auditório através daqueles que a valoram.

Em cidades do interior prevalecem os cantores de música caipira em programas de auditório. Arnaldo Oliveira afirma que na rádio Educadora de Goiandira:

[...] tinha programa no cinema. Lá todo dia de domingo tinha lá um programa de artistas da região, praticamente sertanejo, na época nós dizia caipira, programa caipira. Então o sertanejo é que dominava. E tinha também

⁶⁰⁸ Jason de Souza, op. cit.

os cantores lá: saxofonista, violinista, sanfoneiro, lá tinha demais naquela época, e cantores de lá, meninos, jovens, gente mais de idade, todo domingo reunia no cinema, ali certas horas, 2 horas da tarde por aí, invês de matinê, tinha um programa de auditório da rádio, da rádio Educadora (informação verbal)⁶⁰⁹.

Duarte Martins relembra que na Difusora de Rio Verde, Oscar Flequi cria o programa “Sentimento Sertanejo”:

O ‘Sentimento Sertanejo’ que é aquele que eu falei procê de auditório, ele apresentou por muitos, muitos anos. Programa que ele levava muito público no auditório pra ver a programação dele. Programa bem animado, premiação, brincadeira, aquela coisa toda. Levava duplas, trios, às vezes algum solo, a maior parte era dupla e trio (informação verbal)⁶¹⁰.

O número de tocadores e cantores da música caipira inspira os radialistas a nomearem seus programas com símbolos que caracterizem essas canções. A rádio Alvorada de Rialma, por exemplo, cria o programa “Roda de Violeiros” e a rádio Cultura de Ceres o programa “Desfile de Violeiros”. Getúlio de Souza fala sobre o programa da rádio Alvorada de Rialma.

Eu fazia o programa ‘Roda de Violeiros’, aos domingos. Mas tinha violeiro... violeiro demais! Naquela época tinha gente demais e rádio naquela época era novidade. Cantar na rádio Alvorada era a mesma coisa de participar do programa do Faustão hoje [...] Os violeiros vinham com as viola, com a sanfona e com a família dele, e a cidade vinha toda pra assistir o barulho. Era só de viola, só de sertanejo. Era viola, violão, sanfona, pandeiro... na época era só isso. Era novidade, vinha gente de todo lado (informação verbal)⁶¹¹.

As emissoras promovem o aparecimento de artistas em várias regiões. Tornam-se reconhecidos como tal pela habilidade em cantar e tocar algum instrumento em programas de auditório. Walter Araújo lembra-se que pelas emissoras de Goiânia a dupla caipira João Mariano e Pardalzinho tornam-se conhecidos enquanto tal. Pela rádio Difusora de Jataí emergem outros artistas que vão para São Paulo gravarem seus discos. Segundo Zacarias Faleiros, então diretor desta emissora:

No programa de auditório nós formamos várias duplas aí que foram pra São Paulo, gravaram discos, venderam à beça [...] Hoje tem um tal de Amaraí, ele começou aqui com a gente. O Voninho da sanfona era considerado o melhor acordeonista do Brasil, ele começou com a gente aqui no programa

⁶⁰⁹ Arnaldo Oliveira, op. cit.

⁶¹⁰ Duarte Martins, op. cit.

⁶¹¹ Getúlio de Souza, op. cit.

de auditório. Orfeu e Menestrel também começaram aqui comigo⁶¹². E assim vários outros. (informação verbal)⁶¹³.

Os programas de auditório, no entanto, apresentam outras atrações no campo da música. Em seu depoimento sobre o programa de auditório da rádio Jornal de Inhumas, Irondes de Moraes fornece mais informações que nos possibilita conhecer a riqueza e o ecletismo proporcionado nesses espaços.

Auditório pequeno na emissora e tocava a música: o Elvis Presley, Pow Anka, Tchubi Tcheca, Pet Bund, Rita Pavone, ela é italiana mas cantava o rock dela, Datemi un Martello, por exemplo, era uma música quente. Então essas músicas eram rodadas e as pessoas faziam mímica da música no auditório. Mímica. Elvis Presley então, tinha muitos. Aqui tinha o Zé Neto, que foi aqui da TV Anhanguera, era um grande intérprete mímico do Elvis; o Goiás Olinto era outro; tinha o Líder Vaz, também era outro, eram os artistas da época, fazia interpretações magistras, no auditório fazia mímica desses cantores. Aí ia o som pro auditório... Era o 'Pick-up Maluco'. Todo domingo era bombado, enchia. Ali suportava umas 60 pessoas no máximo. Tinha as cadeiras de madeira... E também tinha aos domingos, tinha no Cine Flórida, tinha o programa 'Canta o Guri'. Era pra meninada cantar. A emissora transmitia de lá. Nesse 'Canta o Guri' sabe quem nasceu lá? O Christian, do Cristian e Ralf. Chamava Zezinho. O Zezinho cantava lá. Os pais dele levava ele pra cantar e o Ralph era de colo, o Ralph é irmão do Christian, o Ralf era de colo. O quê que ele cantava? Música do Roselito e do Franquito. Quando Canta o Rouxinol, Passarito Amarelo, coisa assim, mexicano (informação verbal)⁶¹⁴.

A rádio Anhanguera é uma das pioneiras em programas voltados para crianças (Figura 55). Observando o grande público que participa em finais de semana em seu auditório, os dirigentes da emissora criam um programa específico para ele. Esse programa é um sucesso e leva outras emissoras a fazerem o mesmo.

Ana Leda estava em quase todos

os programas de auditório da rádio Alvorada de Rialma, e, segundo ela, uma das principais atrações daquela emissora eram os programas em que as crianças podiam apresentar em seu palco.



Figura 55 – Programa para crianças da rádio Anhanguera
Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”,
Goiânia, 2008.

⁶¹² Além desses, citados por Zacarias, Marrequinho acrescenta que o programa de auditório da Difusora de Jataí projetou: Amilton Lelo, Nilton Lamas, Zé Vidal e Vidalzinho, Os Filhos de Goiás, Odaés Rosa, Rony Cardoso e Moisés Manoel.

⁶¹³ Zacarias Faleiros, op. cit.

⁶¹⁴ Irondes de Moraes, op. cit.

Aos domingos as meninas vinham, cantavam e classificava três. Todos os domingos. Vinha garota dessa região todinha pra rádio Alvorada. Era ‘Programa Infantil’. O nome do programa era ‘Programa Infantil’. Aí quando ia pra final chamava ‘As Maiores’, porque eram três candidatas, que teria o primeiro, o segundo e terceiro lugar. Esse ‘Programa Infantil’ ficava assim, um mês, dois meses, classificando as finalistas. Agora, minhas irmã foram cantoras da rádio Alvorada, minha prima [...] Ela ganhava prêmios, era tecido, era correntinha, anel, pulserinha, era os prêmios. Aí tinha os prêmios também de consolação, que seria o quê? Material escolar, chamava ‘prêmio de consolação’, e o apresentador desse programa era o José Rêgo, que é o dono da rádio (informação verbal)⁶¹⁵.

Durley Montalvão relata que cantou em um desses programas pela rádio Difusora de Rio Verde, antes de se tornar locutor da mesma e aponta ainda a data em que este programa foi extinto.

O programa apresentado era um programa chamado ‘Crianças de Hoje e Homens de Ameã’. Olha a expressão do locutor! Porque o locutor ele era um sargento de polícia, e chamava-se... Eu vou me lembrar daqui um pouquinho, e ele era nordestino. Então, o Afandes Nunes, essa figura que eu te disse, com a ideia de fazer um programa de auditório, ele convidou o Martinelli, me lembrei seu nome, sargento Martinelli, ele resolveu convidar esse Martinelli [...] A princípio o programa era pra adulto. Esperava-se que os adultos viesse cantar ali, aqueles carinhas de violão, de fundo de quintal, mas ninguém interessou, e aí foi só criança, entre os quais eu. Naqueles primeiros momentos eu ia cantar porque o meu pai era músico e eu cantava música do Vicente Celestino, Nelson Gonçalves, mas nessa época eu não tinha vínculo com a emissora, criança, pivete. Aí eu chegava lá e me propunha a cantar. Então existia o auditório. Esse auditório foi extinto em 67, 68 (informação verbal)⁶¹⁶.

Além dos programas infantis as emissoras inovam e outras atrações começam a aparecer na segunda metade de 1950 voltadas para o público jovem. Apresentam uma estrutura semelhante ao programa da rádio Cultura de Ceres comandado por Porátio: “Eu era apresentador mais de jovem, escolar, gincana escolar, você juntava aquela coisa, um colégio contra o outro, a cidade de Rialma contra a cidade de Ceres e assim sucessivamente. Era muito bem elaborado, era bem feito [...] Era mais pra jovem” (informação verbal)⁶¹⁷.

O show de calouros que apontamos no capítulo anterior também representa um mecanismo para revelar bons artistas em programas de auditório, a exemplo de Cristian, da dupla Cristian e Ralf, como apontou Irondes de Moraes anteriormente. Ely Camargo, cantora que se projeta pelo rádio, observa que “o programa de auditório abria muito espaço que hoje

⁶¹⁵ Ana Leda, op. cit.

⁶¹⁶ Durley Montalvão, op. cit.

⁶¹⁷ Porátio, op. cit.

em dia não existe mais [...] porque é no programa de auditório que os artistas... vai ver se é... se descobre, né?” (informação verbal)⁶¹⁸.

José Lázaro retrata um programa de auditório da rádio Difusora de Rio Verde. Na época era um espaço para as pessoas cantarem, dançarem, declamarem poesias etc. Não havia seleção nem mesmo exigências formais para os candidatos. O público estava sempre presente. Neste programa o diretor da emissora propõe a realização de concursos para cantores.

Tinha uma que era a vencedora de todos os concursos, ninguém ganhava dela. Tá viva até hoje. Chama Geni Magalhães [...] Pede pra ela cantar um pedacinho da música do Miguel Aceves Mejia, é cantor mexicano. Aí, era outro cara que tocava de mais no rádio. Cucurucucu Paloma. Quer ver o que mais? Fallaste Corazon. [...] Não era muito grande. Era lá em cima da Receita Federal hoje. Cabia umas 80 pessoas. O povo ficava de pé. Não pagava pra entrar, era livre. Eu fui muitas vezes lá assistir. E essa Geni Magalhães, ninguém ganhava dela. Ela cantava Miguel Aceves Mejia, esse era o forte dela (informação verbal)⁶¹⁹.

Lázaro observa que o público ficava boquiaberto com as apresentações de Geni Magalhães em seu idioma original. Afinal, é uma raridade encontrar alguém que apresente um sotaque diferente daquele do homem do campo naquele período. As pessoas que apresentavam, por sua vez, sentiam-se motivadas a fazerem novas apresentações. A saudação do público desperta sensações prazerosas provocando um sorriso do apresentador seguido de um “obrigado”. A identificação artística de determinados indivíduos torna-se inevitável. Aquele que é considerado pelo público como o melhor é comentado e incentivado para novas apresentações.

O grande público que participa dos programas de auditório, por outro lado, oferecem para determinados proprietários de emissoras a possibilidade de um rendimento extra para cobrirem as despesas. Não eram todas as emissoras que cobravam pela entrada, mas a maioria utilizava deste recurso.

Tinha uma audiência fabulosa. Cobrava até ingresso. Cobrava até uns ingressim, mas só era pra manter mesmo o programa, pra trazer tudo bunitim. Cê fazia com que seu programa tivesse carteirinha. Porque os apresentador tinha carteirinha, bonitinha, bem organizadim. Então no programa cê cobrava dinheiro na entrada do auditório mas exatamente pra manter aquelas coisinha bonitinha, bem organizadinha pros apresentadores (informação verbal)⁶²⁰.

⁶¹⁸ Projeto Memória do Museu da Imagem e do Som. Entrevista com Ely Camargo (cantora, compositora e pesquisadora). Entrevistadora: Tânia Mendonça, em 3 de abril de 2010.

⁶¹⁹ José Lázaro, op. cit.

⁶²⁰ Porátio, op. cit.

Duarte Martins ressalta que os administradores da rádio Difusora de Jataí tinham a mesma prática. A cobrança de uma entrada era “[...] muitas vezes, pra poder ajudar a manter a própria limpeza do auditório, a gente cobrava ingresso e dava público” (informação verbal)⁶²¹. Já Eduardo Ferreira relata que na rádio Clube de Buriti Alegre a cobrança de ingressos era uma oportunidade de rendimento extra para os locutores da emissora. A renda era dividida entre os próprios radialistas.

Tinha programa de auditório de dupla sertaneja. Eu lembro que a gente cobrava, naquela época, era 1 cruzeiro pras pessoas entrar e lotava. O auditório cabia pouco mais de 100 pessoas, mas aquele dinheiro ali, no final da semana, era divino. Aí a gente fazia um rateio entre os locutores. E apresentava dupla sertaneja, todo lugar tinha isso, e isso acabou (informação verbal)⁶²².

A popularidade dos programas de auditório proporcionou a fama para alguns apresentadores, a exemplo de Jeová Baylão⁶²³ e Sílvio Medeiros. Eles se tornam referência em Goiás nesse tipo de programa. Jeová Baylão foi o único a transmitir um programa de auditório em cadeia através de seis emissoras de rádio. Esta transmissão ocorreu em 1958 e foi realizada pela rádio Anhanguera através de uma rede de emissoras formada pela rádio Cultura de Anápolis, Cultura de Catalão, Clube de Buriti Alegre, Clube de Goiânia, Educadora de Goiandira e Xavantes de Ipameri. Foram oito horas de programação e contaram com artistas reconhecidos nacionalmente, orquestras e cantores do interior de Goiás (*O POPULAR*, 11 jul. 1958). Nessa ocasião, Baylão anuncia o maior prêmio em dinheiro já oferecido por uma emissora goiana, o prêmio de cinco mil cruzeiros.

Sílvio Medeiros relata que é devido à sua apresentação em programas de auditório que consegue assinar um dos maiores contratos do rádio na época.

Os jornais publicaram um dos maiores contratos feito na época. Mudei pra rádio Anhanguera devido aos meus programas de auditório. Programa de auditório lá na Brasil Central era de 6 a 10 da noite. Domingo. Quando fui pra Anhanguera passou a ser de 10 a 2 horas da tarde (informação verbal)⁶²⁴.

Sílvio Medeiros ressalta um fato marcante que ocorreu em um de seus programas de auditório que dirigiu pela RBC, sendo inclusive noticiado para todo o Brasil através do Repórter Esso, tratando-se do suicídio de um cantor de música caipira em plena apresentação.

⁶²¹ Duarte Martins, op. cit.

⁶²² Eduardo Ferreira, op. cit.

⁶²³ Em uma publicação realizada em 24 de dezembro de 1957, o jornal *Diário da Tarde* afirma que Jeová Baylão tinha como principal referência para seu trabalho o animador de auditório da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, César de Alencar.

⁶²⁴ Sílvio Medeiros, op. cit., 2004.

Tinha o Pássaro Preto e Melrinho, tinha o Zé Micuim e Chico Onça. Eram duplas. Esse Pássaro Preto e Melrinho, aconteceu inclusive no Repórter Esso. Porque eles tinham um programa de auditório e entre as músicas eles faziam uma espécie de enquete, contava piada, faziam uma espécie de enquete, tinha um lá super apaixonado. E ele chegou falando:

- Vou me matar, porque a mulher já não quer saber de mim mais, não sei o que e tal...

Sacou dum revólver, e todo mundo rindo, achando graça, ele leva o revólver ao ouvido e dispara. E não era brincadeira, o negócio era sério. Ele se matou em pleno auditório da rádio. E aquilo noticiou o Brasil inteiro, o Repórter Esso lá no Rio, na rádio Nacional noticiou:

- Acaba nesse instante, num programa de auditório da rádio Brasil Central em Goiânia, aconteceu algo inusitado, um elemento da dupla sertaneja se mata em pleno palco do auditório (informação verbal)⁶²⁵.

Enquanto a televisão não se estruturou em Goiás os programas de auditórios continuaram como os mais cobiçados pelo público, como reafirmou Sílvio Medeiros: “[...] até aparecer a televisão em 1960, então o forte era auditório” (informação verbal)⁶²⁶. Todavia, esses programas esboçaram nos anos de 1950, o que seria a televisão em Goiás na década de 1960.

Com a chegada da televisão, os programas de auditório vão desaparecendo aos poucos. Em Anápolis, por exemplo, já em 1963 as emissoras expressam dificuldades em manter os seus programas. A documentação aponta três motivadores para isso: a presença da televisão, que toma parte do público (Figura 56); o segundo motivo, ocasionado também pela televisão, é a falta de profissionais para atuar nas apresentações; e a terceira causa é o avanço do rock em Goiás, que começa a predominar na programação diária das emissoras.



Figura 56 – Programa de auditório da rádio Clube de Goiânia que foi utilizado como auditório da TV rádio Clube canal 3
Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

No início de 1963, um dos editores de *O Anápolis* chega a considerar o avanço do rock como o principal causador do desaparecimento dos programas de auditório das emissoras de Anápolis. A questão é que ao ser percentualmente maior o seu índice de audiência, isso provocou a desmotivação do público por esses programas, que é o espaço onde predomina a música caipira. Conseqüentemente, os cantores da música caipira sentem-se desmotivados a apresentarem em um espaço que o público já não aparece mais.

⁶²⁵ Op. cit., 2011.

⁶²⁶ Op. cit., 2004.

Relegado ao esquecimento o gênero sertanejo os nossos ‘cantores’ vão fugindo, encostando suas violas, reco-recos e outros instrumentos mais, passando muito contra a vontade, a viverem nesse mundo de rocks, twists e desespero, a olharem com surpresa a mudança cruel do tempo, que os transporta para uma época irreal, de loucos, arredios e desajustados, que buscam nos mitos históricos das gravações atuais, motivos para o vício, a perdição e tudo encontram de ruim na sociedade (*O ANÁPOLIS*, 5 abr. 1963).

Como podemos notar o rádio apresenta-se como um lugar de fronteira. Um espaço onde manifestações culturais articulam-se gerando algo novo, ao mesmo tempo em que entram em conflito e provocam mudanças. É nesse lugar de fronteira que no início de 1960 ocorre o esvaziamento dos programas de auditório.

Estes, por sua vez, em 1964 demonstram-se frágeis e com dificuldades para continuarem preenchendo um espaço na programação das emissoras. Não desaparecem naquela década, mas sentem que o futuro aponta para o seu desvanecimento. Os programas de auditório, no entanto, marcaram época na história do rádio em Goiás. A televisão deve muito a eles, pois formaram os profissionais que vieram posteriormente a integrá-la. As novelas radiofônicas também desempenham papel semelhante naquele período.

4.2. Foi um momento dos mais gloriosos da radiofonia goiana quando entrou a radionovela: a radionovela no rádio em Goiás.

A novela, não há dúvida, já conquistou a preferência do ouvinte radiofônico feminino do país. Boas ou más, curtas ou longas, emocionantes ou soporíferas, essas programações têm os seus admiradores. No horário da novela, reúnem-se indefectivelmente, ao pé do receptor as saias da casa. E, às vezes algum homem também. O locutor com voz forte e modulada, anuncia: ‘o famoso Creme Dental’. Em seguida, após o texto comercial do patrocinador, começa a história. A sonoplastia é perfeita. Há momentos emocionantes. A mocinha chora. O galã esbraveja. A amiga falsa faz um jogo escuso para tomar o noivo da outra. Aparece uma velha bondosa no meio apaziguando tudo. Nascem juras de amor, promessas de casamento. E quando a coisa está ficando mesmo quente, com momentos de intensa vibração, entra o prefixo musical, assinalando o fim do capítulo. Ouve-se um ‘oh!’ generalizado das ouvintes, pois a história ficou interrompida exatamente quando ia ser revelado um grande segredo, quando o galã encontrou finalmente a heroína ou dois rivais trocaram tiros de revólver. O ‘suspense’ feito de propósito pelo produtor do programa causa efeitos. Os comentários sobre os rumos da novela são infalíveis. As ouvintes trocam impressões, discutem pontos da história, fazem suposições, contradizem-se, até que a conversa esfria, caminha para algum assunto diferente. Contudo, no dia seguinte, por cima do muro ou pelas janelas as vizinhas voltam aos seus comentários sobre a novela que acompanham simultaneamente com o mesmo interesse (*apud O POPULAR*, 26 fev. 1953).

O texto acima é do famoso radialista goiano Eliézer Penna. Sua narrativa demonstra com detalhes a relação fantástica entre o ouvinte de emissoras de rádio e as novelas daquele período. Eliézer Penna cita, além disso, as novelas com histórias intermináveis cheias de amores frustrados, outras que focalizam problemas sociais, outras que fazem propaganda de um determinado produto; há ainda aquelas que pautam pela filosofia em linguagem acessível a quem não é letrado, com situações interessantes capazes de empolgar o público ouvinte, porém com um sentido instrutivo.

Por outro lado, a novela é a representação de uma válvula de escape, um mecanismo prazeroso para as pessoas fugirem dos problemas cotidianos, a exemplo de um episódio relatado por Eliézer Penna que ocorre em sua casa⁶²⁷: “O que há pouco estavam tristes, estão, agora, reanimados, discutindo lances da vida dos protagonistas, esquecidos dos problemas que ainda há pouco os preocupavam. Acho, pois, que a novela não é um xarope. É um elixir radiofônico” (Ibidem).

A radionovela tem o seu público cativo. São geralmente veiculadas em uma determinada hora da tarde e também ao final do dia. Em algumas emissoras são apresentadas também nos programas de auditório, adaptadas ao teatro. Com a radionovela, como coloca Ferraz (2004, p. 115) “o investimento na linguagem ficcional em rádio fez, naquele momento, a essência de sua audiência”.

Esse tipo de programação é importado de emissoras de outros Estados, a exemplo da grande influência da rádio Nacional, que é a principal referência neste tipo de programa no Brasil. Só nas duas primeiras décadas irradiou mais de 800 novelas. Para Walter Pureza: “A rádio Nacional ela era o carro-chefe, onde tinha as maiores novelas, que parava a nação, o Brasil parou pra ver o ‘Direito de Nascer’⁶²⁸” (informação verbal)⁶²⁹. É lá onde tudo começa, isto é, na época de Henrique Foreis Domingues (Almirante). Ao procurar uma maneira de assegurar os recursos dos poucos anunciantes ele tem a ideia de criar uma série de programas com o nome “Curiosidades Musicais”. Esse programa aproxima-se do que seriam posteriormente as novelas radiofônicas. É uma espécie de radioteatro. O próprio Almirante descreve:

⁶²⁷ Esse é um exemplo do que Adorno (1980, p. 119) observou: “A experiência subjetiva produz imagens que não são imagens de nada e têm ainda assim essência coletiva; tal é a única mediação entre a arte e a experiência. Este conteúdo de experiência é o que faz distanciar as obras de arte da realidade empírica, e não a fixação ou a conformação em sentido usual. São experiências empíricas por meio de uma deformação empírica”.

⁶²⁸ Do cubano Félix Cagnet. Ia ao ar às 20h com Paulo Gracindo desempenhando o papel de Albertinho Limonta e Saint-Clair no de Dom Rafael de Juncal, além de outros atores famosos (HAUSSEN, 2001, p. 62).

⁶²⁹ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

Como não dispunha de artistas para cantar, falar, eu fazia sozinho um programa inteiro. Narrava, cantava, imitava voz de mulher, de criança, de alemão, de francês. Começava com uma anedota dentro do tema. Depois entrava no assunto propriamente dito, focado de maneira séria, informando, ensinando (ALMIRANTE *apud* SAROLDI; MOREIRA, 2005, p. 47).

Mas é com a novela “Em Busca da Felicidade” do cubano Leandro Blanco (editada por Gilberto Martins, a primeira do gênero no país, veiculada em junho de 1941 pela Nacional do Rio, patrocinada pelo creme dental Colgate⁶³⁰), que as novelas conquistam um espaço cada vez maior no rádio brasileiro. O público-alvo das novelas é o feminino. Os grandes anunciantes desse tipo de programação eram, em geral, os fabricantes de produtos de limpeza e de higiene pessoal (AZEVEDO, 2007, p. 6).

Alguns nomes despontam no país na arte de escrever novelas para o rádio. Entre eles Amaral Gurgel, o dramaturgo Oduvaldo Viana, Giuseppe Ghiaroni, José Mauro e o grande responsável pela alavancada da novela no Brasil, o então diretor de radioteatro desta emissora, Victor Costa (SAROLDI; MOREIRA, 2005). Segundo Haussen (2001, p. 62) a ideia de novela no rádio é transportada da Argentina por:

Oduvaldo Viana que estivera exilado naquele país. Em seu retorno, trouxe ‘muito material e o nome que permaneceu aqui: novelas’ (Belli, 1980)⁶³¹. Os ‘scripts’ foram inicialmente recusados no Rio de Janeiro e acabaram sendo introduzidos em São Paulo, com a novela ‘Predestinada’, na rádio São Paulo, em 1941, quase ao mesmo tempo que ‘Em busca da felicidade’, pela rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Martin-Barbero (2003, p. 248) argumenta que “[...] sem solicitar autorização dos especialistas, o teatro popular nasceu no circo com os Podestá, cresceu nas turnês, sob as lonas *criollas* e depois se abrigou nas companhias de radioteatro”. A origem das radionovelas radiofônicas, no entanto, se dá com os folhetins gauchescos, reproduzidos por atores de rádio. Desta forma, o rádio na Argentina é desde o princípio, “[...] música popular, declamadores, partidas de futebol e, a partir de 1931, por excelência, o radioteatro” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 247).

A produção de um radioteatro, no entanto, necessitava de um conjunto de profissionais. As emissoras costumavam manter um *cast* de radioatores exclusivos, mesmo aquelas que não irradiavam um grande número de novelas (AZEVEDO, 2004, p. 34). Só para termos uma noção, a primeira equipe de radioteatro da Rádio Nacional foi composta por sete

⁶³⁰ Isso ocorre pelo fato de empresas norte-americanas buscarem por um mercado consumidor, “[...] em particular firmas como Procter and Gamble, Lever Brothers, começavam a produzir as denominadas ‘óperas de sabão’ para vender seus produtos às donas-de-casa” (ORTIZ, 1988, p. 19).

⁶³¹ Belli (1980).

pessoas⁶³². Encenações semelhantes às aquelas que ocorriam em programas de auditório, também eram transmitidas do estúdio com uma produção mais elaborada.

Para a produção de uma radionovela é necessário, portanto, um roteirista, aquele que elabora a trama, as cenas, os quadros, escolhe as músicas, os diálogos, enfim, aquele que cria a história. A presença de um narrador também é fundamental. Ele é o responsável por concretizar o roteiro com a sua voz. Além deles atores e atrizes entram em cena. Seus diálogos vivificam o roteiro, dão vida a uma realidade fictícia. A tonalidade realística das novelas efetiva-se com o uso de efeitos e músicas, um trabalho realizado pelo sonoplasta. Assim, voz, música e efeitos, mesclados com a arte da encenação sonora, processam uma narrativa dramática que dá ao ouvinte todos os elementos necessários para criar o cenário em sua imaginação.

O radionovela não é um programa simples de se fazer, é talvez o mais complexo do rádio. Exige habilidade e muita criatividade, e, acima de tudo, profissionalismo. Manter um conjunto de profissionais com exclusividade no rádio demanda gastos exorbitantes. Em Goiás são poucas as emissoras que dispõem de condições para criarem este programa. Nesse sentido, novamente encontramos as emissoras mais capacitada para isso em Goiânia e em Anápolis.

Elas chegam a produzir novelas que, segundo Wanderley Schmalz, “[...] às vezes eram melhores que as novelas feitas pela Tupi de São Paulo” (informação verbal)⁶³³. Como expressa Juvenal de Barros:

Foi um momento dos mais gloriosos da radiofonia goiana, quando entrou a radionovela. Então tinha aquelas programação de histórias produzidas pelo *cast* (palavra bem radiofônica), pelo *cast*⁶³⁴ da Brasil Central e pelo *cast* da rádio Anhanguera. Inicialmente, o *cast* comandado pelo Taufic Sebba da Rádio Brasil Central. E tinha a radionovela da Rádio Anhanguera, que eram produzidas pelo João Bênnio, pelo Jávier Godinho (informação verbal)⁶³⁵.

As novelas garantiram seu espaço na programação do rádio, sendo transmitidas diariamente. Simbolizavam ao mesmo tempo a garantia de um alto índice de audiência. Sílvio Medeiros relata que:

As novelas da rádio era como as novelas da Globo. Era um trem de doido, e uma audiência que você não tinha ideia. Eu, por exemplo, como eu disse pra você, eu ouvia a rádio Nacional, as novelas eu não perdia. Sabia o nome de

⁶³² Ísis de Oliveira e Henriqueta Brieba, secundadas por Victor Costa, J.G. de Araújo Jorge, Manoel Pêra, Abigail Maia e Teixeira Pinto (Op. cit., p. 102).

⁶³³ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

⁶³⁴ Refere-se a um conjunto de profissionais.

⁶³⁵ Juvenal de Barros, op. cit., 2008.

ator de tudo, dos locutores... Conhecia a programação todinha (informação verbal)⁶³⁶.

Juvenal de Barros, que forma suas habilidades em emissoras de São Paulo, ao deslocar-se para Goiás leva consigo toda experiência e conhecimento da programação das grandes emissoras, iniciando aí o trabalho com as novelas.

Eu era o locutor e produtor também da rádio, né! Porque eu vim com experiência, porque a rádio Carajá foi uma das primeiras emissoras a ter radionovela do rádio goiano. Depois veio a Brasil Central e aí com o Pimenta Neto, que saiu da rádio Clube e foi pra lá com a participação do Taufic José Sebba⁶³⁷, do Gilberto, João Bênnio, Oscar Dias, participação de Maria Helena Surianee, Cleuza Jax (informação verbal)⁶³⁸.

Em entrevista ao jornal *O Anápolis* em 1952, Juvenal de Barros cita as pessoas que contribuíram em sua formação que o possibilitou posteriormente trabalhar no rádio. A locução ele aprendeu com Ermetti Simonetti⁶³⁹ na rádio Clube de Bauru-SP. Já as instruções para o radioteatro foram repassadas por Mário Salaberry, radioator de emissoras de São Paulo.

Por estranho que pareça, tanto Ermetti Simonetti como Mário Salaberry, tiveram grande influência em minha vida radiofônica [...] Com Ermetti aprendi a arte de locutor e com Mário Salaberry devo o que sei sobre a arte de escrever e montar programas de rádio. Salaberry aperfeiçoou os meus conhecimentos sobre os ‘mistérios’ do Radioteatro, Sonotécnica, Efeitos, Ruídos, Montagens de sons sobre sons, Sonoplastia e redação comercial (*O ANÁPOLIS*, 25 mai. 1952).

Pela rádio Carajá de Anápolis, Juvenal de Barros repassa seus conhecimentos para outras pessoas, jovens por sinal, e forma novos atores e atrizes. Recebe o apoio de outros indivíduos, a exemplo da esposa de Ermetti, Elídia Simonetti, uma das principais formadoras de radioatores e radioatrizes através de seu programa de auditório ‘novelinha infantil’.

A RBC começa a divulgar as novelas pelos esforços de Pimenta Neto, que, além de mentor e incentivador da criação desta emissora, é um dos principais escritores e produtores de novelas para o rádio em Goiás⁶⁴⁰. A primeira novela que ele veicula pela RBC é a “Sombra do Mal”, em 1950, transmitida as terças e sextas-feiras no horário do almoço, como informa o jornal *A Notícia*, no dia 09 de abril de 1950.

⁶³⁶ Sílvio Medeiros, op. cit., 2004.

⁶³⁷ Conhecido em Goiânia como Beduíno. Sob o Manto da Noite é o programa de radioteatro mais popular que apresentava pela RBC e depois pela Rádio Anhanguera (*NOVA CAPITAL*, 13 nov. 1955).

⁶³⁸ Ibidem.

⁶³⁹ Com seu pai João Simonetti, funda a rádio Carajá de Anápolis.

⁶⁴⁰ Por meio dele são formados radioatores e radioatrizes em Goiás. Os famosos na década de 1950 e 1960 são: Taufic Sebba, Luiz Carlos, Norma de Alencar, Lilian May, Moraes César, Maria H. Helena, Vera Lúcia e Walter Pureza (*DIÁRIO DA TARDE*, 29 abr. 1957).

Na semana passada foi lançada através das possantes ondas da novel emissora goiana, a grande novela original do consagrado Pimenta Neto, intitulada ‘Sombra do Mal’ que está alcançando grande sucesso, tendo recebido por parte dos ouvintes, elogios que colocam os alunos de Pimenta Neto em situação de valor igual aos artistas radio-teatrais brasileiros.

Nota-se nessa publicação que Pimenta Neto começa pela RBC um processo de formação dos seus primeiros radioatores e radioatrizes, trabalho semelhante ao que já vinha sendo feito por Juvenal de Barros e Elídia Simonetti em Anápolis pela rádio Carajá.

Então com isto, às 10 horas, às 10h05, mais precisamente, a rádio Nacional do Rio tinha o Rádio Teatro Colgate/Palmolive, era uma novela. Essa novela da televisão hoje era radiofonizada na época. Nós não tínhamos a televisão. Com isso a rádio Brasil Central também adotou. Ela fez o nosso radioteatro também, radionovelas. Tinha uma novela todos os dias, de segunda a sábado, das 10h05 e às 10h30, interpretada por goianos. Quer dizer, os intérpretes eram Taufic Sebba, Norma de Alencar, Sílvio Medeiros, esse pessoal aí todinho que eu já disse e outros mais, João Bênnio, que escrevia novelas também. Taufic escrevia, João Bênnio escrevia novela, o Sérgio Sampaio escrevia novelas também, interpretado por Jeová Baylão, Humberto Bonfim, todo mundo participava (informação verbal)⁶⁴¹.

Walter Pureza relata que atuou em alguns programas de novelas pela rádio Brasil Central e cita algumas das quais participou.

Eu fiz também na Brasil Central, nós fizemos várias novelas. ‘Vida de Cristo’ na Semana Santa, todo mundo ficava aguardando. Fizemos na época: ‘Vai Aqui um Comercial Colgate/Palmolive’⁶⁴², que dominava a audiência das grandes novelas, radiofonizamos muito os contos: ‘Os Miseráveis’ de Victor Hugo’ e uma série. Foi um trabalho muito intenso. Usava-se o rádio muito, muito, muito (informação verbal)⁶⁴³.

Cleusa Jaques, que naquela época atuava em radionovelas pela RBC e pela rádio Anhanguera, relembra que os efeitos eram todos improvisados, tendo em vista as dificuldades com gravações, mas era tudo apresentado ao vivo.

Na sexta-feira da paixão, por exemplo, o Bênnio produzia um programa de ‘Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo’. Depois da rádio Nacional, a emissora mais ouvida no país inteiro, no dia da sexta-feira da paixão, era a rádio Brasil Central, por conta desse programa que era criado e produzido pelo Bênnio, dirigido pelo Bênnio (informação verbal)⁶⁴⁴.

As temáticas das radionovelas na época são variadas, com temas do cotidiano (familiares, religiosos, etc.), mas a maioria é relacionada com produtos produzidos por

⁶⁴¹ Jerônimo Rodrigues, op. cit., 2013.

⁶⁴² É um radioteatro produzido por Sílvio Medeiros através de seu programa Festival SM.

⁶⁴³ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

⁶⁴⁴ Oscar Dias em depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

empresas nacionais e internacionais, sendo, portanto, um comercial⁶⁴⁵. É com este objetivo que “[...] as radionovelas irradiadas nas grandes capitais, posteriormente eram vendidas às emissoras do interior que as radiofonizavam” (HAUSSEN, 2001, p. 64). Muitas delas chegavam a Goiás através de discos com programas “[...] produzidos e gravados nas emissoras cariocas, em especial na rádio Nacional, e depois redistribuídos para o restante do país” (AZEVEDO, 2004, p. 29).

As pequenas emissoras de rádio do Estado de Goiás, pelo fato de não terem condições de arcar com as despesas que uma novela proporcionava⁶⁴⁶, incluem em sua programação novelas gravadas nas grandes emissoras, que as enviavam em fitas de rolos, como relata Nilta de Freitas, a respeito das novelas veiculadas pela rádio Jornal de Inhumas:

Nós tínhamos uma rádio novela da Gessy Lever. Eu lembro os patrocinadores, mas o nome da novela eu não lembro mais. Era tudo gravado naqueles gravadores de rolo. Então, vinha pra nós os capítulos tudo certinho e naquela hora a gente soltava no gravador de rolo (informação verbal)⁶⁴⁷.

Até mesmo as pequenas emissoras de Anápolis não tinham condições de produzir uma novela. E neste ambiente recorrem ao improvisado e inovam a forma de produzir este tipo de programa em Goiás. Podemos notar o exemplo do programa “Espetáculo dos Malucos”⁶⁴⁸, criado por Iron Junqueira e veiculado pela rádio Cultura.

Por que esse título? Porque era um título que tinha vários quadros, igual hoje na televisão, igual aquela Praça da Alegria. Só que o ‘Espetáculo dos Malucos’ era constituído por vários quadros e cada quadro mais pitoresco do que o outro, mais chamativo, mais engraçado, porém diferenciado um do outro, bem diferenciado um do outro. Aí o que se sucede? É aquela mesma dívida que ainda existe hoje na televisão. Então nós tínhamos lá como personagem: o Detetive Invisível, Frank, o detetive. E tinha o Conde Cara Brava, que era o bandido. O Conde Cara Brava fazia da seguinte forma: literalmente ele telefonava para a casa do prefeito. Antes da gente ligar, a gente combinava com o prefeito:

⁶⁴⁵ Haussen (2001, p. 64) demonstra em seu estudo sobre a radionovela no Brasil, que devido à sua defasagem no país, inspiraria também as temáticas, “[...] uma vez que na Argentina, por exemplo, onde o gênero iniciou na década de 30, a temática rural era muito forte, dando passagem mais tarde ao conteúdo urbano, com a industrialização do país e a migração interna em direção a Buenos Aires. No Brasil, como a radionovela só iniciou na década de 40, após a importação das novelas cubanas e argentinas, os autores nacionais já começaram a trabalhar sobre temas urbanos, com uma presença menor do rural”.

⁶⁴⁶ Segundo publicação do jornal *Diário da Tarde* (24 dez. 1956), nem mesmo as emissoras mais estruturadas da capital passam por bons momentos para manter os seus programas de radioteatro: “A falta de grandes ‘contas’ de publicidade, coisa que infelizmente ainda não temos em nosso meio, é a responsável direta pela inexistência de um rádio-teatro de alto nível em nossas emissoras”.

⁶⁴⁷ Nilta de Freitas, op. cit.

⁶⁴⁸ Esse programa foi ao ar pela primeira vez no dia 7 de abril de 1963 pela rádio Cultura de Anápolis (*O ANÁPOLIS*, 11 abr. 1963).

- Olha, amanhã na hora do meu programa, eu vou telefonar pra sua casa, me espera lá viu (informação verbal)⁶⁴⁹.

Iron Junqueira afirma que os personagens eram todos representados por ele mesmo. Para cada um produzia uma voz diferente. Assim, com um pouco de criatividade e ousadia conseguia-se criar um mundo fantástico pelo rádio sem muito custo.

A produção sonora é outro dado marcante nas radionovelas para quem estava nos bastidores do rádio. O estágio que se encontra a tecnologia utilizada na produção das novelas nesta época leva os seus produtores a improvisarem adornos para torná-las mais atrativas. Bezinho observa que na época não havia gravações para utilizarem durante as encenações, a exemplo de sons de chuva, trote do cavalo, trovão etc., e, por isso, tinham que produzi-los com seus próprios recursos e ao vivo.

Nas novelas tudo era feito era na hora. Pra fazer um raio lá era com o serrote; chuva era amassando o papel assim de seda na mão; cavalo era batendo as metades dos cocos e ia batendo no chão. As rádios no estúdio que fazia novela, tinha uma porta, você rangia a porta; tinha um caixote cheio de areia para os caras fazer os passos, botava o microfone no chão e o cara ficava pisando na areia, os cavalos andava lá também, nos pisos. Tudo era feito na hora, não tinha esse negócio de nada gravado não. Naquele tempo o rádio era custoso de fazer (informação verbal)⁶⁵⁰.

As novelas no rádio, no entanto, proporcionam aos ouvintes um momento de intenso uso da imaginação. Elas possibilitam que a pessoa crie um mundo particular, um mundo para além daquele que é vivido diariamente; proporcionam ao ouvinte um momento de devaneio. Com voz, músicas e efeitos, articulados artisticamente, processavam uma narrativa dramática que fazia o ouvinte criar em seu imaginário o cenário como bem lhe aprouver (FERRAZ, 2004, p. 116), “[...] onde a imaginação individual complementa a ausência das imagens, possibilitando aos heróis e aos vilões ter tantas faces quantos sejam os ouvintes que acompanhem atentos o desenrolar das tramas” (AZEVEDO, 2007, p. 2). Como expressa um dos produtores do radioteatro da rádio Anhanguera de Goiânia na década de 1950, Luiz Carlos Pimenta, a novela “[...] permite que a gente escape um instante das horas iguais da vida” (*apud* DIÁRIO DA TARDE, 8 ago. 1956).

A noite reunia toda a família, sentava em torno duma mesa e ia assistir as novelas, ia assistir os programa humorísticos, que por sinal eram muito bons. As novelas eram muito boas, tinha que ter qualidade porque o rádio fazia uma coisa e o ouvinte que completava, o ouvinte que fazia na mente as ideias que a televisão trazem hoje na imagem. Então essas imagens eram

⁶⁴⁹ Iron Junqueira, op. cit.

⁶⁵⁰ Bezinho, op. cit.

feitas na cabeça de cada um dos ouvintes do rádio. [...] Era interessante porque você criava imagens da maneira que você gostava mais, que você queria mais em uma novela, por exemplo, você pensava num personagem quando tava em uma cena, você fazia da maneira que você queria que ela fosse. Então os ouvintes criavam os seus personagens e colocava ali dentro daquela história (informação verbal)⁶⁵¹.

É nesse sentido que acontece de o ouvinte dirigir-se a uma emissora para conhecer pessoalmente o dono da voz de um determinado personagem e ao chegar lá se decepcionar, por não ser a imagem que havia criado. Mas é a magia, a expressão fantástica que o rádio proporciona ao ouvinte que faz da década de 1950 o marco da radionovela.

O intenso trabalho realizado pelos radialistas em Goiás garante o avanço profissional das novelas produzidas nesse Estado, como afirma Heli Mesquita: “Nós tínhamos em Goiás um rádio-teatro que equivalia a qualquer rádio-teatro feito em qualquer emissora do País” (*apud* AGI, 1980, p. 206). A novela do rádio goiano consegue atingir de tal forma o patamar daquela das grandes emissoras que desperta a atenção de artistas já consagrados na televisão paulista. O jornal *O Popular* dá notícias de um desses artistas que traz consigo, inclusive, outras atrizes e atores.

Acompanhado de três outros comediantes, encontra-se em Goiânia o ator, diretor e empresário de teatro Ítalo Cúrcio, que aqui esteve em 1953, dirigindo a Cia de Comédias ‘João Rios’. Acompanham-no, nesta visita a esta capital, Glenda Rúbia, ex-princesa das atrizes e vedete da Televisão Tupi: Célia Cúrcio, do rádio e do teatro e Luiz da Silva, ex-diretor da Rádio Gaucha de Porto Alegre. Ítalo Cúrcio e seus artistas se exibirão na sexta-feira e sábado próximo na Rádio Brasil Central prevendo-se novas apresentações em emissoras e casas de espetáculos locais em comédias, números ligeiros e outros quadros do gênero teatral de variedades (*O POPULAR*, 30 nov. 1956).

Com a chegada da década de 1960 o rádio começa a perder o contato com as novelas. É um momento em que as novelas estão migrando para a televisão. Os artistas com habilidades na arte do teatro e da novela aos poucos vão deixando o rádio para iniciar uma nova caminhada na TV. O rádio está perdendo a preferência do público por esta programação. Esse processo acompanha a decadência dos programas de auditório, momento em que o rádio precisa reinventar a sua própria programação e propor novas atrações para garantir sua existência. A música, que sempre foi um dos seus pontos fortes, continua na lista como o mais importante fomentador da almejada audiência.

⁶⁵¹ Ubirajara Moreira, op. cit.

4.3. O rádio foi tudo na vida da música: rádio e música.

A música sempre ocupou um espaço privilegiado nas emissoras de rádio. A hipótese que eu parto nesta discussão é que integra o processo de racionalização da comunicação radiofônica em Goiás. Nesse sentido, objetivo neste tópico atentar para as simbologias levadas ao rádio pelos programas musicais que o caracteriza como expressão da racionalização.

A relação entre rádio e música inicia-se com a emergência da radiodifusão na história da humanidade. O russo David Sarnoff⁶⁵², considerado por muitos estudiosos como o pioneiro da radiofonia, um telegrafista que teve papel importante na época da tragédia com o Titanic, já havia idealizado o uso do rádio para a veiculação de música antes mesmo de serem efetivadas as primeiras experiências de transmissão e recepção de rádio. Defleur e Ball-Rokeach (1993) mencionam um trecho da fala de Sarnoff⁶⁵³ em que ele denomina o rádio de “Caixa de Música de Rádio”.

Nos Estados Unidos a música é a principal responsável pela fundação da primeira emissora naquele país, a KDKA em 1920. Frank Conrad, engenheiro da Westinghouse, começa a utilizar o rádio para veicular algumas canções que gostava de ouvir. Em seguida a Westinghouse⁶⁵⁴ descobre que os discos que Conrad tocava vendiam mais na loja graças às transmissões (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 167). Rapidamente a Westinghouse solicita do governo a licença para a exploração da radiofonia. Assim, “no último andar da fábrica, a Estação KDKA foi para o ar no dia 2 de novembro de 1920 em Pittsburgh” (PASTORE, 1966, p. 76). A emissora privilegia o divertimento em suas programações por meio de músicas e também com programas de notícias instantâneas.

As primeiras emissoras que surgem no Brasil também apresentam como principal atração a programação musical. Grupos de amigos reúnem para utilizá-la como fonte de

⁶⁵² Segundo Defleur e Ball-Rokeach (1993), foi ele que transcreveu todas as informações enviadas pelos mensageiros de navios que socorriam as vítimas daquela tragédia em alto mar.

⁶⁵³ Tenho em mente um plano de desenvolvimento que faria do rádio um “utensílio doméstico”, no mesmo sentido que o piano ou o fonógrafo. A ideia é levar música às casas através do sem fio. Embora isso tenha sido tentado no passado por fio, foi um insucesso porque fios não se prestam a esse projeto. Com o rádio, contudo, seria inteiramente exequível. Porque exemplo, um transmissor de radiotelefone tendo um alcance, digamos de 40 a 80 quilômetros, pode ser instalado num determinado ponto onde seja produzida música instrumental ou vocal ou ambas. O receptor pode ser na forma de uma simples “Caixinha de Música de Rádio” e preparada para diferentes comprimentos de onda, que deverão ser intermutáveis mediante uma simples torção dum botão ou pressão em um interruptor. A “Caixinha de Música de Rádio” por ser acrescida de válvulas amplificadoras e um alto-falante, tudo podendo ser montado elegantemente em uma caixa. Esta pode ser instalada em cima duma mesa na sala de visitas ou na sala de estar, o interruptor colocado na posição adequada e a música transmitida ser recebida...

⁶⁵⁴ A empresa europeia Marconi dominou o campo da radiofonia até 1919 devido à patente de Guglielmo Marconi. É utilizada praticamente para fins militares.

diversão. Por causa disto muitas delas são nomeadas de rádio Clube e rádio Sociedade. Em Goiás, a primeira emissora que é fundada em Anápolis em janeiro de 1942, a Amplificadora Cultural, inaugura sua programação veiculando músicas intercaladas com propagandas. Em síntese, a música acompanha a radiodifusão desde a sua origem. Entre 1950 e 1964 promove mudanças significativas no rádio em Goiás.

A programação musical das emissoras é configurada com elementos de diversos matizes. Vamos nos debruçar sobre isso para compreender a relação entre rádio em música em Goiás naquele período.

Um primeiro elemento a ser apresentando é o contato de emissoras de Goiás com gravadoras dos grandes centros do Brasil. Nesse sentido, para garantir a permanência de um mercado consumidor neste Estado estas gravadoras propõem o contrato como garantia de abastecerem as emissoras locais com os últimos lançamentos. Maria Alves, locutora da Educadora de Goiandira, afirma que através deste mecanismo “todos os lançamentos chegava em primeira mão. Então isso aí era novidade no Brasil, era novidade em Goiandira também” (informação verbal)⁶⁵⁵.

Ironides de Moraes, locutor da rádio Jornal de Inhumas, relata que através dos programas que não estavam voltados para as solicitações de ouvintes, os locutores desta emissora davam preferência às músicas mais veiculadas pelas grandes emissoras nacionais. Essas músicas, no entanto, chegavam à emissora através de discos distribuídos por representantes de determinadas gravadoras.

Assim que chegava lá Nelson Gonçalves, Ademar Dutra, Ângela Maria... As gravadoras tinha os representantes estaduais, iam nas rádios, eram poucas rádios, e levava pra fazer a divulgação daqueles discos, daquelas músicas. Naquela época explodiu, saiu bem o Raul Sampaio, que aconteceu e depois desapareceu. Ele era compositor e cantor, fazia parte também do esquema de músicas bem solicitadas. Ramoncito Gomes que desapareceu, Teixeira... (informação verbal)⁶⁵⁶.

Além de músicas provenientes do contrato com gravadoras e de seus representantes que comercializam pessoalmente os discos em Goiás, os radialistas estão atentos ao que é veiculado por emissoras de outros países. A BBC de Londres desfruta de uma ampla audiência em Goiás, como já notamos anteriormente. O fato de locutores acompanharem sua programação leva muitos deles a adquirirem os discos com as mesmas músicas que ouvem, mas para veicular em seus programas. Objetivam com isso elevar o rádio ao nível daquela.

⁶⁵⁵ Ibidem.

⁶⁵⁶ Ironides de Moraes, op. cit.

Em 1950, a BBC realiza transmissões diárias de um programa com músicas clássicas instrumentais.

No concerto instrumental da semana que passou, segundo feira, às 20,15 teve início a irradiação do primeiro de treze recitais pelo Quarteto de Cordas ‘Aeolian’. Estes treze concertos apresentaram a execução integral da obra de Bach, Arte da Fuga, em versão especialmente escrita para o quarteto por Watson Forbes (*A NOTÍCIA*, 29 out. 1950).

A seleção musical do rádio em Goiás nesta época, no entanto, é feita de acordo com o que as grandes emissoras veiculam. Nesse sentido, um gênero musical que ocupa boa parte da programação no rádio goiano é a música orquestrada, que tem na história da rádio Nacional do Rio de Janeiro, através das orquestras de Radamés Gnattali, José Mauro e Haroldo Barbosa, a maior referência do rádio brasileiro (SAROLDI; MOREIRA, 2005).

Emerge nesse contexto a ideia de que Goiás não tem uma expressão musical própria. Uma discussão sobre isso aparece em um artigo do jornal *O Anápolis*, publicado em 23 de junho de 1955⁶⁵⁷ com o título “Músicas de Goiás”, cuja autoria é de Désia Marques Otto, uma goiana que neste momento reside em Cruz Alta - RS. Em sua análise Désia Otto chama a atenção para que se “[...] alguém menos avisado, ao encontrar-se com algum goiano em terras estranhas, mui justamente pressupõe que não temos nada de ‘nosso’ propriamente dito, que tenha um gosto da terra que Anhanguera nos legou”.

Ela inicia o artigo expressando o termo “campo artístico” em Goiás. Isso pressupõe que a autora esteja querendo analisar algo existente, um campo bem delimitado, definido, autônomo. Eis que a resposta surpreende:

Isto, esta impressão, muitas vezes se nos depara. Mas não nos esmorecemos: explicamos com uma paciência de Job, que somos povo inteligente, trabalhador e amante das Artes. Depois, com a vontade de provar o que referimos, buscamos àvidamente pelos nossos autores, pelas nossas músicas e o resultado: nada. (OTTO, apud. *O ANÁPOLIS*, 23 jun. 1955).

Na discussão seguinte ela esclarece que fez essa afirmação em decorrência de sua reflexão sobre: a importância para uma determinada cultura de um campo com códigos delimitados e com um espaço adquirido. Partindo deste pressuposto a impressão que se tem é que à música goiana falta a conquista de um espaço. Para ela há indivíduos com habilidades musicais e uma arte em Goiás, que em sua concepção, leva o “gosto da terra” goiana. O que falta na verdade é sua divulgação: “Mas a arte musical de nossa terra precisa ser mais

⁶⁵⁷ Em uma legenda informam que o artigo foi escrito em novembro de 1954 e só publicado naquela data.

difundida, principalmente agora que temos em Goiânia essa magnífica Rádio Brasil Central já captada por aqui nos pampas” (Ibidem).

Ela observa que Goiás já havia desfrutado de períodos áureos com canções que o exaltava. Isso se deu na época em que Edilberto Santana, um orquestrador de Anápolis, desenvolve atividades musicais nesta região, fato que deixa de acontecer quando vai residir em outro estado. Edilberto deu o pontapé inicial para três artistas goianas profissionalizarem-se no campo da composição de músicas com temas sobre Goiás. Com aulas teóricas e práticas ele contribuiu para a formação musical de Lurdes Maia, a própria Désia Otto e de Santinha. Lurdes Maia começa a compor focando temáticas relacionadas ao rio Araguaia, e Santinha, com 13 anos, cantava “‘O Perdão’, ‘La Cocaína’ e cançonetas brejeiras. Ela vivia no seu mundo. Era a Uyára, como gostava de ser chamada” (*O ANÁPOLIS*, 23 de junho de 1955).

Para Désia Otto nascem neste momento as primeiras músicas que enfatizam o nome de Goiás, tendo Edilberto como o principal motivador das composições. Ele tinha um tino musical-comercial, como ela denomina.

Se tudo continuasse como àquê tempo, Edilberto, cujo tino musical-comercial era de se louvar, teria levado Goiás a melhores dias e mais uma vez nós veríamos se repetir a história da música fazendo a propaganda oficial: o nome de Goiás cresceria com a sua música (*O ANÁPOLIS*, 23 jun. 1955).

As emissoras de Goiânia avançam neste sentido de elaborarem ou propiciarem o desenvolvimento de uma expressão musical voltada para Goiás. Fazem esta tentativa através do incentivo à composição de ‘marchinhas de carnaval’ por goianos. Neste período esse gênero musical passa a ocupar um amplo espaço na radiofonia goiana. Vemos aí o resultado do trabalho que o paulista Blecaute (Otávio Henrique de Oliveira) já vinha desenvolvendo pela rádio Nacional, através de seus sucessos como “Papai Adão” em 1952, “Maria Candelária” de Armando Cavalcanti e Kecius Caldas em 1954, “Maria Escandalosa” em 1955 e ainda na década de 1950 “Chora Doutor” de J. Piedade, Orlando Gazzano e J. Campos (SAROLDI; MOREIRA, 2005, p. 132).

As emissoras propõem a realização de concursos para que artistas goianos criem suas próprias composições, ao invés de reproduzir aquelas que chegam gravadas em discos provenientes das grandes metrópoles. Instala-se uma efervescência cultural em Goiás neste

período. O ritmo carioca é adaptado à cultura goiana⁶⁵⁸, a exemplo da marcha Urucubaca de Wolmey Campos.

Puzeram Urucubaca
Na casa do Mané
Ele não come
E nem dorme com a muié
E o Carnaval já vem chegando
E o seu Mané passa o tempo trabalhando
É natural que o seu Mané
Deixa a muié lá no clube fariando (*NOVA CAPITAL*, 17 dez. 1955).

Na edição seguinte desse mesmo jornal, o editor Antônio Porto observa que está havendo “[...] uma verdadeira onda de compositores goianos apresentando músicas para o Carnaval de 56. Todo mundo está com a mania de compor marchas e sambas para os dias da folia de Mômô” (*NOVA CAPITAL*, 22 dez. 1955). Além de símbolos da cultura campesina, boa parte das composições apresenta como tema o amor. As marchas de carnavais tornam os programas musicais mais complexos, pois representam a tentativa das emissoras de Goiânia de evidenciar que é possível divulgar as riquezas de Goiás através da música. Mas esse projeto iniciado pelas emissoras em Goiânia não avança.

A rádio Anhanguera, com Moraes Cesar, ainda faz tentativas de enfatizar a música caipira. Contudo, esta música começa a sofrer um baque com as mudanças que está tomando Goiás de sobressalto. A própria rádio Anhanguera é deveras criticada no ano seguinte, por preencher um de seus horários com este gênero musical. As críticas são estampadas em várias colunas de jornais, como esta a seguir.

O que não podemos suportar de maneira nenhuma é a quantidade enorme de programas ‘caipiras’, ou melhor, sertanejos, que são apresentados diariamente na parte da manhã da Rádio Anhanguera. Uma apresentação podemos tolerar, mas duas ou três é impossível, ainda mais quando as duplas ou trios não possuem repertórios ou são ruins de fato (*DIÁRIO DA TARDE*, 30 out. 1956).

Em 1957, é realizada uma pesquisa em casas distribuidoras de discos em Goiânia com o propósito de revelar as gravações mais vendidas. O resultado é o seguinte:

Idílio – Bolero de Johnny Rodrigues com o trio do autor.
Música e Romance – Long-play de Cauby Peixoto.
Sonhando Contigo – Bolero de Anísio Silva com o autor.

⁶⁵⁸ Há também a música Trem da Goia's de Taufic Sebba: Fuc... Fuc.../Lá vem o trem da Goiás/Fuc... Fuc.../Fazendo fumaça até não parar mais//Com a turma chacoalhando/O “seu” chefe apitando/E todo dia atrasando/Fuc... Fuc.../Dentro dele/Todo mundo balançando/O guarda passa, ouvindo nome feio//Responde indiferente:/Aguenta o galho e vai levando/Fuc... Fuc... (*NOVA CAPITAL*, 22 dez. 1955).

Banana Boat – Calipso com Harry Belafonte.
El Reloj e Bessame Mucho – o primeiro com Gregório Barrios e o segundo com Lucho Gatica.
Altamiro Carrilho e sua Bandinha na TV – long-play. (*O POPULAR*, 26 nov. 1957).

Essa pesquisa é importante para notarmos uma característica da programação musical das emissoras naquele período, ou seja, continuam enfatizando mais as músicas de outros países em primeiro lugar, e, em segundo, canções de outros estados do Brasil. Em uma nota seguinte, publicada no mesmo jornal citado anteriormente, temos um exemplo:

A programação anhanguerina tem excesso de melodias estrangeiras, sendo que, dentro dela música brasileira não tem vez. Vamos então provar a nossa afirmativa. Como programas especialmente de música brasileira só encontramos três: ‘Bom dia Brasil’, ‘Isto é Brasil’ e ‘Desfile de Baiões’, este último, por sinal, de dez minutos. Agora vejamos os programas de músicas estrangeiras: ‘Canções de Tôdo Mundo’, ‘O Seu Programa’, ‘Atrações Mocambo’, ‘Tango Ideal’, ‘Almoço Musicado’, ‘Seleções Musicais’, ‘Canções Mexicanas’, ‘Ritmos de Tio Sam’, ‘Italia Romantica’, ‘Sequência de Ritmos’, ‘Arranjos e Versões’ e ‘Sonho de Boite’, que na sua maioria, toca melodias estrangeiras. Onde e em que horário são tocados os baiões? Onde é tocada a música brasileira, se não há programa especializado? (*DIÁRIO DA TARDE*, 16 set. 1957).

O redator deste artigo, Natalino Cavalcante, faz ainda uma observação interessante. Ele enfatiza que “se o ouvinte sintonizar o rádio de Goiás no momento em que uma música está sendo veiculada, não consegue distinguir se a emissora é brasileira ou ‘estrangeira’”.

As músicas orquestradas ocupam um grande espaço nas emissoras. Elas são veiculadas principalmente pela manhã e próximo do encerramento de suas atividades, momento em que a população prepara-se para o descanso noturno.

Tinha o Waldir Calmon, que era um conjunto musical brasileiro; tinha [Orquestra] Tabajaras; tinha o Billy Vaughn, tocava muito. Da mesma época, o Perez Prado, o Sérgio Mendes, que hoje tá lá fora, mas tem influência musical no Brasil. Eram essas orquestras do Brasil. Também além desses tinha mais... tinha Érlon Chaves, que tinha um conjunto musical (informação verbal)⁶⁵⁹.

A rádio Carajá de Anápolis, por exemplo, em toda aquela época abria sua programação com o programa “Bom dia Sonoro” com orquestras de concertos, e às 19h15, orquestras brasileiras.

As músicas orquestradas contribuem também para programas de crônicas e poesias, como colocamos anteriormente. Semelhante ao que é feito nas grandes emissoras, locutores

⁶⁵⁹ Irondes de Moraes, op. cit.

começam a utilizá-las como fundos musicais em suas falas. João Batista Freitas disse ter inaugurado essa forma de fazer rádio em Goiás pela Alvorada de Rialma.

Eu tinha um programa romântico, que chamava ‘Música e Romance’, ou era ‘Falando ao Coração’, em que eu lia poesias, crônicas românticas com um fundo musical. E quando eu terminava fundia-se com uma música romântica, uma música orquestrada, uma música de seresta assim, mas daquela época (informação verbal)⁶⁶⁰.

Enfim, Goiás vive um momento em que predomina a música de outros países em suas emissoras. Com isso instala-se um debate no meio radiofônico. Alguns radialistas apresentam propostas de “nacionalizar” os programas musicais, e outros, uma minoria, de regionalizá-los. Nas palavras de Natalino Cavalcante, muitos radialistas não querem admitir que “[...] uma emissora brasileira só mandasse ao ar melodias estrangeiras” (*DIÁRIO DA TARDE*, 16 set. 1957).

Mesmo a contragosto de muitos radialistas, a década de 1950 é marcada mundialmente com o estilo musical de Elvis Presley ao lado de Bill Haley e Little Richard, que trazem o rock para o Brasil e provocam mudanças na programação musical de emissoras em Goiás. Athur Rezende, então locutor da rádio Difusora de Goiânia, observa que após estas bandas:

[...] é que pintou no cenário mundial, na Europa, Beatles na Inglaterra, que acabou também conquistando os Estados Unidos e de resto o mundo inteiro. Então naquela época, eu digo a você que é o seguinte: a nossa juventude era muito fechada, era muito prisioneira de um conservadorismo terrível. Então aquilo ali serviu para quebrar barreiras, quebrar tabus (informação verbal)⁶⁶¹.

Eduardo Ferreira relembra ainda que na década de 1960 havia emissoras em Goiás que enfatizavam a música italiana: “O que mandava mesmo na época era a música italiana. A Itália parece que vivia o Brasil, uma época gostosa do rádio” (informação verbal)⁶⁶². Com a reprodução destas músicas por emissoras em Goiás, algumas delas se tornam mais conhecidas. José Lázaro, que reside em Rio Verde e possui atualmente um dos maiores acervos de discos do Brasil, relembra alguns sucessos da época.

Era o Elvis, depois veio Paul Anka, Neil Sedaka. Paul Anka é aquele que canta Diana, e Sedaka é aquele que canta Oh Carol. Foi um grande sucesso entre nós aqui no Brasil. Tinha mais alguns como Gregório Barros, que não

⁶⁶⁰ João Batista Freitas, op. cit.

⁶⁶¹ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

⁶⁶² Eduardo Ferreira, op. cit.

era brasileiro. O Nat, Nat King Cole⁶⁶³. Essa orquestra do George Boulanger, que tinha dois grandes sucessos entre nós aqui no Brasil, que foi No Mar Negro e o Tango Torero (informação verbal)⁶⁶⁴.

Agora, o rádio goiano dá muita ênfase à música mexicana neste período. “Quase toda estação de rádio daquela época tinha um programa voltado para o gênero musical mexicano, com destaque de Miguel Aceves Mejia, que era o cantor famoso da época” (informação verbal)⁶⁶⁵. Os próprios programas levam o nome do México. Pela rádio Difusora de Goiânia, por exemplo, Claudino da Silveira elabora o programa “México e Seus Ritmos”; Eduardo Ferreira dirige o programa “Assim Canta o México” na rádio Clube de Buriti Alegre; Getúlio de Souza apresenta o programa “Tarde Mexicana” na rádio Alvorada de Rialma; Paulo Nunes conduz o programa “O México Canta pra Você” na rádio Difusora de Rio Verde. Irondes de Moraes relata algumas das músicas que veiculou pela rádio Jornal de Inhumas:

O Bienvenido Granda entrava no programa ‘Cancioneiro Mexicano’. Ele era cubano, mas se fez cantor no México. Mas ele entrava dentro do ‘Cancioneiro Mexicano’. É quando tinha aquelas Perfume de Gardênia, Que si, Que si, Que si. Ele cantava Que si, Que si, Que si mas é aquela música Quiçás, Quiçás, Quiçás; Talvez, Talvez, Talvez. Essa música foi interpretada por ene cantores e também orquestrada. No ‘Cancioneiro’ tinha o Bienvenido, o Miguel Aceves Mejia, Trio Los Panchos, mexicano também, mas o campeão deles era o Miguel Aceves Mejia. Esse era o de preferência... (informação verbal)⁶⁶⁶.

Arthur Rezende cria um programa na rádio Difusora de Goiânia que unia três nações: Brasil, Estados Unidos e México. Segundo ele:

Eu fiz aqui na Difusora dois programas, um chamava ‘Três Nações, Três Ritmos’, que era Brasil, México e Estados Unidos. Estados Unidos era sempre Elvis Presley. E fiz então outro programa, esse, já naquela época efervescente do rock, eu fiz o programa ‘Ritmos de Tio Sam’, onde o programa era voltado à música americana e às baladas e aos rocks da época (informação verbal)⁶⁶⁷.

Apesar da predominância da música de outros países, composições musicais que integram o gênero de música popular brasileira também se faz presente na programação musical do rádio em Goiás: “Naquela época a música popular que era muito cantada era

⁶⁶³ No final dos anos 50, Nat King Cole dividiu a preferência do público brasileiro com Tia Amélia. Tia Amélia, por sua vez, através de seu disco *Velhas Estampas*, ultrapassa as vendagens de Nat King Cole (*DIÁRIO DA TARDE*, 18 mar. 1959). Tia Amélia Brandão estreou na rádio Clube de Goiânia em 1955 (*NOVA CAPITAL*, 13 nov. 1955).

⁶⁶⁴ José Lázaro, op. cit.

⁶⁶⁵ Getúlio de Souza, op. cit.

⁶⁶⁶ Irondes de Moraes, op. cit.

⁶⁶⁷ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

Roberto Carlos. Outro cantor de destaque naquela época é o Jerry Adriani, Wanderléia, então era a música que a gente fala popular daquela época” (informação verbal)⁶⁶⁸. “O Nelson Gonçalves, brasileiro, popular, era um dos que mais tocava também na época, além dos outros, era o que mais tocava, da popular, era Nelson. Tinha os tangos dele... e tinha a Ângela Maria” (informação verbal)⁶⁶⁹. “Os cantores populares da época no Brasil era Nelson Gonçalves, Vicente Celestino, Cauby Peixoto, Ângela Maria, Dalva de Oliveira...” (informação verbal)⁶⁷⁰.

José Lázaro relembra outros artistas que ocuparam um grande espaço em programas de rádio na época como músicas populares.

O que mais tocava era Capricho Cigano, Mario Zan; Nenete e Dorinho, Vinte Anos; Palmeira e Biá, Boneca Cobiçada, que, inclusive, invadiu as paradas de sucesso da música popular. Palmeira e Biá e Nenete e Dorinho são duplas sertanejas. Quando você ouvia Parada de Sucesso, tinha músicas nacionais, e as duas entrava como uma das mais tocadas, e mais pedidas, e mais vendidas. Então foi realmente um grande sucesso essas duas músicas. Tinha também naquela época Nelson Gonçalves. Já era grande sucesso. O Alcides Gerardi, da Cabecinha no Ombro; a Emilinha Borba, a Dalva de Oliveira. O cantor que não era brasileiro, Gregório Barrios, que era grande sucesso. Logo em seguida vieram os outros também. Anísio Silva era muitíssimo tocado. Na época eu ouvia aquelas paradas, aquelas coisas assim, entre as dez mais pedidas, Anísio colocava três entre as dez mais. Coisa que hoje não acontece (informação verbal)⁶⁷¹.

Ele cita ainda Ângela Maria, Irmãs Galvão, Duo Ciriema, Cascatinha e Inhana, Duo Guarujá.

Também no finalzinho da década de 50, estoura Celly Campello, Celly e Tony Campello, os dois irmãos. Também teve o Carlos Gonzaga, que é vivo até hoje, com as versões, Bat Masterson, foi um grande sucesso; a Diana em português. Aí, tinha um conjunto Poly e Seu Conjunto, aí já foi na década de 60⁶⁷².

Os jornais da época apontam que só na década de 1960 é que o rock começa a ocupar maior espaço nos programas das emissoras de rádio em Goiás. Muitos redatores de jornais chegam a criticar esse novo gênero musical que aparece na radiofonia goiana e a distingui-lo como ‘música do diabo’. Radialistas, em entrevistas concedidas a jornais, expressam que essa

⁶⁶⁸ Jason de Souza, op. cit.

⁶⁶⁹ José Lázaro, op. cit.

⁶⁷⁰ Getúlio de Souza, op. cit.

⁶⁷¹ José Lázaro, op. cit.

⁶⁷² Ibidem.

mudança dos programas musicais em Goiás está relacionada ao processo de autonomização da juventude⁶⁷³.

A juventude recebe um grande apoio das emissoras, mas este fato provoca um alvoroço entre os radialistas. O fato é que estão acompanhando as mudanças que estão ocorrendo principalmente na Europa e nos Estados Unidos, e, por conseguinte, em Goiás. A BBC de Londres destaca cantores que estão no auge naquele continente e acabam ganhando espaço no rádio em Goiás. A rádio Cultura de Catalão cria, por exemplo, o programa “A Juventude Comanda” para atender ao público jovem, focando principalmente o rock, como expressa David Nahas, sonoplasta da emissora naquele período:

Eu fiz ‘A Juventude Comanda’. Era só música da juventude, era rock twist, essas músicas desse estilo. Só música badalada mesmo. De vez em quando tinha algum sorteio assim, mas era muito difícil. Era mais música. Rock twist era ritmo da moda naquela época. Naquela época era os Beatles, Elvis Presley, era legal (informação verbal)⁶⁷⁴.

A rádio Santana de Anápolis apresenta o programa “Festival do Rock”, dirigido pelo sonoplasta Geraldo de Almeida. É, inclusive, muito criticado por Isac Abrão, um profissional de renome na radiofonia anapolina, que não vê o rock com bons olhos, mas percebe que este gênero está crescendo no rádio devido ao maior interesse de jovens pelos programas musicais, e, portanto, estão participando mais do rádio. Em uma coluna de *O Anápolis* publicada no dia 9 de dezembro de 1961, ele expressa a sua indignação:

Somos inimigos rancorosos de tais músicas, mas por um dever de Justiça e Honestidade, somos forçados a noticiar que, INFELIZMENTE, o Geraldo de Almeida recebe, conforme constatamos na emissora, u’a média de cem cartas por semana, da maioria dos ‘Brotinhos’, solicitando êsse ritmo infernal, que mais pertence ao diabo com todos os seus garfos, espêtos e chifres. No dizer de um psiquiatra Paulista, o rock é o ritmo próprio do desenvolvimento da nova geração.

Nesta época o desejo pela mudança, pelo novo, é muito intenso em Goiás. A juventude se manifesta explicitamente e busca ampliar o seu espaço na sociedade. O rock encaixa perfeitamente neste movimento. Logo depois dessa passagem anterior o redator informa que Elvis Presley está ganhando uma grande popularidade em Goiás neste período em decorrência das projeções de sua imagem em salas de cinema. Em Anápolis, por exemplo, o público que frequenta esses espaços é constituído em sua maioria por jovens, com vários

⁶⁷³ Francisco Rabelo (2004), ao analisar a expansão do capitalismo periférico brasileiro entre 1950 e 1960, observa que este processo provocou a emergência política de novos grupos sociais, principalmente de estudantes, operários e trabalhadores rurais.

⁶⁷⁴ David Naha, op. cit.

deles portando trajes do cantor. Ao presenciar uma cena em que estão saindo de uma sessão, ele observa:

[...] faziam a imitação do Presley no seu característico jogo de pernas, cabelos na testa, soltando gritos histéricos pela rua, com a pronúncia de um ‘Inglês’ que nunca existiu. Mais atrás os brotinhos eufóricos comentavam as músicas (em número de quatro) cantadas pelo ídolo da perdição. Compreendemos que Anápolis estava infestada de ELVISINHOS E PRESLINHAS, faltando somente a fundação do Club de fãs (Ibidem).

Isac Abrão, radialista em Anápolis, expressa que as emissoras de rádio encontram nesse movimento a sua principal expressão naquele momento. É o que está em evidência, portanto, é o que as emissoras devem priorizar em sua programação musical. No entanto, culpa as emissoras de encherem seus horários com esta música: “Não compreendemos porque as emissoras ainda insistem em tais programas. Que façam desaparecer de suas discotecas os Elvis, os Richards, os Neils e todos os outros desse gênero” (Ibidem). E conclui ressaltando, apesar das críticas, que os programas voltados para o rock são os que atingem a maior audiência.

No Brasil, a proliferação do rock também provoca o descontentamento de determinados setores da sociedade, isso pode ser notado na música *Cansei de Rock*, gravada por Nora Ney em 1961, “um desabafo da geração do rádio: ‘ligo o rádio e tome rock/vou à boate e tome rock’” (LENHARO, 1995, p. 150). No decorrer dos anos de 1960, no entanto, o rock parece estar tomando de vez o espaço do rádio goiano, como deixa transparecer Isac Abrão no ano seguinte, citando o exemplo do que está ocorrendo em emissoras de Anápolis neste momento:

As emissoras anapolinas, sem exceção, porém mais acentuado na Rádio Santana, estão relegando a plano verdadeiramente inferior a música brasileira, para divulgarem a música da perdição, o infernal, insuportável e repugnante ‘ROCK’AND’ROL’. A Música Brasileira, ritmo decente, ritmo que fala bem alto do valor de uma raça, está ficando para trás, num atentado a um Ari Barroso, a um Noël Rosa, Assis Valente, David Nasser, Zequinha de Abreu... (O ANÁPOLIS, 15 fev. 1962).

Neste contexto, empresas norte-americanas também buscam por um espaço no rádio em Goiás. Utilizam da estratégia de enviar um representante ao Estado para divulgar sua produção musical. Isso é o que faz a USIS. Programas que esta empresa elabora nos Estados Unidos são enviados a emissoras goianas por meio de seus representantes. Estes são

orientados para financiarem horários em emissoras locais para divulgá-los. A rádio Santana⁶⁷⁵ de Anápolis, por muito tempo transmitiu o programa “Galeria Musical da América”, criado por Jalmes Dolis. É um exemplo de programa financiado pela USIS, voltado exclusivamente para a divulgação de músicas daquele país.

A Rádio Santana está apresentando todos os sábados no horário das 19 horas, o programa ‘Galeria Musical da América’, organizado pelo USIS e levado ao ar, naquela emissora, graças a um trabalho do radialista Jalmes Dolis. ‘Galeria Musical da América’ é programa interessante, baseado na vida dos músicos e compositores norte-americanos (*O ANÁPOLIS*, 9 abr. 1963).

É preciso considerar, portanto, que as emissoras decidem parcialmente a configuração de sua programação musical. Gravadoras, grandes emissoras e o público ouvinte acabam influenciando o que veicular. E nesse sentido, os sucessos nacionais e internacionais prevalecem. Neste contexto, portanto, a música caipira está perdendo o espaço que havia conquistado nos programas de auditório, principalmente em emissoras de Anápolis e de Goiânia. Segundo Moacy Junqueira, editor de *O Anápolis* (2 abr. 1963): “A música caipira está no sangue do brasileiro e ultimamente vem sendo relegada ao esquecimento”.

Em uma matéria seguinte, o editor nomeia sua coluna com o título “O Desaparecimento da Música Sertaneja”. Ele faz uma interessante reflexão a respeito da proliferação do rock em Goiás, que segundo ele, deve-se ao rádio. Ele coloca que na década anterior as emissoras constrangiam muitos artistas a dedicarem ao gênero caipira para realizarem apresentações nos programas de auditório⁶⁷⁶. É a verdadeira música que exprime os sentimentos da população de Goiás. A questão é que naquele contexto as emissoras não estão em condições para contribuir com a sua ampliação, pois, trocaram-na pelas canções da época.

A febre que dominava os nossos ‘cantadores’, que sonhavam um pedestal bem alto, foi arrefecendo, amainando, até o desaparecimento quase total, não mais existindo aquele entusiasmo, aquela vontade louca de transportarem para a música os seus versos quebrados, porém, sentidos na certeza de que os mesmos provocariam pulsar mais forte no coração da bem amada (*O ANÁPOLIS*, 5 abr. 1963).

⁶⁷⁵ A rádio Santana sempre pautou por uma programação curta. Iniciava suas atividades às 11 horas e encerrava às 21 horas, com dois programas musicais, dois noticiosos e um esportivo (*O ANÁPOLIS*, 16 fev. 1960).

⁶⁷⁶ Considero aqui a rádio Carajá, Santana e Cultura, as duas primeiras por possuírem programas de auditório e a terceira por colocar programas voltados para música caipira em sua programação. Já a rádio Imprensa, uma emissora eminentemente musical, veiculava nove programas musicais e apenas um deles denominava-se “Atendendo a Pedidos”, no qual havia a possibilidade de veicular uma música caipira, porém se o ouvinte solicitasse. Os outros eram voltados para músicas popularizadas pelas grandes gravadoras brasileiras e para músicas de outros países.

Em seguida, o editor observa que está havendo um encolhimento da música caipira no rádio neste período. As emissoras estão colaborando para a extinção de uma manifestação artística que é parte da cultura goiana. O futuro desse gênero musical no rádio chega a ser considerado uma impossibilidade. Ele nota que a música caipira “[...] para nossa decepção está desaparecendo, vai se acabando aos poucos, até chegar o dia em que a reprodução de uma das gravações seja proibida” (Ibidem).

É com esta configuração que os programas musicais no rádio em Goiás chegam em 1964: o rock ocupando um amplo espaço; a música norte-americana com programas financiados; compositores do eixo Rio-São Paulo em programas específicos; predomina a música mexicana; em menores quantidades a música paraguaia e italiana; as orquestras divulgadas pela BBC preenchem os horários matinais e noturnos e a música caipira desaparecendo junto aos programas de auditório e às radionovelas.

4.3.1. As mudanças na música caipira em Goiás na visão de um compositor goiano.

Observamos anteriormente que a música de outros países ocupou um amplo espaço nos programas musicais de emissoras goianas. Podemos pressupor que isso tenha provocado mudanças na própria música caipira. Vejamos isso na visão do compositor goiano Ubirajara Moreira.

Ubirajara Moreira, residente em Rialma, começa a compor músicas caipiras em 1954. Várias de suas canções fazem sucesso ao serem levadas para o rádio. Em entrevista ele começa esclarecendo o que entende pela música caipira.

Ela tem o sabor de terra, a música sertaneja, música sertaneja pura ela tem o sabor de terra. Ela tem o gosto da terra, ela tem as histórias sertaneja, ela tem a melodia, tem aquele sentimento, aquela coisa que você vê. Pra quem, por exemplo, conhece a roça, a zona rural, você identifica ela com aquelas coisa. Você coloca ela dentro daquelas coisas sertanejas. Ela não cabe, uma música sertaneja, dentro das coisas urbanas, você não sente ela, é como areia nas mãos, ela atrita (informação verbal)⁶⁷⁷.

Ubirajara retoma a definição de “sertanejo”⁶⁷⁸ do dicionário para continuar sua reflexão. Para ele há elementos que são distintivos da música sertaneja daquela época.

⁶⁷⁷ Ibidem.

⁶⁷⁸ Pires (1987, p. 5-6) prefere o termo caipira, ou seja, o homem “[...] nascido fóra das cidades, criados em plena natureza, infelizmente tolhidos pelo analfabetismo, agem mais pelo coração que pela cabeça. Tímidos e desconfiados ao entrar em contacto com os habitantes da cidade, no seu meio são expansivos e alegres, folgazões e francos; mais francos e folgazões que nós outros, os da cidade. De rara inteligência – não vae nisto exagero – são, incontestavelmente, mais argutos, mais finos que os camponeses estrangeiros. Compreendem e apreendem com maior facilidade”.

Você pega a definição de sertanejo que você vê nos dicionários, o que é sertanejo, principalmente o Buarque de Holanda⁶⁷⁹, que é muito festejado, ele diz que: ‘sertanejo é um lugar distante, lugar ermo, sertão, então é apelido gentílico de quem vive na roça, no sertão’. Então não podemos dizer um sertanejo na cidade, nascendo na cidade, vivendo das coisas da cidade, falando das coisas da cidade, levando as coisas da cidade lá pra roça, não tem como (informação verbal)⁶⁸⁰.

Ubirajara, portanto, apresenta uma crítica à música sertaneja que predomina a partir de 1980. Defende que anteriormente havia uma música sertaneja distinta. Enquanto aquela traz em si o urbano, essa é uma manifestação originária do meio rural. Naquele período, muitos compositores adotam as mudanças que estão ocorrendo no cenário goiano como tema de suas canções. Ele demonstra um exemplo através de uma das suas próprias composições. Vejamos uma estrofe:

Invadiram o meu sertão com trator e motor serra/e ganharam essa guerra pela despovoação. Aonde era cerrado virou soja e braquiária/e é coisa muito rara encontrar num cidadão. Não existem mais florestas enfeitando a paisagem/é muito triste a imagem de tanta desolação. O nelore é que passeia onde o homem habitava/onde a viola tocava só existe solidão. Expulsaram o caboclo para a grande cidade/onde chora de saudade, de tristeza e de paixão. (informação verbal)⁶⁸¹.

Ubirajara observa que a urbanização do interior de Goiás é um dos elementos que provoca mudanças na própria música caipira.

Quando os tratores invadiram o sertão e foram acabando com tudo o homem foi deslocado para as cidades, para os centros urbano. Mas ele levou consigo os costumes da roça. E nesses costumes ele levou a viola, ensacada com os costumes todos, com as mudanças e tudo. E foi juntando essas coisas todas, esse ingrediente para formar o que é hoje (informação verbal)⁶⁸².

Além disso, ele destaca também a influência do rádio na formação dos compositores. Em sua concepção, “[...] com a influência do iê-iê-iê, quem era criança na época de Roberto Carlos, tava no auge, Vanderlei Cardoso, Jerry Adriani, os Beatles, eles foram formando as suas ideias, os seus sentimentos musicais, suas arte, já com a influência da música jovem” (informação verbal)⁶⁸³.

⁶⁷⁹ O dicionário define o termo sertanejo como “1. Do sertão, ou que o habita. 2. Rústico, agreste. 3. Caipira”. Ferrete (1985, p. 30) argumenta que o caipira definiu-se no decorrer do século XIX a partir de São Paulo e de seu interior. “Esse caipira criou coisas próprias de tudo – desde a poesia até a maneira de falar e especialidades musicais. Conheciam-no muito pouco, todavia, nos centros mais desenvolvidos do país” (Ibidem, p. 30).

⁶⁸⁰ Ubirajara Moreira, op. cit.

⁶⁸¹ Ibidem.

⁶⁸² Ibidem.

⁶⁸³ Ibidem.

A música foi incorporando, através de sua história, de sua vivência, de seu caminho, foi incorporando músicas estrangeira, músicas de outros países que estava dando certo. E os autores foram incorporando nessa música sertaneja e transformando ela em uma coisa, distanciando um pouco de suas origens, que era moda de viola, que era o cateretê, que era o arrasta pé, essa coisa do cururu. Teve um tempo do Tião Carreiro, sustentou na viola muito tempo o estilo caboclo, aquele estilo da música pura, pura música sertaneja, como ela nasceu (informação verbal)⁶⁸⁴.

Ubirajara relembra alguns programas de rádio com maior audiência no interior de Goiás. Além disso, destaca duplas caipiras que estavam começando em meados de 1950 e que foram projetadas nacionalmente pelo rádio, duplas que influenciaram a mudança da música caipira para o “sertanejo” que proliferou e dominou posteriormente.

Eu me lembro ainda, eu tava começando a compor, tinha em Goiás uns programas: Moraes César... Tinha programas de Algemiro em Anápolis pela rádio Carajá. Tinha uma dupla começando, Melrinho e Belguinha, cantava na Brasil Central. Dupla sertaneja... Brasão e Marinheiro, Marinheiro era parceiro daquela dupla Caçula e Marinheiro. O Palmito e Miltinho, o Miltinho, Miltinho Rodrigues que foi daquela dupla Tibagi e Miltinho, isso ali pelos idos de 55, 56. Goiá fez parte de um trio em Goiás que se chamava Trio Goiás, aquele compositor famoso, e teve por aí, eu me lembro ainda, tive vários contato com ele começando a sua carreira como compositor que o tornou famoso, indo pra São Paulo ficou famoso. Mas nasceu ali a arte sertaneja que hoje é consagrada no Brasil, nascida em Goiás (informação verbal)⁶⁸⁵.

Ubirajara afirma que naquela época começa a ter simpatia pela música paraguaia que ouvia constantemente pelo rádio. Esse gênero musical, segundo ele, tem uma proximidade com a cultura brasileira, no que diz respeito ao sentimento que identifica a letra das músicas. As músicas europeias e norte-americanas não tratam de temáticas do homem do meio rural e, dessa forma, causam certo estranhamento em suas composições.

Nós temos com o Paraguai uma identidade bem grande. E a nossa proximidade do Paraguai, principalmente através de Mato Grosso, porque o Paraguai tem aquela música com estilo de harpa, muito sentimental, porque a música paraguaia é muito sentimental, como era a música brasileira, então identifiquei muito com o Paraguai [...] Então nós só tinha essas músicas que dominava o mundo, o samba, o tango, a música paraguaia e nós pegano carona aqui com uma musiquinha sertaneja, devagarinho, entrando na costela do tempo pra ver se adquiríamos alguma coisa (informação verbal)⁶⁸⁶.

⁶⁸⁴ Op. cit.

⁶⁸⁵ Ibidem.

⁶⁸⁶ Ibidem.

Por influência do Paraguai emerge um novo gênero musical no Mato Grosso que chega a Goiás através do rádio, que é posteriormente, tomada por compositores goianos como modelo para suas canções, o “rasqueado”.

Então o Mato Grosso arrumou essa coisa do rasqueado e aproximou mais o Brasil do Paraguai com estilo que é idêntico, embora seja mais lenta do que uma polca, por exemplo, e mais rápido do que uma guarânia. Guarânia tem um estilo mais lento. E foi através disso é que nós fomos [...] Nós pegamos ela e incorporamos no nosso estilo de cantar, no nosso jeito de cantar (informação verbal)⁶⁸⁷.

Essa influência fortalece-se com a fama adquirida no Paraguai por um cantor ainda jovem de Mato Grosso, o egrégio Franquito (Figura 57). Com apenas 12 anos ele consegue tornar-se artista de renome nacional naquele país e logo depois no Brasil. Sua fama desperta a simpatia de compositores goianos pela música paraguaia. Franquito vai para Goiás em 1959 e se instala em Goiânia, onde participa ativamente de programas da rádio Anhanguera. Franquito, no entanto, canta em diversos ritmos. Não tem preferência por autor ou compositor, canta fox, bolero, samba, mambo, samba canção, em qualquer ritmo, não sentido nenhuma dificuldade (*O POPULAR*, 5 set. 1959).



Figura 57 – No centro o cantor Franquito no estúdio da RBC. À direita Jerominho e o primeiro à esquerda o ator de novelas João Bênnio. Fonte: Galli (2011, p. 43).

Ubirajara revela que aos poucos foi sentindo um apreço pela guarânia e percebe que outros compositores também. Assim, passam a compor incluindo este ritmo em suas canções. Com isso a suas composições recebem um novo adorno, o ritmo paraguaio.

Além das toadas, dos cateretês, das moda de viola, eu passei a adotar também a guarânia, um estilo Paraguai, também era alienígena. E a música passou a ter todos esses vestimento que nós dávamos nelas. Os temas sempre urbano, e muita pouca coisa sertaneja, muito pouca coisa da roça, mas com essa conotação alienígena. Nós já tínhamos incorporado esse ingrediente na música, na nossa música (informação verbal)⁶⁸⁸.

O rádio, no entanto, tem um papel fundamental na formação destes compositores. Emissoras de Goiânia, de Anápolis, das metrópoles brasileiras, de outros países ou de

⁶⁸⁷ Ibidem.

⁶⁸⁸ Ibidem.

emissoras locais, chegam aos receptores espalhados pelo interior de Goiás. Os compositores têm à sua disposição um amplo acervo musical de países distintos e de diferentes estados do Brasil.

Ubirajara afirma que o “o sucesso que acontecia ia influenciando, ia atingindo os compositores, principalmente os que tava nascendo. Os que eram novos, eles foram mudando, absorvendo aquela nova música” (informação verbal)⁶⁸⁹. No entanto, considera que “[...] o rádio foi tudo na vida da música cabocla”. Na época em que não havia a radiodifusão em Goiás os moradores do meio rural cantavam em grupos familiares, festas e grupos de amigos como forma de diversão. Sua popularidade estava reduzida às conversas interpessoais: “De boca em boca ia passando a história dele. Quando esses homens partiram pra gravar e pra ir pro rádio, ele foi divulgado, foi projetado no Brasil inteiro. Então a música cabocla deve tudo ao rádio” (informação verbal)⁶⁹⁰.

O rádio, no entanto, teve um papel elementar na forma de ser da música caipira. Contribuiu para a sua hibridização e fez de si mesmo um espaço de fronteira. A música sofre um impacto neste lugar. Quebra o amálgama do seu tempo e permite-se ao outro, gera algo novo ao apropriar de elementos de outras culturas. É mais um ingrediente do rádio que contribui para distingui-lo como expressão da racionalização.

Ao lado dos programas musicais os programas informativos também marcam a radiodifusão em Goiás naquele período.

4.4. Tinha jornal, mas a rádio foi um sucesso: os programas informativos no rádio em Goiás.

O rádio é também uma rica fonte de informação. E se faz como tal criando programas específicos, os programas informativos. Neste tópico dedicarei a discutir sua configuração no rádio em Goiás naquele período.

Na década de 1940, o acesso à imprensa escrita em Goiás restringe-se a uma pequena parte da população devido ao alto índice de analfabetismo. Somando ainda a lentidão que as informações chegam por seu intermédio, o rádio consegue, todavia, ter a primazia de ser o principal meio pelo qual a população passa a se informar.

Podemos notar com mais clareza esse lugar de destaque ocupado pelo rádio através de seus noticiários no período da Segunda Guerra Mundial, um momento em que a população

⁶⁸⁹ Ibidem.

⁶⁹⁰ Ibidem.

do centro do país aspira por informações sobre o desenrolar do conflito. O rádio é desde esta época o meio mais ágil de informação.

O rádio ele leva uma vantagem extraordinária sobre os demais veículos de comunicação, porque ele é ágil. Ele chega junto, ele chega na hora. O que você faz com o rádio, muito importante, vai ser visto à noite em outros jornais ou vai ser lido no outro dia (informação verbal)⁶⁹¹.

Os programas informativos integram a programação do rádio em Goiás desde a sua origem neste Estado. Uma de suas principais características em 1940 é a sua íntima ligação com os jornais impressos⁶⁹². As informações veiculadas pelas cinco emissoras existentes no Estado até 1950 são retiradas basicamente de jornais (MARQUES, 2009). Por este motivo muitos programas informativos em emissoras naquele período são nomeados de “jornal falado”.

No estúdio os locutores fazem a leitura das notícias que trazem os jornais, que às vezes, ocupam um tempo extenso da programação por não se preocuparem com o tamanho do texto, com matérias que se desdobram em colunas inteiras de um jornal. Neste ínterim, não há ainda um sistema de edição e gravação, por isso fazem a leitura de jornais ao vivo.

Porque o rádio era noticioso, esportivo e musical. Então, o pessoal ouvia rádio, música, ouvia as notícias. No dia que se transmitia os jornais falados não se comentava. Só pura e simplesmente você dava as notícias, era um jornal falado [...] retransmitia. Às vezes, a matéria toda era feita de jornais até... (informação verbal)⁶⁹³.

No início da década de 1950, não ocorrem muitas mudanças na forma de se fazer esses programas. O que se intensifica é o mecanismo da escuta e retransmissão de notícias transmitidas por emissoras de outras localidades. A BBC de Londres e uma emissora dos Estados Unidos mantida pela ONU são muito utilizadas no sistema de escuta neste período como fontes de informação.

A Divisão de Rádio do Departamento de Informação Pública da ONU irradia já há três anos, diariamente de Lake Success, um programa de notícias em português para os ouvintes do Brasil. Durante a Assembleia Geral o Noticiário será ampliado com comentários de delegados brasileiros em Lake Success (A NOTÍCIA, 15 out. 1950).

⁶⁹¹ Walter Pureza em depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória” Goiânia, 2008.

⁶⁹² Essa é também uma característica do rádio na Grã-Bretanha. Na BBC de Londres, por exemplo, segundo Júnior (2006, p. 18), o jornalismo abrangia boa parte das programações assim que a emissora foi ao ar.

⁶⁹³ Habib Issa, op. cit.

Como a maioria das emissoras não dispõem de um mecanismo de gravação então os radialistas recorrem à escrita para registrarem estas notícias.

Naquela época, tinha que procurar informação em todos os locais... Eram os meios que existiam, mas a gente tinha que buscar, e um deles era ouvindo o noticiário pra pegar o que é que o americano tava pensando, o europeu, a respeito das coisas que aconteciam no Brasil (informação verbal)⁶⁹⁴.

No Brasil, a maior referência neste tipo de programa é A Voz do Brasil⁶⁹⁵ e o Repórter Esso.

O Repórter Esso era o noticiário mais famoso e que o povo já tinha as horas marcadas, de hora em hora através da rádio Nacional do Rio. Então era nele que o povo fixava mais, e na Voz do Brasil, que dava a notícia mais completa, era uma hora de programa (informação verbal)⁶⁹⁶.

Segundo Klöckner (2008) o Repórter Esso estreou em território brasileiro na rádio Nacional do Rio de Janeiro. Destarte, recebe o apoio de emissoras de São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre, que o retransmite. Segundo Jerônimo Rodrigues, locutor de emissoras de Goiás, o Repórter Esso era:

[...] padrão nacional. Ele era o Jornal Nacional da Globo hoje, naquela época no rádio. Porque hoje você ouve todas as notícias em nível nacional. Naquele tempo era o Repórter Esso. Repórter Esso que era apresentado pelo bom Heron Domingues (informação verbal)⁶⁹⁷.

O Repórter Esso cria uma maneira de se transmitir a notícia pautada pelo espetáculo, pelo entretenimento, apresentada em forma de shows. Piernes (1990) observa que essa forma de apresentar a notícia em programas informativos é uma característica de emissoras da América Latina:

Na América Latina, fundamentalmente, se tem marchado rumo à tendência de alargar os espaços noticiosos, seja nos meios escritos, orais ou televisivos, transformando-os em autênticos shows informativos, onde inclusive é habitual mesclá-los com demonstrações de receitas de cozinha, prognósticos astrológicos, conselhos para emagrecer e reportagens frívolas da colônia pseudo-artística (PIERNES, 1990, p. 37).

O Repórter Esso é considerado por muitos especialistas como um programa informativo que revolucionou o modo de divulgar informação pelo rádio. Com o noticioso, foi

⁶⁹⁴ Ademar Santillo, op. cit.

⁶⁹⁵ Em Anápolis, apenas a Rádio Santana faz a retransmissão da 'A VOZ DO BRASIL', programa apresentado pela Agência Nacional (*O ANÁPOLIS*, 30 dez. 1961).

⁶⁹⁶ Ubirajara Moreira, op. cit.

⁶⁹⁷ Op. cit., 2013.

implantado o lide, a objetividade, a exatidão, o texto sucinto, direto e vibrante, a pontualidade, de apenas 5 minutos de duração, a noção do tempo exato de cada notícia, aparentando imparcialidade e contrapondo-se aos longos jornais falados da época (KLÖCKNER, 2008, p. 23-24). O noticiário:

[...] existia nos Estados Unidos desde 1935. A partir dali, se estendeu para 60 emissoras de rádio, em 15 países (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Estados Unidos, Honduras, Nicarágua, Panamá, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela) (Ibidem, p. 19).

Eliézer Penna, radialista de Goiânia, afirma naquela época, em uma coluna de *O Popular* (19 nov. 1955) que:

[...] um dos maiores sucessos do rádio-jornalismo no Brasil, em todos os tempos, constitui, sem dúvida, o alcançado pelo ‘Repórter Esso’ [...] o certo é que o conhecido veículo de informação é um dos mais ouvidos, senão o mais ouvido do país. O povo já se acostumou tanto a escutar os cinco minutos do Heron Domingues que quando a edição habitual não sai é porque algo de anormal, algo muito sério está acontecendo.

Esse noticiário, no entanto, oferece para a radiodifusão em Goiás um modelo de rádio para a divulgação de informações. A objetividade da notícia é a sua marca e também a expressão de uma padronização profissional daqueles que vão atuar em programas informativos do rádio. O Repórter Esso delimitou especialidades para o campo noticiário em todo o mundo, e no Brasil ficaram famosas as chamadas que davam início ao programa em que se intitulava como “testemunha ocular da história” ou “o primeiro a dar as últimas” (KLÖCKNER, 2008).

O Repórter Esso é fruto do trabalho de um conjunto de profissionais (jornalistas): “donos de grande tarimba que reduziam uma revolução na Argentina a uma descrição de vinte linhas dactilografadas, numa síntese perfeita, em cuja audição o ouvinte percebia o troar dos canhões e os passos apressados do Perón rumo à canhoneira paraguaia” (Ibidem).

A rádio Anhanguera é a primeira emissora goiana a tentar uma aproximação de seus noticiários com o Repórter Esso: “Boa ideia teve a Rádio Anhanguera, pelo seu Departamento de Notícias, de criar um noticiário baseado em informes urgentes. Desta maneira as notícias locais e as oficiais são tratadas ainda fresquinhas” (*NOVA CAPITAL*, 14 dez. 1955). O jornalismo que é configurado pela Anhanguera desvia o seu foco para o local e cria uma nova forma de noticiário, ou seja, a notícia local dita de forma instantânea.

A rádio Carajá de Anápolis também busca inovar a maneira de fazer noticiário no rádio. A tentativa de aproximar seu programa do Repórter Esso leva a emissora a criar o

programa “O Mundo no Ar”: “O MUNDO NO AR, melhora dia a dia, sendo interessante o seu sistema de notas pequenas e informativas sòmente” (*O ANÁPOLIS*, 26 jan. 1958).

Neste período, o radiojornalismo da RBC utiliza da estratégia de selecionar e adaptar informações repassadas pelo Repórter Esso à localidade: “O telegrafista ficava ouvindo o Repórter Esso, escrevia e nos passava. Então a gente pegava a notícia praticamente mastigada e fazia algumas alterações, dependendo do que serviria para o local. Isso aconteceu muito” (informação verbal)⁶⁹⁸.

Com estas estratégias de emissoras locais em alterarem o foco das notícias, o rádio volta suas atenções para o próprio Estado. Assim, ao invés de preencherem a programação com um maior número de informações de outros países e de outros estados, dão mais atenção para o cotidiano local⁶⁹⁹.

Neste contexto as emissoras buscam inovar seus programas informativos. De olho no que as grandes emissoras do país estão fazendo, procuram encontrar maneiras para facilitar e captar notícias com mais rapidez. Emissoras de Goiânia e de Anápolis contratam serviços de empresas que atuam no campo da produção de informações em âmbito internacional.

Eles pagavam uma taxa mensal às agências fornecedoras das informações, como se paga hoje a Agência Estado, Agência Globo, cada uma delas que fornece para os jornais elas também cobram uma taxa dos jornais, dos seus filiados. O mesmo acontecia aqui (informação verbal)⁷⁰⁰.

O contato com agências fornecedoras de informações é estabelecido através do telégrafo ou do teletipo. Esses aparelhos, no entanto, exigem profissionais que dominem a linguagem do código Morse. E nesse sentido, para inovar sua programação, contratam pessoas para fazer o trabalho, a exemplo da rádio Difusora de Goiânia que contrata Oscarlício Noronha.

Pra você ter uma ideia, um noticiário internacional, nacional, era via telegráfica, por sistema Morse. Até me lembro do nome do tenente Oscarlício Noronha, que trabalhava aqui na Difusora, captando o noticiário nacional e internacional. As agências mandavam por sistema telegráfico. Mas o rádio tinha essa vantagem em relação ao jornal. O rádio, a instantaneidade do rádio, agilidade, sempre foi uma arma, um instrumento de eficiência, da comunicação jornalística pelo rádio (informação verbal)⁷⁰¹.

⁶⁹⁸ Aranha Araújo, op. cit., 2012.

⁶⁹⁹ Em 1959, a rádio Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, lança um tipo de programa que depois é adotado pelas emissoras de todo o país: os serviços de utilidade pública. A inovação foi introduzida pelo jornalista Reinaldo Jardim, que teve como objetivo restabelecer o diálogo com os ouvintes (ORTRIWANO, 1985, p. 22-23).

⁷⁰⁰ Ademar Santillo, op. cit.

⁷⁰¹ Hélio Rocha, arquivo particular da rádio Difusora de Goiânia, disponibilizado por Diego Joaquim, integrante da Igreja Católica, Goiânia, 2007.

Já o teletipo, como foi observado no segundo capítulo, é um sistema mais avançado que o telégrafo. Opera através do telefone e se tornou um importante aparelho para as emissoras, por ser por seu intermédio que chegavam informações enviadas por empresas de outros países.

Com o teletipo o radioescuta passa a ter um aliado em seu trabalho. Os principais acontecimentos mundiais e nacionais chegam editados, prontos para serem reproduzidos pelas emissoras. A Asa Press é a principal fornecedora de informações para o rádio em Goiânia neste período (Informação verbal)⁷⁰².

Já a maioria das emissoras de Anápolis contratam os serviços da empresa norte-americana UPI⁷⁰³ (Informação verbal)⁷⁰⁴.

Tinha as fonte de notícia privilegiada. A rádio Santana, por exemplo, quando a gente foi para a rádio Santana, os padres alugaram o serviço da UPI, era agência de notícia, United Press International. Recebia as informações pelo teletipo, chamava teletipo, vinha pelo teletipo. Nossa! Você botava bobinas de papel lá, gastava duas bobina de papel por dia. Aquilo era notícia do mundo inteiro sendo recebida. Inclusive do Brasil (informação verbal)⁷⁰⁵.

A rádio Santana de Anápolis, por exemplo, inicia o seu programa “Jornal Falado” com o apoio da UPI, como consta no jornal *O Anápolis* (17 nov. 1961):

A nova direção da Rádio Santana de Anápolis, entre outras grandes inovações em sua programação, levou ao ar, no dia de ontem, no horário das 18,40, a primeira edição do seu JORNAL FALADO. As notícias internacionais divulgadas são fornecidas pela ‘UNITED PRESS INTERNATIONAL’ (UPI), contando a emissora com uma perfeita equipe de reporteres, o que justifica o alto valor de seus noticiários.

A emissora goiana que consegue aproximar mais da maneira Repórter Esso de informar é a RBC. A emissora inova criando o Repórter Petrobrás (Figura 58), um programa noticioso com uma dinâmica semelhante a aquela apresentada pelo Repórter Esso. Pode-se dizer que ele é a versão goiana do Repórter Esso. O



Figura 58 – Walter Pureza em entrevistas para o programa Repórter Petrobrás.

Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

⁷⁰² Jerônimo Rodrigues, op. cit.

⁷⁰³ Rangel (1981) destaca que a UPI exerce sua influência na América Latina desde 1917, ano em que La Nación, de Buenos Aires, contrata os serviços da United Press.

⁷⁰⁴ Valdir Morgado, op. cit.

⁷⁰⁵ Ibidem.

Repórter Petrobrás entrava no ar, praticamente, quase no mesmo horário do Repórter Esso (GALLI, 2011, p. 35).

O repórter Esso ia ao ar de 5 minutos, às 8 da manhã, 12h55, 18h55, 20h25 e 22h. E veio a Petrobrás, essa empresa brasileira de petróleo, que patrocinava na rádio Brasil Central o Repórter Petrobrás, era às 8h. Foi feito um concurso para o apresentador. Antecedia um minuto o Repórter Esso. Esse concurso foi vencido em Goiás por Walter Pureza, que tá aí até hoje felizmente. O Walter Pureza foi o apresentador de 60 até 64. Com o afastamento dele, eu assumi o Repórter, que ficou no ar por pouco tempo com o patrocínio da Petrobrás e em seguida passou a se chamar Repórter RBC, nos mesmos horários, 8h, 12h54, 17h54, 20h24 e 22h (informação verbal)⁷⁰⁶.

Hélio Rocha⁷⁰⁷ afirma que o Repórter Petrobrás era um noticiário de orientação nacionalista e uma expressão opositora ao Repórter Esso. Jackson Abrão⁷⁰⁸ lembra-se do slogan do programa, através do qual podemos notar esse caráter nacionalista que foi aludido por Hélio Rocha, que é o seguinte: “Petrobrás: capital, trabalho e técnica nacionais a serviço do Brasil e dos brasileiros”. Walter Pureza ressalta que o Repórter Petrobrás é formatado para ser equivalente ao Repórter Esso, ou seja, ser ágil e ser o primeiro a dar as últimas notícias.

Então essa agilidade do rádio, essa tem que ser muito observada e usada como força de informação. Vou te dar um exemplo: eu fazia o Repórter Petrobrás, e eu tinha uma escuta permanente para edições extras, e quando a menina que tava na escuta no momento ouvindo a rádio americana, e ela disse pra mim assim:

- Aconteceu alguma coisa muito grave com o presidente dos Estados Unidos lá em Dallas.

Aí, na época era tão ágio que você apertava, já punha o prefixo do jornal e eu entrava na edição extra. Então é possível que a rádio tenha falado em primeira mão, para todo mundo, que o presidente John Kennedy tinha um atentado contra ele, por causa desta agilidade (informação verbal)⁷⁰⁹.

Em um depoimento ao livro de Hélio Rocha (2010), Walter Pureza elucida algumas das principais notícias que veiculou pelo Repórter Petrobrás, e podemos notar também que a instantaneidade da informação é o diferencial buscado por ele neste noticiário:

Eu entrava a qualquer momento. Noticiei a morte de Kennedy, o golpe militar, as campanhas de Juscelino Kubitschek, tudo em tempo real. Era uma loucura. Tinha de ser algo de alto nível, dada a inspiração, então não podíamos ficar sem um rádio-escuta eficiente (*apud* ROCHA, 2010, p. 118).

⁷⁰⁶ Jerônimo Rodrigues, op. cit. 2013.

⁷⁰⁷ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

⁷⁰⁸ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

⁷⁰⁹ Walter Pureza. Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

A rádio Clube de Goiânia busca manter o seu espaço no campo do jornalismo. Inova seu programa informativo com transmissões ao vivo de algum ponto da cidade de Goiânia (Figura 59). Eventos festivos, acidentes ou qualquer outra novidade é convertido em notícia para seu programa. Esse jornalismo experimentado na rádio Clube inspira muitas emissoras do interior a criarem programas noticiosos semelhantes.



Figura 59 – Sisenando de Azevedo, chefe de gabinete do secretário da Aviação e Obras públicas em transmissão pela rádio Clube de Goiânia de inauguração de um posto de lavagem e lubrificação da prefeitura de Goiânia em 1961.

Fonte: Arquivo do Museu Imagem e do Som de Goiânia.

Ademar Santillo, inspirado por emissoras de São Paulo, cria um programa pela rádio Carajá de Anápolis para comentar a notícia. Segundo ele, implementou em seu programa a reinterpretação de informações de acordo com os interesses locais.

Eu me lembro que eu ouvia na rádio de São Paulo o meu orientador, aquele que realmente despertou pra mim o interesse pra comentar uma notícia veio de São Paulo. Era na rádio Bandeirantes onde o Vicente Leporace fazia ‘O Trabuco’ e a gente acompanhava. Ele lia a notícia do O Globo, do Estado de São Paulo, da Folha de São Paulo, jornais grande de circulação naquelas duas cidade em Rio/São Paulo, e a gente fez a mesma coisa aqui, pegava a Folha de Goiás, O Popular, que eram jornais que tinha uma circulação diária e nós então fazíamos aqui em Anápolis a leitura dessas notícias de Goiás e comentávamos de acordo com a nossa interpretação, quer dizer, não íamos na interpretação do jornal e nem tampouco a interpretação oficial que geralmente, atrás de cada notícia daquelas, vinha um interesse ou dum governo ou de outro. Nós deixávamos isso de lado e pegava nas entrelinhas aquilo que a gente entendia que devia esclarecer ao povo (informação verbal)⁷¹⁰.

As emissoras do interior passam a produzir programas equivalentes aos que são produzidos em Goiânia e em Anápolis. Ocupam seu espaço e conquistam audiência com informações locais. Segundo Getúlio de Souza, “na época quase todas as emissoras tinham as notícias da cidade, tinha o jornal da cidade, quer dizer, as notas sociais da cidade e as notas importantes da cidade, funcionava. Notas sociais” (informação verbal)⁷¹¹. O programa informativo da rádio Educadora de Goiandira é outro exemplo.

⁷¹⁰ Ademar Santillo, op. cit.

⁷¹¹ Getúlio de Souza, op. cit.

Ao meio-dia também tinha programa de informações, muito importante na região, tudo sobre a região ali do sudoeste, sobre Catalão, sobre Goiandira e vários lugar... Nova Aurora, Cumari, Anhanguera, que era uma cidadezinha muito atuante na época, muito boa também. Então, noticiário só daquela região que a gente fazia (informação verbal)⁷¹².

A diferença entre emissoras do interior do Estado e as emissoras de Goiânia e de Anápolis, é que as primeiras não dispõem de condições para pagar pelos serviços de empresas fornecedoras de informações. Nesse sentido, os próprios radialistas precisam gerar suas próprias notícias. E neste contexto, o recurso do radioescuta é muito utilizado. A rádio Difusora de Rio Verde é um exemplo do que ocorre com as demais.

Pra nós reeditar notícias, nós tínhamos uma coisa chamada radioescuta, que inclusive eu cheguei a trabalhar. Radioescuta funcionava assim: com um desses gravadores AKAY, eu sintonizava rádio Globo, rádio Tupi de São Paulo do Rio, rádio Nacional, essas emissoras grandes e gravava. Tinha dois tipos de gravação: uma gravação que era feita pra noticiário, o noticiário era copiado. Pra gravar as notícias, o Globo no Ar, Repórter Esso, ainda tinha o Repórter Esso. Era os Akay. Então gravava o Repórter Esso, o Globo no Ar, Os Vigilantes da Tupi, alguma coisa assim, gravava, passava pro papel, de hora em hora chegava lá o locutor noticiarista lia a notícia (informação verbal)⁷¹³ (informação verbal)⁷¹⁴.

Durley Montalvão relata que o trabalho realizado pelo radioescuta no interior de Goiás neste período não é muito fácil. O sinal captado pelos receptores oscilava muito. Não havia uma homogeneização do som que sintonizavam de emissoras de outros estados. Às vezes ocorria de ouvirem uma notícia importante pela metade, e, quando isso acontecia, eles próprios completavam a informação de uma forma inconclusiva, para depois, concluírem com precisão.

A onda ia e sumia, tinha hora que você não entendia muito a palavra, você tinha que incrementar, você tinha que criar uma palavra de acordo com o assunto, você colocava uma palavra que não fosse muito grave. Por exemplo:

- Um acidente que aconteceu na rodovia Rio-São Paulo etc., um ônibus chocou-se com não sei o que, e tal, 18...

Você não sabia, 18 morreram ou não morreram? Aí cê colocava:

- ...18 pessoas estão hospitalizadas e etc.

Você não sabe o quê que aconteceu. Você ia saber no dia seguinte, noutro noticiário, onde naquele momento a onda não caísse (informação verbal)⁷¹⁵.

⁷¹² Arnaldo de Oliveira, op. cit.

⁷¹³ Ibidem.

⁷¹⁴ Durley Montalvão, op. cit.

⁷¹⁵ Durley Montalvão, op. cit.

Emissoras do interior com mais dificuldades técnicas, levam seus radialistas a recorrerem a pessoas mais próximas para procurar um auxílio, a exemplo da estratégia utilizada por João Batista Freitas, criador do programa de noticiário da rádio Alvorada de Rialma. Ele relata que em consequência da rudimentar tecnologia disponível na emissora e o pouco tempo que tinha para elaborar notícias procurou apoio de uma pessoa da cidade para redigir as notícias veiculadas pelas grandes emissoras do país.

Tinha um senhor que trabalhava no Correio, o seu Cantuária, ele era assim muito metódico, muito sério, então ele ouvia as notícias, salvo engano, era da rádio Globo, ele ouvia as notícias, copiava aquelas notícias, muito bem copiadas numa lauda, e eu lia os noticiários (informação verbal)⁷¹⁶.

Com esse intenso trabalho realizado pelos radialistas em torno da programação noticiosa, cria-se um espectro de seriedade do rádio em Goiás. Não é um percurso simples. As emissoras de Goiânia e de Anápolis conquistam maior espaço com seu profissionalismo. Avançam e aproximam seus programas do grande modelo Esso. Já as emissoras do interior buscam fazer algo semelhante, porém, dadas as condições técnicas mantêm um pé no amadorismo e com dificuldades de avançar.

Com os programas informativos o rádio coloca-se como equivalente a um agente público. Pessoas recorrem aos radialistas para resolver, às vezes, casos elementares da vida, a exemplo do que Zacarias Faleiros relatou a respeito da rádio Difusora de Jataí.

Uma coisa que a rádio tinha também era sinceridade. Porque o que a rádio falava eram coisas certas. A gente não falava lero com lero não, o que a gente falava era verdade. Nós tínhamos um programa de utilidade pública, às vezes crianças se perdiam e o pessoal ia chorando na rádio lá:

- Olha, o meu filho perdeu e tal.

Aí dava uns dois ou três anúncios lá e achava. Então a audiência bem dizer total. Então foi muito gratificante a rádio (informação verbal)⁷¹⁷.

Iron Junqueira afirma que fez um importante trabalho noticioso pela rádio Cultura de Anápolis, programa que era voltado para refletir sobre as condições das pessoas de camadas necessitadas da cidade. Em entrevista cita a morte de um gari como exemplo, que vai a óbito em decorrência da ineficiência do poder público.

Eles foram dar assistência lá pra família, levaram o homem, eu peguei os outros cinco garis e fomos pra rádio, onde eu trabalhava. Aí, eu interrompi o programa que tava no ar e me passaram o microfone no estúdio, e lá começamos a conversar. Dei a notícia da ocorrência, que o gari tinha acabado de morrer ali por inanição e estava só com um ano de atraso no

⁷¹⁶ João Batista Freitas, op. cit.

⁷¹⁷ Zacarias Faleiros, op. cit.

recebimento do salário dele, que era meio salário por mês, e que então nós estávamos mostrando para o público a condição em que se encontrava a prefeitura da cidade (informação verbal)⁷¹⁸.

Em síntese, os programas informativos são o amuleto⁷¹⁹ do rádio em Goiás. Basta lembrarmos que é a época do rádio AM, aquele em que a informação é evidenciada. Mas, além dos programas informativos o rádio em Goiás ocupou um espaço na área esportiva.

4.5. Para narrar jogo a gente fez uma linha direta: o esporte e o rádio em Goiás.

O esporte é outro fenômeno que ocupa um lugar de destaque na história do rádio. Na década de 1940, se manteve distante das emissoras goianas, época em que o rádio está começando a dar os seus primeiros passos no Estado. Embora seja novidade, a radiodifusão inclui o esporte em sua programação.

José Cunha Júnior⁷²⁰ é um dos pioneiros da locução esportiva no rádio em Goiás. Na rádio Clube de Goiânia cria o primeiro programa esportivo na década de 1940. Segundo ele, foi com essa organização que a emissora “[...] passou a fazer futebol, fazer muita coisa, começamos a criar, fazer criações, para poder atrair mais para o rádio. E foi aí que o futebol ganhou esse impulso” (informação verbal)⁷²¹.

O início das transmissões esportivas pelo rádio, no entanto, ocorreu devido aos esforços de pessoas dispostas a atuar em algo novo; na verdade, a criar algo novo. E neste início o amadorismo prevalece e é responsável por ações inesperadas. Podemos ver neste sentido o exemplo do que ocorreu com Antônio Gregório, conhecido em Goiânia como “Gorinho”. Ele foi convidado por José Cunha Júnior para fazer a primeira narração esportiva pela rádio Clube de Goiânia no final de 1940, e sua atuação foi cheia de surpresas por ser uma novidade no rádio em Goiás.

Na Rádio Clube de Goiânia, fui destacado para fazer a primeira irradiação de futebol (Naquela época), Resultado: como entendesse coisa alguma do assunto, aceitei, pois a minha locução era de apenas quinze minutos. No meio da confusão de lances, muitas vezes éra obrigado a ficar calado pois faltava-me termos próprios para descrever os lances. De certa feita, um dos quadros promoveu um ataque perigosíssimo à meta contrária. Um jogador entrou completamente livre na área contrária. No arremate final chutou para fora. A minha revolta foi tão grande, que soltei um palavrão dos grandes. Final: a emissora saiu fora do ar e nunca mais tive outra oportunidade de

⁷¹⁸ Iron Junqueira, op. cit.

⁷¹⁹ Para uma leitura sobre a informação no rádio, ver Prado (1989).

⁷²⁰ Um dos primeiros a transmitir o campeonato brasileiro de futebol com reportagens realizadas em Manaus, Porto Velho, Cuiabá e Belo Horizonte (*NOVA CAPITAL*, 2 dez. 1955).

⁷²¹ José Cunha Júnior, op. cit., 2006.

irradiar outro jogo de futebol, perto do diretor das Associadas (*NOVA CAPITAL*, 13 nov. 1955).

Ao adentrar o ano de 1950, os programas esportivos não sofrem alterações. Muita coisa deve ser feita para estreitar os laços entre rádio e esporte. A embrionária relação entre ambos em Goiás permanece pautada pelo descaso de muitos indivíduos que atuam no rádio. Contudo, como as grandes emissoras reservam um espaço para este fenômeno da sociedade, os radialistas em Goiás, com muitas dificuldades, buscam também incluí-lo em suas respectivas emissoras.

Neste contexto, o indivíduo que se dispõe a realizar este trabalho geralmente desenvolve atividades paralelas para suprir suas necessidades básicas, uma vez que o rádio não oferece condições para a sua sobrevivência. Habib Issa⁷²², um dos nomes mais expressivos da área esportiva do rádio em Goiás, é um exemplo: “Eu não podia, tinha uma vida já difícil aqui em Anápolis, eu tinha uma empresa de benefício de arroz, e eu não podia sair. [...] Não podia largar meus afazeres particulares” (informação verbal)⁷²³.

Como os programas ainda estão começando no rádio deste Estado e envolvem poucas pessoas, eles não despertam muito interesse do público ouvinte, conseqüentemente, não atraem investidores. Habib Issa ressalta que “[...] naquele tempo, rádio num dava nada não. Não havia patrocínio, a não ser nas emissoras de São Paulo. Mas aqui em Anápolis não existia patrocínio pra gente” (informação verbal)⁷²⁴. Dessa forma, aqueles que dedicavam ao trabalho esportivo, faziam-no mais por admiração ao rádio ou por diversão (ARAÚJO, 2001).

O entusiasmo com a tecnologia radiofônica e a motivação proporcionada pelas grandes emissoras arvoram como questões que sustentam inicialmente a relação entre rádio e esporte. Este tipo de programa despende muito trabalho. Não há estrutura nos locais onde ocorrem os eventos esportivos para acomodar os locutores. E neste contexto a saída é recorrer ao improvisado, como fizeram Neif Mady e Jeová Luna em Ipameri (Figura 60) para transmitirem pela rádio



Figura 60 – Neif Mady e Jeová Luna em narração de futebol realizada do campo do CEPEM em Ipameri, 1952.

Fonte: Arquivo pessoal de Adolvando de Alarcão, Ipameri, 2007.

⁷²² Habib Issa, comandando a equipe esportiva da rádio Santana de Anápolis, foi considerado o melhor locutor esportivo de Goiás por vários anos seguidos.

⁷²³ Habib Issa, op. cit.

⁷²⁴ Ibidem.

Xavantes os jogos que ocorriam no campo do CEPEM. Apesar das dificuldades reforçam a aproximação do esporte com o rádio. Adolvando fala a respeito:

Na década de 1950 a 1960, através de seu departamento esportivo comandado pelo seu locutor esportivo Sr. Neif Mady, auxiliado pelos comentaristas Sr. Benildo Nazetti e Jeová Luna, a rádio Xavantes transmitia, do campo do CEPEM, jogos do campeonato de futebol amador e da quadra esportiva do Jóquei Clube de Ipameri, as vitórias sensacionais do time de basquete do JCI (informação verbal)⁷²⁵.

No início de 1950, Cunha Júnior e Abílio Lopes de Almeida, pela rádio Clube de Goiânia, Neif Mady e Jeová Luna, pela rádio Xavantes de Ipameri, a dupla Luiz Rótoli e Antônio Porto, pela RBC e Antônio Afonso, pela rádio Carajá de Anápolis provocam o estreitamento da relação entre rádio e esporte. São eles que impulsionam este tipo de programação no rádio em Goiás. Posteriormente Antônio Porto substitui a RBC pela rádio Anhanguera onde trabalha ao lado de Baltazar de Castro ampliando ainda mais o campo de atuação do rádio no esporte (*NOVA CAPITAL*, 25 ago. 1955).

Neste período, como já foi verificado anteriormente, o estágio da tecnologia na radiodifusão goiana exige muito trabalho dos radialistas. E com os programas esportivos o trabalho é ainda maior. Para a transmissão de jogos é necessário interligar o local do evento e a emissora, o que é feito com a utilização de fios. Porátio relata o que fez pela rádio Cultura de Ceres.

No estádio, pra narrar jogo, a gente fez uma linha direta pra lá. Uma linha telefônica direta. A gente tinha uma linha exclusiva de telefone lá pro estádio. Aí, quer dizer, chegava lá, conectava a mesinha no fio do telefone, quer dizer, e de lá você conseguia mandar o som, o áudio (informação verbal)⁷²⁶.

Às vezes ocorria de emissoras deixarem de fazer a transmissão de jogos em decorrência do rompimento dos fios, a exemplo dos problemas enfrentados pela rádio Imprensa de Anápolis em 1961. Os redatores de *O Anápolis* procuram o diretor da Emissora, Vasco Santana Ramos, para se informarem sobre o fato de não estarem acompanhando as partidas de futebol. E então ele esclarece:

A linha de som que demanda ao Estádio Dr. Manoel Demóstenes é feita por intermédio de uma ponte ligada no centro telefônico na cidade e ultimamente vem dando vários defeitos graves, impossibilitando-nos de uma transmissão perfeita, à altura do nosso grande público ouvinte. Assim sendo, já foram tomadas todas as providências para os devidos reparos podendo garantir que

⁷²⁵ Adolvando de Alarcão, op. cit.

⁷²⁶ Porátio, op. cit.

a partir do próximo sábado, a Rádio Imprensa se fará presente sob o comando do seu titular de esportes, Bernardino Fernandes (*O ANÁPOLIS*, 29 nov. 1961).

Na primeira parte da década de 1950, as transmissões esportivas são perpassadas por muitas dificuldades. O rádio ainda está em seu estágio inicial com este tipo de programação. Os radialistas buscam por recursos que possam facilitar o seu trabalho. Mas enquanto as descobertas não são realizadas precisam recorrer ao improviso, é uma necessidade imposta pela própria tecnologia existente na época.

Pra transmitir os jogos, imagino que era dois quilômetros, por aí, de distância do estádio, estádio entre aspas, era chão batido... Então naquela época o locutor ele ficava às vezes em cima de um alpendre, de uma casa. Instalava o equipamento pra transmitir o jogo. Tinha a pessoa encarregada da parte técnica (informação verbal)⁷²⁷.

Improvisar é a saída para atender ao pedido de ouvintes que preferem acompanhar uma determinada partida de sua casa. A rádio Cultura de Catalão é um exemplo do que ocorre com as demais.

Estendia o fio por telefone, depois que a telefonia veio, puxava lá da linha telefônica um cabo quilométrico, desculpa, cento e tantos metros, pra pegar do telefone mais próximo, atravessar nos galhos das árvores pra descer no campo de futebol pra irradiar. E o microfone ficava com um, com outro... [...] Então o Farid, o Paulo Faiad era o comentarista, e o outro irradiava, o Paulo irradiava, o Farid comentava... (informação verbal)⁷²⁸.

Apesar das limitações técnicas emissoras de Goiânia buscam ampliar seu campo de atuação com a cobertura de eventos esportivos em cidades vizinhas. No entanto, isso só é possível através de gravações. A RBC é uma das primeiras emissoras a utilizar deste recurso. Embora seja a emissora que possui a melhor estrutura técnica, não dispõe de auxílio técnico para transmitir jogos em tempo real de cidades do entorno de Goiânia.

O departamento Esportivo da Rádio Brasil Central, está em grande atividade, transmitindo todos os acontecimentos esportivos. Luiz Rotoli⁷²⁹ e Elton Costa Campos, componentes do D.E. da RBC seguiram ontem para Ipameri, *afim de gravarem a partida de futebol entre o Juventus de Goiânia e o Selecionado Ipamerino (NOVA CAPITAL, 27 ago. 1955, grifo nosso).*

⁷²⁷ Maria Alves, op. cit., 2012.

⁷²⁸ Walter Cançado, op. cit., 2012.

⁷²⁹ No mesmo ano, Luiz Rótolli é acompanhado por Antônio Porto. Eram auxiliados por Elton Costa Campos, José Afonso e Eurico Barbosa.

Uma publicação de *O Popular* redigida pela direção da rádio Anhanguera em resposta a pedidos enviados por ouvintes, que solicitam que ela transmita uma partida de futebol da cidade de Buriti Alegre entre Ferroviário e Botafogo, aponta que até o final de 1963 as transmissões ao vivo entre cidades distintas em Goiás continuam limitadas.

A rádio ANHANGUERA estará amanhã em Buriti Alegre, fazendo o trabalho de gravação da partida Ferroviário e Botafogo que será reproduzido às 21,30. O Departamento de Esporte da Rádio ANHANGUERA recebeu comunicação telegráfica de *várias cidades vizinhas à linha de ferro, pedindo-o que transmitisse o jogo* do Ferroviário. Todavia, *por ser totalmente impossível*, a emissora líder estará fazendo apenas a gravação do cotejo. Baltazar de Castro, diretor do Departamento de Esportes da RA, auxiliado por Celestino Filho, fará a cobertura do encontro Ferroviário e Botafogo, amanhã da Pérola do Sul (*O POPULAR*, 20 out. 1963. *grifo nosso*).

Essa impossibilidade de transmitir o jogo de outra cidade que aparece em *O Popular* é uma realidade de cidades que não possuem redes telefônicas. Por exemplo: no mês seguinte a esta publicação, Baltazar de Castro, ao lado de Osvaldo Mesquita e Lourival Batista Pereira, transmitem ao vivo do Maracanã, no Rio de Janeiro, a partida entre Santos Futebol Clube e Milan da Itália (*O POPULAR*, 14 nov. 1963). Nesse sentido, até aquele período as transmissões em tempo real só são possíveis entre cidades portadoras de telefone.

O recurso da gravação e retransmissão continuou sendo utilizado até 1964 pelas pequenas emissoras do interior. Segundo Irondes de Moraes, a respeito do que fazia pela rádio Jornal de Inhumas, um:

[...] gravador era levado pro campo de futebol. Por exemplo, o Inhumas, que era um time grande na época, ia jogar em Jataí. Então, levava aquele gravador, gravava a narração da partida, no outro dia cedo soltava. Ao vivo, às vezes daqui. Porque telefone era uma dificuldade. Procê conseguir uma linha telefônica pra fazer uma transmissão daqui pra lá, cê tinha que fazer uma reserva no Dentel, tinha que pagar essa reserva, tinha que ver se a linha tava plugada, certinha. Ainda tinha as maletas que se carregava pra poder plugar aquilo tudo, microfone, aquelas coisas todas e transmitir. Lá no estágio transmitia direto. Agora se era aqui, transmitia direto. Se era em outra cidade, levava o gravador e narrava na mesma velocidade e depois trazia, no outro dia soltava (informação verbal)⁷³⁰.

Apesar das dificuldades impostas pela tecnologia ao trabalho dos radialistas, no decorrer da década de 1950 emissoras de Goiânia e de Anápolis desempenham um importante papel para estreitar o contato do rádio com o esporte. Outros indivíduos são motivados pelas primeiras equipes para ajudarem nesta atividade, a exemplo de Habib Issa.

⁷³⁰ Irondes de Moraes, op. cit.

Bom, eu comecei em rádio em 1950, com Antônio Porto e Baltazar de Castro, aqui em Anápolis, no antigo estádio Manoel Demóstenes, que era um estádio de chão que existia em Anápolis, e havia, inclusive, um desnível. Pra você ter uma ideia, atacava pra cima e pra baixo naquele tempo. Então, ele era cercado de madeira e nós fizemos algumas cabines de rádio de madeira pra poder fazer os jogos de futebol. E eu comecei porque eu ia aos campos e andava com uma latinha, eu era menino, transmitindo jogo. Aí o Baltazar e o Antônio Porto me viram e falaram:

- Cê quer ajudar aqui?

Eu não sei se não trouxeram elementos suficientes de Goiânia, eu falei:

- Eu quero sim.

Aí eles falaram:

- Então vem cá, ajuda a gente aqui (informação verbal)⁷³¹.

Para Habib Issa (Figura 61), trabalhar no rádio fazendo narração e comentário neste período era uma forma de se divertir. Em fevereiro de 1958 ainda é um aprendiz, como demonstra *O Anápolis* de 13 de fevereiro de 1958: “Habib Issa, o companheiro de Antonio Afonso nas irradiações esportivas, a princípio bastante ‘trêmulo’, tem melhorado bastante. Dentro em breve poderá já estar irradiando a contento, de vez que além de ter boa voz é muito esforçado”.

Habib Issa concorda que apesar de divertido, elaborar um programa ou acompanhar um evento esportivo demandava muito trabalho. Em entrevista para esta tese, relata que as superações das dificuldades ocorreram lentamente.



Figura 61 – Habib Issa em locução no estádio Jonas Duarte em Anápolis, 1960. Fonte: Arquivo pessoal de Habib Issa.

Foi evoluindo aos poucos, mas muito pouco. Nós passamos a ter mais condições de transmitir de Goiânia. Eu transmitia depois, posteriormente, de quase todas as emissoras de Goiânia: na Brasil Central, na Difusora, eu transmiti o futebol em quase todas as emissoras de Goiânia (informação verbal)⁷³².

Habib Issa aprendeu muito com Antônio Afonso, que antes dele já fazia este trabalho no rádio de Anápolis. Ambos criam um espaço significativo para o esporte no rádio nesta cidade. Como forma de ampliar esta atividade Habib Issa faz a tentativa de criar uma associação em 1958 para reunir pessoas que pudessem contribuir com a profissionalização do trabalho esportivo no rádio. Ele faz uma primeira tentativa convidando pessoas para uma reunião. Na ocasião aparecem “Antonio Afonso, Cláudio Mendes, Amir Sabbag, Afonso

⁷³¹ Ibidem.

⁷³² Habib Issa, op. cit.

Fraga, Petrônio Cruz, Moacir Junqueira, Eurípedes Gomes, Edson Hermano, Washington Barbosa, Jahuir Lobo” (*O ANÁPOLIS*, 1º jan. 1958). Este grupo de pessoas passa a atuar em conjunto e organizar programas no rádio voltados para o esporte.

O trabalho desta equipe surte efeito e desperta a atenção de empresas locais. A Casas do Linho Puro, por exemplo, tem a ideia de criar um torneio de futebol. Não se sabe ao certo se essa ideia foi premeditada, porém repercutiu no Estado. O torneio acontece. Durante as partidas a empresa é constantemente divulgada pelas emissoras de Goiânia e de Anápolis que transmitem os jogos, pois são obrigadas a anunciar o seu nome por ser ela a promotora do evento.

Esta estratégia da Linho Puro representa o alvor da aproximação de empresas com o esporte e deste com o rádio em Goiás. Os redatores do jornal *O Anápolis* (6 fev. 1958), defendem a ideia de que foi um grande golpe publicitário.

Propaganda Inteligente da ‘Linho Puro’

As Casas do Linho Puro tiveram a feliz ideia de patrocinar a realização de um torneio de futebol. Com isso, deram um grande golpe de publicidade, pois seu nome foi divulgado em todos os cantos do Estado, através da crônica esportiva. Irradiando-se os jogos e com os amplos comentários feitos, a Linho, sem grandes gastos, conseguiu uma campanha publicitária de valor.

O fato é que esta estratégia da Linho Puro chamou a atenção de outros empresários goianos. A publicidade começa a aparecer com mais frequência nos programas esportivos. Os radialistas que dedicam a acompanhá-los, por outro lado, apresentam a necessidade de profissionalizar esta atividade para garantir a qualidade dos programas. As especialidades afunilam e tomam contornos mais claros. Os programas esportivos conseguem um espaço maior no rádio e garantem o seu sucesso com o comércio local.

Isso atinge os próprios times de futebol. Alguns jogadores vão ficando famosos pelo rádio. Surgem os craques da bola, a exemplo de Calango. Até então ninguém sabia seu nome ao certo. Saiu de sua terra natal, em Minas Gerais, para reforçar a idolatrada Xata (Anapolina) em Anápolis. Ademar Santillo explica que ele acirra as disputas entre os dois principais times da cidade, Anápolis e Anapolina. Sua agilidade desperta aplausos e gritos da torcida. Os narradores, por sua vez, engrandecem o espetáculo repetindo seu nome dezenas de vezes. Nos comentários, após as partidas, novamente tornam a destacar seus dribles, a agilidade com a bola e a força que o time passou a ter com a sua presença. Os próprios radialistas observam que uma torcida numerosa começou a aparecer nos estádios. As pessoas estavam indo para ver de perto o craque que tanto falavam pelo rádio.

As equipes que fazem as transmissões são, concomitantemente, promovidas. Isso representa, no entanto, um bom atrativo para os empresários da região. A rádio Carajá de Anápolis, por exemplo, em consequência da popularidade de sua equipe esportiva, recebe o patrocínio da empresa Dias Irmãos S/A⁷³³, que começa a investir em seus programas de esporte em 1959 (Figura 62).

Daí por diante o profissionalismo é tomado pelos radialistas como critério para a atuação de um indivíduo nestes programas do rádio. A especialidade em narração e comentários de eventos esportivos é levada ao topo dos quesitos colocados por eles como indispensável para o desenvolvimento da profissão.

Habib Issa revela que neste período ele e seu companheiro de trabalho, Antônio Afonso, começam a se especializarem em narração de jogos de futebol tomando como referência dois narradores da rádio Nacional do Rio de Janeiro.



Figura 62 – Anúncio de programa de esportivo da rádio Carajá de Anápolis e o nome de seu patrocinador.
 Fonte: Jornal *O Anápolis*, 25 out. 1959.

Eu e o Antônio Afonso, nós fazíamos em dupla, como fazia o Jorge Cunha e Antônio Cordeiro na Rádio Nacional. Nós transmitíamos meio campo e meio campo. Quando a bola passava de um meio campo eu transmitia, quando passava do outro meio campo, o Antônio Afonso transmitia (informação verbal)⁷³⁴.

Neste período, a profissionalização em programas esportivos apresenta-se mais claramente. Critérios e normatizações são estabelecidos pelos radialistas. Habib Issa, por exemplo, é torcedor de determinadas equipes. Ele ressalta, porém, que já nesta época institui como critério a imparcialidade para as suas narrações e comentários.

Eu procurei ser imparcial nas minhas transmissões, eu acho que isso aí foi marcante na minha vida. Eu nunca tive essa tendência no rádio, porque eu acho que o ouvinte não tem que pagar por isso, né! Então, eu fazia uma transmissão absolutamente isenta. Mesmo se fosse o meu time do coração, Anapolina, mas eu fazia o negócio absolutamente isento, sabendo que a

⁷³³ Eventos esportivos em São Paulo e Rio de Janeiro já é um grande negócio neste período. No Rio de Janeiro, por exemplo, em 1961 as emissoras cariocas não transmitiram a luta entre Eder Jofre e o italiano Piero Rollo, que disputavam o título de peso galo, porque “[...] os promotores da luta mantiveram-se intransigentes na cobrança de elevadas taxas de irradiação” (*O ANÁPOLIS*, 25 mar. 1961).

⁷³⁴ Habib Issa, op. cit.

gente não poderia pender, porque isso desgastaria demais, né! (informação verbal)⁷³⁵.

Neste ínterim, emissoras de Goiânia evidenciam locutores e comentaristas que dão passos largos em direção à profissionalização de suas atuações no rádio. Em 1959, o locutor esportivo da RBC, Luis Augusto, recebe uma premiação em Goiânia como o melhor locutor esportivo do Estado em 1958, como informa o *Jornal de Notícias*.

Domingo último, na Boite Lisita, o locutor esportivo da Rádio Brasil Central, Luis Augusto foi homenageado por seus amigos, encabeçados por Lourival Batista Pereira, em virtude de ter sido apontado por este colunista como – melhor locutor esportivo do rádio goiano – no ano próximo passado (*Jornal de Notícias*, 20 jan. 1959).

No final de 1950, o rádio goiano desponta no cenário nacional através de Waldir Amaral, locutor goiano que até 1959 já havia recebido quatro prêmios no Rio de Janeiro como melhor locutor esportivo do país (*JORNAL DE NOTÍCIAS*, 6 dez. 1959).

Esse é um período de efervescência do esporte no rádio. Em Anápolis a equipe esportiva da rádio Santana busca integrar-se ao rol das melhores emissoras no campo esportivo. Conquista uma popularidade significativa na região e assume a dianteira em uma determinada especialidade no rádio. Torna-se referência nas crônicas esportivas. A audiência que adquiriu é tamanha que chama a atenção de grandes empresas paulistas.

As transmissões esportivas da Rádio Santana de Anápolis, consideradas das melhores do rádio anapolino, são agora patrocinadas por CINZANO E FIRESTONE⁷³⁶, duas poderosas firmas que comandam os esportes por grandes emissoras brasileiras. O fantástico contrato deve-se ao trabalho do dinâmico representante da Emissora da Família Goiana, em S. Paulo, Snr. Roberto Spíndola que constatou, por ocasião de sua visita a esta cidade, a popularidade da emissora e, principalmente, do valor de sua equipe esportiva, formada de elementos cultos, inteligentes e tarimbados, como Habib Issa, Petrônio Cruz, Ademar Santillo⁷³⁷ e Jairo Silveira⁷³⁸ (*O ANÁPOLIS*, 6 fev. 1961).

Neste mesmo ano Habib demarca uma mudança significativa no modo de se atuar no campo esportivo radiofônico em Goiás. Ele efetiva finalmente o seu projeto de três anos atrás

⁷³⁵ Habib Issa, op. cit.

⁷³⁶ A Marcha do Esporte foi o primeiro programa da rádio Santana patrocinado por essas empresas.

⁷³⁷ No ano seguinte, conquista um grande espaço no rádio ao substituir Habib Issa na transmissão de uma partida de futebol, como informou *O Anápolis*: ADEMAR SANTILLO constituiu-se na maior revelação radiofônica Anapolina nestes últimos tempos, quando, no domingo passado, substituindo o Habib Issa que ainda se encontra em São Paulo, fôra obrigado a transmitir uma partida de futebol, desempenhando-se de maneira magistral, agradando a todos os desportistas que tiveram a oportunidade de ouvi-lo. Ademar Santillo transmitindo, davamos a impressão de um verdadeiro mestre no assunto (*O ANÁPOLIS*, 17 jan. 1962).

⁷³⁸ Ademar Santillo (informação verbal) citou ainda Edson Rodrigues e Garibaldi Alves como profissionais que se destacaram em Anápolis.

com a criação da “Associação dos Cronistas Esportivos” em Anápolis. Com essa Associação Habib Issa consegue reunir aqueles indivíduos que já haviam percorrido um curto, porém assegurado caminho na área esportiva do rádio deste Estado. Como disse Isac Abrão, reuniu “[...] todos os especializados em esportes militantes na imprensa escrita e falada de nossa cidade” (*O ANÁPOLIS*, 2 dez. 1961).

Em 1962, a relação do rádio com o esporte em Goiás já conta com um pouco mais de uma dezena de história. Muita coisa foi feita e muitas barreiras superadas. A cada dia que passa estreita ainda mais os laços entre ambos. A rádio Santana de Anápolis faz uma inovação no campo da transmissão de jogos que selara de vez essa história, quando começa a fazer uso do que chamaram de “Hand-Tocks”, um aparelho compacto que permite ao



Figura 63 – Antônio Afonso de Almeida, locutor esportivo da rádio Santana, com um aparelho hand-tocks em mãos, 1962.

Fonte: Arquivo do Museu Histórico de Anápolis.

locutor narrar um jogo sem o uso de fios. Na Figura 63 vemos a sua estreia com Antônio Afonso de Almeida, locutor esportivo daquela emissora.

Com o lançamento dos ‘Hand-Tocks’ pela Rádio Santana, as demais emissoras anapolinas estão empenhadas na aquisição de aparelhos idênticos, procurando desta feita, condições de igualdade, com a Emissora da Família Goiana, principalmente em transmissões esportivas. Tudo é progresso e a direção da Santana promete mais novidades para breves dias (*O ANÁPOLIS*, 19 jan. 1962).

Com o trabalho realizado pelos radialistas na década de 1950, os programas esportivos em emissoras do interior encontram mais facilidade para se estabelecerem. Contudo, semelhante ao que ocorreu em outras emissoras no início de 1950, aqueles que conseguem se respaldar nesta atividade compartilham o que aprenderam com os novos que estão chegando. Outros radialistas se destacam a



Figura 64 – Solón de França em narração de um jogo da Jataiense em 1960

Fonte: Assis (1991)

exemplo de Solón de França pela rádio Difusora de Jataí.

Solón de França (Figura 64), naquela época chamava Speaker, era o locutor esportivo. Vozeirão, muito bom narrador de futebol. Trabalhou muitos anos na rádio Difusora. Inclusive eu até ajudei ele em algumas partidas, eu não entendia muita coisa não, mas era comentarista esportivo, naquela época. Então nós ajudamos, trabalhamos com ele aí (informação verbal)⁷³⁹.

Em 1964, todas as emissoras do Estado dispõem de uma equipe esportiva, composta por narradores e comentaristas. Algumas destas equipes conseguem se destacar por possuírem profissionais especializados na área, seja no domínio da cultura do esporte seja no domínio de habilidades voltadas para narração e comentários, como observa João Batista Freitas, que na época atuou em várias emissoras do Estado.

Tinha emissora que tinha assim uma equipe melhor que da outra, e, se essa equipe era melhor, ela tinha patrocínio pra narrar um jogo no Rio, São Paulo, em Buenos Aires, a equipe ia lá e narrava o jogo e tal. A outra emissora, às vezes, não tinha condição (informação verbal)⁷⁴⁰.

É um contexto em que os próprios narradores e comentaristas atraem muitas pessoas aos estádios em decorrência de sua presença. Isso motivou os radialistas de Goiânia a promoverem eventos esportivos em torno deles próprios. Essa ideia transforma-se em grandes espetáculos e são acompanhadas por multidões de pessoas. É também uma oportunidade para o ouvinte adivinhar quem é o dono da voz que ouve diariamente pelos receptores.

Claudino da Silveira, da rádio Difusora de Goiânia, relata que organizou um time, e, além de funcionários desta emissora, incluiu em sua equipe jogadores dos principais times da cidade.

A gente criou um time de futebol também, que visitava as fazendas todos os domingos jogando bola, levando a nossa presença e a dos colegas. E, então, a gente marcava muito jogo. Por exemplo, em Santa Rosa de Goiás eu marcava o jogo lá, todas as fazendas do município iam marcar jogo com a gente. Marcava cinco, seis jogos, direto. No dia que a gente jogava naquela localidade não tinha futebol na redondeza, porque o povo todo ia pra lá. Lotava o campo. A gente entrava no cantinho do campo cheio de gente. Isso foi muitos anos. Eu consegui formar um time muito bom, porque, além dos funcionários da rádio que tinha disposição de jogar, eu levava os craques do Atlético também, por exemplo, o Zuíno, foi grande craque no Atlético, foi treinador do Atlético, era meu meio de campo, jogava; Jair Moreira, que é o famoso Jair Porrete, o grande centroavante do Atlético, jogou no meu time durante dez anos; o Rui, que foi também um grande artilheiro no Atlético, também foi meu jogador. Então, a gente levava, além dos funcionários, amigos e também futebolistas que jogavam mesmo. Por isso a Difusora fez

⁷³⁹ Duarte Martins, op. cit.

⁷⁴⁰ João Batista Freitas, op. cit.

mais de cem partidas invictas nos lugares que visitávamos (informação verbal)⁷⁴¹.

Eduardo Ferreira ressalta que em Buriti Alegre, começam a convidar equipes de futebol da própria cidade para participarem de campeonatos. Também mobilizaram centenas de pessoas. Ele revela que isso ajudou em seus rendimentos.

Nós tinha uma ‘Jornada Esportiva’ lá. Fazia um campeonato da cidade, porque você ficava conhecido demais. Então a rádio fazia um campeonato. Doze, quatorze equipes, jogando todo sábado, todo domingo. Ela transmitia todos os jogos. Foi aonde que a gente achou um meio de ganhar dinheiro foi nessa época. A ‘Jornada Esportiva’ dava muito dinheiro. Tanto é que o esporte hoje, na televisão, no rádio, ainda continua sendo um bom negócio (informação verbal)⁷⁴².

Enfim, na década de 1950, nascem os grandes nomes da área esportiva do rádio em Goiás. Desenvolve-se um campo determinado por parâmetros formais, estabelecidos em atividades pautadas pelo profissionalismo, e acentua sua distinção no interior das emissoras. As carteiras expedidas aos narradores e comentaristas, a exemplo desta ao lado concedida ao comentarista Luiz Braz pela rádio



Figura 65 – Carteira do comentarista esportivo Luiz Braz da Silva, da rádio Difusora de Rio Verde, 1962. Fonte: Arquivo pessoal de Luiz Braz da Silva. Rio Verde, 2013.

Difusora de Rio Verde (Figura 65), é um exemplo que os programas esportivos conquistaram sua autonomia. Em 1960, ocorre a sua ampliação e reforça a garantia de um espaço significativo para o rádio ao lado da televisão.

4.6. A publicidade no rádio em Goiás.

A publicidade também integra a história do rádio em Goiás. Talvez possa ser considerada a energia motivadora da profissionalização da radiodifusão e a expressão clara do processo de racionalização deste Estado. Ela ocupa um espaço significativo na programação radiofônica. Por este motivo proponho verificar mais detalhadamente a relação estabelecida entre ambos naquele período.

⁷⁴¹ Arquivo pessoal da rádio Difusora de Goiânia. Arquivo disponibilizado por Diego Joaquim, integrante da Igreja Católica, Goiânia, 2007.

⁷⁴² Eduardo Ferreira, op. cit.

A publicidade é um recurso importante para o comércio aumentar suas vendas. No rádio ela ganha força, leva o ouvinte a assimilar informações sobre o produto anunciado com mais rapidez: “[...] no rádio, devido à fala e à música, o fenômeno é mais marcante. Artifícios os mais inteligentes são postos em prática, no sentido de impressionar o ouvinte, induzindo-o a interessar-se pelos produtos anunciados” (*O POPULAR*, 27 dez. 1955).

O rádio por sua vez encontra neste recurso o meio fundamental para a sua sobrevivência, como afirma um radialista de Goiás naquela época, Natalino Cavalcante: “O rádio vive em função do comércio através dos anúncios que manda ao ar [...] A contribuição do comércio é sempre imprescindível ao rádio” (*apud DIÁRIO DA TARDE*, 2 dez. 1957).

Anápolis, Goiânia, Ipameri e Buriti Alegre são as cidades que vivenciaram o alvor da propaganda no rádio em Goiás. São as primeiras emissoras a experimentarem o recurso da publicidade, ainda na década de 1940. A questão é que naquela época os comerciantes não acreditavam na propaganda pelo rádio. Portanto, o primeiro trabalho realizado por radialistas em direção à esfera publicitária foi alterar esta concepção.

Em Goiânia a rádio Clube desempenha um papel importante neste aspecto através de José Cunha Júnior. Ele é o primeiro radialista a fazer uso da propaganda no rádio em Goiânia. Na verdade, ele inicia o trabalho de demonstrar a importância do rádio na vida do comércio desta cidade. Torna-se referência no meio radiofônico pelas estratégias que utiliza para angariar propagandas.

Segundo Walter Meneses, “o Cunha Júnior encostava a bicicleta dele por aqui, oh, e não tinha cadeado, não tinha nada não. E saía. Ninguém roubava bicicleta. O Cunha Júnior faturava de bicicleta, pegando anúncio na rua aí, esse grande radialista que você conheceu” (informação verbal)⁷⁴³. O próprio Cunha Júnior afirma que foi na década de 1940 que começou a trabalhar em busca de anunciantes.

E aí eu comecei a trabalhar no comércio. Dada a desenvoltura, eu comecei então a fazer também propaganda, que era o detalhe principal do rádio. A propaganda que era a manutenção do rádio e era a maior escola, era a parte de falar, de escrever, de contactar (informação verbal)⁷⁴⁴.

Cunha Júnior recebe o apoio de seus colegas e em conjunto começam a insistir com os comerciantes locais para anunciarem no rádio. Cada um, à sua maneira, tenta encontrar uma saída para convencê-los de que “[...] quem não anuncia não vende” (*DIÁRIO DA TARDE*, 2 dez. 1957).

⁷⁴³ Walter Meneses, op. cit., 2007.

⁷⁴⁴ Cunha Júnior, op. cit., 2006.

Sílvia Medeiros é um deles. É criativo e faz a tentativa de solicitar mercadorias para sortear como prêmio na emissora.

A gente tinha que dar duro em cima. Até hoje tem o Magazine Central, caboclo bacana, amigo meu. Olha foi difícil convencer ele, é... seu Ferreira. Foi difícil convencer ele pra fazer propaganda. Olha como comecei a convencer ele: Olha! O senhor me dá uma camisa de prêmio pro meu programa de auditório, aí ele começava a fornecer uma camisa. Quando ele não dava uma camisa ele dava um vale. 'Vale uma camisa', porque não sabia o tamanho. Às vezes era um caboclo grande de mais, né! Chegava lá e trocava. Então era assim: 'Vale uma camisa no Magazine Central'. E chegava no auditório e anunciava. Devagarzinho eu fui conquistando a confiança dele. Ele começou a sentir. Ele não acreditava em publicidade. Ele falava: _ não, não acredito nisso não. Isso num funciona não. O que funciona é preço, você vender barato. _ Ninguém acreditava. Rapaz foi difícil, aqui em Goiás! E eu precisando daquilo. Rádio não faturava, não podia pagar, então, era publicidade mesmo. Você tinha que cavucar a publicidade, agora cavucar, mas cavucar mesmo. Caboclo era arredio, falava: _ não, não mexo com esse trem não. Meu negócio aqui é faixa na placa aí, camisa barata, compre aqui, não sei o que, não sei o que tem.... (informação verbal)⁷⁴⁵.

A situação dos radialistas de Anápolis não é diferente. A Amplificadora Cultural começa suas atividades em 1942 com alguns poucos anúncios que Abelardo consegue do comércio local. Contudo, é apenas o suficiente para seu proprietário suprir suas próprias necessidades pessoais. Quatro anos depois a Carajá veio conhecer o pouco poderio do comércio local. Segundo Valdir Morgado, locutor desta emissora naquele período: “Naquela época era difícil, no início do rádio de Goiás a pessoa tinha que batalhar. Ele tinha que sair na rua, com pastinha debaixo do braço, ir na loja, vender, gravar o jingle, mostrar, fazia tudo. A pessoa fazia tudo” (informação verbal)⁷⁴⁶.

Os poucos comerciais que os radialistas conseguem são insuficientes para manter os gastos mensais das emissoras (energia, água e os constantes reparos de peças dos equipamentos). Às vezes nem para isso conseguem. Hora ou outra sobram alguns trocados que são divididos entre eles. A receita não é suficiente para pensar em investimentos técnicos e tecnológicos. Neste ambiente o mais importante é manter os aparelhos funcionando. Em decorrência disso, a organização das emissoras não sofre alterações. Os radialistas improvisam para manterem as emissoras operando.

Mas, o trabalho destes primeiros radialistas com os comerciantes locais vai aos poucos surtindo efeito. Pautando às vezes por relações conflituosas, em decorrência das constantes visitas, radialistas e comerciantes vão aos poucos se convertendo em amigos. Pelo

⁷⁴⁵ Sílvio Medeiros, op. cit., 2004.

⁷⁴⁶ Valdir Morgado, op. cit.

cansaço ou por amizade os comerciantes começam a contribuir com a doação de mercadorias, como amigo, sem a crença de que aquilo vai dar certo. Ivo Sassi, que vivenciou o rádio naquele período, relembra que o “[...] Cunha Júnior, quando começou a mexer com a rádio, aumentou a publicidade porque ele era muito dinâmico na coleta de patrocinadores, tinha muito bom relacionamento, corria a cidade todinha” (informação verbal)⁷⁴⁷. O próprio Cunha Júnior relata que tinha que sair de Goiânia:

[...] e ir lá pra Campinas, colher publicidade, fazer os anúncios e, muitas vezes, até receber. Eu tinha que fazer isso. E os anúncios eram dados assim como amizade. Não havia propriamente interesse comercial na veiculação, no retorno comercial (informação verbal)⁷⁴⁸.

Cunha Júnior lembra-se também que seu trabalho foi importante para o rádio nesta época conseguir se firmar com as propagandas. Os comerciantes foram percebendo que suas vendas estavam aumentando em decorrência dos anúncios levados para o rádio. Anos depois, portanto, Cunha Júnior conquista a confiança de alguns que começam a manter um investimento mais constante. Eram poucos, mas já era um número maior do que aquele que conseguia antes.

Com o decorrer da década de 1950, o comércio local foi aos poucos adquirindo forças, aumentando simpaticamente suas vendas. Tudo indica que até por volta de 1956 não havia desenvolvido o suficiente para satisfazer seguramente as necessidades das emissoras, como deixa transparecer Lúcio Lincoln em publicação pelo jornal *Diário da Tarde* em 16 de outubro de 1956⁷⁴⁹.

Sabemos perfeitamente que o comércio e a indústria goianos não têm ainda um desenvolvimento acentuado, permitindo despender verbas astronômicas para propaganda, sem o dinheiro não há possibilidade de se criar um rádio á base de bons elementos, que custam muito.

A RBC, nesse período, cria outras estratégias para suprir seus gastos. Além dos recursos provenientes de seus proprietários, seus diretores experimentam comercializar os programas para empresas locais e nacionais. Naquele ano a emissora mantém três investidores: Irmãos Alves, Eno-Scott e Sociedade Comercial de Automóveis Limitada. Além desses três, conta com o apoio de particulares. O horário de encerramento da emissora, por exemplo, é financiado e dirigido pelo cidadão goianiense Antunes de Oliveira e o programa

⁷⁴⁷ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

⁷⁴⁸ Cunha Júnior. Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

⁷⁴⁹ Silva (2007) demonstra que a publicidade nos meios de comunicação teve um aumento significativo apenas na década de 1960.

esportivo por Abílio Lopes de Almeida. Sílvio Medeiros também cria um programa de auditório com o apoio de uma loja que comercializa artigos para bebês em Goiânia.

Tinha uma firma especializada em roupa de bebê. Aí eu criei lá o programa, ‘Sua Majestade o Neném’. Tinha o trio Irakitan. Esse ‘Sua Majestade o Neném’, serviria para televisão até hoje. Era patrocinado por uma casa de artigos infantis. E o trio Irakitan gravou uma música lá: ‘Sua Majestade o Neném’, uma música muito conhecida. Então servia de prefixo pro programa. Então o que acontecia: eu convocava as mães pra cada uma levar seu bebê, sua criança, pro auditório. Então tinha uma comissão julgadora pra escolher o bebê mais bonito. Ganhava um prêmio, ganhava um enxoval completo durante um ano da loja. Então é isso que a gente fazia (informação verbal)⁷⁵⁰.

A RBC, pelo potencial de seus transmissores, desperta a atenção de investidores de São Paulo⁷⁵¹. Com isso a emissora ganha um aliado para incentivar os comerciantes locais a investirem em propagandas no rádio e finalmente dar o golpe final nas descrenças que há alguns anos já vinha sendo golpeada por José Cunha Júnior. Segundo seu primeiro diretor, José Arantes Costa:

[...] não tinha muito cliente não. Era pouca clientela porque ninguém ainda acreditava em rádio não. Você tinha por na cabeça deles que era interessante vender. Agora ajudava e segurava um pouquinho era os cliente de fora, de São Paulo: Colgate, Palmolive, Gillette. Esses produtos que eles pegavam contrato lá em São Paulo e vinha. Mantinha uma carteira de propaganda aqui (informação verbal)⁷⁵².

Embora os investimentos de empresas nacionais fossem poucos, eles permitiram à RBC manter sua estrutura técnica e tecnológica e, de certa forma, despertar a atenção de anunciantes do Estado. Neste período é a única emissora a portar um aparelho gravador. Com esse aparelho seus radialistas produzem propagandas mais atraentes, sem erro, e ainda permite que tenham um material em mãos para mostrar aos comerciantes. É um importante aliado para conseguir convencê-los.

A rádio Carajá de Anápolis também já havia conquistado alguns anunciantes de outros estados, mas vive situação distinta em termos tecnológicos. Ela não possui um aparelho gravador e seus radialistas continuam pautando pela escrita e pela leitura como método de

⁷⁵⁰ Sílvio Medeiros, op. cit., 2004.

⁷⁵¹ Sarmiento (1990) demonstra que em 1932, coincidentemente o ano em que o uso da propaganda no rádio é autorizado pelo Estado, empresas multinacionais começam a investir no rádio brasileiro, trazendo para o país o profissionalismo na arte de se fazer propaganda. Com isso emissoras cariocas e paulistas tornam-se pioneiras em departamentos comerciais profissionais. Segundo ele, destacaram-se a N.W. Ayer e a J. Walter Thompson.

⁷⁵² Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

veiculação das poucas propagandas que conseguem na região, como colocou Fernando Cunha Júnior:

Olha! Era uma época que ainda não existia agência de propaganda. Então a publicidade de maneira geral, ela era confeccionada, era criada na própria rádio. Na própria rádio a gente criava propaganda e ela era apresentada em textos, lida pelo locutor no estúdio. Dificilmente, praticamente naquela época não existia nem uma propaganda gravada. A propaganda gravada só os anunciantes nacional, o que era relativamente pouco, os grandes anunciantes nacional que de repente mandava discos com a propaganda gravada e essas propagandas então eram levadas ao ar (informação verbal)⁷⁵³.

Ele relata que os principais anunciantes externos que investiam no rádio em Anápolis eram empresas do Rio de Janeiro e de São Paulo⁷⁵⁴ e também empresas de outros países que enviavam anúncios através de seus representantes.

Eu me lembro muito da propaganda da Sidney Ross⁷⁵⁵, que produzia o Calco Róis, Glostone, Melhoral, essas coisas todas. Esses grandes anunciantes nacional via de regra também contratava as rádios locais e usava também para fazer propagandas locais (informação verbal)⁷⁵⁶.

Entre 1950 e 1955, ocorre um singelo crescimento de investimentos no rádio em Goiás, o suficiente para possibilitar que os radialistas pudessem dirigir suas atenções para a elaboração das propagandas, ou seja, eles começam a colocar em evidência a necessidade de torná-las mais atrativas. Assim, em decorrência das limitações da tecnologia do rádio, passam a utilizar músicas para adornar o texto lido pelo locutor. Valdir Morgado explica que na rádio Carajá de Anápolis:

[...] todas as músicas de propaganda era fundo musical de disco. Lá em Anápolis, no início, não tinha o *jingle*, ele era falado. Ele começava com uma música, depois botava em baixo volume, e o locutor anunciava [...] Então tinha um fundim musical, descia, fazia o reclame e descia, 30 segundo. Isso aí era um *jinglezinho* (informação verbal)⁷⁵⁷.

⁷⁵³ Fernando Cunha Júnior, op. cit.

⁷⁵⁴ Klöckner (2008, p. 68) observa que a partir de 1953 os meios de comunicação no Brasil abrigaram empresas do porte da Standard Oil of New Jersey (Esso Brasileira de Petróleo), The Sidney Ross, Coca-Cola, Johnson & Johnson, Atlantic, Colgate-Palmolive, The Eno Scott – todas norte-americanas –, além da inglesa Shell.

⁷⁵⁵ A multinacional Sidney Ross divulgou seus medicamentos (Melhoral, Sonrisal, Cibalena etc.) no rádio goiano por meio de novelas. Segundo Godinho (2006, p. 98), “[...] em São Paulo onde a Sidney fosse, os outros anunciantes viriam atrás”.

⁷⁵⁶ Fernando Cunha Júnior, op. cit.

⁷⁵⁷ Valdir Morgado, op. cit.

No relato de Valdir Morgado, nota-se, no entanto, que o *jingle*⁷⁵⁸ veiculado por emissoras em Goiás na primeira metade da década de 1950, é distinto daquele produzido pelas grandes emissoras do país⁷⁵⁹. Não se trata de uma propaganda cantada, mas tão somente da leitura de um texto acompanhada de uma música ao fundo. Esta concepção é alterada naquele período em decorrência dos *jingles* que emissoras e gravadoras de outros estados enviam para as emissoras locais veicularem em sua programação. Vejamos um exemplo.

A Figura 66 refere-se a um vinil com três propagandas de produtos da Gillette. Estas foram elaboradas em forma de *jingles*. Em uma das propagandas, do barbeador Gillette Azul, só para citar um exemplo, seus produtores intercalaram narração e música. A música é executada com instrumentos de sopro e interpretada por um homem e por um coral de mulheres. A mensagem enfatiza que um bom dia pode ser possível com o uso diário do barbeador. Vejamos:



Figura 66 – Disco 78 RMP de 1961 com três *jingles* da Gillette, enviados à RBC por empresas de São Paulo.
Fonte: Museu da Imagem e do Som, Goiânia, 2013.

Com prazer e alegria/faço a barba todo dia/com Gillette Azul.
E com a barba bem feita assim/tudo azul pra mim.
A cada passo um sorriso e um abraço/com a barba bem feita assim/tudo azul pra mim/e pra você também.
Dê ao teu rosto um alegre bom dia/fazendo a barba todo dia/com Gillette Azul/com Gillette Azul, com Gillette Azul, tá?
Fonte: Museu da Imagem e do Som de Goiânia.

Juvenal de Barros lembra que algumas agências enviavam apenas o texto e na emissora era preciso encontrar uma maneira mais atrativa para divulgá-lo: “Tinha comerciais que eram feitos até por diálogos, eram dialogados. Era feito por um ator e por uma atriz, a

⁷⁵⁸ Silva (2007, p. 19) demonstra em seu estudo que nesse período não havia como gravar *spot* ou *jingle*, porque o custo de uma gravação era praticamente a verba total da veiculação em 30 dias, ou 60 dias, que era o máximo. Os *spots* e *jingles* eram gravados apenas em São Paulo, na Magisom da Rua Barão de Itapetininga, onde trabalhavam Gilberto Martins, o maior jinglista do país, Victor Dagô, Walter Santos e o Waltinho Freitas, compositor e arranjador da gravadora. Havia ainda, o Estúdio RGE, do José Scatena, que também gravava *spots* e *jingles*.

⁷⁵⁹ O *jingle* concebido pelas grandes emissoras é a propaganda cantada, musicada. Geralmente convidavam artistas famosos para fazer suas gravações, como fez Ademar Casé pela então rádio Philips, o criador do primeiro anúncio comercial musicado no rádio brasileiro em 1932, que contou com artistas como Cármen Miranda, Francisco Alves, Sílvio Caldas, Mário Reis e os irmãos Marília e Henrique Batista (TINHORÃO, 1981, p. 90). Mas a principal referência para esse tipo de propaganda no rádio brasileiro foi o programa Um Milhão de Melodias, criado para o lançamento da Coca-Cola no Brasil em 1943 pela rádio Nacional do Rio de Janeiro (SAROLDI; MOREIRA, 2005, p. 60).

radionovela. Era comerciais que já vinha produzido o texto, o script, já vinha produzido das agências. A Walter Thompson, a marca Ericsson...” (informação verbal)⁷⁶⁰.

A criatividade despendida em emissoras dos grandes centros na produção das propagandas que chega neste período no rádio em Goiás, desperta a atenção dos radialistas. Em uma publicação do jornal *Nova Capital* (23 ago. 1955), há uma passagem de um artigo com o título “Propaganda: arte e técnica”, em que o autor Geraldo Vale afirma que o pouco investimento do “comércio sertanejo” ao rádio está associado ao formato das propagandas que são produzidas pelas emissoras locais: “O comércio sertanejo ainda não dá à propaganda o valor que merece. E em parte com razão, pois propaganda mal feita não cumpre sua finalidade que é o de levar dinheiro para o caixa”.

Neste período, começam a surgir discussões em torno da necessidade de profissionalização do processo de produção de propaganda para o rádio. Nesse sentido, como coloca Godinho (2006, p. 71):

A consciência de tratar a propaganda como uma técnica, com regras e conceitos, chegou respectivamente tanto para os empresários como para os futuros publicitários, muitos deles já atuando em áreas paralelas, como Cunha. Além do mais, as agências do eixo Rio-São Paulo começaram, a partir da consolidação de *O Popular* e da *Folha de Goiaz*, a autorizar anúncios impressos, escancarando para o Estado como se fazia uma propaganda bem-feita. O fato de grandes clientes nacionais começarem a mostrar a cara por aqui sacudiu o mercado, exigindo uma profissionalização.

O trabalho que as emissoras desenvolveram na primeira metade da década de 1950, não resta dúvida, contribuiu para o desenvolvimento da crença na propaganda e sua ampliação para todo o Estado. O rádio, portanto, prestou um grande serviço em prol do desenvolvimento comercial de Goiás, uma vez que o crescimento das vendas ocorre simultaneamente ao crescimento dos anúncios no rádio.

O ano de 1955 desponta anunciando uma nova época, aparentemente promissora para o rádio. Os radialistas voltam suas atenções para o campo publicitário. As dicas de como fazer uma boa propaganda com os poucos recursos tecnológicos existentes são constantemente divulgadas nas colunas de jornais. Em uma das publicações ressaltam:

Um anúncio deve ser bem temperado. E o único tempero que se conhece é TALENTO. Deve ser bem apresentado. E o único fator de boa apresentação é o SENSO ESTÉTICO. Um bom anúncio é uma obra de arte e seu valor nunca está na complicação e mesmo na extensão mas sempre na clareza, na beleza e na simplicidade (*NOVA CAPITAL*, 23 ago.1955).

⁷⁶⁰ Juvenal de Barros, op. cit., 2009.

A partir deste período, a racionalização do anúncio avança. O acaso, antes predominante no seio das emissoras, dá lugar à planificação e à sua formalização. Daqui para frente evidencia-se a ideia de que “[...] nenhuma propaganda deve ser feita ao acaso, sem planejamento prévio rotineiramente. Planeja-se uma propaganda como se planeja um edifício. Tem cumieiras, tem platibanda, tem colunas na frente!” (*Ibidem*).

A racionalização da publicidade em Goiás culmina com o surgimento da rádio Anhanguera de Goiânia. Esta emissora inicia suas atividades com uma equipe voltada exclusivamente para a área comercial⁷⁶¹, equivalente, senão mais especializada, do que aquela existente na RBC.

Em 1956, os radialistas goianos recebem o apoio da Bannif Publicidade⁷⁶² em Goiânia que amplia o trabalho publicitário até então realizado pela WM⁷⁶³. Com uma grande força comercial, chega a alugar horários na RBC e na rádio Anhanguera. Seu lema pauta pela máxima: “No mundo da concorrência, o pagamento acaba sendo um meio de sua superação” (*DIÁRIO DA TARDE*, 5 nov. 1956).

Neste período, a propaganda mostrou pela primeira vez sua real força (GODINHO, 2006, p. 59). José Cunha Júnior ressalta que com a ampliação da publicidade o “[...] rádio passou a ser autossuficiente. Tinha direito ao dinheiro que entrava com essa propaganda. E aí foi outra maneira do pessoal se conscientizar e entrar pra faixa da necessidade do rádio como elemento atuante, como elemento de renda” (informação verbal)⁷⁶⁴.

Enfim, 1957 apresenta-se definitivamente como o ano em que se iniciam os novos tempos para a publicidade no rádio em Goiás, pelo menos para as emissoras de Goiânia e de Anápolis. No início deste ano cresce o investimento no rádio, como demonstra o *Diário da Tarde*, ao abordar o sucesso dos programas de auditório de emissoras de Goiânia: “O

⁷⁶¹ A RBC é a única emissora que possuiu um setor específico voltado para a corretagem até 1955. Mas o que era o corretor? Era o sujeito que corria atrás do comerciante para arranjar anúncio (*DIÁRIO DA TARDE*, 20 set. 1957).

⁷⁶² Em 1957, foram criadas as Publicidades Associadas, de propriedade de Dúlio e Duílio Costa, e, no mesmo ano, a Goiás Publicidades, Goiás Painéis e a Cannes Publicidades (*DIÁRIO DA TARDE*, 19 out. 1957). Esta última, em parceria com jornal *O Anápolis*, cria uma coluna nesse jornal com o intuito de racionalizar o campo publicitário em Goiás. Em outra nota publicada, deixa transparecer que essas empresas representavam uma ameaça às emissoras, como definiu “empresa publicitária”: “[...] veículo perigoso que está pondo o rádio em perigo, os corretores assombrados e as estações em polvorosa” (*DIÁRIO DA TARDE*, 20 set. 1957).

⁷⁶³ Primeira agência publicitária de Goiás. Foi criada em 1952 na cidade de Goiânia. WM são as iniciais do nome de seu próprio criador, Walter Meneses. Em entrevista ele explica que essa agência realizava seu trabalho através de programas de rádio (rádio era o melhor veículo da época). A agência manteve no ar os seguintes programas: RBC (Sob os Céus de Goiás, Alô Brasília), Rádio Clube de Goiânia (Vozes da Cidade, Trindade em Foco). Era ele que montava e apresentava os programas, pautado por música clássica, comentários, noticiários, música caipira etc., (AGI, 1980, p. 353).

⁷⁶⁴ José Cunha Júnior, op. cit., 2006.

desenvolvimento do comércio local muito tem contribuído para essa auspiciosa fase do rádio goianiense. Bom sinal” (*DIÁRIO DA TARDE*, 3 jan. 1957).

O campo publicitário em Goiás ganha força. Em julho de 1957, é criada a Associação Goiana de Propaganda⁷⁶⁵, instituição que demarca definitivamente a transição da propaganda pautada pelo amadorismo à propaganda de cunho profissional, como ressalta Walter Góis, radialista em Goiânia naquela época: “Propaganda é maneira racional e cientista de se vender o maior número, aquilo que se fabrica ou se tem a venda. Propaganda é permanência constante da marca ou produto no mercado e o asseguramento normal dos negócios” (*O POPULAR*, 25 dez. 1957).

Walter Góis, tomando como parâmetro de análise a racionalização da propaganda, questiona naquele momento se de fato existe propaganda em Goiás. Ele afirma que ainda não, pelo fato de não haver uma consciência clara sobre as questões que são necessárias para a sua elaboração. E nesse sentido, a formação profissional do indivíduo para atuar no campo da produção publicitária é essencial. Do seu ponto de vista os publicitários confundem economia com “mercenarismo”. Segundo ele:

O homem que trabalha com propaganda deve possuir boa cultura, aptidões intelectuais marcantes, criação, imaginação, invenção. O publicitário precisa criar argumentos convincentes para vender o produto que anuncia. Tem ele o dever de possuir capacidade de compreensão⁷⁶⁶.

A Associação Goiana de Imprensa, para Walter Gois, é uma medida salvadora para a propaganda goiana. Com esta instituição pode-se estudar os problemas para corrigi-los. É uma proposta importante para compreender que Goiás necessita de prosperidade; de perceber que o publicitário tem um papel importante neste Estado. Por isso a importância do aperfeiçoamento e “[...] aprimoramento físico, moral e intelectual dos que trabalham com publicidade em Goiás”⁷⁶⁷. Enfim, esta Associação tem como objetivo reunir todos aqueles que atuam no campo da publicidade no Estado⁷⁶⁸ para “fomentar a publicidade em Goiás”. Com este intuito ele propõe uma reunião aos interessados.

⁷⁶⁵ Isorico Barbosa de Godoy foi o primeiro presidente desta instituição. Organizou o I Congresso da Propaganda em Goiás. Sua equipe foi formada por vice-presidente: Walter Meneses, Jeovah Baylão e Zander Campos; secretário geral: Adory Otoniel da Cunha; 1º secretário: Dely Vieira; 2º secretário: J. Eduardo Soares; 1º Tesoureiro: Aluísio Neves e 2º Tesoureiro: Tamires Tavares (*O POPULAR*, 20 out. 1957).

⁷⁶⁶ Walter Góis, op. cit.

⁷⁶⁷ Ibidem.

⁷⁶⁸ Zander Campos se encarregou de contactar os publicitários de emissoras do interior para integrarem a Associação. Uma estratégia criada por seus criadores para despertar interesse de associados foi oferecer vantagens a quem a integrasse como “[...] desconto de 50% em passagens aéreas, e organização de cursos público e melhores condições éticas-profissionais para o publicitário goiano” (*O ANÁPOLIS*, 9 jul. 1959).

No primeiro encontro ele propõe que todos os indivíduos que atuam no campo publicitário em meios de comunicação em Goiás participem do I Congresso Brasileiro de Propaganda, programado para ocorrer “entre os dias 29 e 31 de outubro de 1957, na sede da ABI, no Rio de Janeiro” (*O POPULAR*, 1 set. 1957). A pauta de discussão desse congresso gira em torno de: 1. Código de ética; 2. Aspectos jurídicos das relações da agência com o fisco e os anunciantes; 3. Subsídios para a regulamentação da profissão publicitária; 4. Padronização de impressos; 5. Uniformização contábil; 6. Criação de um órgão do controle de tiragem e circulação; 7. Estímulo a ensino da propaganda; 8. Maior eficiência técnica.

Em setembro de 1957, Jurandir Campos, que dirigiu uma seção de publicidade do New York Times nos Estados Unidos, cria a escola de jornalismo Carper Libero em Goiânia. É mais uma opção e tentativa de profissionalização dos radialistas goianos, voltada especificamente para a especialização da produção de propagandas (*O POPULAR*, 22 set. 1957). Radivair Miranda de Itumbiara afirma que alguns de seus companheiros participaram dessa escola em Goiânia, o que demonstra que organizações voltadas para a radiodifusão desta cidade acabou apoiando o desenvolvimento da radiodifusão no interior.

Naquele ano, os anúncios começam a aparecer no rádio de maneira mais significativa e os radialistas, enfim, percebem as primeiras rachaduras nas descrenças na propaganda reinante nos anos anteriores. Visando manter uma relação mais segura com o comércio e garantir uma cota mensal de propagandas, os radialistas propõem o “anúncio a prazo”, ou seja, o anunciante passa a ter até o último dia do mês para efetuar o pagamento: “O anúncio é sempre feito fiado. Significa uma confiança que a emissora deposita no comércio e além de tudo o comerciante tem um prazo de 30 dias para o pagamento da importância” (*DIÁRIO DA TARDE*, 2 dez. 1957).

Mesmo com essa iniciativa dos radialistas os pequenos comerciantes encontram dificuldades para efetivar o pagamento.

Os melhores pagadores do rádio goiano são exatamente os que mais anunciam. Os que têm as menores faturas são os piores pagadores e muitos fazem os cobradores, segundo nos afirmou um deles, dar até quarenta viagens para receber pequenas faturas⁷⁶⁹.

No decorrer daquele período, comércios e indústrias continuam se estabelecendo em Goiás. Goiânia e Anápolis sofrem um considerável avanço comercial, como foi notado por Galli (2007) em seu livro *A História do Comércio Varejista em Goiânia*. Apesar das dificuldades que enfrentam os pequenos comerciantes continuam sendo a fonte mantenedora

⁷⁶⁹ Ibidem.

das emissoras. Em 1957, a RBC divulga sua receita pelo *Diário da Tarde* (18 mar. 1957), e nota-se o quanto são de fato significativos.

Publicidades	3.454.136,50
Anúncios Diversos	60.849,30
Renda de Auditório	38.495,00
Gravações	6.480,00
Receitas Diversas	22.468,60
Lucros Bancários	348,40
Descontos Recebidos	241,80
Recuperação de Despesas	11.772,90

O mercado consumir de Goiás cresce neste ano. Com isso o investimento na radiodifusão aumenta simultaneamente:

[...] porque não tinha outra coisa de comunicação. E também era barato, anúncio naquela época era muito barato. Pegava muito. O cara que pagava muito, tacava comercial. A gente passava uma música e tacava comercial. Então você chegava no anunciante e falava: - Vou passar dez vezes no dia. Era mais ou menos isso (informação verbal)⁷⁷⁰.

Nesse período, o espírito comercial começa a prevalecer em torno do rádio em Goiás. Moraes César, por exemplo, considerado um líder de audiência em Goiânia, torna-se alvo de críticas por dar mais prioridade à propaganda do que à música em seu programa ‘Nossa Fazenda’, como observa os redatores do jornal *Diário da Tarde* (25 set. 1957): “Há falta de músicas, e excesso de propaganda comercial. É necessário uma distribuição quantitativa”. Já as músicas do programa “Parada Musical” da rádio Clube de Goiânia são interrompidas para a veiculação de anúncios.

Êste programa da Rádio Clube é líder em audiência dentro do seu horário, mas mesmo assim está a merecer alguns reparos. Tivemos oportunidade de ouvi-lo e notamos que sempre são cortadas as melodias para serem lidos textos comerciais. Seria preferível que assim não fosse feito, pois das sete gravações que foram apresentadas nenhuma foi tocada até o fim (*DIÁRIO DA TARDE*, 25 set. 1957).

O avanço comercial e o aparecimento de agências de publicidades preocupam as emissoras, e neste contexto imputam uma tarefa aos seus departamentos: a de serem autônomos na produção e arrecadação de publicidades. A partir daí buscam especializar suas equipes, provocando assim, uma ampliação dos departamentos comerciais no rádio.

⁷⁷⁰ Valdir Morgado, op. cit.

O trabalho de corretagem sai definitivamente das mãos dos locutores e passa a ser realizado, quase que exclusivamente, por indivíduos contratados para atuar no campo publicitário. Nesse período, cresce a importância do “[...] diretor comercial, aquele que respondia pela publicidade, aquilo que ia ao ar; vê se o texto tava bom ou não, se a qualidade da propaganda tava razoável” (informação verbal)⁷⁷¹. E assim, cada emissora cria o seu departamento comercial.

Com os departamentos comerciais a profissionalização da comunicação radiofônica em Goiás intensifica-se. Nesse sentido, para melhorar a qualidade da apresentação dos anúncios começam a colocar um locutor exclusivamente para fazer a locução comercial⁷⁷². Durley Montalvão apresenta detalhes deste profissional.

A função do locutor comercial é que se eu estou aqui do lado do locutor animador; o locutor alegre o programa, brinca, brinca, brinca... Em dado momento ele me dá o sinal e eu entro com a propaganda, sério, não participo da brincadeira; faço o meu comercial, aí ele volta etc. etc., eu volto de novo, se eu tiver duas eu dou sinal pra ele de duas ou de três, porque eu fazia dois, três comerciais em seguida, porque eram feitos nas plaquinhas, o comercial e o horário de inserção e tudo mais. Então o locutor comercial era a figura que existia. Então para gerar o programa nós tínhamos: o discotecário, técnico de som, o locutor/animador e o locutor/comercial. Eu fiz locução comercial muitos anos, que é esse locutor que fica ali do lado, aquele tipo do Sílvio Santos:

- Fala Lombardi, e tal...

Só que aquilo existia oficialmente, pelo menos na nossa região, não sei se nos outros tinha, oficialmente existia essa figura. Então às vezes o locutor animador passava a bola pra gente:

- Vamos ao recado com Durley Montalvão!

Aí o Durley entrava com os comerciais dele. Então era os patrocinadores do programa, ou não, às vezes era os patrocinadores de toda a programação da emissora, mas tinha inserções naqueles horários tais. Então trocava-se o locutor comercial como se troca o locutor animador. Às vezes o locutor comercial fica em dois ou três programas. Quando o programa era curto, programa de uma hora, por exemplo, passava dois, três programas, dois locutores animadores, e um só comercial ficava lá dentro (informação verbal)⁷⁷³.

Emissoras que emergem em Goiás a partir da segunda metade de 1950, estabelecem relações com a publicidade semelhante ao que é feito em Goiânia e em Anápolis, ou seja, criam um setor comercial com um indivíduo para manter contato com o anunciante, outro para organizar o texto a ser veiculado e outro para fazer a locução: “Então tinha os agentes de

⁷⁷¹ Duarte Martins, op. cit.

⁷⁷² Norton Camargo e Vicente Filho eram dois locutores de comerciais de destaque no final de 1950. Trabalharam em emissoras de São Paulo e foram contratados pela RBC, Clube e rádio Difusora de Goiânia (*DIÁRIO DA TARDE*, 3 abr. 1959).

⁷⁷³ Durley Montalvão, op. cit.

reclames que pegava, comercializava e se responsabilizava pra ir lá pegar a fatura e de receber” (informação verbal)⁷⁷⁴.

A corrida pela estruturação de seus departamentos comerciais, tendo em vista o objetivo de abocanhar uma parte maior dos anunciantes, leva a rádio Carajá de Anápolis a revolucionar a maneira de se apresentar propagandas em Goiás. Seu departamento comercial cria no início de 1958, o sistema de “textos foguetes”, em substituição às memoráveis propagandas sistematizadas em longos textos.

Os “textos foguetes” são produzidos no formato da propaganda objetiva, pequena e rápida. Além disso, é uma maneira de atender aos pequenos comerciantes, pois a propaganda pode ser comercializada por preços mais baixos. Para as emissoras é também uma boa alternativa para colocarem um volume maior de anúncios em sua programação.

Notamos textos interessantes como o ‘A ROYAL AUTO PEÇAS TEM DE TUDO PARA SEU CARRO’, ou ainda um lançado esta semana ‘beba cinquentenária, a melhor cachaça’. A Imperial extra melhorou também sua propaganda substituindo um jingle já maçante por foguetes originais como o ‘IMPERIAL EXTRA NÃO É ROUPA FEITA, É ROUPA BEM FEITA’ (*O ANÁPOLIS*, 26 jan. 1958).

Assim, com a criatividade de seu departamento e a melhoria em suas transmissões, neste mesmo ano ela consegue despertar a atenção da empresa norte-americana produtora do sabonete Lever. Recebe uma carta de sua representante no Brasil, a Lintas-Publicidades, por meio da qual demonstra interesse em fazer anúncios na emissora em decorrência de sua audiência. Segundo a Lintas-Publicidades:

Como se trata de uma campanha de grande importância, cujos bons resultados muito nos interessam, tivemos o cuidado de fazer uma rigorosa seleção de veículos para a divulgação da mesma. E, como não podia deixar de ser, sua emissora foi incluída entre aquelas que levarão nossa mensagem aos seus ouvintes, isto porque conhecemos plenamente a audiência e o prestígio da mesma (*O ANÁPOLIS*, 16 mar. 1958).

Em 1958, a publicidade aumenta mais no rádio do que no ano anterior. Isso favorece também o fortalecimento das agências de publicidade. E assim, com uma arrecadação significativa “[...] de comerciais de pequena duração passou a patrocinar programas inteiros” (GODINHO, 2006, p. 59).

Silva (2007) demonstra em gráficos que a receita bruta da Cannes, empresa de publicidades criada em Goiânia em 1957, cresce surpreendentemente a partir de 1960.

⁷⁷⁴ Juvenal de Barros em depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

Vejamos: em 1957, tem um lucro de Cr\$ 134.000,00 cruzeiros; em 1959, é quase seis vezes maior, chegando a Cr\$ 674.000,00. Em 1960, sobe para Cr\$ 3.442.100,00 cruzeiros; esse valor duplica no ano posterior e em 1962, chega a Cr\$ 11.351.590,00. Em 1964, atinge a soma de Cr\$ 90.949.830,00.

As agências de publicidades fundadas em Goiânia tornam-se autônomas na criação e gravação de propagandas em Goiás, que antes estava a cargo de empresas de outros estados. Disponibilizam este serviço para emissoras goianas. No entanto, as emissoras mais estruturadas continuam mantendo essa atividade nas mãos de profissionais contratados para atuar na própria emissora. Já as emissoras do interior, que não dispõem de uma tecnologia e uma receita que garanta a produção de propagandas gravadas, buscam por esse serviço na capital, a exemplo da Difusora de Rio Verde.

Nós não tínhamos estúdio de gravação na época lá em Rio Verde. As gravações, eventuais gravações que nós rodávamos no rádio, feitas lá em Rio Verde, era feita no ar. E você errava, e corrigia, errava, e corrigia, e as pessoas estavam ouvindo aquilo e também ficou comum. Quem tinha poder aquisitivo maior, buscava aqui na Capital, porque aqui já tinha estúdio especial pra gravação (informação verbal)⁷⁷⁵.

Radivair Miranda, da rádio Difusora de Itumbiara, afirma que “[...] em Goiânia mesmo tinha várias agências que mandava muita propaganda pra gente” (informação verbal)⁷⁷⁶. Porátio, locutor da rádio Cultura de Ceres, por muitas vezes foi a Goiânia levar textos de seus patrocinadores para serem gravados.

Em Goiânia tinha muitas gravadora de agências publicitárias. Cada agência publicitária tinha seu estúdio. Eles eram tudo meus amigos, eles gostavam, porque eu não sei se era porque eu era do interior, eu ia com ele [com Domingos, proprietário da emissora], auxiliar, fazia questão. Levava tudo já digitadim, tudo bonitinho, os caras gostava daquele serviço meu. Falava: - Pô você trabalha no interior e traz tudo bonitinho. Para os cadastrados a gente tem que fazer tudo para eles! Eu já levava tudo prontinho. Dez minutos que eu ia eles gravava 20, 30 comercial para mim. Não tinha problema (informação verbal)⁷⁷⁷.

As pequenas emissoras, no entanto, não conseguem muitos patrocinadores, por isso, continuam com dificuldades em gastarem um pouco mais com a gravação de propagandas nas agências que disponibilizam este serviço. Por este motivo, continuaram mantendo o jeito tradicional de se fazer propaganda, como expressa Getúlio de Souza, locutor da rádio Alvorada de Rialma: “A propaganda era feita toda no gogó, a emissora não tinha gravador [...]

⁷⁷⁵ Durley Montalvão, op. cit. Esta entrevista foi gravada em Goiânia.

⁷⁷⁶ Radivair Miranda, op. cit.

⁷⁷⁷ Porátio, op. cit., locutor da Cultura de Ceres.

Então, naquela época, a propaganda era lida na hora, o locutor lia ali na hora” (informação verbal)⁷⁷⁸. Duarte Martins, da Difusora de Jataí, acrescenta:

Nós tínhamos o famoso *set*. Vinha gravação, às vezes, de fora. Vinha os acetatos, os *jingles*, pra você rodar lá. Às vezes, num disco vinha várias faixas de propaganda, ou, às vezes, uma mesma propaganda vinha gravada várias vezes pra poder você ter condições de reproduzir muitas vezes, então vinha. Aí o que acontecia: uma ficha era colocada assim numa escrivaninha, numa caixinha, e ela era dividida por setor. Então tinha o horário. De tantas e tantas horas você tinha que rodar isso aí. Chamava *set*. Você rodava. Aí quando chegava naquele horário, 10h30 tem que rodar esse *set* aqui. Tirava ele e botava aqui e lia a propaganda. No espaço musical entre uma e outra você lia o texto, aí entrava a música (informação verbal)⁷⁷⁹.

A limitação tecnológica das emissoras do interior exigiu certas habilidades dos locutores na propagação da propaganda. Tinham que encontrar uma maneira de despertar a atenção do ouvinte. João Batista Freitas apostou na objetividade.

Você lia um texto de propaganda, aquele texto ficava incutido no ouvinte. Quer ver, tinha um texto, que eu até decorei, da Max Factory, parece. Era assim:

- Faça você o tratamento de beleza um hábito agradável. Use diariamente os produtos de Elizabeth Garden.

Então era uns textos assim curtos, mas, objetivos (informação verbal)⁷⁸⁰.

Agora, um dado interessante é que as agências de publicidade tomam conta da programação do rádio naquele período. Apesar das principais emissoras não contratarem seus serviços, elas comercializam seus horários para as mesmas. Manoel Basílio, enquanto a licença para a inauguração da rádio de Inhumas não é liberada, critica as emissoras e defende a ideia de que não deveriam vender seus horários para essas empresas. Para ele, “[...] a infiltração de firmas de propaganda no rádio goiano, apresentando o seu famoso chá-de-textos, prejudica muito a audiência das emissoras, que deveriam dar a publicidade a vinte por cento, e não vender os horários às citadas Emprêsas” (*TRIBUNA DE INHUMAS*, 3 out. 1959).

O crescimento de investimentos realizados por empresas de publicidade no rádio é um sinal de que o rádio também está prosperando. A prestação de contas apresentada pela rádio Anhanguera em 1959, demonstra que o rádio em Goiás, pelo menos na capital, havia superado as intempéries dos anos anteriores.

Já no presente exercício tivemos a satisfação de ver consignado no Balanço um saldo positivo de Cr\$ 416.589,30 que representa um avanço fabuloso em

⁷⁷⁸ Getúlio de Souza, op. cit., locutor da Alvorada de Rialma.

⁷⁷⁹ Duarte Martins, op. cit., locutor da Difusora de Jataí.

⁷⁸⁰ João Batista Freitas, op. cit., locutor da Alvorada de Rialma.

relação aos resultados negativos registrados anteriormente. Está plenamente consolidada a vida da empresa e, segundo previsões do Departamento Comercial, teremos no exercício vindouro uma receita da ordem de 10 milhões de cruzeiros (*DIÁRIO DA TARDE*, 10 abr. 1959).

Já o investimento de empresas de outros estados no rádio em Goiás continuou aumentando. A rádio Imprensa de Anápolis, por exemplo, estabelece contatos com empresas cariocas e paulistas em detrimento da influência política e da popularidade de Ana Khoury.

Em permanente contacto com as fábricas do Rio e de São Paulo, procura dar aos seus ouvintes, durante os seus vários programas do dia, os últimos sucessos e as mais recentes gravações do momento [...] é o êxito que as firmas anunciantes desta emissora vêm observando através do aumento de suas vendas e a divulgação rápida de seus produtos (*O ANÁPOLIS*, 1 nov. 1959).

Além do contato estabelecido por Ana Khoury, José Cunha Gonçalves observa que a emissora era contatada também por representantes comerciais que percorriam o interior do Brasil comprando horários em emissoras de rádio.

Naquela época, você também tinha a figura do representante comercial. Nós contamos aqui com uma firma chamada Rede L&C⁷⁸¹ de São Paulo, que foi uma das mais famosas no Brasil. Então eles representavam rádios no Brasil inteiro não só sob o ponto de vista comercial, mas também artístico. Então nós tivemos na rádio Imprensa, por exemplo, uma das origens do programa Sílvio Santos, a mesma vinhetinha que ele usava até bem pouco tempo, aquela:

- Sílvio Santos vem aí!

Era o programa que ele gravava para distribuir pras rádios (informação verbal)⁷⁸².

Em 1960, as propagandas tomam conta da programação do rádio em Goiás. Um ouvinte que reside em Goiânia, Rubens Fleury, escreve para *O Popular* para protestar contra a calamidade criada pela quantidade de propagandas no rádio. Em sua assertiva deixa transparecer que não é o caso apenas dos programas de emissoras da capital. Segundo ele, “a tal de propaganda é uma calamidade na radiofonia goiana. Às vezes ficamos mais hora ouvindo as estações da terra, e não conseguimos u’a música se quer. A propaganda está acabando ou já acabou com o rádio de Goiás” (*O POPULAR*, 18 fev. 1960).

A década de 1960 desponta como o tempo áureo para o rádio deste Estado, no que diz respeito à estreita e segura relação que mantém com a publicidade. Os recursos

⁷⁸¹ Uma empresa de representação que ia muito além dos aspectos comerciais, porque praticava, pela primeira vez, o marketing, a estratégia de programação, a programação feita e elaborada em cima de pesquisa. Era o começo da fusão da sensibilidade com a técnica no rádio (CASALI, 2004, p. 217).

⁷⁸² José Cunha Gonçalves, op. cit., 2012.

tecnológicos melhoram assim como a profissionalização interna das emissoras. Novos e grandes investidores de outros estados investem ainda mais no rádio em Goiás. A rádio Santana de Anápolis, pelo crescimento de sua audiência, cede o seu departamento comercial a Armando Sganzerla, um dos sócios do Grupo Executivo Roberto Spindola, de São Paulo, que, naquele momento, março de 1963, ocupa a direção comercial da popular Rádio Emissora ABC de Santo André (*O ANÁPOLIS*, 14 mar. 1963).

Neste contexto, enquanto emissoras de Anápolis e de Goiânia estruturam e especializam seus departamentos de publicidade, é notável que as emissoras que surgem no interior mantêm sua organização interna a um passo atrás. Não resta dúvida que a caminhada já trilhada por aquelas é uma contribuição importante para começarem um passo à frente, afinal a descrença na propaganda parece não ser mais presença nas cabeças de todos os comerciantes do Estado. Para citar um exemplo, a rádio Cultura de Catalão neste período consegue:

[...] propaganda de todo lado, Goiandira, mais pra frente, que a emissora melhorou mais, teve propaganda até de Araguari. Foi melhorando... Assim, com o tempo, ela ficou mais possante. A gente tinha propaganda até de Uberlândia, da Jóia Dada, eu num esqueci até hoje. Falava demais, os trechim pequininim: Jóia Dada, praça Tubaldo Vilela, Uberlândia (informação verbal)⁷⁸³.

Assim como Nahas observa a respeito da Cultura de Catalão, outras emissoras também conseguem estabelecer contatos com empresas de outros estados. Outro exemplo é a rádio Alvorada de Rialma, que segundo Getúlio de Souza: “Bozano, essas coisas pegava, uma cotinha pequena, mas tinha” (informação verbal)⁷⁸⁴.

A proximidade da rádio Jornal de Inhumas com Goiânia talvez tenha sido motivo para ser uma das poucas emissoras do interior a garantir um maior número de anunciantes externos. Segundo Irondes de Moraes:

Propagandas das grandes empresas já vinham prontas: Casas Pernambucanas, Casas Buri, A Revolução, Lojas Riachuelo, eram as maiores empresas pra fazer propaganda, que eram empresas filiais, e faziam no país inteiro. Então lá chegava os disquinhos deles e era só tocar. Fora isso, era lida (informação verbal)⁷⁸⁵.

A rádio Difusora de Rio Verde é outro exemplo de emissora do interior que manteve uma receita com anúncios de empresas de outros estados. Antônio Edson se lembra “que a

⁷⁸³ David Nahas, op. cit.

⁷⁸⁴ Getúlio de Souza, op. cit.

⁷⁸⁵ Irondes de Moraes, op. cit.

Sidney Ross patrocinava muito, Pílulas de Lussen. Os laboratórios da Faison Corporation, eles tinham alguma publicidadezinha, esses remédios mais populares” (informação verbal)⁷⁸⁶.

Apesar destas publicidades, a maioria das emissoras do interior de Goiás continua com dificuldade em garantir a manutenção de seus radialistas. As pequenas cotas recebidas por anunciantes locais e de outros estados não são suficientes para arcar com as despesas. E como pagar os salários com um comércio dominado por pequenos e restritos comerciantes que investem pouco no rádio? Não há outra saída senão improvisar. A rádio Clube de Buriti Alegre, por exemplo, como vimos no tópico anterior, encontra na criação de eventos esportivos um meio para garantir a manutenção de seus profissionais: “O comércio em Buriti Alegre naquela época era muito fraco. Eu ganhava sessenta cruzeiro por mês, dois cruzeiro por dia. Eu tinha um salário fixo. Se fosse pelo comércio eu não ganhava nada” (informação verbal)⁷⁸⁷.

João Batista Freitas, locutor da rádio Alvorada de Rialma, relata que nunca simpatizou com o trabalho de corretagem e, devido a isso, recebia um salário e atuava exclusivamente em atividades no interior da emissora. Mas, em consequência da insuficiência de cotas publicitárias para pagar seus funcionários, José Pedro Rêgo permite a corretagem aos mesmos como medida para saldar os gastos e conseguir pagar os salários. João Batista esclarece que a corretagem é o principal atrativo para o locutor.

O que o locutor fatura não é o salário dele de locutor, que deve ser baixíssimo. O que ele fatura é a montagem de um programa e ele conseguir patrocínio, ou seja, conseguir propagandas. Então ele sai fazendo um serviço de corretagem. Então vai numa grande loja, tem o responsável pela mídia lá, e procura ele e apresenta o programa dele e pega lá uma cota de um, de outro pra patrocinar. Assim é que se ganha dinheiro (informação verbal)⁷⁸⁸.

Emissoras do interior do Estado, portanto, contribuíram para o aumento do raio de ação do comércio no rádio em Goiás. Algumas delas conseguiram alçar um degrau a mais com a publicidade, enquanto outras continuaram com a ideia de que era preciso conseguir pelo menos o suficiente para manter seus aparelhos funcionando. Emissoras de Goiânia e de Anápolis tiveram mais condições de avançarem, pois os grandes comerciantes e as maiores receitas publicitárias foram apostados nelas.

⁷⁸⁶ Antônio Edson, op. cit.

⁷⁸⁷ Eduardo Ferreira, op. cit.

⁷⁸⁸ João Batista, op. cit.

4.7. Rádio e religião em Goiás.

O rádio em Goiás naquele período abre espaço para programas religiosos. O desenvolvimento do Estado, desta forma, recebe por meio deles outras contribuições para avançar. A religião no rádio, no entanto, não é algo novo. De acordo com Campos (1997), pode-se dizer que a história do rádio confunde-se com o primeiro contato que estabelece com grupos religiosos. Como coloca Corazza (2004), dois meses depois de o rádio ser criado nos Estados Unidos, programas religiosos pentecostais já se fazem presentes em sua programação.

As primeiras transmissões religiosas são de janeiro de 1921, pela Calvary Episcopal Church que colocou no ar seus cultos. No ano seguinte, entrou no ar a primeira emissora ligada a uma igreja, a National Presbyterian Church, em Washington. Em 1925, as emissoras em funcionamento nos Estados Unidos já eram 600, sendo 63 delas pertencentes a Igrejas ou movimentos religiosos. O rádio foi um veículo de sucesso entre os pregadores pentecostais [...] Dos EUA, o movimento pentecostal no rádio expandiu suas redes para a América Latina e, depois, para o Brasil. A década de 1950 foi marcada pela presença de Billy Graham, Rex Humbard, entre outras (Ibidem, p. 260).

Essa autora observa que a onda protestante continuou expandindo-se no rádio⁷⁸⁹. Instalando-se no Equador em 1931 dá origem à cadeia “Voz dos Andes”. “Outros programas se tornariam famosos e internacionalmente conhecidos como Voz da Profecia, dos adventistas; a voz do Estandarte, da Igreja Presbiteriana. Os Luteranos, por sua vez, divulgaram o programa Hora Luterana” (Ibidem, p. 261-262).

Segundo Corazza (2004, p. 265), a primeira concessão de rádio concedida à Igreja Católica no Brasil é concretizada na rádio Excelsior de Salvador, “[...] outorgada pelo governo Vargas, em 1941, que foi autorizada a funcionar em 05 de julho de 1942”. Segundo essa mesma pesquisadora, em estudo que realizou sobre emissoras religiosas no Brasil, a rádio Xavantes de Ipameri - GO, fundada em 1947, integra o rol das primeiras emissoras brasileiras da igreja católica. Um artigo publicado pela revista multilíngue Signis Media (The Changing Media Landscape), em um número divulgado em Bruxelas (2008) afirma que:

A rádio Xavantes de Ipameri no Estado de Goiás é a segunda rádio mais antiga no Brasil. Ela começou suas atividades há sessenta anos (1948)⁷⁹⁰. A

⁷⁸⁹ Houve historicamente um crescimento do uso do rádio pela Igreja. Weber (2009a, p. 373) observou que a igreja é “[...] uma organização homogênea racional, com direção monárquica e controle centralizado da devoção, isto é, de que ao lado do deus pessoal supramundano encontrava-se também um regente intramundano dotado com poder imenso e a capacidade de regulamentar ativamente a vida”.

⁷⁹⁰ Esta data trata-se, na verdade, da época que a emissora foi adquirida por uma Igreja Católica de Ipameri. Ficou sob os cuidados desta até meados da década de 1950, quando sua direção é transferida para o grupo

rádio tem dado uma importante contribuição social (política) na redemocratização do país. Mesmo assim, uma das primeiras rádios católicas (senão a primeira) é a rádio Vera Cruz que foi criada no Rio de Janeiro em 1934 com a finalidade de dar voz própria à Ação Católica. Seu sinal cobria quase a maioria do território brasileiro e teve uma programação pautada por notícias, religião e assuntos sociais e culturais. 1959, por exemplo, Vera Cruz contratou a então famosa cantora (de jazz, samba e bossa nova): Elza Soares⁷⁹¹ (REVISTA SIGNIS MEDIA, 2008, p. 17)⁷⁹².

Para tanto, o rádio em Goiás inicia sua história com a religião ainda na década de 1940, através da rádio Xavantes de Ipameri. Adolvando de Alarcão, cidadão desta cidade, relembra que pouco antes dela a população local contava com um sistema de alto-falante denominado de Rádio Amplificadora Cruzeiro, que era “[...] administrado pelo pastor José da Cunha Bastos Júnior, da igreja Batista, que transmitia programas sociais e de evangelização da sociedade” (informação verbal)⁷⁹³. Contudo, a Amplificadora Cruzeiro trata-se de um alto-falante, portanto, a Xavantes é a primeira emissora de rádio em Goiás a manter relações com a religião através da igreja católica.

Em 1948, a Xavantes é adquirida pela Igreja Católica, tendo a Paróquia do Divino Espírito Santo à frente das negociações por intermédio do monsenhor Domingos Pireto de Figueiredo. “Com a chegada dos anos de 1950 e a criação da Diocese de Ipameri, a rádio Xavantes passou a ser dirigida por essa entidade” (informação verbal)⁷⁹⁴. Assim:

A paróquia Diocesana de Ipameri passa a ser a terceira proprietária da rádio, tendo a posse da mesma de 1955 a 1977, quando ocorre a transferência de local de funcionamento da rádio. A primeira sede funcionou à Rua Mascarenhas de Moraes, depois foi transferida para a antiga sede da ‘Associação Mariana’ – propriedade da Igreja, localizada perto da Praça da Liberdade, hoje Banco do Brasil (CARVALHO, 1958, p. 38-39).

Com a aquisição da emissora pela Diocese, sua programação é novamente reestruturada. Programas religiosos são ampliados. Ela recebe o apoio de José Bernardino da Costa, conhecido na cidade como “professor Zuzu”. Zuzu relata que na década de 1940 foi

diocesano que residia na cidade. Este, por sua vez, a dirigiu até 1977, ano em que a Fundação Padre Pelágio, dos Missionários Redentoristas, assumem seu controle.

⁷⁹¹ Outro dado que aponta é que uma das primeiras, senão a primeira, emissora católica a utilizar o serviço de radiodifusão via satélite foi a rádio Aparecida em 1955, que, ao juntar-se com outras emissoras, daria uma grande contribuição para a criação, bem mais tarde, da Rede Católica de Rádios (RCR).

⁷⁹² Por otro lado, radio Xavantes de Ipameri en el Estado de Goiás es la segunda radio más antigua en Brasil. Empezó con su señal hace 60 años (1948). La radio ha jugado un importante rol social (político) en la redemocratización del país. Asimismo, una de las primeras radios católicas (sino la primera) es radio Vera Cruz que fue creada en Río de Janeiro en 1934 con el fin de dar a la Acción Católica voz propia. Su señal cubre casi la mayoría del territorio brasileño y tiene una programación de noticias, religión y-o asuntos sociales y culturales. 1959 por ejemplo, Vera Cruz contrató a la ahora famosa cantante (de jazz, samba y bossa nova): Elza Soares.

⁷⁹³ Adolvando de Alarcão, op. cit.

⁷⁹⁴ Adolvando de Alarcão, op. cit.

para Holanda aprofundar seus estudos de teologia. No início de 1950, retorna para Ipameri onde se dedica à docência em um colégio do Estado. Neste contexto, conhece a rádio Xavantes e é convidado para dirigir um programa na emissora. Nesse programa propõe divulgar o que aprendeu na Holanda, ou seja, o espírito cristão.

Em seus programas Zuzu procura focar os problemas sociais que atingem as famílias locais. Para atrair os ouvintes e reforçar a mensagem ele incluiu músicas na programação, canções que passavam um conteúdo semelhante ao que era debatido. Ele explica que “naquele tempo havia uma integração do conteúdo com assunto da música religiosa” (informação verbal)⁷⁹⁵.

No decorrer da década de 1950, os programas religiosos tornam-se mais frequentes e ocupam um espaço maior na programação do rádio em Goiás. Em outubro de 1950, o jornal *A Notícia* de Anápolis aponta o primeiro programa religioso da rádio Carajá de Anápolis⁷⁹⁶. O programa foi veiculado às 18h10 e tinha como nome “A Voz do Evangelho”. Sua direção esteve sob os cuidados de um religioso que fez a leitura de uma passagem bíblica e relacionou a mensagem com problemas presentes no cotidiano da população local. O programa teve duração de 15 minutos e logo depois foi substituído por um programa musical. Em 1951, a rádio Carajá de Anápolis cria o radioteatro “Cineminha Carajá” para retratar a vida de Dom Bosco⁷⁹⁷ (obras e ideias).

Em 1952, os diretores da RBC disponibilizam o horário da 21h para várias religiões. O grupo dos espíritas cria o programa “Tenda do Caminho”; os protestantes, o “Voz Evangélica” e os católicos, o programa “Ave-Maria”. Essa é a primeira vez que aparece uma programação ecumênica no rádio em Goiás. Esse encontro de grupos religiosos na RBC deve-se ao fato de a emissora estabelecer a comercialização de horários como critério para o acesso de religiões em sua programação.

Na década de 1950, o uso exclusivo de emissoras por grupos religiosos aumenta. Experiências semelhantes à da rádio Xavantes são experimentadas pelas Difusoras de Goiânia

⁷⁹⁵ Ibidem.

⁷⁹⁶ Em 1956, a emissora reserva um horário para as franciscanas transmitirem programas aos domingos, um voltado para as crianças, com a finalidade de “[...] dar aos doentes, ao povo da roça e a outras pessoas que não podiam ir à igreja nos domingos, a oportunidade de ouvir pelo rádio a Santa Missa” (*O ANÁPOLIS*, 25 mar. 1956), e o outro, uma aula de catecismo depois das missas das crianças. Este último é uma novidade na radiofonia goiana, pois é a primeira aula experimental no rádio para “[...] ensinar catecismo pelo rádio, de transmitir pelo ar” (Ibidem) os princípios da Igreja Católica especificamente para as pessoas que residiam no meio rural. As aulas eram ministradas pelo Frei Edmundo e pela Irmã Conrada, diretora do Ginásio Sant’Ana.

⁷⁹⁷ Este foi um padre Italiano que viveu no século XIX, considerado pela Igreja Católica como um dos principais referenciais na educação de crianças e adolescentes. No Brasil, foi amplamente divulgado pelos religiosos salesianos e convertido em patrono de Brasília na década de 1950.

e de Jataí e pela rádio Santana de Anápolis. Todas elas foram apropriadas pela igreja católica. Isso me fez lembrar um estudo realizado por Diggins (1999, p. 140), para o qual:

Os mistérios indefinidos da religião cedem lugar a uma ação racional dirigida a um fim, e o esforço consciente para dominar a realidade requer os imperativos organizacionais da modernidade; de formação, estruturação, enquadramento; em suma, de construção das condições da nossa própria internação.

A relação da rádio Difusora de Goiânia com a Igreja Católica começa em 1957⁷⁹⁸. Pouco depois de sua fundação Omar Barbosa e Paulo de Castro a oferece ao arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos.

Dom Fernando⁷⁹⁹ quando ele chegou aqui, ele acreditava muito na comunicação, na mídia. Tanto assim é que no mesmo ano que ele chegou, ele fundou a Revista da Arquidiocese e comprou a rádio Difusora. E já existia um Jornal, anterior a ele, o órgão oficioso da Arquidiocese chamado Brasil Central. Ele continuou algum tempo com esse Jornal mas depois ele foi extinto, o Jornal, porque a rádio Difusora e a Revista ia suprir tudo que fosse necessário. Não precisava daquele Jornal que chegou até a ser diário. Mas naquele tempo era uma dificuldade muito grande manter uma coisa dessas. Então, Dom Fernando era um homem que acreditava na comunicação. Depois ele procurou, com a rádio Difusora, ter um meio de difusão da palavra de Deus, da catequese e tudo mais. Ele acreditava na força do rádio (informação verbal)⁸⁰⁰.

Após consultar o clero e conversar com os funcionários da emissora, o arcebispo é convencido da ideia de adquirir uma rádio, e fecha o negócio. A partir de então, a emissora deixa de ser estritamente comercial, como relata Claudino da Silveira: “Quando foi vendida a rádio Difusora para os redentoristas



Figura 67 – Padres redentoristas em evento de posse da rádio Difusora de Goiânia. À esquerda Dom Fernando.
Fonte: Projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

⁷⁹⁸ Em 1956, foi criada a Diocese de Goiânia. Em 1957, Dom Fernando chega a Goiânia. Segundo Padre Nelson, o primeiro grande desafio dele foi organizar a Arquidiocese. Eram poucas pessoas, poucos padres naquela ocasião, e ele dedicou-se em fazer a estruturação da Arquidiocese para poder governar, para poder orientá-la, para poder dirigi-la. Então o primeiro grande desafio dele foi, como primeiro arcebispo, organizar a nova Arquidiocese, recém-fundada (informação verbal, op. cit.).

⁷⁹⁹ Para uma análise da relação entre Igreja e Estado e o papel desempenhado por Dom Fernando em Goiás, ver Borges (2009).

⁸⁰⁰ Pe. Nelson Rafael Fleury, op. cit.

(Figura 67), eles não queriam nenhum horário vendido, horário locado não” (informação verbal)⁸⁰¹. Logo depois iniciaram “as transmissões das missas, que era da Igreja Nossa Senhora Conceição em Aparecida” (informação verbal)⁸⁰².

Concluídas as negociações, a emissora recebe um novo nome: Rádio Difusora de Goiânia (REDENTORISTAS, 2007, p. 9)⁸⁰³, “[...] assumindo a direção da Rádio, o padre Nelson Geraldo Antonino, que reformulou seu quadro de profissionais, dando natural preferência aos membros da Congregação Redentorista” (GALLI, 2011, p. 28).

Dom Fernando acreditava no poder da comunicação radiofônica⁸⁰⁴, por isso investiu na compra da rádio Difusora. A primeira coisa que ele fez depois que adquiriu a emissora foi criar a Fundação Pio XII⁸⁰⁵:

[...] que tinha a missão de administrar os trabalhos de comunicação da Igreja de Goiânia, que também incluía a Revista da Arquidiocese⁸⁰⁶. Depois adquiriu uma sede própria: um prédio do senhor Gilberto Guimarães, de três pavimentos. O térreo ficou alugado para comércio, no primeiro andar ficava o estúdio e a administração, e no segundo andar estava o departamento de jornalismo e o escritório do MEB – Movimento de Educação de Base (REDENTORISTAS, 2007).

Inspirado no padre italiano Pio XII, Dom Fernando Gomez estava consciente de que a rádio Difusora de Goiânia era um importante instrumento para o trabalho a ser realizado pela Igreja católica em Goiás⁸⁰⁷. Padre Nelson Fleury ressalta que:

A Igreja é bem consciente do perigoso poder do condicionamento que os *mass media* detém, quer das responsabilidades que eles oferecem se forem usados de modo sábio como o vale da ajuda da evangelização. Em 1989, a ocasião da celebração do 29º dia mundial das comunicações sociais, João

⁸⁰¹ Arquivo particular da rádio Difusora de Goiânia. Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

⁸⁰² Claudino da Silveira, op. cit., 2013.

⁸⁰³ Como vimos no primeiro capítulo, antes se denominava rádio Difusora de Campinas.

⁸⁰⁴ Os mistérios indefinidos da religião cedem lugar a uma ação racional dirigida a um fim, e o esforço consciente para dominar a realidade requer os imperativos organizacionais da modernidade; de formação, estruturação, enquadramento; em suma, de construção das condições da nossa própria interação (DIGGINS, 1999, p. 140).

⁸⁰⁵ Pio XII foi um papa que depois da Segunda Guerra Mundial lutou contra qualquer corrente política que se aproximasse do comunismo, condenando inclusive o marxismo como heresia. Nas eleições gerais de 1948 na Itália defendeu a Democracia Cristã liderada por Alcide De Gasperi. Pio XII percebia a força dos meios de comunicação e clamava pelo seu uso no trabalho da Igreja, ideia essa escrita em uma de suas cartas, publicada em 1957.

⁸⁰⁶ Uma análise desta revista está em Borges (2008).

⁸⁰⁷ Borges (2009, p. 159) fez um estudo sobre Dom Fernando em Goiás e afirma que ele chegou “[...] a Goiânia no final dos anos 1950, quando a Igreja dava continuidade ao projeto de restabelecer suas relações com o Estado iniciado nos anos 1920. A instituição tentava retomar sua posição privilegiada, perdida com a separação oficial com o Estado, ocorrida em 1890, e para isso articulou o projeto de neocristandade que visava a restauração da ordem cristã por meio da cristianização, ou seja, da ‘catolização’ da sociedade, pressupondo aproximação com o Estado”.

Paulo II advertiu que a questão posta hoje à Igreja não é a de saber se o cidadão comum ainda pode perceber uma mensagem religiosa, mas a de encontrar a melhor maneira de se comunicar que lhe permita dar todo o seu impacto à mensagem evangélica. Então, convém assinalar que a rádio Difusora de Goiânia, fiel aos princípios que nortearam sua fundação pela nossa Arquidiocese, nela exerceu o seu magistério, na figura iluminar do paraibano Dom Fernando Gomes, nascido em Patos, mas um cidadão do Brasil e da Igreja, servo de Deus e mestre da doutrina cristã (informação verbal)⁸⁰⁸.

As festas realizadas pela Igreja Católica de Trindade foram realçadas na programação da emissora a partir de 1959. Segundo afirma José Luiz Bittencourt, primeiro diretor da emissora, “as festas de Trindade sempre mereceram uma especial destaque, uma especial saliência dos transmissores da rádio” (informação verbal)⁸⁰⁹. Em decorrência das dificuldades tecnológicas da época, as transmissões dos festejos tinham que ser gravadas e só depois veiculadas:

No ano de 59, nós já estávamos aqui na rádio. Então o padre Nelson era o nosso diretor e resolveu então falar de Trindade. Como? Não tinha como porque não tinha nem telefone e nem nada. Então, a gente arrumou um gravadorzinho alemão, gravador Grundig, e fomos para Trindade de Jeep. Chegamos lá, gravamos a novena todinha. Voltamos pra Goiânia, naquele tempo ainda não tinha o asfalto ainda, era pelo chão, e a gente voltou pra Goiânia e soltava a novena do Divino Pai Eterno. Todos os dias a gente fazia esse percurso. Ia a Trindade com o gravador e aí voltava pra Goiânia e soltava a novena depois (informação verbal)⁸¹⁰.

Claudino da Silveira relata também que em seus cultos, Dom Fernando pedia contribuições aos fiéis para melhorar os equipamentos da rádio Difusora e para o projeto de construção da Universidade Católica em Goiânia: “O pessoal ia lá de baixo pra cima, levava uma notinha, colocava no saco. E aí passamos então direto a transmitir de Trindade, já com um som novo, contudo arrumado já, com a colaboração dos próprios festeiros” (informação verbal)⁸¹¹.

Nessas duas primeiras décadas a Difusora é utilizada para a “[...] divulgação das encíclicas sociais de João XXIII, muito especialmente a Matet Magistrad, assim como Apacio

⁸⁰⁸ Pe. Nelson Fleury, op. cit.

⁸⁰⁹ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

⁸¹⁰ Claudino da Silveira. Começa a trabalhar na rádio Difusora no dia 20 de julho de 1959, com o programa Alma Sertaneja. Dirigiu posteriormente o programa Sua Música Favorita e o México e Seus Ritmos. Em 1960, assume o programa de maior sucesso de sua carreira, o ‘Mourão da Porteira’. Entrevista realizada em programa gravado pela rádio Difusora em janeiro de 2007 para a comemoração dos 50 anos da emissora. Arquivo disponibilizado por Diego Joaquim, membro da Diocese de Goiânia, 2007.

⁸¹¹ Claudino da Silveira em depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

Enterrés” (informação verbal)⁸¹². A intensificação desse trabalho ocorre em decorrência do concílio criado pela Igreja no início da década de 1960. Anteriormente, segundo Padre Nelson Fleury, o padre era o foco da Igreja. As demais pessoas que auxiliavam a organização da instituição, denominados de leigos⁸¹³, não eram consideradas como membros da mesma. Assim, uma das principais mudanças que propõem para a concepção teológica nesse período é a sua valorização.

De primeiro o padre era tudo na Igreja. Ele era a parte espiritual, a parte material, tudo era o padre que fazia. Pois não. Na ocasião, depois do concílio, nós aprendemos a valorizar a pessoa do leigo na Igreja. Vieram os ministérios: o Ministério de Leitor, o Ministério de Acólito, o Ministério da Palavra, o Ministério da Eucaristia, e fomos valorizando o leigo. E isso foi uma coisa que marcou essa mudança do concílio (informação verbal)⁸¹⁴.

A mudança proposta em seus princípios é uma estratégia da Igreja para se fortalecer. A inclusão de pessoas externas ao grupo de eclesiásticos aos seus princípios é uma tentativa de ampliar o número de pessoas para reforçar o trabalho de cristianização já desenvolvido pelos representantes da própria instituição. Com isso, os resultados podem ser garantidos e gerados com mais rapidez. Nesse ínterim, a rádio Difusora representa um forte adereço de aproximação da população à sua política. Assim, a rádio Difusora de Goiânia é reconfigurada para servir de apoio ao MEB. Segundo José Luiz Bittencourt, assim que a Diocese torna-se proprietária da emissora apresentam novos objetivos que passa a direcionar o seu uso.

O papel da Rádio Difusora de Goiânia foi o de sempre difundir a Boa-Nova, e esse foi, sem dúvida, o objetivo principal da tarefa que empreendeu o notável arcebispo Dom Fernando Gomes. Creio que durante os primeiros anos da emissora, antes e depois do saudoso Pe. Nelson Geraldo Antonino, ela não se desviou jamais de sua conduta religiosa cristã, católica, social e política (informação verbal)⁸¹⁵.

Para certificar-se que esse foco não fosse desviado, Dom Fernando passa a realizar visitas semanais à emissora e reuniões mensais com sua equipe. E para assegurar a audiência da Difusora, Dom Fernando distribui aparelhos de rádio cativo, como eles o denominavam, isto é, aparelhos que portavam um sistema que sintonizava apenas a rádio Difusora.

⁸¹² Padre Nelson Feury, arquivo particular da rádio Difusora de Goiânia, disponibilizado por Diego Joaquim, integrante da Igreja Católica, Goiânia, 2007.

⁸¹³ Refere-se àquele que não é eclesiástico.

⁸¹⁴ Pe. Nelson Fleury, op. cit.

⁸¹⁵ Depoimento ao projeto “Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória”, Goiânia, 2008.

Com essas iniciativas, tudo indicava que seu projeto iria ser realizado com sucesso. Além da emissora utilizam também da Revista da Arquidiocese⁸¹⁶. Padre Nelson recebe o encargo de dirigi-los na década de 1960. Ele observa que o uso destes meios de comunicação no trabalho com o MEB deram bons frutos. Mas qual era o objetivo com o MEB?

O Movimento da Educação de Base não era um movimento de alfabetização simplesmente, era um movimento de educação, formar o cidadão. Não era ensinar ele a assinar o nome ou escrever alguma coisa, ou ler ‘malemá’ não. Foi a ensinar o homem os seus direitos, o seu valor como pessoa humana; o seu direito de exigir o cumprimento das leis com relação ao bem-estar social. Tanto assim, é que esse trabalho foi muito bom. A rádio Difusora foi um instrumento espetacular. Distribuía-se um rádio pra cada escola, que tinha um rádio cativo, e só pegava a rádio Difusora. E as meninas vinham aqui, o pessoal, os professores, vinham dar aula aqui, e depois ia visitar lá, como é que tava indo. Então, era uma organização maravilhosa (informação verbal)⁸¹⁷.

Este trabalho proposto pela Igreja católica, no entanto, é consequência de projetos experimentados anteriormente em outros estados. Após a Segunda Guerra Mundial, a igreja católica coloca-se como responsável pela reestruturação do meio social, contexto este em que a população sofre com o estado de desagregação social. Criam setores especializados no seio da instituição para fundamentarem sua política no “modelo organizacional da ação católica-belga-francesa”. Assim:

O pensamento humanista cristão na década de 1960 foi veiculado com o notável empenho dos leigos da Ação Católica Especializada de origem franco-belga junto às classes populares brasileiras, ao passo que outra tendência da Ação Católica, - a de origem italiana - ficou mais restrita ao já tradicional quadro dos movimentos. Da Ação Católica Especializada resultou a gênese do Movimento de Educação de Base (MEB) (KOLLING, 2013, p. 41).

De acordo com Kolling (2013, p. 42) foi a partir de 1956 que a Igreja Católica começou a delinear sua política de ação popular, ano em que “dezenove bispos do Nordeste se reuniram em Campina Grande, no Estado da Paraíba, e deixaram transparecer um primeiro sinal de inovação em relação à sua praxe de décadas anteriores”.

Ao mesmo tempo em que se alinhavam no projeto modernizador do governo Kubitschek e celebravam novo tipo de aliança com o Estado, declaravam sua solidariedade primordial com as camadas mais oprimidas e sua total ausência de responsabilidade ‘em face das tremendas injustiças’ presentes ‘nas atuais estruturas econômico-sociais’ que constituem a nossa

⁸¹⁶ Outro órgão de comunicação e divulgação criado pela Igreja Católica.

⁸¹⁷ Pe. Nelson Fleury, op. cit.

organização política e o sistema de nossa economia privada (CAMARGO *apud* KOLLING, 2013, p. 42).

Kolling (2013) demonstra ainda que em 1959, a CNBB começa a utilizar o rádio através da “Emissão de Educação Rural”, através da qual passa a transmitir para todas as igrejas católicas do Brasil. As transmissões foram realizadas de Natal e objetivava apresentar um projeto de organização da comunicação radiofônica para ser utilizada com finalidades religiosas⁸¹⁸, e também como meio para a efetivação de um trabalho político da própria instituição.

Os programas apresentavam uma variação. Eles desenvolviam música popular, programas informativos, educativos, alfabetização, programas recreativos e de músicas selecionadas. A Emissão de Educação Rural (EER), depois de seis meses já contava com 184 receptores e 3.500 alunos de um programa de alfabetização, num plano chamado ‘A’. Outro programa, chamado ‘B’, também já contava com milhares de ouvintes (CNBB *apud* KOLLING, 2013, p. 43).

Em 1961, o governo de Jânio Quadros apoia o MEB através de um projeto pautado em políticas que interessavam ao Estado. Esse projeto é efetivado por meio de um decreto que selou um convênio entre o Ministério da Educação e a CNBB. O modelo que inspira a Igreja para utilizar do rádio para a efetivação deste programa foi desenvolvido em Sergipe, por intermédio do Sistema rádio-educativo do Sergipe (SIRENE), cujo foco estava voltado para a alfabetização. Este, por sua vez, estava configurado de acordo com o modelo colombiano:

O Bispo Dom Eugênio Salles trouxe esta experiência de lá para o Brasil. As escolas radiofônicas, por conseguinte, não constituíram criação genuinamente brasileira: As escolas radiofônicas com recepção organizada tiveram sua origem na Colômbia. Seu fundador foi o Pe. J. Salcedo de Sutatenza, que hoje dirige um movimento de grande escala, em grande estilo, ‘Acción Cultural Popular’ em seu país. No Brasil, a experiência foi iniciada por Dom Eugênio Sales, Bispo Auxiliar de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte (KOLLING, 2013, p. 45).

A partir daí, portanto, é que começam a utilizar o rádio como instrumento para a política institucional da igreja através da proposta do MEB. Nos arquivos da CNBB há

⁸¹⁸ Na América Latina é conhecida por comunicação popular. Segundo Ana Maria Barale (1999), as primeiras experiências de comunicação popular na América Latina foram realizadas a partir da ação de indivíduos que mantinham uma relação com a Igreja Católica e organizações sindicais. A Rádio Sutatenza, criada em 1947 no interior da Colômbia, na província de Boyacá, pela vertente católica, estava organizada em torno da ideia “[...] de aproveitar as potencialidades educativas do rádio com a finalidade de chegar principalmente às zonas rurais. Com a alfabetização e a educação de adultos se pretendia atacar o problema da pobreza em grandes zonas marginalizadas” (BARALE, 1999, p. 38-39).

documentos que demonstram os princípios básicos do MEB e qual a escola radiofônica que pretendem efetivar.

As riquezas da educação de base, fundamental, educação que chamaríamos cultura popular, a qual tem a força de fazer o homem despertar para os seus próprios problemas, encontrar suas soluções, aprender a comer bem, a defender sua saúde, a manter boas relações com seus semelhantes, a andar com seus próprios pés, a decidir dos seus destinos, buscar sua elevação cívica, moral, econômica e espiritual... É esta a escola que temos que jogar no seio das populações camponesas e operárias... (CNBB, 1961, p. 36).

No segundo artigo desse mesmo documento, o Estado manifesta a sua meta e objetivo com o MEB⁸¹⁹:

O MEB executará um plano quinquenal 1961/1965 durante o qual instalará 15.000 (quinze mil) Escolas Radiofônicas em 1961, e, nos anos subseqüentes, tomará providências necessárias para que a expansão da rede escolar radiofônica seja sempre maior do que a do ano anterior (CNBB, 1961, p. 4).

A rádio Difusora de Goiânia, no entanto, desde 1957 já estava sendo preparada para atuar como meio de educação. Segundo José Bittencourt, pouco antes de Dom Fernando ir para Goiás, havia convivido com a pobreza da população do Nordeste. E, informado do programa radiofônico da Colômbia, entusiasma-se com a ideia de rádio-educativa e resolve fazer o mesmo em Goiás. A Difusora de Goiânia, portanto, desde então passa a ser utilizada para este fim.

A rádio Xavantes de Ipameri apoiou o trabalho de Dom Fernando através da Arquidiocese daquela cidade, mas manteve uma programação eclética, com determinados programas dirigidos por religiosos.

A rádio Santana de Anápolis foi adquirida pelos frades franciscanos em 1962. Neste ano é transferida para o Colégio São Francisco, no bairro Jundiá. Sua antiga aparelhagem é substituída por uma nova e mais potente, equiparando-a ao nível de audiência da rádio Carajá, a mais potente da cidade na época.

A Difusora de Jataí continuou como uma emissora eminentemente católica e comercial. Duarte Martins afirma que ao ser adquirida pela Arquidiocese a sua programação é formatada para atender especificamente aos preceitos da igreja católica. Os horários que antes eram comercializados para outras religiões são extintos.

⁸¹⁹ Para uma leitura mais aprofundada sobre o MAB, ver Adriano (2012).

Na época que era particular, qualquer religião podia colocar um programa desde que pagasse. Podia ser qualquer crente, católico, presbiteriano, batista, mas quando a Diocese comprou a emissora aí ela passou a ser mesmo só católica. Não admitia. Tinha gente que vinha de fora aí, queria comprar a programação quase que completa da rádio pra rodar programa, e a rádio não admitia. Se ela quisesse lucro, mas ela não queria, mesmo por causa da linha católica dela, ela não admitia. Então ela ficou sendo uma emissora da linha católica (informação verbal)⁸²⁰.

A relação das demais emissoras com grupos religiosos seguiu pautada pela comercialização de seus horários. A rádio Alvorada de Rialma é um exemplo do que ocorreu nas demais: “Sempre as igreja é que comandava os programa, desde o início. Muitas vezes vendia os horários, pra os programa evangélico e católico” (informação verbal)⁸²¹.

Além da comercialização de horários reservaram um pequeno espaço para a divulgação da “Ave-Maria”, pelo fato de emissoras espalhadas em território nacional reservarem horários para transmiti-la. Radivair Miranda, então locutor da rádio Difusora de Itumbiara, expressa que o programa da Ave-Maria daquela emissora foi uma espécie de doação para a igreja católica: “Nosso programa religioso imitava a Ave-Maria só. Que era o nosso dízimo pra Igreja. Rodava o programa, não cobrava nada, não recebia nada” (informação verbal)⁸²². Luiz Braz de Rio Verde explica que a Ave-Maria estava no rádio em consequência do país ser católico e dessa forma “Rio Verde por extensão também, naquela época a predominância era o catolicismo. Tinha a hora da Ave-Maria que eu cheguei inclusive a participar, a fazer um a dois anos, e eu fiz a hora da Ave-Maria” (informação verbal)⁸²³.

Os pequenos horários reservados para a Ave-Maria foram coordenados pelos próprios radialistas, a exemplo do que fazia Walter Cançado pela rádio Cultura de Catalão:

Eu fazia às 18h, na hora da Ave-Maria, eu botava música e fazia, pegava uma mensagem, e fazia, eu escrevia:

- O horizonte, o sol, os raios flamejantes nos traz a devoção, desperta essa ligação com o criador...

Aí eu fazia a oração do Pai-Nosso... (informação verbal)⁸²⁴.

Por causa deste programa ele criou a “Caixinha da Generosidade” como forma de arrecadar dinheiro para comprar medicamentos que pudessem ser doados aos ouvintes mais necessitados. Os anúncios diários de sua proposta atraíram muitos ouvintes e atendeu muitas famílias.

⁸²⁰ Duarte Martins, op. cit.

⁸²¹ Jason de Sousa, op. cit.

⁸²² Radivair Miranda, op. cit.

⁸²³ Luiz Braz, op. cit.

⁸²⁴ Walter Cançado, op. cit.

Eu pagava remédio, pagava tudo com dinheiro que o pessoal mandava pra essa caixinha. Tinha controle, tinha tudo. Eu falava:

- Olha!

Lia no rádio, prestava contas...

- Ontem entraram de um real de cruzeiro, não sei o que, não sei o quê...

Por exemplo, 34 para o João da farmácia...

Ele enviava as receitas pra mim e vinha.

- Estou aqui com a receita número tanto, tudo certinho, da farmácia para pagarmos o seu João, estamos devendo lá agora cento e poucos (informação verbal)⁸²⁵.

Enfim, a religião integrou o processo de racionalização da comunicação radiofônica em Goiás e contribuiu para o desenvolvimento deste Estado. Levou indivíduos e instituições a utilizar o rádio de uma forma determinada, programada, volta para fins religiosos que também estava de acordo com a ação estatal em prol do progresso deste Estado. Com os programas religiosos completamos a configuração com a qual o rádio em Goiás atinge o ano de 1964. Com a instalação da Ditadura Militar o rádio toma novos rumos. Uma nova pesquisa poderá nos mostrar o que foi o rádio neste período.

⁸²⁵ Ibidem.

Considerações finais

Nos quatro capítulos anteriores busquei apresentar a história do rádio em Goiás entre 1950 e 1964. Atentei aos três aspectos apontados inicialmente, ou seja, à tecnologia, política e cultura na história do rádio em Goiás naquele período. A teoria da racionalização de Weber foi considerada desde o início, e, por isso, permaneceu como amálgama da narrativa. O rádio como fronteira e o processo de hibridização da cultura também alicerçou a pesquisa em determinados aspectos. Agora, portanto, apresento algumas conclusões gerais a respeito desta história.

A racionalização motivada pelo Estado em direção à comunicação radiofônica traz para a população goiana a exclusividade no uso da radiofonia por determinados indivíduos. A legalização do rádio representa este processo. São poucos os que conseguem criar emissoras. Todavia, eles não teriam conseguido mantê-las em atividade se não fosse o apoio incondicional dos radialistas e também dos ouvintes, personagens que de fato atribuíram um sentido ao rádio. No primeiro capítulo conhecemos esses pioneiros da radiofonia goiana e como esta acompanhou o desenvolvimento de Goiás. Estava presente e atenta a todos os acontecimentos cotidianos da burocracia estatal e partidária, sendo utilizado como rádio político por agentes públicos.

De um lado se volta para o projeto da transferência da capital do Rio de Janeiro para Brasília. Saúda e grita ao mundo a sua efetivação, instalando ao mesmo tempo a dúvida se é um acaso a mudança da capital ter ocorrido justamente naquele momento, depois de dezenas de anos proclamada, pelo fato de ter acompanhado de perto as obras e ações de Juscelino Kubitschek e ainda por ter atuado dia-a-dia como promotor desta ideia através de programas elaborados para desenvolver uma visão positiva sobre Goiás, já que predomina em outros estados neste período a concepção de que era um lugar dominado por poderes tradicionais.

A racionalização que avança em Goiás, que vimos no primeiro capítulo, acompanha e promove a racionalização da comunicação radiofônica neste Estado. O segundo capítulo demonstra que é um movimento complexo, perpassado por muitas dificuldades em decorrência das limitações técnicas e tecnológicas. Neste contexto, Goiás passa por dificuldades estruturais, a exemplo das precárias redes de eletricidade. Isso também limita simultaneamente o desenvolvimento da tecnologia e o avanço técnico das emissoras. Apesar disso, em termos de potencial, o rádio de Goiás está no topo da comunicação mundial junto às nações mais desenvolvidas, uma vez que é usuário das ondas curtas através dos potentes transmissores de algumas poucas emissoras (RBC, Anhanguera, Carajá e Clube de Goiânia).

Com as ondas curtas o rádio leva o cotidiano vivido em Goiás para receptores de outros estados do Brasil e de vários outros países.

Considero aquele período como a época de ouro do rádio goiano, época que predomina o rádio AM. No final de 1950, o FM está nascendo, insignificante frente ao já jovem AM. Porém, chama a atenção dos radialistas, denotando que a profissionalização da comunicação radiofônica é um caminho sem volta. Não tem forças suficientes para colocar dificuldades ao AM e permanece assim até os anos 60, época em que ambos sofrem um baque com a chegada da televisão. E neste ambiente, a profissionalização torna-se garantia de sobrevivência.

A tecnologia, no entanto, estabelece uma diferenciação interna do rádio em Goiás. Goiânia e Anápolis destacam-se como palco onde são desenvolvidas as melhores e mais potentes emissoras. São referências no processo de profissionalização radiofônica e portam os melhores equipamentos, os mais avançados da época. Além disso, são as primeiras a ter acesso aos lançamentos musicais divulgados pelas grandes emissoras do país e possuem as melhores equipes de radialistas, assim como dispõem dos mais altos investimentos comerciais. Por este motivo o rádio destas cidades torna-se referência e desejado, provocando o êxodo de radialistas de várias regiões em sua direção.

Para tanto, o conjunto de emissoras em atividade neste Estado estabelece definitivamente o rádio na fronteira. No sexto tópico do segundo capítulo, vimos que as emissoras locais estão atentas à programação do rádio nacional e internacional. Configuram-se com elementos do rádio carioca e paulista, assim como de emissoras de outros países. Nesse sentido, o rádio de várias partes do Brasil e do mundo encontra-se no rádio em Goiás.

Mas o que distingue o rádio goiano de todos os outros são as mensagens e símbolos que o integra, inerentes que estão ao contexto deste Estado. Fez-se diferente do rádio paulista, carioca e de outros lugares, pelas manifestações culturais presentes em sua programação, fundamentalmente aquelas que manifestam o modo de viver do homem do interior de Goiás. Goiás está em sua programação diária e isso o torna único e distinto. Além disso, os radialistas fazem dele a expressão facial do centro do Brasil. Se faz diferente em decorrência das inovações caseiras e amadorísticas, uma necessidade por ser um contexto que precisam encontrar alternativas para que as emissoras não fiquem paradas. Nesse sentido, a precisão adquirida pelas emissoras dos grandes centros em suas transmissões, garantida pelo estágio tecnológico de seus equipamentos e pelas condições sociais de seu entorno, falta para a

maioria das emissoras goianas, embora algumas delas desfrutem de algumas inovações que despontam no cenário mundial.

Essa questão é fundamental para a discussão do terceiro capítulo. Notamos que a racionalização empreendida pelo Estado nacional e reforçada pelo governo estadual em Goiás, questão esboçada no primeiro capítulo, influencia sobremaneira a configuração das emissoras. O amadorismo predominante na década de 1940 é colocado em xeque na década de 1950 pelos próprios radialistas, ao ser apontado como o principal limitador da radiofonia goiana. Assim, cada passo impreciso dado pelos radialistas das principais emissoras ecoava como cadafalso. Nesta direção, em meados de 1950, os gritos que anunciam o profissionalismo do rádio goiano ecoam cada vez mais, demonstrando que o sentido do rádio naquele momento volta-se para a superação do amadorismo.

Observa-se assim, que na segunda metade de 1950 o amadorismo que permeava a maneira de se fazer rádio até então começa a dar lugar ao profissionalismo, com mais força em emissoras de Goiânia e de Anápolis. A especialidade é levada ao pódio das necessidades cotidianas, tomada como matéria-prima até mesmo pelas pequenas emissoras para se configurar. Cria-se, no entanto, uma ambiguidade na comunicação radiofônica em Goiás, em que as nuances especializadas de algumas poucas emissoras assume a vanguarda no como se fazer rádio, enquanto aquelas que são criadas no interior seguem na rabeira destas para se criar e se autoformatar. Mesmo assim, a busca pela profissionalização desponta como elementar em todas elas levando-as a avançar em alguns pontos.

A profissionalização radiofônica começa a digladiar o amadorismo na segunda parte da década de 1950. É neste momento que ganha forças em decorrência do avanço comercial e industrial de Goiás, o qual traz para o rádio investimentos que garantem sua sobrevivência e o fôlego necessário para refletir sobre suas próprias limitações. As ações do estado nacional também são importantes, uma vez que regulariza a categoria dos radialistas, até então inexistente formalmente. A época é marcada, portanto, pela transição do amadorismo ao profissionalismo.

No quarto capítulo, chegamos ao resultado de todo esse processo que foi apontado anteriormente apresentado através da programação do rádio em Goiás. Neste momento notamos que o rádio é o lugar da música caipira, mas também da música paraguaia, da mexicana, das orquestras de Londres, da música norte-americana e da música popular carioca e paulista. Esse lugar, portanto, é entendido como fronteira e se amplia com os programas

informativos que divulgam os acontecimentos locais não só para Goiás, mas também para o Brasil e para outros países.

Por outro lado, esses programas levam para dentro do Estado os fatos que ocorrem em outros estados do Brasil e do mundo. Suas variantes se tornam mais complexas com a hibridização que se efetiva em seu interior, em que o local, o nacional e o internacional se encontram para dar unidade aos seus programas. A radionovela é um exemplo deste processo. Ao recorrer à sua história no Brasil vimos que ela está ligada a Cuba e Argentina. Porém, ao ser apropriado por emissoras brasileiras ela é reconfigurada e ganha versões paulistas e cariocas. Assim, estando presente na programação das grandes emissoras do país não tarda muito para chegar a Goiás, onde é temperada com a cultura dessa região, sendo transformada na radionovela do rádio goiano.

As diversas manifestações culturais que se encontram no rádio estabelecem confrontos, ao mesmo tempo em que convivem lado a lado. A chegada do rock em Goiás é marcante, pois traz o alento para a juventude, sedenta pelo novo, pela quebra de tabus e do tradicional, mas instala a preocupação e o desânimo para os cantores caipiras e o ímpeto para uma parte dos próprios radialistas. Mesmo odiado por alguns e amado por outros, as emissoras goianas buscam abraçá-lo por perceberem que expressa as mudanças que estão ocorrendo naquele período. É a pulsação do novo que desponta no horizonte.

A programação do rádio em Goiás cria novos paradigmas para a história do rádio nesse Estado ao proporcionar o encontro e ao mesmo tempo a articulação de manifestações culturais distintas. É o que faz através da propaganda, da radionovela, da música, muitas vezes apresentada ao vivo em programas de auditório. Neste ínterim as suas nuances se alargam e se complexificam, uma vez que integra em si as manifestações culturais deste Estado.

Na década de 1950, as emissoras goianas enfatizam os artistas locais e se colocam como divulgadoras e porta vozes de sua cultura. Podemos ver aqui o que Martin-Barbero (2003, p. 56) observa sobre a descoberta política da multidão, ou seja, “[...] se antes situavam-se fora, como turbas que ameaçam com sua barbárie a ‘sociedade’, as massas se encontram agora dentro: dissolvendo o tecido das relações de poder, erodindo a cultura, desintegrando a velha ordem”.

Em síntese, cada tópico apresentado nos quatro capítulos teve uma razão de ser na tese. Com eles, busquei pelo objetivo de compreender cada detalhe, cada elemento que compôs a comunicação radiofônica em Goiás entre 1950 e 1964. Em cada um deles esbocei

uma generalidade para o rádio que se desenvolvia em terras goianas, e nesse sentido encontrei um rádio que se configura como expressão da racionalização em todo o mundo.

Racionalizando-se, no entanto, o rádio se fez como espaço de fronteira, hibridizou-se, quando se articulou ao mesmo tempo com culturas diversas. No entanto, o rádio em Goiás se fez único, distinto, criou na história uma nova comunicação, a comunicação radiofônica de Goiás⁸²⁶.

Hoje, sinto que foi uma ousadia continuar com o projeto inicial de abordar a história do rádio em Goiás de forma mais ampla. Tenho consciência que desbravar um campo ainda inexplorado corre-se o risco de cometer equívocos, assim como ser injusto com protagonistas de sua história que, devido ao imenso trabalho a ser feito, não foram descobertos ou foram tratados superficialmente. Não foi um trabalho simples percorrer cada cidade e conhecer cada emissora que surgiu naquele período.

A ampla documentação que reuni exigiu muita dedicação em sua análise e de forma pormenorizada para que pudesse juntar as peças que me trazia e ir montando o quebra-cabeça que me apresentava. Em alguns momentos fui obrigado a deixá-la para buscar por elucidacões sobre questões que me desafiavam. Isso foi uma constante no percurso da escrita. Sinto hoje ter sido insuficiente o tempo que dediquei a este trabalho. Queria ter atingido lugares mais profundos desta história e desbravar com segurança os sentidos que foram concretizados no rádio daquele período em Goiás.

Este trabalho que comecei não deve ficar por aqui. Continuarei dando minha contribuição a respeito deste tema, aprofundando em alguns elementos ou mesmo avançando para épocas posteriores, cuja história ainda está por ser desbravada. Mas espero que esta pesquisa contribua com os novos pesquisadores que vierem dedicar-se ao estudo da história do rádio em Goiás, e que possam preencher as lacunas aqui deixadas para trás. Há muito ainda a ser feito. Concluo esta longa, embora curta caminhada que percorri até aqui, com esta contribuição para a posteridade, afirmando o que propus no início da pesquisa, a tese de que a história do rádio em Goiás entre 1950 e 1964 se configura como expressão da racionalização radiofônica daquele período.

⁸²⁶ Podemos ver aqui o que Benjamin (2000) falou sobre a aura, neste contexto a aura do rádio goiano, como um rádio com características distintas daquele que se desenvolveu em outras localidades.

Bibliografia

ADORNO, Theodor W. *Teoría estética*. Madrid: Taurus, 1980.

ADRIANO, Ione Gomes. *O Movimento de Educação de Base em Goiás e o Papel dos Intelectuais-Monitores (1961-1966)*. Dissertação de mestrado, Programa de Educação, PUC/Goiás, defendida em setembro de 2012.

ALENCAR, Maria Amélia Garcia de; BRUZADELLI, Victor Creti. Dimensões sagradas da natureza na canção regionalista. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, 11, 2009, UFG, Goiânia, Campus II. *Anais...* Goiânia, UFG, 2009. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_ALENCARBRUZADELLI_can%C3%A7%C3%A3o_regionalista_sagrado.pdf>. Acesso em: 5 set. 2013.

ASSOCIAÇÃO GOIANA DE IMPRENSA - AGI. *Depoimentos para a sua história*. Goiânia: AGI, 1980.

AQUINO, Reginaldo Lima de. A influência da contradição histórica na política goiana. In: CHAUL, Nasr Fayad; DUARTE, Luiz Sérgio. *História política de Goiás*. Goiânia: UFG, 2009, p. 117-148.

ARAÚJO, Flávio. *O rádio, o futebol e a vida*. São Paulo: SENAC, 2001.

ARAÚJO, Vivaldo J. de. *História da Terra Branca e outras coisas mais*. Goiânia: Kelps, 2000.

ASSIS, Jesus Manoel de. *Documentário histórico de Jataí*. Revista Metas, Edição Especial, Jataí, dezembro de 1991.

ASSIS, Wilson Rocha. *Estudos de história de Goiás*. Goiânia: Vieira, 2005.

AZEVEDO, Lia Calabre. *No tempo do rádio: radiodifusão e cotidiano no Brasil: 1923-1960*. 2002. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

_____. *A era do rádio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. No tempo das radionovelas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30, 2007, Santos. *Anais...* Santos: 2007.

BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. São Paulo: DIFEL, 1985.

BELAU, Ángel Faus. *La radio em España (1896-1977): una historia documental*. Madrid: Taurus, 2007.

BALSEBRE, Armand. *Historia de la radio em España (1874-1939)*. Madrid: Catedra, 2001. v. 1.

BARALE, Ana María Peppino. *Radio educativa, popular y comunitaria en América Latina: origen, evolución e perspectiva*. Mexico: Plaza y Valdes, 1999.

BATISTA, Paulo Nunes; OLIVEIRA, Jarbas de. *Anápolis em tempo de música*. Anápolis: Glória, 1993.

BELLI, Zenilda Leite. *Radionovela: análise comparativa na radiodifusão na década de 40*. 1980. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 221-254.

BERTRAN, Paulo. *Formação econômica de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1978.

BORGES, Barsanufio Gomides. *Goiás nos quadros da economia nacional: 1930-1960*. Goiânia: UFG, 2000.

BRASIL. Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1962. Estabelece o Código Brasileiro de Telecomunicações. *Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]*, Brasília, DF, v. 07, página 10413, 05 out. 1962. Seção I, p. 3549-1957.

_____. Lei nº 4.137 de 10 de setembro de 1962. Criou o CADE - Conselho Administrativo de Defesa Econômica. *Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]*, Brasília, DF, v. 07, página 11717, 10 set. 1962. Seção I, p. 3-1955.

_____. *Decreto nº 76.428, de 13 de outubro de 1975*. Retifica o Decreto datado de 3 de novembro de 1964. Publicado no Diário Oficial da União de 5 subsequente que cassou a permissão concedida à Rádio Educadora de Goiandira S.A. para estabelecer, na cidade de Goiandira, Estado de Goiás, uma estação de radiodifusão sonora em onda média. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=190743>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

_____. Decreto nº 89.553, de 12 de abril de 1984. Renova, por 10 (dez) anos, as concessões outorgadas às entidades mencionadas, para explorarem serviços de radiodifusão sonora em onda média, nas cidades e unidades da Federação indicadas. *Diário Oficial [da] União*, Brasília, DF, 13 abr. 1984. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/D89553.htm>. Acesso em: 20 fev. 2013.

_____. Decreto nº 89.592, de 27 de abril de 1984. Renova por 10 (dez) anos, as concessões outorgadas às entidades que menciona, para explorarem serviços de radiodifusão sonora em onda média, nas cidades e unidades da Federação indicadas. *Diário Oficial [da] União*, Brasília, DF, 30 abr. 1984. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/D89592.htm>. Acesso em: 30 abr. 2013.

_____. Decreto de 6 de dezembro de 2000. Renova concessão das entidades que menciona, para explorar serviços de radiodifusão, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] União*, Brasília, DF, 7 dez. 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/dnn/Dnn9097.htm>. Acesso em: 30 abr. 2013.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CAMPOS, F. Itami. A política tradicional em Goiás: 1930 a 1960. In: SOUZA, Dalva Borges de (Org.). *Goiás: sociedade & estado*. Goiânia: Cênone, 2004. p. 13-47.

CANCLINI, Néstor García. *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa sem massa*. São Paulo: Summus, 1986.

_____. *Multidões em cena: propaganda política no varquismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.

CARVALHO, J.B. *Fragments da história de Ipameri*. Ipameri: Edição do Autor, 1958.

CASALI, Luiz. Rádio: fábrica de anunciantes. In: FILHO, André Barbosa; PIOVESA, Angelo; BENETON, Rosana (Orgs.). *Rádio: sintonia do futuro*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 215-222.

CASTRO, Baltazar Soares de. Depoimento. In: AGI. *Imprensa Goiana: depoimentos para a sua história*. Goiânia: Cerne, 1980. p. 125-131.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.

CÉSAR, Cyro. *Como falar no rádio: prática de locução AM e FM*. São Paulo: IBRASA, 1990.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. *Decreto sobre o Movimento de Educação de Base*, abril de 1961 (Comunicado Mensal, 103).

CORAZZA, Helena. O lugar da religião no rádio. In: FILHO, André Barbosa; PIOVESA, Angelo; BENETON, Rosana (Orgs.). *Rádio: sintonia do futuro*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 257-276.

CORREIA, Juca Ribeiro. *A história da rádio Morrinhos*. 2008. Trabalho de conclusão de curso em História da Universidade Estadual de Goiás/unidade de Morrinhos, 2008.

CORREIA, Salatiel Pedrosa Soares. *A construção de Goiás: ensaio de desenvolvimento político e regional*. Goiânia: PUC, 2011.

CUNHA, Cileide Alves. A herança modernizadora de Pedro Ludovico e a memória de seu grupo político. In: CHAUL, Nasr Fayad; DUARTE, Luiz Sérgio (Orgs.). *História política de Goiás*. Goiânia: UFG, 2009. p. 1-25.

DEFLEUR, Melvin; BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Pág. 17, seção 1, de 16 de abril de 1948. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2362880/dou-secao-1-16-04-1948-pg-17>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

_____. Pág. 19, seção 1, de 03 de junho de 1948. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2435986/dou-secao-1-03-06-1948-pg-19>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

_____. Pág. 21, seção 1, de 12 de novembro de 1954. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2827517/pg-21-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-12-11-1954>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

_____. Pág. 21, seção 1, de 24 de novembro de 1955. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2961370/pg-21-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-24-11-1955>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

_____. Pág. 26, seção 1, de 30 de abril de 1974. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/3061101/dou-secao-1-30-04-1974-pg-26>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

_____. Pag. 12, seção I, Parte I, de 22 de outubro de 1960. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2902027/dou-secao-1-22-10-1960-pg-12>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

_____. Pág. 27, seção I, de 20 de dezembro de 1961. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2890055/dou-secao-1-20-12-1961-pg-27>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

DIGGINS, John Patrick. *Max Weber: a política e o espírito da tragédia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

DUARTE, Orlando. *Na mesma sintonia: o rádio na vida e na obra de Orlando Duarte*. São Paulo: SENAC, 2008.

ESTEVAM, Luís. *O tempo da transformação: estrutura e dinâmica na formação econômica de Goiás*. 1997. Tese (Doutorado em Economia) – Unicamp, Campinas, 1997.

ESTEVES, Carlos Leandro da Silva. *Estado e agricultura em Goiás: escritórios privados de consultoria e políticas públicas no Governo Mauro Borges (1961-1964)*. 2011. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense Niterói, 2011.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. *História da comunicação: rádio e TV no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982.

FELÍCIO, Sílvio Célio. *Ventos e vozes do progresso: rádio Cultura de Catalão – 1955 à 1962*. Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Federal de Goiás, unidade de Catalão em 2002.

FERRARETO, Luiz Artur. Legalidade: a força do rádio garantindo o cumprimento da constituição. In: FILHO, André Barbosa; PIOVESA, Angelo; BENETON, Rosana (Orgs.). *Rádio: sintonia do futuro*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 63-86.

FERRAZ, Nivaldo. A dramatização sonora: formatos, interpretação e sonoplastia. In: FILHO, André Barbosa; PIOVESA, Angelo; BENETON, Rosana (Orgs.). *Rádio: sintonia do futuro*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 115-130.

FERREIRA, Haydée Jayme. *Anápolis: sua vida, seu povo*. Brasília, Senado Federal, 1981.

FERRETE, J. L. *Capitão Furtado: viola caipira ou sertaneja?* Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional de Música, Divisão de Música Popular, 1985.

GALLI, Ubirajara. *A história do comércio varejista em Goiás*. Goiânia: UCG, 2007.

_____. *Jerônimo Rodrigues da Silva: Jerominho*. Goiânia: Kelps, 2011.

GARRIDO, Joan Del Alcàzar. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 33-54, set. 1992 / ago. 1993.

GODINHO, Iúri Rincon. *A história da propaganda em Goiás*. Goiânia: UCG / Contato Comunicação, 2006.

GOULD, Jack. *Rádio e televisão*. Rio de Janeiro: Record, 1964.

GONÇALVES, José Cunha. História dos meios de comunicação em Anápolis. *Jornal O Centenário*, Anápolis, ano 1, n. 1, mar. 2005.

GUARESCHI, Pedrinho. A realidade da comunicação: visão geral do fenômeno. In: LAZZAROTTO, Gisley Romanzini et al. (Coords.). *Comunicação e controle social*. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 13-22.

HAUSSEN, Doris Fagundes. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. Rádio brasileiro: uma história de cultura, política e integração. In: FILHO, André Barbosa; PIOVESA, Angelo; BENETON, Rosana (Orgs.). *Rádio: sintonia do futuro*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 51-62.

INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN. *Caçula e Marinheiro*. Disponível em <<http://www.dicionariompb.com.br/cacula-e-marinheiro/dados-artisticos>>. Acesso em: 14 jul. 2013.

JAPUR, Jorge Robespierre Tomás. *Análise da atividade midiática de uma emissora fronteiriça: estudo de caso da rádio Quaraí Am*. Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria, 2009.

JEFFRIES, Sir Charles. O mapa-mundi do analfabetismo. In: FISCHER, Heinz-Dietrich; MERRILL, John. *Comunicação internacional: meios – canais – funções*. São Paulo: Cultrix, 1975, p. 185-191.

JUNIOR, Irineu Guerrini. Brazilian section: as transmissões em português da BBC durante a Segunda Guerra Mundial. In: GOLIN, Cida; ABREU, João Batista de (Orgs.). *Batalha sonora: o rádio e a Segunda Guerra Mundial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 17-35.

KLÖCKNER, Luciano. *O Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história*. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

KOLLING, João Inácio. *O Movimento de Educação de Base: uma religação ao compromisso político-social*. Disponível em: <<http://www.unilasalle.edu.br/lucas/assets/upload/MEB.pdf>>. Acesso em: 9 maio 2013.

LENHARO, Alcir. *Cantores do rádio: a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo*. Campinas: UNICAMP, 1995.

LUZ, Gil Mendes. *Planejamento e intervencionismo estatal em Goiás*. Goiânia: UCG, 2008.

MAGALHÃES, Luiz Ricardo. Missão Cruis: o sertão e a nova capital. In: SERPA, Élio Cantalício; MAGALHÃES, Sônia Maria de (Orgs.). *História de Goiás: memória e poder*. Goiânia: UCG, 2008. p. 151-170.

MARQUES, Camila. Ensino a distância começou com cartas a agricultores. Folha de São Paulo, 2004. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u16139.shtml>

MARQUES, Edmilson. *A história do rádio em Goiás (1942-1947)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MATTOS, Sérgio. *Mídia controlada: a história da censura no Brasil e no mundo*. São Paulo: Paulus, 2005.

MELO, Valter. *Um ceresino*. Goiânia: Kelps, 2012.

MESQUITA, Francisco de Paula. O advento do rádio rio-verdense. *Jornal Sudoeste*, ed. 126, 3 de agosto de 2012.

MIGUEL, Alessandro; MIGUEL, Luciano; MIGUEL, Jamil. *Instantes da história de Inhumas*. Goiânia: Kelps, 2003. v. 1.

MINISTÉRIO DA FAZENDA. *Panorama do trigo e derivados*. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:duawUTSIUcoJ:www.seae.fazenda.gov.br/central_documentos/panoramas-setoriais/i_trc_seae_2011_panorama-trigo-20-04-2011.pdf+Pol%C3%ADtica+trit%C3%ADcola&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESgwE3lMGpgfIKT18tyd2-g89Q_izoZ1OHtIWtqbhkmnzCwzEQJXAfqhbFafWbGZha_HuI5ypPMB-4Z2b7yCBqV34Ku1PrK737FhHsoNAXBZzG5WVC5HvLbKWrzT2DPgalvS6Fy&sig=AHIEtbSa2G7vj49z_WiK4rsTSDOrA49D-A>. Acesso em: 22 abr. 2013.

MOREIRA, Sonia Virgínia. *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

MURCE, Renato. *Bastidores do rádio: fragmentos do rádio de ontem e de hoje*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NEIVA, Antônio Theodoro da Silva. *Introdução à antropologia goiana II*. Goiânia: O Popular, 1989.

NEPOMUCENO, Edvaldo. *A gênese de Rialma em versos e prosa*. Goiânia: Kelps, 2007.

NETO, Oscar Cunha. *Rio Verde: apontamentos para a sua história*. Goiânia: O Popular, 1988.

NETO, Francisco Pimenta. Depoimento. In: AGI. *Imprensa goiana: depoimentos para a sua história*. Goiânia: Cerne, 1980. p. 183-185.

NEVES, Paulo. *Mixagem: o ouvido musical no Brasil*. São Paulo: Max Limonad, 1985.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. *O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica*. São Paulo: ANNABLUME, 1993.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

ORTIZ, Renato; BORELLI, Silvia Helena Simões; RAMOS, José Mário Ortiz. *Telenovela: história e produção*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo, SUMMUS, 1985.

PACELLI, Edoardo. *Anna Khoury: o sonho dourado – 45 anos de rádio FM no Brasil*. Disponível em: <http://www.italiamiga.com.br/artecultura/artigos/anna_khoury.htm>. Acesso em: 1 maio 2013.

PACHECO, Fábio Piva. *Mídia e poder: representações simbólicas do autoritarismo na política Uberlândia – 1960/1990*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, 2001.

PASTORE, John O. *A história das comunicações: da luz da lanterna ao telstar*. São Paulo: Cultrix, 1966.

PEREIRA, Antônio. *Geraldo Motta Baptista*. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cronicasdacidade/2012/07/08/geraldo-motta-baptista/>>. Acesso em: 8 ago. 2013.

- PERUZZOLO, Adair Caetano. *Comunicação e cultura*. Porto Alegre, Sulina, 1972.
- PIERNES, Guillermo. *Comunicação e Desintegração na América Latina*. Brasília: UNB, 1990.
- PIRES, Cornelio. *Conversas ao pé do fogo*. São Paulo: Imprensa Oficial do estado, Fac-similar, 1987.
- PORTO, Newton Marcos Leone. *História do transporte aéreo no centro-oeste brasileiro 1930-1960*. Goiânia: UCG, 2005.
- PRADO, Emilio. *Estrutura da informação radiofônica*. São Paulo: Summus, 1989.
- RABELO, Francisco Chagas. Mobilização social e tradicionalismo político em Goiás: governo Mauro Borges, 1961-1964. In: SOUZA, Dalva Borges de (Org.). *Goiás: sociedade & estado*. Goiânia: Cãnone, 2004. p. 51-84.
- Rádios Antigos. *Rádios transistorizados compactos: uma pequena história do transistor*. Disponível em: <<http://www.bn.com.br/radios-antigos/transcom.htm>>. Acesso em: 8 ago. 2013.
- RANGEL, Eleazar Diaz. A notícia na América Latina: mudanças de forma e conteúdo. In: MELO, José Marques (Org.). *Comunicação e sociedade: comunicação na américa latina*. Revista semestral de estudos de comunicação, ano III, n. 5, mar. 1981.
- REBELLO, Péricles Xavier. *Usos e costumes de Goiás estudos e interpretações de 1900 – 1980*. Goiânia: Líder, 1987.
- REDENTORISTAS. Central de Jornalismo – Rádio Difusora de Goiânia e Missionários. *Difusora Goiânia: 50 anos de evangelização e promoção da cidadania*. 2007 (Livro organizado pela emissora para comemoração de seus 50 anos).
- REVISTA SIGNIS MEDIA. *Rádios católicas en Brasil: radios pour la paix*. Publicação trimestral editada pela Associação Católica Mundial sobre a Comunicação, n. 3, 2008. Disponível em: <<http://www.signis.net/IMG/pdf/Signis-Media2008-3.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2013.
- ROCHA, Amara. *Nas ondas da modernização: o rádio e a TV no Brasil de 1950 a 1970*. Rio de Janeiro: Aeroplano: FAPERJ, 2007a.
- ROCHA, Hélio. *Anápolis: e assim se passaram 100 anos*. Goiânia: Kelps, 2007b.
- _____. *Rádio Brasil Central: 60 anos no ar*. Goiânia: Kelps, 2010.
- SANTOS, Regma Maria dos. Política e espetáculo: o papel do rádio nas eleições de Uberlândia em 1958. *OP SIS*, Revista do NIESC, v. 5, 2005.
- _____. *Meios de Comunicação e política: o jornal e o rádio nas eleições de 1958 em Uberlândia*. In: KUSHNIR, Beatriz (Org.). *Maços na gaveta: reflexões sobre mídia*. Niterói: UFF, 2009. p. 35-51.
- SARMENTO, Armando de Moraes. As agências estrangeiras trouxeram a modernidade, as nacionais aprenderam depressa. In: BRANCO, Renato Castelo; MARTENSEN, Rodolfo Lima; REIS, Fernando. *História da propaganda no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990. p. 20-24.
- SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sonia Virgínia. *Rádio nacional: o Brasil em sintonia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SILVA, Sebastião Bento da. *Tradições Morrinhense*. Texto concedido pelo autor, 2012. (No Prelo).

SILVA, Antônio Moreira. *Dossiê de Goiás: enciclopédia regional – um compêndio de informações sobre Goiás, sua história e sua gente*. Goiânia: Master Publicidade, 2001.

SILVA, Luís Sérgio Duarte da. O conceito de fronteira em Deleuze e Sarduy. *Textos de História*, v. 13, n. 1-2, 2005.

_____. *A construção de Brasília: modernidade e periferia*. Goiânia: UFG, 2010.

SILVA, Maria Divina da. *Rádio na zona rural Chapadão década de 50*. Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Federal de Goiás/Catalão, 1998.

SILVA, Zander Campos da. *Propaganda em Goiás: aspectos históricos de uma experiência*. Goiânia: Única, 2007.

SILVEIRA, Peixoto da. *A nova capital: porque, para onde e como mudar a capital federal*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1957.

SOUZA, Dalva Borges de. *Violência, poder e autoridade em Goiás*. Goiânia: UFG, 2006.

SOUZA, Elizangela Fernandes de. *Memória no ar: rádio Cultura de Catalão*. Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Federal de Goiás, unidade de Catalão, 1999.

SPERBER, George Bernard. *Introdução à peça radiofônica*. São Paulo: EPU, 1980.

TAVARES, Reynaldo. *Histórias que o Rádio não contou: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo*. São Paulo: Harbra, 1999.

TINHORÃO, José Ramos. *Música popular: do gramofone ao rádio e tv*. São Paulo: Ática, 1981.

TOTA, Antonio Pedro. *A locomotiva no ar: rádio e modernidade em São Paulo 1924-1934*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/PW, 1990.

VIEIRA, Daniela; SANTOS, Edilaine Camargo dos; PINTO, Renata Vaz. *Rádio Clube de Goiânia: o resgate da história na memória dos pioneiros*. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Comunicação Social, Faculdade Alfa, Goiânia, 2007.

VILELA, Leandro. *Transcurso do 50º aniversário de fundação da Rádio Difusora AM, do Município de Jataí, no Estado de Goiás*. Câmara dos Deputados – DETAQ, em 5 de setembro de 2007. Disponível em:

<<http://www.camara.gov.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=3&nuSessao=231.1.53.O&nuQuarto=36&nuOrador=1&nuInsercao=55&dtHorarioQuarto=15:10&sgFaseSessao=PE%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20&Data=05/09/2007&txApelido=LEANDRO%20VILELA&txFaseSessao=Pequeno%20Expediente%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20&dtHoraQuarto=15:10&txEtapa=Com%20reda%C3%A7%C3%A3o%20final>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

WEBER, Max. *Ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Claret, 2004.

_____. *Economia e sociedade*. Brasília: UNB, 2009a. v. 1.

WELLS, Alan. *Picture-tube Imperialism? The Impact of US Television in Latin America*. Nova Iorque: Orbis Books, 1972.

Arquivos de jornais

Jornal Ipameri

Jornal Ypameri. *Alto falante na praça da liberdade*. Ipameri, novembro de 1927.

Jornal O Ipameri. *Registro de aparelhos de rádio*. Ipameri, ano 2, v. 75, 24 de fevereiro de 1952.

Jornal O Anápolis

Jornal “O Anápolis”. *Amplificadora cultural de Anápolis*. Anápolis, ano VII, nº 332, 11 de janeiro de 1942.

Jornal “O Anápolis”. *Amplificadora cultural de Anápolis*. Anápolis, ano VIII, nº 372, 25 de outubro de 1942.

Jornal O Anápolis. *Paris e México num espetáculo de gala na ZYJ-3: Fernand Rosel e Hermanas Flôres*. Anápolis, ano XV, nº 959, 12 de fevereiro de 1950.

Jornal O Anápolis. *Radio Brasil Central*. Anápolis, ano XV, n. 966, 9 de março de 1950.

Jornal O Anápolis. *Inaugurada a estação rádio telegráfica de Quirinópolis*. Anápolis, ano XVII, nº 1102, 31 de dezembro de 1950.

Jornal O Anápolis. *A voz da América*. Anápolis, ano XVII, nº 1124, 16 de agosto de 1950.

Jornal O Anápolis. *A Rádio Carajá – ZYJ-3 amplia o seu campo de ação*. Anápolis, ano XVII, nº 1145, 4 de novembro de 1951.

Jornal O Anápolis. *Simonetti - Salaberry*. Anápolis, ano XVIII, nº 1209, 25 de maio de 1952.

Jornal O Anápolis. *Inaugurado o serviço rádio-telegráfico de Céres*. Anápolis, ano XVIII, n. 1671, 19 de janeiro de 1953.

Jornal O Anápolis. *A Rádio Internacional do Brasil: vai instalar uma estação rádio-telefônica em Goiânia*. Anápolis, ano XIX, nº 1699, 28 de maio de 1953.

Jornal O Anápolis. *Beija-Flor e Moreninho*. Anápolis, ano XIX, nº 1700, 31 de maio de 1953.

Jornal O Anápolis. *Beija-Flor e Moreninho*. Anápolis, ano XIX, nº 1702, 11 de junho de 1953.

Jornal O Anápolis. *Inaugurado o “Teletipo” na “APT” de Anápolis: importante melhoramento para a agência local*. Anápolis, ano XIX, nº 1717, 2 de agosto de 1953.

Jornal O Anápolis. *Transmissões radiofônicas diretamente de fazendas, grajas e sítios do Dist. Federal*. Anápolis, ano XIX, nº 1963, 11 de dezembro de 1953.

Jornal O Anápolis. *Criado o serviço de rádio-difusão da Câmara e PM*. Anápolis, ano XXIX, nº 4759, 14 de janeiro de 1954.

Jornal O Anápolis. *Inaugurada a estação rádio telegráfica de Uruana*. Anápolis, ano XIX, nº 1786, março de 1954.

Jornal O Anápolis. *Transmissões de ondas curtas para o Brasil*. Anápolis, ano XX, nº 1801, 23 de maio de 1954.

Jornal O Anápolis. *Músicas de Goiás*. Anápolis, ano XXI, nº 2908, 23 de junho de 1955.

Jornal O Anápolis. *Rádio Anhanguera, emissora que traduz os anseios de progresso do povo goiano*. Anápolis, ano XXI, nº 2946, 6 de novembro de 1955.

Jornal O Anápolis. *Amplificadora funcionando em alta voz prejudica a vida da cidade*. Anápolis, ano XXI, nº 2956, 11 de dezembro de 1955.

Jornal O Anápolis. *Ondas curtas na rádio Mayrink Veiga*. Anápolis, ano XXI, nº 2964, 8 de janeiro de 1956.

Jornal O Anápolis. *Programas radiofônicos Sant'Ana: missa das crianças e aulas de catecismo*. Anápolis, ano XXI, nº 2986, 25 de março de 1956.

Jornal O Anápolis. *Amplificador mirim*. Anápolis, ano XXIII, nº 3164, 30 de janeiro de 1957.

Jornal O Anápolis. *Anápolis terá outra rádio emissora: Rádio Cultura de Anápolis Ltda., será o seu nome*. Anápolis, ano XXIII, nº 3078, 7 de março de 1957.

Jornal O Anápolis. *Proibida a execução de "Não Vou prá Brasília"*. Anápolis, ano XXIII, nº 3142, 31 de outubro de 1957.

Jornal O Anápolis. *Será fundada em Anápolis a Associação dos Cronistas Esportivos*. Anápolis, ano XXIII, nº 3156, 1 de janeiro de 1958.

Jornal O Anápolis. *Nosso Sertão às 7,30*. Anápolis, ano XXIII, nº 3160, 16 de janeiro de 1958.

Jornal O Anápolis. *Rádio... ouvindo: a cultura ainda em janeiro*. Anápolis, ano XXIII, nº 3161, 19 de janeiro de 1958.

Jornal O Anápolis. *Jornais falados*. Anápolis, ano XXIII, nº 3163, 26 de janeiro de 1958.

Jornal O Anápolis. *Textos "foguetes"*. Anápolis, ano XXIII, nº 3163, 26 de janeiro de 1958.

Jornal O Anápolis. *Rádio... ouvindo: Rádio Imprensa em seis meses*. Anápolis, ano XXIII, nº 3164, 30 de janeiro de 1958.

Jornal O Anápolis. *"Copacabana voltará"*. Anápolis, ano XXIII, nº 3166, 6 de fevereiro de 1958.

Jornal O Anápolis. *Propaganda inteligente da "linho puro"*. Anápolis, ano XXIII, nº 3166, 6 de fevereiro de 1958.

Jornal O Anápolis. *Habib melhora*. Anápolis, ano XXIII, nº 3168, 13 de fevereiro de 1958.

Jornal O Anápolis. *Uma carta expressiva*. Anápolis, ano XXIII, nº 3177, 16 de março de 1958.

Jornal O Anápolis. *Grande "show" de artistas cariocas e paulistas: mais de 10.000 pessoas assistiram ao espetáculo da noite do dia 20*. Anápolis, ano XXIII, nº 3588, 26 de abril de 1959.

Jornal O Anápolis. *A Rádio Carajá em ondas curtas*. Anápolis, ano XXV, nº 3589, 30 de abril de 1959.

Jornal O Anápolis. *Rádio Cultura tem nova diretoria*. Anápolis, ano XXV, nº 3589, 30 de abril de 1959.

Jornal O Anápolis. *Anápolis já tem emissora de ondas curtas*. Anápolis, ano XXV, nº 3602, 14 de junho de 1959.

Jornal O Anápolis. *Fundada a Associação Goiana de Propaganda*. Anápolis, ano XXV, nº 3609, 9 de junho de 1959.

Jornal O Anápolis. *Inauguração da rádio Cultura de Ceres*. Anápolis, ano XXV, nº 3618, 13 de agosto de 1959.

Jornal O Anápolis. *Rádio Carajá ouvida na Finlândia*. Anápolis, ano XXV, nº 3631, 1 de outubro de 1959.

Jornal O Anápolis. *Propaganda de patrocinadores da rádio Carajá*. Anápolis, ano XXV, nº 3638, 25 de outubro de 1959.

Jornal O Anápolis. *Rádio & publicidade*. Anápolis, ano XXV, nº 3640, 1 de novembro de 1959.

Jornal O Anápolis. *Novas Instalações da Rádio Santana: inauguradas domingo último às 16 horas*. Anápolis, ano XXV, nº 3650, 9 de dezembro de 1959.

Jornal O Anápolis. *Morrinhos festeja a vinda da luz elétrica*. Anápolis, ano XXV, nº 3660, 21 de dezembro de 1959.

Jornal O Anápolis. *Rádio Nacional de Brasília dirige-se a todas emissoras do país*. Anápolis, ano XXV, nº 3714, 29 de fevereiro de 1960.

Jornal O Anápolis. *Anápolis já tem rádio patrulha*. Anápolis, ano XXV, nº 3811, 24 de junho de 1960.

Jornal O Anápolis. *Rádio Carajá ouvida nos quatro cantos do mundo*. Anápolis, ano XXV, nº 3819, 4 de julho de 1960.

Jornal O Anápolis. *O caso dos alto-falantes precisa ser resolvido*. Anápolis, ano XXVI, nº 3.907, 24 de outubro de 1960.

Jornal O Anápolis. *Cinzano e Firestone na Santana*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.230, 6 de fevereiro de 1961.

Jornal O Anápolis. *Emissoras cariocas silenciarão*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.013, 25 de março de 1961.

Jornal O Anápolis. *Exposição Alvorada e a TV*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.171, 13 de novembro de 1961.

Jornal O Anápolis. *Jornal falado na Rádio Santana*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.174, 17 de novembro de 1961.

Jornal O Anápolis. *Recado a Waldira de Souza*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.177, 22 de novembro de 1961.

Jornal O Anápolis. *Saul Galdino o novo locutor*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.180, 25 de novembro de 1961.

- Jornal O Anápolis. *Vasco Santana explica*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.183, 29 de novembro de 1961.
- Jornal O Anápolis. *Associação dos cronistas esportivos*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.186, 2 de dezembro de 1961.
- Jornal O Anápolis. *O programa de auditório da Rádio Santana*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.190, 7 de dezembro de 1961.
- Jornal O Anápolis. *Festival do rock*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.191, 9 de dezembro de 1961.
- Jornal O Anápolis. *Festival dos violeiros*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.192, 11 de dezembro de 1961.
- Jornal O Anápolis. *Repercute o festival dos violeiros*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.194, 13 de dezembro de 1961.
- Jornal O Anápolis. *Juquita e a televisão*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.196, 15 de dezembro de 1961.
- Jornal O Anápolis. *Péssimos sonoplastas*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.199, 19/20 de dezembro de 1961.
- Jornal O Anápolis. *Rádio Santana e "A Voz do Brasil"*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.205, 30 de dezembro de 1961.
- Jornal O Anápolis. *O matrimônio de Irene Santos*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.208, 6 de janeiro de 1962.
- Jornal O Anápolis. *Na cidade o Fued Nassif*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.211, 10 de janeiro de 1962.
- Jornal O Anápolis. *E os sonoplastas continuam*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.214, 13 de janeiro de 1962.
- Jornal O Anápolis. *Ademar Revelação*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.216, 17 de janeiro de 1962.
- Jornal O Anápolis. *As Emissoras e os Hand-Tocks*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.218, 19 de janeiro de 1962.
- Jornal O Anápolis. *Notícia de Rialma*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.228, 3 de fevereiro de 1962.
- Jornal O Anápolis. *O demoníaco rock continua*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.237, 15 de fevereiro de 1962.
- Jornal O Anápolis. *Espetacular Proeza da Santana*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.243, 23 de fevereiro de 1962.
- Jornal O Anápolis. *Congratulações a Rádio Santana*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.249, 3/4 de março de 1962.
- Jornal O Anápolis. *Aulas de inglês*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.259, 20 de março de 1962.
- Jornal O Anápolis. *Emissoras do Rio estão em greve: salário*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.403, 4 de outubro de 1962.
- Jornal O Anápolis. *A ZYJ-3 e suas provocações*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.424, 14 de novembro de 1962.

- Jornal O Anápolis. *Novos programas*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.463, 31 de janeiro de 1963.
- Jornal O Anápolis. *Músicas do passado*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.472, 10 de fevereiro de 1963.
- Jornal O Anápolis. *Armando Sganzerla*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.493, 14 de março de 1963.
- Jornal O Anápolis. *Fracassou a greve dos radialistas*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.499, 21 de março de 1963.
- Jornal O Anápolis. *Nhô Quitério em Ação*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.507, 02 de abril de 1963.
- Jornal O Anápolis. *Morgado e Nelci*. Anápolis, ano XXIX, nº 4.530, 3 de maio de 1963.
- Jornal O Anápolis. *O gerente da telefônica teria autorizado sabotagem à Rádio!* Anápolis, ano XXIX, nº 4.531, 4 de maio de 1963.
- Jornal O Anápolis. *Jalmes em Goiânia*. Anápolis, ano XXIX, nº 4.532, 5/6 de maio de 1963.
- Jornal O Anápolis. *Radialistas preparam greve geral*. Anápolis, ano XXIX, nº 4.534, 8 de maio de 1963.
- Jornal O Anápolis. *Rádio Tupí congratula-se com lançamento dos discos de Ely Camargo*. Anápolis, ano XXIX, nº 4.543, 18 de maio de 1963.
- Jornal O Anápolis. *Isaac Abrão na Rádio Nacional de Brasília*. Anápolis, ano XXIX, nº 4.568, 28 de maio de 1963.
- Jornal O Anápolis. *A folga do Cassimiro*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.500, 22 de março de 1963.
- Jornal O Anápolis. *Mãos criminosas*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.503, 26 de março de 1963.
- Jornal O Anápolis. *Desaparecimento da música sertaneja*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.510, 5 de abril de 1963.
- Jornal O Anápolis. *Jalmes Dolis*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.513, 9 de abril de 1963.
- Jornal O Anápolis. *O espetáculo dos malucos*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.515, 11 de abril de 1963.
- Jornal O Anápolis. *Confusão de ondas*. Anápolis, ano XXVI, nº 4.518, 18 de abril de 1963.
- Jornal O Anápolis. *Rádio de Varsóvia suspende programa de música popular*. Anápolis, ano XXIX, nº 4.575, 5 de junho de 1963.
- Jornal O Anápolis. *Designado radialista para organizar festividades da classe em Anápolis*. Anápolis, ano XXIX, nº 4.596, 4 de julho de 1963.
- Jornal O Anápolis. *O papel das agências de propaganda*. Anápolis, ano XXIX, nº 4.598, 6 de julho de 1963.
- Jornal O Anápolis. *Regulamentados rádio TV no país*. Anápolis, ano XXIX, nº 4.615, 26 de julho de 1963.
- Jornal O Anápolis. *Rádios que não recolhem impôsto sindical*. Anápolis, ano XXIX, nº 4.658, 21 de setembro de 1963.
- Jornal O Anápolis. *Possível greve geral dos radialistas de Anápolis amanhã: aumento salarial*. Anápolis, ano XXIX, nº 4.704, 19 de novembro de 1963.

Jornal O Anápolis. *Os padrões de radialistas admitem infiltração subversiva na classe!* Anápolis, ano XXIX, nº 4.705, 20 de novembro de 1963.

Jornal O Anápolis. *Radialistas anapolinos foram atendidos nas reivindicações.* Anápolis, ano XXIX, nº 4.735, 11 de janeiro de 1964.

Jornal do Oeste

Jornal do Oeste. *TER reparte horário para os candidatos, nas rádios.* Goiânia, ano III, nº 756, 25 de setembro de 1962.

Jornal Sudoeste

Jornal Sudoeste. *O advento do rádio rio-verdense.* Rio Verde, ed. 133, 3 de agosto de 2012.

Jornal Nova Capital

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Vai entrar no ar a Rádio Anhanguera.* Goiânia, ano II, nº 20, 20 de agosto de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Propaganda: arte e técnica.* Goiânia, ano II, nº 22, 23 de agosto de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Catedrático.* Goiânia, ano II, nº 23, 25 de agosto de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Cobertura esportiva.* Goiânia, ano II, nº 24, 27 de agosto de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Novo técnico.* Goiânia, ano II, nº 25, 28 de agosto de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Bons valores.* Goiânia, ano II, nº 26, 2 de setembro de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Genese Marqueche.* Goiânia, ano II, nº 27, 3 de setembro de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *O Trio da Amizade.* Goiânia, ano II, nº 38, 23 de setembro de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Entra no ar a Rádio Anhanguera.* Goiânia, ano II, nº 41, 28 de setembro de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Hugo Wacheck.* Goiânia, ano II, nº 42, 29 de setembro de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *O Jovem.* Goiânia, ano II, nº 42, 29 de setembro de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Vida de artistas.* Goiânia, ano II, nº 70, 13 de novembro de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Rádio.* Goiânia, ano II, nº 75, 24 de novembro de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Prossegue o programa ouvindo e aprendendo.* Goiânia, ano II, nº 77, 26 de novembro de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *No degrau da fama*. Goiânia, ano II, nº 81, 1 de dezembro de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Entrevista com José Cunha Júnior*. Goiânia, ano II, nº 82, 2 de dezembro de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Tratamento acústico na Rádio Anhanguera*. Goiânia, ano II, nº 83, 3 de dezembro de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Boa ideia o programa de noticiário da Rádio Anhanguera*. Goiânia, ano II, nº 92, 14 de dezembro de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Programa cesta de Natal*. Goiânia, ano II, nº 93, 15 de dezembro de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Urucubaca: marcha de Wolmey Campos*. Goiânia, ano II, nº 95, 17 de dezembro de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Uma verdadeira onde de composição de carnaval*. Goiânia, ano II, nº 96, 22 de dezembro de 1955.

Jornal Nova Capital: Folha Matutina. *Segundo grande acontecimento do rádio goiano em 1955*. Goiânia, ano II, nº 102, 31 de dezembro de 1955.

Jornal Diário da Tarde

Jornal Diário da Tarde. *Rádio escuta: Rádio Brasil Central*. Goiânia, ano I, nº 3, 26 de julho de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *Rádio escuta: os dois melhores locutores da RBC*. Goiânia, ano I, nº 4, 27 de julho de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *Rádio escuta: auditório da rádio Anhanguera*. Goiânia, ano I, nº 6, 30 de julho de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *Rádio escuta: a emissora dos 12 transmissores*. Goiânia, ano I, nº 7, 31 de julho de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *Rádio escuta: gravadora de discos New-Son*. Goiânia, ano I, nº 10, 3 de agosto de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *Rádio escuta: Luiz Carlos Pimenta*. Goiânia, ano I, nº 14, 8 de agosto de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *Rádio escuta: ondas curtas da rádio clube de Goiânia*. Goiânia, ano I, nº 16, 10 de agosto de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *Rádio escuta: Moraes Júnior*. Goiânia, ano I, nº 26, 23 de agosto de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *Rádio escuta: frequência modulada RBC*. Goiânia, ano I, nº 35, 3 de setembro de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *O dia do radialista*. Goiânia, ano I, nº 49, 20 de setembro de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *Rádio escuta: o comércio em Goiás e o rádio*. Goiânia, ano I, nº 70, 16 de outubro de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *Rádio escuta: programa caipira na rádio Anhanguera*. Goiânia, ano I, nº 87, 30 de outubro de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *Rádio escuta: programa o catete no Planalto Central*. Goiânia, ano I, nº 84, 3 de novembro de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *Rádio Escuta: Banif publicidade*. Goiânia, ano I, nº 85, 5 de novembro de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *Rádio escuta: RBC e rádio Anhanguera*. Goiânia, ano I, nº 86, 6 de novembro de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *Rádio escuta: os problemas do rádio goiano*. Goiânia, ano I, nº 87, 7 de novembro de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *Rádio escuta: Orlando Silva*. Goiânia, ano I, nº 91, 13 de novembro de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *Rádio Difusora de Campinas*. Goiânia, ano I, nº 96, 20 de novembro de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *Josafá Nascimento*. Goiânia, ano I, nº 100, 24 de novembro de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *O rádio-teatro no rádio goiano*. Goiânia, ano I, nº 130, 24 de dezembro de 1956.

Jornal Diário da Tarde. *Rádio*. Goiânia, ano II, nº 128, 3 de janeiro de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *A Rádio Brasília será agora Rádio Difusora de Campinas*. Goiânia, ano II, nº 153, de fevereiro de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Ecos da inauguração da Rádio Difusora de Campinas*. Goiânia, ano II, nº 180, 12 de março de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Prestação de contas da RBC*. Goiânia, ano II, nº 185, 18 de março de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Ao cronista da Difusora*. Goiânia, ano II, nº 201, 5 de abril de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Curiosidades radiofônicas*. Goiânia, ano II, nº 208, 13 de abril de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Um papagaio me contou que....* Goiânia, ano II, nº 212, 22 de abril de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Coisas do micro*. Goiânia, ano II, nº 218, 29 de abril de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Radio-flash*. Goiânia, ano II, nº 312, 3 de setembro de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Radio-flash*. Goiânia, ano II, nº 313, 4 de setembro de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Roberto Ferreira deixa a Rádio Anhanguera*. Goiânia, ano II, nº 316, 9 de setembro de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Sonotécnico*. Goiânia, ano II, nº 319, 13 de setembro de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Radio-flashes*. Goiânia, ano II, nº 322, 16 de setembro de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Radio-flashes*. Goiânia, ano II, nº 326, 20 de setembro de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Radio-Flash*. Goiânia, ano II, nº 330, 25 de setembro de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Comentando – Boca de Lobo: agências de publicidade*. Goiânia, ano II, nº 351, 19 de outubro de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Radio-flash*. Goiânia, ano II, nº 341, 20 de novembro de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Radio-flash*. Goiânia, ano II, nº 380, 28 de novembro de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *O Comércio e o Rádio*. Goiânia, ano II, nº 383, 02 de dezembro de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Flash da Difusora*. Goiânia, ano II, nº 387, 6 de dezembro de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Cotação musical*. Goiânia, ano II, nº 389, 9 de dezembro de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Cezar de Alencar e Ellem Lima*. Goiânia, ano II, nº 401, 19 de dezembro de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Candidatos do rádio*. Goiânia, ano II, nº 386, 21 de dezembro de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Edição goiana do programa César de Alencar*. Goiânia, ano II, nº 389, 24 de dezembro de 1957.

Jornal Diário da Tarde. *Domingo à noite na Rádio Anhanguera: coroada de êxito experiência de TV em Goiânia*. Goiânia, ano IV, nº 638, 27 de janeiro de 1959.

Jornal Diário da Tarde. *Será instalada a Televisão Anhanguera*. Goiânia, ano IV, nº 639, 31 de janeiro de 1959.

Jornal da Tarde. *Difusão pela Rádio Rural da política tritícola do governo*. Goiânia, ano IV, nº 646, 14 de fevereiro de 1959.

Jornal Diário da Tarde. *R.B.C. em foco - novela Colgate/Palmolive: sucesso*. Goiânia, ano IV, nº 650, 19 de fevereiro de 1959.

Jornal Diário da Tarde. *Responsável pela direção da ZYW-27*. Goiânia, ano IV, nº 661, 4 de março de 1959.

Jornal Diário da Tarde. *Radiante o M. Júnior*. Goiânia, ano IV, nº 666, 10 de março de 1959.

Jornal Diário da Tarde. *LP de tia Amélia*. Goiânia, ano IV, nº 673, 18 de março de 1959.

Jornal Diário da Tarde. *Um bom locutor*. Goiânia, ano IV, nº 684, 3 de abril de 1959.

Jornal Diário da Tarde. *Rádio Anhanguera, Difusora e Televisora S/A*. Goiânia, ano IV, nº 690, 10 de abril de 1959.

Jornal Diário do Povo

Jornal Diário do Povo. *O extra da R.B.C.*. Goiânia, ano I, nº 37, 10 de novembro de 1954.

Jornal Folha do Sudoeste

Jornal Folha do Sudoeste. *Uma nova era para Rio Verde*. Rio Verde, ano I, nº 4, 15 de novembro de 1952.

Jornal Folha do Sudoeste. *O Telefone, uma realidade*. Rio Verde, ano I, nº 11, março de 1953.

Jornal Folha do Sudoeste. *A prefeitura de Paraúna encampará os serviços de eletricidade*. Rio Verde, ano I, nº 12, 12 de abril de 1953.

Jornal Folha do Sudoeste. *A cidade às escuras*. Rio Verde, ano I, nº 12, 12 de abril de 1953.

Jornal Folha do Sudoeste. *Luz*. Rio Verde, ano I, nº 16, 30 de julho de 1953.

Jornal de Notícias

Jornal de Notícias. *Contratação de Luiz Augusto pela RBC*. Goiânia, ano II, nº 213, 2 de março de 1958.

Jornal de Notícias. *Rádiodifusão*. Goiânia, ano II, nº 261, 16 de abril de 1958.

Jornal de Notícia. *Rádio*. Goiânia, ano III, nº 391, 4 de janeiro de 1959.

Jornal de Notícia. *Televisão*. Goiânia, ano III, nº 392, 6 de janeiro de 1959.

Jornal de Notícia. *Noticiários mal redigidos ou lidos*. Goiânia, ano III, nº 395, 9 de janeiro de 1959.

Jornal de Notícia. *Nelson Gonçalves em Goiânia*. Goiânia, ano III, nº 397, 11 de janeiro de 1959.

Jornal de Notícia. *Inaugurada pelo presidente Kubitschek a Rádio Rural*. Goiânia, ano III, nº 398, 13 de janeiro de 1959.

Jornal de Notícia. *Trocando as bolas*. Goiânia, ano III, nº 399, 14 de janeiro de 1959.

Jornal de Notícia. *Homenageado Luis Augusto*. Goiânia, ano III, nº 404, 20 de janeiro de 1959.

Jornal de Notícia. *Wolmer Amaral*. Goiânia, ano III, nº 406, 20 de janeiro de 1959.

Jornal de Notícia. *Aranha de Araujo: “senti-me um tanto decepcionado...”*. Goiânia, ano III, nº 416, 4 de fevereiro de 1959.

Jornal de Notícia. *Rádio Goiano: um menino que cresceu antes do tempo*”. Goiânia, ano III, nº 418, 6 de fevereiro de 1959.

Jornal de Notícia. *Kozłowski deixará o rádio*. Goiânia, ano III, nº 419, 7 de fevereiro de 1959.

Jornal de Notícia. *Máu gosto danado*. Goiânia, ano III, nº 423, 13 de fevereiro de 1959.

Jornal de Notícia. *Noventa dias como experiência*. Goiânia, ano IV, nº 426, 17 de fevereiro de 1959.

Jornal de Notícia. *Difusão pela Rádio Rural da política tritícola do govêrno*. Goiânia, ano IV, nº 435, 27 de fevereiro de 1959.

Jornal de Notícia. *Televisão*. Goiânia, ano IV, nº 425, 15 de fevereiro de 1959.

Jornal de Notícia. *A Rádio Difusora*. Goiânia, ano IV, nº 490, 14 de maio de 1959.

Jornal de Notícia. *Ouçã a Rádio Rural e faça uma viagem ao R. de Janeiro*. Goiânia, ano IV, nº 585, 19 de setembro de 1959.

Jornal de Notícia. *Novo dispositivo permite a fabricação de rádios e televisores em miniatura*. Goiânia, ano IV, nº 593, 29 de setembro de 1959.

Jornal de Notícia. *Locutor goiano brilha no Rio*. Goiânia, ano IV, nº 613, 6 de dezembro de 1959.

Jornal A Tribuna

Jornal A Tribuna. *Inhumas terá estação de rádio*. Inhumas, ano I, nº 5, 3 de maio de 1958.

Jornal A Tribuna. *Rádio Jornal de Inhumas: terreno doado*. Inhumas, ano I, nº 22, 2ª quinzena de janeiro de 1959.

Jornal Tribuna de Inhumas. *Textos*. Inhumas, ano II, nº 39, 3 de outubro de 1959.

Jornal A Notícia

Jornal A Notícia. *Rádio Carajá: grande Revista Radiofônica “boas festas” da ZYJ-3*. Anápolis, ano 1, nº 2, 1º de janeiro de 1950.

Jornal A Notícia. *De Ipameri: rádio Chavante*. Anápolis, ano 1, nº 9, 19 de fevereiro de 1950.

Jornal A Notícia. *Rádio Brasil Central*. Anápolis, ano 1, nº 16, 9 de abril de 1950.

Jornal A Notícia. *Programas radiofônicos das Nações Unidas*. Coluna: “A Notícia” no Rádio. Anápolis, ano I, nº 43, 15 de outubro de 1950.

Jornal A Notícia. *Programas musicais da BBC de Londres*. Anápolis, ano I, nº 45, 29 de outubro de 1950.

Jornal A Notícia. *Os perigos do abuso do poder*. Anápolis, ano I, nº 46, 5 de novembro de 1950.

Jornal A Notícia. *Locutor comentarista da BBC em visita ao Brasil*. Anápolis, ano I, nº 46, 5 de novembro de 1950.

Jornal A Notícia. *Rádio Nacional*. Anápolis, ano I, nº 47, 12 de novembro de 1950.

Jornal A Notícia. *A notícia no Rádio: nova programação da rádio Carajá*. Anápolis, ano 2, nº 95, 4 de novembro de 1951.

Jornal Cinco de Março

Jornal Cinco de Março. *Diários associados: máquina de extorquir dinheiro*. Goiânia, ano, IV, nº 139, 19 de agosto de 1963.

Jornal Cinco de Março. *Coca-Cola quer sufocar indústrias nativas goianas*. Goiânia, ano V, nº 155, 9 de dezembro de 1963.

Jornal da AGI

Jornal da AGI. *Francisco Pimenta Netto, pai do rádio goiano*. Goiânia, ano VI, nº 30, setembro de 2003.

Jornal O Popular

Jornal O Popular. *Aquisição da empresa Força e Luz de Goiânia*. Goiânia, ano XII, nº 1.075, 5 de janeiro de 1950.

Jornal O Popular. *Um dos prefixos da Rádio Brasil Central*. Goiânia, ano XIII, nº 1.092, 5 de março de 1950.

Jornal O Popular. *Protestos contra o ruído*. Goiânia, ano XIII, nº 1.096, 16 de março de 1950.

Jornal O Popular. *Protestos contra o ruído*. Goiânia, ano XIII, nº 1.098, 2 de abril de 1950.

Jornal O Popular. *Programas de radio para agricultores*. Goiânia, ano XIII, nº 1.109, 14 de maio de 1950.

Jornal O Popular. *Programas de rádio para lavradores criadores e professores rurais*. Goiânia, ano XIV, nº 1.235, 18 de setembro de 1951.

Jornal O Popular. *Goiânia terá energia elétrica em abundância*. Goiânia, ano XIV, nº 1251, 28 de outubro de 1951.

Jornal O Popular. *A Rádio Anhanguera, Difusora e Televisora S.A.*. Goiânia, ano XVI, nº 2.049, 13 de janeiro de 1953.

Jornal O Popular. *Pedro Ludovico não é responsável pelo desenvolvimento do comunismo em Goiás*. Goiânia, ano XV, nº 1561, 30 de janeiro de 1953.

Jornal O Popular. *Goiânia terá uma estação rádio-telefônica*. Goiânia, ano XV, nº 1583, 8 de fevereiro de 1953.

Jornal O Popular. *O senhor Pedro Ludovico e a situação em Goiás*. Goiânia, ano XV, nº 1562, 11 de fevereiro de 1953.

Jornal O Popular. *Resolvido o problema da energia elétrica*. Goiânia, ano XV, nº 1564, 14 de fevereiro de 1953.

Jornal O Popular. *Elixir radiofônico – a novela*. Goiânia, ano XV, nº 1601, 26 de fevereiro de 1953.

Jornal O Popular. *Goiânia terá dentro em breve uma estação da Rádio Internacional do Brasil*. Goiânia, ano XVI, nº 1661, 13 de maio de 1953.

Jornal O Popular. *Providência da DOPS: coibido o uso de alto-falantes na cidade*. Goiânia, ano XVII, nº 1993, 31 de outubro de 1953.

Jornal O Popular. *Índios cherentes praticam roubos no norte do Estado de Goiás*. Goiânia, ano XVIII, nº 1661, 20 de janeiro de 1954.

Jornal O Popular. *O primeiro congresso nacional de intelectuais*. Goiânia, ano XVIII, nº 2073, 13 de fevereiro de 1954.

Jornal O Popular. *Comunicado aos consumidores*. Goiânia, ano XVIII, nº 2142, 18 de maio de 1954.

Jornal O Popular. *Ouçã o seu programa predileto*. Goiânia, ano XVIII, nº 2.238, 23 de setembro de 1954.

Jornal O Popular. *O extra da Brasil Central*. Goiânia, ano XVIII, nº 2271, 7 de novembro de 1954.

Jornal O Popular. *Pronta a Rádio Anhanguera*. Goiânia, ano XVII, nº 2300, 16 de dezembro de 1954.

Jornal O Popular. *Rádio Brasil Central: doze transmissores pela nova capital*. Goiânia, ano XVIII, nº 2414, 29 de maio de 1955.

Jornal O Popular. *Os campeões da correspondência*. Goiânia, ano XVIII, nº 2414, 29 de maio de 1955.

Jornal O Popular. *No ar a Rádio Anhanguera: a novel emissora goiana funciona desde ontem em caráter experimental – aparelhada técnica e artisticamente*. Ano XVIII, nº 2537, Goiânia, 27 de setembro de 1955.

Jornal O Popular. *Domingo a inauguração da R. Anhanguera: pronto o vasto programa a ser cumprido na abertura da nova emissora – homenagens ao governador do Estado e ao fundador de Goiânia*. Goiânia, ano XVIII, nº 2556, 21 de outubro de 1955.

Jornal O Popular. *As novelas da rádio Anhanguera*. Goiânia, ano XVIII, nº 2560, 28 de outubro de 1955.

Jornal O Popular. *Alô, alô, Repórter Esso, Alô!* Goiânia, ano XVIII, nº 2584, 19 de novembro de 1955.

Jornal O Popular. *O valor de uma boa ideia*. Goiânia, ano XVIII, nº 2.602, 27 de dezembro de 1955.

Jornal O Popular. *Fundada a associação dos radialistas*. Goiânia, ano XVIII, nº 2.671, 13 de março de 1956.

Jornal O Popular. *Uma realidade a marcha para o Oeste*. Goiânia, ano XIX, nº 2778, 12 de agosto de 1956.

Jornal O Popular. *Cartazes do rádio e do teatro em Goiânia: Ítalo Cúrcio e seus artistas em temporada nesta capital*. Goiânia, ano XIX, nº 2.862, 30 de novembro de 1956.

Jornal O Popular. *A A.G.I. em Defesa da liberdade de imprensa*. Goiânia, ano XX, nº 2.996, 16 de maio de 1957.

Jornal O Popular. *Irá percorrer as Américas consagrada artista goiana*. Goiânia, ano XX, nº 2.996, 13 de julho de 1957.

Jornal O Popular. *I congresso brasileiro de propaganda*. Goiânia, ano XX, nº 3.083, 1 de setembro de 1957.

Jornal O Popular. *Da propaganda*. Goiânia, ano XX, nº 3.100, 22 de setembro de 1957.

Jornal O Popular. *Fundada a associação goiana de propaganda*. Goiânia, ano XX, nº 3.124, 20 de outubro de 1957.

Jornal O Popular. *Um fato em foco – crônica radiofônica*. Goiânia, ano XX, nº 3.151, 26 de novembro de 1957.

Jornal O Popular. *Cotação musical da semana*. Goiânia, ano XX, nº 3.151, 26 de novembro de 1957.

- Jornal O Popular. *Publicidade em Goiás*. Goiânia, ano XX, nº 3.176, 25 de dezembro de 1957.
- Jornal O Popular. *Isenção de impostos para alto-falantes*. Goiânia, ano XX, nº 3234, 6 de março de 1958.
- Jornal O Popular. *Propaganda de Goiás na Rádio Nacional de Brasília*. Goiânia, ano XXI, nº 3344, 18 de junho de 1958.
- Jornal O Popular. *Programa Jeovah Baylão*. Goiânia, ano XXI, nº 3364, 11 de julho de 1958.
- Jornal O Popular. *Imprensa para analfabetos?* Goiânia, no XXI, nº 3366, 13 de julho de 1958.
- Jornal O Popular. *Dispensados da folha os cantores da Anhanguera*. Goiânia, ano XXI, nº 3813, 17 de julho de 1958.
- Jornal O Popular. *Anápolis terá nova emissora*. Goiânia, ano XXI, nº 3791, 19 de dezembro de 1958.
- Jornal O Popular. *Inaugurada pelo presidente Kubitschek a Rádio Rural*. Goiânia, ano XXI, nº 3907, 22 de março de 1959.
- Jornal O Popular. *Reconhecido o sindicato dos jornalistas profissionais*. Goiânia, ano XXI, nº 3.989, 25 de abril de 1959.
- Jornal O Popular. *Goiânia sem energia elétrica*. Goiânia, ano XXI, nº 3.997, 13 de maio de 1959.
- Jornal O Popular. *Problema do analfabetismo no Brasil e no mundo*. Goiânia, ano XXI, nº 3.423, 17 de junho de 1959.
- Jornal O Popular. *Perspectivas goianas*. Goiânia, ano XXI, nº 3.436, 4 de julho de 1959.
- Jornal O Popular. *Franquito, cantor revelação, gosta de broto e de "rock"*. Goiânia, ano XXI, nº 3.488, 5 de setembro de 1959.
- Jornal O Popular. *Intelectuais aplaudem apêio estadual à cultura*. Goiânia, ano XXI, nº 3.498, 19 de setembro de 1959.
- Jornal O Popular. *Altos-falantes*. Goiânia, ano XXII, nº 3.589, 9 de janeiro de 1960.
- Jornal O Popular. *"Ouvindo os mestres" programa de rádio pelos professores da CADES*. Goiânia, ano XXII, nº 3.591, 12 de janeiro de 1960.
- Jornal O Popular. *Goiás no mercado internacional*. Goiânia, ano XXII, nº 3.597, 19 de janeiro de 1960.
- Jornal O Popular. *Brasília é a cristalização efetiva: marcha para o Oeste*. Goiânia, ano XXII, nº 3.613, 6 de fevereiro de 1960.
- Jornal O Popular. *Locutores*. Goiânia, ano XXII, nº 3.623, 18 de fevereiro de 1960.
- Jornal O Popular. *Povo repudia alto falantes*. Goiânia, ano XXII, nº 3.716, 12 de junho de 1960.
- Jornal O Popular. *Radialistas querem sindicatos*. Goiânia, ano XXII, nº 3.760, 30 de junho de 1960.
- Jornal O Popular. *Sanchadas*. Goiânia, ano XXII, nº 3.763, 2 de julho de 1960.

Jornal O Popular. *Radialistas exigem sindicatos*. Goiânia, ano XXII, nº 3.783, 27 de julho de 1960.

Jornal O Popular. *Inauguração da luz de Pirenópolis*. Goiânia, ano XXII, nº 3.820, 9 de setembro de 1960.

Jornal O Popular. *Radialistas precisam do sindicato*. Goiânia, ano XXII, nº 3.863, 6 de novembro de 1960.

Jornal O Popular. *Empresas e jornalistas firmaram acordo*. Goiânia, ano XXII, nº 3.879, 26 de novembro de 1960.

Jornal O Popular. *Reunião dos radialistas*. Goiânia, ano XXII, nº 3.886, 4 de dezembro de 1960.

Jornal O Popular. *Sindicatos dos radialistas*. Goiânia, ano XXIII, nº 3.911, 3 de janeiro de 1961.

Jornal O Popular. *Instalado com grande entusiasmo o curso de jornalismo da AGI*. Goiânia, ano XXIII, nº 4.069, 9 de julho de 1961.

Jornal O Popular. *Rádio show: o kilowate*. Goiânia, ano XXIII, nº 4.090, 11 de julho de 1961.

Jornal O Popular. *Associação dos radialistas*. Goiânia, ano XXIII, nº 4.127, 13 de agosto de 1961.

Jornal O Popular. *Ordem de Brasília para lacrar a RBC*. Goiânia, ano XXIII, nº 4.123, 30 de agosto de 1961.

Jornal O Popular. *Outro ladrão de rádio condenado a seis anos*. Goiânia, ano XXIII, nº 4.143, 12 de setembro de 1961.

Jornal O Popular. *De sonoplasta a locutor*. Goiânia, ano XXIII, nº 4.154, 14 de setembro de 1961.

Jornal O Popular. *A penetração da TV-Anhanguera*. Goiânia, ano XXV, nº 4.708, 11 de outubro de 1963.

Jornal O Popular. *TV outra vez*. Goiânia, ano XXV, nº 4.710, 13 de outubro de 1963.

Jornal O Popular. *Rádio e tê-vê*. Goiânia, ano XXV, nº 4.712, 16 de outubro de 1963.

Jornal O Popular. *Rádio Anhanguera gravará o jogo Botafogo e Ferrim*. Goiânia, ano XXV, nº 4.716, 20 de outubro de 1963.

Jornal O Popular. *Em greve os radialistas da Bahia*. Goiânia, ano XXV, nº 4.721, 23 de outubro de 1963.

Jornal O Popular. *Norte Será beneficiado com instalação dos sistema rádio telegráfico do DCT*. Goiânia, ano XXV, nº 4.731, 9 de novembro de 1963.

Jornal O Popular. *O microfone da Rádio Anhanguera estará transmitindo hoje do Estádio do Maracanã*. Goiânia, ano XXV, nº 4.735, 14 de novembro de 1963.

Jornal O Popular. *Radialistas poderão decretar greve nacional pelo salário profissional*. Goiânia, ano XXV, nº 4.741, 22 de novembro de 1963.

Fontes orais

1. ALARCÃO, Adolvando Carlos. Ouvinte e participante dos programas de auditório da rádio Xavantes de Ipameri desde 1947. Entrevista realizada em sua casa, em Ipameri, dia 27 de dezembro de 2007.
2. ARAÚJO, Antônio de Pádua de. Conhecido como Aranha Araújo. Nasceu em Parnaíba/Piauí, em 20 de maio de 1933. Mudou-se para Goiás em 1959. Neste mesmo ano é contratado pela RBC. Tornou-se posteriormente redator de uma coluna do jornal *O Popular* que abordava o sindicalismo. Ajudou a criar o sindicato dos radialistas do Estado. Entrevista realizada na UEG de Anápolis, dia 14 de fevereiro de 2012.
3. ARAÚJO, Walter Alves. Conhecido por Waltinho. Ouvinte de emissoras de rádio de Goiânia na década de 1950. Entrevistado em Goiânia, dia 31 de março de 2012.
4. BARROS, Juvenal. Locutor de várias emissoras de rádio de São Paulo na década de 1930. Trabalhou na TV Difusora de São Paulo no final da década de 1940. Integrou a primeira equipe da rádio Carajá de Anápolis, tornando-se um dos principais agentes formadores do rádio teatro daquela emissora. Faleceu em dezembro de 2011. Entrevista realizada em sua casa, em Goiânia, dia 17 de março de 2009.
5. BASÍLIO, Manoel. Fundador da rádio Jornal de Inhumas. Atualmente, reside nos Estados Unidos e concedeu entrevista por telefone, realizada em 18 de janeiro de 2013.
6. BORGES, Glênio. Integrou a primeira equipe de locutores da rádio Morrinhos, em 1963. Entrevista realizada em sua casa, em Morrinhos, dia 1 de maio de 2012.
7. BRAZ, Luiz. Integrou a primeira equipe de radialistas da rádio Difusora de Rio Verde. Entrevista realizada em sua casa, em Rio Verde, dia 10 de janeiro de 2013.
8. CARDOSO, Heleno Joaquim. Conhecido como Cocão. Integrou a primeira equipe de locutores da rádio Educadora de Goiandira e atuou também na rádio Xavantes de Ipameri em 1950. Faleceu em 2013. Entrevista realizada em sua casa, em Ipameri, dia 28 de abril de 2012.
9. CARVALHO, Nilson José de. Conhecido como Bezinho. Técnico de emissoras de rádio em Goiás ente 1950 e 1990. Montou e colocou várias emissoras em atividade em todo o Estado de Goiás. Entrevista realizada em sua casa, dia 28 de janeiro de 2013.
10. CEVA, Rafa Daher. Esposa de César Augusto Ceva (proprietário e fundador da rádio Xavantes de Ipameri). O acompanhou no início da emissora em 1947. Entrevistada em sua casa, em Ipameri, dia 27 de dezembro de 2007.
11. COSTA, José Bernardino da. Conhecido em Ipameri como Zuzu. Foi locutor da rádio Xavantes de Ipameri nas décadas de 1950 e 1960. Entrevistado em sua casa, em Ipameri, dia 26 de abril de 2012.
12. COSTA, Laudilon. Conhecido por Porátio. Integrou a primeira equipe da rádio Cultura de Ceres e permaneceu como locutor nesta emissora até 1970, quando é desativada. Entrevista realizada em sua casa, em Ceres, dia 18 de dezembro de 2012.
13. CUNHA JÚNIOR, Fernando. Locutor, redator e diretor-presidente da rádio Carajá na década de 1950 e em 1960. Fundador, juntamente com Plínio Jaime, da rádio Santana de Anápolis. Entrevista realizada no Palácio Pedro Ludovico, em Goiânia, dia 10 de maio de 2007.

14. CUNHA JÚNIOR, José. Integrou a primeira equipe de radialistas da rádio Clube de Goiânia, em 1942. Permaneceu nesta até 1980. Foi diretor desta emissora por vários anos. Entrevista realizada em julho de 2006.
15. DEUS, Walter Lopes de. Conhecido por Walter Cançado. Atuou em emissoras de rádio em Minas Gerais na década de 1950. Locutor e experiente conhecedor de trâmites legais e internos do rádio. Atuou na organização da Rádio Imprensa de Anápolis, rádio Carajá e rádio Cultura de Catalão. Entrevista realizada em 27 de abril de 2012.
16. _____. Entrevista escrita repassada por ele dia 03 de fevereiro de 2007.
17. EDSON, Antônio. Locutor da Difusora de Rio Verde em 1962. Antes já havia passado por emissoras de Uberlândia. É convidado por Geraldo Ladeiro para trabalhar naquela emissora. Entrevista realizada na rádio Morada do Sol, em Rio Verde, dia 9 de janeiro de 2013.
18. EVANGELISTA, João. Sonoplasta e depois locutor da rádio Cultura de Ceres na década de 1960. Entrevista realizada em Ceres, dia 18 de dezembro de 2012.
19. FALEIROS, Zacarias. Diretor da rádio Difusora de Jataí no início da década de 1960. Entrevista realizada em Jataí, dia 28 de dezembro de 2012.
20. FERREIRA, Eduardo. Locutor da rádio Clube de Buriti Alegre na década de 1960 e atual locutor da rádio Difusora de Goiânia. Entrevista realizada, em Goiânia, dia 21 de fevereiro de 2010.
21. FREITAS, João Batista. Integrou a primeira equipe de locutores da rádio Alvorada de Rialma. Trabalhou em várias emissoras de rádio em Goiânia na década de 1950 e em décadas posteriores. Atualmente, é piloto de avião. Entrevista realizada em sua casa, em Goiânia, dia 20 de dezembro de 2012.
22. FREITAS, Nilta Dias de. Esposa do já falecido Lúzio Borges de Freitas, proprietário e fundador da rádio Jornal de Inhumas. Lúzio é sobrinho do primeiro prefeito de Goiânia, Venerando de Freitas Borges. Nilta é proprietária da emissora atualmente. Acompanhou Lúzio na fundação da rádio Jornal em Inhumas. Entrevista realizada na rádio Jornal de Inhumas, dia 15 de janeiro de 2013.
23. GONÇALVES, José Cunha. Diretor da rádio Imprensa de Anápolis. Iniciou suas atividades nessa emissora em abril de 1960. Faleceu no dia 22 de julho de 2012. Entrevista realizada em sua casa, em Anápolis, dia 23 de janeiro de 2012.
24. ISSA, Habib. Locutor esportivo do rádio em Goiás. Começou suas atividades em 1950 e atuou em várias emissoras do Estado. Entrevista realizada em sua casa, em Anápolis, dia 23 de março de 2012.
25. JUNQUEIRA, Iron. Locutor de jornalismo na rádio Cultura de Anápolis no início da década de 1960. Entrevista realizada em Anápolis, dia 09 de fevereiro de 2012.
26. LÁZARO, José. Ouvinte da rádio Difusora de Rio Verde. Adquiriu uma loja de discos na cidade em meados de 1960. Possui uma discoteca particular, que segundo ele, é a segunda maior do Brasil. É exímio conhecedor dos programas musicais da rádio Difusora da década de 1950. Entrevista realizada em sua casa, dia 8 de janeiro de 2013.
27. LÊDA, Ana. Ouvinte da rádio Alvorada de Rialma desde o final de 1950. Teve duas irmãs que cantaram em programas de auditório da emissora. Casou-se com Aires Rodrigues, que foi

locutor na emissora durante a década de 1960. Entrevista realizada em Rialma, dia 18 de dezembro de 2012.

28. MACHADO, Radivair Miranda. Locutor na rádio Difusora de Itumbiara entre 1956 e 1961. Em 1961, elabora um projeto para fundar outra emissora na cidade, a rádio Paranaíba, inaugurada em 1966, e permanece atividade até hoje. Entrevista realizada em Itumbiara, dia 3 de maio de 2012.

29. MARREQUINHO. Natural de Campo Formoso. Compositor de música caipira. Integrou a equipe que fundou a “União dos Artistas Sertanejos de Goiás” em 7 de janeiro de 1958. Blog: <http://blogdomarrequinho.blogspot.com.br>. Contato realizado em janeiro de 2012.

30. MARTINS, Duarte. Locutor da rádio Difusora de Jataí em 1958 e 1959. Depois de se afastar da emissora por um período retornou em 1966. Depois de 23 anos na emissora, voltou a sair e trabalhou na Brasil Central, Riviera, Terra, Difusora de Goiânia e, por fim, retornou novamente para a rádio Difusora de Jataí, onde permanece até hoje. Entrevista realizada em Jataí, dia 27 de dezembro de 2012.

31. MEDEIROS, Sílvio. Entrevista realizada por Luiz Sérgio Duarte, professor do programa de história da UFG, disponibilizada para pesquisa em 2011.

32. MEDEIROS, Sílvio. Locutor da rádio Clube de Goiânia, convidado por José Cunha Júnior para trabalhar naquela emissora. Foi ouvinte do alto-falante MARISA, que se localizava na Praça Joaquim Lúcio, no bairro Campinas na década de 1940. Entrevista realizada em janeiro de 2004.

33. MENESES, Walter. Fundador da WM, primeira agência de publicidade de Goiás, em 1952. Foi o primeiro a comprar horários de emissoras para uso comercial. Entrevista realizada dia 29 de março de 2007.

34. MONTALVÃO, Durley. Locutor da rádio Difusora de Rio Verde na década de 1960. Entrevista realizada em Goiânia, dia 10 de janeiro de 2013.

35. MORAES, Irondes de. Trabalhou na rádio Jornal de Inhumas como sonoplasta em 1959 e como locutor em 1962. Foi prefeito de Inhumas. Entrevista realizada em Goiânia, dia 25 de janeiro de 2013.

36. MOREIRA, Ubirajara. Compositor de música caipira. Suas primeiras composições aconteceram ainda na década de 1950. Acompanhou de perto as mudanças que ocorreram na música caipira neste Estado. Participou ativamente de emissoras de rádio com suas composições. Entrevistado em sua casa, em Rialma, dia 18 de dezembro de 2012.

37. MORGADO, Valdir Ferreira. Locutor da rádio Imprensa no final da década de 1950 e, logo depois, na rádio Carajá e na rádio Santana. Trabalhou também no rádio de Brasília no período da Ditadura Militar. Entrevista realizada em sua casa, em Goiânia, dia 15 de fevereiro de 2012.

38. NAHAS, David. Sonoplasta da rádio Cultura de Catalão logo no início da emissora. Trabalhou na emissora até 1962. Entrevista realizada em sua casa em Catalão, dia 27 de abril de 2012.

39. NUNES, Paulo. Locutor da rádio Difusora de Rio Verde na década de 1960. Entrevista realizada na cidade de Rio Verde, dia 8 de janeiro de 2013.

40. NUNES, Terezinha. Discotecária da rádio Difusora de Rio Verde nos quatro primeiros anos da década de 1960. Entrevista realizada em sua casa, em Rio Verde, dia 8 de janeiro de 2013.

41. OLIVEIRA, Arnaldo Andrade de. Locutor da rádio Educadora de Goiandira no início da década de 1960. O primeiro contato que teve com a emissora foi como ouvinte, tornando-se sonotécnico e logo depois locutor. Reside em Goiânia atualmente. Entrevistado em Goiânia, dia 4 de maio de 2012.
42. RÊGO, José Pedro. Proprietário do primeiro sistema de alto-falantes da cidade de Rialma e de Alexânia. Fundador da rádio Alvorada de Rialma. Faleceu no dia 14 de novembro de 2013. Entrevistado em sua casa, em Rialma, dia 19 de dezembro de 2012.
43. RODRIGUES, Jerônimo. Atuou em várias emissoras de rádio de Goiânia. Iniciou sua carreira na rádio Difusora de Campinas de Goiânia, em 1956. Passou posteriormente pela rádio Clube de Goiânia e pela RBC. Entrevista realizada em sua emissora de rádio, rádio 1000 em Goiânia, dia 30 de janeiro de 2013.
44. RODRIGUES, Zilmar. Ajudou Geraldo Ladeira a fazer a montagem da rádio Difusora de Jataí, integrando também a primeira equipe de locutores desta emissora. Criou o trio Os Apaixonados de Goiás, com o qual fez apresentações em programas de auditório da rádio Difusora de Rio Verde. Foi compositor de música sertaneja e o principal responsável pelo sucesso da dupla Leandro e Leonardo, com a música Entre Tapas e Beijos, e também da dupla Cristian e Ralph com a música Quebradas da Noite. Entrevista realizada em sua casa, em Rio Verde, dia 9 de janeiro de 2013.
45. SALGADO, Glorinha. Integrou a primeira equipe de locução da rádio Cultura de Ceres, final da década de 1950. Entrevista realizada em sua casa, em Ceres, no dia 18 de dezembro de 2012.
46. SANTILLO, Ademar. Iniciou sua carreira como radialista na rádio Carajás de Anápolis em 1960. Foi um dos locutores esportivos mais famosos em Anápolis ao lado de Habib Issa. Entrevista realizada em seu escritório, na rádio Manchester de Anápolis, dia 9 de janeiro de 2012.
47. SILVA, Sebastião Bento da. Formou uma dupla caipira na cidade na década de 1950 com Palmeirinho, e fez apresentações na rádio Morrinhos. Também acompanhou a fundação desta emissora. Entrevista realizada em Morrinhos, dia 29 de março de 2012.
48. SOUZA, Getúlio de. Começa a trabalhar como locutor na rádio Alvorada de Rialma em 1961. Integrou a primeira equipe que colocou a emissora no ar. Entrevista realizada em Rialma, dia 17 de dezembro de 2012.
49. SOUZA, Jason. Locutor da rádio Alvorada de Rialma no início da década de 1960. No início de sua carreira atuou como sonoplasta, passando para locutor posteriormente. Entrevista realizada em sua casa, em Rialma, dia 17 de dezembro de 2012.
50. SOUZA, Maria Alves de. Começa a trabalhar na rádio Educadora de Goiandira em 1962, apresentando o programa “Preferência do Ouvinte”. Entrevista realizada em Goiandira, dia 27 de abril de 2012.

Depoimentos conferidos ao documentário

Memória Viva de Goiás: Rádio, a Trajetória: os fatos narrados por quem fez a história. Direção: Gerson Neto. Produção executiva: Francesca Oliveira (KIKA). Produção: Dayan Oliveira. Edição: Victor Luise. Goiânia: Open Vídeo Produtora, 2008. DVD (98 min), color.

1. ABRÃO, Jackson.
2. ARANTES, José.
3. BARBOSA, Eurico.
4. BARROS, Juvenal.
5. BITTENCOURT, José Luiz.
6. FILHO, Castro.
7. COSTA, José Arantes.
8. DIAS, Oscar.
9. GODINHO, Jávier.
10. GOMES, Irorê.
11. GOMES, Modesto.
12. LUDOVICO, Francisco.
13. MELO, Ivo de.
14. MENDES, Iris.
15. PENNA, Eliézer.
16. PIMENTA, Wagner.
17. PUREZA, Walter.
18. REZENDE FILHO. Arthur.
19. RODRIGUES, Jerônimo.
20. RÓTOLI, Luiz.
21. SASSI, Ivo.
22. SILVA, Jerônimo Rodrigues da.
23. SILVEIRA, Claudino.

Arquivos sonoros

1. FLEURY, Pe. Nelson Rafael. Foi ordenado a chanceler do arcebispado entre 1953 e 1954 por Dom Emanuel Gomes, e teve um importante papel na fundação da Universidade Católica de Goiás. Foi diretor da Revista da Arquidiocese entre 1962 e 1974. Acompanhou de perto as negociações da rádio Difusora pelos redentoristas. Entrevista em programa gravado pela rádio Difusora em janeiro de 2007 para a comemoração dos 50 anos da emissora. Arquivo disponibilizado por Diego Joaquim, membro da Diocese de Goiânia. Goiânia, 2007.
2. BITTENCOURT, José Luiz. Diretor da rádio Difusora de Goiânia em 1950. Entrevista em programa gravado pela rádio Difusora em janeiro de 2007 para a comemoração dos 50 anos da emissora. Arquivo disponibilizado por Diego Joaquim, membro da Diocese de Goiânia. Goiânia, 2007.

3. **CAPITÃO REIZÃO**. Cantor de música caipira contratado pela rádio Difusora de Goiânia. Entrevista em programa gravado pela rádio Difusora em janeiro de 2007 para a comemoração dos 50 anos da emissora. Arquivo disponibilizado por Diego Joaquim, membro da Diocese de Goiânia. Goiânia, 2007.
4. **PUREZA**, Walter. Locutor que nas décadas de 1950-1970 trabalhou em várias emissoras de rádio de Goiânia, rádio Clube, Brasil Central, Anhanguera e Difusora. Entrevista em programa gravado pela rádio Difusora em janeiro de 2007 para a comemoração dos 50 anos da emissora. Arquivo disponibilizado por Diego Joaquim, membro da Diocese de Goiânia. Goiânia, 2007.
5. **ROCHA**, Hélio. Locutor que nas décadas de 1950-1970 trabalhou em várias emissoras de rádio de Goiânia, rádio Clube, Brasil Central, Anhanguera e Difusora. Entrevista em programa gravado pela rádio Difusora em janeiro de 2007 para a comemoração dos 50 anos da emissora. Arquivo disponibilizado por Diego Joaquim, membro da Diocese de Goiânia. Goiânia, 2007.
6. **SILVEIRA**, Claudino. Começa a trabalhar na rádio Difusora no dia 20 de julho de 1959, no programa Alma Sertaneja. Assume, posteriormente, o programa “Sua Música Favorita” e o “México e Seus Ritmos”. E, em 1960, dirige o programa de maior sucesso de sua carreira, o “Mourão da Porteira”. Entrevista em programa gravado pela rádio Difusora em janeiro de 2007 para a comemoração dos 50 anos da emissora. Arquivo disponibilizado por Diego Joaquim, membro da Diocese de Goiânia. Goiânia, 2007.

Outros documentos

ALARCÃO, Adolvando. Arquivo pessoal de Adolvando de Alarcão de Ipameri. Texto escrito por ele sobre a história da rádio Xavantes a pedido da diretoria desta emissora para ser apresentado na comemoração aos seus 60 anos. 2007.

ARQUIVO DA RÁDIO MORRINHOS. Texto escrito pelo atual proprietário da emissora, Jair Ferreira de Freitas, sobre a história da rádio Morrinhos. 2012.

PROJETO MEMÓRIA. Museu da Imagem e do Som. Entrevista com Ely Camargo. Cantora, compositora e pesquisadora. Entrevistadora: Tânia Mendonça. Transcrição: Shirley Lopes Gomes. Local de Gravação: Goiânia, 3 de abril de 2002.

LEI Nº 307. Prefeitura Municipal de Rio Verde. Documento sobre a doação de um terreno para a rádio Difusora de Rio Verde. Rio Verde, 30 de abril de 1957.